

ATLAS DEMOGRÁFICO



André Aparecido Franco

2026

PROFMAT

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ (UEM)
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM MATEMÁTICA –
PROFMAT**

ANDRÉ APARECIDO FRANCO

**ATLAS DEMOGRÁFICO:
Modelagem Matemática do Crescimento Populacional**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional – PROFMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Matemática.

Orientadora: Prof. Dra. Patrícia Hilário Tacuri Córdova

**MARINGÁ – PR
2026**

INTRODUÇÃO

O *Atlas Demográfico* que aqui se apresenta é um produto educacional vinculado ao Mestrado Profissional em Matemática (PROFMAT), com o propósito de articular saberes da Matemática, da Geografia e da Demografia em uma proposta didática voltada ao Ensino Médio. Com base em dados reais da população mundial e no uso de equações diferenciais, este atlas propõe a construção de modelos matemáticos que representem o crescimento populacional de diferentes países ao longo do tempo.

Para tanto, serão utilizados dados reais e históricos referentes à população de cada país, abrangendo o período de 1900 até os dias atuais. As análises incluem informações sobre taxa de natalidade, taxa de mortalidade, crescimento natural (ou vegetativo) e contingente populacional absoluto, dados que serão obtidos de fontes confiáveis como o Banco Mundial e as Nações Unidas.

A estrutura do atlas está organizada por continentes, permitindo uma leitura regionalizada das dinâmicas demográficas. Em seguida, os países serão apresentados em ordem decrescente de população absoluta dentro de cada continente, facilitando a consulta e a análise comparativa. Para cada nação, serão construídos modelos matemáticos baseados em equações diferenciais, ajustados conforme os padrões específicos de crescimento observados nos dados. As simulações obtidas permitirão estimar o comportamento populacional futuro, respeitando os limites e tendências de cada contexto.

Mais do que uma simples coletânea de gráficos e números, este *Atlas* busca provocar reflexões críticas sobre o papel da Matemática na compreensão dos desafios globais, como a urbanização, a escassez de recursos, o envelhecimento populacional e os impactos das políticas públicas. Ao propor uma leitura quantitativa e qualitativa dos dados, espera-se fomentar nos estudantes o pensamento científico, a análise de dados e o raciocínio matemático aplicado à realidade.

Esse material também se alinha aos princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao promover uma aprendizagem contextualizada, interdisciplinar e significativa. Por meio da modelagem matemática e da análise demográfica, o estudante é convidado a interpretar gráficos, construir modelos, levantar hipóteses e avaliar cenários, desenvolvendo competências essenciais para a cidadania no século XXI.

JUSTIFICATIVA

Vivemos em um contexto global marcado por transformações rápidas e complexas no campo demográfico. O crescimento desigual das populações, os fluxos migratórios, o envelhecimento em países desenvolvidos e a expansão populacional em regiões em desenvolvimento impõem desafios significativos à sustentabilidade, à saúde pública, ao planejamento urbano e às políticas educacionais. Nesse cenário, a compreensão das dinâmicas populacionais torna-se fundamental para a formação crítica e cidadã dos estudantes.

A Matemática, ao lado da Geografia, desempenha um papel central nesse processo. Por meio da modelagem matemática, é possível representar e analisar tendências de crescimento populacional, fazer projeções e interpretar fenômenos quantitativos à luz de contextos sociais e espaciais. Assim, a proposta deste atlas é promover uma aprendizagem significativa, conectada à realidade, e alinhada às competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que preconiza o desenvolvimento de habilidades como argumentação, pensamento científico, análise de dados e resolução de problemas.

1. OCEANIA



A Oceania é um continente insular localizado entre os oceanos Índico e Pacífico, a sudeste do continente asiático. Composta por 14 países soberanos, além de diversas ilhas e territórios que pertencem a outras nações tanto do próprio continente quanto de outras regiões do globo, a Oceania apresenta uma configuração geográfica fragmentada e culturalmente diversa. A maioria de suas terras está situada no Hemisfério Sul, distribuídas entre quatro grandes regiões geográficas: Australásia, Melanésia, Micronésia e Polinésia.

A maior e mais populosa nação do continente é a **Austrália**, que concentra mais da metade da população da Oceania e exerce papel de liderança econômica, tecnológica e política na região. Com altos índices de desenvolvimento humano, infraestrutura consolidada e economia altamente urbanizada, a Austrália contrasta com boa parte dos pequenos países insulares do Pacífico, que enfrentam desafios relacionados à insularidade, à vulnerabilidade climática e à dependência econômica externa.

Outro país de destaque é a **Nova Zelândia**, cuja população é menor, mas que apresenta elevado padrão de vida, forte política de bem-estar social e um modelo sustentável de desenvolvimento. Em contrapartida, países como **Vanuatu**, **Tuvalu**, **Kiribati** e **Ilhas Salomão** apresentam baixos índices de desenvolvimento humano (IDH), infraestrutura limitada e economias dependentes da agricultura de subsistência, do turismo e de ajuda internacional.

A população total da Oceania gira em torno de **42 milhões de habitantes**, distribuídos de forma extremamente desigual. Enquanto a Austrália sozinha abriga cerca de 27 milhões de pessoas, alguns países insulares contam com menos de 100 mil habitantes. Essa desigualdade populacional reflete não apenas fatores históricos e

geográficos, mas também diferenças marcantes nas políticas públicas, nos níveis de urbanização e nas condições sanitárias e educacionais.

A demografia da Oceania também é marcada por uma considerável diversidade étnica e cultural, resultante da coexistência entre populações indígenas como os aborígenes australianos e os povos polinésios, melanésios, micronésios e descendentes de colonizadores europeus e migrantes asiáticos. Essa diversidade se reflete na organização social, nos idiomas, nas tradições culturais e nas práticas econômicas dos diferentes povos que compõem o continente.

O ritmo de crescimento populacional na Oceania varia significativamente entre os países. Enquanto a Austrália e a Nova Zelândia apresentam crescimento moderado, com taxas controladas de natalidade e migração regular, muitos países insulares exibem altas taxas de fecundidade, mas enfrentam crescente emigração devido à escassez de oportunidades econômicas e aos impactos das mudanças climáticas.

Dessa forma, o estudo da demografia da Oceania oferece importantes elementos para a análise interdisciplinar das questões populacionais, permitindo compreender como a geografia, a economia e os fatores sociais interagem com os padrões de crescimento e distribuição populacional. Tais reflexões são fundamentais para o planejamento de políticas sustentáveis e para o desenvolvimento de estratégias educacionais contextualizadas no Ensino Médio.

1.1. AUSTRÁLIA



Área territorial: 7.692.024 km²

População estimada (2025): 27.802.100 habitantes

Densidade demográfica: aproximadamente 3,6 hab./km²

Taxa de natalidade: 11,6‰

Taxa de mortalidade: 7,3‰

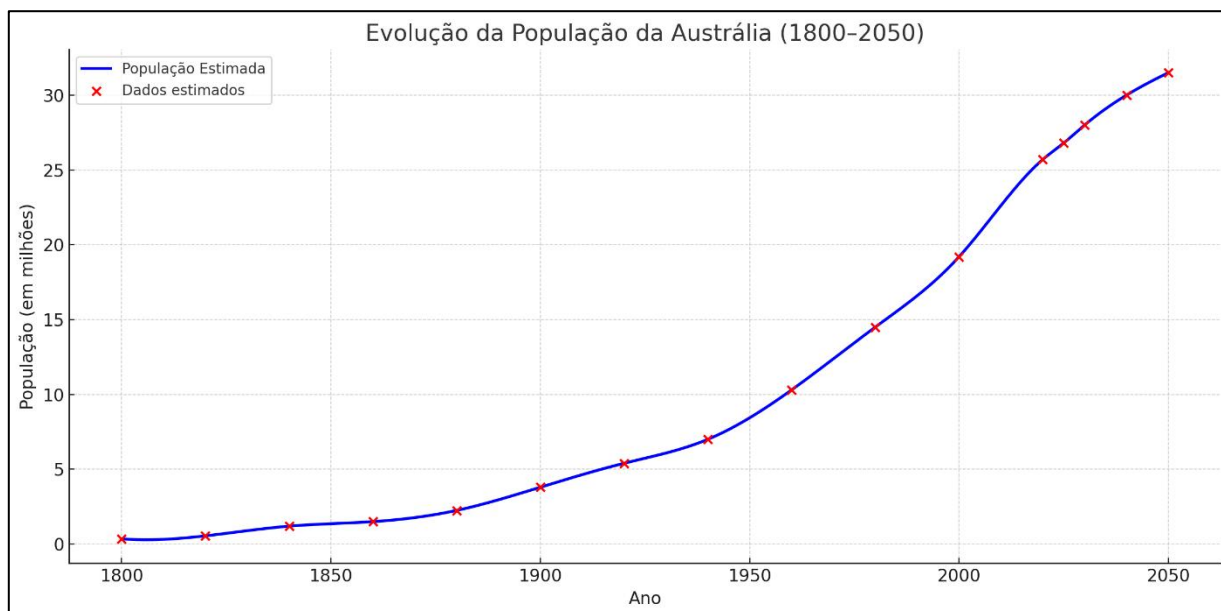
Expectativa de vida: 83,1 anos

Taxa de fertilidade: 1,66 filhos por mulher

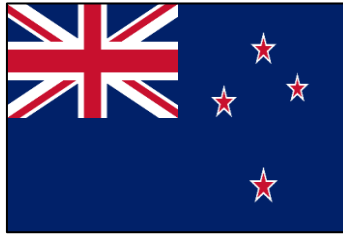
A análise da evolução demográfica da Austrália entre 1800 e 2025 revela um padrão de crescimento contínuo, ainda que com taxas variáveis ao longo do tempo. Em 1960, o país possuía pouco mais de 10 milhões de habitantes. Esse número praticamente dobrou nas quatro décadas seguintes, alcançando cerca de 19 milhões em 2000.

Entre 2000 e 2020, observa-se uma aceleração no crescimento populacional, impulsionada por políticas de imigração ativa e aumento da expectativa de vida. Em 2010, a população ultrapassou os 22 milhões, chegando a mais de 25 milhões em 2020. A projeção para 2025 indica que a Austrália deve atingir cerca de 27 milhões de habitantes. Esse crescimento está fortemente associado ao papel da imigração na dinâmica demográfica do país, bem como à estabilidade política e à atratividade econômica das grandes cidades australianas. Apesar disso, a taxa de fecundidade tem se mantido abaixo do nível de reposição, o que indica uma transição demográfica consolidada, característica de países desenvolvidos.

O gráfico evidencia um padrão de crescimento quase linear, mas com leve tendência de desaceleração recente, compatível com o amadurecimento demográfico do país. Esse contexto sugere a importância de políticas públicas voltadas à gestão urbana, à previdência social e à integração de imigrantes, para garantir o equilíbrio entre crescimento populacional e desenvolvimento sustentável.



1.2. NOVA ZELÂNDIA



Área territorial: 263.310 km²

População estimada (2025): 5.250.000 habitantes

Densidade demográfica: aproximadamente 20 hab./km²

Taxa de natalidade: 11,5‰

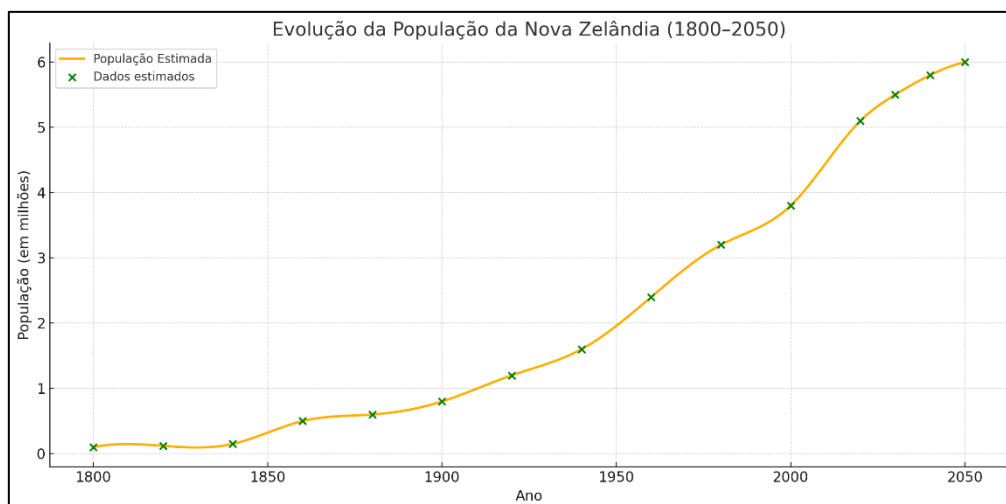
Taxa de mortalidade: 7,5‰

Expectativa de vida: 82,76 anos

Taxa de fertilidade: 1,66 filhos por mulher

A Nova Zelândia é um país insular do Pacífico Sul com população moderada e bem distribuída, concentrada principalmente na Ilha Norte. Sua estrutura demográfica reflete o perfil de uma nação desenvolvida, com alta expectativa de vida, boa qualidade dos serviços públicos e forte presença urbana.

Desde 1900, quando registrava quase de 1 milhão de habitantes, apresenta crescimento populacional constante, superando os 5 milhões em 2020. Esse avanço é sustentado sobretudo pela imigração, que compensa a baixa taxa de fecundidade e contribui para a renovação da força de trabalho. A partir dos anos 2000, cidades como Auckland passaram a concentrar grande parte dos fluxos migratórios e do crescimento urbano. A tendência atual indica estabilização populacional, com desafios voltados ao envelhecimento da população e à sustentabilidade das políticas públicas. Ainda assim, a Nova Zelândia mantém indicadores sociais e demográficos robustos, com qualidade de vida elevada e boa integração entre crescimento populacional e planejamento urbano.



1.3. PAPUA NOVA GUINÉ



Área territorial: 452.860 km²

População estimada (2025): 10.762.817 habitantes

Densidade demográfica: 24 hab./km²

Taxa de natalidade: 25,1‰

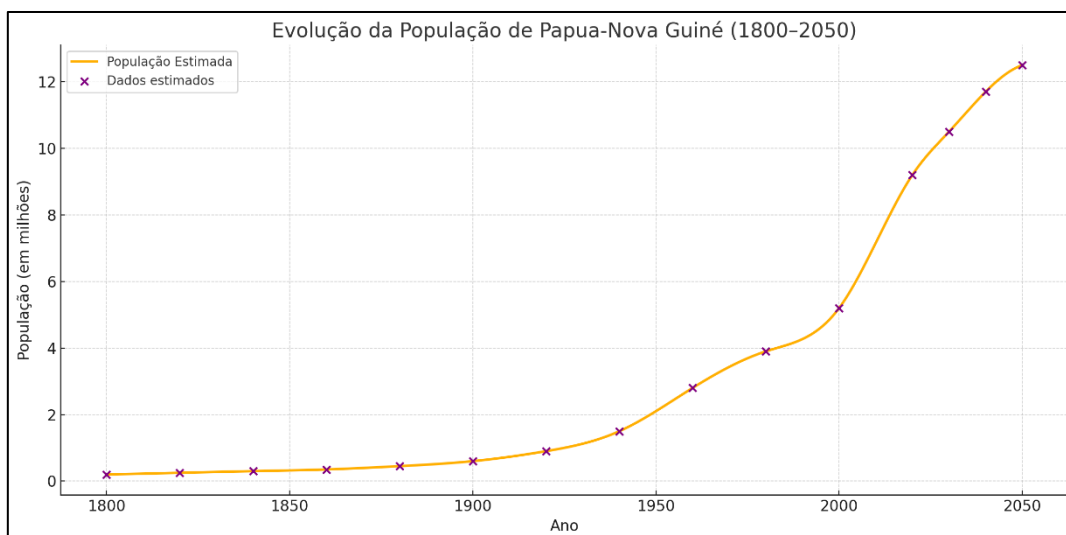
Taxa de mortalidade: 6,5‰

Expectativa de vida: 66,1 anos

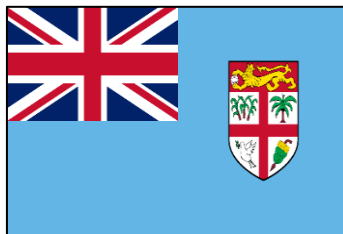
Taxa de fertilidade: 3,17 filhos por mulher

Papua-Nova Guiné é um país insular da Melanésia com população majoritariamente rural e crescimento populacional contínuo. Ao contrário das nações desenvolvidas da Oceania, o país enfrenta desafios como acesso limitado à saúde, educação e infraestrutura, o que se reflete em indicadores sociais mais baixos.

A população é jovem e o crescimento é sustentado por altas taxas de natalidade, mas a expectativa de vida permanece modesta. A urbanização é recente e desigual, concentrada em cidades como Port Moresby. Apesar das dificuldades, o país possui potencial de desenvolvimento, especialmente se investir em educação, valorização cultural e políticas de inclusão social.



1.4. FIJI



Área territorial: 18.270 km²

População estimada (2025): 933.000 habitantes

Densidade demográfica: 51 hab./km²

Taxa de natalidade: 19,13‰

Taxa de mortalidade: 6,5‰

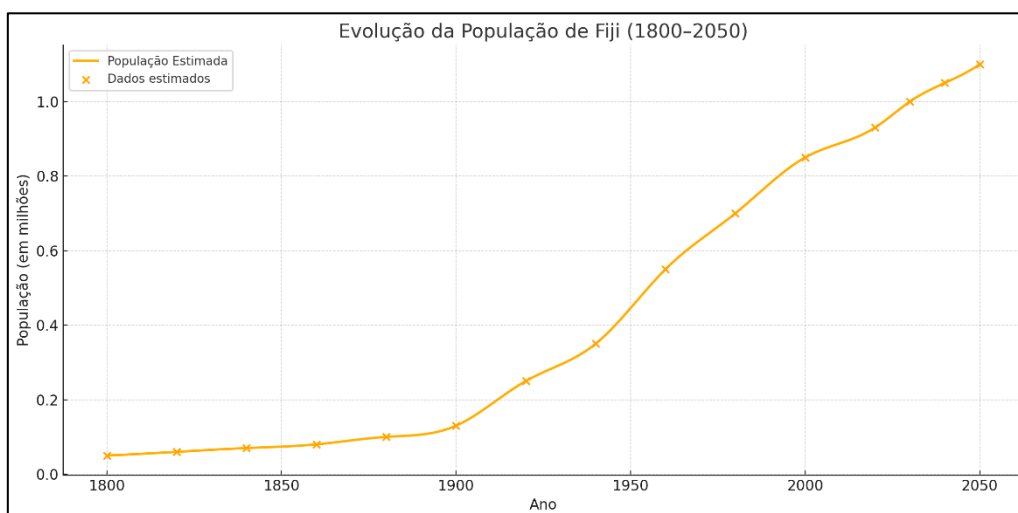
Expectativa de vida: 67,6 anos

Taxa de fertilidade: 2,25 filhos por mulher

Fiji é um arquipélago da Melanésia formado por mais de 300 ilhas, com população concentrada nas maiores, Viti e Vanua Levu. A capital, Suva, é o principal centro urbano.

Embora enfrente limitações em infraestrutura e serviços em algumas áreas, Fiji tem avançado em saúde, educação e controle da natalidade. A expectativa de vida cresce progressivamente, reflexo das melhorias nas condições básicas de vida. Desde 1960, quando possuía pouco mais de 400 mil habitantes, Fiji apresentou crescimento populacional contínuo, mais acelerado até os anos 1980. A partir da década de 1990, esse crescimento passou a se desacelerar, acompanhando a redução gradual da taxa de fecundidade e o avanço da transição demográfica.

A estabilização da população nas últimas décadas indica maturidade demográfica, com desafios voltados à sustentabilidade das políticas públicas, planejamento urbano e adaptação às mudanças climáticas, especialmente nas ilhas menores.



1.5. ILHAS SALOMÃO



Área territorial: 28.896 km²

População estimada (2025): 787.000 habitantes

Densidade demográfica: aproximadamente 27 hab./km²

Taxa de natalidade: 27,3‰

Taxa de mortalidade: 5,8‰

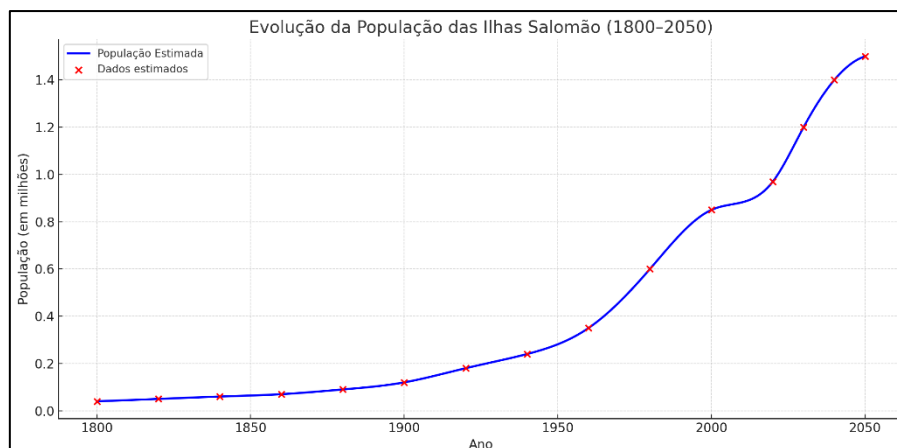
Expectativa de vida: 73,1 anos

Taxa de fertilidade: 3,9 filhos por mulher

As Ilhas Salomão formam um arquipélago no Pacífico Sul, composto por centenas de ilhas e com população estimada em quase 800 mil habitantes em 2025. A população está concentrada nas principais ilhas, como Guadalcanal (onde fica a capital, Honiara), e em áreas costeiras. A distribuição é predominantemente rural, e muitas comunidades vivem da agricultura de subsistência e da pesca.

A população das Ilhas Salomão cresceu de forma acelerada. esse crescimento se deve às altas taxas de natalidade, que permanecem entre as maiores da Oceania, apesar de uma leve tendência de queda nas últimas décadas. A expectativa de vida aumentou significativamente, superando os 70 anos, graças a melhorias graduais em saúde pública e saneamento.

Entretanto, o país ainda enfrenta sérios desafios em infraestrutura, acesso à educação e oferta de serviços de saúde, especialmente nas ilhas menores. O crescimento populacional contínuo pressiona os recursos naturais e os serviços públicos, exigindo políticas que promovam o desenvolvimento sustentável e a inclusão social.



1.6. VANUATU



Área territorial: 12.189 km²

População estimada (2025): 342.000 habitantes

Densidade demográfica: 28 hab./km²

Taxa de natalidade: 25,8‰

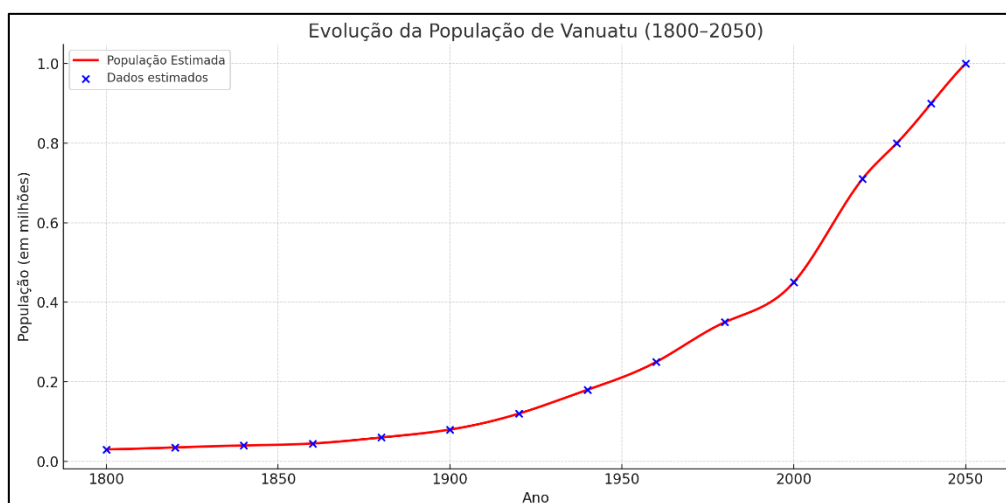
Taxa de mortalidade: 5,3‰

Expectativa de vida: 71,8 anos

Taxa de fertilidade: 3,6 filhos por mulher

Vanuatu é um arquipélago da Melanésia formado por cerca de 80 ilhas vulcânicas, com população predominantemente rural e economia baseada na agricultura, pesca e turismo. A capital, Port Vila, concentra a maior parte da população urbana e os serviços públicos disponíveis. Possui crescimento populacional contínuo, impulsionado por taxas de natalidade elevadas e por uma estrutura etária jovem. Apesar disso, observa-se uma tendência de transição demográfica, com queda gradual na taxa de fertilidade e aumento na expectativa de vida, reflexo de avanços na saúde pública e no acesso à educação.

O país enfrenta importantes desafios estruturais, especialmente em relação à oferta de serviços básicos em comunidades isoladas e à vulnerabilidade frente a desastres naturais, como ciclones e terremotos. A pressão demográfica em algumas regiões tem gerado preocupações quanto à sustentabilidade ambiental e ao equilíbrio entre crescimento e preservação dos recursos naturais. O desenvolvimento depende fortemente de iniciativas que promovam o equilíbrio entre crescimento populacional e desenvolvimento humano.



1.7. NOVA CALEDÔNIA



Área territorial: 18.575 km²

População estimada (2025): 293.000 habitantes

Densidade demográfica: aproximadamente 15,8 hab./km²

Taxa de natalidade: 14,4‰

Taxa de mortalidade: 6,2‰

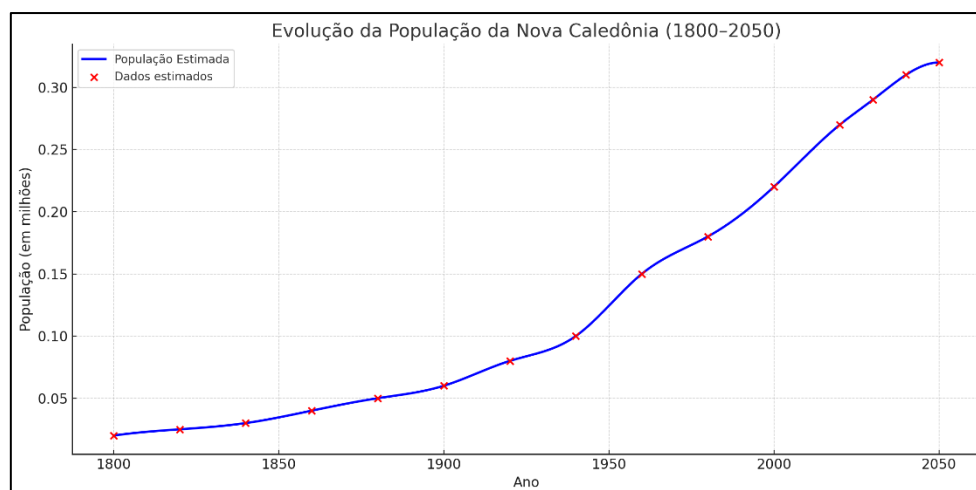
Expectativa de vida: 78,9 anos

Taxa de fertilidade: 2,0 filhos por mulher

A Nova Caledônia é um território francês no Pacífico Sul, com população estimada em 293 mil habitantes em 2025. A maioria reside na capital, Nouméa, que concentra as atividades econômicas e os serviços públicos. Desde 1960, a população cresceu de forma constante, passando de 75 mil para quase 300 mil habitantes, com ritmo moderado de crescimento.

A estrutura demográfica reflete um processo de transição, com queda nas taxas de fecundidade e aumento da expectativa de vida. O território possui diversidade étnica marcante, composta por kanaks (população indígena), descendentes europeus e outros grupos migrantes.

Graças à ligação com a França, a Nova Caledônia apresenta bons indicadores sociais em saúde, educação e infraestrutura. No entanto, ainda há desigualdades regionais e desafios políticos relacionados à autonomia e à inclusão social. O crescimento populacional controlado permite pensar em políticas sustentáveis e em um desenvolvimento mais equitativo para o futuro.



1.8. POLINÉSIA FRANCESA (TAHITI)



Área territorial: 4.167 km²

População estimada (2025): 306.000 habitantes

Densidade demográfica: 73 hab./km²

Taxa de natalidade: 13,9‰

Taxa de mortalidade: 6,3‰

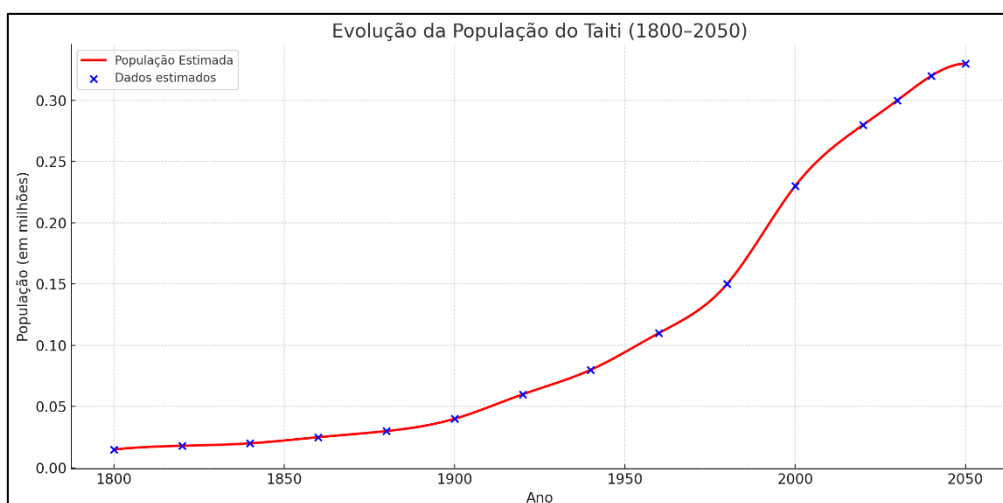
Expectativa de vida: 78,4 anos

Taxa de fertilidade: 1,99 filhos por mulher

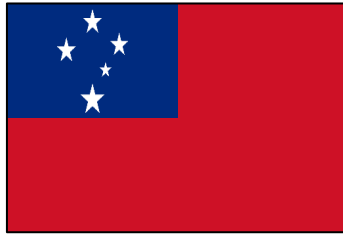
A Polinésia Francesa, território ultramarino da França, é formada por mais de 100 ilhas no Pacífico Sul, sendo o Taiti a principal delas. A população está concentrada nas áreas urbanas da ilha de Taiti, especialmente na capital Papeete, onde se localizam os principais serviços e a vida econômica.

Sua população cresceu de forma constante e moderada refletindo uma transição demográfica com redução da taxa de fecundidade e aumento da expectativa de vida. Apesar dos bons indicadores sociais, sustentados pelo apoio francês, há desafios ligados à dependência econômica, ao desemprego jovem e à migração para a metrópole.

A diversidade cultural é uma característica marcante da região, com influência polinésia e francesa, expressa na língua, na religião e nas tradições locais. A tendência atual aponta para estabilização demográfica e necessidade de políticas de desenvolvimento que contemplem sustentabilidade, inclusão e valorização das culturas locais.



1.9. SAMOA



Área territorial: 2.842 km²

População estimada (2025): 222.400 habitantes

Densidade demográfica: 78 hab./km²

Taxa de natalidade: 23,5‰

Taxa de mortalidade: 5,8‰

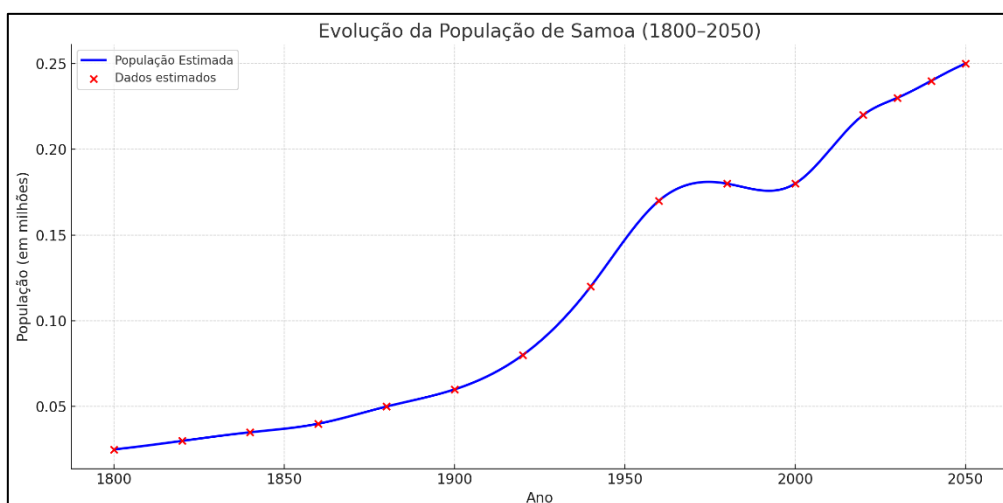
Expectativa de vida: 74,2 anos

Taxa de fertilidade: 3,4 filhos por mulher.

Samoa é um pequeno país insular da Polinésia, com população estimada em pouco mais de 222 mil habitantes em 2025. A população concentra-se nas duas principais ilhas Upolu e Savai'i, sendo Ápia, a capital, o maior centro urbano e econômico.

O crescimento populacional tem sido constante, embora com variações associadas à emigração para países como Nova Zelândia, Austrália e Estados Unidos. Apesar das elevadas taxas de natalidade, esse fluxo migratório limita o aumento da população residente.

Samoa apresenta bons avanços em saúde e educação, com expectativa de vida crescente e redução da mortalidade infantil. A taxa de fertilidade permanece relativamente alta, mas em queda gradual, refletindo mudanças culturais e econômicas. O país enfrenta desafios relacionados à vulnerabilidade ambiental e à limitação de recursos naturais, o que exige políticas que integrem planejamento familiar, desenvolvimento sustentável e fortalecimento da economia local.



1.10. KIRIBATI



Área territorial: 811 km²

População estimada (2025): 132.370 habitantes

Densidade demográfica: 163 hab./km²

Taxa de natalidade: 27,7‰

Taxa de mortalidade: 6,3‰

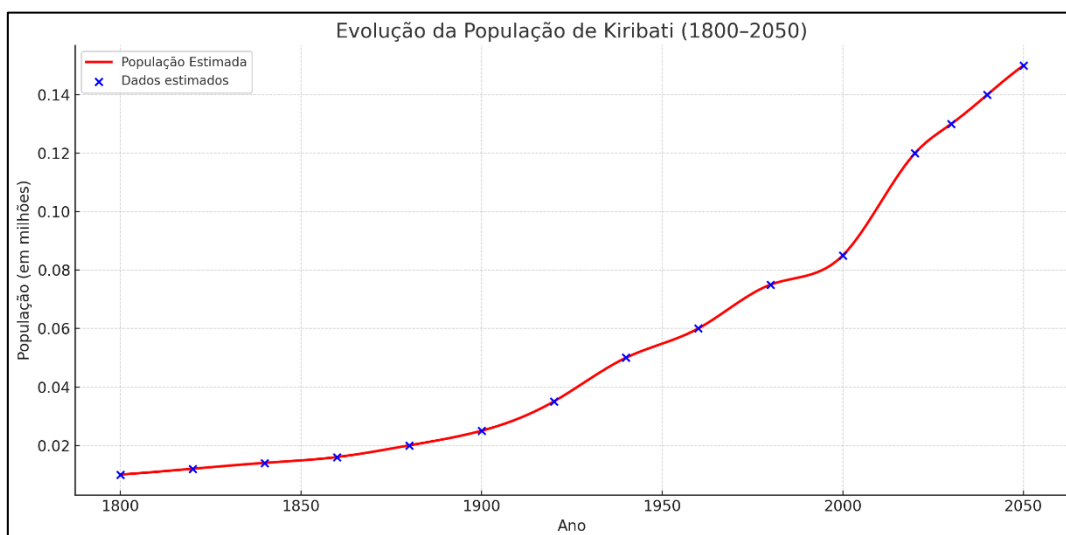
Expectativa de vida: 68,2 anos

Taxa de fertilidade: 3,5 filhos por mulher

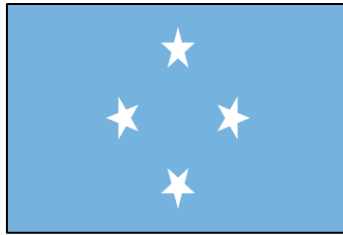
Kiribati é um arquipélago de atóis espalhados pelo Pacífico Central, com população estimada em cerca de 132 mil habitantes em 2025. É um dos países com maior densidade demográfica da Oceania, concentrando-se principalmente no atol de Tarawa, a capital.

A população de Kiribati tem crescido de forma contínua, passando de 48 mil para mais de 130 mil habitantes. Esse aumento resulta de elevadas taxas de natalidade e de uma estrutura etária jovem, embora com progressiva melhoria na expectativa de vida. O país enfrenta desafios significativos: acesso limitado a recursos naturais, economia dependente de ajuda externa e alta vulnerabilidade ambiental, especialmente às mudanças climáticas e à elevação do nível do mar.

Apesar das limitações, Kiribati apresenta avanços em saúde básica e escolarização. O controle populacional, aliado a políticas de resiliência climática e mobilidade internacional, é essencial para o futuro sustentável da nação.



1.11. MICRONÉSIA



Área territorial: 702 km²

População estimada (2025): 113.131 habitantes

Densidade demográfica: 161 hab./km²

Taxa de natalidade: 23,1‰

Taxa de mortalidade: 7,0‰

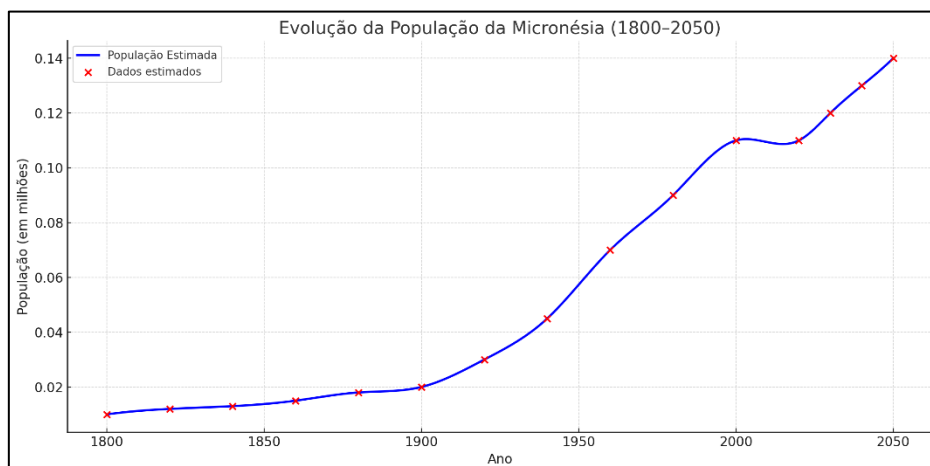
Expectativa de vida: 70,4 anos

Taxa de fertilidade: 3,0 filhos por mulher

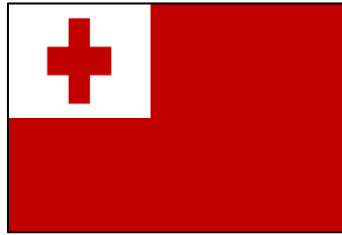
A Micronésia é um país insular formado por centenas de pequenas ilhas no Pacífico Ocidental, organizadas em quatro estados federados: Yap, Chuuk, Pohnpei e Kosrae. Em 2025, a população é estimada em cerca de 113 mil habitantes, com alta densidade em ilhas urbanizadas e baixa ocupação em áreas remotas.

O crescimento populacional tem sido lento e relativamente estável. A estrutura etária ainda é jovem, mas observa-se uma redução gradual na taxa de fecundidade. A expectativa de vida melhorou, embora a migração internacional tenha se intensificado nas últimas décadas, sobretudo para os Estados Unidos.

A economia depende fortemente de auxílio externo, principalmente por meio do Acordo de Livre Associação com os EUA. Os principais desafios são o acesso limitado a serviços de saúde, educação de qualidade e oportunidades econômicas locais. A Micronésia aposta em estratégias de mobilidade regional, educação comunitária e adaptação ambiental para enfrentar os impactos sociais e climáticos que afetam sua população dispersa.



1.12. TONGA



Área territorial: 747 km²

População estimada (2025): 106.000 habitantes

Densidade demográfica: 142 hab./km²

Taxa de natalidade: 21,2‰

Taxa de mortalidade: 6,9‰

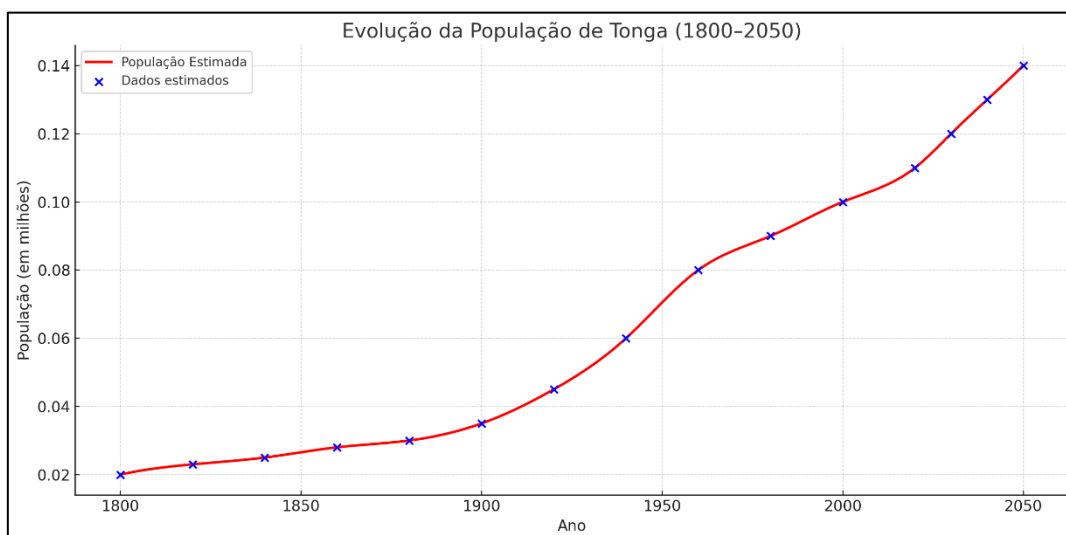
Expectativa de vida: 73,5 anos

Taxa de fertilidade: 2,9 filhos por mulher

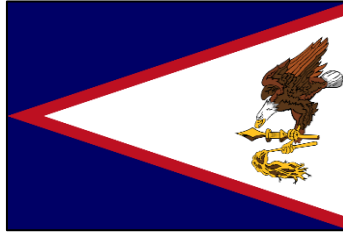
Tonga é um arquipélago polinésio formado por mais de 170 ilhas, sendo apenas parte delas habitadas. A população estimada para 2025 é de aproximadamente 106 mil habitantes, com destaque para a ilha de Tongatapu, onde se localiza a capital Nuku'alofa.

Apresenta crescimento populacional moderado, com ligeira desaceleração nas últimas décadas, reflexo da queda na taxa de fecundidade e da emigração significativa para países como Nova Zelândia, Austrália e Estados Unidos.

Apesar da dispersão geográfica, Tonga possui bons índices sociais para a região, com avanços em saúde e educação. No entanto, desafios persistem em relação ao acesso a serviços especializados e à diversificação econômica. A estrutura demográfica ainda é jovem, mas o país já passa por uma transição, o que exige políticas públicas voltadas à sustentabilidade, à retenção de talentos e à resiliência frente às mudanças climáticas que ameaçam seu território insular.



1.13. SAMOA AMERICANA (EUA)



Área territorial: 199 km²

População estimada (2025): 43.383 habitantes

Densidade demográfica: 218 hab./km²

Taxa de natalidade: 19,1‰

Taxa de mortalidade: 6,6‰

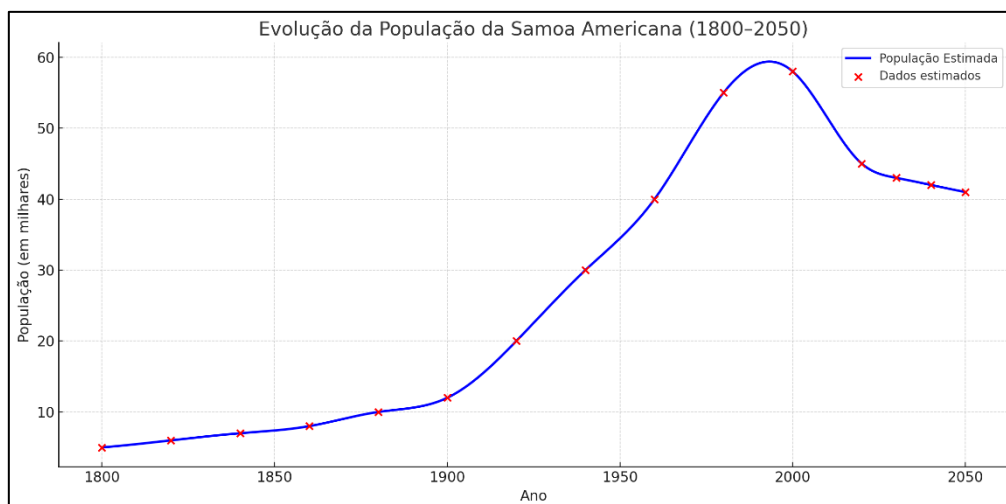
Expectativa de vida: 75,8 anos

Taxa de fertilidade: 2,5 filhos por mulher

Samoa Americana é um território não incorporado dos Estados Unidos no Pacífico Sul, formado por cinco ilhas e dois atóis. Em 2025, sua população é estimada em cerca de 43 mil habitantes, concentrada principalmente na ilha de Tutuila, onde está localizada a capital, Pago Pago.

Ao contrário de outros países insulares da Oceania, a Samoa Americana vem enfrentando declínio populacional nas últimas décadas, motivado principalmente pela emigração para os Estados Unidos em busca de melhores oportunidades econômicas e educacionais. Apesar disso, o território mantém bons indicadores sociais, impulsionados pelo apoio federal americano. A expectativa de vida tem se elevado gradualmente, enquanto a taxa de natalidade apresenta tendência de queda.

Os principais desafios da região envolvem a dependência econômica, a escassez de empregos locais e a vulnerabilidade ambiental. O planejamento populacional e a retenção de jovens tornam-se estratégias prioritárias para o futuro sustentável do território.



1.14. ILHAS MARSHALL



Área territorial: 181 km²

População estimada (2025): 41.569 habitantes

Densidade demográfica: 230 hab./km²

Taxa de natalidade: 22,8‰

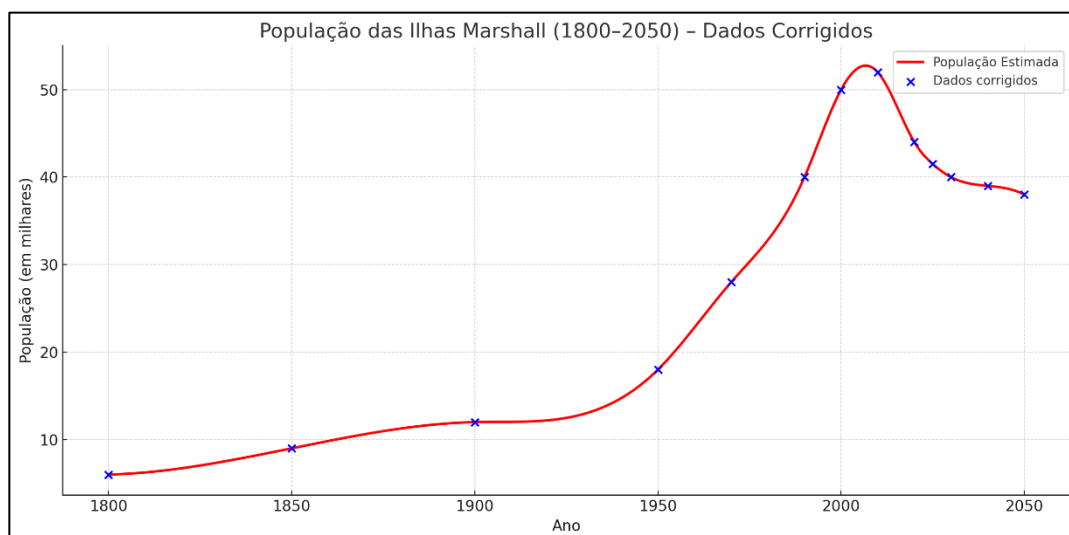
Taxa de mortalidade: 5,4‰

Expectativa de vida: 71,5 anos

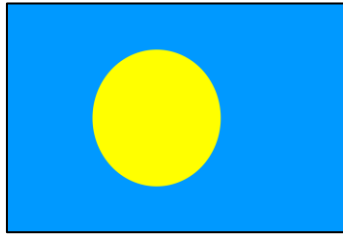
Taxa de fertilidade: 2,9 filhos por mulher

As Ilhas Marshall são um arquipélago da Micronésia composto por atóis e ilhas de baixa altitude, no Pacífico Norte. Em 2025, a população é estimada em cerca de 41,5 mil habitantes, com concentração urbana nos atóis de Majuro (a capital) e Ebeye. As ilhas Marshall vivenciaram crescimento populacional contínuo até os anos 2000, mas nas últimas décadas têm registrado declínio, especialmente devido à emigração para os Estados Unidos, motivada por questões econômicas e ambientais.

O país apresenta taxas de natalidade ainda elevadas, mas em queda, e uma expectativa de vida em progressiva melhora. Apesar disso, desafios persistem nas áreas de saneamento, saúde, segurança alimentar e adaptação às mudanças climáticas, especialmente diante da ameaça da elevação do nível do mar. A dependência externa, a limitação territorial e a necessidade de políticas de mobilidade e resiliência ambiental marcam o cenário demográfico atual do arquipélago.



1.15. PALAU



Área territorial: 459 km²

População estimada (2025): 18.058 habitantes

Densidade demográfica: 39 hab./km²

Taxa de natalidade: 12,5‰

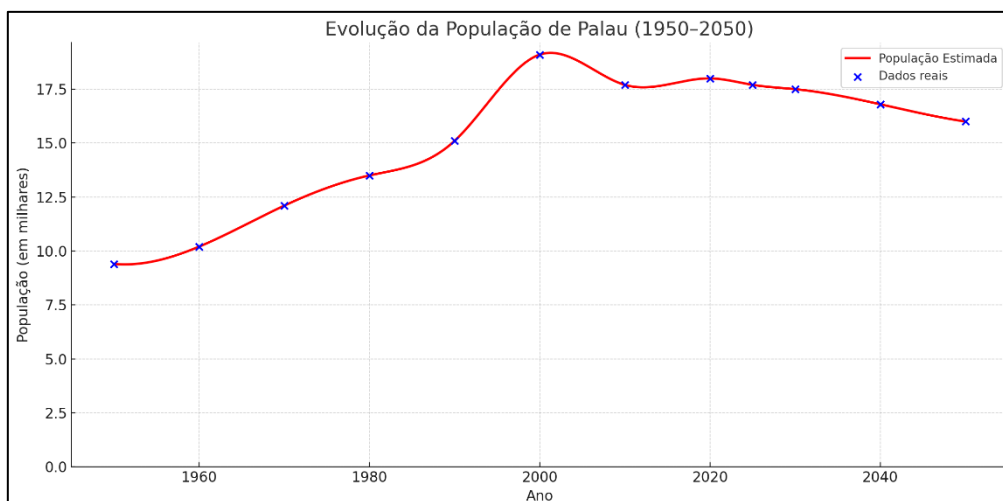
Taxa de mortalidade: 8,1‰

Expectativa de vida: 73,9 anos

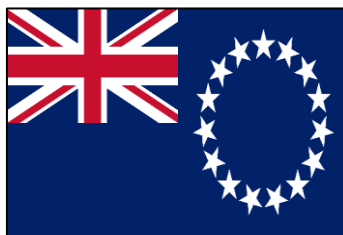
Taxa de fertilidade: 1,7 filhos por mulher

Palau é um pequeno país insular da Micronésia, formado por mais de 300 ilhas, com população estimada em pouco mais de 18 mil habitantes em 2025. A maior parte dos moradores vive na ilha de Babeldaob e na capital Ngerulmud, sede administrativa do governo. Palau apresentou crescimento populacional moderado, com estabilização a partir dos anos 2000. Nas últimas décadas, observa-se uma leve redução da população ativa, impulsionada por baixa taxa de natalidade e emigração para os Estados Unidos, com quem o país mantém um acordo de livre associação.

Os indicadores sociais são relativamente bons para os padrões da região, com expectativa de vida em torno de 74 anos e avanços em saúde e educação. No entanto, a baixa taxa de fertilidade e o envelhecimento da população exigem atenção no planejamento de políticas sociais e econômicas. O país enfrenta ainda desafios ligados à sustentabilidade ambiental, turismo controlado e preservação cultural, aspectos fundamentais para garantir o equilíbrio entre qualidade de vida e conservação de seu território insular.



1.16. ILHAS COOK



Área territorial: 236 km²

População estimada (2025): 17.457 habitantes

Densidade demográfica: 74 hab./km²

Taxa de natalidade: 14,2‰

Taxa de mortalidade: 10,1‰

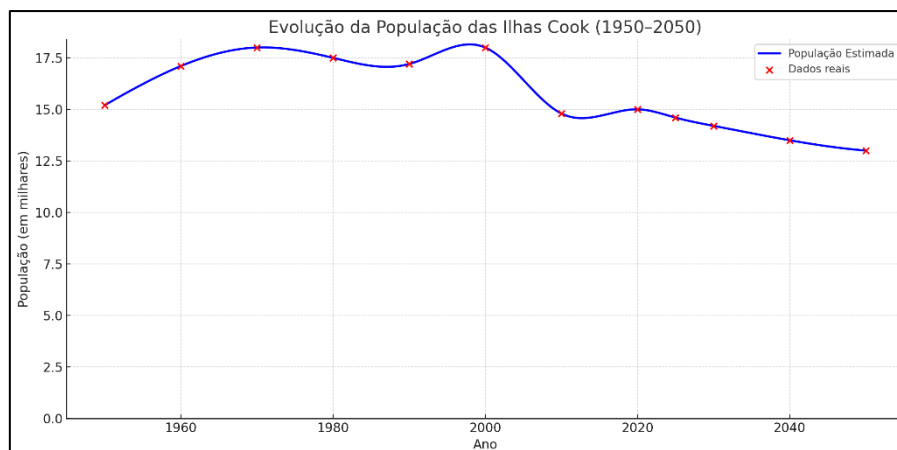
Expectativa de vida: 77,1 anos

Taxa de fertilidade: 2,1 filhos por mulher

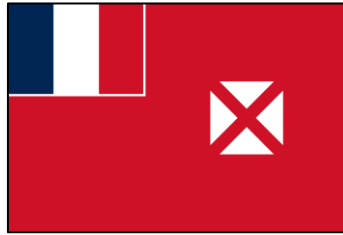
As Ilhas Cook são um território autônomo em livre associação com a Nova Zelândia, composto por 15 ilhas no Pacífico Sul. Em 2025, a população é estimada em cerca de 17,4 mil habitantes, com maior concentração na ilha de Rarotonga, onde está localizada a capital, Avarua.

A população tem oscilado, com episódios de crescimento e queda, fortemente influenciados pela emigração para a Nova Zelândia, que oferece cidadania plena aos habitantes das ilhas. Embora as taxas de natalidade sejam moderadas, o saldo migratório negativo tem limitado o crescimento populacional.

A expectativa de vida é relativamente alta e os serviços de saúde e educação são razoavelmente estruturados, com apoio técnico e financeiro neozelandês. No entanto, o país enfrenta desafios econômicos, com forte dependência do turismo, pesca e da ajuda externa. O envelhecimento populacional e a perda de jovens para o exterior tornam urgente o planejamento de políticas voltadas à retenção da população e à diversificação econômica, sem comprometer a preservação ambiental e cultural das ilhas.



1.17. WALLIS & FUTUNA (FRANÇA)



Área territorial: 142 km²

População estimada (2025): 11.409 habitantes

Densidade demográfica: 80 hab./km²

Taxa de natalidade: 13,1‰

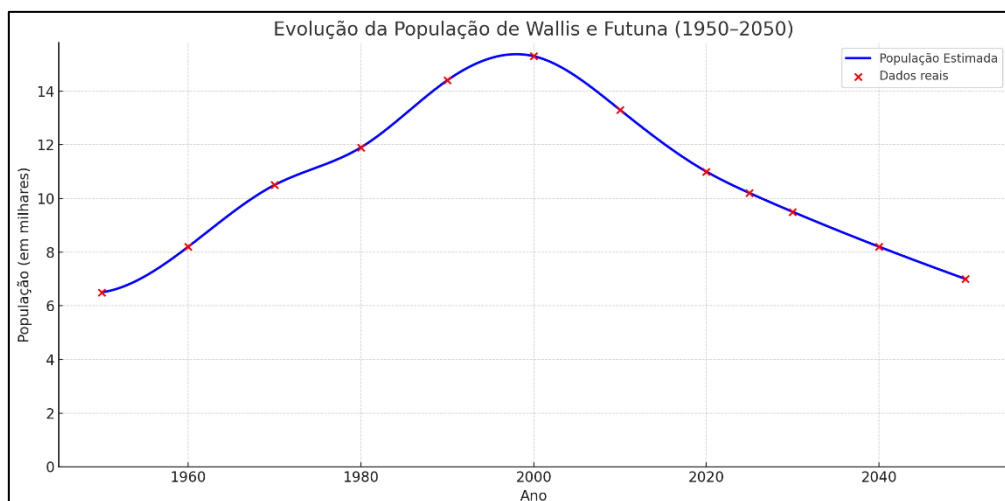
Taxa de mortalidade: 9,4‰

Expectativa de vida: 77,6 anos

Taxa de fertilidade: 1,9 filhos por mulher

Wallis e Futuna é um território ultramarino francês localizado no Pacífico Sul, composto por três ilhas principais: Wallis, Futuna e Alofi. A população estimada em 2025 é de cerca de 11,4 mil habitantes, concentrada principalmente na ilha de Wallis. Após um crescimento demográfico expressivo até os anos 2000, o território passou a registrar queda populacional, causada principalmente pela emigração para a Nova Caledônia e a França metropolitana. O saldo migratório negativo afeta sobretudo os jovens em busca de estudo e emprego.

Embora os índices de saúde e educação sejam razoáveis, sustentados pela administração francesa, o isolamento geográfico, a escassez de oportunidades econômicas locais e a dependência de importações limitam o desenvolvimento. A tendência de queda populacional e envelhecimento demanda políticas que incentivem a permanência da população, o fortalecimento das economias locais e a valorização cultural como estratégias de sustentabilidade territorial.



1.18. NAURU



Área territorial: 21 km²

População estimada (2025): 12.780 habitantes

Densidade demográfica: 609 hab./km²

Taxa de natalidade: 25,4‰

Taxa de mortalidade: 6,9‰

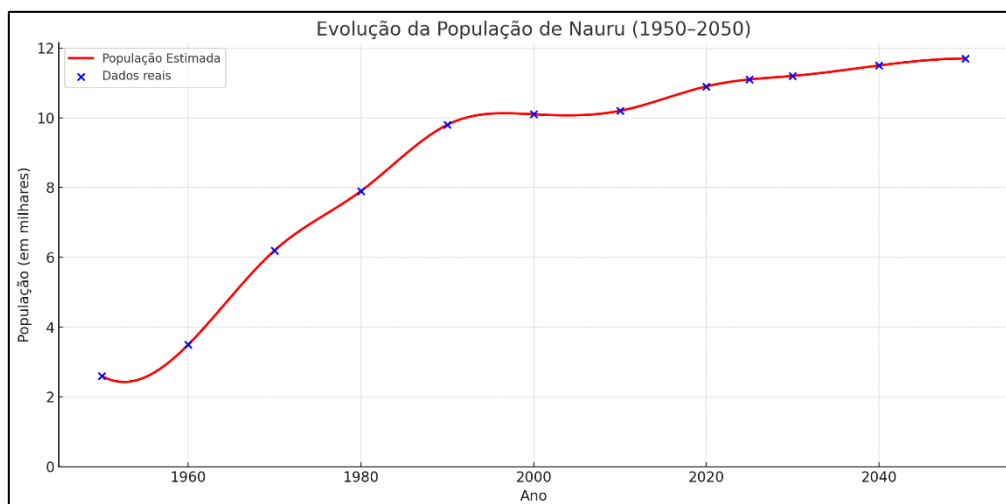
Expectativa de vida: 66,7 anos

Taxa de fertilidade: 3,3 filhos por mulher.

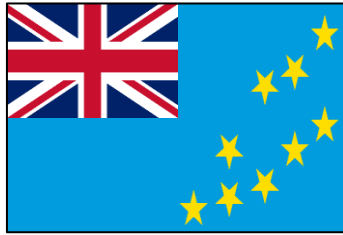
Nauru é o menor país insular do mundo em área territorial e um dos menores em população, com cerca de 12,7 mil habitantes estimados para 2025. A população é altamente concentrada ao redor da costa, com densidade elevada e forte urbanização.

O crescimento populacional foi expressivo até os anos 2000, seguido por uma leve estabilização. A estrutura etária é jovem, sustentada por uma taxa de natalidade ainda elevada e um padrão de fecundidade típico de países em desenvolvimento.

Historicamente, a economia de Nauru dependeu da mineração de fosfato, o que gerou picos de riqueza seguidos por colapsos econômicos. Atualmente, o país enfrenta desafios relacionados à obesidade, doenças crônicas, dependência de importações e impactos ambientais. A expectativa de vida é uma das mais baixas da Oceania, reflexo das limitações no sistema de saúde. O país depende fortemente de apoio internacional e busca diversificar sua economia e fortalecer políticas públicas voltadas à saúde, educação e sustentabilidade.



1.19. TUVALU



Área territorial: 26 km²

População estimada (2025): 11.444 habitantes

Densidade demográfica: 440 hab./km²

Taxa de natalidade: 23,6‰

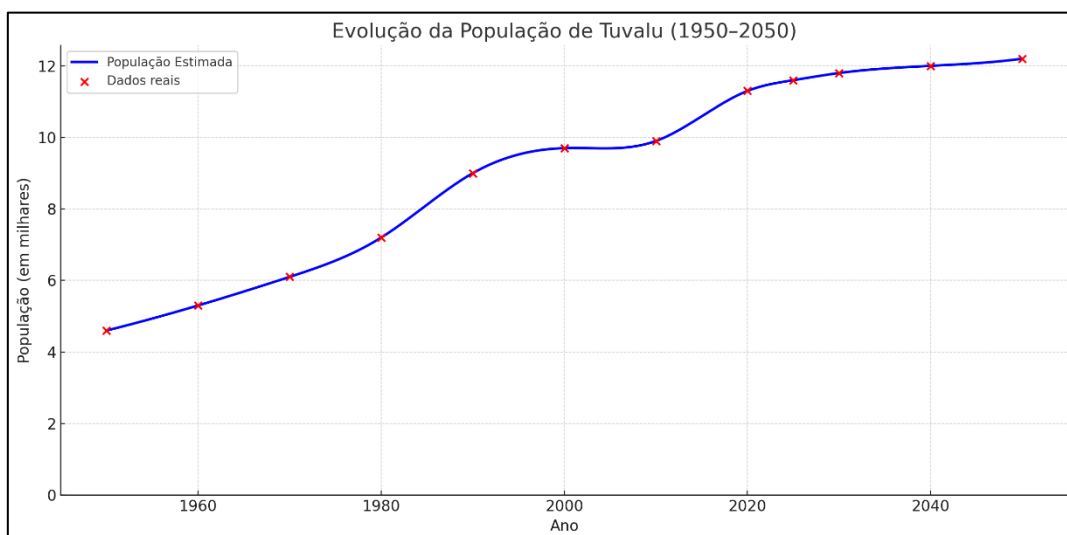
Taxa de mortalidade: 7,2‰

Expectativa de vida: 69,8 anos

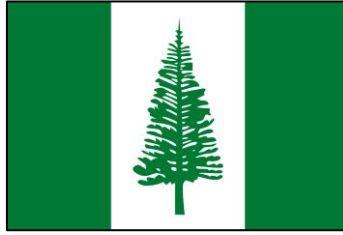
Taxa de fertilidade: 2,9 filhos por mulher

Tuvalu é um pequeno país insular da Polinésia, composto por nove atóis e ilhas no Pacífico Central. Com apenas 26 km² de área, possui uma população estimada de cerca de 11,4 mil habitantes em 2025, concentrada principalmente na ilha de Funafuti, sede do governo e serviços. Tuvalu registra crescimento populacional contínuo, embora moderado. A alta densidade demográfica e a limitação de recursos naturais tornam o país altamente vulnerável, especialmente diante das mudanças climáticas e da elevação do nível do mar.

A expectativa de vida tem aumentado gradualmente, e os serviços básicos, como educação e saúde, são sustentados com apoio internacional. Contudo, o país enfrenta desafios econômicos estruturais, forte dependência de importações e migração de jovens para países vizinhos. A sustentabilidade populacional de Tuvalu depende diretamente da resiliência ambiental, da cooperação internacional e de políticas que integrem planejamento familiar, fortalecimento comunitário e conservação dos ecossistemas insulares.



1.20. ILHA NORFOLK (AUSTRÁLIA)



Área territorial: 35 km²

População estimada (2025): 1.748 habitantes

Densidade demográfica: 50 hab./km²

Taxa de natalidade: 10,7‰

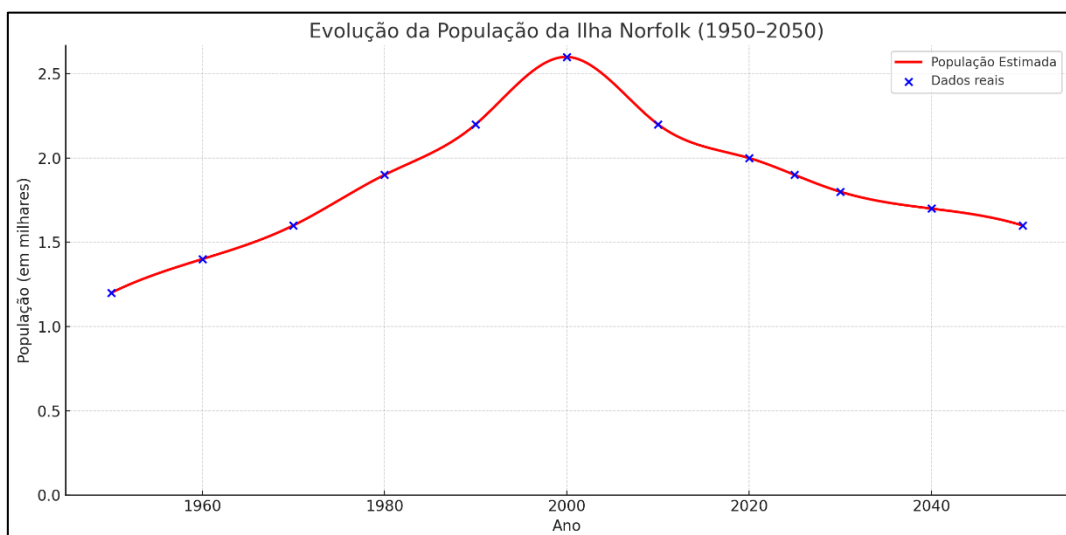
Taxa de mortalidade: 12,1‰

Expectativa de vida: 78,5 anos

Taxa de fertilidade: 1,6 filhos por mulher.

A Ilha Norfolk é um território externo da Austrália localizado no Pacífico Sul, com uma população estimada em menos de 1.800 habitantes em 2025. A principal localidade é Kingston, onde estão concentrados os serviços administrativos e sociais. A população da ilha cresceu lentamente até os anos 1990, mas começou a declinar nas últimas décadas, principalmente devido à emigração e ao envelhecimento populacional. A baixa taxa de natalidade e a elevada expectativa de vida revelam um estágio avançado da transição demográfica.

Apesar de possuir infraestrutura básica satisfatória, a economia local é limitada e depende fortemente do turismo e da assistência australiana. A pequena dimensão territorial e a queda demográfica impõem desafios à sustentabilidade administrativa e social. O futuro demográfico da ilha depende de políticas que incentivem a permanência e o retorno dos jovens, a diversificação econômica e a valorização de sua herança histórica e ambiental.



1.21. ILHA CHRISTMAS (AUSTRÁLIA)



Área territorial: 135 km²

População estimada (2025): 1.440 habitantes

Densidade demográfica: 14 hab./km²

Taxa de natalidade: 11,3‰

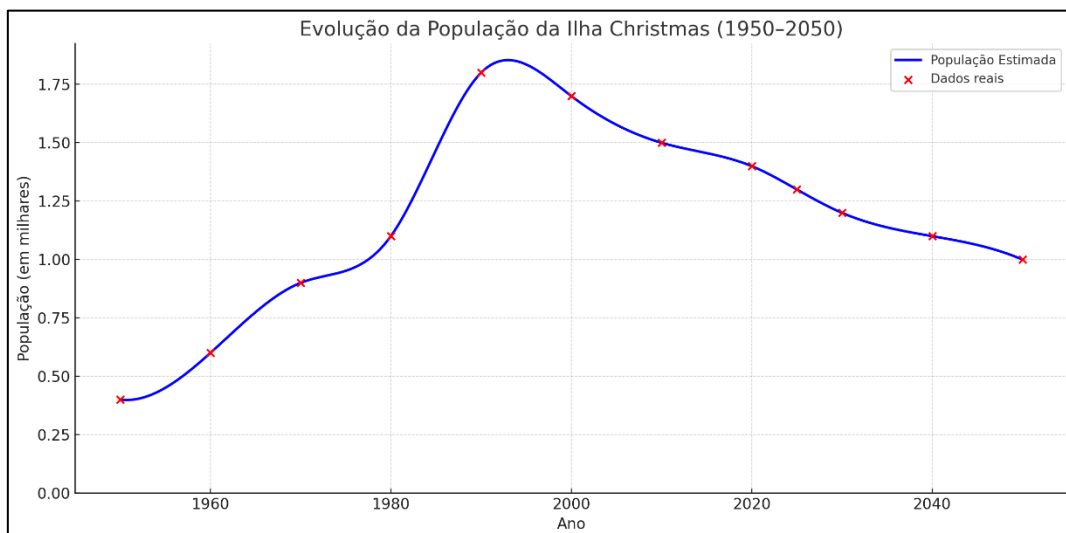
Taxa de mortalidade: 7,4‰

Expectativa de vida: 76,9 anos

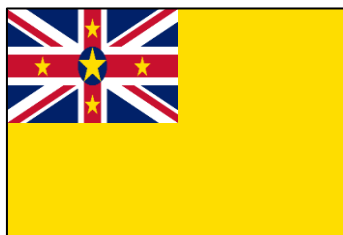
Taxa de fertilidade: 1,7 filhos por mulher

As Ilhas Christmas são um território externo da Austrália no Oceano Índico, com população estimada em cerca de 1.440 habitantes em 2025. A capital é Flying Fish Cove, principal núcleo urbano e portuário da ilha. A população é composta por grupos étnicos diversos, com predomínio de malaios, chineses e europeus. Desde 1960, o crescimento populacional foi moderado, com estabilidade nas últimas décadas, refletindo baixas taxas de natalidade e certa emigração para a Austrália continental.

A estrutura demográfica revela tendência de envelhecimento, com expectativa de vida elevada e baixa fecundidade. A economia local é limitada, baseada principalmente na mineração de fosfato e na administração pública australiana. A localização isolada impõe desafios logísticos e limita o acesso a serviços especializados, embora o padrão de vida seja razoável. O futuro demográfico das Ilhas Christmas depende de políticas sustentáveis voltadas à retenção populacional e à valorização dos recursos naturais.



1.22. NIUE



Área territorial: 261 km²

População estimada (2025): 1.525 habitantes

Densidade demográfica: 6 hab./km²

Taxa de natalidade: 13,4‰

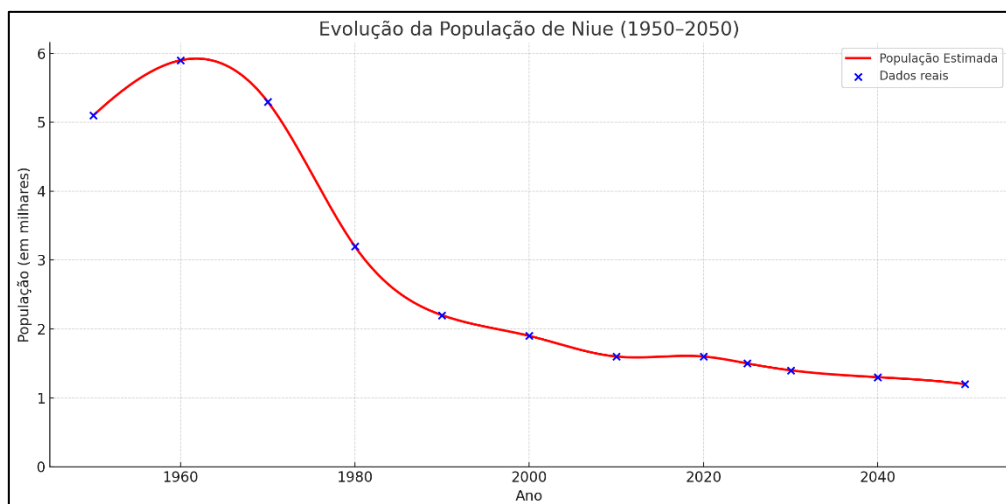
Taxa de mortalidade: 9,2‰

Expectativa de vida: 75,5 anos

Taxa de fertilidade: 1,9 filhos por mulher

Niue é um pequeno território insular autônomo em livre associação com a Nova Zelândia, localizado na Polinésia. Em 2025, a população estimada é de apenas 1.525 habitantes, o que faz de Niue um dos territórios menos povoados do mundo. A população vem sofrendo forte declínio, principalmente por emigração para a Nova Zelândia, onde os cidadãos de Niue têm plena cidadania. Essa saída contínua de habitantes afeta a reposição geracional e a força de trabalho local.

Apesar dos bons indicadores sociais em áreas como saúde e educação, garantidos pelo apoio neozelandês, o território enfrenta dificuldades em manter sua população e dinamizar a economia local, centrada em agricultura de subsistência e turismo limitado. O elevado índice de envelhecimento e a baixa densidade demográfica desafiam a sustentabilidade das vilas locais. O futuro de Niue depende de políticas que incentivem o retorno populacional, promovam desenvolvimento econômico e preservem a identidade cultural da ilha.



1.23. TOKELAU (NOVA ZELÂNDIA)



Área territorial: 12 km²

População estimada (2025): 1.370 habitantes

Densidade demográfica: aproximadamente 114 hab./km²

Taxa de natalidade: 17,6‰

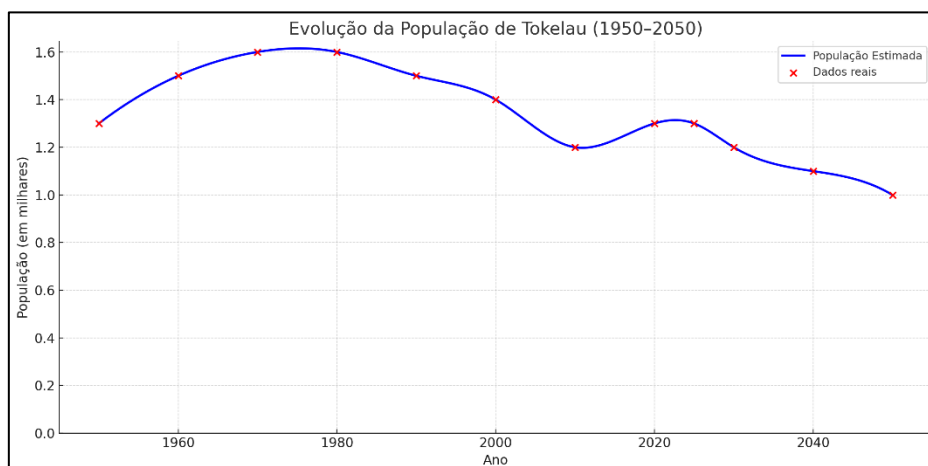
Taxa de mortalidade: 8,4‰

Expectativa de vida: 73,2 anos

Taxa de fertilidade: 2,2 filhos por mulher

Tokelau é um território dependente da Nova Zelândia, composto por três pequenos atóis no Pacífico Sul. Em 2025, sua população estimada é de cerca de 1.370 habitantes, enfrenta declínio populacional contínuo, causado principalmente pela emigração para a Nova Zelândia, onde os cidadãos de Tokelau têm direitos de residência. Apesar da natalidade ainda moderada, a baixa taxa de crescimento e o envelhecimento populacional afetam a vitalidade das comunidades locais.

A expectativa de vida tem melhorado, e os serviços de saúde e educação são sustentados por auxílio neozelandês. Contudo, a limitação territorial, o isolamento geográfico e os impactos das mudanças climáticas impõem barreiras ao desenvolvimento sustentável. O futuro de Tokelau depende da manutenção do apoio internacional, do fortalecimento das economias tradicionais e de estratégias que incentivem o retorno da população jovem e a preservação da cultura local.



1.24. ILHAS COCOS (AUSTRÁLIA)



Área territorial: 14 km²

População estimada (2025): 596 habitantes

Densidade demográfica: 43 hab./km²

Taxa de natalidade: 12,9‰

Taxa de mortalidade: 7,2‰

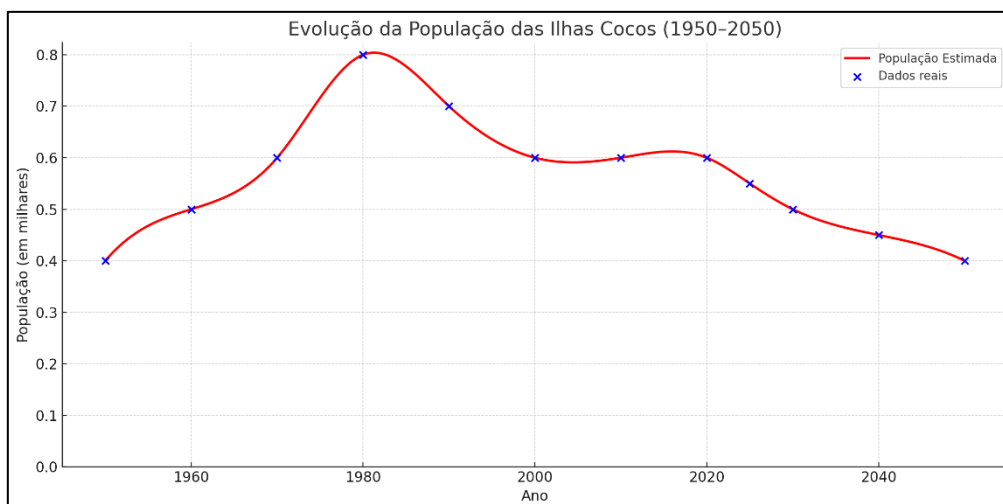
Expectativa de vida: 76,5 anos

Taxa de fertilidade: 2,1 filhos por mulher

As Ilhas Cocos (Keeling) são um território externo da Austrália localizado no Oceano Índico, composto por dois atóis e 27 ilhotas. Em 2025, a população é estimada em apenas 596 habitantes, com maior concentração nas ilhas Home e West Island.

A população é majoritariamente de origem malaia e muçulmana, vivendo de maneira simples, com forte senso de comunidade e ligação com práticas tradicionais. A densidade demográfica é baixa, mas o território é pequeno e isolado, com recursos limitados. A população tem se mantido relativamente estável, com leve variação ao longo das décadas. A taxa de natalidade é moderada e a expectativa de vida é compatível com os padrões australianos.

A economia local gira em torno da administração pública, pequenos comércios e subsistência, com forte dependência de importações. O desafio das Ilhas Cocos é manter sua identidade cultural e qualidade de vida em meio à distância geográfica e à vulnerabilidade ambiental.



1.25. ILHAS PITCAIRN (REINO UNIDO)



Área territorial: 47 km²

População estimada (2025): 47 habitantes

Densidade demográfica: 1 hab./km²

Taxa de natalidade: 9,2‰

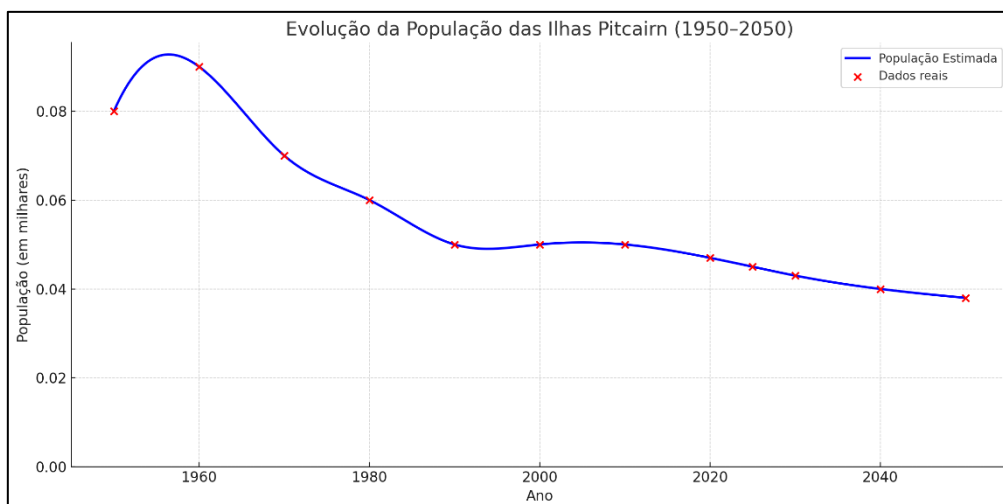
Taxa de mortalidade: 13,4‰

Expectativa de vida: 77,2 anos

Taxa de fertilidade: 1,4 filhos por mulher

As Ilhas Pitcairn são o último território britânico ultramarino no Pacífico Sul, composto por quatro ilhas, das quais apenas Pitcairn é habitada. Em 2025, estima-se que vivam ali apenas 47 habitantes, o que faz da ilha a jurisdição menos populosa do mundo. A população é descendente direta dos amotinados do navio Bounty e de polinésios, vivendo em um sistema comunitário de subsistência. Desde 1960, a população vem diminuindo de forma contínua, devido à baixa natalidade, envelhecimento e emigração para Nova Zelândia e Reino Unido.

Os serviços públicos são mantidos pelo Reino Unido, mas a escassez de infraestrutura, oportunidades econômicas e isolamento extremo dificultam a atração de novos residentes. A expectativa de vida é razoável, mas a taxa de mortalidade supera a de natalidade, acelerando o declínio populacional. O futuro demográfico de Pitcairn depende de políticas externas de incentivo à migração e preservação cultural, embora seu destino como comunidade habitada seja cada vez mais incerto.



CONCLUSÃO – OCEANIA

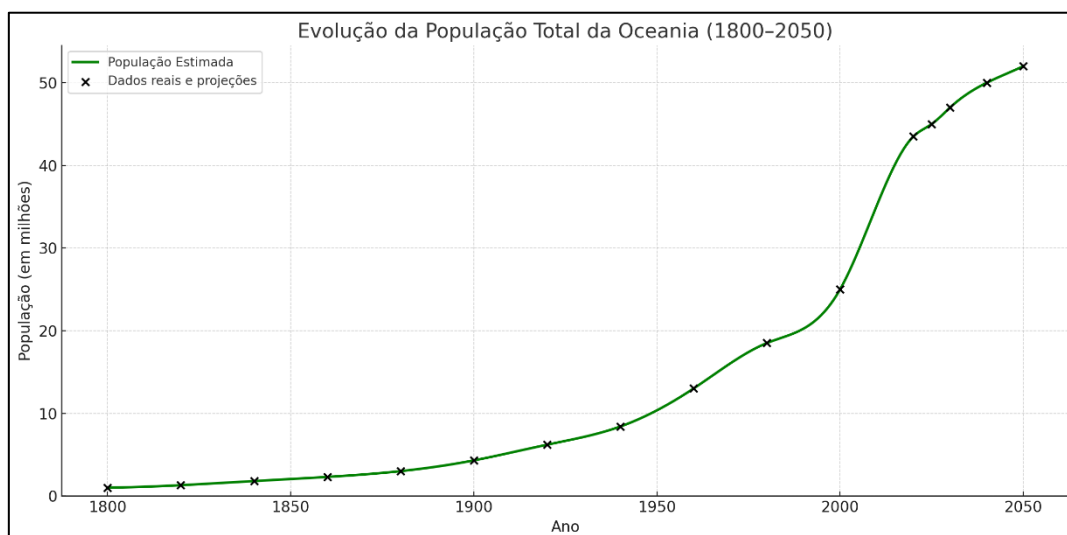
A análise demográfica da Oceania revela um continente multifacetado, onde convivem realidades populacionais extremamente diversas. Enquanto Austrália e Nova Zelândia apresentam indicadores típicos de países desenvolvidos, com crescimento moderado, elevada expectativa de vida e transição demográfica consolidada, a maioria dos demais países e territórios insulares enfrenta desafios relacionados à alta natalidade, à emigração e à vulnerabilidade socioambiental.

A distribuição populacional é desigual, com grande concentração em poucas nações e forte dispersão nos arquipélagos da Polinésia, Melanésia e Micronésia. As pequenas ilhas, em sua maioria, contam com menos de 100 mil habitantes, e em muitos casos com menos de 10 mil, o que intensifica os efeitos do isolamento, da dependência econômica externa e dos riscos impostos pelas mudanças climáticas.

Os dados analisados evidenciam que muitos países da Oceania passam por processos distintos de crescimento: alguns em fase de expansão populacional, outros em estabilização ou até em declínio. Em todos os casos, as dinâmicas demográficas estão profundamente entrelaçadas com fatores como migração, urbanização, políticas públicas e características geográficas específicas.

A diversidade cultural e étnica da Oceania também se expressa nos padrões demográficos, refletindo heranças coloniais, movimentos migratórios históricos e modos de vida tradicionais.

Em síntese, o estudo da Oceania reforça a importância de uma abordagem interdisciplinar e regionalizada da demografia, considerando tanto os aspectos quantitativos quanto qualitativos da população. A compreensão dessas realidades complexas é essencial para fomentar políticas públicas eficazes, promover justiça social e formar cidadãos críticos e conscientes dos desafios globais.

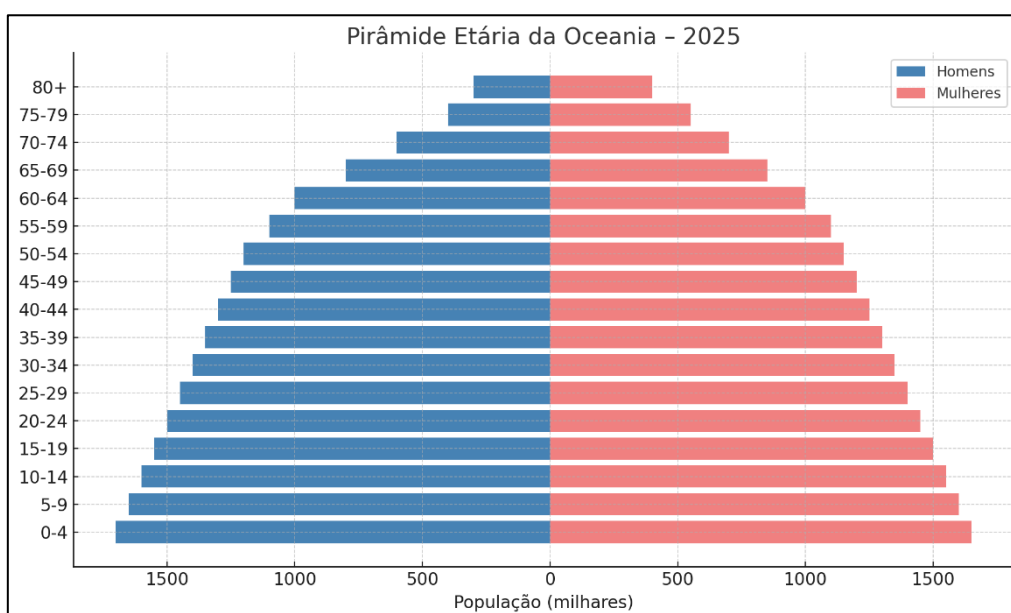


O gráfico ilustra o crescimento da população da Oceania ao longo de dois séculos e meio, evidenciando uma trajetória marcada por três fases distintas. No século XIX, observa-se um crescimento quase nulo, com a população se mantendo em torno de 2 milhões de habitantes, reflexo de uma economia agrícola, baixa urbanização e limitada ocupação europeia fora da Austrália.

A partir do início do século XX, especialmente após 1950, inicia-se um período de crescimento mais acentuado, com destaque para a Austrália e a Nova Zelândia, cujos processos de urbanização, industrialização e imigração contribuíram fortemente para o aumento populacional. Em 1975, a população da Oceania ultrapassou os 20 milhões.

Entre 2000 e 2020, o crescimento foi ainda mais expressivo, passando de 31 para 42 milhões de habitantes. As projeções indicam que esse ritmo deverá continuar até meados do século XXI, alcançando 57 milhões em 2050. Esse aumento está associado ao crescimento moderado dos países desenvolvidos da região e às altas taxas de natalidade em nações insulares menores, apesar de intensos fluxos migratórios para fora do continente. O gráfico reforça a importância de políticas voltadas à sustentabilidade urbana, à adaptação climática e à gestão demográfica equilibrada para enfrentar os desafios de um continente demograficamente desigual e ambientalmente vulnerável.

A pirâmide etária da Oceania em 2025 revela uma população relativamente jovem, embora já apresente sinais de transição demográfica. As faixas etárias mais numerosas concentram-se entre 0 e 34 anos, refletindo taxas de natalidade moderadas, sobretudo em países como Papua-Nova Guiné, Ilhas Salomão e Fiji. Por outro lado, as nações mais desenvolvidas da região, como Austrália e Nova Zelândia, apresentam aumento gradual nas faixas etárias superiores, indicando um processo de envelhecimento populacional.



Observa-se também uma leve predominância feminina nas faixas etárias acima dos 65 anos, consequência da maior expectativa de vida entre as mulheres. A estrutura da pirâmide sugere desafios futuros relacionados à sustentabilidade dos sistemas previdenciários e de saúde, especialmente nas áreas urbanizadas da Oceania. O contraste entre países insulares com altas taxas de fecundidade e as nações mais urbanizadas é um aspecto marcante da diversidade demográfica da região.

2. ÁSIA



A Ásia é o maior e mais populoso dos continentes, abrangendo cerca de 30% da superfície terrestre emersas e abrigando aproximadamente 60% da população mundial. Composta por 49 países, apresenta uma impressionante diversidade geográfica, étnica, linguística, cultural e religiosa. Desde as vastas estepes da Ásia Central até as megacidades superpovoadas do Sudeste e do Sul Asiático, a dinâmica demográfica do continente é marcada por contrastes profundos.

O continente asiático é o berço de algumas das civilizações mais antigas da humanidade, como a Mesopotâmia, a civilização do Vale do Indo e a China imperial. Ao longo da história, sua população esteve fortemente ligada a estruturas agrárias e formas de organização social tradicionais, mas, nas últimas décadas, muitos de seus países passaram por intensos processos de industrialização, urbanização e migração interna e externa.

Demograficamente, a Ásia é um mosaico que reúne desde países altamente desenvolvidos e envelhecidos, como Japão e Coreia do Sul, até nações com elevadas taxas de natalidade e crescimento acelerado, como Afeganistão e Paquistão. Além disso, grandes potências populacionais como China e Índia exercem enorme influência sobre os indicadores globais, sendo frequentemente objeto de estudos sobre transição demográfica, planejamento familiar e políticas de controle populacional.

A presente seção propõe uma análise detalhada das características demográficas dos países asiáticos, com foco em sua evolução populacional, distribuição territorial, densidade, taxa de crescimento, e desafios socioambientais. O objetivo é compreender as múltiplas realidades do continente, identificando padrões, tendências e implicações geográficas e políticas que decorrem da dinâmica populacional asiática.

2.1. ÍNDIA



Área territorial: 3.287.263 km²

População estimada (2025): 1.441.719.000 habitantes

Densidade demográfica: 438 hab./km²

Taxa de natalidade: 17,4‰

Taxa de mortalidade: 7,3‰

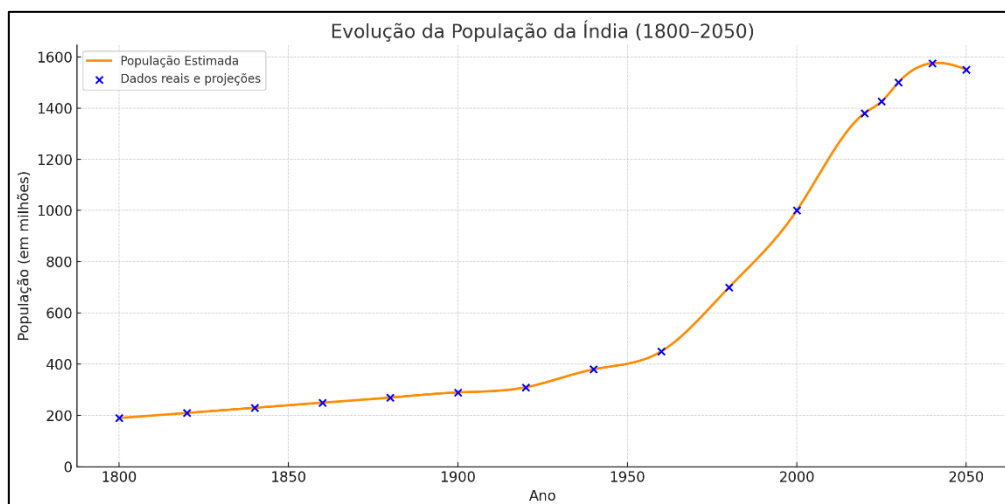
Expectativa de vida: 70,9 anos

Taxa de fertilidade: 2,0 filhos por mulher

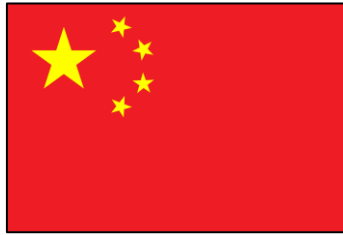
A Índia é o país mais populoso do mundo em 2025, ultrapassando a China, com mais de 1,44 bilhão de habitantes. O crescimento populacional indiano foi exponencial no século XX, especialmente a partir de 1950, quando reformas sanitárias e campanhas de vacinação reduziram drasticamente a mortalidade.

Apesar do crescimento contínuo, a taxa de natalidade vem caindo progressivamente e a taxa de fecundidade atual se aproxima do nível de reposição. A estrutura populacional, no entanto, ainda é predominantemente jovem, o que garante crescimento demográfico nas próximas décadas. A urbanização acelerada, as desigualdades regionais e o acesso à saúde e educação são obstáculos à equidade social.

O país enfrenta ainda desafios relacionados à pressão sobre os recursos naturais, à poluição e à gestão de grandes centros urbanos como Mumbai e Nova Délhi. Ao mesmo tempo, a juventude abundante representa uma oportunidade demográfica única, desde que acompanhada de políticas inclusivas e sustentáveis.



2.2. CHINA



Área territorial: 9.596.961 km²

População estimada (2025): 1.410.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 147 hab./km²

Taxa de natalidade: 7,6‰

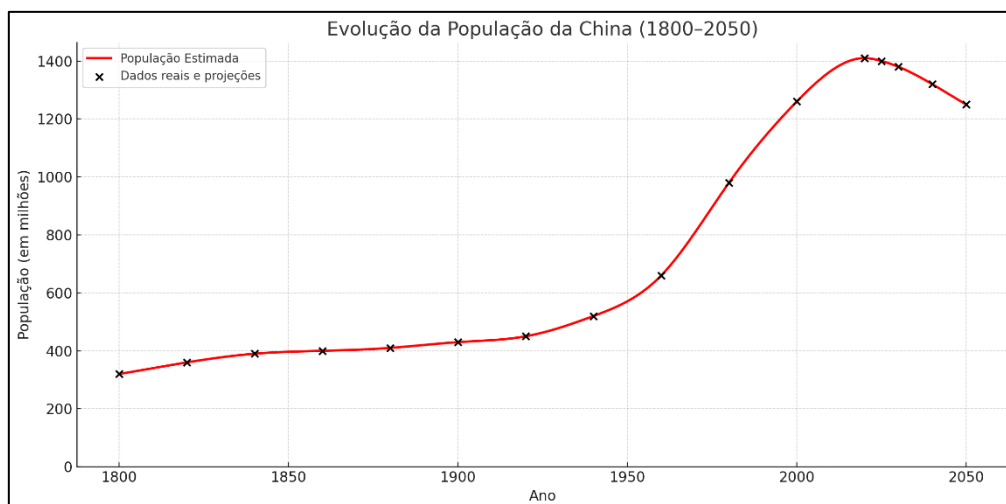
Taxa de mortalidade: 7,8‰

Expectativa de vida: 78,2 anos

Taxa de fertilidade: 1,2 filhos por mulher

A China foi por muito tempo o país mais populoso do mundo, com crescimento expressivo entre 1950 e 2000. Aumento impulsionado por melhorias na saúde pública e redução da mortalidade infantil. Em 1980, já com quase 1 bilhão de habitantes, o país instituiu a política do filho único, visando conter a explosão demográfica. A partir dos anos 2000, iniciou-se uma desaceleração do crescimento populacional. A taxa de fecundidade caiu rapidamente e hoje está entre as mais baixas do mundo. A população chinesa deve atingir seu pico por volta de 2030 e começar a decrescer.

Esse cenário traz desafios como o envelhecimento acelerado da população, o aumento da demanda por serviços de saúde e previdência, além de impactos no mercado de trabalho e na produtividade econômica. Em contrapartida, o país investe em urbanização, tecnologia e qualificação da força de trabalho como estratégias para lidar com a transição demográfica. A trajetória demográfica chinesa é exemplo de intervenção estatal intensa e planejamento populacional rígido.



2.3. INDONÉSIA



Área territorial: 1.904.569 km²

População estimada (2025): 282.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 148 hab./km²

Taxa de natalidade: 17,2‰

Taxa de mortalidade: 6,6‰

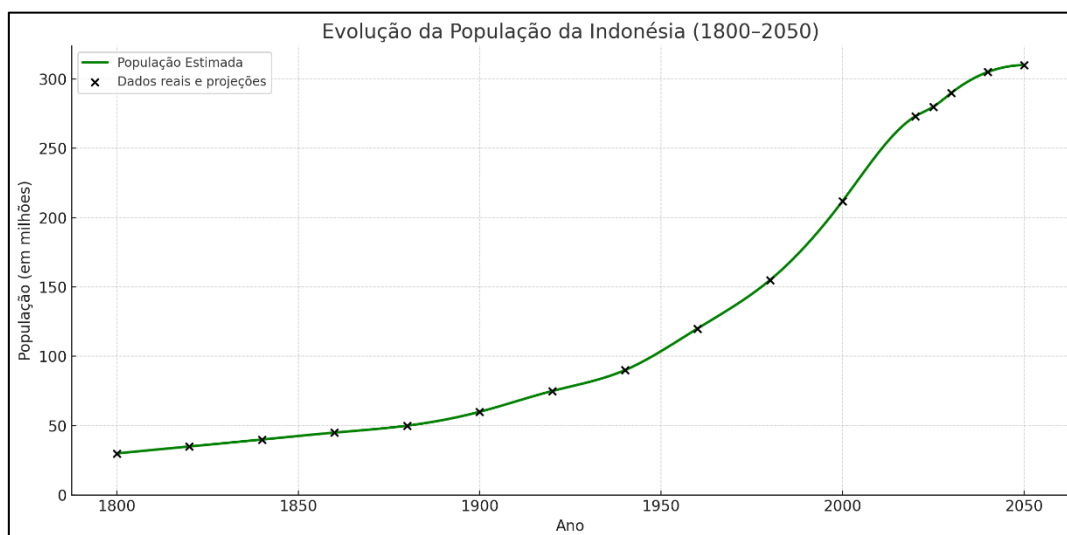
Expectativa de vida: 72,8 anos

Taxa de fertilidade: 2,1 filhos por mulher

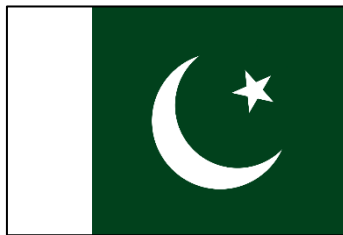
A Indonésia é o país insular mais populoso do mundo e o quarto em população total, com mais de 282 milhões de habitantes em 2025. A evolução demográfica foi marcada por forte aceleração entre 1950 e 2000, com políticas públicas voltadas à saúde, vacinação e infraestrutura básica.

A taxa de natalidade caiu significativamente nas últimas décadas graças a campanhas de planejamento familiar, sobretudo nas áreas urbanas, e à melhoria no acesso à educação, especialmente para mulheres. Atualmente, o país atinge o nível de reposição populacional, o que indica tendência futura de estabilização.

A Indonésia enfrenta o desafio de equilibrar crescimento econômico, sustentabilidade ambiental e coesão social em um país arquipelágico com grande diversidade étnica, cultural e religiosa. O bônus demográfico atual oferece uma janela de oportunidade para investimentos em educação, inovação e infraestrutura.



2.4. PAQUISTÃO



Área territorial: 881.912 km²

População estimada (2025): 240.800.000 habitantes

Densidade demográfica: 273 hab./km²

Taxa de natalidade: 26,6‰

Taxa de mortalidade: 6,9‰

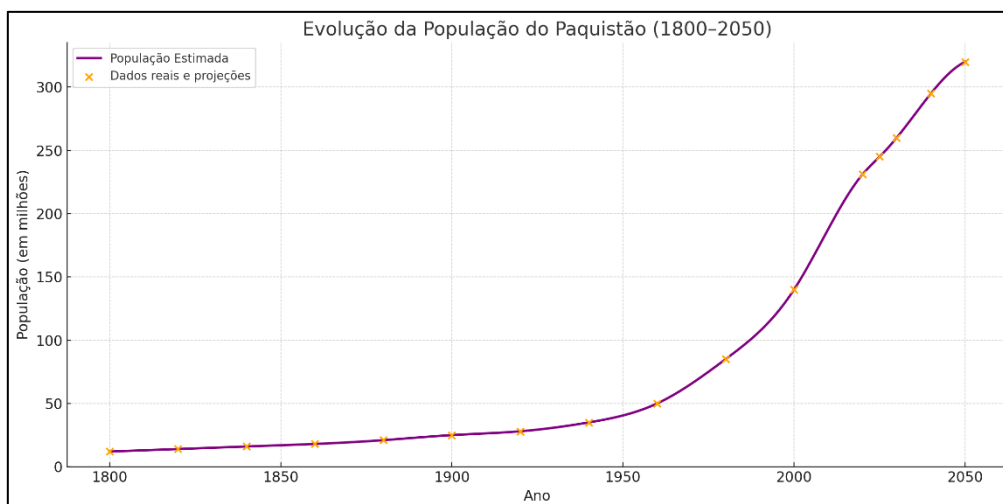
Expectativa de vida: 67,8 anos

Taxa de fertilidade: 3,3 filhos por mulher

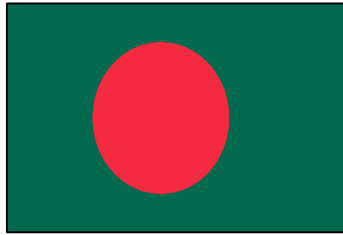
O Paquistão é um dos países que mais crescem demograficamente na Ásia, com mais de 240 milhões de habitantes em 2025. Desde 1950, sua população aumentou mais de seis vezes, impulsionada por elevadas taxas de natalidade e queda acentuada da mortalidade, especialmente infantil.

Com uma taxa de fecundidade ainda acima de 3 filhos por mulher, o país mantém uma estrutura etária bastante jovem, o que contribui para o rápido crescimento. A urbanização crescente em cidades como Karachi e Lahore também marca esse processo.

Apesar dos avanços em infraestrutura e saúde, o país enfrenta desafios graves como pobreza persistente, desigualdade de gênero, pressão sobre recursos naturais e sistemas de educação e saúde sobrecarregados. O futuro do Paquistão depende da capacidade de transformar seu “bônus demográfico” em capital humano qualificado, por meio de políticas públicas voltadas à juventude, especialmente nas áreas de educação, saúde sexual e reprodutiva e inserção produtiva.



2.5. BANGLADESH



Área territorial: 147.570 km²

População estimada (2025): 174.200.000 habitantes

Densidade demográfica: 1.180 hab./km²

Taxa de natalidade: 18,1‰

Taxa de mortalidade: 5,4‰

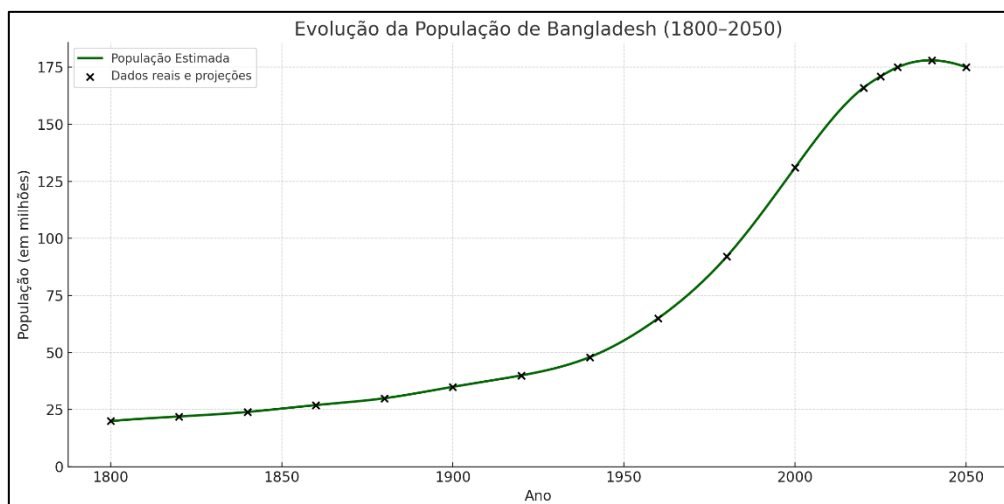
Expectativa de vida: 73,6 anos

Taxa de fertilidade: 2,0 filhos por mulher

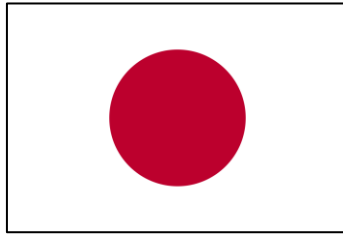
Bangladesh é um dos países mais densamente povoados do mundo desde 1950, o país experimentou um crescimento populacional vertiginoso, impulsionado pela redução da mortalidade e pelo aumento da expectativa de vida, mesmo em meio a crises políticas e naturais.

Nas últimas décadas, políticas públicas eficazes em saúde e planejamento familiar resultaram em queda significativa da taxa de fertilidade, levando o país a uma transição demográfica acelerada. A população continua crescendo, porém de forma mais lenta, e com sinais de estabilização futura. A elevada densidade demográfica impõe desafios intensos à infraestrutura, segurança alimentar, recursos hídricos e ao meio ambiente.

O futuro demográfico de Bangladesh depende da capacidade de converter sua população jovem em força produtiva por meio da expansão educacional, qualificação profissional e acesso equitativo a oportunidades. A sustentabilidade demográfica está diretamente ligada ao planejamento urbano e à adaptação às mudanças climáticas.



2.6. JAPÃO



Área territorial: 377.975 km²

População estimada (2025): 123.300.000 habitantes

Densidade demográfica: aproximadamente 326 hab./km²

Taxa de natalidade: 6,7‰

Taxa de mortalidade: 11,1‰

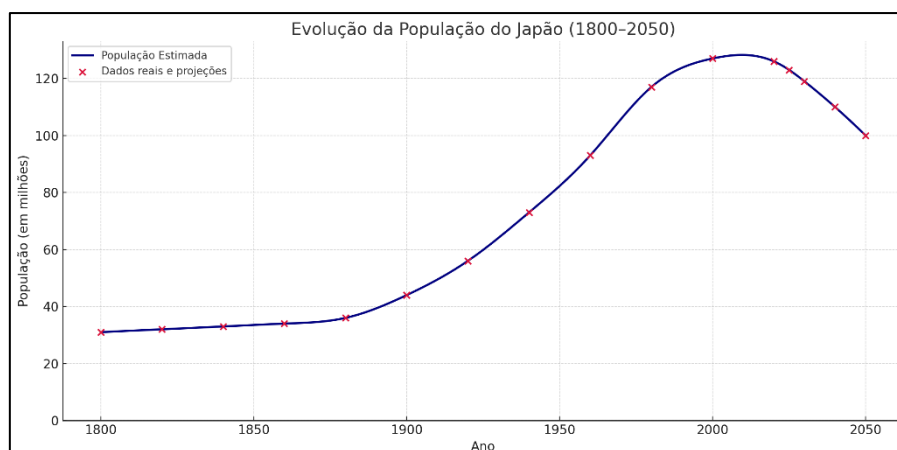
Expectativa de vida: 84,7 anos

Taxa de fertilidade: 1,3 filhos por mulher

O Japão é um dos países mais envelhecidos do mundo, com crescimento populacional já em declínio desde 2010. Após um período de crescimento acelerado até o final do século XX, sua população entrou em uma fase de decréscimo, marcada por baixíssimas taxas de natalidade e um aumento expressivo da longevidade.

Com uma taxa de fecundidade bem abaixo do nível de reposição há mais de três décadas, o Japão enfrenta um processo de envelhecimento populacional rápido e profundo. A proporção de idosos já ultrapassa 29%, gerando desafios para os sistemas de saúde, previdência e mercado de trabalho. A redução populacional vem impactando a economia, com escassez de mão de obra e retração no consumo interno. Medidas como incentivo à imigração, prolongamento da vida ativa e automatização de setores produtivos são algumas respostas adotadas pelo governo japonês.

O caso japonês é um dos exemplos mais estudados de transição demográfica avançada, servindo como referência global para análise dos impactos sociais e econômicos do declínio populacional em sociedades desenvolvidas.



2.7. FILIPINAS



Área territorial: 300.000 km²

População estimada (2025): 117.300.000 habitantes

Densidade demográfica: 391 hab./km²

Taxa de natalidade: 21,0‰

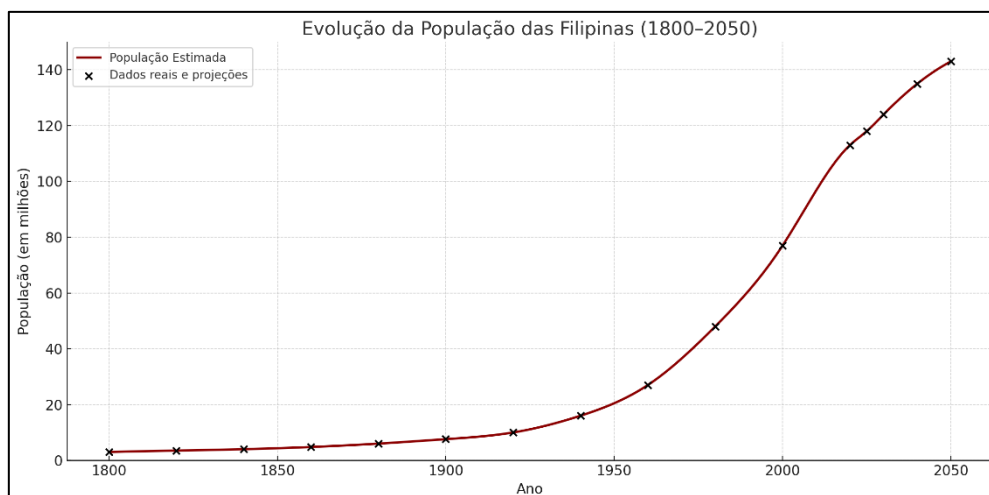
Taxa de mortalidade: 6,0‰

Expectativa de vida: 71,4 anos

Taxa de fertilidade: 2,5 filhos por mulher

As Filipinas constituem uma das nações mais populosas e com crescimento demográfico mais dinâmico do Sudeste Asiático. O país passou por um processo de urbanização e crescimento acelerado desde meados do século XX. A taxa de fecundidade tem diminuído, mas ainda se mantém acima do nível de reposição, resultando em uma estrutura etária jovem e em constante expansão. Isso representa tanto uma oportunidade quanto um desafio para o futuro econômico do país.

As regiões metropolitanas como Manila enfrentam pressão por infraestrutura, habitação e saneamento, enquanto áreas rurais ainda lidam com pobreza e acesso desigual a serviços básicos. A migração internacional também é uma característica marcante, com grande número de filipinos trabalhando no exterior e sustentando parte significativa da economia via remessas. O país deve investir em educação, capacitação e planejamento urbano sustentável para transformar seu crescimento demográfico em desenvolvimento social e econômico duradouro.



2.8. VIETNÃ



Área territorial: 331.212 km²

População estimada (2025): 99.200.000 habitantes

Densidade demográfica: 299 hab./km²

Taxa de natalidade: 15,0‰

Taxa de mortalidade: 6,4‰

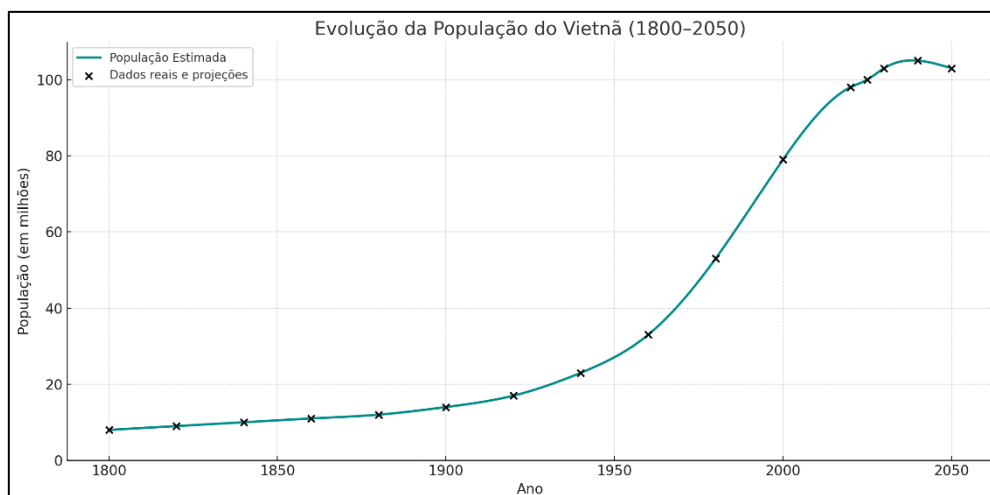
Expectativa de vida: 75,8 anos

Taxa de fertilidade: 1,9 filhos por mulher

O Vietnã apresenta uma trajetória demográfica marcada por forte crescimento no pós-Segunda Guerra Mundial, sobretudo após o fim dos conflitos internos e a reunificação do país em 1975. A população passou de cerca de 27 milhões em 1950 para mais de 97 milhões em 2020.

Nas últimas décadas, o país iniciou uma transição demográfica com queda contínua da taxa de fecundidade e controle da mortalidade, reflexo de investimentos em saúde pública, educação e saneamento. Atualmente, o crescimento populacional é moderado, com projeções de estabilização nas próximas décadas.

A estrutura etária ainda é relativamente jovem, mas o envelhecimento começa a se acentuar, exigindo adaptações nas políticas sociais e previdenciárias. A urbanização rápida impõe desafios à gestão das grandes cidades, como Hanói e Cidade de Ho Chi Minh. Com bons indicadores de desenvolvimento humano e economia em expansão, o Vietnã possui potencial para converter seu bônus demográfico em crescimento sustentável.



2.9. IRÃ



Área territorial: 1.648.195 km²

População estimada (2025): 89.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 54 hab./km²

Taxa de natalidade: 13,9‰

Taxa de mortalidade: 6,3‰

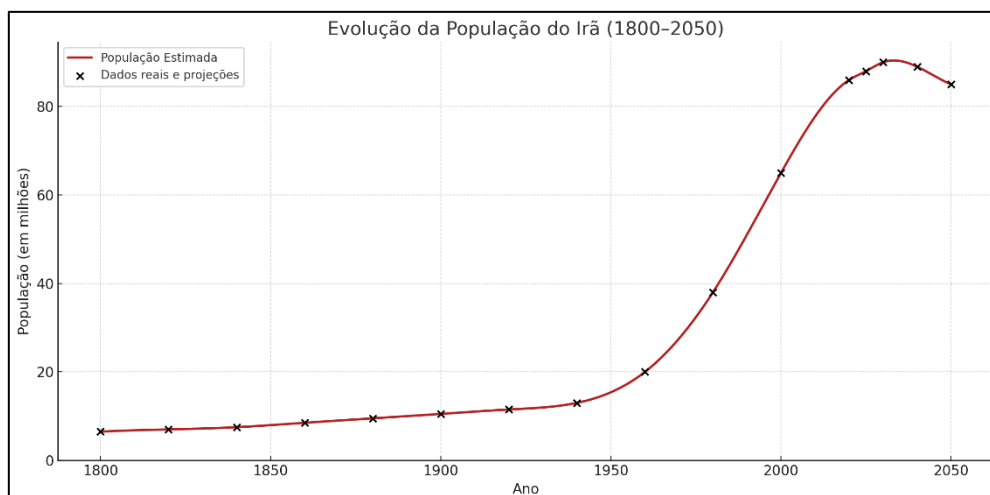
Expectativa de vida: 76,2 anos

Taxa de fertilidade: 1,7 filhos por mulher

O Irã apresenta uma trajetória demográfica singular no Oriente Médio. Após um crescimento rápido entre 1950 e 2000, o país promoveu uma das mais eficazes políticas de planejamento familiar do mundo, que resultou em forte queda da taxa de fecundidade, de mais de 6 filhos por mulher nos anos 1980 para menos de 2 nos anos 2000.

Apesar disso, a população continua em crescimento, embora em ritmo desacelerado. A estrutura etária ainda é predominantemente jovem, mas os sinais de envelhecimento já são perceptíveis e devem se intensificar nas próximas décadas.

O Irã enfrenta desafios econômicos e sociais complexos, marcados por sanções internacionais, urbanização rápida, desemprego juvenil e tensões políticas. A maioria da população vive em áreas urbanas, com destaque para Teerã. O país precisa adaptar suas políticas sociais e econômicas ao novo cenário demográfico, buscando aproveitar a janela demográfica para investir em educação, diversificação econômica e estabilidade institucional.



2.10. TAILÂNDIA



Área territorial: 513.120 km²

População estimada (2025): 66.800.000 habitantes

Densidade demográfica: 130 hab./km²

Taxa de natalidade: 10,1‰

Taxa de mortalidade: 8,2‰

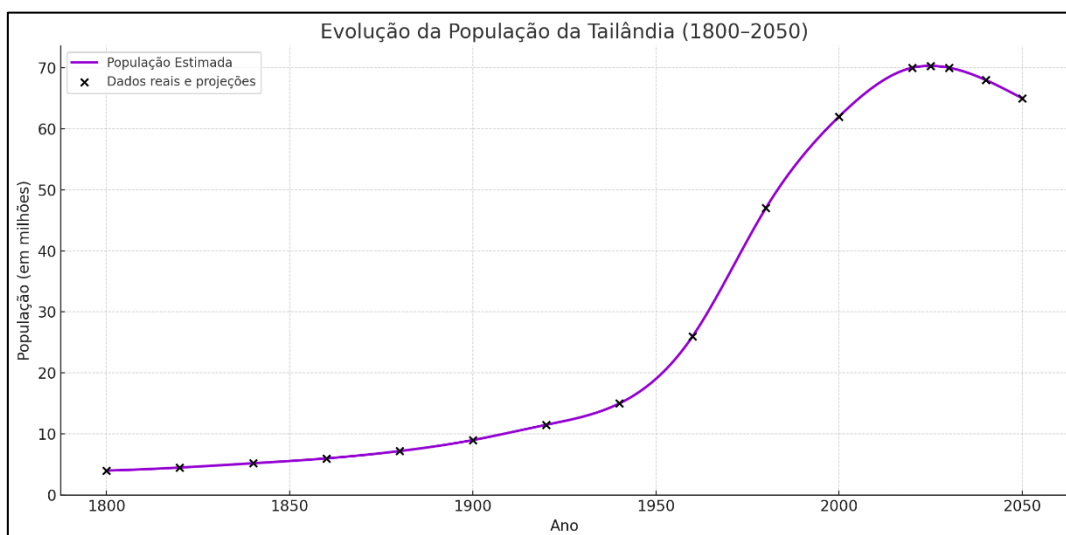
Expectativa de vida: 78,6 anos

Taxa de fertilidade: 1,3 filhos por mulher

A Tailândia passou por uma transformação demográfica significativa ao longo do século XX. Com forte crescimento até o início dos anos 2000, o país reduziu drasticamente sua taxa de natalidade a partir de programas de saúde reprodutiva e campanhas de planejamento familiar.

Atualmente, a taxa de fecundidade está abaixo do nível de reposição, o que coloca o país em uma fase de transição para o envelhecimento populacional. A população começou a se estabilizar e deve iniciar um declínio gradual a partir de 2030.

A estrutura etária da população tailandesa está envelhecendo rapidamente, o que pressiona os sistemas de saúde, previdência e mercado de trabalho. A urbanização, já bastante consolidada e o principal desafio demográfico da Tailândia é adaptar-se à nova realidade com políticas de incentivo à natalidade, imigração controlada, capacitação da força de trabalho mais velha e sustentabilidade urbana.



2.11. MYANMAR



Área territorial: 676.578 km²

População estimada (2025): 56.200.000 habitantes

Densidade demográfica: 83 hab./km²

Taxa de natalidade: 17,4‰

Taxa de mortalidade: 8,1‰

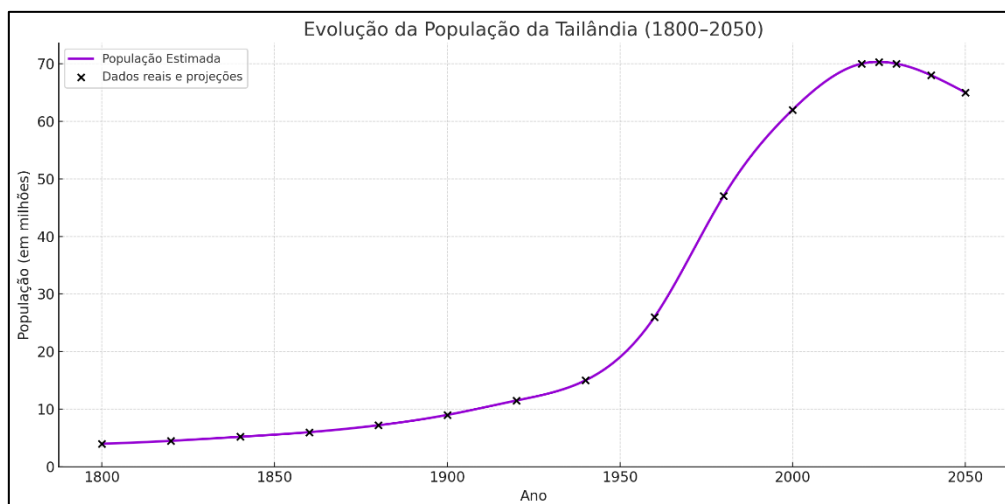
Expectativa de vida: 69,3 anos

Taxa de fertilidade: 2,1 filhos por mulher

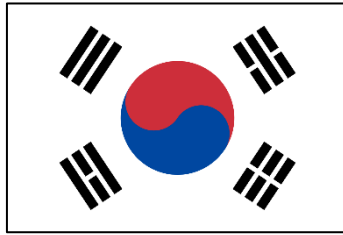
Myanmar apresenta um padrão de crescimento demográfico estável nas últimas décadas, com redução gradual da taxa de natalidade e avanços moderados em saúde e educação. O país, no entanto, vive um cenário político e social instável, marcado por conflitos étnicos, crises humanitárias e migração forçada.

A população de Myanmar continua majoritariamente rural, mas há um processo progressivo de urbanização, especialmente em torno de Yangon e Mandalay. A estrutura etária ainda é jovem, com taxa de fertilidade no limite do nível de reposição, o que indica uma fase intermediária da transição demográfica.

Os desafios incluem o fortalecimento institucional, garantia de acesso universal a serviços básicos, e promoção da paz interna como condição essencial para a transformação do crescimento populacional em desenvolvimento sustentável. Apesar das adversidades, o país possui potencial demográfico relevante, desde que acompanhado de estabilidade política e estratégias de inclusão social e planejamento territorial.



2.12. CORÉIA DO SUL



Área territorial: 100.363 km²

População estimada (2025): 51.100.000 habitantes

Densidade demográfica: 509 hab./km²

Taxa de natalidade: 5,9‰

Taxa de mortalidade: 6,6‰

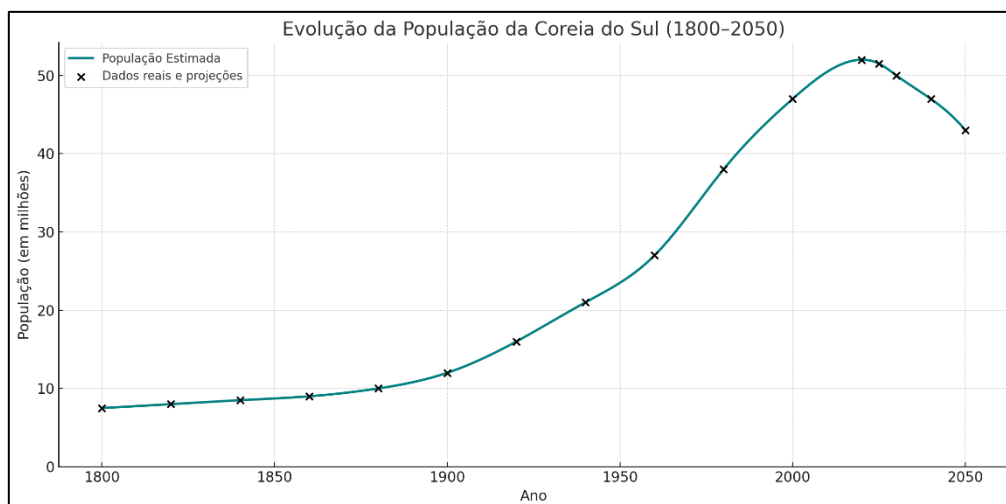
Expectativa de vida: 83,5 anos

Taxa de fertilidade: 0,8 filhos por mulher

A Coreia do Sul apresenta um dos casos mais emblemáticos de transição demográfica rápida. Após o forte crescimento nas décadas de 1950 a 1990, impulsionado pela recuperação pós-guerra e pelo desenvolvimento econômico acelerado, o país alcançou a estabilidade populacional no início dos anos 2000.

Hoje, enfrenta um cenário de declínio demográfico, com uma das mais baixas taxas de fertilidade do mundo e uma população envelhecida. Projeções indicam queda populacional com impacto direto na força de trabalho e nos sistemas de seguridade social.

A urbanização é quase total, concentrada em áreas como Seul e Busan. A elevada expectativa de vida é acompanhada de desafios como aumento da dependência econômica da população idosa e necessidade de políticas que incentivem a natalidade ou promovam imigração qualificada. A Coreia do Sul é um exemplo de sociedade desenvolvida que enfrenta os limites do crescimento populacional, exigindo soluções inovadoras para manter sua competitividade econômica e coesão social.



2.13. IRAQUE



Área territorial: 438.317 km²

População estimada (2025): 45.500.000 habitantes

Densidade demográfica: 104 hab./km²

Taxa de natalidade: 29,1‰

Taxa de mortalidade: 4,6‰

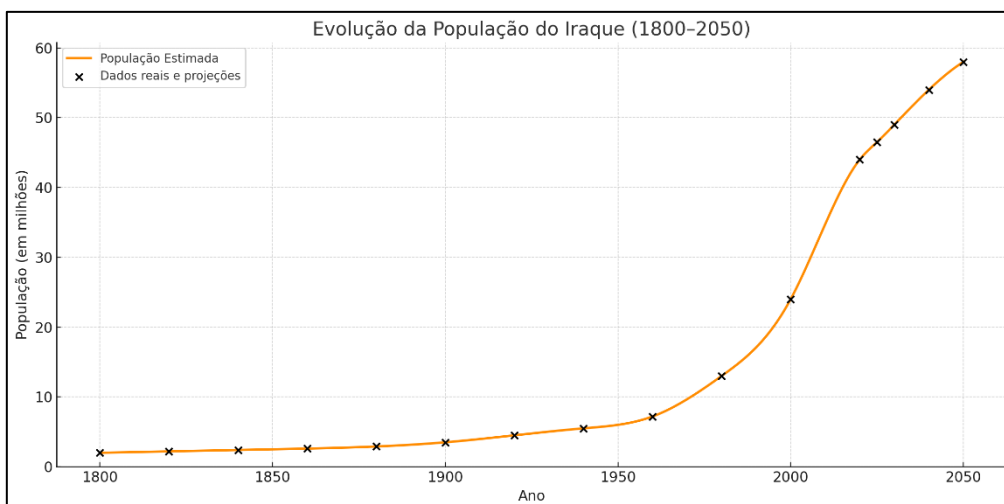
Expectativa de vida: 71,3 anos

Taxa de fertilidade: 3,5 filhos por mulher

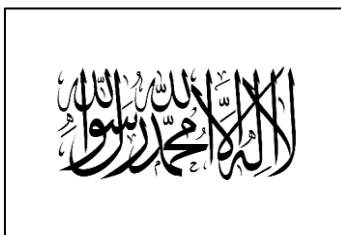
O Iraque apresenta um dos crescimentos populacionais mais acelerados do Oriente Médio. Sua população passou de cerca de 5 milhões em 1950 para mais de 45 milhões em 2025, com projeções que apontam para 55 milhões em 2040. Esse avanço é impulsionado por elevadas taxas de natalidade e uma estrutura etária bastante jovem.

Apesar do contexto de instabilidade política, guerras e crises humanitárias nas últimas décadas, a taxa de fecundidade permanece alta, o que mantém o crescimento demográfico. O país ainda enfrenta desafios significativos em saúde, educação e infraestrutura básica. A maioria da população vive em centros urbanos como Bagdá, Basra e Mossul, onde a pressão por serviços públicos e moradia é intensa. A migração interna e o deslocamento forçado também moldam a geografia demográfica do país.

Para o futuro, o Iraque necessita de investimentos sólidos em políticas públicas, reconstrução institucional e planejamento populacional, de modo a converter seu potencial humano em base para o desenvolvimento sustentável e a estabilidade regional.



2.14. AFEGANISTÃO



Área territorial: 652.230 km²

População estimada (2025): 43.100.000 habitantes

Densidade demográfica: 66 hab./km²

Taxa de natalidade: 30,3‰

Taxa de mortalidade: 6,2‰

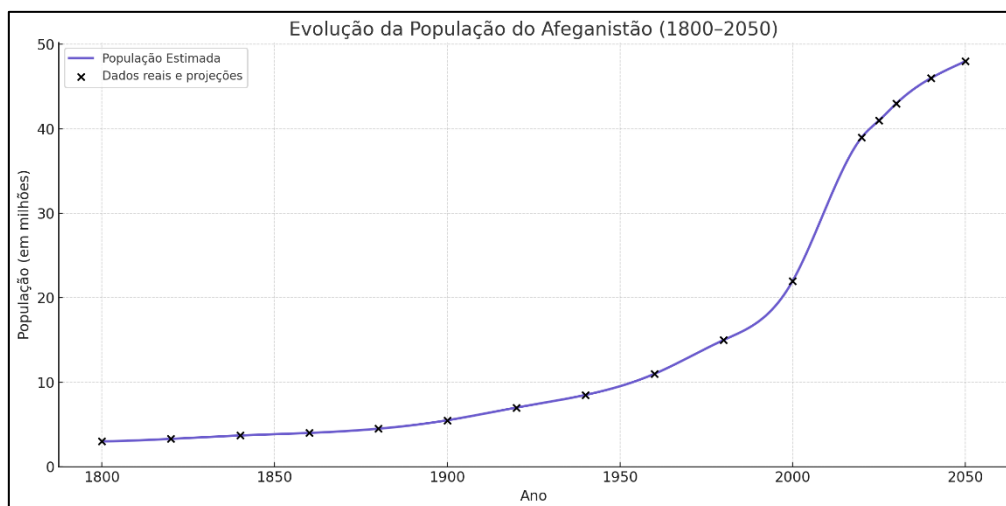
Expectativa de vida: 64,6 anos

Taxa de fertilidade: 4,4 filhos por mulher

O Afeganistão possui uma das populações mais jovens e com maior taxa de crescimento do continente asiático. Projeções indicam crescimento contínuo até meados do século, impulsionado por altas taxas de natalidade e fecundidade.

Apesar dos conflitos armados crônicos, crises humanitárias e instabilidade política, a população segue crescendo rapidamente, com uma estrutura etária predominantemente infantil e adolescente. A urbanização ainda é limitada, com muitas comunidades vivendo em áreas rurais e isoladas. Os desafios demográficos do país são acentuados por baixos indicadores de desenvolvimento humano: acesso precário à saúde, baixa escolaridade, pobreza e alta taxa de mortalidade materno-infantil.

Para o Afeganistão, o crescimento populacional representa tanto um potencial quanto um risco. O futuro dependerá da pacificação do território, da ampliação do acesso à educação básica e da consolidação de políticas públicas voltadas ao planejamento familiar e à equidade de gênero.



2.15. ARÁBIA SAUDITA



Área territorial: 2.149.690 km²

População estimada (2025): 37.800.000 habitantes

Densidade demográfica: 18 hab./km²

Taxa de natalidade: 18,5‰

Taxa de mortalidade: 3,5‰

Expectativa de vida: 76,9 anos

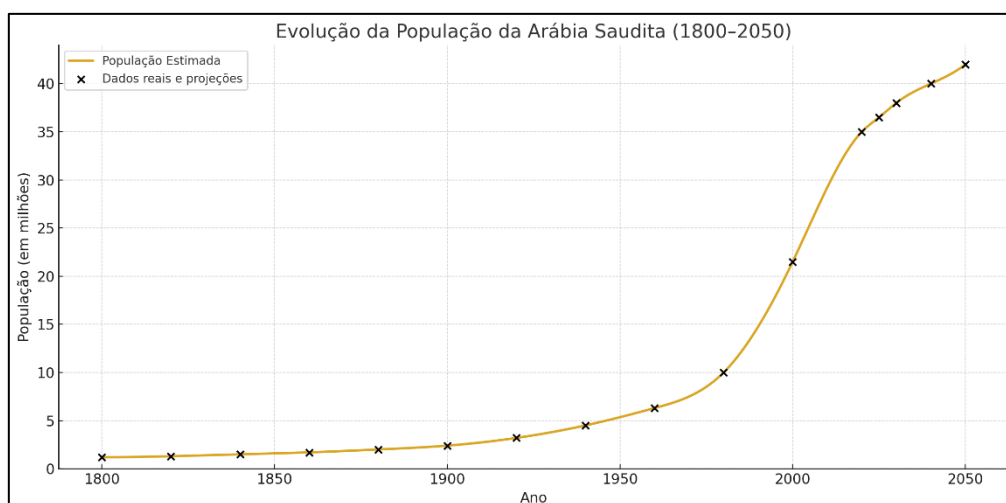
Taxa de fertilidade: 2,3 filhos por mulher

A Arábia Saudita passou por uma transformação demográfica impressionante ao longo do século XX, associada à exploração de petróleo e à rápida modernização do país. A população saltou de cerca de 3 milhões em 1950 para mais de 35 milhões em 2020, com projeções que indicam continuidade no crescimento, porém em ritmo mais moderado.

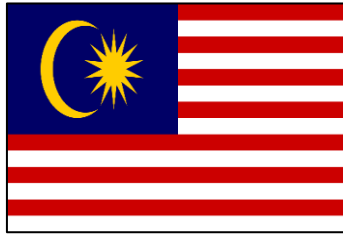
Com uma das maiores proporções de população migrante do mundo, boa parte da mão de obra nas cidades sauditas é composta por estrangeiros, especialmente em setores da construção civil e serviços.

A taxa de fecundidade vem caindo nas últimas décadas, reflexo do acesso ampliado à educação e saúde, e da inserção progressiva das mulheres no mercado de trabalho. Ainda assim, o país mantém um crescimento natural positivo e uma estrutura etária jovem.

A Arábia Saudita busca diversificar sua economia com o plano "Visão 2030", reduzindo a dependência do petróleo. A gestão eficiente de sua dinâmica populacional será essencial para equilibrar crescimento urbano, sustentabilidade e inserção social.



2.16. MALÁSIA



Área territorial: 330.803 km²

População estimada (2025): 34.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 103 hab./km²

Taxa de natalidade: 15,3‰

Taxa de mortalidade: 5,1‰

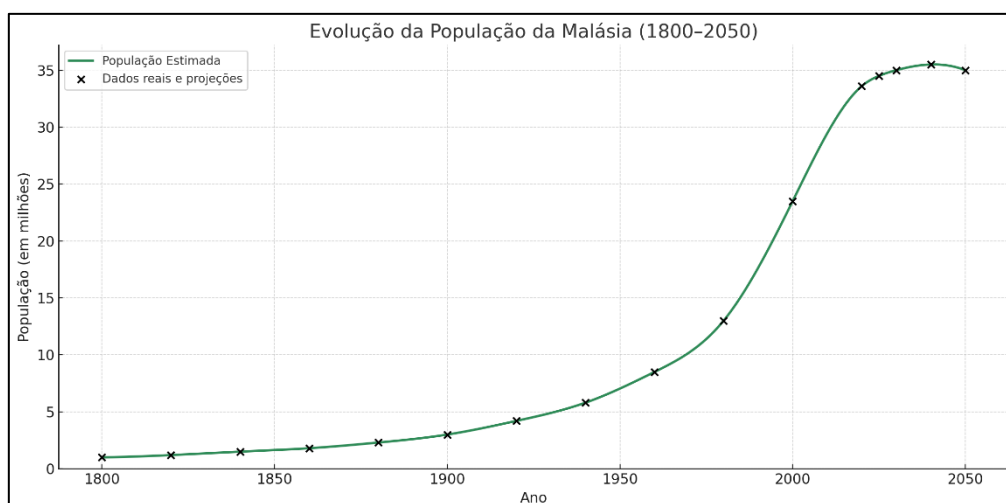
Expectativa de vida: 76,5 anos

Taxa de fertilidade: 1,9 filhos por mulher

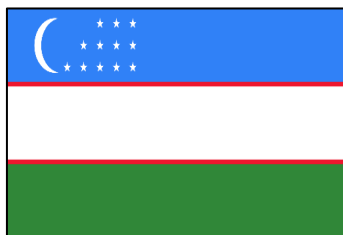
A Malásia apresenta uma trajetória demográfica de crescimento contínuo e equilibrado nas últimas décadas, resultado da modernização econômica, expansão da educação e melhorias significativas nos indicadores de saúde pública.

Entre 1950 e 2020, sua população passou de menos de 5 milhões para mais de 32 milhões de habitantes, refletindo um processo de urbanização acelerado e estabilidade política. Cidades como Kuala Lumpur, Johor Bahru e George Town são polos econômicos que atraem fluxos migratórios internos e externos.

A taxa de fecundidade está em queda e já se encontra próxima ao nível de reposição, o que indica uma possível desaceleração futura do crescimento. A estrutura etária ainda é jovem, mas com sinais iniciais de envelhecimento da população. A diversidade étnica e religiosa influencia diretamente a dinâmica demográfica e as políticas públicas do país, exigindo equilíbrio entre crescimento econômico, coesão social e sustentabilidade ambiental.



2.17. UZBEQUISTÃO



Área territorial: 447.400 km²

População estimada (2025): 36.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 80 hab./km²

Taxa de natalidade: 23,5‰

Taxa de mortalidade: 5,1‰

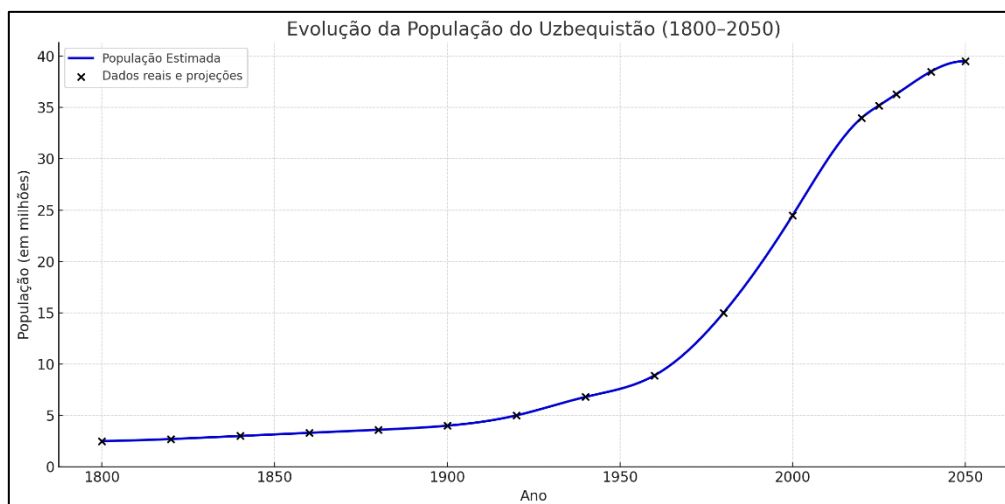
Expectativa de vida: 72,4 anos

Taxa de fertilidade: 2,7 filhos por mulher

O Uzbequistão é o país mais populoso da Ásia Central e projeções indicam crescimento contínuo até 2040. O país apresenta uma estrutura etária jovem e elevadas taxas de natalidade, o que contribui para um crescimento natural acentuado.

Desde a independência da União Soviética em 1991, o país passou por transformações econômicas e sociais, com avanços em educação, infraestrutura urbana e saúde pública, mas ainda existem desafios relacionados à desigualdade regional e à migração laboral.

A maioria da população vive em áreas rurais, mas a urbanização vem se intensificando, especialmente em torno da capital, Tashkent. A taxa de fertilidade, embora em declínio, ainda está acima do nível de reposição, o que garante crescimento populacional nas próximas décadas. A gestão demográfica do Uzbequistão exigirá investimentos em educação, geração de empregos e infraestrutura urbana sustentável, especialmente para aproveitar o potencial produtivo da população jovem.



2.18. IÊMEN



Área territorial: 527.968 km²

População estimada (2025): 36.300.000 habitantes

Densidade demográfica: 69 hab./km²

Taxa de natalidade: 30,7‰

Taxa de mortalidade: 5,5‰

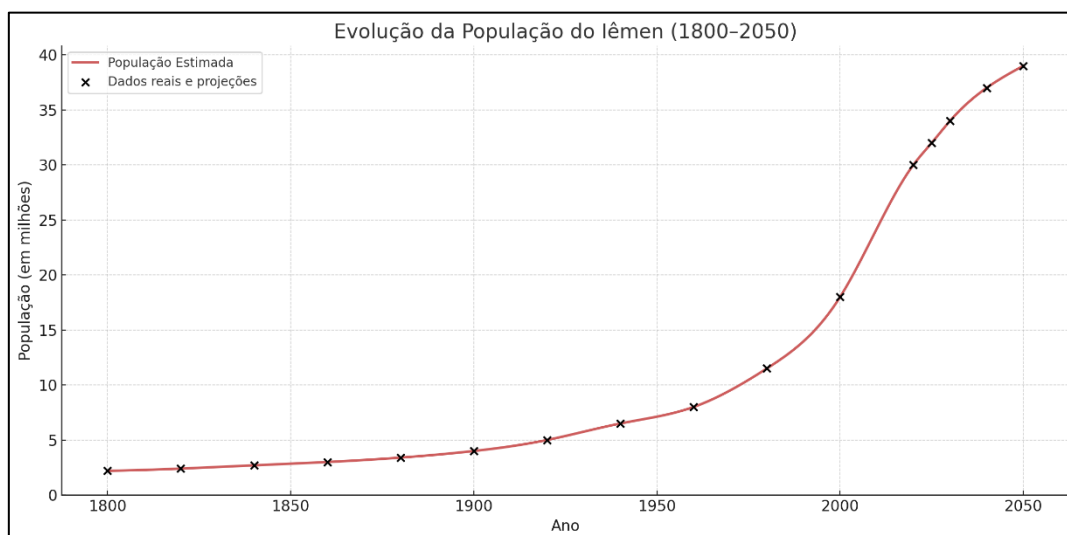
Expectativa de vida: 66,8 anos

Taxa de fertilidade: 3,9 filhos por mulher

O Iêmen possui uma das populações que mais crescem na Península Arábica, com projeções de crescimento contínuo. Esse avanço populacional é impulsionado por uma das maiores taxas de natalidade e fertilidade do mundo, refletindo a predominância de uma estrutura familiar tradicional e acesso limitado ao planejamento familiar.

Apesar desse crescimento, o país enfrenta desafios severos: conflitos armados persistentes, instabilidade política, pobreza extrema e crises humanitárias que afetam drasticamente a qualidade de vida da população.

A expectativa de vida é relativamente baixa e os serviços de saúde e educação são bastante precários, sobretudo nas áreas rurais e nas zonas de conflito. A urbanização, embora em expansão, é desorganizada e insuficiente para absorver o rápido crescimento populacional. A gestão da demografia no Iêmen está diretamente condicionada à superação de seus conflitos e à reconstrução institucional



2.19. NEPAL



Área territorial: 147.516 km²

População estimada (2025): 31.400.000 habitantes

Densidade demográfica: 213 hab./km²

Taxa de natalidade: 19,1‰

Taxa de mortalidade: 5,8‰

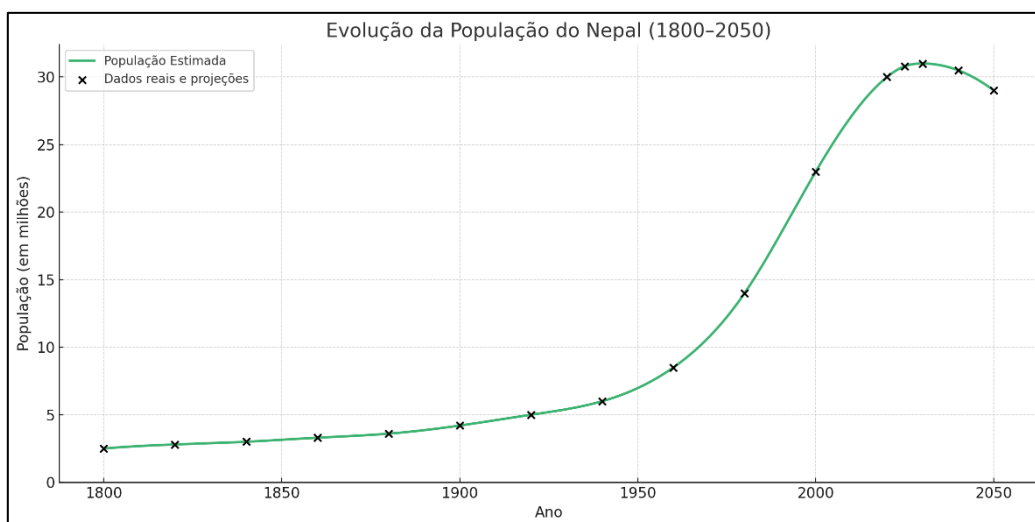
Expectativa de vida: 71,6 anos

Taxa de fertilidade: 2,0 filhos por mulher

O Nepal apresenta uma trajetória demográfica de crescimento constante, embora moderado, nas últimas décadas. O país tem avançado em saúde pública, educação e infraestrutura básica, fatores que contribuíram para a queda da taxa de natalidade e o aumento da expectativa de vida.

A taxa de fertilidade caiu de forma significativa desde os anos 1990, atingindo atualmente o nível de reposição. A população ainda mantém uma estrutura jovem, mas com indícios de transição para o envelhecimento gradual. Boa parte dos habitantes vive em áreas rurais e montanhosas, o que impõe dificuldades logísticas à prestação de serviços públicos. A urbanização está em expansão, com destaque para a capital Katmandu, que enfrenta problemas típicos de crescimento desordenado.

A migração internacional, especialmente para o Oriente Médio e Índia, é um fenômeno relevante, com grande impacto econômico por meio das remessas enviadas por trabalhadores nepaleses.



2.20. CORÉIA DO NORTE



Área territorial: 120.538 km²

População estimada (2025): 25.600.000 habitantes

Densidade demográfica: 212 hab./km²

Taxa de natalidade: 13,6‰

Taxa de mortalidade: 9,1‰

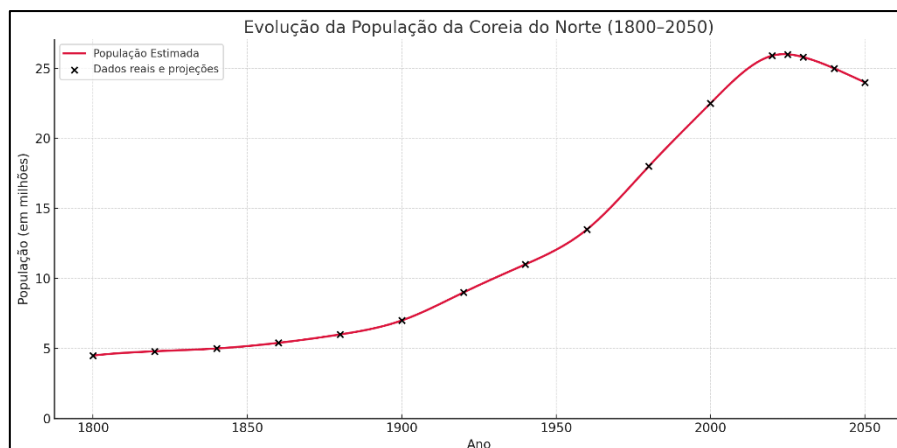
Expectativa de vida: 72,1 anos

Taxa de fertilidade: 1,9 filhos por mulher

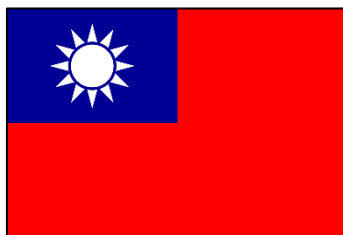
A Coreia do Norte apresenta uma evolução populacional relativamente estável desde a década de 2000, com um crescimento natural moderado e uma estrutura etária em transição, tem uma taxa de fecundidade próxima ao nível de reposição.

Apesar de avanços em saúde básica e educação universal, o país enfrenta desafios graves devido ao isolamento político, à escassez de alimentos e à precariedade econômica. As estatísticas oficiais são limitadas, o que dificulta a análise detalhada de alguns indicadores sociais e demográficos.

A urbanização é concentrada em poucas cidades, como Pyongyang, enquanto vastas áreas rurais enfrentam restrições de infraestrutura e acesso a serviços públicos. O envelhecimento da população tende a se acentuar nas próximas décadas, sem perspectivas claras de renovação migratória ou crescimento significativo. A dinâmica populacional da Coreia do Norte está fortemente condicionada às decisões políticas e ao contexto geopolítico internacional, o que torna seu planejamento demográfico dependente de fatores externos e internos complexos.



2.21. TAIWAN



Área territorial: 36.193 km²

População estimada (2025): 23.100.000 habitantes

Densidade demográfica: 638 hab./km²

Taxa de natalidade: 7,3‰

Taxa de mortalidade: 8,4‰

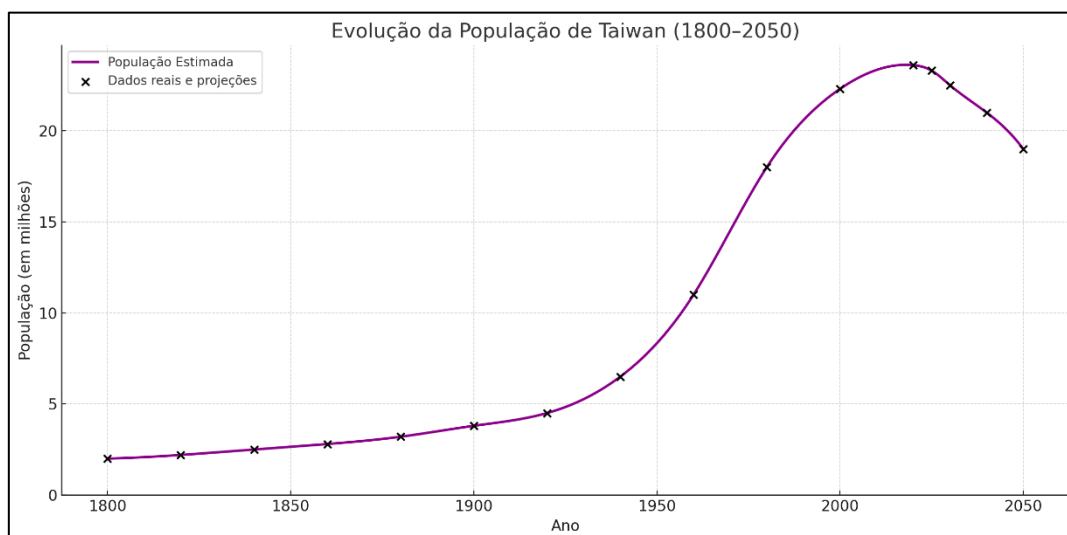
Expectativa de vida: 81,3 anos

Taxa de fertilidade: 1,1 filhos por mulher

Taiwan passou por um rápido crescimento populacional ao longo do século XX, especialmente entre 1950 e 2000, impulsionado pelo desenvolvimento econômico, urbanização intensa e avanços na saúde e na educação. A população alcançou o pico em torno de 2020 e agora inicia um processo de declínio demográfico.

Com uma das menores taxas de fecundidade do mundo o país enfrenta desafios significativos ligados ao envelhecimento acelerado da população. A taxa de natalidade está em queda há décadas, e o número de óbitos já ultrapassa o de nascimentos.

A alta densidade demográfica e a urbanização concentrada nas cidades de Taipei, Taichung e Kaohsiung exigem planejamento urbano sustentável e políticas voltadas ao bem-estar da população idosa. Taiwan terá de investir em políticas que estimulem a natalidade, flexibilizem a imigração e reformem os sistemas de previdência e saúde, sob o risco de enfrentar retração populacional e escassez de mão de obra em médio prazo.



2.22. SRI LANKA



Área territorial: 65.610 km²

População estimada (2025): 22.200.000 habitantes

Densidade demográfica: 338 hab./km²

Taxa de natalidade: 13,2‰

Taxa de mortalidade: 7,4‰

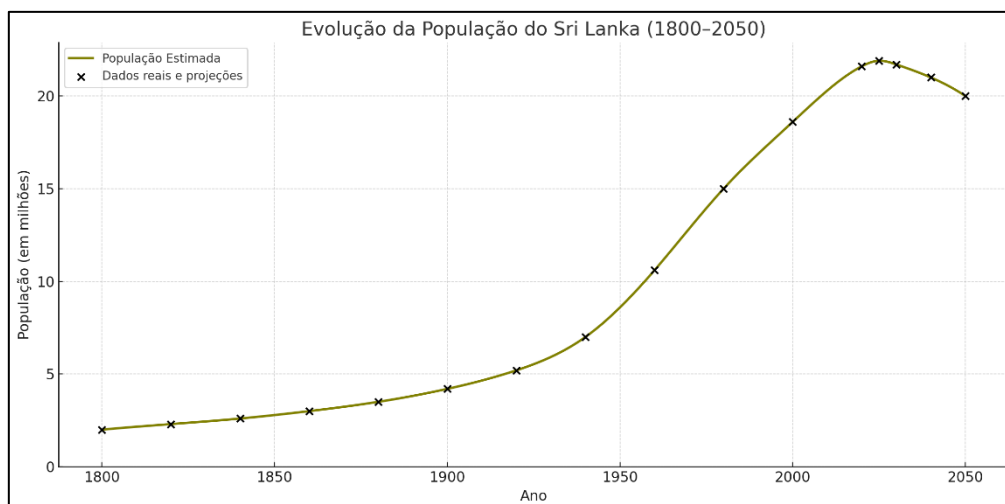
Expectativa de vida: 77,1 anos

Taxa de fertilidade: 2,0 filhos por mulher

Sri Lanka apresenta uma trajetória demográfica estável, com crescimento moderado ao longo do século XX e início de estabilização populacional nas últimas décadas. Com mais de 22 milhões de habitantes o país registra bons indicadores de saúde e educação para os padrões do sul da Ásia.

A taxa de fertilidade está no nível de reposição, e a expectativa de vida é uma das mais altas da região. Isso sinaliza o início de uma transição demográfica mais avançada, com tendência de envelhecimento da população nas próximas décadas.

A urbanização é progressiva, com destaque para a capital Colombo, que concentra atividades econômicas, infraestrutura e serviços. Contudo, áreas rurais ainda enfrentam desafios relacionados à pobreza e acesso desigual a oportunidades. Sri Lanka deverá investir em políticas públicas voltadas à juventude, inclusão produtiva e previdência social para garantir um desenvolvimento sustentável em meio ao envelhecimento populacional e às transformações econômicas pós-conflito.



2.23. CAZAQUISTÃO



Área territorial: 2.724.900 km²

População estimada (2025): 19.900.000 habitantes

Densidade demográfica: 7 hab./km²

Taxa de natalidade: 21,1‰

Taxa de mortalidade: 7,2‰

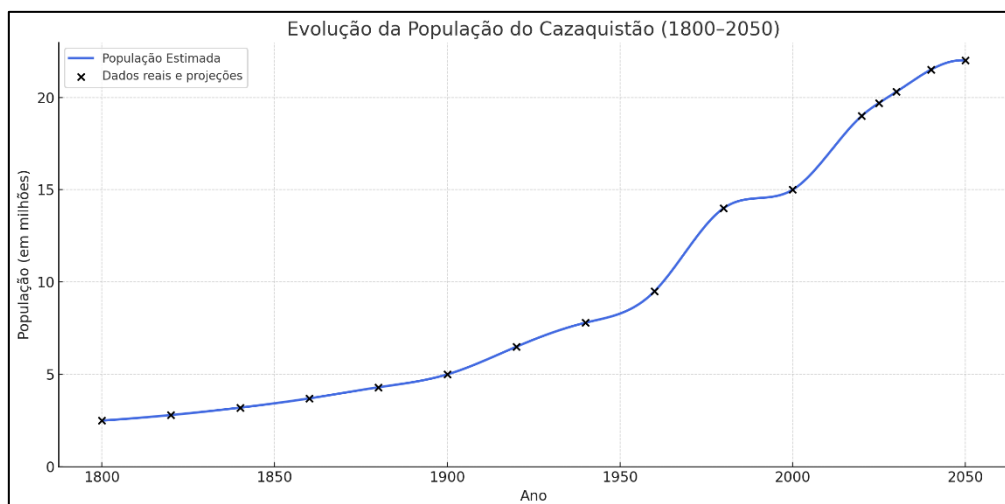
Expectativa de vida: 71,5 anos

Taxa de fertilidade: 2,8 filhos por mulher

O Cazaquistão, maior país da Ásia Central em extensão territorial, combina baixa densidade populacional com crescimento demográfico moderado. Com quase 20 milhões de habitantes o país apresenta uma população relativamente jovem, taxas de natalidade elevadas e expectativa de vida crescente.

Após a dissolução da União Soviética, o país enfrentou uma estagnação populacional e fluxo migratório negativo. Nas últimas décadas, porém, vem registrando recuperação demográfica, especialmente nas áreas urbanas como Almaty e Astana.

Com forte presença de grupos étnicos diversos, o Cazaquistão adota políticas de integração nacional e desenvolvimento regional equilibrado. A urbanização avança com investimentos em infraestrutura e modernização econômica, impulsionada pelas receitas de petróleo, gás e mineração. Desafios importantes incluem a oferta de serviços públicos em regiões remotas, a retenção de jovens qualificados e a diversificação da economia para reduzir a dependência de recursos naturais.



2.24. SÍRIA



Área territorial: 185.180 km²

População estimada (2025): 24.400.000 habitantes

Densidade demográfica: 132 hab./km²

Taxa de natalidade: 21,8‰

Taxa de mortalidade: 4,7‰

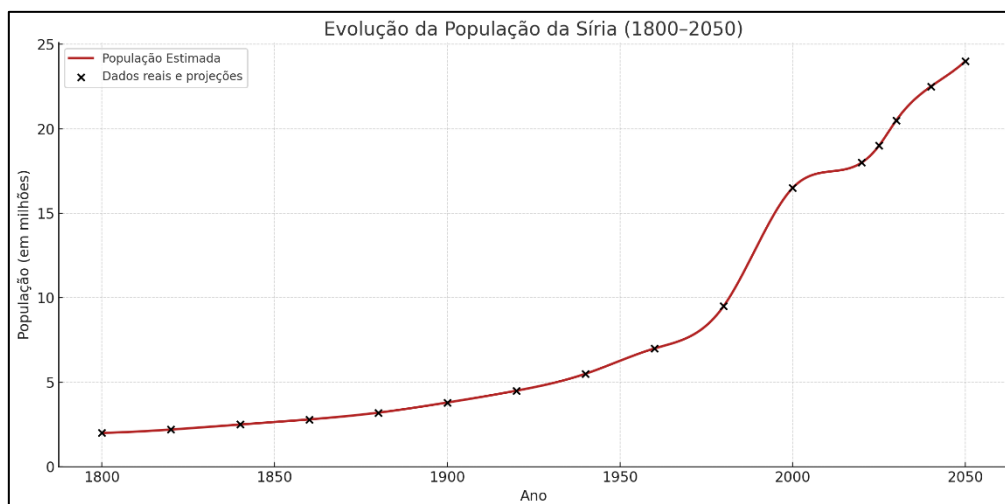
Expectativa de vida: 70,4 anos

Taxa de fertilidade: 2,7 filhos por mulher

A Síria apresenta uma evolução populacional marcada por crescimento acentuado durante o século XX e por forte impacto nas últimas décadas devido à guerra civil iniciada em 2011. Apesar dos conflitos, a população em 2025 está estimada em 24,4 milhões, incluindo refugiados internos e externos.

A taxa de natalidade permanece elevada, impulsionada por uma estrutura etária jovem e por fatores culturais, especialmente em áreas rurais. No entanto, o crescimento demográfico é irregular, afetado por migrações forçadas, destruição de infraestrutura e limitações ao acesso à saúde e educação.

A urbanização foi fortemente impactada pelo conflito, com cidades como Aleppo e Homs sofrendo grandes danos. Damasco ainda concentra população e serviços, mas o desequilíbrio regional aumentou com o êxodo de milhões de sírios para países vizinhos e para a Europa. A reconstrução demográfica da Síria dependerá da estabilização política, do retorno seguro de refugiados e da reconstrução econômica e institucional.



2.25. CAMBOJA



Área territorial: 181.035 km²

População estimada (2025): 17.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 94 hab./km²

Taxa de natalidade: 20,9‰

Taxa de mortalidade: 7,2‰

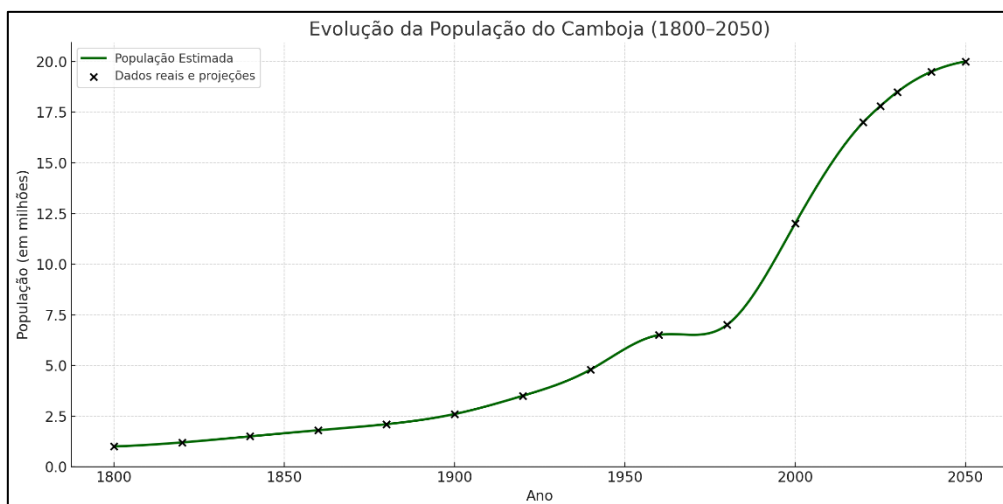
Expectativa de vida: 71,5 anos

Taxa de fertilidade: 2,3 filhos por mulher

O Camboja apresenta uma trajetória populacional de recuperação e crescimento contínuo, marcada por fortes rupturas históricas. Após o genocídio promovido pelo regime do Khmer Vermelho (1975–1979), o país perdeu cerca de um quarto de sua população. Desde então, tem experimentado crescimento sustentado, com melhorias nos indicadores de saúde e educação.

A taxa de natalidade permanece relativamente alta, e a estrutura etária é jovem, com grande proporção da população abaixo dos 30 anos. A taxa de fertilidade tem caído lentamente, refletindo mudanças no padrão reprodutivo, urbanização e maior acesso a métodos contraceptivos.

A maioria da população vive em áreas rurais, mas a urbanização tem avançado, especialmente na capital Phnom Penh, que se moderniza rapidamente. No entanto, ainda existem disparidades significativas entre as zonas urbanas e rurais em termos de renda, escolaridade e infraestrutura.



2.26. JORDÂNIA



Área territorial: 89.342 km²

População estimada (2025): 11.800.000 habitantes

Densidade demográfica: 132 hab./km²

Taxa de natalidade: 22,3‰

Taxa de mortalidade: 4,3‰

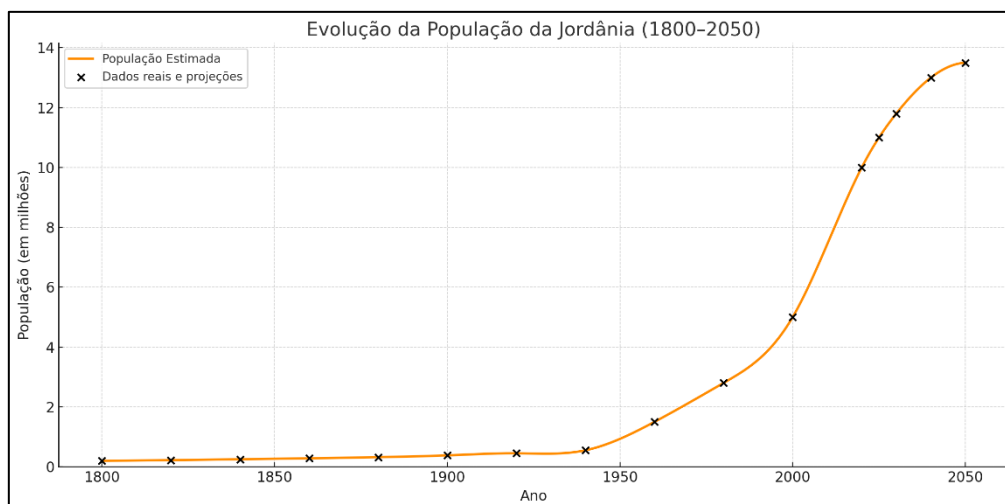
Expectativa de vida: 75,9 anos

Taxa de fertilidade: 2,6 filhos por mulher

A Jordânia tem vivenciado um crescimento populacional acelerado, especialmente a partir da segunda metade do século XX, impulsionado tanto pelo aumento natural quanto pela migração de refugiados. Atualmente, o país mantém uma estrutura etária jovem.

Com elevadas taxas de natalidade e fertilidade ainda acima do nível de reposição, a Jordânia enfrenta o desafio de ampliar sua infraestrutura urbana, educacional e de saúde, especialmente diante da sobrecarga causada pela recepção de milhões de refugiados, notadamente da Palestina, Síria e Iraque.

A urbanização é crescente, com forte concentração populacional na capital Amã, que demanda constantes investimentos em mobilidade, habitação e saneamento. Apesar dos avanços sociais e econômicos, o desemprego juvenil e a pressão sobre os recursos naturais são preocupações centrais. O futuro demográfico da Jordânia dependerá da sua capacidade de integrar políticas migratórias, expansão da educação e do emprego, além de garantir a sustentabilidade dos serviços.



2.27. AZERBAIJÃO



Área territorial: 86.600 km²

População estimada (2025): 10.300.000 habitantes

Densidade demográfica: 119 hab./km²

Taxa de natalidade: 13,8‰

Taxa de mortalidade: 6,1‰

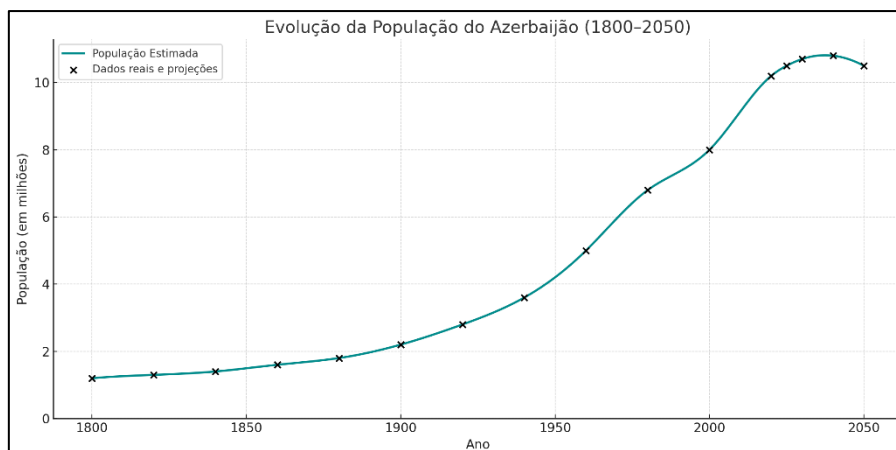
Expectativa de vida: 72,3 anos

Taxa de fertilidade: 1,9 filhos por mulher

O Azerbaijão tem apresentado crescimento demográfico constante, especialmente após a independência da União Soviética em 1991. Com mais de 10 milhões de habitantes o país avança em direção a uma estabilização populacional, resultado da queda gradual da taxa de natalidade e do controle da mortalidade.

A maior parte da população vive em áreas urbanas, com destaque para a capital Baku, centro econômico e político do país. A estrutura etária ainda é jovem, embora sinais de envelhecimento comecem a surgir, em linha com a transição demográfica observada em muitos países do Cáucaso.

O país tem investido na modernização de sua economia, com base na exploração de petróleo e gás natural, o que favorece melhorias nos indicadores sociais. No entanto, desafios como o desemprego juvenil, a desigualdade regional e as tensões étnico-territoriais persistem. Para consolidar um crescimento sustentável, o Azerbaijão precisará investir em diversificação econômica, políticas de natalidade equilibradas e garantia de acesso equitativo aos serviços públicos.



2.28. EMIRADOS ÁRABES UNIDOS



Área territorial: 83.600 km²

População estimada (2025): 9.600.000 habitantes

Densidade demográfica: 115 hab./km²

Taxa de natalidade: 10,6‰

Taxa de mortalidade: 1,5‰

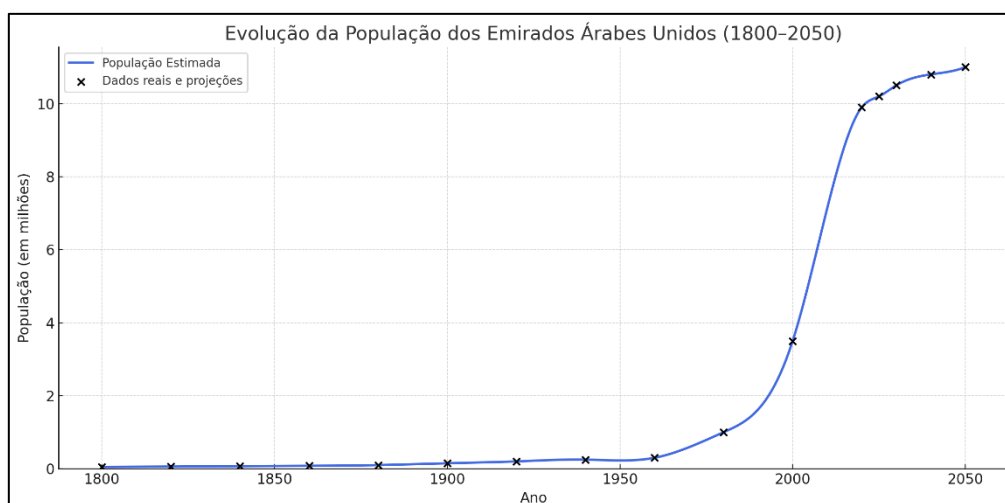
Expectativa de vida: 79,1 anos

Taxa de fertilidade: 1,4 filhos por mulher

Os Emirados Árabes Unidos apresentam um dos crescimentos populacionais mais acelerados e singulares da Ásia, fortemente impulsionado pela imigração. Com apenas 70 mil habitantes em 1950, o país ultrapassou os 9 milhões em 2020, sendo que cerca de 85% dessa população é composta por trabalhadores estrangeiros.

A urbanização é praticamente total, concentrada em cidades globais como Dubai e Abu Dhabi, que se tornaram centros econômicos e turísticos de grande relevância internacional. A elevada taxa de imigração resulta em uma estrutura etária predominantemente adulta e masculina.

A taxa de fertilidade entre a população nativa é baixa, inferior ao nível de reposição, e a taxa de natalidade geral é impactada pela reduzida proporção de mulheres na população total. A expectativa de vida tem aumentado graças aos investimentos em saúde e infraestrutura. O grande desafio está na dependência da mão de obra estrangeira e na necessidade de diversificar a economia para além do petróleo.



2.29. TADJIQUISTÃO



Área territorial: 143.100 km²

População estimada (2025): 10.600.000 habitantes

Densidade demográfica: 74 hab./km²

Taxa de natalidade: 28,3‰

Taxa de mortalidade: 5,5‰

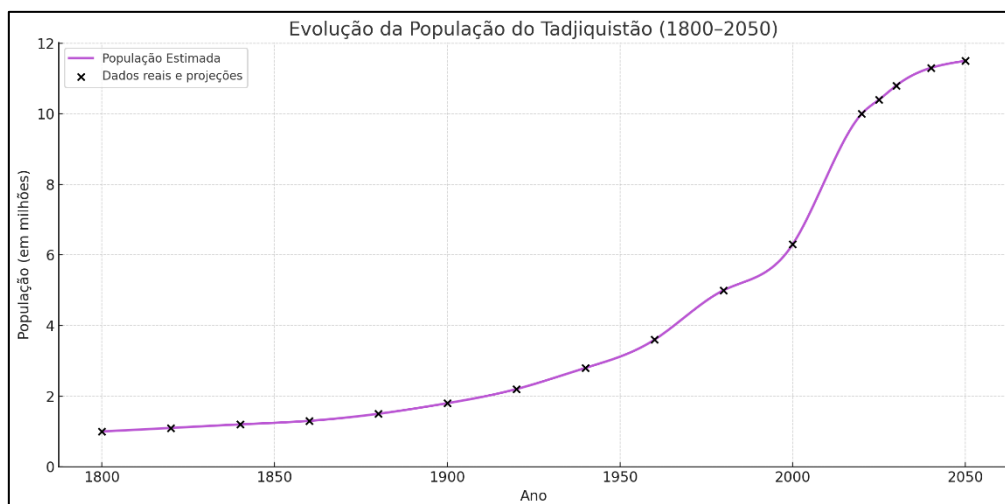
Expectativa de vida: 71,2 anos

Taxa de fertilidade: 3,5 filhos por mulher.

O Tadjiquistão é o país mais pobre e mais densamente montanhoso da Ásia Central, com um crescimento populacional constante desde o período soviético. Sua população passou de menos de 1 milhão para mais de 10 milhões em meio século, impulsionada por uma das mais altas taxas de fertilidade da região.

A estrutura etária do país é majoritariamente jovem, o que oferece potencial para crescimento econômico, mas também demanda investimentos urgentes em saúde, educação e geração de empregos. A urbanização é limitada, com grande parte da população vivendo em zonas rurais e dependente da agricultura de subsistência.

As remessas de trabalhadores migrantes especialmente na Rússia representam uma importante fonte de renda para as famílias tadjiques, o que influencia tanto a economia quanto a demografia local. Para transformar seu bônus demográfico em desenvolvimento sustentável, o Tadjiquistão precisará ampliar a infraestrutura básica, investir em qualificação da juventude e diversificar sua base econômica além da dependência externa.



2.30. ISRAEL



Área territorial: 22.145 km²

População estimada (2025): 9.900.000 habitantes

Densidade demográfica: 447 hab./km²

Taxa de natalidade: 19,4‰

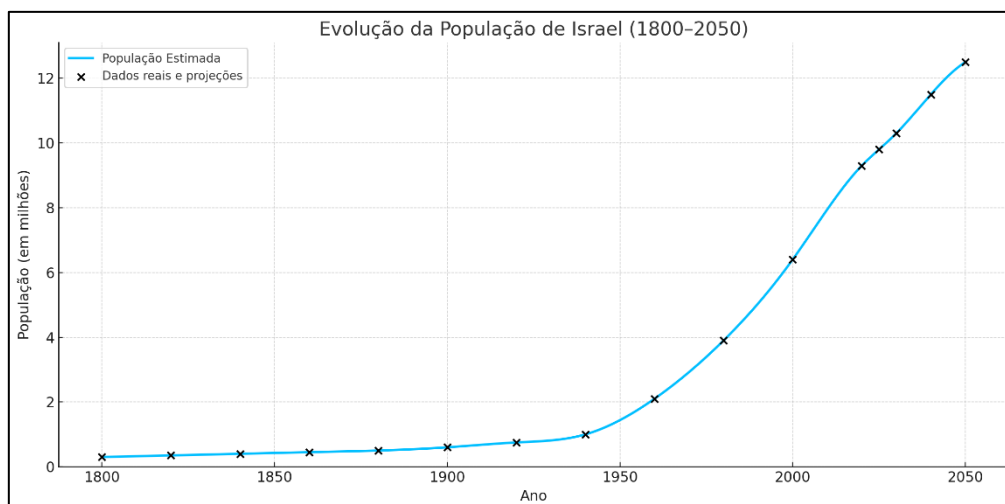
Taxa de mortalidade: 5,1‰

Expectativa de vida: 83,1 anos

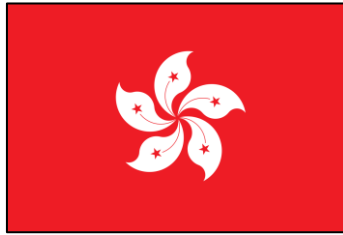
Taxa de fertilidade: 2,9 filhos por mulher

Israel apresenta uma das dinâmicas demográficas mais singulares do mundo desenvolvido. Com quase 10 milhões de habitantes o país mantém uma taxa de fertilidade elevada em relação aos padrões ocidentais, o que impulsiona o crescimento natural da população.

A imigração também teve papel decisivo na expansão populacional, especialmente após a fundação do Estado em 1948, com ondas migratórias de judeus oriundos da Europa, Oriente Médio e ex-URSS. A diversidade étnica e religiosa influencia diretamente a estrutura demográfica e as políticas públicas. Israel possui alta expectativa de vida, baixos índices de mortalidade e uma população urbana altamente concentrada, principalmente em Tel Aviv, Jerusalém e Haifa. O país combina indicadores de saúde, educação e tecnologia elevados com desafios geopolíticos e tensões sociais internas. O equilíbrio entre segurança, inclusão e desenvolvimento será fundamental para a gestão demográfica do país nas próximas décadas.



2.31. HONG KONG



Área territorial: 1.106 km²

População estimada (2025): 7.400.000 habitantes

Densidade demográfica: 6.692 hab./km²

Taxa de natalidade: 6,6‰

Taxa de mortalidade: 6,9‰

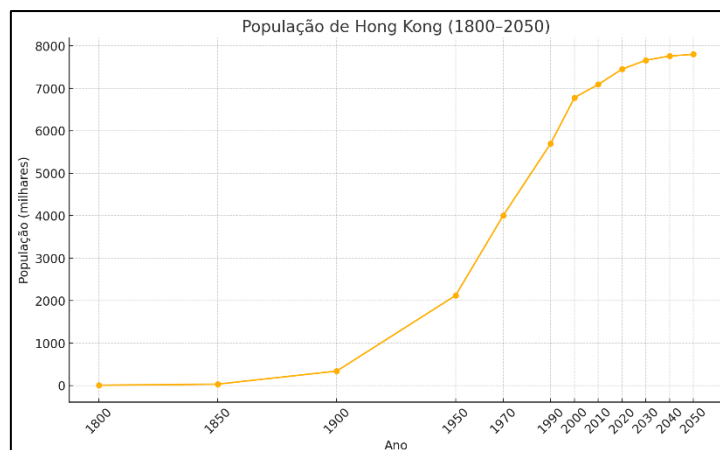
Expectativa de vida: 85,5 anos (uma das mais altas do mundo)

Taxa de fertilidade: 0,9 filhos por mulher

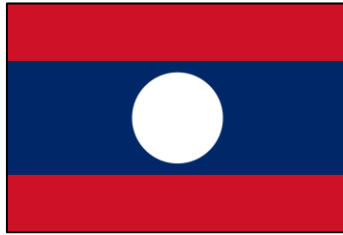
Hong Kong é uma das regiões mais densamente povoadas do planeta, desde o século XX, a cidade passou por uma explosão populacional, impulsionada por migrações, crescimento econômico e estabilidade política sob o domínio britânico e, posteriormente, como região administrativa especial da China.

Atualmente, Hong Kong enfrenta um processo de envelhecimento populacional acentuado, com baixíssimas taxas de fertilidade e um número crescente de idosos. A expectativa de vida é uma das maiores do mundo, reflexo da qualidade dos serviços de saúde, saneamento e padrão de vida.

O crescimento populacional desacelerou e já apresenta sinais de declínio, resultado também da emigração crescente em meio a mudanças políticas e restrições de liberdades civis. A urbanização é total e verticalizada, com desafios relacionados à habitação, mobilidade e sustentabilidade urbana. O futuro demográfico de Hong Kong dependerá da capacidade de adaptação às mudanças sociais e políticas, bem como do estímulo à natalidade e retenção de talentos jovens em um ambiente de alta competitividade.



2.32. LAOS



Área territorial: 236.800 km²

População estimada (2025): 7.700.000 habitantes

Densidade demográfica: 32 hab./km²

Taxa de natalidade: 22,1‰

Taxa de mortalidade: 5,9‰

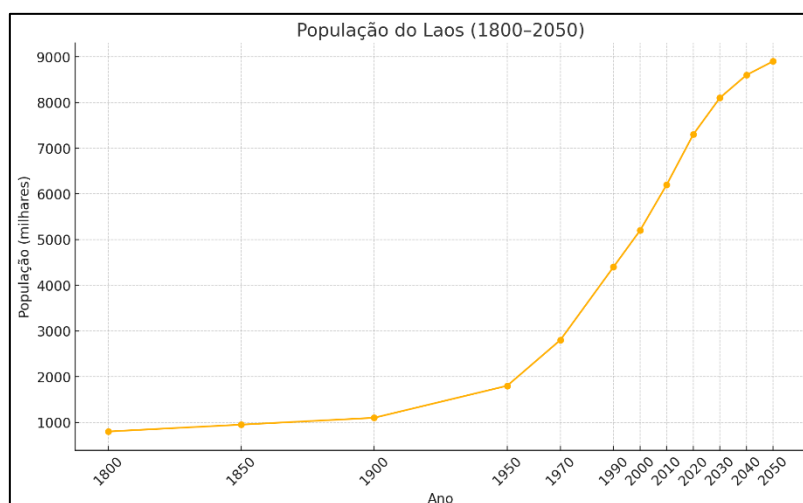
Expectativa de vida: 69,8 anos

Taxa de fertilidade: 2,7 filhos por mulher

O Laos é um país do Sudeste Asiático com população majoritariamente rural e crescimento demográfico constante. Apresenta uma estrutura etária jovem, altas taxas de natalidade e fertilidade, embora estas venham diminuindo nas últimas décadas.

Apesar de avanços recentes em saúde, educação e redução da pobreza, o país ainda enfrenta grandes desafios de infraestrutura, desenvolvimento regional e acesso universal a serviços públicos. A urbanização é moderada, a economia depende da agricultura, energia hidroelétrica e mineração, o que limita as oportunidades para os jovens e estimula a migração para países vizinhos. O crescimento populacional futuro exigirá investimentos em qualificação da mão de obra, modernização agrícola e expansão dos serviços sociais.

Com políticas públicas eficazes, o Laos pode aproveitar seu bônus demográfico para promover crescimento sustentável e inclusão social, reduzindo as desigualdades regionais e fortalecendo sua integração econômica com a ASEAN.



2.33. LÍBANO



Área territorial: 10.452 km²

População estimada (2025): 6.200.000 habitantes

Densidade demográfica: 593 hab./km²

Taxa de natalidade: 13,2‰

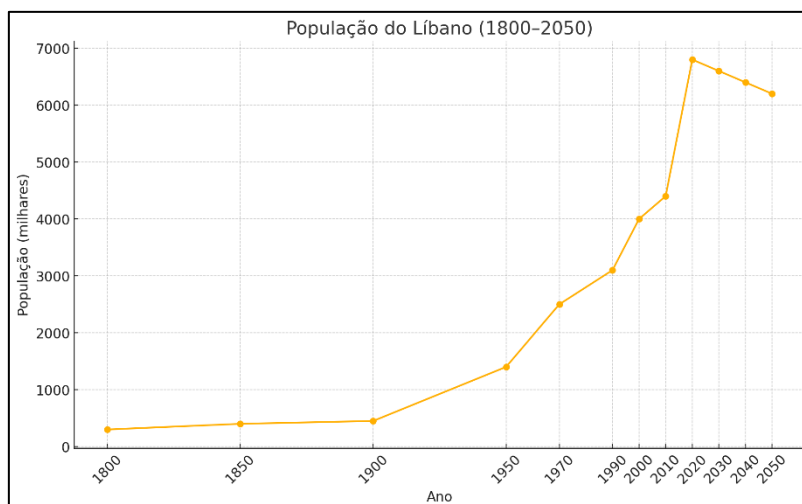
Taxa de mortalidade: 6,2‰

Expectativa de vida: 78,3 anos

Taxa de fertilidade: 2,0 filhos por mulher

O Líbano apresenta uma trajetória populacional marcada por crescimento moderado e instabilidade migratória. A população é impactada por ondas de imigração e emigração, além da recepção de grandes contingentes de refugiados, especialmente da Síria e da Palestina. A estrutura etária do país está em transição, com queda nas taxas de natalidade e fertilidade, reflexo de avanços em saúde e educação, sobretudo entre as mulheres. A urbanização é intensa, com grande concentração populacional em Beirute e seus arredores.

Apesar de bons indicadores sociais em comparação com vizinhos regionais, o Líbano enfrenta crises econômicas, políticas e humanitárias que afetam diretamente o bem-estar da população. O colapso da moeda, o desemprego e o êxodo de jovens qualificados colocam em risco a estabilidade demográfica futura. A gestão eficiente da diversidade étnico-religiosa e a recuperação da governabilidade são essenciais o desenvolvimento e coesão social.



2.34. QUIRGUISTÃO



Área territorial: 199.951 km²

População estimada (2025): 7.200.000 habitantes

Densidade demográfica: 36 hab./km²

Taxa de natalidade: 24,6‰

Taxa de mortalidade: 5,5‰

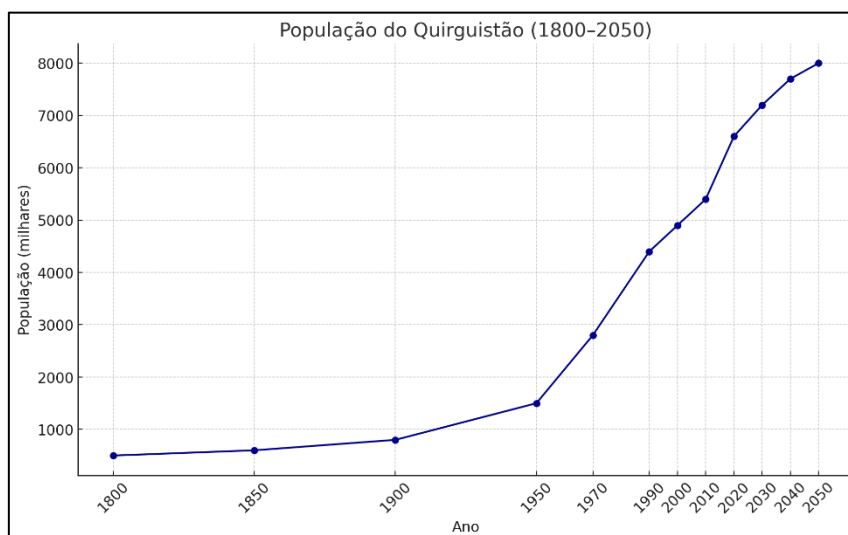
Expectativa de vida: 72,5 anos

Taxa de fertilidade: 3,1 filhos por mulher

O Quirguistão, país montanhoso da Ásia Central, apresenta uma população jovem e em crescimento constante. O país mantém uma das maiores taxas de natalidade da região, refletindo valores culturais tradicionais e uma estrutura familiar numerosa.

A urbanização é limitada, com grande parte da população vivendo em áreas rurais, o que representa desafios para a oferta de serviços públicos essenciais. As cidades de Bishkek e Osh concentram boa parte da atividade econômica e da população urbana.

A emigração é um fenômeno relevante: muitos cidadãos se deslocam para países como a Rússia e o Cazaquistão em busca de trabalho, contribuindo com remessas que sustentam parte significativa da economia doméstica. O futuro demográfico dependerá de investimentos em educação, infraestrutura e geração de empregos, especialmente para os jovens. Com políticas eficazes, o país pode transformar seu crescimento populacional em uma oportunidade para desenvolvimento sustentável e inclusão social.



2.35. TURCOMENISTÃO



Área territorial: 488.100 km²

População estimada (2025): 6.500.000 habitantes

Densidade demográfica: 13 hab./km²

Taxa de natalidade: 22,8‰

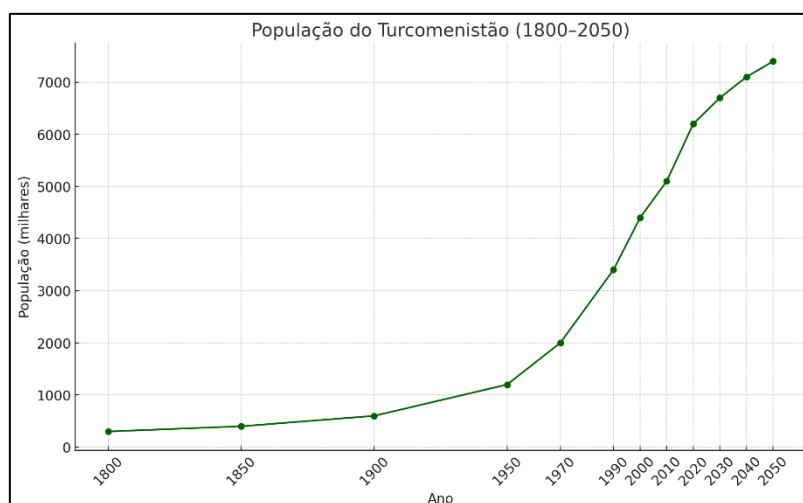
Taxa de mortalidade: 6,3‰

Expectativa de vida: 69,4 anos

Taxa de fertilidade: 2,6 filhos por mulher

O Turcomenistão, localizado na Ásia Central, possui um crescimento populacional contínuo e uma das menores densidades demográficas da região devido ao predomínio de desertos em seu território. Apresenta estrutura etária jovem e taxas de natalidade ainda elevadas. A urbanização é moderada, concentrando-se na capital Ashgabat e em cidades ligadas à exploração de gás natural, principal recurso econômico do país. As áreas rurais, entretanto, ainda concentram parte significativa da população em condições socioeconômicas precárias.

Após a independência da União Soviética, o país manteve um regime político altamente autoritário e isolacionista, o que limita o acesso a dados confiáveis e afeta a implementação de políticas públicas amplas. Apesar dos bons indicadores básicos de saúde e educação, os desafios do Turcomenistão envolvem modernização da economia, diversificação produtiva e maior integração regional. O aproveitamento do crescimento populacional dependerá da abertura econômica e de melhorias na governança.



2.36. SINGAPURA



Área territorial: 728 km²

População estimada (2025): 5.950.000 habitantes

Densidade demográfica: 8.175 hab./km²

Taxa de natalidade: 8,6‰

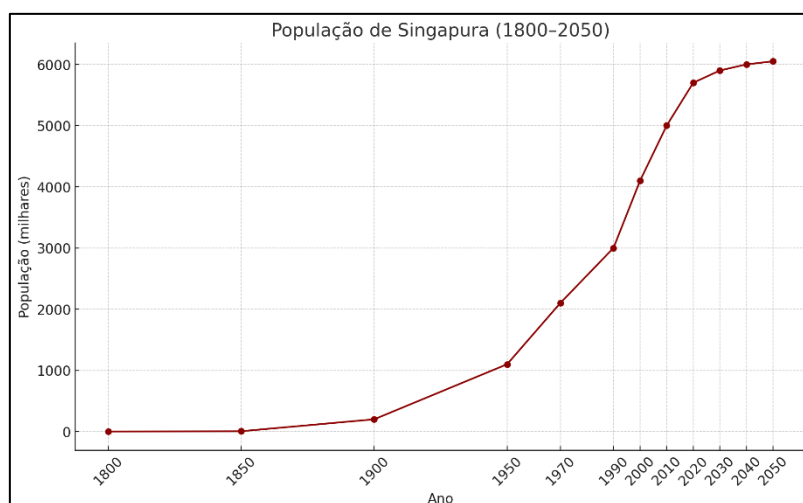
Taxa de mortalidade: 4,9‰

Expectativa de vida: 84,9 anos

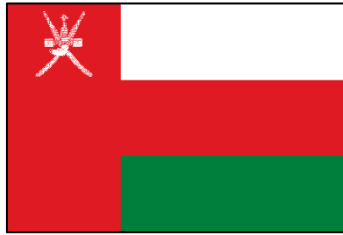
Taxa de fertilidade: 1,0 filho por mulher

Singapura é um dos países mais densamente povoados e desenvolvidos do mundo. Sua população é altamente urbana, concentrada em uma área reduzida e fortemente planejada. A cidade-estado apresenta baixíssima taxa de natalidade e uma das menores taxas de fertilidade globais, o que gera preocupações quanto ao envelhecimento populacional e à renovação da força de trabalho. Para enfrentar esse cenário, o governo investe em políticas de incentivo à natalidade e em programas seletivos de imigração qualificada.

A expectativa de vida é elevada e os serviços de saúde, educação e mobilidade urbana são referências internacionais. A composição populacional é diversa, incluindo chineses, malaios, indianos e estrangeiros, o que contribui para a dinâmica multicultural da sociedade. O crescimento futuro dependerá da capacidade de atrair talentos internacionais, adaptar sua infraestrutura ao envelhecimento da população e manter a competitividade econômica em um contexto global de mudanças tecnológicas e demográficas.



2.37. OMÃ



Área territorial: 309.500 km²

População estimada (2025): 4.700.000 habitantes

Densidade demográfica: 15 hab./km²

Taxa de natalidade: 18,2‰

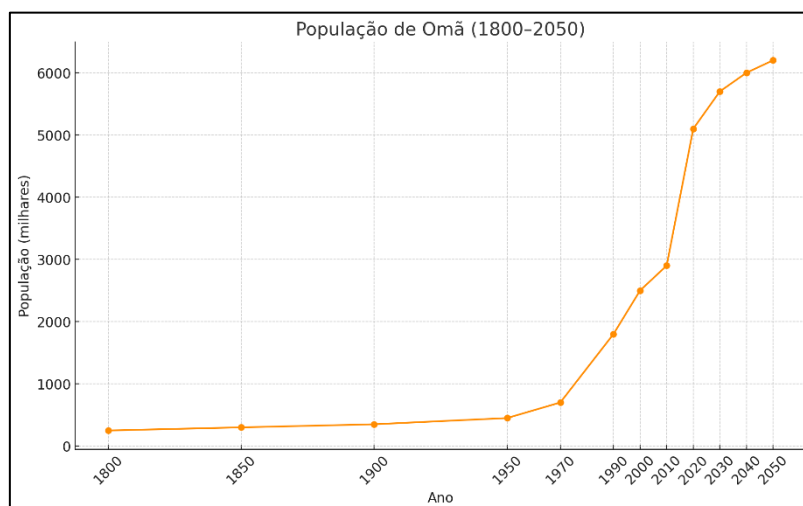
Taxa de mortalidade: 3,3‰

Expectativa de vida: 75,2 anos

Taxa de fertilidade: 2,6 filhos por mulher

Omã apresenta uma trajetória demográfica de crescimento acelerado nas últimas décadas, impulsionada tanto por altas taxas de natalidade quanto pela presença significativa de trabalhadores estrangeiros. A estrutura etária é predominantemente jovem, o que representa uma vantagem demográfica, mas também um desafio para a geração de empregos e expansão dos serviços públicos. A urbanização é expressiva, com destaque para Mascate, capital e centro econômico do país.

Omã tem buscado diversificar sua economia para além do petróleo, com investimentos em turismo, infraestrutura e logística, especialmente dentro do plano de modernização “Visão 2040”. A população estrangeira representa uma parcela relevante da força de trabalho, o que levanta debates sobre políticas migratórias e nacionalização do emprego. O país se destaca no Golfo pela estabilidade política e pela condução equilibrada de sua política externa.



2.38. PALESTINA



Área territorial: 6.020 km² (Cisjordânia e Faixa de Gaza)

População estimada (2025): 5.500.000 habitantes

Densidade demográfica: 914 hab./km²

Taxa de natalidade: 27,1‰

Taxa de mortalidade: 3,8‰

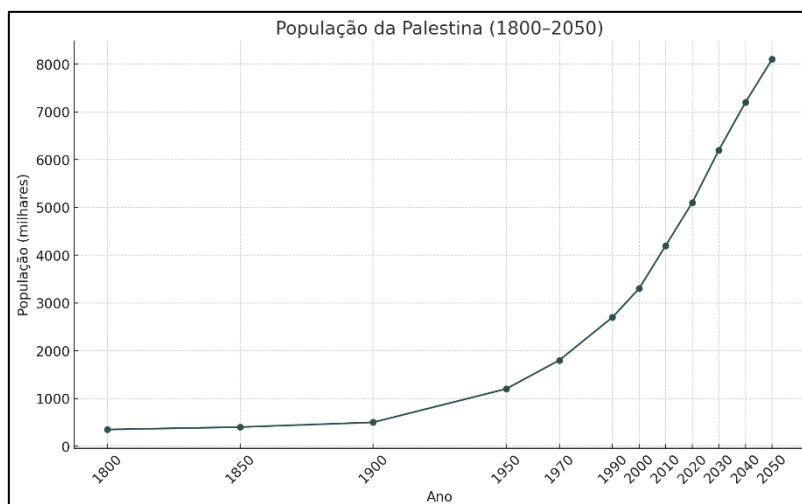
Expectativa de vida: 74,9 anos

Taxa de fertilidade: 3,8 filhos por mulher

A Palestina possui uma das maiores densidades populacionais da Ásia, especialmente na Faixa de Gaza, uma das regiões mais densamente povoadas do mundo e mantém altas taxas de natalidade e uma estrutura etária marcadamente jovem.

Apesar de avanços na educação e saúde, o desenvolvimento demográfico é fortemente condicionado por fatores políticos, sociais e econômicos. O conflito com Israel, o bloqueio econômico e as limitações à circulação de pessoas e mercadorias afetam diretamente a qualidade de vida e a capacidade de planejamento urbano e populacional.

A urbanização é elevada e as cidades enfrentam superlotação, escassez de recursos e infraestrutura deficiente. A taxa de fertilidade, embora em queda nas últimas décadas, ainda é elevada, o que mantém o crescimento populacional em ritmo acelerado. Para alcançar um futuro demográfico equilibrado, a Palestina precisa de estabilidade política, reconhecimento internacional e investimentos em educação, infraestrutura e autonomia institucional.



2.39. KUWAIT



Área territorial: 17.818 km²

População estimada (2025): 4.350.000 habitantes

Densidade demográfica: 244 hab./km²

Taxa de natalidade: 17,6‰

Taxa de mortalidade: 2,3‰

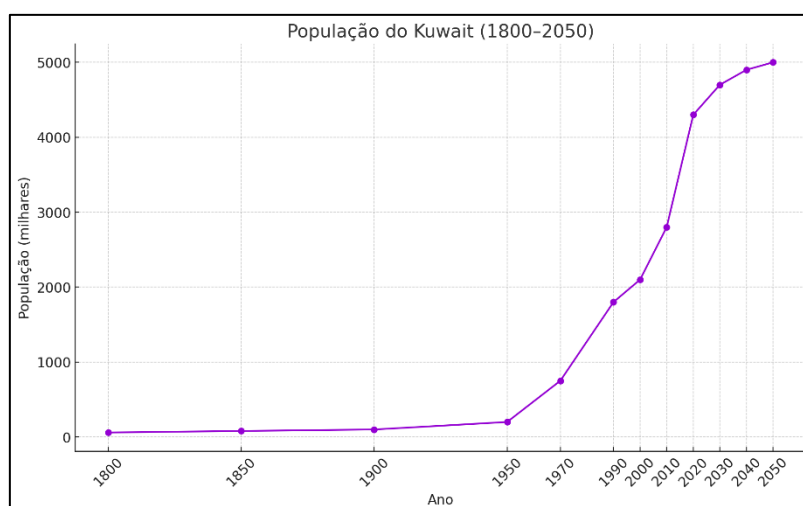
Expectativa de vida: 78,2 anos

Taxa de fertilidade: 2,0 filhos por mulher

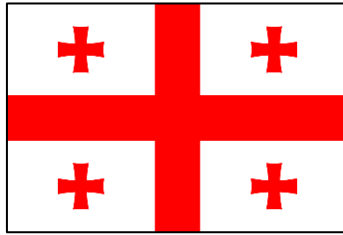
O Kuwait apresenta um dos crescimentos populacionais mais marcantes do Golfo Pérsico, impulsionado principalmente pela imigração. Mais de 65% de sua população é composta por estrangeiros que atuam nos setores de serviços, construção e petróleo.

A taxa de natalidade entre a população nativa é moderada, mas o crescimento demográfico geral é mantido pela presença maciça de trabalhadores migrantes. A urbanização é elevada e bem planejada, com destaque para a capital, Cidade do Kuwait, que concentra infraestrutura, economia e serviços públicos.

Apesar da riqueza derivada do petróleo, o país enfrenta o desafio de reduzir a dependência de estrangeiros na força de trabalho e diversificar sua economia. A expectativa de vida é alta, e os indicadores de saúde e educação são positivos, especialmente para os cidadãos kuwaitianos. O futuro demográfico do Kuwait dependerá da capacidade de integrar sua população estrangeira com políticas sustentáveis.



2.40. GEÓRGIA



Área territorial: 69.700 km²

População estimada (2025): 3.650.000 habitantes

Densidade demográfica: 52 hab./km²

Taxa de natalidade: 12,2‰

Taxa de mortalidade: 13,7‰

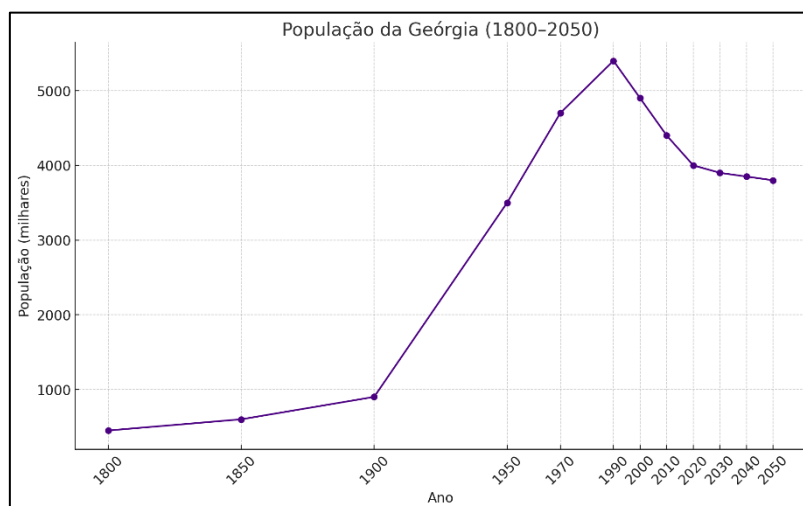
Expectativa de vida: 73,7 anos

Taxa de fertilidade: 2,0 filhos por mulher

A Geórgia passou por um declínio populacional significativo desde o fim da era soviética, marcado por emigração intensa, envelhecimento da população e queda na taxa de natalidade. Apesar de uma taxa de fertilidade próxima ao nível de reposição, a mortalidade supera os nascimentos, o que provoca crescimento vegetativo negativo. Além disso, milhares de georgianos emigram todos os anos em busca de oportunidades na Europa e na Rússia, afetando a força de trabalho jovem.

A urbanização é alta, com Tbilisi concentrando mais de um terço da população total. No entanto, regiões rurais enfrentam despovoamento, infraestrutura deficiente e envelhecimento acentuado.

O desafio demográfico da Geórgia está em reverter a tendência de declínio populacional por meio de políticas de retenção da juventude, estímulo à natalidade, incentivo ao retorno de migrantes e desenvolvimento econômico descentralizado.



2.41. MONGÓLIA



Área territorial: 1.564.100 km²

População estimada (2025): 3.500.000 habitantes

Densidade demográfica: 2,2 hab./km²

Taxa de natalidade: 19,9‰

Taxa de mortalidade: 6,2‰

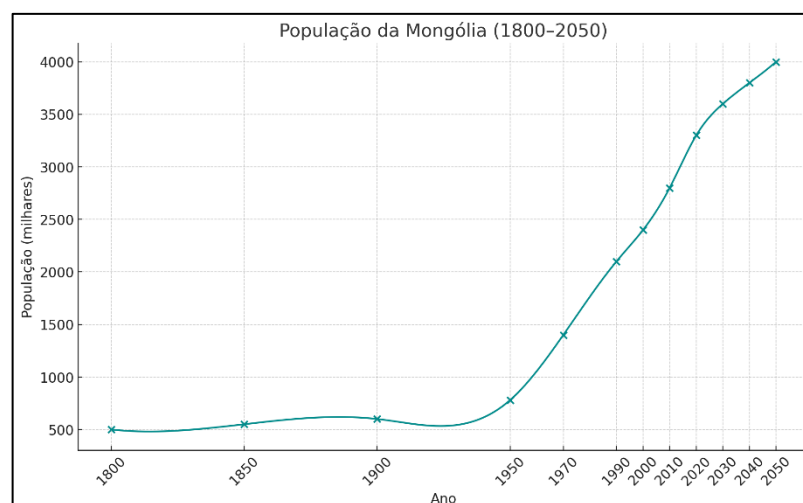
Expectativa de vida: 71,9 anos

Taxa de fertilidade: 2,7 filhos por mulher

A Mongólia possui uma das menores densidades populacionais do planeta, reflexo de seu vasto território e da predominância de áreas desérticas e montanhosas. Apesar disso, a população vem crescendo de forma estável.

Com uma estrutura etária jovem e taxa de fertilidade relativamente alta, o país mantém crescimento natural positivo. A urbanização acelerou-se nas últimas décadas, com a capital Ulaanbaatar concentrando quase metade da população total e enfrentando desafios de infraestrutura, poluição e moradia.

A economia depende fortemente da mineração, especialmente de cobre e carvão, o que atrai fluxos migratórios internos e externos. Entretanto, a vulnerabilidade climática e a sazonalidade da pecuária nômade afetam a população rural. O futuro demográfico da Mongólia dependerá da diversificação econômica, modernização urbana e investimentos em educação e saúde que permitam aproveitar o bônus demográfico de forma sustentável e equilibrada.



2.42. ARMÊNIA



Área territorial: 29.743 km²

População estimada (2025): 2.700.000 habitantes

Densidade demográfica: 91 hab./km²

Taxa de natalidade: 12,0‰

Taxa de mortalidade: 9,5‰

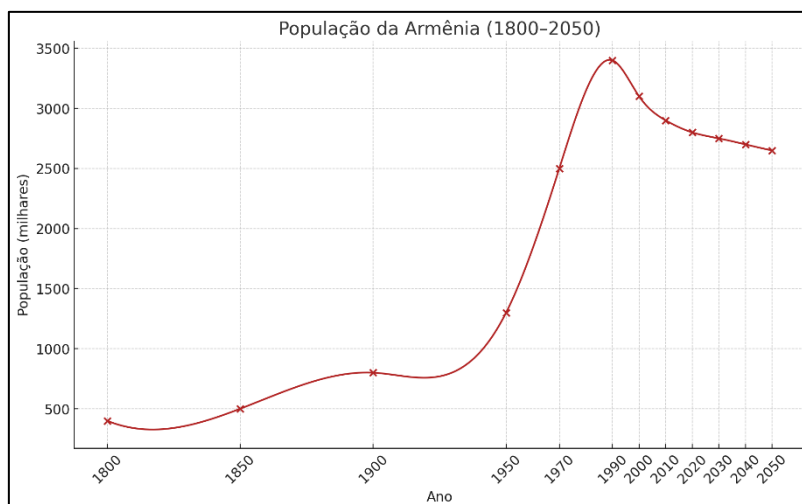
Expectativa de vida: 75,4 anos

Taxa de fertilidade: 1,7 filhos por mulher

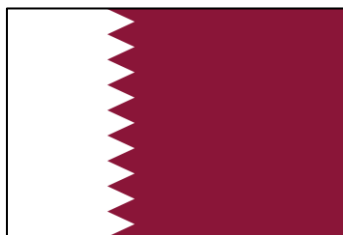
A Armênia apresenta um perfil demográfico em transição, com queda na natalidade e leve recuo populacional nas últimas décadas. A população, estimada em 2,7 milhões tende à estagnação ou declínio, impulsionada pela emigração e pelo envelhecimento da população.

Após a independência da União Soviética em 1991, o país enfrentou crises econômicas e conflitos geopolíticos que estimularam fluxos migratórios consistentes, especialmente de jovens em busca de melhores oportunidades no exterior.

A urbanização é elevada, com destaque para a capital Yerevan, que concentra população, serviços e investimentos. Em contraste, áreas rurais vêm perdendo habitantes e dinamismo socioeconômico. O desafio demográfico da Armênia está em reverter a tendência de declínio populacional com políticas que incentivem a permanência da juventude, melhorem a infraestrutura e atraiam investimentos, além de reforçar vínculos com a diáspora armênia como estratégia de desenvolvimento nacional.



2.43. CATAR



Área territorial: 11.586 km²

População estimada (2025): 2.750.000 habitantes

Densidade demográfica: 237 hab./km²

Taxa de natalidade: 9,8‰

Taxa de mortalidade: 1,2‰

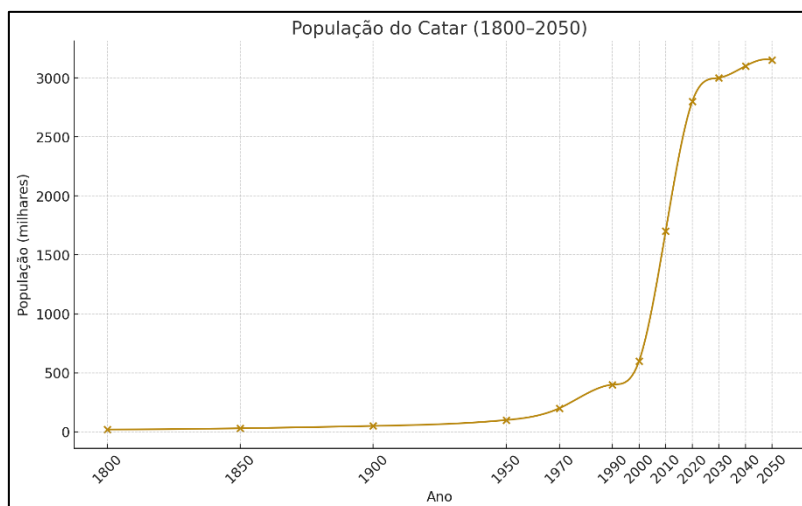
Expectativa de vida: 80,8 anos

Taxa de fertilidade: 1,8 filhos por mulher

O Catar apresenta uma das mais rápidas transformações demográficas do mundo, com crescimento explosivo a partir do final do século XX, fortemente impulsionado pela imigração. A população é estimada em 2,75 milhões sendo que cerca de 90% são estrangeiros, majoritariamente homens adultos que trabalham em setores como construção, serviços e petróleo.

A urbanização é total, com Doha concentrando quase toda a população e infraestrutura do país. A expectativa de vida elevada, aliada a um dos maiores PIBs per capita do mundo, reflete os investimentos em saúde, habitação e educação, voltados principalmente à população nacional. No entanto, a desigualdade entre cidadãos e não cidadãos é significativa, tanto em termos de direitos quanto de acesso a serviços.

O Catar busca atualmente equilibrar crescimento econômico e sustentabilidade populacional, investindo em qualificação da população local, automação e substituição gradual da dependência de mão de obra estrangeira por capacitação interna.



2.44. BAHREIN



Área territorial: 760 km²

População estimada (2025): 1.550.000 habitantes

Densidade demográfica: 2.039 hab./km²

Taxa de natalidade: 13,6‰

Taxa de mortalidade: 2,5‰

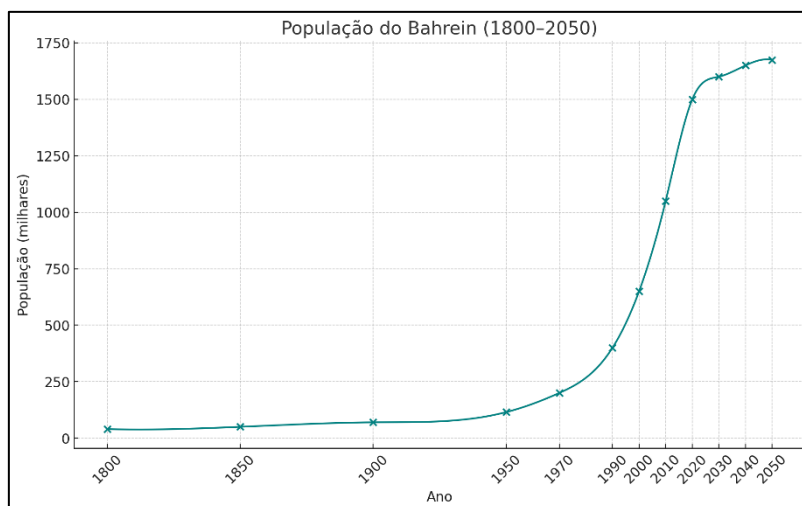
Expectativa de vida: 77,5 anos

Taxa de fertilidade: 2,0 filhos por mulher

O Bahrein é um arquipélago do Golfo Pérsico com uma das maiores densidades populacionais da Ásia. Sua população é composta majoritariamente por estrangeiros, que representam mais da metade do total, atraídos por oportunidades nos setores de construção, serviços e petróleo.

A urbanização é praticamente total, com a capital Manama concentrando atividades econômicas e infraestrutura moderna. A taxa de natalidade está em declínio, mas o crescimento demográfico segue positivo devido à migração internacional, embora o governo tenha ampliado o controle sobre a entrada e permanência de estrangeiros.

Bahrein investe em diversificação econômica e modernização tecnológica, como parte do plano "Visão 2030", que busca reduzir a dependência do petróleo. A expectativa de vida é elevada, e os serviços de saúde e educação estão entre os mais desenvolvidos da região do Golfo. O desafio é equilibrar seu crescimento populacional com políticas inclusivas, promovendo maior participação da população em setores estratégicos.



2.45. TIMOR-LESTE



Área territorial: 14.874 km²

População estimada (2025): 1.430.000 habitantes

Densidade demográfica: 96 hab./km²

Taxa de natalidade: 30,4‰

Taxa de mortalidade: 6,6‰

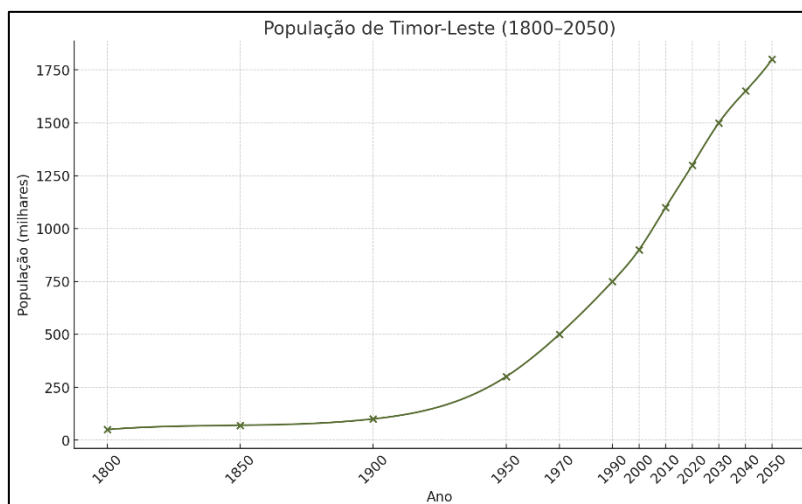
Expectativa de vida: 70,3 anos

Taxa de fertilidade: 3,8 filhos por mulher

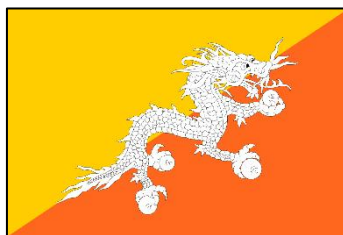
Timor-Leste é uma das nações mais jovens da Ásia, tanto em termos de independência (2002) quanto de estrutura populacional, possui uma das maiores taxas de natalidade do continente e uma população majoritariamente jovem e rural.

O crescimento demográfico é acelerado e representa uma oportunidade e um desafio. Por um lado, oferece potencial para expansão econômica baseada em capital humano; por outro, exige investimentos urgentes em educação, saúde, saneamento e infraestrutura urbana.

A expectativa de vida tem aumentado nas últimas décadas, impulsionada por avanços na saúde pública e redução da mortalidade infantil. A urbanização é crescente, mas ainda há concentração significativa de população em zonas rurais com acesso limitado a serviços básicos. Para garantir um futuro sustentável, Timor-Leste precisa consolidar suas instituições, diversificar sua economia além do setor petrolífero e transformar seu bônus demográfico em inclusão produtiva e cidadania plena para sua população jovem.



2.46. BUTÃO



Área territorial: 38.394 km²

População estimada (2025): 780.000 habitantes

Densidade demográfica: 20 hab./km²

Taxa de natalidade: 15,2‰

Taxa de mortalidade: 6,2‰

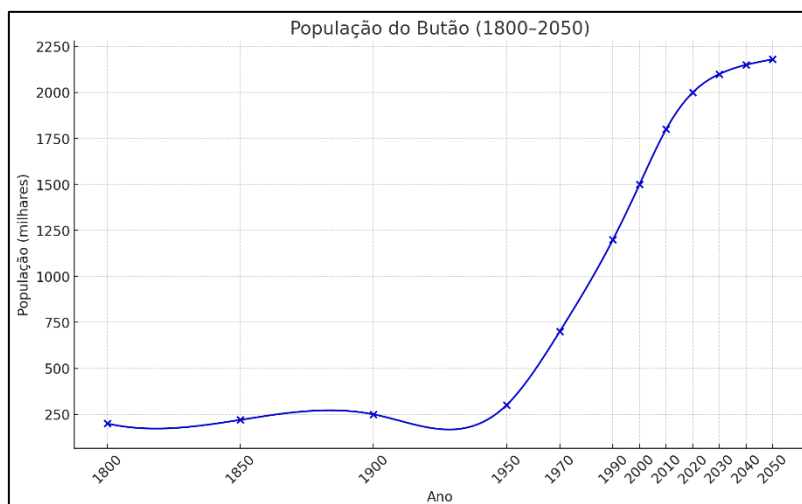
Expectativa de vida: 72,4 anos

Taxa de fertilidade: 1,8 filhos por mulher

O Butão, pequeno reino do Himalaia, apresenta uma população modesta e de crescimento lento, com projeção de leve estabilidade nas próximas décadas, sua população é distribuída de forma esparsa devido ao relevo montanhoso e à baixa urbanização.

Apesar da geografia desafiadora, o país tem registrado avanços significativos em saúde e educação, refletindo-se em aumento da expectativa de vida e queda nas taxas de natalidade e mortalidade. A taxa de fertilidade abaixo do nível de reposição indica o início de uma transição demográfica.

A filosofia de desenvolvimento do Butão, centrada no conceito de Felicidade Interna Bruta (FIB), valoriza o equilíbrio entre crescimento econômico, sustentabilidade ambiental e bem-estar populacional. A maioria da população ainda vive em áreas rurais, com atividades baseadas na agricultura de subsistência. O principal desafio demográfico será assegurar que o envelhecimento populacional seja acompanhado por políticas públicas eficazes, com foco na inclusão social e valorização das tradições culturais.



2.47. MACAU



Área territorial: 33 km²

População estimada (2025): 710.000 habitantes

Densidade demográfica: 21.515 hab./km²

Taxa de natalidade: 7,6‰

Taxa de mortalidade: 3,7‰

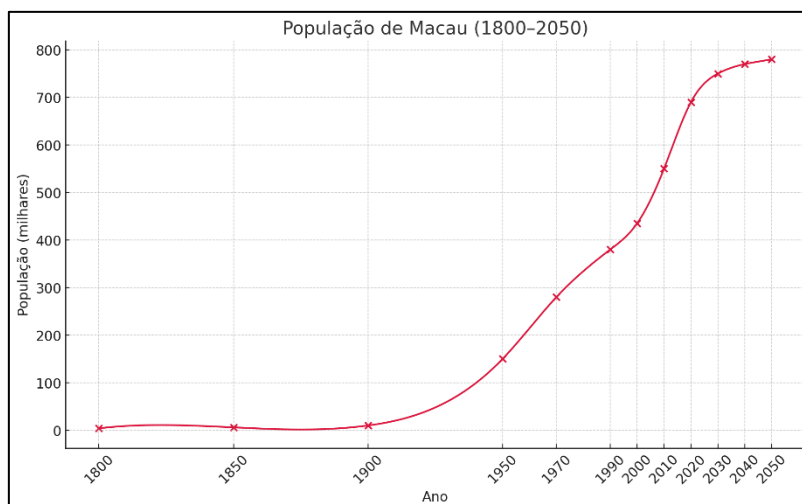
Expectativa de vida: 84,6 anos

Taxa de fertilidade: 1,1 filho por mulher

Macau, região administrativa especial da China, é uma das áreas mais densamente povoadas do mundo. Com cerca de 710 mil habitantes e apenas 33 km² de extensão, sua urbanização é total, vertical e fortemente voltada ao setor de serviços, especialmente o turismo e os cassinos.

Apesar da alta expectativa de vida e bons indicadores sociais, a taxa de natalidade é extremamente baixa, refletindo o alto custo de vida, a competição no mercado de trabalho e o modelo urbano intensivo. A taxa de fertilidade abaixo de reposição é uma preocupação crescente para o planejamento futuro.

O crescimento populacional recente se deve principalmente à imigração vinda da China continental e de outros países asiáticos, que sustentam o dinamismo econômico local. O desafio demográfico de Macau está em equilibrar crescimento urbano e qualidade de vida em um espaço limitado, além de atrair e manter famílias jovens para evitar o envelhecimento acelerado da população



2.48. MALDIVAS



Área territorial: 298 km²

População estimada (2025): 570.000 habitantes

Densidade demográfica: 1.912 hab./km²

Taxa de natalidade: 18,1‰

Taxa de mortalidade: 3,9‰

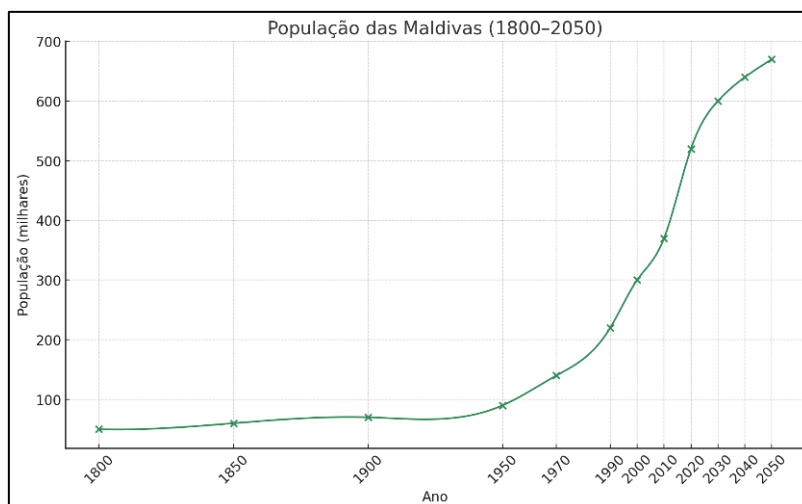
Expectativa de vida: 79,4 anos

Taxa de fertilidade: 1,9 filhos por mulher.

As Maldivas, arquipélago no Oceano Índico, apresentam crescimento demográfico moderado se destacando por sua elevada densidade populacional e vulnerabilidade ambiental, uma vez que sua altitude média é inferior a dois metros.

A urbanização é limitada geograficamente, concentrando-se na capital Malé, que enfrenta desafios relacionados à superlotação, infraestrutura e segurança habitacional. Ainda assim, os indicadores sociais têm melhorado consideravelmente, alta expectativa de vida, baixo índice de mortalidade e expansão do acesso à educação e saúde.

A taxa de fertilidade vem caindo, sinalizando uma transição demográfica em andamento. O crescimento econômico é impulsionado principalmente pelo turismo internacional e pela pesca, mas o país precisa equilibrar desenvolvimento e conservação ambiental frente ao risco de elevação do nível do mar. O futuro demográfico das Maldivas dependerá da capacidade de adaptação às mudanças climáticas, da gestão sustentável do turismo e da criação de oportunidades para sua juventude dispersa em pequenas ilhas.



2.49. BRUNEI



Área territorial: 5.765 km²

População estimada (2025): 460.000 habitantes

Densidade demográfica: 80 hab./km²

Taxa de natalidade: 14,9‰

Taxa de mortalidade: 4,5‰

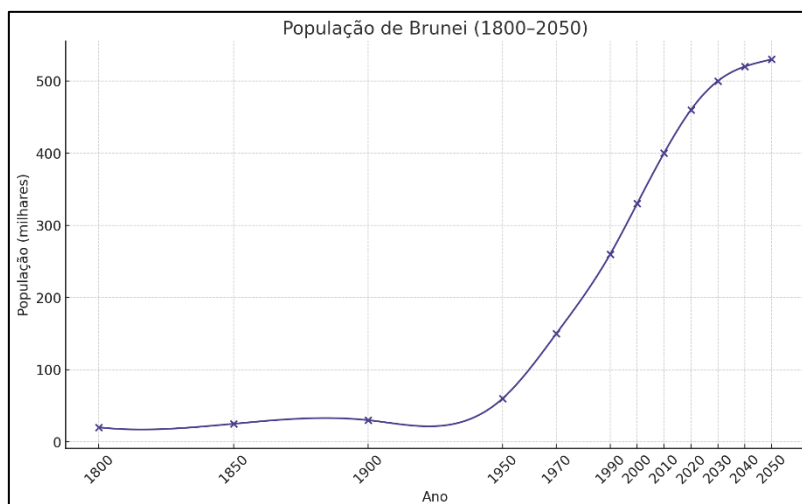
Expectativa de vida: 76,6 anos

Taxa de fertilidade: 1,8 filhos por mulher

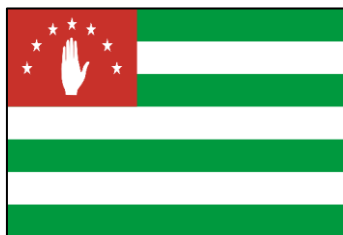
Brunei é um pequeno sultanato localizado no norte da ilha de Bornéu, é altamente urbanizado e possui um dos maiores PIBs per capita da Ásia, sustentado principalmente pelas exportações de petróleo e gás natural.

A taxa de crescimento populacional tem diminuído gradualmente, com redução na taxa de fertilidade e aumento da expectativa de vida. A maioria da população está concentrada em áreas urbanas, como a capital Bandar Seri Begawan, onde os serviços públicos e a infraestrutura são bem desenvolvidos.

Brunei mantém um sistema de bem-estar social robusto, com acesso gratuito à saúde, educação e subsídios habitacionais. No entanto, o país enfrenta o desafio de diversificar sua economia para além do setor energético e garantir a inserção dos jovens no mercado de trabalho. O futuro demográfico de Brunei dependerá da sua capacidade de manter altos padrões sociais enquanto prepara sua economia para um cenário pós-petróleo e responde à tendência de envelhecimento populacional que já se esboça.



2.50. ABECÁSIA (GÉORGIA)



Área territorial: 8.660 km²

População estimada (2025): 245.000 habitantes

Densidade demográfica: 28 hab./km²

Taxa de natalidade: 12,1‰

Taxa de mortalidade: 13,4‰

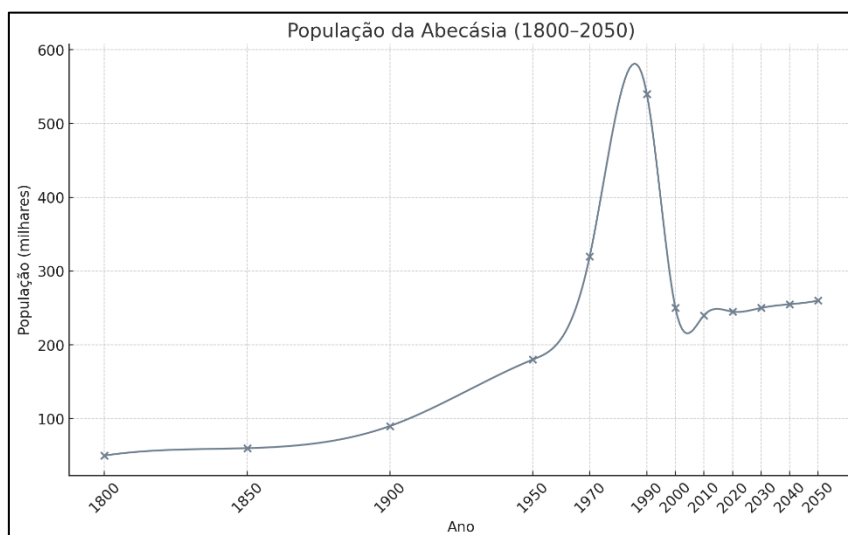
Expectativa de vida: 73 anos

Taxa de fertilidade: 1,7 filhos por mulher

A Abecásia passou por forte declínio populacional desde os anos 1990, em decorrência de conflitos étnico-territoriais com a Geórgia e das migrações forçadas resultantes da guerra de independência (1992–1993). Atualmente, sua população está estimada em cerca de 245 mil habitantes, composta majoritariamente por abecásios, armênios e russos.

O território possui densidade populacional baixa e estrutura demográfica envelhecida. A urbanização é concentrada em Sukhumi (a capital) e poucas outras cidades costeiras. As taxas de natalidade são moderadas, mas insuficientes para conter a queda populacional provocada pela emigração contínua.

Com reconhecimento limitado e dependência econômica da Rússia, a Abecásia enfrenta grandes desafios em infraestrutura, saúde, desenvolvimento econômico e estabilidade institucional.



2.51. GUAM



Área territorial: 544 km²

População estimada (2025): 169.000 habitantes

Densidade demográfica: 311 hab./km²

Taxa de natalidade: 17,1‰

Taxa de mortalidade: 5,2‰

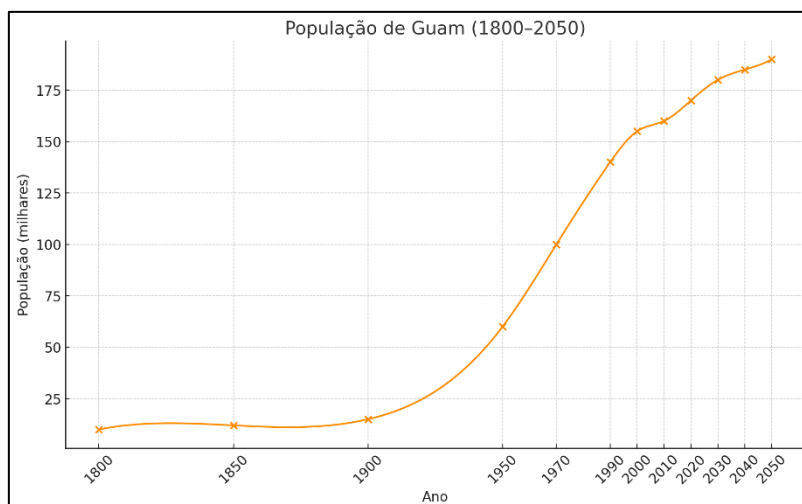
Expectativa de vida: 79,2 anos

Taxa de fertilidade: 2,1 filhos por mulher

Guam é uma ilha do Pacífico Ocidental e território não incorporado dos Estados Unidos. Sua população, estimada em 169 mil habitantes, reflete tanto o crescimento natural quanto a migração interna de cidadãos americanos, militares e trabalhadores estrangeiros, especialmente filipinos.

A estrutura etária de Guam é relativamente jovem, e a taxa de fertilidade se mantém próxima ao nível de reposição. A urbanização é concentrada ao redor de Hagåtña (a capital) e Dededo, com boa infraestrutura e serviços públicos comparáveis aos padrões dos EUA.

A presença de bases militares americanas tem forte impacto sobre a economia e a demografia local, representando também um vetor de migração temporária. O turismo, especialmente de japoneses e coreanos, também é importante para a geração de empregos. Embora o crescimento populacional seja moderado, o desafio futuro de Guam está na gestão ambiental de seu território insular limitado, na segurança hídrica e energética, e na preservação da cultura chamorro.



2.52. ARTSAKH (AZERBAIJÃO)



Área territorial: aproximadamente 4.400 km²

População estimada (pré-2023): cerca de 120.000 habitantes

Densidade demográfica: 27 hab./km²

Taxa de natalidade: 15,4‰ (estimada)

Taxa de mortalidade: 9,8‰ (estimada)

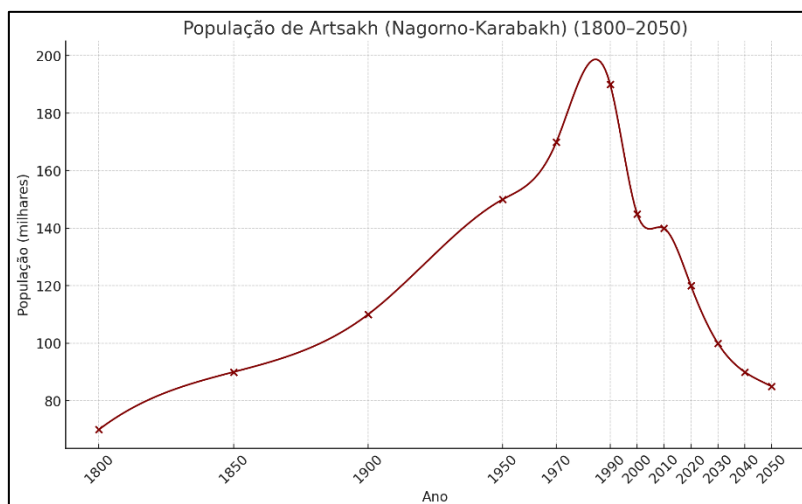
Expectativa de vida: 71 anos (estimada)

Taxa de fertilidade: 2,0 filhos por mulher

Nagorno-Karabakh foi historicamente uma região habitada majoritariamente por armênios étnicos, mas situada dentro das fronteiras internacionalmente reconhecidas do Azerbaijão. Durante o período soviético, funcionou como um oblast autônomo. Com o colapso da URSS, eclodiram conflitos armados entre armênios e azerbaijanos, resultando em uma república autodeclarada **Artsakh** sem reconhecimento internacional.

A população da região se reduziu drasticamente ao longo do tempo devido às guerras, crises econômicas e isolamento. Após o conflito de 2020 e, sobretudo, a ofensiva de 2023, estima-se que mais de 95% da população armênia tenha deixado o território, configurando um esvaziamento demográfico quase total.

Com forte conotação geopolítica e humanitária, o caso de Nagorno-Karabakh evidencia como disputas territoriais afetam profundamente a dinâmica populacional. O futuro demográfico da região depende de acordos internacionais e da reintegração sob controle do Azerbaijão.



2.53. OSSÉTIA DO SUL (GEÓRGIA)



Área territorial: 3.900 km²

População estimada (2025): 53.000 habitantes

Densidade demográfica: 14 hab./km²

Taxa de natalidade: 14,8‰ (estimada)

Taxa de mortalidade: 12,6‰ (estimada)

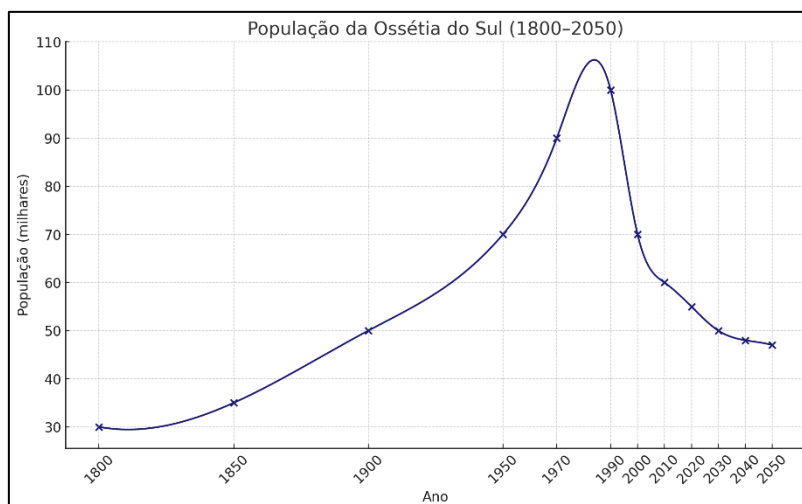
Expectativa de vida: 72 anos

Taxa de fertilidade: 1,9 filhos por mulher

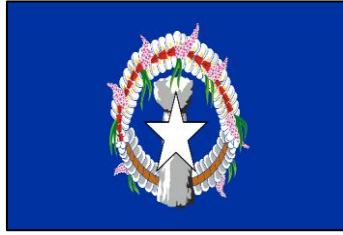
A Ossétia do Sul é uma região separatista situada no norte da Geórgia, que declarou independência em 1991, após a dissolução da URSS. Desde então, tem enfrentado instabilidade política e conflitos armados, especialmente com a Geórgia, culminando na guerra de 2008 e posterior ocupação russa.

A população da região sofreu grande redução desde os anos 1990, causada por deslocamentos forçados, migração para a Rússia e baixa taxa de natalidade. Hoje, o território osseta possui uma significativa dependência econômica e militar da Rússia.

A urbanização é modesta e a capital, Tskhinvali, concentra boa parte da população. A infraestrutura é limitada e o acesso a serviços públicos é instável, o que agrava os desafios sociais, especialmente em saúde e educação. A expectativa de recuperação demográfica é baixa sem uma resolução geopolítica duradoura. A permanência do isolamento e o envelhecimento populacional representam entraves para o desenvolvimento autônomo da região.



2.54. MARIANAS SETENTRIONAIS



Área territorial: 464 km²

População estimada (2025): 46.000 habitantes

Densidade demográfica: 99 hab./km²

Taxa de natalidade: 14,3‰

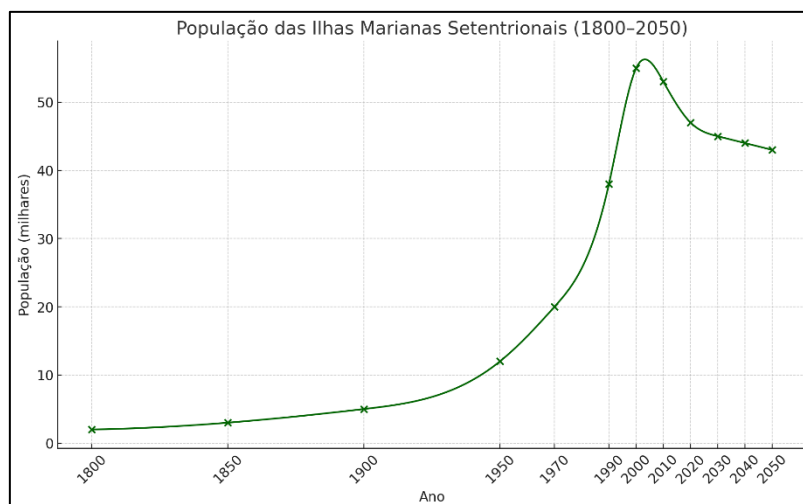
Taxa de mortalidade: 5,9‰

Expectativa de vida: 76,5 anos

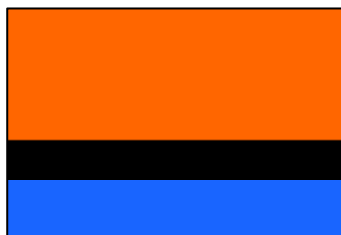
Taxa de fertilidade: 2,1 filhos por mulher

As Ilhas Marianas Setentrionais são um território em livre associação com os Estados Unidos, composto por 14 ilhas no Pacífico Norte. A população tem passado por declínio demográfico desde o ano 2000, motivado por emigração, redução da atividade econômica e envelhecimento. O território é altamente urbanizado, com Saipan concentrando a maior parte dos residentes e da infraestrutura pública. A economia local depende do turismo, da agricultura e de subsídios federais dos EUA, além da migração de trabalhadores estrangeiros, sobretudo filipinos e chineses.

A transição demográfica é evidente, com queda nas taxas de natalidade e saída de jovens em busca de melhores oportunidades em Guam, Havaí e no território continental dos EUA. Isso tem gerado desafios para a renovação da força de trabalho e a manutenção de serviços públicos. O futuro populacional dependerá da capacidade de retenção da juventude, diversificação da economia e investimento em infraestrutura sustentável, considerando a vulnerabilidade ambiental típica de pequenos territórios insulares.



2.55. TERRITÓRIO BRITÂNICO DO OCEANO ÍNDICO (CHAGOS)



Área territorial: 60 km²

População estimada (2025): (sem população civil permanente)

Densidade demográfica: 0 hab./km² (população fixa é militar e técnica)

Taxa de natalidade: não aplicável

Taxa de mortalidade: não aplicável

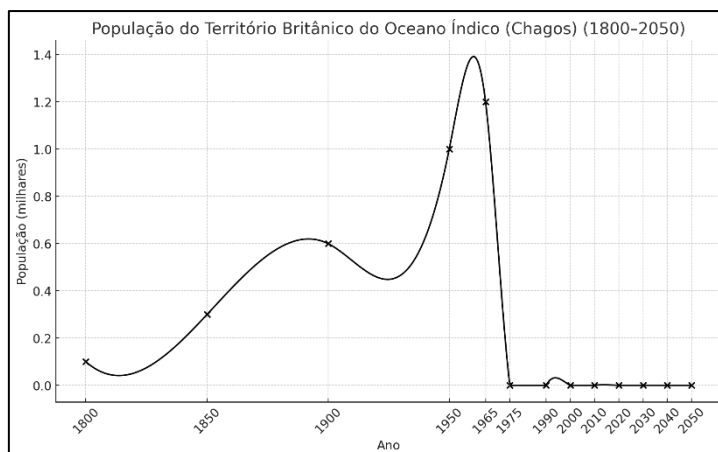
Expectativa de vida: não aplicável

Taxa de fertilidade: não aplicável

O Território Britânico do Oceano Índico foi criado em 1965 separando o arquipélago de Chagos das Ilhas Maurício. Desde então, o território foi desabitado à força, os chagosianos, população originária, foram removidos compulsoriamente entre 1967 e 1973 para abrir espaço à base militar americana em Diego Garcia.

Hoje, não há população civil residente, apenas efetivos militares dos EUA e do Reino Unido, além de funcionários civis contratados para manutenção das instalações. A ausência de habitantes civis permanentes torna o BIOT um caso demográfico singular, com questões pendentes nos âmbitos jurídico, humanitário e internacional.

A Corte Internacional de Justiça e a ONU já recomendaram a devolução do território às Maurícias e o reconhecimento dos direitos dos chagosianos. Porém, o Reino Unido mantém controle estratégico da região, especialmente pela importância geopolítica de Diego Garcia. Do ponto de vista demográfico, o BIOT não constitui um território com dinâmica populacional própria, mas sim uma zona de presença militar estratégica, onde as questões de população estão subordinadas a disputas diplomáticas e de soberania.



CONCLUSÃO – ÁSIA

Ao longo deste capítulo, procuramos compreender a evolução da população asiática sob uma perspectiva interdisciplinar, articulando conceitos da Geografia, História e Matemática. A análise dos dados populacionais da Ásia nos revelou um cenário dinâmico e complexo, marcado por profundas transformações políticas, econômicas e sociais, que impactaram diretamente as taxas de crescimento populacional ao longo dos séculos.

O continente asiático, por sua extensão territorial e diversidade de realidades nacionais, constitui um campo fértil para a aplicação de modelos matemáticos de crescimento populacional. Países como China, Índia, Indonésia e Bangladesh concentram, sozinhos, mais de 3 bilhões de habitantes, o que os torna fundamentais para qualquer análise global. Nesse contexto, os modelos teóricos de crescimento exponencial, logístico e de Gompertz oferecem instrumentos para compreender os diferentes ritmos e padrões de crescimento demográfico observados entre as regiões asiáticas.

Os dados históricos evidenciaram que o crescimento da população asiática não ocorreu de forma uniforme. Enquanto algumas nações passaram por transições demográficas rápidas, com queda nas taxas de fecundidade e aumento da expectativa de vida, outras ainda enfrentam desafios relacionados à estrutura etária e à pressão sobre recursos naturais. A transição demográfica observada em países como Coreia do Sul e Japão evidencia os efeitos de políticas públicas voltadas à saúde, educação e planejamento familiar. Em contrapartida, países menos desenvolvidos da Ásia Central e do Sudeste Asiático ainda convivem com altas taxas de natalidade e mortalidade, o que dificulta o equilíbrio entre crescimento e desenvolvimento sustentável.

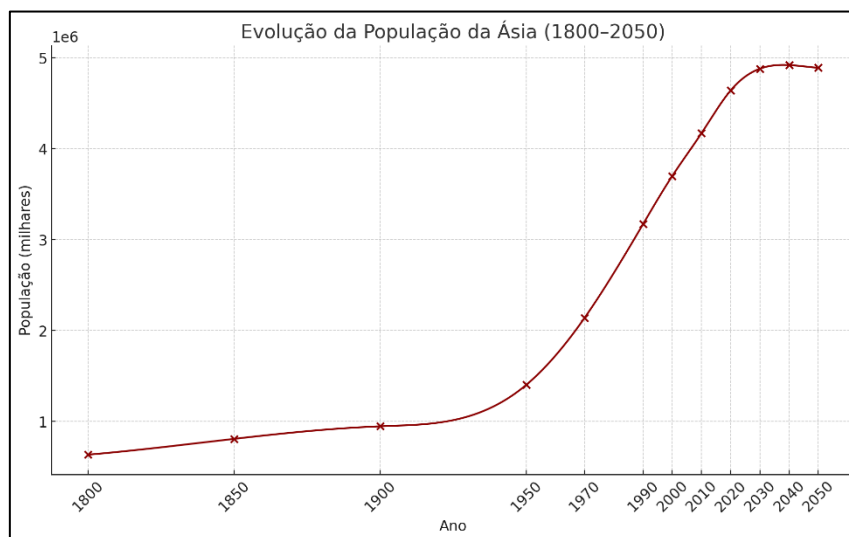
A utilização de modelos matemáticos, como o modelo logístico e o modelo de Gompertz, permitiu interpretar de maneira mais precisa a desaceleração do crescimento populacional nos países com populações já estabilizadas. Por outro lado, o modelo exponencial demonstrou-se adequado para interpretar o crescimento acelerado observado em determinados períodos históricos, especialmente no pós-guerra e durante os processos de urbanização intensa. Tais modelos, ao serem aplicados aos dados reais da população asiática, revelaram a importância de considerar o contexto histórico, econômico e político de cada país ao realizar projeções populacionais.

A interdisciplinaridade entre Matemática e Geografia mostrou-se essencial para ampliar a compreensão do fenômeno populacional. Enquanto a Geografia fornece as ferramentas para compreender o espaço, as dinâmicas migratórias, a urbanização e os contrastes socioeconômicos, a Matemática contribui com a modelagem, análise e interpretação quantitativa dos dados. Essa integração possibilita aos alunos e

pesquisadores visualizarem tendências, realizar simulações e avaliar criticamente os rumos do crescimento demográfico no maior continente do planeta.

Por fim, a análise da Ásia nos convida a refletir sobre os desafios do século XXI. O crescimento urbano desordenado, os fluxos migratórios internos e externos, a desigualdade de acesso aos serviços básicos e a pressão ambiental são questões urgentes que exigem respostas integradas. A compreensão da dinâmica populacional não pode se limitar a números e gráficos, mas deve considerar os sujeitos que vivem essas transformações. Nesse sentido, este capítulo não apenas apresentou modelos e dados, mas também buscou despertar um olhar crítico e contextualizado sobre os fenômenos populacionais e suas implicações para o futuro do continente asiático.

A seguir, apresenta-se um gráfico com a evolução histórica da população da Ásia no intervalo de 1800 a 2050. Os dados, em bilhões de habitantes, foram estimados a partir de fontes históricas e projeções demográficas atualizadas. O objetivo é visualizar, de forma panorâmica, como o continente mais populoso do planeta experimentou transformações intensas em sua dinâmica demográfica ao longo dos últimos dois séculos.



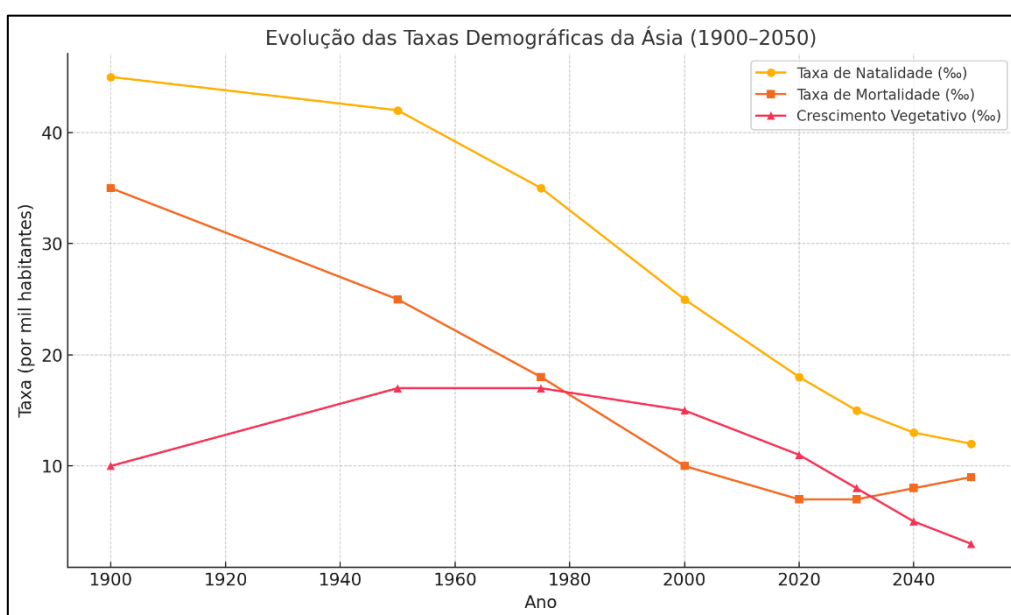
O gráfico evidencia que, até meados do século XX, a população da Ásia crescia de forma relativamente lenta, com aumento gradual de cerca de 0,8 bilhão de pessoas entre 1800 e 1950. No entanto, a partir da década de 1950, observa-se uma curva ascendente mais acentuada, reflexo das melhorias nas condições sanitárias, do avanço da medicina e da ampliação da expectativa de vida em diversas regiões asiáticas.

Entre 1950 e 2000, o continente praticamente triplicou sua população, superando os 3,7 bilhões de habitantes. Essa tendência de crescimento continuou até 2020, quando a população atingiu cerca de 4,6 bilhões. As projeções indicam que a partir de 2030 o ritmo de crescimento deverá desacelerar, sugerindo uma aproximação do ápice populacional em

várias nações asiáticas, especialmente nas que enfrentam envelhecimento populacional e queda na taxa de fecundidade, como China, Japão e Coreia do Sul.

O comportamento da curva reforça a importância de compreender os fatores históricos, políticos e econômicos que moldam o crescimento populacional. Além disso, destaca o papel central da Ásia nos debates sobre sustentabilidade, planejamento urbano, segurança alimentar e mobilidade humana nas próximas décadas.

O gráfico a seguir apresenta a evolução das taxas de natalidade, mortalidade e crescimento vegetativo da Ásia entre os anos de 1900 e 2050. As taxas são expressas em valores por mil habitantes (‰) e refletem tendências médias observadas em diversas regiões do continente. A análise permite compreender a dinâmica da transição demográfica asiática e seus impactos nas estruturas populacionais ao longo do tempo.



Os dados ilustram com clareza o processo de transição demográfica vivenciado pela Ásia ao longo do século XX e início do século XXI. No início do período analisado, observa-se uma elevada taxa de natalidade (45‰) e uma também alta taxa de mortalidade (35‰), o que resultava em um crescimento vegetativo moderado (cerca de 10‰).

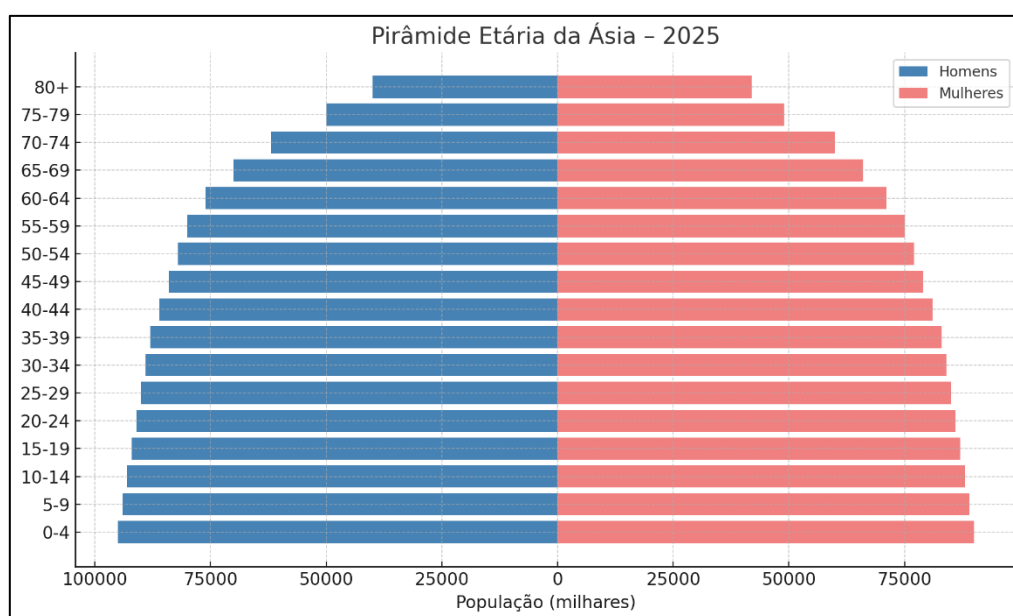
Com os avanços na medicina, saneamento básico e políticas públicas de saúde, a taxa de mortalidade passou por uma queda acelerada até o ano 2000, estabilizando-se em níveis baixos. Em contrapartida, a taxa de natalidade começou a cair em um ritmo mais lento, produzindo um pico no crescimento vegetativo entre 1950 e 1980, período em que muitas nações asiáticas experimentaram um rápido aumento populacional.

A partir de 2000, tanto a natalidade quanto o crescimento vegetativo iniciam uma trajetória descendente. Projeções até 2050 indicam que o ritmo de crescimento da

população asiática continuará desacelerando, aproximando-se da estagnação, e em alguns casos, como Japão e Coreia do Sul, já com índices de crescimento negativos.

Esse padrão evidencia que grande parte dos países asiáticos se encontra ou se aproximará da fase final da transição demográfica, caracterizada por baixa natalidade, mortalidade estabilizada e crescimento vegetativo reduzido ou negativo. Esse cenário exige políticas públicas voltadas ao envelhecimento da população, à renovação da força de trabalho e à sustentabilidade dos sistemas previdenciários e de saúde.

A pirâmide etária da Ásia em 2025 apresenta uma base ainda larga, indicando a presença de uma expressiva população jovem, especialmente em países com alta taxa de natalidade como Índia, Paquistão e Filipinas. Entretanto, já é possível perceber um estreitamento nas faixas mais jovens e um alargamento progressivo nas faixas adultas, reflexo do declínio gradual das taxas de fecundidade e do aumento da expectativa de vida.



Regiões como o Leste Asiático (China, Japão, Coreia do Sul) evidenciam uma estrutura envelhecida, com crescimento das populações acima dos 60 anos. Já o Sul e Sudeste Asiático ainda concentram grande parte da sua população em faixas etárias produtivas. A pirâmide reflete, portanto, a grande diversidade demográfica do continente, abarcando desde países em envelhecimento acelerado até nações ainda em pleno bônus demográfico.

Esse cenário coloca desafios distintos para a região, exigindo políticas que equilibrem investimentos em juventude e envelhecimento, em educação, saúde e previdência.

3. EUROPA



O continente europeu ocupa uma posição singular na história, tanto por sua contribuição civilizatória quanto por sua complexa dinâmica demográfica. Berço de impérios, revoluções e processos de modernização, a Europa também se destaca no cenário atual como uma das regiões mais urbanizadas, envelhecidas e economicamente integradas do mundo. Este capítulo busca explorar, por meio de dados, gráficos e análises, a evolução populacional do continente europeu entre os séculos XIX e XXI, considerando

os diferentes contextos históricos e socioeconômicos que moldaram suas transformações demográficas.

A trajetória demográfica da Europa é marcada por profundas rupturas. No século XX, o continente experimentou as consequências diretas de duas guerras mundiais, crises econômicas, processos de reconstrução, expansão do estado de bem-estar social e avanços científicos que alteraram drasticamente as condições de vida. Mais recentemente, a ampliação da União Europeia, os fluxos migratórios e as novas políticas de integração regional têm impactado a composição populacional e a distribuição geográfica dos habitantes.

A aplicação de modelos matemáticos de crescimento, como o exponencial, o logístico e o de Gompertz, é essencial para compreender o comportamento da população europeia ao longo do tempo. Diferentemente de outras regiões do globo, a Europa já ultrapassou o auge do crescimento populacional e enfrenta, atualmente, o desafio da estagnação e, em muitos casos, da redução populacional. Isso torna o continente um exemplo paradigmático da última fase da transição demográfica, caracterizada por baixas taxas de natalidade, alta expectativa de vida e envelhecimento acelerado.

Com base em indicadores como taxa de natalidade, taxa de mortalidade, crescimento vegetativo, expectativa de vida e densidade demográfica, este capítulo apresenta uma leitura crítica da distribuição da população europeia, destacando contrastes entre o Leste e o Oeste, regiões urbanas e rurais, e países com crescimento positivo e aqueles em declínio populacional. Também são analisadas as políticas públicas que buscam responder a esse cenário, como os incentivos à natalidade, os programas de imigração qualificada e as estratégias de inclusão da população idosa.

Ao final do capítulo, o leitor será capaz de compreender as particularidades da evolução populacional europeia, reconhecendo os desafios e oportunidades que essa realidade impõe para a sustentabilidade social, econômica e ambiental do continente. A abordagem interdisciplinar proposta visa não apenas descrever os números, mas interpretá-los à luz de contextos históricos e geográficos, promovendo uma leitura mais humanizada e crítica dos fenômenos demográficos europeus.

3.1. RÚSSIA



Área territorial: 17.098.246 km²

População estimada (2025): 142.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 8,3 hab./km²

Taxa de natalidade: 8,9‰

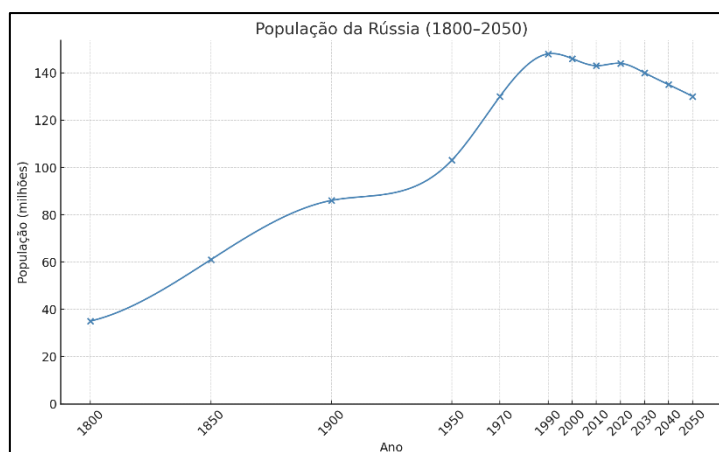
Taxa de mortalidade: 14,5‰

Expectativa de vida: 72,6 anos

Taxa de fertilidade: 1,5 filhos por mulher

A Rússia, maior país do mundo em extensão territorial, possui uma trajetória demográfica marcada por intensas transformações políticas e sociais. Após um crescimento acelerado entre os séculos XIX e XX, a população enfrentou sucessivas rupturas, incluindo guerras, fome, políticas de coletivização e, mais recentemente, o colapso da União Soviética.

A população russa atingiu seu auge por volta do ano 2000, mas desde então vem apresentando tendência de estagnação e declínio, com destaque para a queda da taxa de natalidade e o aumento da mortalidade e com uma das taxas de crescimento vegetativo mais negativas do continente europeu, devido ao envelhecimento populacional associado à baixa taxa de fertilidade e à expectativa de vida inferior à média europeia, em parte devido a fatores como consumo excessivo de álcool, doenças cardiovasculares e disparidades regionais no acesso à saúde. A urbanização intensa, com destaque para Moscou e São Petersburgo, contrasta com o esvaziamento de vastas áreas do interior e do extremo oriente russo.



3.2. TURQUIA



Área territorial: 783.562 km²

População estimada (2025): 86.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 110 hab./km²

Taxa de natalidade: 14,1‰

Taxa de mortalidade: 5,5‰

Expectativa de vida: 77,8 anos

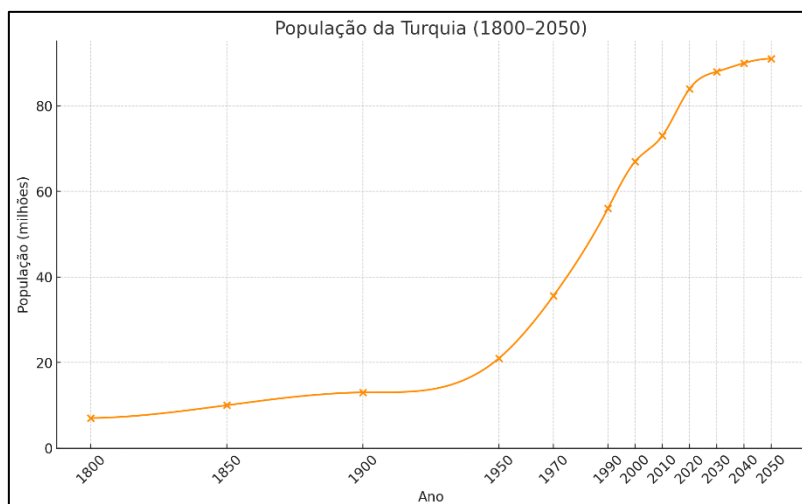
Taxa de fertilidade: 1,9 filhos por mulher

A Turquia apresenta uma trajetória demográfica de crescimento contínuo e acelerado ao longo do século XX, resultado da modernização do Estado após a fundação da república, melhorias nas condições sanitárias e políticas de infraestrutura social é um dos países mais populosos da Europa e da Ásia Ocidental.

A urbanização avançou de forma significativa nas últimas décadas, com grandes centros urbanos como Istambul, Ancara e Esmirna atraindo populações do interior. Isso gerou desafios relacionados à moradia, mobilidade urbana e acesso a serviços públicos.

A taxa de fertilidade, embora ainda próxima do nível de reposição, está em declínio, especialmente entre os jovens das zonas urbanas. Por outro lado, a expectativa de vida tem aumentado, refletindo os avanços na saúde e na educação.

A Turquia vive hoje uma transição demográfica avançada, com tendência à desaceleração no crescimento populacional nas próximas décadas. O país também desempenha papel central nos fluxos migratórios da região.



3.3. ALEMANHA



Área territorial: 357.022 km²

População estimada (2025): 83.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 232 hab./km²

Taxa de natalidade: 9,3‰

Taxa de mortalidade: 11,6‰

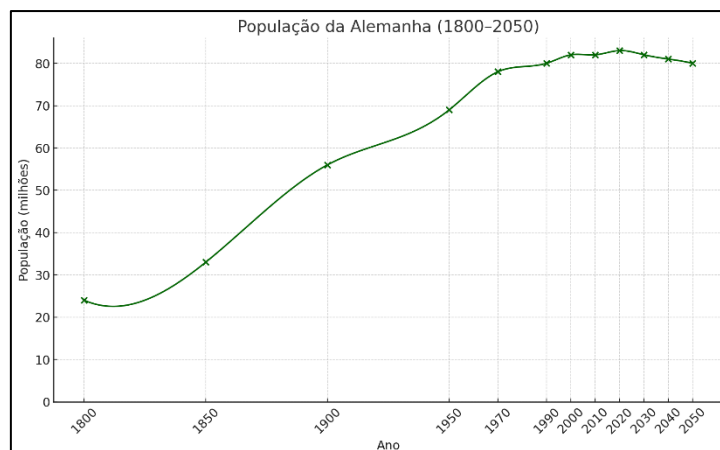
Expectativa de vida: 81,1 anos

Taxa de fertilidade: 1,5 filhos por mulher

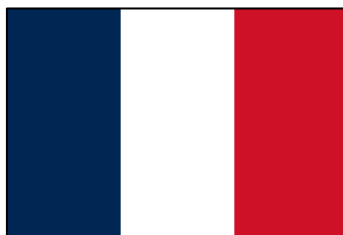
A Alemanha é o país mais populoso da União Europeia, com cerca de 83 milhões de habitantes em 2025. Após um longo período de crescimento entre os séculos XIX e XX, o país passou a vivenciar uma fase de estagnação populacional e envelhecimento acelerado, consequência direta da baixa taxa de fertilidade e da alta expectativa de vida.

A taxa de natalidade é uma das mais baixas da Europa, e a manutenção do volume populacional atual depende fortemente da imigração. A reunificação alemã, em 1990, trouxe novos desafios ao integrar regiões com dinâmicas socioeconômicas distintas. As áreas urbanas, como Berlim, Munique e Hamburgo, concentram grande parte da população e dos investimentos em infraestrutura. Políticas públicas têm buscado estimular a natalidade e promover a inclusão de imigrantes e refugiados no mercado de trabalho.

O sistema de seguridade social já sente os efeitos do envelhecimento da população. A tendência para as próximas décadas aponta para uma leve redução populacional e maior demanda por serviços de saúde e previdência. O desafio será manter a produtividade econômica e o equilíbrio demográfico em um cenário de transição.



3.4. FRANÇA



Área territorial: 551.695 km²

População estimada (2025): 68.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 123 hab./km²

Taxa de natalidade: 10,8‰

Taxa de mortalidade: 9,6‰

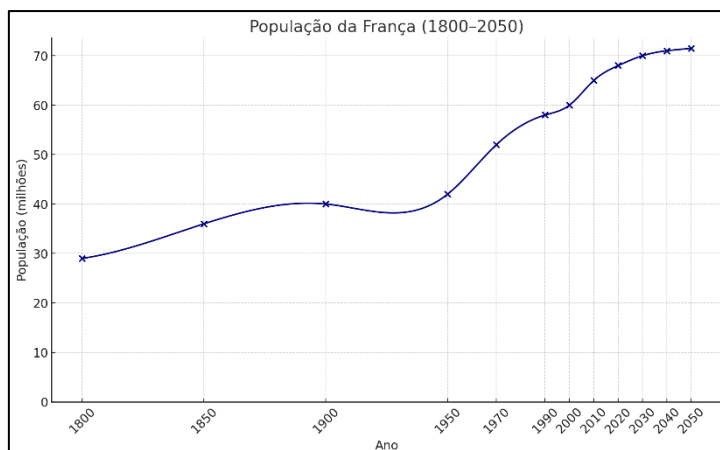
Expectativa de vida: 82,4 anos

Taxa de fertilidade: 1,8 filhos por mulher

A França possui cerca de 68 milhões de habitantes em 2025, sendo o segundo país mais populoso da União Europeia. Ao longo dos séculos XIX e XX, seu crescimento populacional foi estável, embora mais lento em comparação a países vizinhos. Após a Segunda Guerra Mundial, a França vivenciou um "baby boom" que impulsionou sua população e consolidou sua urbanização.

A taxa de fertilidade francesa é uma das mais altas da Europa, sustentada por políticas públicas de apoio à maternidade e à conciliação entre trabalho e família. A imigração desempenha papel relevante no dinamismo populacional, com forte presença de populações oriundas do norte da África e de ex-colônias.

O país enfrenta o envelhecimento da população, mas de forma menos acentuada do que Alemanha ou Itália. A expectativa de vida elevada é reflexo de um sistema de saúde consolidado. A França investe em coesão social e planejamento urbano como estratégias para manter o equilíbrio demográfico e territorial. A tendência é de crescimento moderado nas próximas décadas, com foco na integração social e sustentabilidade urbana.



3.5. ITÁLIA



Área territorial: 301.340 km²

População estimada (2025): 58.500.000 habitantes

Densidade demográfica: 194 hab./km²

Taxa de natalidade: 7,0‰

Taxa de mortalidade: 12,1‰

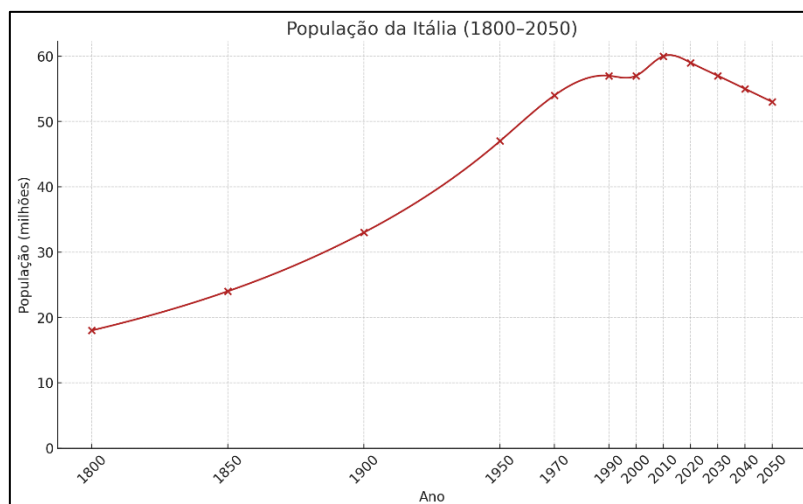
Expectativa de vida: 83,5 anos

Taxa de fertilidade: 1,3 filhos por mulher

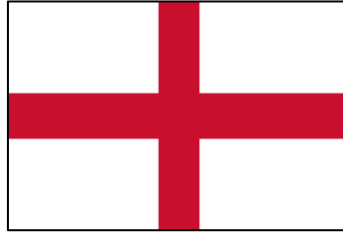
A Itália possui cerca de 58,5 milhões de habitantes, com tendência de declínio populacional nas próximas décadas. Após um forte crescimento entre os séculos XIX e XX, o país vive atualmente uma das situações demográficas mais críticas da Europa. A taxa de fertilidade é uma das mais baixas do continente, insuficiente para repor a população.

O envelhecimento populacional é acentuado, com alta expectativa de vida e crescimento da proporção de idosos. A taxa de natalidade segue em queda, mesmo com políticas públicas voltadas à conciliação trabalho-família. O saldo migratório positivo com entrada de imigrantes da África, Leste Europeu e Ásia tem suavizado a queda demográfica.

Regiões como o norte industrializado concentram a população, já o Sul e o interior perdem habitantes. A urbanização é elevada destacando Roma, Milão e Nápoles. Há desafios econômicos e sociais diante do declínio populacional, incluindo a sustentabilidade do sistema previdenciário. O futuro demográfico dependerá da capacidade de integrar jovens imigrantes, revitalizar regiões em declínio e valorizar políticas de apoio à natalidade.



3.6. INGLATERRA



Área territorial: 130.279 km²

População estimada (2025): 58.900.000 habitantes

Densidade demográfica: 452 hab./km²

Taxa de natalidade: 10,4‰

Taxa de mortalidade: 9,1‰

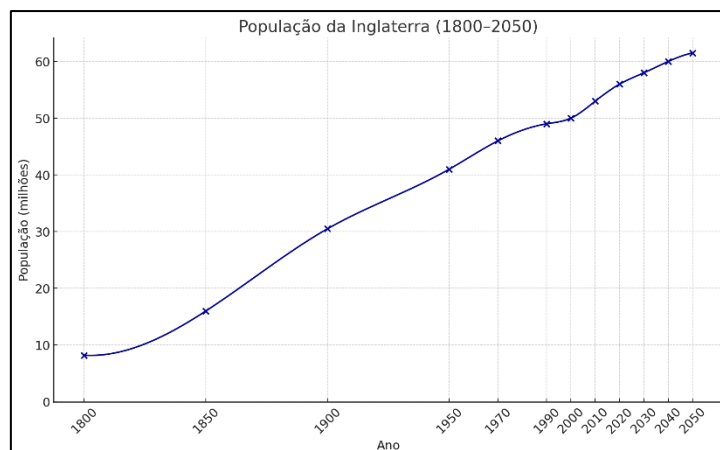
Expectativa de vida: 81,6 anos

Taxa de fertilidade: 1,6 filhos por mulher

A Inglaterra é o país mais populoso do Reino Unido e um dos mais densamente povoados da Europa. Seu crescimento populacional foi intenso durante a Revolução Industrial, tornando-se um dos epicentros urbanos do mundo moderno.

Nas últimas décadas, o crescimento tem sido sustentado principalmente pela imigração, com contribuições significativas da Ásia, África e Europa Oriental. A taxa de fertilidade está abaixo do nível de reposição, e o envelhecimento populacional já é perceptível, especialmente nas áreas rurais. As grandes metrópoles, como Londres, Birmingham e Manchester, concentram não apenas a população, mas também os desafios de moradia, mobilidade e inclusão.

A diversidade étnica e cultural é uma marca da sociedade inglesa contemporânea. O sistema de saúde pública (NHS) e a educação são pressionados pelo crescimento urbano contínuo. O país enfrenta ainda desafios relacionados à desigualdade regional e à coesão social pós-Brexit. A expectativa de vida elevada e o saldo migratório positivo devem manter a população em crescimento moderado até 2040.



3.7. ESPANHA



Área territorial: 505.990 km²

População estimada (2025): 47.800.000 habitantes

Densidade demográfica: 94 hab./km²

Taxa de natalidade: 7,2‰

Taxa de mortalidade: 10,2‰

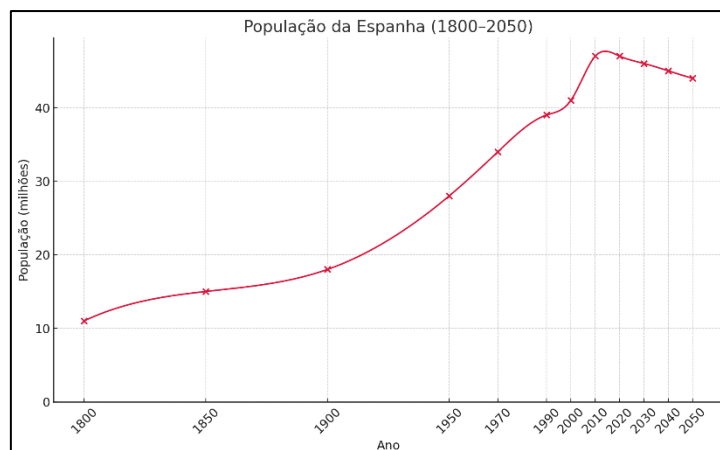
Expectativa de vida: 83,1 anos

Taxa de fertilidade: 1,3 filhos por mulher

A Espanha conta com um crescimento populacional desacelerado e fortemente dependente da imigração. A taxa de fertilidade é uma das mais baixas da Europa, o que indica dificuldades na renovação geracional. Após forte êxodo rural e urbanização no século XX, grandes centros como Madri, Barcelona e Valência concentram a população e a atividade econômica.

O envelhecimento populacional é uma realidade crescente, com impactos diretos sobre os sistemas de saúde e previdência. Apesar disso, a expectativa de vida é elevada, uma das maiores do mundo. A Espanha tem recebido contingentes migratórios vindos da América Latina, norte da África e leste europeu, o que tem contribuído para a diversidade cultural e o crescimento urbano. Regiões como Galícia, Castela e Leão e Astúrias enfrentam esvaziamento populacional.

O desafio demográfico espanhol inclui políticas para incentivo à natalidade, fixação de jovens no interior e integração de imigrantes. A projeção para 2040 é de crescimento moderado, com foco em gestão urbana sustentável e equidade regional.



3.8. UCRÂNIA



Área territorial: 603.550 km²

População estimada (2025): 36.300.000 habitantes

Densidade demográfica: 60 hab./km²

Taxa de natalidade: 7,7‰

Taxa de mortalidade: 14,8‰

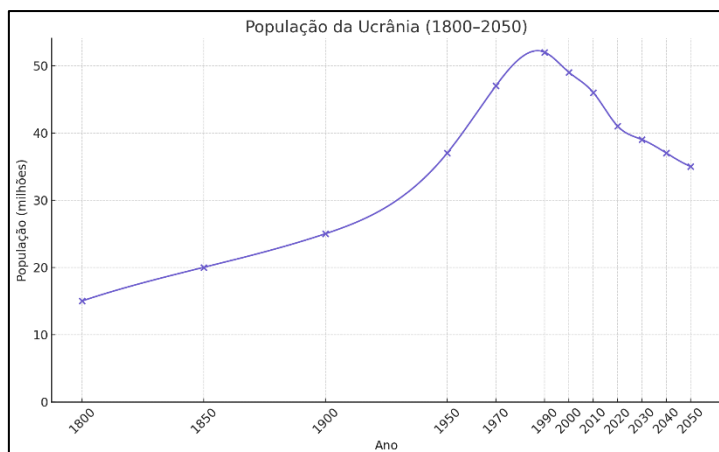
Expectativa de vida: 71,3 anos

Taxa de fertilidade: 1,3 filhos por mulher

A Ucrânia enfrenta uma das mais intensas reduções populacionais da Europa, sua população é significativamente inferior ao registrado no início dos anos 2000. As causas envolvem a baixa taxa de natalidade, alta emigração, envelhecimento populacional e recentemente com os efeitos devastadores da guerra iniciada em 2022.

A expectativa de vida caiu após o conflito, agravando uma tendência já preocupante. O crescimento vegetativo negativo já estava presente antes da guerra, reflexo da baixa taxa de fertilidade e do colapso dos indicadores sociais nas regiões mais pobres. As grandes cidades, como Kiev, Lviv e Kharkiv, ainda concentram população e atividade econômica, mas muitas áreas rurais se encontram em processo de despovoamento.

A emigração para países europeus aumentou significativamente nos últimos anos, principalmente entre jovens e trabalhadores qualificados. A recuperação demográfica dependerá da estabilidade política, reconstrução nacional e políticas de retorno e reintegração. As projeções para 2040 indicam continuidade da perda populacional se não houver forte intervenção governamental e apoio internacional.



3.9. POLÔNIA



Área territorial: 312.696 km²

População estimada (2025): 37.500.000 habitantes

Densidade demográfica: 120 hab./km²

Taxa de natalidade: 8,1‰

Taxa de mortalidade: 13,6‰

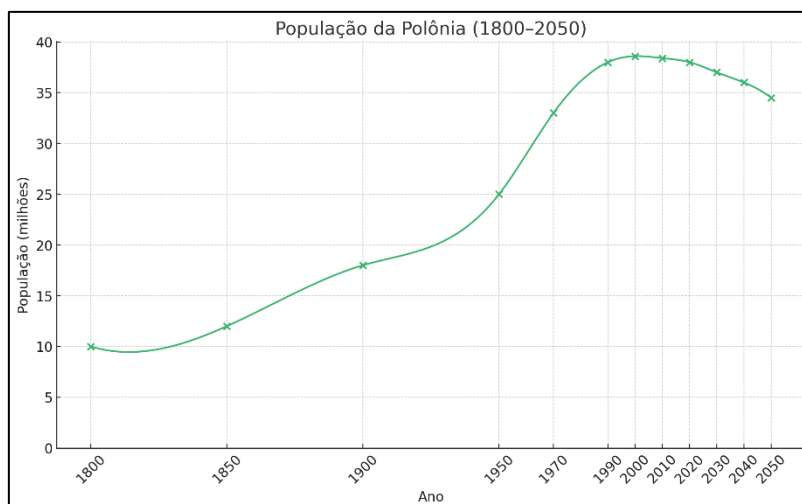
Expectativa de vida: 78,2 anos

Taxa de fertilidade: 1,4 filhos por mulher

A Polônia enfrenta uma fase de declínio demográfico, característica de muitos países da Europa Central e Oriental. Após crescimento no pós-guerra, o país atingiu seu pico populacional no início dos anos 2000, mas desde então observa-se queda na taxa de natalidade e aumento da mortalidade. A taxa de fertilidade permanece baixa, insuficiente para renovação geracional.

O envelhecimento da população avança rapidamente, pressionando o sistema de saúde e previdência. A emigração também contribui para o declínio populacional, especialmente de jovens qualificados que buscam melhores condições em outros países da União Europeia. As áreas urbanas como Varsóvia, Cracóvia e Gdansk concentram oportunidades, enquanto muitas zonas rurais enfrentam despovoamento.

O governo polonês tem adotado políticas de incentivo à natalidade, como benefícios a famílias com filhos, mas os resultados ainda são limitados. A Polônia também tem recebido migrantes da Ucrânia nos últimos anos, o que atenua parcialmente o declínio.



3.10. ROMÊNIA



Área territorial: 238.397 km²

População estimada (2025): 18.800.000 habitantes

Densidade demográfica: 79 hab./km²

Taxa de natalidade: 8,5‰

Taxa de mortalidade: 15,4‰

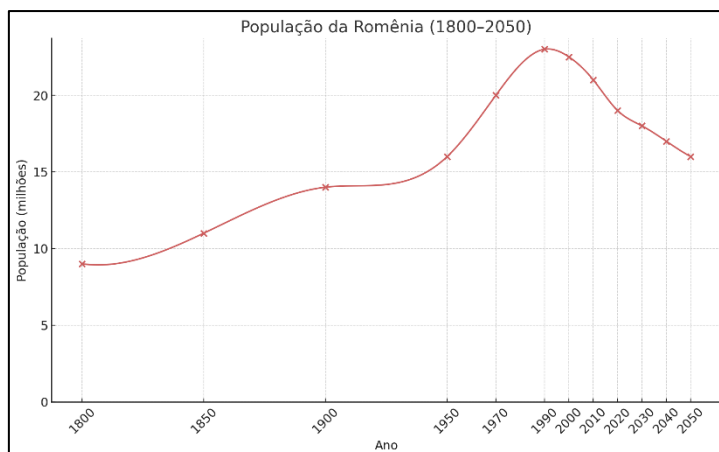
Expectativa de vida: 75,0 anos

Taxa de fertilidade: 1,6 filhos por mulher.

A Romênia tem enfrentado um dos mais intensos processos de declínio populacional da Europa nas últimas décadas, sua população é significativamente inferior ao de 2000. A queda resulta da combinação entre baixa taxa de natalidade, alto índice de emigração e envelhecimento populacional. Milhões de romenos emigraram para países da União Europeia após a adesão ao bloco em 2007, especialmente jovens e trabalhadores qualificados.

A taxa de fertilidade permanece abaixo do nível de reposição, e a taxa de mortalidade é elevada, refletindo desigualdades no acesso à saúde. Regiões rurais e do interior sofrem com o despovoamento, enquanto cidades como Bucareste e Cluj-Napoca mantêm dinamismo demográfico. A expectativa de vida tem aumentado gradualmente, mas ainda está abaixo da média europeia.

O governo tem buscado conter a evasão populacional com incentivos econômicos e sociais, mas os efeitos ainda são limitados. A tendência até 2040 é de queda demográfica contínua, exigindo políticas voltadas à atração de imigrantes e valorização da juventude.



3.11. PAÍSES BAIXOS “HOLANDA”



Área territorial: 41.543 km²

População estimada (2025): 17.800.000 habitantes

Densidade demográfica: 428 hab./km²

Taxa de natalidade: 10,1‰

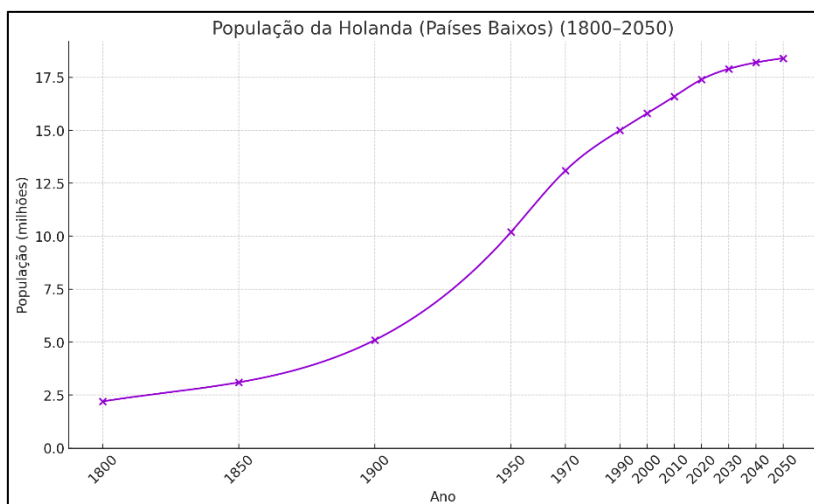
Taxa de mortalidade: 9,3‰

Expectativa de vida: 82,1 anos

Taxa de fertilidade: 1,7 filhos por mulher

Os Países Baixos contam com crescimento moderado e constante da população, a taxa de fertilidade permanece abaixo do nível de reposição, mas o crescimento populacional é sustentado pelo saldo migratório positivo, especialmente de países europeus, asiáticos e africanos. A densidade demográfica é uma das mais altas da Europa, o que exige planejamento urbano rigoroso e políticas ambientais eficientes.

A urbanização é quase total, com destaque para Amsterdã, Roterdã, Haia e Utrecht. A expectativa de vida elevada reflete o alto padrão de vida, sistema de saúde consolidado e políticas públicas eficazes. A Holanda investe em habitação, mobilidade e sustentabilidade para lidar com os desafios do crescimento em um território pequeno e densamente povoado. A diversidade étnica e cultural tem aumentado, o que exige políticas de integração e combate à desigualdade. A projeção até 2040 indica leve aumento da população, com envelhecimento gradual. O país é um exemplo de equilíbrio entre crescimento econômico, inclusão social e inovação em gestão urbana e ambiental.



3.12. BÉLGICA



Área territorial: 30.689 km²

População estimada (2025): 11.800.000 habitantes

Densidade demográfica: 384 hab./km²

Taxa de natalidade: 10,5‰

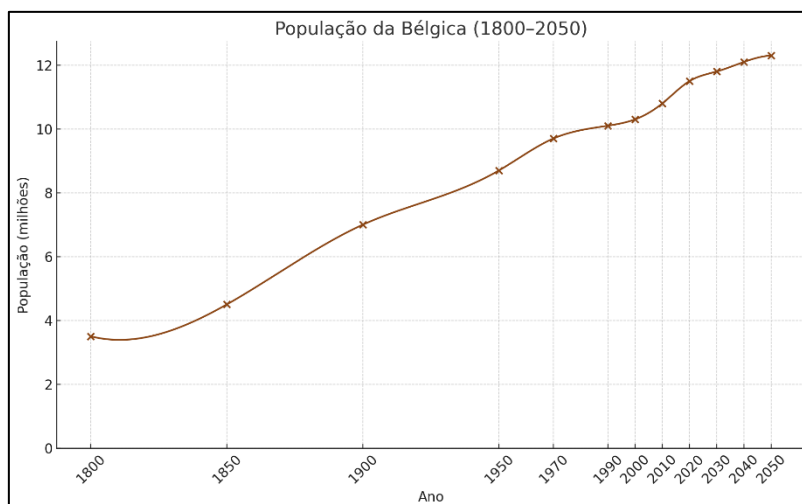
Taxa de mortalidade: 9,5‰

Expectativa de vida: 82,2 anos

Taxa de fertilidade: 1,7 filhos por mulher

A Bélgica apresenta crescimento populacional constante, ainda que moderado. A taxa de fertilidade está abaixo do nível de reposição, mas o saldo migratório positivo garante a manutenção e expansão populacional. O país tem uma das maiores densidades demográficas da Europa, o que demanda planeamento territorial eficiente e políticas habitacionais contínuas. Bruxelas, como capital nacional e sede da União Europeia, exerce forte atração populacional e abriga uma população diversa e internacionalizada.

A expectativa de vida elevada reflete a qualidade dos serviços públicos de saúde, educação e bem-estar. A composição étnica e linguística do país com comunidades flamenga, valã e germanófona também influencia a distribuição regional da população. A urbanização é consolidada, com centros importantes como Antuérpia, Liège e Gante. A imigração tem papel relevante na renovação demográfica, com presença significativa de africanos, árabes e europeus do leste. A tendência para 2040 é de crescimento leve, com desafios relacionados ao envelhecimento populacional e coesão social.



3.13. GRÉCIA



Área territorial: 131.957 km²

População estimada (2025): 10.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 75 hab./km²

Taxa de natalidade: 7,7‰

Taxa de mortalidade: 12,3‰

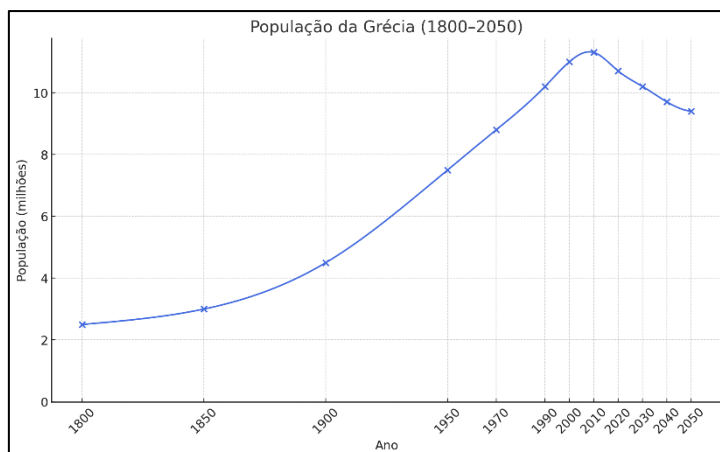
Expectativa de vida: 81,4 anos

Taxa de fertilidade: 1,3 filhos por mulher

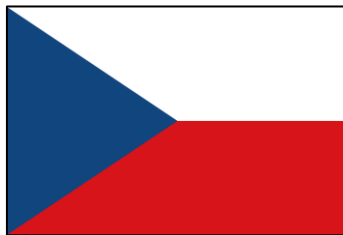
A Grécia enfrenta um processo de declínio demográfico após décadas de crescimento lento e estabilidade. O país vive uma das maiores quedas na taxa de natalidade da Europa, combinada com uma população cada vez mais envelhecida. A taxa de fertilidade permanece bem abaixo do nível de reposição, enquanto a expectativa de vida é elevada.

A crise econômica iniciada em 2008 acelerou a emigração, especialmente de jovens e profissionais qualificados, o que agravou o desequilíbrio etário. A população está concentrada em áreas urbanas como Atenas e Tessalônica, enquanto muitas regiões rurais sofrem com esvaziamento. A imigração, principalmente de países do Oriente Médio e da África, tem gerado tensões sociais e políticas.

O envelhecimento populacional representa um desafio urgente para os sistemas de saúde e previdência. A Grécia precisa de estratégias que estimulem a natalidade, fixem jovens no país e promovam a integração de imigrantes. A retração populacional exige ação governamental coordenada para enfrentar o colapso demográfico anunciado.



3.14. TCHÉQUIA



Área territorial: 78.866 km²

População estimada (2025): 10.700.000 habitantes

Densidade demográfica: 136 hab./km²

Taxa de natalidade: 9,5‰

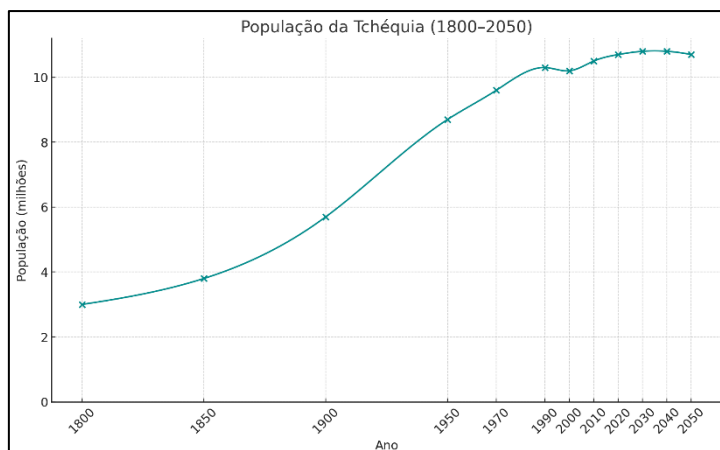
Taxa de mortalidade: 10,9‰

Expectativa de vida: 79,4 anos

Taxa de fertilidade: 1,7 filhos por mulher

A Tchécua mantém relativa estabilidade demográfica nas últimas décadas. O país passou por transformações importantes após a dissolução da Tchechoslováquia, consolidando uma estrutura populacional urbana e envelhecida. A taxa de fertilidade, embora abaixo do nível de reposição, está entre as mais altas da Europa Central. O envelhecimento populacional avança, mas de forma menos acelerada do que em países vizinhos.

A expectativa de vida tem crescido de forma contínua, refletindo melhorias no sistema de saúde e na qualidade de vida. As principais cidades Praga, Brno e Ostrava concentram população, empregos e infraestrutura. A imigração tem ajudado a manter o equilíbrio populacional, com destaque para fluxos vindos da Ucrânia, Eslováquia e países do Cáucaso. A taxa de mortalidade aumentou nos últimos anos, mas o saldo migratório positivo suaviza seus efeitos. As projeções indicam leve queda ou estabilidade da população, desde que mantidas as políticas social e equilíbrio entre natalidade, imigração e qualidade dos serviços públicos.



3.15. PORTUGAL



Área territorial: 92.212 km²

População estimada (2025): 10.100.000 habitantes

Densidade demográfica: 110 hab./km²

Taxa de natalidade: 7,8‰

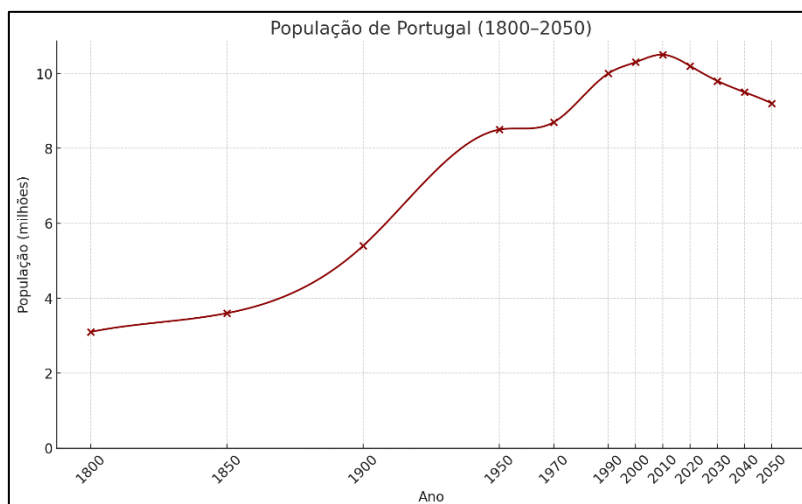
Taxa de mortalidade: 12,0‰

Expectativa de vida: 82,6 anos

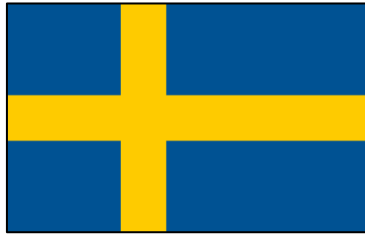
Taxa de fertilidade: 1,4 filhos por mulher

Portugal apresenta estabilidade demográfica com tendência de leve declínio nas próximas décadas. O país vive uma intensa transição demográfica, com baixa taxa de natalidade e alta expectativa de vida, o que tem resultado no envelhecimento da população. A taxa de fertilidade permanece abaixo do nível de reposição há décadas, e o crescimento populacional recente foi sustentado principalmente pela imigração. Regiões como o interior alentejano e o norte rural enfrentam despovoamento e perda de serviços. Lisboa, Porto e Algarve concentram a maior parte da população e da atividade econômica.

A população idosa representa parcela crescente, gerando pressões sobre os sistemas de saúde e previdência. O país tem atraído imigrantes de países africanos lusófonos, Brasil e Europa Oriental, contribuindo para a renovação da força de trabalho. O desafio demográfico português exige políticas de incentivo à natalidade, fixação da juventude e revitalização do interior. A projeção para 2040 aponta redução populacional se não houver reversão das tendências atuais.



3.16. SUÉCIA



Área territorial: 450.295 km²

População estimada (2025): 10.800.000 habitantes

Densidade demográfica: 24 hab./km²

Taxa de natalidade: 10,7‰

Taxa de mortalidade: 9,2‰

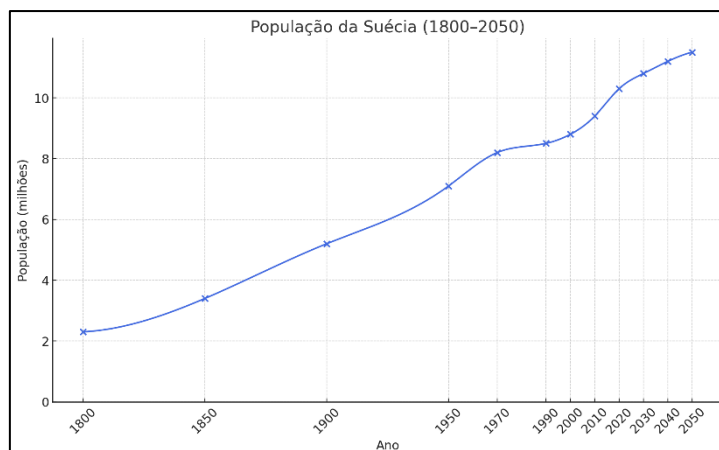
Expectativa de vida: 83,1 anos

Taxa de fertilidade: 1,8 filhos por mulher

A Suécia possui uma trajetória de crescimento populacional constante, sustentada por políticas públicas sólidas e um ambiente socioeconômico estável. A taxa de fertilidade está entre as mais altas da Europa, ainda que abaixo do nível de reposição. A imigração exerce papel fundamental na manutenção do crescimento, com destaque para refugiados e trabalhadores qualificados oriundos do Oriente Médio, África e Europa Oriental.

A expectativa de vida elevada reflete a qualidade do sistema de saúde, educação e proteção social. O país possui baixa densidade demográfica, com concentração populacional em Estocolmo, Gotemburgo e Malmö. O envelhecimento da população avança, mas é compensado por políticas de incentivo à natalidade e boa integração de imigrantes.

A urbanização é bem planejada, e o modelo de bem-estar sueco promove equilíbrio entre crescimento populacional e inclusão social. A projeção aponta crescimento moderado, com desafios voltados à gestão do multiculturalismo, sustentabilidade urbana e manutenção dos indicadores sociais em patamares elevados.



3.17. HUNGRIA



Área territorial: 93.028 km²

População estimada (2025): 9.400.000 habitantes

Densidade demográfica: 101 hab./km²

Taxa de natalidade: 9,1‰

Taxa de mortalidade: 14,6‰

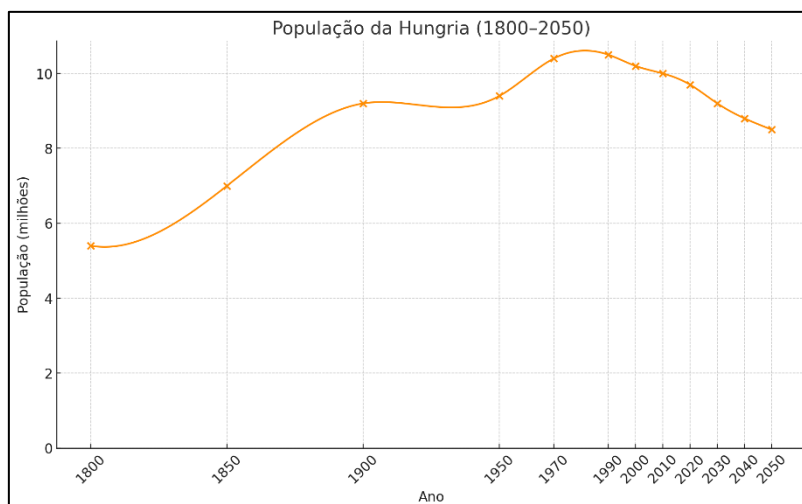
Expectativa de vida: 76,5 anos

Taxa de fertilidade: 1,6 filhos por mulher

A Hungria enfrenta um processo contínuo de declínio populacional desde o início dos anos 1980, com projeção de queda até 2040. A baixa taxa de fertilidade, combinada ao aumento da mortalidade e ao envelhecimento populacional, tem reduzido o crescimento vegetativo. Apesar de iniciativas governamentais para estimular a natalidade, como subsídios e incentivos fiscais, os resultados ainda são limitados. A expectativa de vida vem melhorando, mas ainda está abaixo da média da Europa Ocidental.

A urbanização é predominante, com Budapeste concentrando atividades econômicas e população. Regiões rurais e periféricas sofrem com a migração interna e o esvaziamento. A imigração, embora presente, não compensa a perda populacional.

A Hungria também enfrenta desafios relacionados à evasão de jovens qualificados para outros países da União Europeia. O cenário futuro demanda políticas de fixação da juventude, revalorização das pequenas cidades e incentivo à integração de imigrantes. A projeção para 2040 indica continuidade da retração demográfica.



3.18. BELARUS “BIELORÚSSIA”



Área territorial: 207.595 km²

População estimada (2025): 9.100.000 habitantes

Densidade demográfica: 44 hab./km²

Taxa de natalidade: 9,0‰

Taxa de mortalidade: 13,4‰

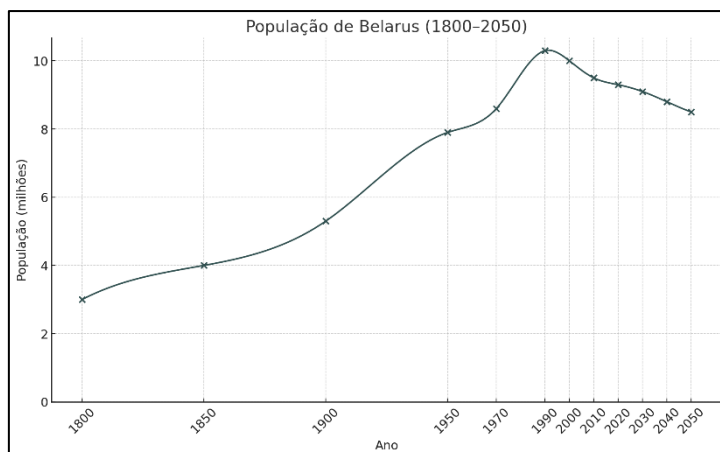
Expectativa de vida: 73,4 anos

Taxa de fertilidade: 1,5 filhos por mulher

A Bielorrússia apresenta declínio populacional contínuo desde o início do século XXI. A baixa taxa de natalidade e o crescimento da mortalidade, especialmente entre homens em idade ativa, contribuem para o crescimento vegetativo negativo. A expectativa de vida é inferior à média europeia, afetada por fatores como consumo de álcool, doenças cardiovasculares e infraestrutura de saúde deficiente.

A taxa de fertilidade permanece baixa, refletindo instabilidade econômica e mudanças culturais. Minsk concentra parte significativa da população e do desenvolvimento urbano, enquanto outras regiões enfrentam esvaziamento. A emigração, especialmente de jovens qualificados, tem se intensificado nos últimos anos. O envelhecimento populacional avança rapidamente, com impactos sobre o mercado de trabalho e os sistemas sociais.

A Bielorrússia enfrenta desafios políticos e econômicos que influenciam diretamente na demografia, projeções indicam continuidade na retração populacional, a menos que haja reformas significativas em políticas de saúde, natalidade e retenção de população jovem.



3.19. ÁUSTRIA



Área territorial: 83.879 km²

População estimada (2025): 9.200.000 habitantes

Densidade demográfica: 110 hab./km²

Taxa de natalidade: 9,5‰

Taxa de mortalidade: 10,0‰

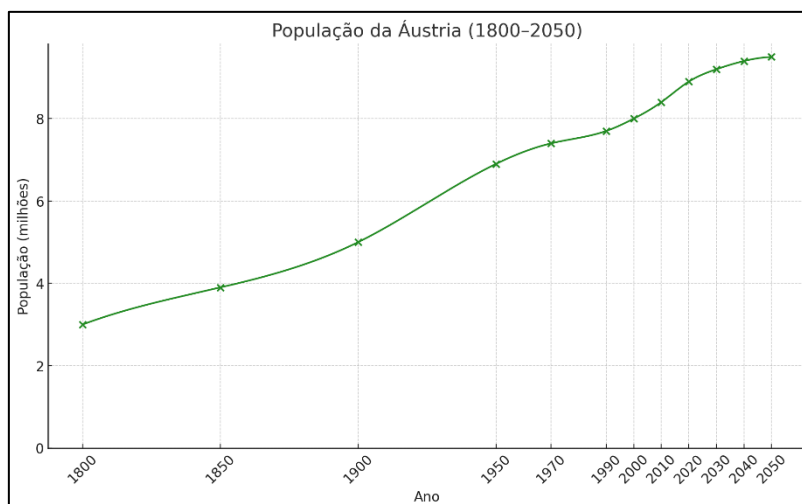
Expectativa de vida: 82,1 anos

Taxa de fertilidade: 1,5 filhos por mulher

A Áustria apresenta uma trajetória de crescimento demográfico estável e gradual. A taxa de fertilidade permanece abaixo do nível de reposição, mas o país compensa esse déficit com saldo migratório positivo, especialmente de países do Leste Europeu, dos Balcãs e do Oriente Médio. A expectativa de vida elevada reflete o bom desempenho do sistema de saúde, educação e infraestrutura urbana.

A urbanização é consolidada, com destaque para Viena, que concentra população, economia e diversidade cultural. A imigração tem papel importante na renovação da força de trabalho e na manutenção do crescimento populacional. A população idosa cresce, o que exige ajustes nos sistemas de previdência e saúde.

A Áustria tem investido em políticas públicas voltadas à conciliação trabalho-família, inclusão de imigrantes e valorização da natalidade. A projeção até 2040 indica crescimento moderado, com maior diversidade demográfica e necessidade de gestão social equilibrada para manter os padrões de qualidade de vida.



3.20. SUÍÇA



Área territorial: 41.290 km²

População estimada (2025): 8.900.000 habitantes

Densidade demográfica: 216 hab./km²

Taxa de natalidade: 10,5‰

Taxa de mortalidade: 8,4‰

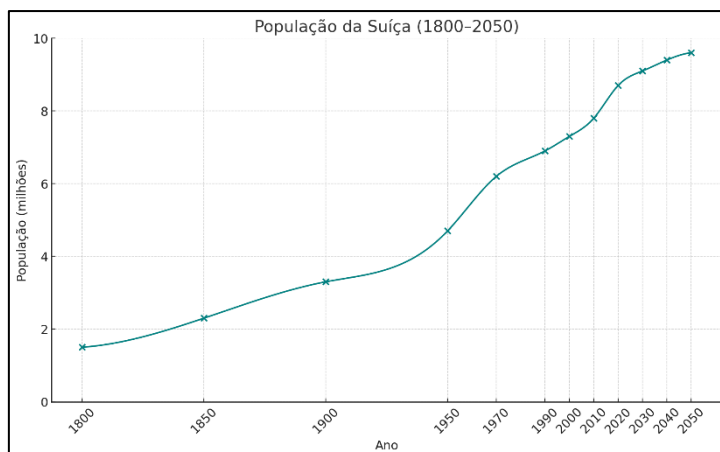
Expectativa de vida: 84,2 anos

Taxa de fertilidade: 1,6 filhos por mulher

A Suíça mantém uma trajetória de crescimento constante, impulsionada principalmente pela imigração. Com uma das maiores expectativas de vida do mundo, o país destaca-se por seu sistema de saúde eficiente e políticas sociais robustas. A taxa de fertilidade é inferior ao nível de reposição, mas o crescimento populacional persiste graças ao forte fluxo migratório, composto por trabalhadores qualificados da Europa e outras regiões.

Zurique, Genebra, Basileia e Lausanne concentram a maioria da população urbana e da atividade econômica. A diversidade linguística (alemão, francês, italiano e romanche) contribui para uma organização equilibrada. O envelhecimento populacional já é perceptível, mas está sendo administrado com planejamento e investimento público.

A Suíça aposta em inovação, sustentabilidade e integração de imigrantes para manter sua estabilidade demográfica e social. A projeção indica continuidade no crescimento populacional, com aumento da diversidade étnica e cultural como marca de sua sociedade contemporânea.



3.21. BULGÁRIA



Área territorial: 110.994 km²

População estimada (2025): 6.400.000 habitantes

Densidade demográfica: 58 hab./km²

Taxa de natalidade: 8,1‰

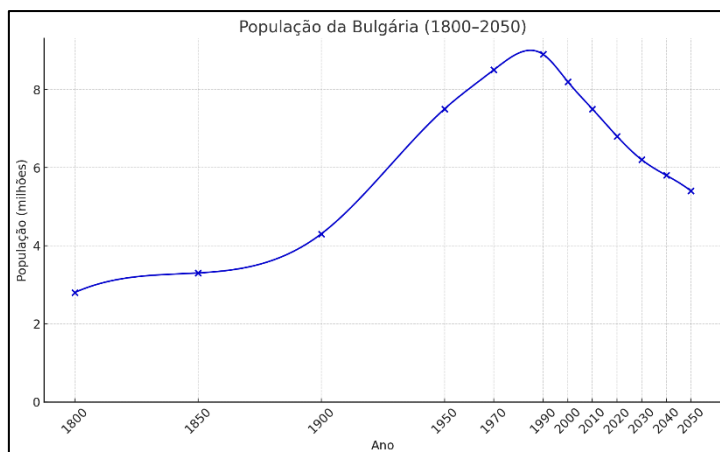
Taxa de mortalidade: 15,5‰

Expectativa de vida: 72,3 anos

Taxa de fertilidade: 1,5 filhos por mulher

A Bulgária apresenta uma das trajetórias demográficas mais desafiadoras da Europa. Após atingir seu pico populacional em 1980, com quase 9 milhões de habitantes, o país tem enfrentado um declínio contínuo, atribuído a baixas taxas de natalidade, alta emigração e envelhecimento populacional. A taxa de mortalidade supera a de natalidade, enquanto o número de jovens diminui acentuadamente. A emigração de trabalhadores qualificados em busca de melhores oportunidades no exterior também afeta negativamente a renovação demográfica.

A expectativa de vida tem melhorado, mas ainda está abaixo da média da União Europeia. As áreas urbanas, como Sófia, Plovdiv e Varna, concentram os serviços e oportunidades, enquanto regiões rurais enfrentam despovoamento e envelhecimento acentuado. Mas o desafio búlgaro é complexo, reverter a tendência de declínio populacional exige políticas eficazes de estímulo à natalidade, retenção de talentos, reintegração de emigrantes e adaptação do sistema previdenciário a uma população progressivamente mais idosa.



3.22. SÉRVIA



Área territorial: 77.474 km²

População estimada (2025): 6.600.000 habitantes

Densidade demográfica: 85 hab./km²

Taxa de natalidade: 9,1‰

Taxa de mortalidade: 14,9‰

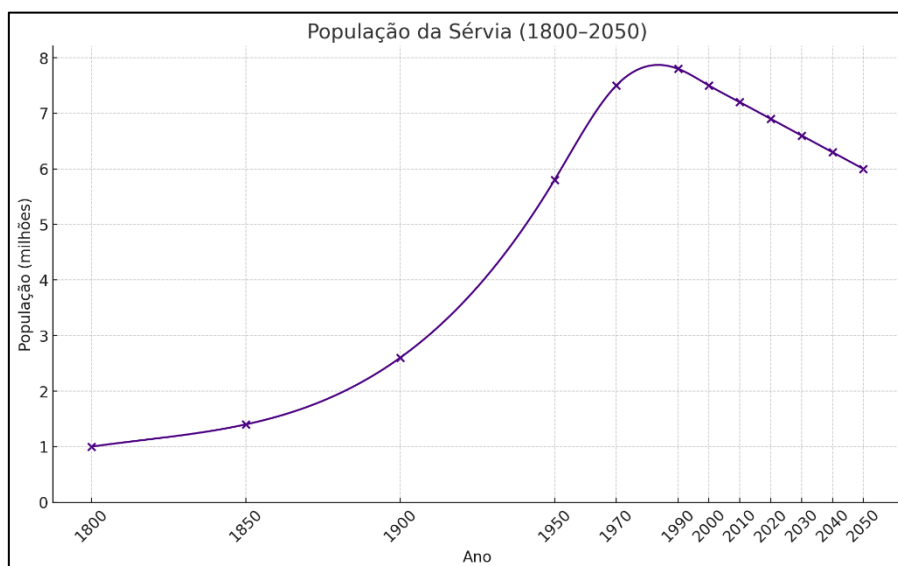
Expectativa de vida: 74,9 anos

Taxa de fertilidade: 1,5 filhos por mulher

A Sérvia enfrenta um acentuado processo de declínio populacional nas últimas décadas, resultado de baixas taxas de natalidade, alta mortalidade e emigração persistente. Após o colapso da Iugoslávia, a Sérvia sofreu perdas demográficas significativas, agravadas por conflitos regionais, crises econômicas e fluxo migratório negativo sobretudo entre jovens e profissionais qualificados. A estrutura etária é envelhecida, o que impõe forte pressão sobre o sistema previdenciário e os serviços de saúde.

A urbanização é consolidada, com destaque para Belgrado, mas o despovoamento das zonas rurais é crescente. Políticas públicas recentes tentam incentivar a natalidade e o retorno de emigrantes, mas com resultados ainda limitados.

A reversão do declínio demográfico exigirá estratégias integradas que combinem incentivos à natalidade, valorização da juventude, estímulo ao retorno de talentos e promoção de desenvolvimento regional equilibrado.



3.23. DINAMARCA



Área territorial: 42.933 km²

População estimada (2025): 5.950.000 habitantes

Densidade demográfica: 139 hab./km²

Taxa de natalidade: 10,6‰

Taxa de mortalidade: 9,5‰

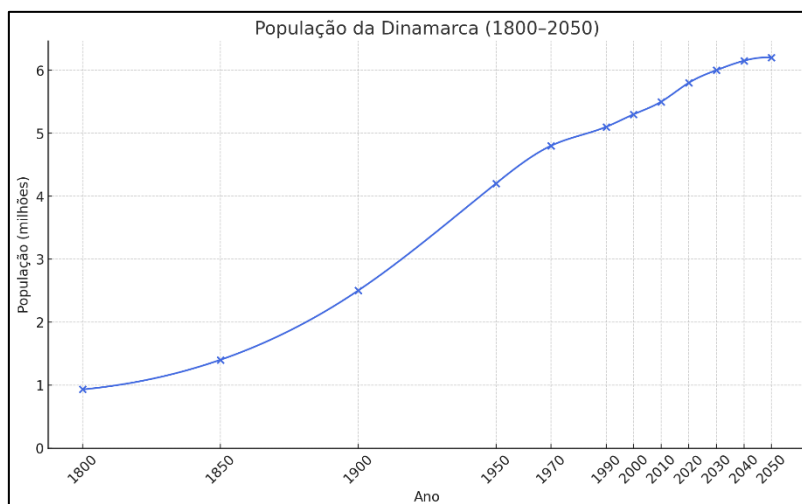
Expectativa de vida: 81,1 anos

Taxa de fertilidade: 1,6 filhos por mulher

A Dinamarca apresenta uma evolução demográfica estável e previsível ao longo do último século. O país é exemplo de transição demográfica completa, com baixa taxa de natalidade e crescimento sustentado por políticas públicas eficazes e imigração. A estrutura etária está envelhecendo gradualmente, o que impulsiona reformas nos sistemas de previdência e saúde. Ainda assim, o país consegue manter equilíbrio populacional graças à imigração qualificada e ao acolhimento de refugiados e trabalhadores estrangeiros.

A urbanização é elevada, com destaque para Copenhague como polo econômico, cultural e tecnológico. A qualidade dos serviços públicos, aliada à sustentabilidade urbana e à educação inclusiva, garante à Dinamarca um dos mais altos índices de desenvolvimento humano do mundo.

O principal desafio demográfico para as próximas décadas será garantir a renovação da força de trabalho e promover maior integração dos imigrantes, mantendo a coesão social e os elevados padrões de bem-estar.



3.24. ESCÓCIA



Área territorial: 77.933 km²

População estimada (2025): 5.500.000 habitantes

Densidade demográfica: 71 hab./km²

Taxa de natalidade: 8,4‰

Taxa de mortalidade: 11,5‰

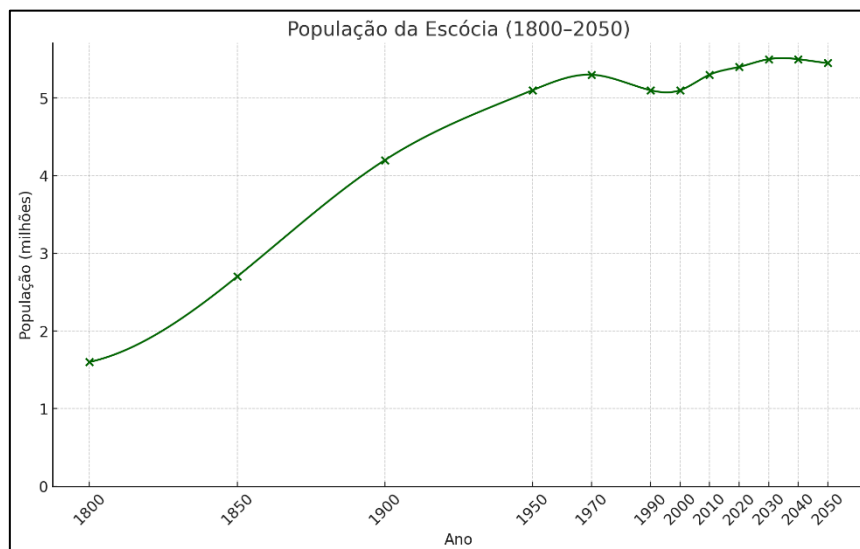
Expectativa de vida: 79,2 anos

Taxa de fertilidade: 1,4 filhos por mulher

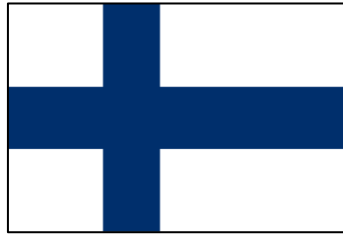
A Escócia apresenta uma dinâmica demográfica estável, mas marcada por leve declínio e envelhecimento populacional. A população atual tem crescido lentamente desde os anos 2000, impulsionada principalmente por saldos migratórios positivos, já que as taxas de natalidade estão abaixo do nível de reposição.

A urbanização é alta, com Edimburgo e Glasgow como centros econômicos e culturais. No entanto, áreas rurais e ilhas enfrentam despovoamento e envelhecimento acelerado, exigindo políticas de repovoamento e desenvolvimento regional.

A expectativa de vida tem melhorado, mas ainda há desafios relacionados ao acesso à saúde, ao sistema previdenciário e à permanência de jovens no país. Nos próximos anos, o equilíbrio demográfico dependerá da imigração, da retenção de mão de obra jovem e do fortalecimento de políticas públicas voltadas à inclusão e ao desenvolvimento territorial sustentável.



3.25. FINLÂNDIA



Área territorial: 338.455 km²

População estimada (2025): 5.540.000 habitantes

Densidade demográfica: 16 hab./km²

Taxa de natalidade: 8,3‰

Taxa de mortalidade: 10,7‰

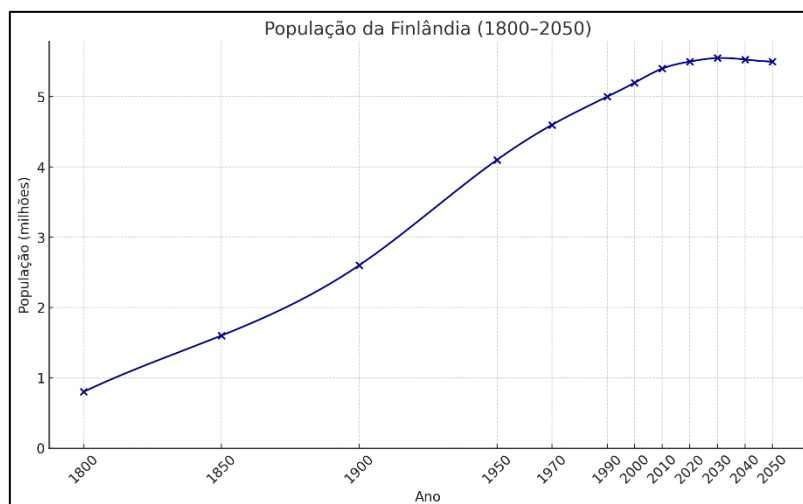
Expectativa de vida: 82,1 anos

Taxa de fertilidade: 1,4 filhos por mulher

A Finlândia apresenta uma população relativamente estável, com crescimento moderado ao longo do século XX e início de declínio previsto para as próximas décadas. A baixa taxa de natalidade e a fertilidade inferior ao nível de reposição refletem padrões comuns a muitos países desenvolvidos, resultando em envelhecimento da população. O saldo migratório positivo tem ajudado a conter a redução populacional, principalmente com a chegada de refugiados e imigrantes de países vizinhos.

A urbanização é alta, com Helsinki e outras cidades como Espoo e Tampere concentrando grande parte da população. O país é reconhecido por sua qualidade de vida, sistema educacional exemplar e políticas públicas eficientes.

O principal desafio demográfico da Finlândia será manter sua força de trabalho e garantir sustentabilidade dos sistemas de saúde e previdência, diante de uma sociedade cada vez mais envelhecida. Políticas de natalidade, imigração qualificada e estímulo à permanência de jovens serão fundamentais para o equilíbrio futuro.



3.26. ESLOVÁQUIA



Área territorial: 49.035 km²

População estimada (2025): 5.370.000 habitantes

Densidade demográfica: 109 hab./km²

Taxa de natalidade: 9,5‰

Taxa de mortalidade: 10,9‰

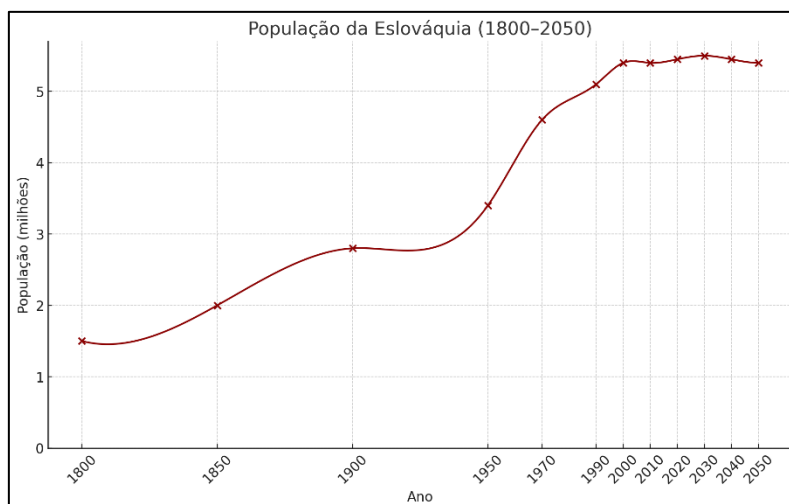
Expectativa de vida: 77,2 anos

Taxa de fertilidade: 1,6 filhos por mulher

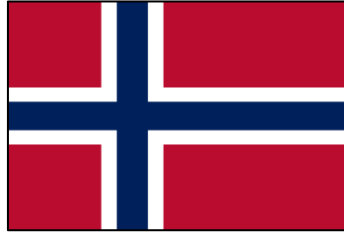
A Eslováquia apresenta uma população relativamente estável, com leve tendência de declínio nas próximas décadas. O país atravessa um processo típico de transição demográfica avançada, com baixas taxas de natalidade e envelhecimento da população.

Após sua separação da Tchecoslováquia em 1993, a Eslováquia consolidou seu desenvolvimento econômico e institucional, tornando-se membro da União Europeia em 2004. As melhorias nos serviços de saúde e educação contribuíram para o aumento da expectativa de vida, mas não foram suficientes para reverter a queda na fertilidade.

A urbanização é moderada, com destaque para Bratislava, capital e principal centro econômico. O êxodo de jovens para outros países europeus em busca de oportunidades também contribui para o envelhecimento e esvaziamento de algumas regiões. O futuro demográfico da Eslováquia dependerá da criação de políticas voltadas à retenção de jovens, estímulo à natalidade e atração de imigrantes, além da modernização dos sistemas de seguridade social para enfrentar os efeitos do envelhecimento populacional.



3.27. NORUEGA



Área territorial: 323.802 km²

População estimada (2025): 5.600.000 habitantes

Densidade demográfica: aproximadamente 17 hab/km²

Taxa de natalidade: 10,5‰

Taxa de mortalidade: 8,3‰

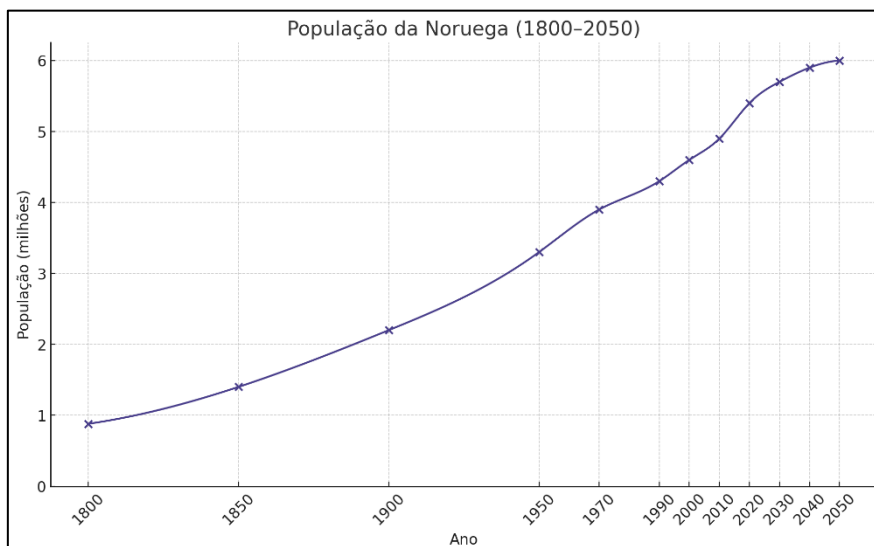
Expectativa de vida: 83,0 anos

Taxa de fertilidade: 1,5 filhos por mulher

A Noruega apresenta crescimento populacional contínuo e sustentável, impulsionado por saldos migratórios positivos e elevada qualidade de vida. Com uma das maiores expectativas de vida do mundo e baixa taxa de natalidade, a Noruega enfrenta o desafio do envelhecimento populacional. No entanto, políticas eficazes de bem-estar social, incentivo à imigração e equilíbrio econômico têm garantido estabilidade demográfica.

A população está altamente urbanizada, concentrada nas regiões costeiras e em centros como Oslo, Bergen e Trondheim. A densidade demográfica é baixa devido à vasta extensão territorial montanhosa e pouco habitada do interior.

O país é referência em políticas ambientais, equidade de gênero e educação pública de qualidade, o que contribui para sua resiliência demográfica. O futuro da Noruega dependerá da manutenção de sua política de inclusão, apoio à natalidade e atração de talentos estrangeiros qualificados.



3.28. IRLANDA



Área territorial: 70.273 km²

População estimada (2025): 5.300.000 habitantes

Densidade demográfica: 75 hab./km²

Taxa de natalidade: 11,2‰

Taxa de mortalidade: 6,7‰

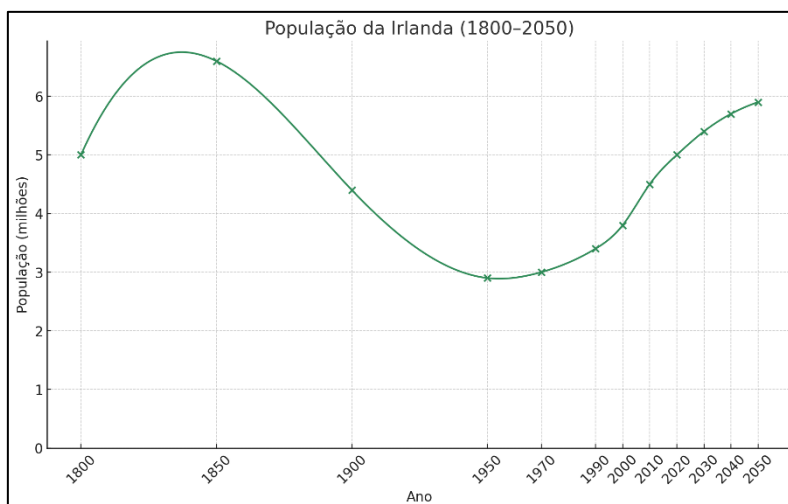
Expectativa de vida: 82,8 anos

Taxa de fertilidade: 1,7 filhos por mulher

A Irlanda vivenciou uma das maiores reduções populacionais da história após a Grande Fome do século XIX, e sua recuperação demográfica foi lenta até meados do século XX. A partir dos anos 1990, no entanto, o país passou por um expressivo crescimento populacional impulsionado por expansão econômica, aumento da natalidade e imigração.

Apresentando uma das estruturas etárias mais equilibradas da Europa, mantendo uma taxa de fertilidade relativamente alta para os padrões da União Europeia. A expectativa de vida também é elevada, reflexo de avanços em saúde pública e qualidade de vida.

O país se tornou destino atrativo para trabalhadores estrangeiros, especialmente após seu desenvolvimento como polo tecnológico e financeiro. A urbanização é acentuada, com Dublin concentrando boa parte da população e da atividade econômica. O crescimento futuro da Irlanda dependerá da manutenção do dinamismo econômico, do equilíbrio migratório e de políticas que estimulem a natalidade e fortaleçam o interior do país frente à concentração demográfica nas grandes cidades.



3.29. CROÁCIA



Área territorial: 56.594 km²

População estimada (2025): 3.800.000 habitantes

Densidade demográfica: 67 hab./km²

Taxa de natalidade: 8,8‰

Taxa de mortalidade: 14,6‰

Expectativa de vida: 78,1 anos

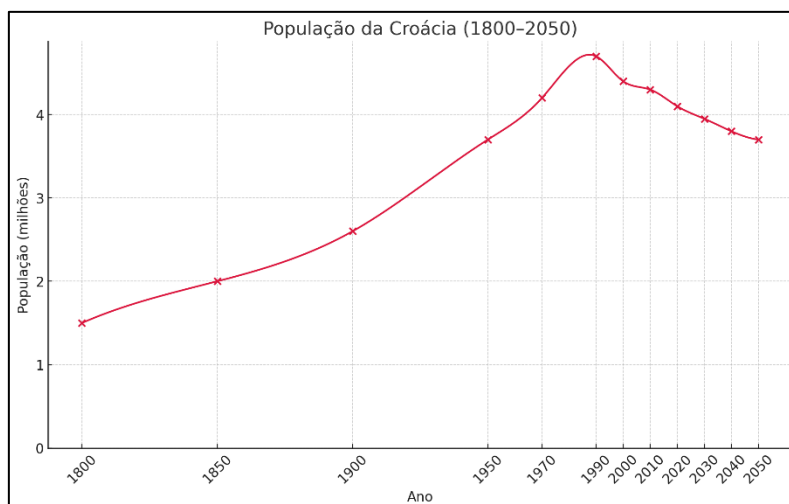
Taxa de fertilidade: 1,5 filhos por mulher

A Croácia enfrenta uma das quedas populacionais mais acentuadas da Europa, combinando baixas taxas de natalidade e fertilidade com alta emigração, especialmente entre jovens proporcionando uma tendência de redução contínua nas próximas décadas.

O país vivenciou crescimento moderado até o final do século XX, mas conflitos durante os anos 1990 e dificuldades econômicas estimularam um intenso êxodo populacional, sobretudo para outros países da União Europeia. A população está envelhecendo rapidamente, o que pressiona os sistemas de saúde e previdência.

A urbanização é significativa, concentrada em Zagreb, Split e Rijeka, enquanto muitas áreas rurais e cidades pequenas enfrentam despovoamento. A expectativa de vida segue em ascensão, refletindo melhorias nos serviços de saúde.

O desafio croata será encontrar um equilíbrio entre políticas de estímulo à natalidade, atração e retenção de população jovem, e revitalização de regiões afetadas pelo declínio demográfico, visando garantir um desenvolvimento equilibrado e sustentável.



3.30. BÓSNIA & HERZEGOVINA



Área territorial: 51.209 km²

População estimada (2025): 3.200.000 habitantes

Densidade demográfica: 62 hab./km²

Taxa de natalidade: 8,5‰

Taxa de mortalidade: 12,4‰

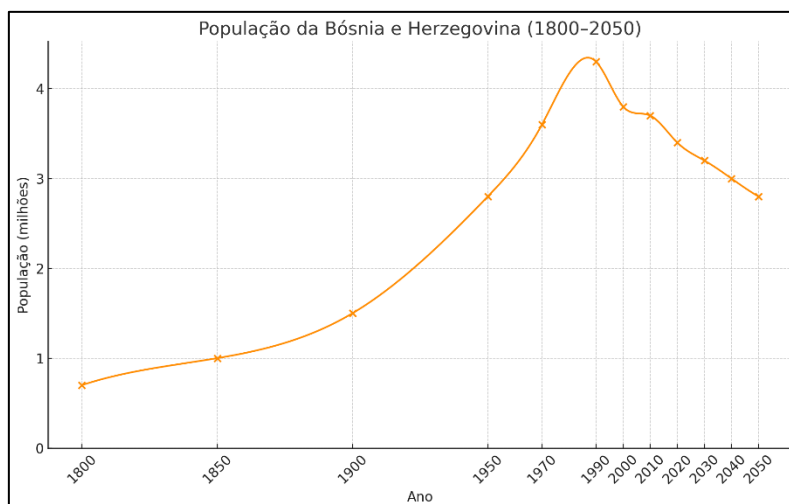
Expectativa de vida: 77,1 anos

Taxa de fertilidade: 1,4 filhos por mulher

A Bósnia e Herzegovina apresenta um quadro de declínio populacional acentuado desde o final do século XX. Após atingir o pico populacional nos anos 1980, o país sofreu forte retração demográfica devido à guerra civil dos anos 1990, à emigração em massa e ao envelhecimento da população.

A tendência de redução continua, agravada por baixas taxas de natalidade e pela saída contínua de jovens para países da União Europeia em busca de melhores condições de vida e trabalho. A urbanização é moderada, com Sarajevo como principal centro urbano e econômico. Muitas áreas do interior enfrentam despovoamento e dificuldades de acesso a serviços básicos, o que compromete o desenvolvimento regional.

O país enfrenta ainda desafios relacionados à estabilidade política, à reconstrução institucional e à coesão étnica e social. O futuro demográfico dependerá da capacidade de conter a emigração, incentivar políticas natalistas e promover oportunidades econômicas para sua juventude.



3.31. ALBÂNIA



Área territorial: 28.748 km²

População estimada (2025): 2.700.000 habitantes

Densidade demográfica: 94 hab./km²

Taxa de natalidade: 10,0‰

Taxa de mortalidade: 8,5‰

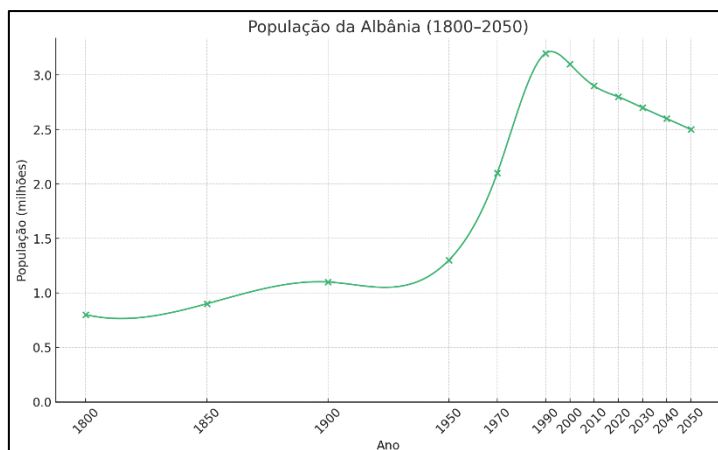
Expectativa de vida: 78,9 anos

Taxa de fertilidade: 1,5 filhos por mulher

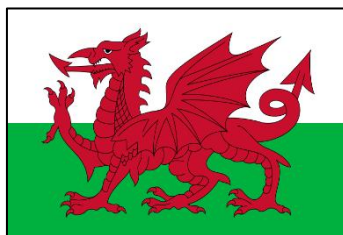
A Albânia apresenta uma trajetória populacional marcada por crescimento até o final do século XX e declínio nas décadas recentes. Após atingir um pico no início dos anos 2000, o país registra uma diminuição progressiva de sua população, atribuída à baixa natalidade e à emigração expressiva de jovens e adultos em idade produtiva.

A Albânia enfrenta um duplo desafio: o envelhecimento da população e a perda contínua de capital humano para outros países europeus. A urbanização é elevada, com Tirana como principal centro urbano, enquanto áreas montanhosas e rurais estão se esvaziando rapidamente.

Apesar de melhorias na expectativa de vida e nos indicadores de saúde e educação, a recuperação demográfica requer estratégias de retenção populacional, incentivo à natalidade e fortalecimento das oportunidades econômicas internas. O futuro demográfico da Albânia dependerá do equilíbrio entre reformas estruturais, integração regional e políticas voltadas à juventude, capazes de reverter o declínio e estimular o retorno de migrantes.



3.32. PAÍS DE GALES



Área territorial: 20.779 km²

População estimada (2025): 3.170.000 habitantes

Densidade demográfica: 153 hab./km²

Taxa de natalidade: 9,4‰

Taxa de mortalidade: 11,3‰

Expectativa de vida: 80,4 anos

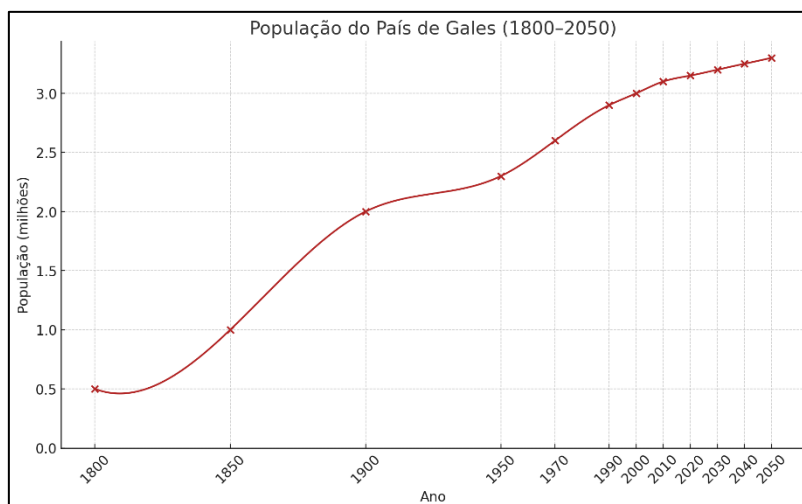
Taxa de fertilidade: 1,5 filhos por mulher

O País de Gales tem apresentado crescimento demográfico lento, mas constante, nas últimas décadas, impulsionada principalmente por saldos migratórios positivos oriundos de outras regiões do Reino Unido e da Europa.

Com baixas taxas de natalidade e fertilidade, a estrutura etária tende ao envelhecimento, o que exige atenção especial aos sistemas de saúde e previdência. A expectativa de vida é elevada e segue em ascensão, embora ligeiramente abaixo da média do Reino Unido.

A urbanização é predominante, com Cardiff, Swansea e Newport como centros principais. Regiões do norte e oeste enfrentam desafios de despovoamento e demanda por políticas de coesão territorial e estímulo à economia local.

O futuro demográfico do País de Gales dependerá da capacidade de promover o desenvolvimento regional equilibrado, atrair jovens, e preservar a identidade cultural e linguística galesa diante das transformações sociais e migratórias em curso.



3.33. LITUÂNIA



Área territorial: 65.300 km²

População estimada (2025): 2.400.000 habitantes

Densidade demográfica: 37 hab./km²

Taxa de natalidade: 9,3‰

Taxa de mortalidade: 14,5‰

Expectativa de vida: 76,5 anos

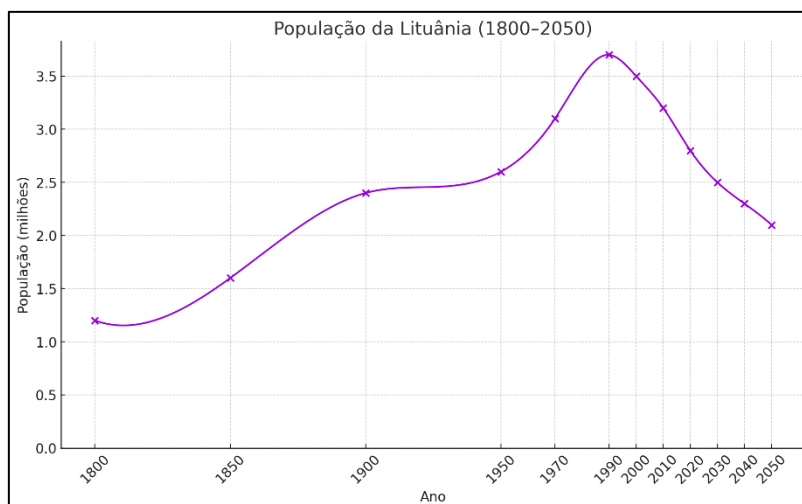
Taxa de fertilidade: 1,5 filhos por mulher

A Lituânia apresenta uma das maiores reduções populacionais relativas da Europa nas últimas décadas. Após alcançar seu pico populacional no início dos anos 2000, o país iniciou um processo contínuo de declínio, resultado da baixa natalidade, alta emigração e envelhecimento da população.

A tendência é de queda, com projeções apontando para menos de 2,2 milhões em 2040. A saída de jovens em busca de melhores oportunidades econômicas em outros países da União Europeia tem sido um dos principais fatores dessa retração.

A urbanização é elevada, com Vilnius, Kaunas e Klaipėda como principais centros urbanos. A expectativa de vida tem melhorado com os avanços no sistema de saúde, mas ainda apresenta disparidades regionais e de gênero.

O desafio demográfico da Lituânia está em conter a fuga de cérebros, reverter a tendência de envelhecimento populacional e estimular políticas que promovam o retorno de emigrantes e o crescimento sustentável das regiões mais afetadas pelo despovoamento.



3.34. MOLDÁVIA



Área territorial: 33.846 km²

População estimada (2025): 2.500.000 habitantes (excluindo Transnístria)

Densidade demográfica: 74 hab./km²

Taxa de natalidade: 9,1‰

Taxa de mortalidade: 13,7‰

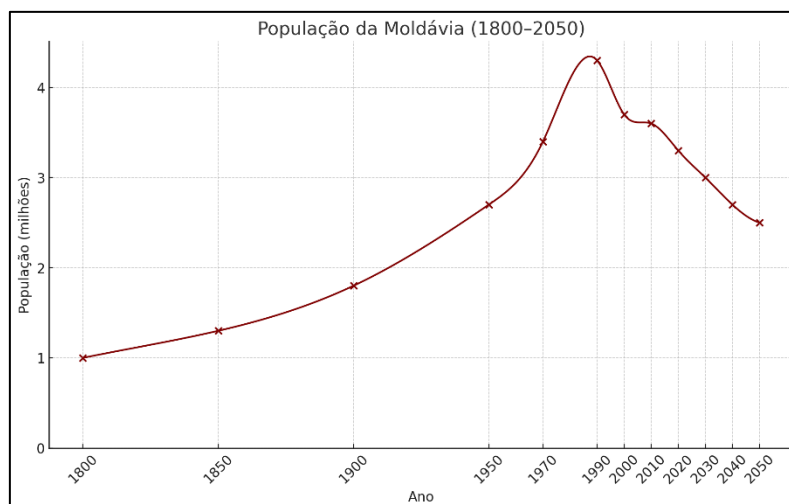
Expectativa de vida: 72,9 anos

Taxa de fertilidade: 1,6 filhos por mulher

A Moldávia enfrenta um dos maiores desafios demográficos da Europa, com uma queda populacional expressiva desde o início do século XXI. A principal causa dessa retração é a emigração em massa, com milhões de moldavos buscando oportunidades de trabalho e melhores condições de vida em países da União Europeia, especialmente Itália, Rússia e Alemanha. Além disso, a baixa taxa de natalidade e o envelhecimento populacional aprofundam o declínio.

A urbanização é moderada, com Chisinau como centro político e econômico. Zonas rurais sofrem com despovoamento e dificuldades de acesso a serviços públicos, o que intensifica a desigualdade regional.

A expectativa de vida tem melhorado, mas ainda está abaixo da média europeia. A Moldávia precisa de políticas robustas para conter a evasão populacional, promover a reintegração de emigrantes e estimular a natalidade, além de investir em desenvolvimento rural e infraestrutura social.



3.35. MACEDÔNIA DO NORTE



Área territorial: 25.713 km²

População estimada (2025): 1.820.000 habitantes

Densidade demográfica: 71 hab./km²

Taxa de natalidade: 9,4‰

Taxa de mortalidade: 10,8‰

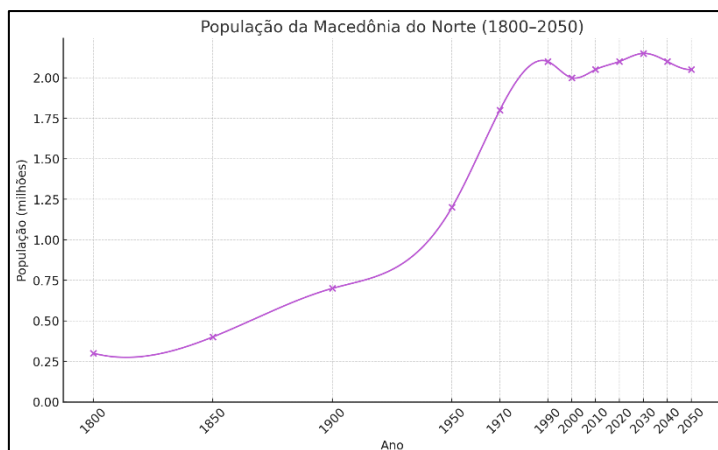
Expectativa de vida: 76,9 anos

Taxa de fertilidade: 1,5 filhos por mulher

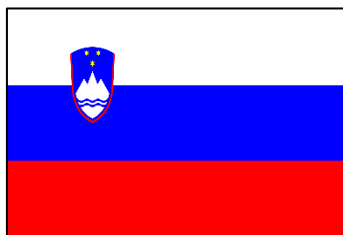
A Macedônia do Norte, país dos Balcãs apresentou tendência de estagnação e declínio populacional nas últimas décadas. Após alcançar seu pico no início dos anos 2000, o país vem perdendo habitantes gradualmente, resultado da emigração jovem, baixa taxa de natalidade e envelhecimento populacional.

O crescimento econômico limitado e as instabilidades políticas históricas também contribuíram para a saída de parte da população, que busca oportunidades em outros países europeus. A urbanização é moderada, com Skopje concentrando cerca de um quarto da população total.

A estrutura demográfica está envelhecendo rapidamente, e o número de nascimentos não compensa as perdas por migração e mortalidade. Apesar disso, a expectativa de vida tem melhorado, refletindo avanços em saúde e educação. O futuro demográfico da Macedônia do Norte dependerá da capacidade de reter sua juventude, estimular políticas de natalidade e integração regional, além de garantir oportunidades para promover desenvolvimento sustentável e coesão social.



3.36. ESLOVÊNIA



Área territorial: 20.273 km²

População estimada (2025): 2.060.000 habitantes

Densidade demográfica: 101 hab./km²

Taxa de natalidade: 9,0‰

Taxa de mortalidade: 11,6‰

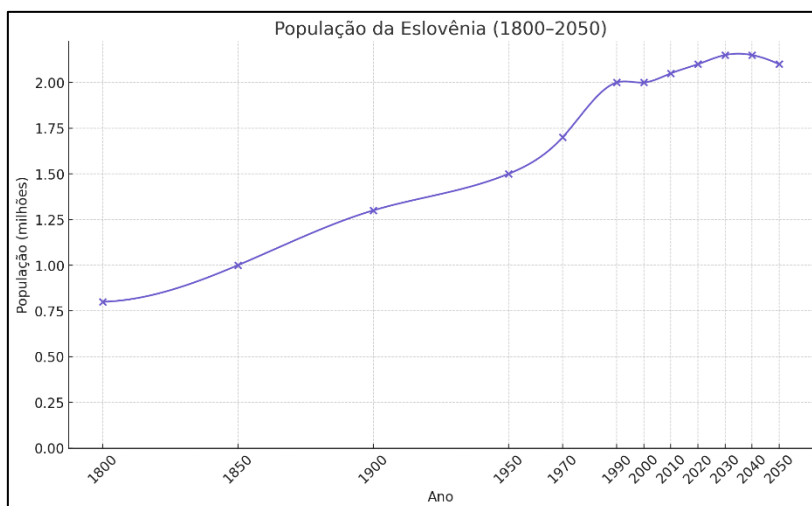
Expectativa de vida: 81,9 anos

Taxa de fertilidade: 1,6 filhos por mulher

A Eslovênia é um dos países mais desenvolvidos da região dos Balcãs, sua trajetória demográfica nas últimas décadas é marcada por crescimento moderado, sustentado parcialmente pela imigração, já que a taxa de natalidade permanece baixa.

Com expectativa de vida elevada e bons indicadores sociais, a Eslovênia enfrenta o desafio do envelhecimento da população, o que pressiona os sistemas de saúde e previdência. A estrutura etária envelhecida exige reformas estruturais e estímulo à natalidade.

A urbanização é elevada, concentrada em cidades como Liubliana, Maribor e Celje. Ao contrário de muitos países vizinhos, a Eslovênia tem conseguido reter parte significativa de sua juventude, graças a boas condições educacionais e oportunidades econômicas internas. O futuro demográfico do país dependerá de políticas que incentivem a renovação populacional, promovam a integração de imigrantes e garantam a sustentabilidade dos sistemas sociais frente à mudança na pirâmide etária.



3.37. LETÔNIA



Área territorial: 64.589 km²

População estimada (2025): 1.790.000 habitantes

Densidade demográfica: 28 hab/km²

Taxa de natalidade: 8,2‰

Taxa de mortalidade: 13,9‰

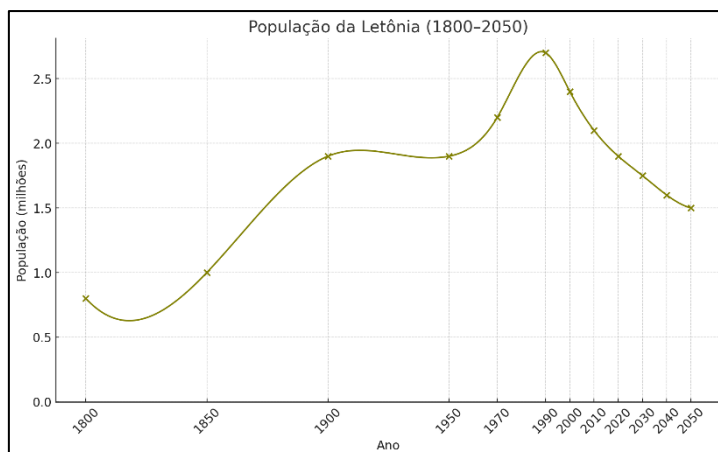
Expectativa de vida: 75,6 anos

Taxa de fertilidade: 1,6 filhos por mulher

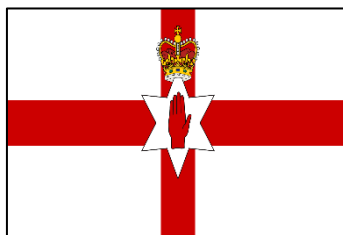
A Letônia enfrenta um dos mais expressivos declínios populacionais da Europa. O país perdeu cerca de 25% de sua população nas últimas três décadas. Esse encolhimento resulta da combinação entre baixas taxas de natalidade, envelhecimento populacional e forte emigração, especialmente após sua entrada na União Europeia em 2004.

O saldo migratório negativo é formado principalmente por jovens em idade ativa, o que acelera o envelhecimento da estrutura demográfica e pressiona os sistemas de saúde e previdência. A urbanização é alta, com Riga, a capital, concentrando mais de um terço da população do país.

Apesar do declínio demográfico, a Letônia apresenta bons indicadores sociais, expectativa de vida em ascensão e avanços significativos na qualidade dos serviços públicos. O desafio está em criar condições atrativas para que os cidadãos permaneçam no país ou retornem após experiências no exterior. O futuro da Letônia dependerá de políticas públicas que estimulem a natalidade, retenham a juventude e promovam o repovoamento de regiões periféricas.



3.38. IRLANDA DO NORTE



Área territorial: 14.130 km²

População estimada (2025): 1.950.000 habitantes

Densidade demográfica: 138 hab./km²

Taxa de natalidade: 11,2‰

Taxa de mortalidade: 9,2‰

Expectativa de vida: 80,1 anos

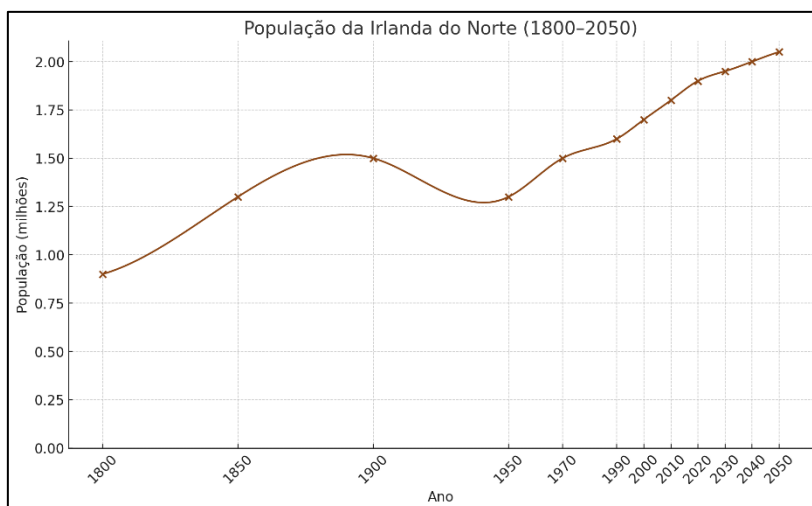
Taxa de fertilidade: 1,8 filhos por mulher

A Irlanda do Norte apresenta crescimento populacional estável e contínuo, em contraste com outras partes do Reino Unido que enfrentam estagnação ou declínio. O país mantém uma estrutura etária relativamente jovem, o que se reflete em taxas de fertilidade um pouco mais elevadas que a média britânica.

A urbanização é moderada, com Belfast como principal centro urbano, econômico e cultural. Regiões rurais e pequenas cidades mantêm densidade populacional significativa, sustentadas por políticas locais e infraestrutura relativamente bem distribuída.

Apesar do histórico de conflitos sectários, as últimas décadas foram marcadas por estabilidade política crescente e melhora nos indicadores sociais. A expectativa de vida tem aumentado gradualmente, impulsionada por investimentos em saúde e educação.

O crescimento futuro da Irlanda do Norte dependerá da manutenção da estabilidade institucional, da integração econômica com o restante do Reino Unido e da União Europeia, e de estratégias que valorizem a diversidade cultural e a coesão social.



3.39. KOSOVO



Área territorial: 10.887 km²

População estimada (2025): 1.730.000 habitantes

Densidade demográfica: 159 hab./km²

Taxa de natalidade: 12,8‰

Taxa de mortalidade: 6,2‰

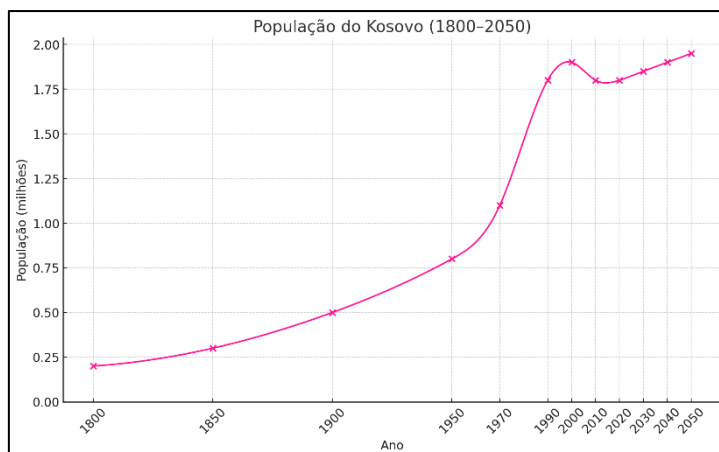
Expectativa de vida: 74,8 anos

Taxa de fertilidade: 1,9 filhos por mulher

O Kosovo apresenta uma dinâmica demográfica particular nos Balcãs, marcada por taxas de natalidade relativamente altas e uma população jovem. No entanto, o país enfrenta declínio populacional recente devido à emigração de jovens em busca de melhores oportunidades econômicas em países da União Europeia.

Possui uma das menores expectativas de vida da Europa, embora em crescimento contínuo. O país apresenta alta densidade populacional em relação ao seu território, com maior concentração nas regiões de Pristina, Prizren e Peja.

Apesar do bônus demográfico, o desemprego elevado, especialmente entre os jovens, limita o aproveitamento do potencial populacional interno. A instabilidade política e o reconhecimento internacional limitado também impactam a capacidade do país de atrair investimentos e consolidar políticas públicas de longo prazo. Para garantir um futuro demográfico equilibrado, o Kosovo precisará conter o êxodo populacional, investir em educação e inovação, e ampliar o acesso a serviços públicos de qualidade, especialmente nas zonas rurais e em regiões de menor desenvolvimento.



3.40. ESTÔNIA



Área territorial: 45.227 km²

População estimada (2025): 1.290.000 habitantes

Densidade demográfica: 29 hab./km²

Taxa de natalidade: 9,4‰

Taxa de mortalidade: 12,8‰

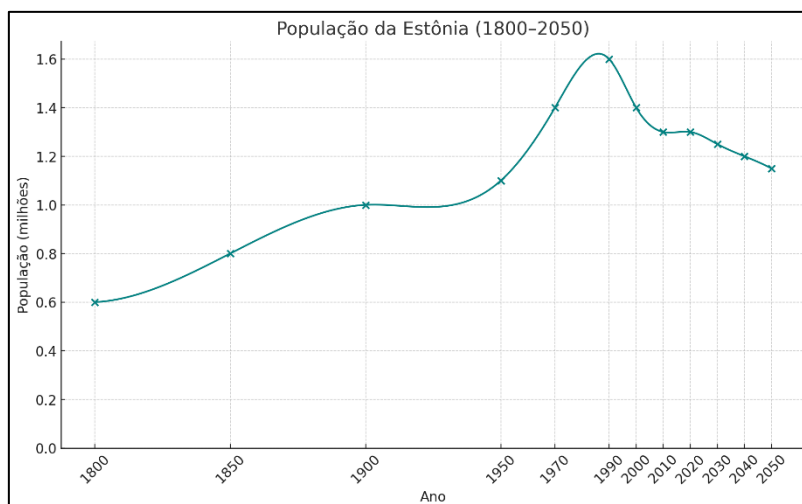
Expectativa de vida: 78,8 anos

Taxa de fertilidade: 1,6 filhos por mulher

A Estônia, menor dos países bálticos, apresenta uma trajetória demográfica de crescimento moderado até o fim do século XX, seguida de declínio contínuo nas últimas décadas. Esse declínio é motivado por baixa taxa de natalidade, envelhecimento da população e fluxo migratório negativo, sobretudo de jovens qualificados para países da União Europeia. A urbanização é elevada, com Tallinn como principal centro urbano e tecnológico do país.

Apesar do encolhimento populacional, a Estônia destaca-se pela digitalização dos serviços públicos, qualidade educacional e estabilidade econômica. A expectativa de vida está em crescimento constante, refletindo os investimentos em saúde e bem-estar social.

O desafio demográfico estoniano está em reverter o saldo migratório negativo, incentivar a natalidade e manter o dinamismo econômico com uma população cada vez mais envelhecida. A inovação e a abertura internacional são apostas estratégicas para garantir a sustentabilidade demográfica.



3.41. CHIPRE



Área territorial: 9.251 km²

População estimada (2025): 1.270.000 habitantes

Densidade demográfica: 137 hab./km²

Taxa de natalidade: 10,5‰

Taxa de mortalidade: 7,1‰

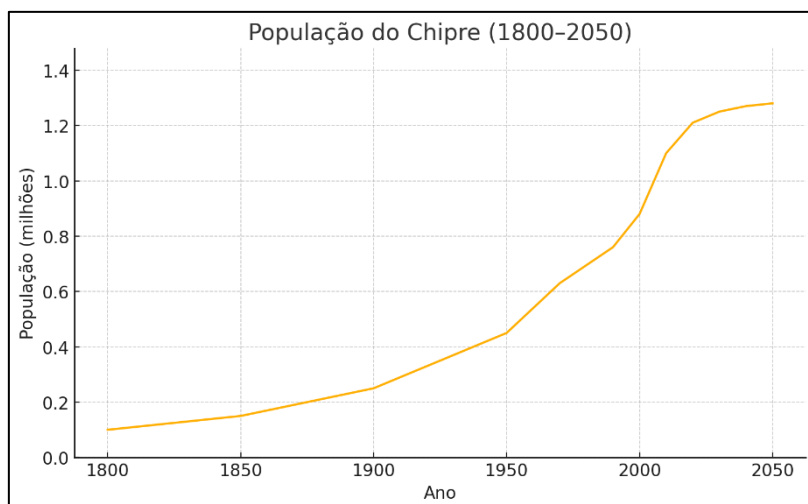
Expectativa de vida: 81,4 anos

Taxa de fertilidade: 1,4 filhos por mulher

Chipre apresenta crescimento demográfico constante ao longo do século XX e início do XXI, o país se destaca por sua economia baseada em turismo, serviços financeiros e comércio internacional, fatores que influenciam positivamente o saldo migratório.

A taxa de natalidade é moderada, mas abaixo do nível de reposição, e a fertilidade segue em queda, refletindo os padrões de sociedades urbanizadas e desenvolvidas. A expectativa de vida elevada é sustentada por um bom sistema de saúde e qualidade de vida.

A ilha permanece politicamente dividida desde 1974 entre a República de Chipre (sul) e a autodeclarada República Turca de Chipre do Norte (reconhecida apenas pela Turquia). Os dados populacionais geralmente referem-se apenas à parte sul da ilha, que é membro da União Europeia. Apesar dos desafios geopolíticos, o país segue atraente para imigrantes, aposentados e investidores. O futuro demográfico dependerá do equilíbrio entre imigração, políticas de natalidade e estabilidade política na região.



3.42. MONTENEGRO



Área territorial: 13.812 km²

População estimada (2025): 610.000 habitantes

Densidade demográfica: 44 hab./km²

Taxa de natalidade: 10,2‰

Taxa de mortalidade: 14,0‰

Expectativa de vida: 77,6 anos

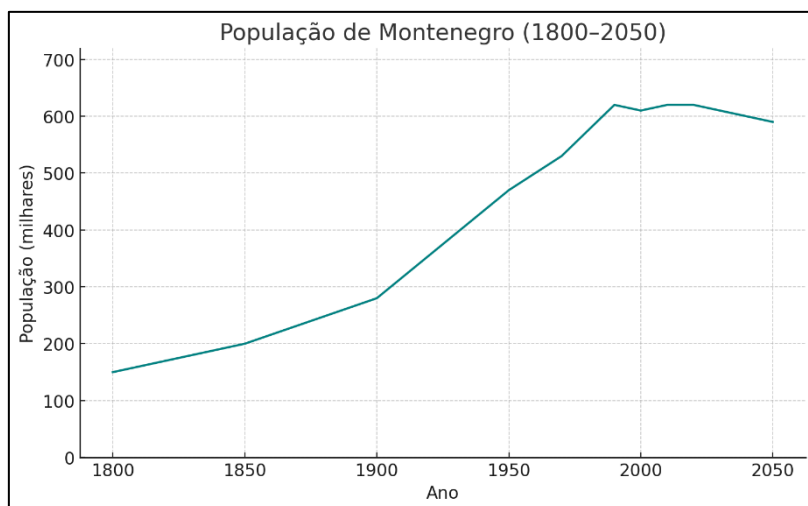
Taxa de fertilidade: 1,7 filhos por mulher

Montenegro, um dos menores países dos Balcãs, apresenta população estável nas últimas décadas, com ligeira tendência de declínio para os próximos anos. O país mantém baixas taxas de natalidade e fertilidade, combinadas a um saldo migratório negativo.

A estrutura etária está envelhecendo progressivamente, o que pressiona os serviços de saúde e previdência. A expectativa de vida segue em crescimento e já se aproxima da média europeia. Apesar da estabilidade populacional, a emigração de jovens em busca de melhores oportunidades em outros países da Europa é um fator preocupante.

A urbanização é moderada, com destaque para a capital Podgorica e centros turísticos na costa do Mar Adriático, que têm contribuído para a dinamização econômica. O setor de turismo é uma das principais fontes de renda e atração de investimentos externos.

O futuro demográfico de Montenegro dependerá de políticas voltadas à retenção da juventude, estímulo à natalidade e valorização das regiões interiores, promovendo equilíbrio entre crescimento econômico e desenvolvimento populacional sustentável.



3.43. LUXEMBURGO



Área territorial: 2.586 km²

População estimada (2025): 675.000 habitantes

Densidade demográfica: 261 hab./km²

Taxa de natalidade: 11,8‰

Taxa de mortalidade: 7,4‰

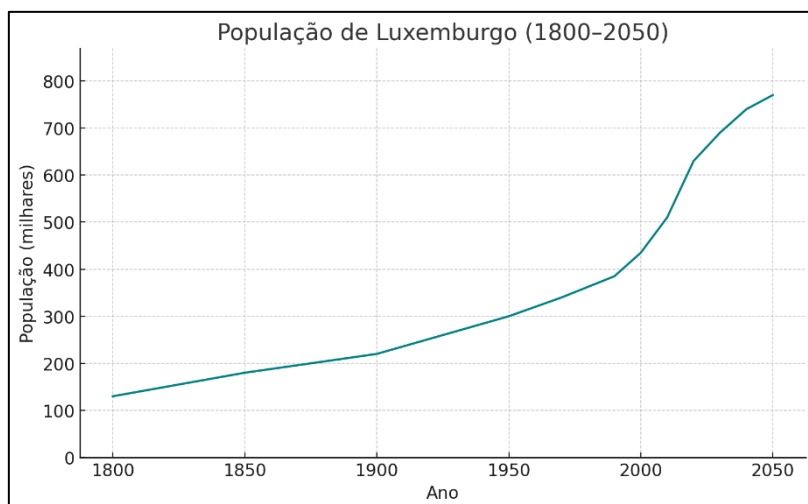
Expectativa de vida: 83,2 anos

Taxa de fertilidade: 1,4 filhos por mulher

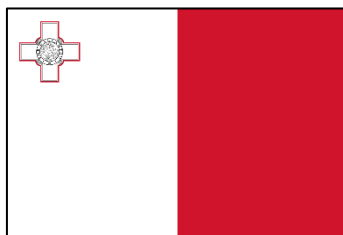
Luxemburgo é um dos menores países e prósperos da Europa, com população em rápido crescimento, especialmente a partir dos anos 2000. Em 2025, estima-se uma população de cerca de 675 mil habitantes, fortemente impulsionada pela imigração.

O país apresenta uma das maiores proporções de estrangeiros residentes da Europa mais de 45% da população atraídos pelas oportunidades de trabalho nos setores financeiro, institucional e de serviços. A fertilidade é baixa, como em outros países desenvolvidos, mas o saldo migratório positivo compensa esse fator.

A expectativa de vida é elevada e os serviços públicos são altamente desenvolvidos, refletindo o elevado padrão de vida e os investimentos em bem-estar social. A capital, Cidade de Luxemburgo, concentra grande parte da população e da atividade econômica. O desafio demográfico de Luxemburgo é manter o crescimento populacional equilibrado com infraestrutura urbana e sustentabilidade ambiental, garantindo a integração dos imigrantes e a continuidade do desenvolvimento econômico com coesão social.



3.44. MALTA



Área territorial: 316 km²

População estimada (2025): 545.000 habitantes

Densidade demográfica: 1.724 hab./km²

Taxa de natalidade: 9,6‰

Taxa de mortalidade: 8,0‰

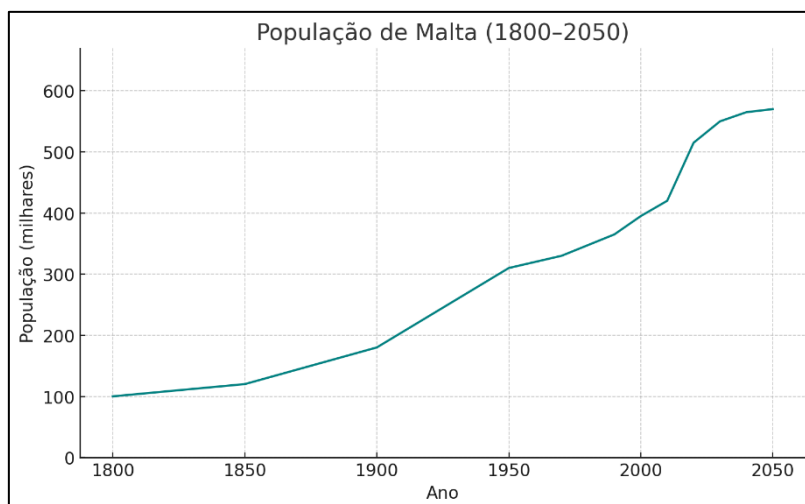
Expectativa de vida: 83,6 anos

Taxa de fertilidade: 1,4 filhos por mulher

Malta é um dos menores países do mundo em área territorial, porém um dos mais densamente povoados. O arquipélago no Mar Mediterrâneo apresenta crescimento demográfico contínuo, sustentado principalmente por fluxos migratórios positivos.

A urbanização é intensa e quase total, com Valeta e sua região metropolitana concentrando a maioria dos habitantes. A expectativa de vida elevada e os bons indicadores de saúde refletem a qualidade do sistema público, alinhado aos padrões da União Europeia.

Apesar da baixa taxa de natalidade e fertilidade, a imigração compensa o saldo natural reduzido, sendo Malta destino de trabalhadores estrangeiros e aposentados, especialmente de outros países europeus. A economia local é sustentada por serviços, turismo, tecnologia e logística marítima. O principal desafio de Malta será conciliar crescimento demográfico com sustentabilidade ambiental, especialmente diante da limitação de espaço e dos recursos naturais. Políticas de habitação, mobilidade urbana e preservação ambiental são centrais para o futuro demográfico do país.



3.45. TRANSNÍSTRIA



Área territorial: 4.163 km²

População estimada (2025): 450.000 habitantes

Densidade demográfica: 108 hab./km²

Taxa de natalidade: 9,2‰

Taxa de mortalidade: 14,4‰

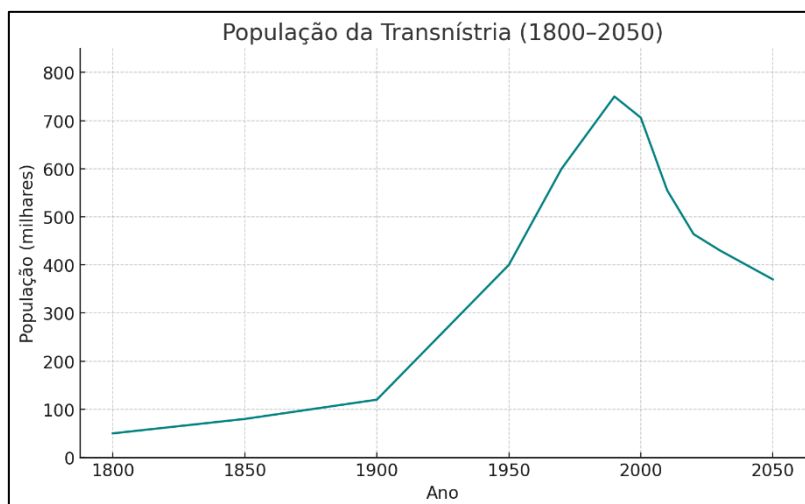
Expectativa de vida: 71,1 anos

Taxa de fertilidade: 1,4 filhos por mulher

A Transnistria é uma região separatista localizada no leste da Moldávia, com status político controverso: declarou independência em 1990, mas não é reconhecida pela ONU ou pela maioria dos países. Desde então, a região tem mantido autonomia de fato, com governo próprio sediado em Tiraspol.

A população da Transnistria tem diminuído drasticamente nas últimas décadas, devido à combinação de baixa natalidade, elevada taxa de mortalidade, envelhecimento populacional e intensa emigração. A estrutura demográfica é envelhecida, com uma população majoritariamente urbana. A economia local é fragilizada e altamente dependente da Rússia.

O futuro demográfico da Transnistria é incerto, condicionado a fatores políticos e econômicos externos. A permanência do status não reconhecido dificulta a implementação de políticas públicas integradas e afasta investimentos que poderiam contribuir para a retenção populacional e revitalização social.



3.46. REPÚBLICA TURCA DO CHIPRE DO NORTE



Área territorial: 3.355 km²

População estimada (2025): 390.000 habitantes

Densidade demográfica: 116 hab./km²

Taxa de natalidade: 11,2‰

Taxa de mortalidade: 7,0‰

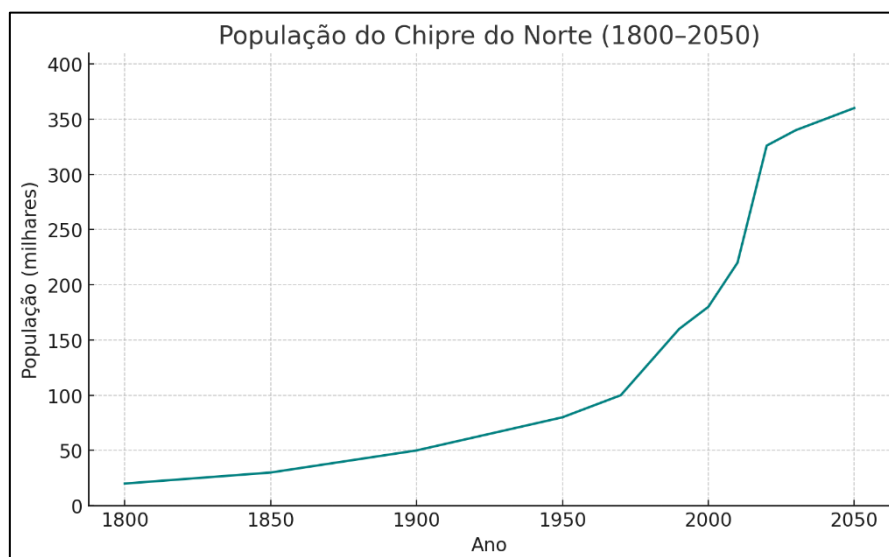
Expectativa de vida: 79,1 anos

Taxa de fertilidade: 1,9 filhos por mulher

O Chipre do Norte, formado após a ocupação turca de 1974, constitui um território de população majoritariamente turco-cipriota e é reconhecido oficialmente apenas pela Turquia. Sua população tem crescido gradualmente desde os anos 1980, impulsionada por imigração da Turquia e crescimento natural moderado.

A região apresenta densidade populacional relativamente alta para sua área territorial. A urbanização é significativa, com destaque para Nicósia (Norte), Famagusta e Kyrenia como polos urbanos e turísticos. A economia, embora limitada pelo isolamento internacional, é baseada no turismo, educação e serviços. A expectativa de vida está em ascensão, refletindo avanços moderados na infraestrutura de saúde e qualidade de vida.

O futuro demográfico do Chipre do Norte dependerá do equilíbrio entre crescimento econômico regional, estabilização política e capacidade de absorver e integrar novos habitantes sem comprometer os recursos limitados do território.



3.47. ISLÂNDIA



Área territorial: 103.000 km²

População estimada (2025): 395.000 habitantes

Densidade demográfica: 3,8 hab./km²

Taxa de natalidade: 12,1‰

Taxa de mortalidade: 6,6‰

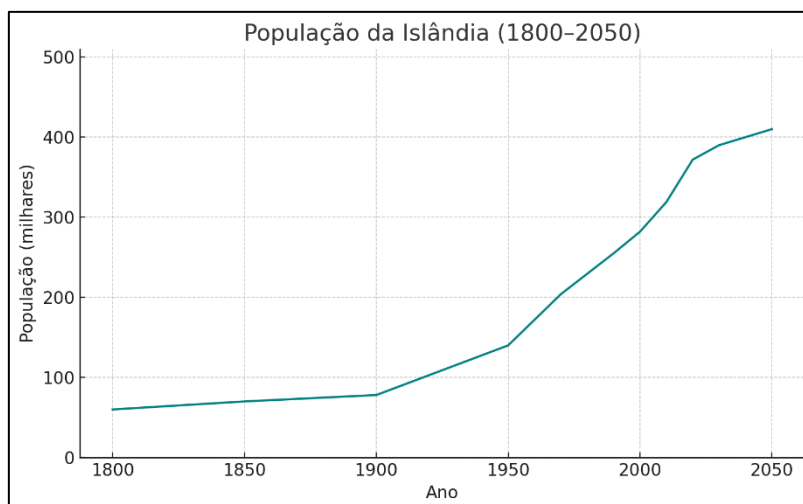
Expectativa de vida: 83,5 anos

Taxa de fertilidade: 1,8 filhos por mulher

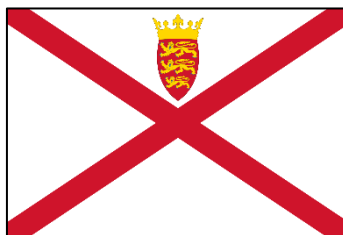
A Islândia, país insular localizado no norte do Atlântico, apresenta uma das menores populações da Europa. No entanto, sua taxa de crescimento demográfico tem sido constante, sustentada por alta qualidade de vida, migração positiva e taxas de natalidade superiores à média europeia.

Apesar da baixa densidade populacional, a população está fortemente concentrada na capital Reykjavik. O interior do país é pouco habitado devido às condições climáticas e geográficas adversas. A expectativa de vida elevada reflete um sistema de saúde eficiente, baixos níveis de poluição e altos investimentos em bem-estar social, se destacando pela equidade de gênero, segurança pública e sustentabilidade ambiental.

A estrutura etária é relativamente jovem, o país possui condições favoráveis para manter sua estabilidade populacional nas próximas décadas. A imigração controlada e a inovação tecnológica são vistas como pilares estratégicos para compensar a limitação do mercado interno e evitar o envelhecimento acelerado.



3.48. JERSEY



Área territorial: 119,6 km²

População estimada (2025): 104.000 habitantes

Densidade demográfica: 870 hab./km²

Taxa de natalidade: 8,9‰

Taxa de mortalidade: 8,7‰

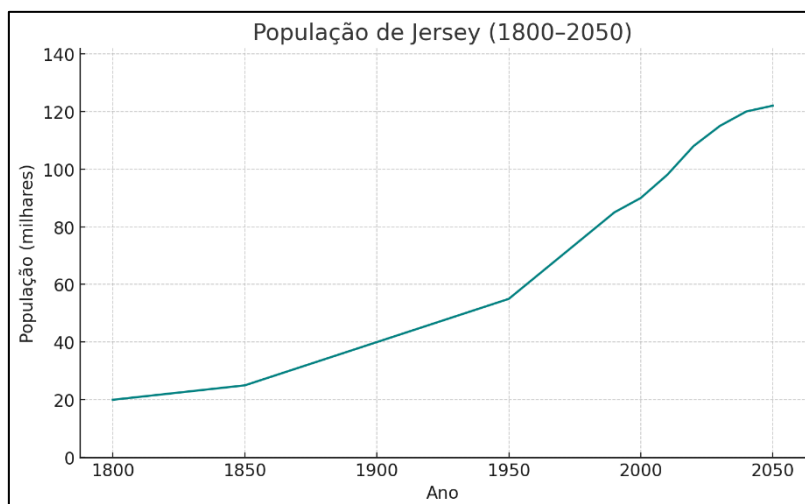
Expectativa de vida: 82,5 anos

Taxa de fertilidade: 1,5 filhos por mulher

Jersey, a maior das Ilhas do Canal, com crescimento demográfico moderado sustentado principalmente pela imigração, já que a taxa de natalidade é inferior ao nível de reposição. Apesar de sua pequena área, Jersey possui uma das maiores densidades demográficas da Europa. A maioria da população reside na capital Saint Helier e arredores. A ilha desfruta de altos níveis de renda, sistema de saúde eficiente e infraestrutura urbana bem desenvolvida.

Jersey é também um importante centro financeiro offshore, o que atrai trabalhadores estrangeiros e favorece a diversidade populacional. Entretanto, a dependência da imigração para sustentar o mercado de trabalho gera desafios relacionados ao planejamento urbano e à preservação ambiental.

Com expectativa de vida elevada e população envelhecendo, o futuro demográfico da ilha exigirá políticas voltadas à habitação acessível, ao estímulo à natalidade e à integração de imigrantes, sem comprometer os recursos e a identidade local.



3.49. ILHA DE MAN



Área territorial: 572 km²

População estimada (2025): 86.000 habitantes

Densidade demográfica: 150 hab./km²

Taxa de natalidade: 9,0‰

Taxa de mortalidade: 11,2‰

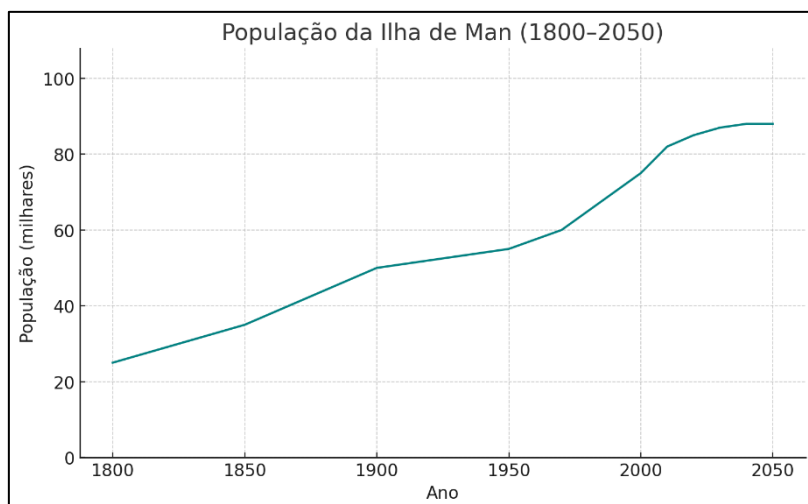
Expectativa de vida: 81,8 anos

Taxa de fertilidade: 1,6 filhos por mulher

A Ilha de Man, situada no Mar da Irlanda entre a Inglaterra e a Irlanda do Norte, é uma dependência da Coroa Britânica com autonomia interna. Sua população apresenta tendência de crescimento moderado, sustentado principalmente pela imigração.

Com densidade populacional relativamente alta para sua área, a maioria da população vive em áreas urbanizadas como Douglas, capital e centro econômico. A ilha possui um sistema de bem-estar bem estruturado, baixa criminalidade e qualidade de vida elevada.

Apesar da expectativa de vida acima da média global, a ilha enfrenta desafios comuns a regiões desenvolvidas, como o envelhecimento populacional e a baixa fertilidade. A atração de profissionais estrangeiros e aposentados tem contribuído para manter o equilíbrio demográfico. A economia, baseada em serviços financeiros, tecnologia e turismo, tem sido fator de retenção populacional. Para o futuro, precisará continuar investindo em políticas que aliem sustentabilidade, modernização e manutenção da identidade cultural.



3.50. ANDORRA



Área territorial: 468 km²

População estimada (2025): 82.000 habitantes

Densidade demográfica: 175 hab./km²

Taxa de natalidade: 7,5‰

Taxa de mortalidade: 8,5‰

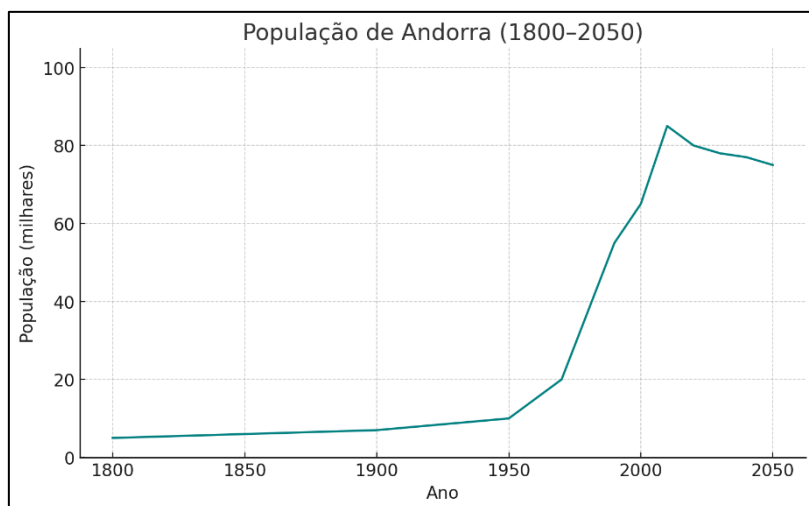
Expectativa de vida: 84,2 anos

Taxa de fertilidade: 1,3 filhos por mulher

Andorra, pequeno principado situado nos Pireneus entre a França e a Espanha, apresenta uma das maiores expectativas de vida do mundo e uma economia centrada no turismo, comércio e sistema financeiro. Sua população cresceu de forma acelerada a partir da segunda metade do século XX, impulsionada principalmente pela imigração.

Sua população é altamente urbana e multicultural, composta majoritariamente por estrangeiros, sobretudo espanhóis, portugueses e franceses. Essa diversidade compensa a baixa taxa de natalidade e ajuda a manter o dinamismo demográfico.

Apesar da estabilidade econômica, o país enfrenta o desafio do envelhecimento populacional e da dependência de mão de obra estrangeira. A estrutura etária está se invertendo, e políticas de estímulo à natalidade e atração de residentes permanentes são cada vez mais necessárias. A gestão equilibrada do crescimento urbano, da sustentabilidade ambiental e da preservação do modelo de bem-estar social são essenciais para o futuro de Andorra como uma sociedade pequena e economicamente estável.



3.51. GUERNSEY



Área territorial: 78 km²

População estimada (2025): 63.000 habitantes

Densidade demográfica: 808 hab./km²

Taxa de natalidade: 8,1‰

Taxa de mortalidade: 10,6‰

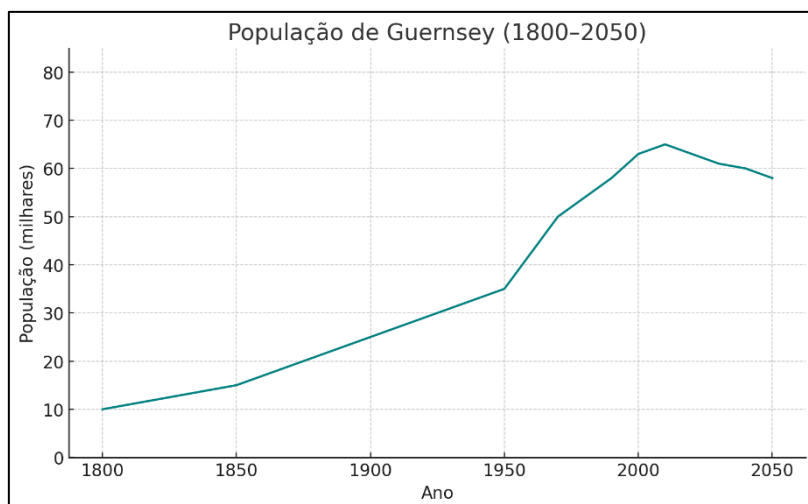
Expectativa de vida: 82,9 anos

Taxa de fertilidade: 1,5 filhos por mulher

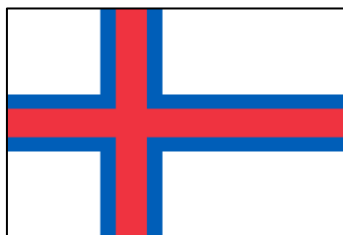
Guernsey, uma das Ilhas do Canal sob jurisdição britânica, com população estável e altamente urbana. Possui uma das maiores densidades demográficas da Europa, embora mantenha um ambiente equilibrado entre áreas urbanizadas e preservação ambiental.

O crescimento populacional é lento, sustentado principalmente por fluxos migratórios, a taxa de natalidade se mantém abaixo do nível de reposição. A expectativa de vida elevada e os bons indicadores de saúde são marcas da qualidade de vida oferecida pela ilha. Sua economia é baseada nos setores financeiro, turístico e agrícola, com alto padrão de renda per capita. O envelhecimento populacional é um dos desafios centrais, exigindo políticas de retenção da juventude e de atração de trabalhadores qualificados.

Com estrutura administrativa independente, embora subordinada ao Reino Unido em assuntos de defesa e relações exteriores, Guernsey preserva forte identidade cultural e modelo de governança eficiente. O futuro demográfico dependerá de sua capacidade de manter o equilíbrio entre crescimento, sustentabilidade e qualidade de vida.



3.52. ILHAS FARÖE



Área territorial: 1.393 km²

População estimada (2025): 54.000 habitantes

Densidade demográfica: 39 hab./km²

Taxa de natalidade: 12,4‰

Taxa de mortalidade: 8,0‰

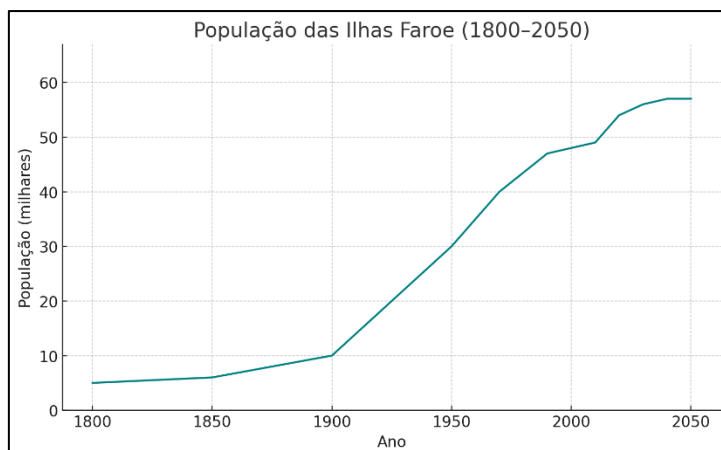
Expectativa de vida: 82,3 anos

Taxa de fertilidade: 2,1 filhos por mulher

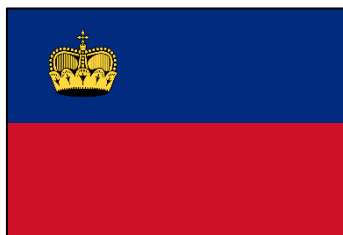
As Ilhas Faroé formam um arquipélago autônomo no Atlântico Norte, apesar de sua localização remota e geografia montanhosa, o território apresenta uma das taxas de fertilidade mais altas da Europa, próxima ao nível de reposição, o que contribui para um crescimento populacional sustentável.

A economia faroesa baseia-se na pesca, aquicultura, turismo e serviços, mantendo baixos índices de desemprego. A urbanização é moderada, com Tórshavn, a capital, concentrando cerca de 40% da população. O restante do território é composto por pequenas comunidades costeiras bem integradas por infraestrutura marítima e rodoviária.

A expectativa de vida elevada e a forte coesão social são marcas da sociedade faroesa, que também valoriza profundamente sua língua e cultura nórdica. Apesar de desafios associados à insularidade, conseguiram manter a juventude local e atrair residentes de retorno com políticas familiares e de bem-estar social eficazes. O futuro demográfico dependerá da capacidade de continuar conciliando desenvolvimento econômico, preservação ambiental e apoio à natalidade.



3.53. LIECHTEINSTEIN



Área territorial: 160 km²

População estimada (2025): 40.000 habitantes

Densidade demográfica: 250 hab./km²

Taxa de natalidade: 10,2‰

Taxa de mortalidade: 7,4‰

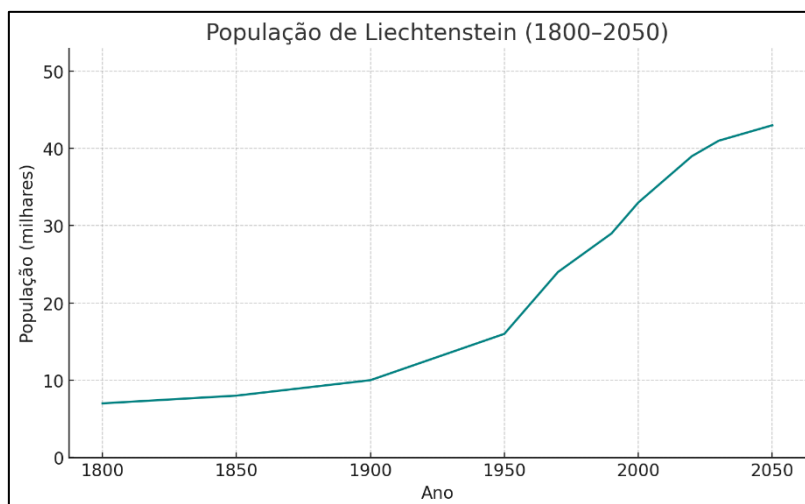
Expectativa de vida: 82,7 anos

Taxa de fertilidade: 1,6 filhos por mulher

Liechtenstein, pequeno principado alpino entre a Suíça e a Áustria, sendo uma das menores nações soberanas do mundo em população e área. Apesar disso, exhibe indicadores sociais e econômicos entre os mais altos do planeta.

O crescimento populacional é estável e sustentado tanto pela migração internacional quanto pela elevada qualidade de vida. A urbanização é praticamente total, com destaque para Vaduz (a capital) e Schaan, principal centro econômico. O país também apresenta alto nível de renda per capita e baixíssima taxa de pobreza.

Com baixa natalidade, mas saldo migratório positivo, Liechtenstein mantém sua população jovem em proporção equilibrada. O país atrai profissionais estrangeiros qualificados, muitos dos quais trabalham na indústria financeira, tecnologia e manufatura de alta precisão. O principal desafio demográfico de Liechtenstein está relacionado ao espaço físico limitado e à pressão sobre a infraestrutura urbana. No entanto, o planejamento territorial e o modelo econômico sustentam um equilíbrio eficiente.



3.54. MÔNACO



Área territorial: 2,1 km²

População estimada (2025): 39.500 habitantes

Densidade demográfica: aproximadamente 18.800 hab/km² (a mais alta do mundo)

Taxa de natalidade: 7,9‰

Taxa de mortalidade: 9,4‰

Expectativa de vida: 86,5 anos (uma das mais altas do mundo)

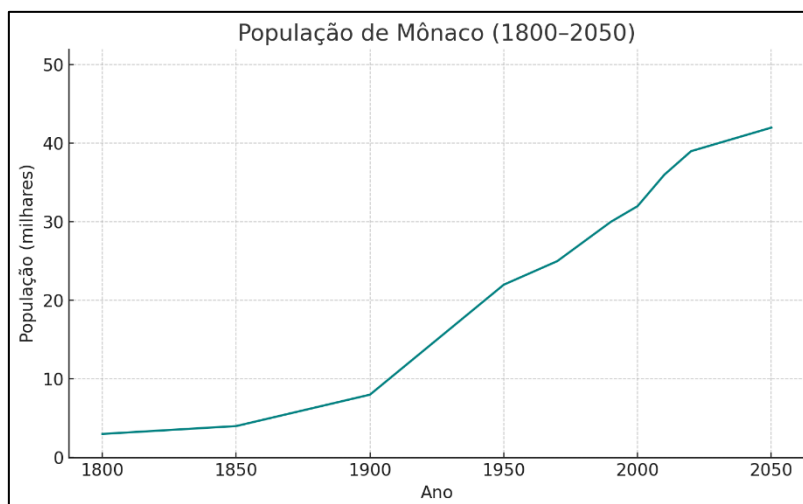
Taxa de fertilidade: 1,4 filhos por mulher

Mônaco é o segundo menor país do mundo em extensão territorial, atrás apenas do Vaticano, mas detém a maior densidade populacional do planeta, o principado enfrenta desafios únicos de espaço e planejamento urbano.

Apesar do número reduzido de nascimentos e uma taxa de fertilidade baixa, mantém sua população graças à imigração seletiva de residentes estrangeiros de alta renda. O país é conhecido como paraíso fiscal e destino de luxo, atraindo milionários e aposentados em busca de segurança, discrição e qualidade de vida.

A expectativa de vida em Mônaco é a mais alta do mundo, refletindo um padrão de vida excepcional, acesso pleno à saúde e baixíssimos índices de violência. A população é majoritariamente estrangeira, com forte presença de franceses, italianos e britânicos.

O desafio demográfico não é crescimento, mas sustentabilidade urbana: o território vem sendo ampliado por meio de aterros no mar, como no projeto “Portier Cove”. O futuro do país dependerá da capacidade de conciliar expansão física com políticas ambientais.



3.55. SAN MARINO



Área territorial: 61 km²

População estimada (2025): 34.000 habitantes

Densidade demográfica: 557 hab./km²

Taxa de natalidade: 7,6‰

Taxa de mortalidade: 9,8‰

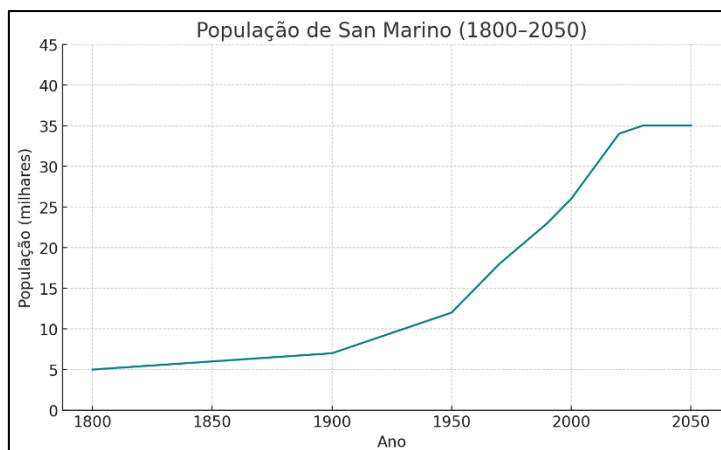
Expectativa de vida: 84,0 anos

Taxa de fertilidade: 1,3 filhos por mulher

San Marino, considerado o mais antigo Estado soberano do mundo ainda em existência, é um microestado encravado no centro-norte da Itália, o país apresenta estabilidade populacional e indicadores sociais elevados.

A expectativa de vida ultrapassa 84 anos, e os serviços de saúde e educação são bem estruturados, refletindo uma gestão eficiente e proximidade geográfica com o modelo europeu ocidental. A baixa taxa de natalidade é compensada por uma leve migração positiva, sobretudo de italianos que buscam qualidade de vida e benefícios fiscais.

A economia de San Marino é sustentada por turismo, comércio e serviços bancários. A estrutura urbana é compacta, com destaque para a capital, também chamada San Marino, onde se concentram as atividades administrativas e históricas. Apesar de sua pequena população, o país preserva forte identidade nacional e institucionalidade consolidada. O desafio demográfico está no envelhecimento populacional, sendo necessária a adoção de políticas para manter a sustentabilidade dos sistemas previdenciário e de saúde a médio e longo prazo.



3.56. GIBRALTAR



Área territorial: 6,8 km²

População estimada (2025): 34.000 habitantes

Densidade demográfica: 5.000 hab./km²

Taxa de natalidade: 12,0‰

Taxa de mortalidade: 9,1‰

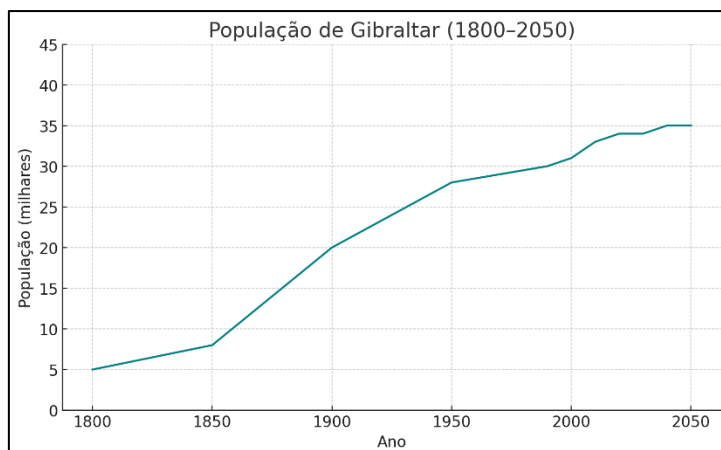
Expectativa de vida: 81,2 anos

Taxa de fertilidade: 1,7 filhos por mulher

Gibraltar, território britânico ultramarino situado no extremo sul da Península Ibérica, sua localização estratégica e economia de serviços fazem da região um polo financeiro e logístico no Mediterrâneo.

Apesar de sua reduzida área, Gibraltar tem densidade populacional extremamente elevada. A urbanização é total, e quase toda a população reside em áreas costeiras altamente desenvolvidas. A estrutura etária é relativamente jovem, e a imigração tem papel importante no crescimento demográfico.

A expectativa de vida é alta, refletindo padrões de saúde e bem, a economia é baseada em serviços financeiros, turismo, comércio e operações portuárias. A proximidade com a Espanha gera integração econômica, mas também tensões políticas sobre soberania. O desafio de Gibraltar está na gestão de seu espaço urbano limitado e da pressão sobre recursos naturais, como água e energia, além da necessidade de políticas habitacionais eficientes para atender a demanda crescente. Ainda assim, o território mantém estabilidade populacional e qualidade de vida elevada.



3.57. VATICANO



Área territorial: 0,44 km² (menor país do mundo)

População estimada (2025): 800 habitantes

Densidade demográfica: aproximadamente 1.818 hab./km²

Taxa de natalidade: 0‰ (população não reprodutiva)

Taxa de mortalidade: variável

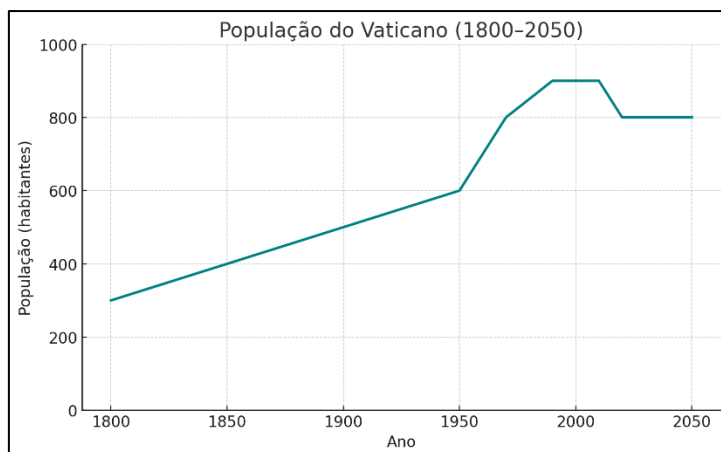
Expectativa de vida: 75–85 anos (estimativa média)

Taxa de fertilidade: 0 (não aplicável)

O Vaticano, oficialmente Estado da Cidade do Vaticano, é o menor país do mundo em extensão e população. Sede da Igreja Católica e residência oficial do Papa, composta basicamente por membros do clero, guardas suíços, funcionários da Cúria Romana e diplomatas da Santa Sé.

Não há população nativa permanente, nem taxa de natalidade, pois a maioria dos residentes são religiosos com voto de celibato. A cidadania vaticana é funcional e temporária, concedida apenas a quem desempenha funções oficiais no Estado.

A densidade populacional, apesar do número reduzido de habitantes, é alta devido à pequena área. A organização urbana é singular: concentra edifícios religiosos, administrativos e culturais, sem bairros residenciais tradicionais. A população do Vaticano é altamente instruída, cosmopolita e trilingue. O sistema de saúde e segurança é administrado em cooperação com a Itália. Do ponto de vista estatístico, o Vaticano representa uma exceção demográfica e geopolítica, sendo mais uma sede institucional do que um Estado com características populacionais convencionais.



3.58. SEALAND



Área territorial: 0,004 km² (≈ 550 m² – plataforma marítima)

População estimada (2025): 2 a 10 residentes permanentes

Densidade demográfica: ≈ 2.500 hab./km² (estimada)

Taxa de natalidade: 0

Taxa de mortalidade: variável

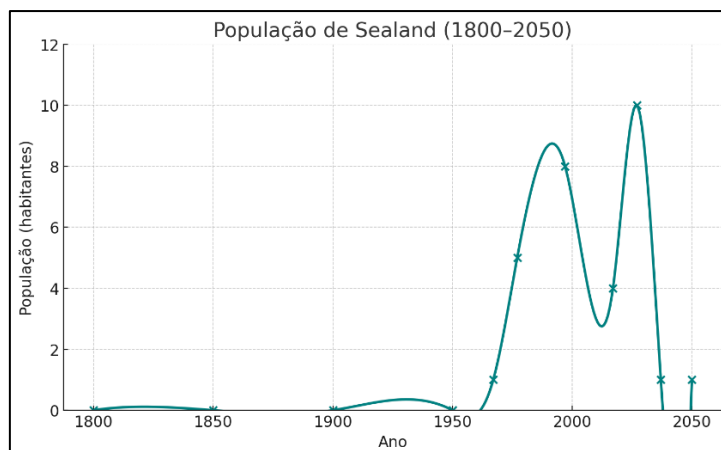
Expectativa de vida: não aplicável

Taxa de fertilidade: não aplicável

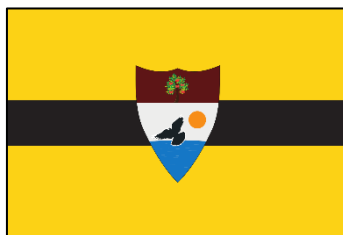
O Principado de Sealand é uma autodenominada micronação situada em uma antiga plataforma de defesa britânica no Mar do Norte, construída durante a Segunda Guerra Mundial. Declarou independência em 1967 sob o comando de Paddy Roy Bates, que se autoproclamou príncipe do local.

Embora não reconhecida por nenhum país ou organização internacional, Sealand atrai atenção midiática, curiosidade acadêmica e entusiastas de micronações. Sua população real é variável e mínima, composta ocasionalmente por membros da “família real”, segurança privada ou visitantes autorizados. Sealand não possui uma sociedade funcional, economia estruturada ou características demográficas convencionais. Sua existência levanta debates interessantes sobre soberania, direito internacional e territorialidade marítima.

Do ponto de vista técnico, Sealand não pode ser considerado um país para fins demográficos reais, é uma curiosidade sobre micronações, fronteiras e geopolítica simbólica no mundo contemporâneo.



3.59. LIBERLAND



Área territorial: 7 km² (entre Croácia e Sérvia, às margens do Danúbio)

População residente (2025): 0 habitantes permanentes (ocupação simbólica ou intermitente)

População registrada (cidadania simbólica): +700.000 registros online de “cidadãos”

Densidade demográfica real: 0 hab./km²

Taxa de natalidade / mortalidade / fertilidade: não aplicável

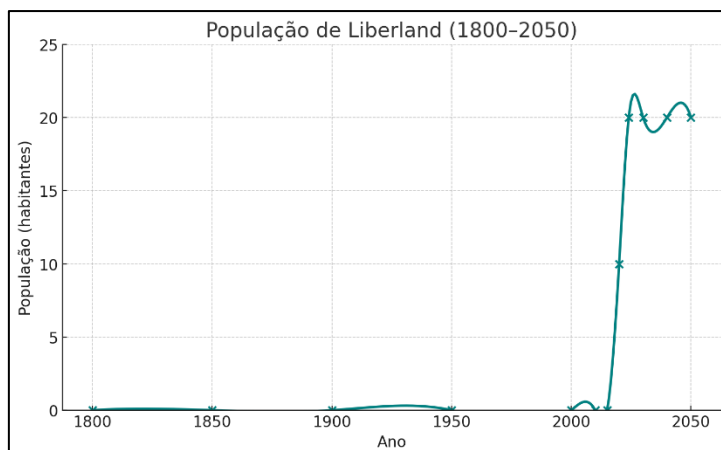
Expectativa de vida: não aplicável

Liberland é uma micronação autodeclarada fundada em 2015 por Vít Jedlička, um ativista político da Tchéquia. Localizada entre a Croácia e a Sérvia, em uma faixa de terra desabitada (conhecida como Gornja Siga) que, segundo seus fundadores, não era reivindicada por nenhum dos dois países após a dissolução da Iugoslávia.

A proposta do Estado é libertária e digital, com modelo de governo minimalista, impostos voluntários e uso de criptomoedas. Embora tenha atraído atenção internacional, especialmente de entusiastas do anarcocapitalismo e do transnacionalismo, não há reconhecimento por nenhum país membro da ONU.

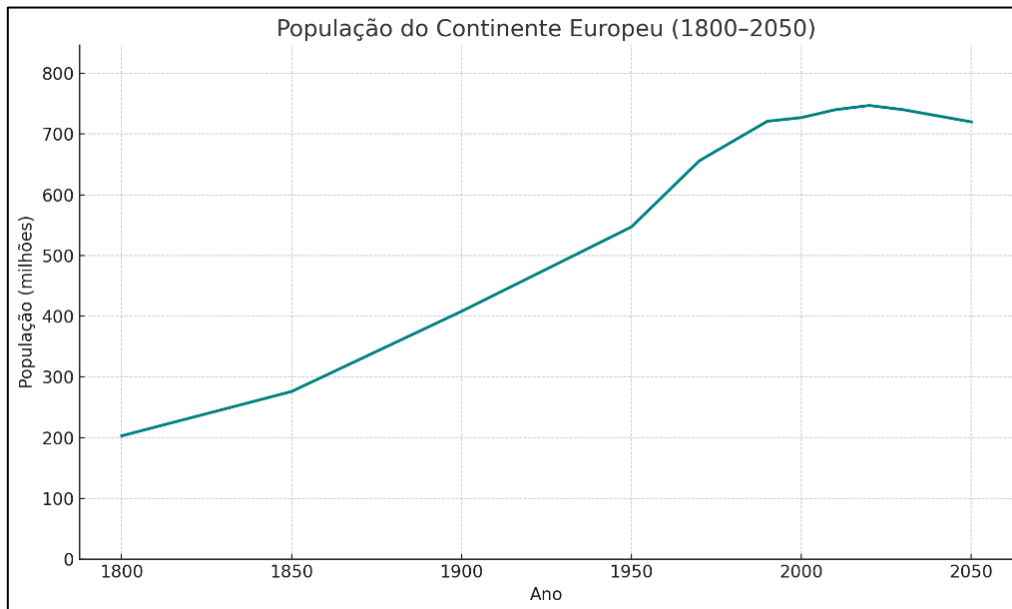
A área continua sob controle administrativo da Croácia, que impede qualquer assentamento permanente. Assim, não há população residente oficial, embora o site de Liberland registre centenas de milhares de "cidadãos" simbólicos de todo o mundo.

Do ponto de vista geopolítico e demográfico, Liberland é um experimento conceitual sobre soberania, identidade e novos modelos de organização política no século XXI, sendo um caso para refletir sobre os limites e disputas em torno do conceito de Estado-nação.

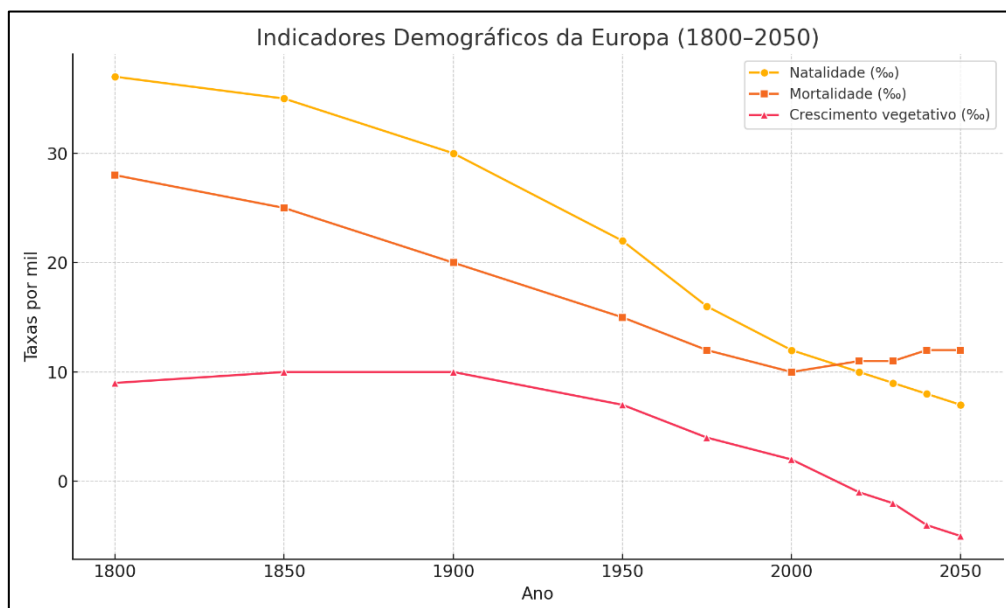


CONCLUSÃO – EUROPA

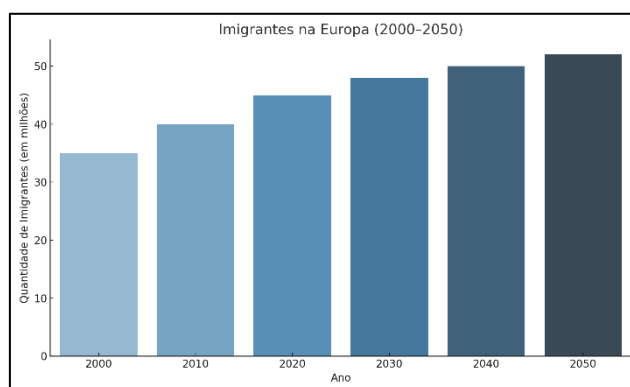
O continente europeu revela, ao longo dos séculos, um percurso demográfico complexo, refletindo transformações políticas, sociais, econômicas e culturais profundas. A análise dos dados de população desde o ano de 1800 até as projeções para 2050 permite compreender os ciclos de expansão, estagnação e declínio que caracterizam a dinâmica populacional europeia.



O gráfico da população europeia entre 1800 e 2050 demonstra um crescimento acentuado durante os séculos XIX e XX, passando de aproximadamente 187 milhões de habitantes em 1800 para um pico de 747 milhões em 2020. A partir desse ponto, observa-se uma leve tendência de declínio, com projeções indicando 719 milhões em 2050. Esse comportamento está ligado à transição demográfica que afetou todo o continente, especialmente os países desenvolvidos.



O gráfico apresenta as taxas de natalidade, mortalidade e crescimento vegetativo, evidencia um dos elementos centrais da mudança demográfica europeia: a redução drástica das taxas de natalidade e mortalidade. Em 1800, a natalidade superava 35 por mil, mas em 2025 cai para cerca de 10 por mil. Ao mesmo tempo, a mortalidade também teve queda expressiva até meados do século XX, estabilizando-se por volta de 12 por mil nas décadas recentes. O crescimento vegetativo, positivo e vigoroso no período inicial, torna-se negativo a partir de 2020, configurando um novo desafio: o encolhimento populacional.



A dinâmica migratória surge como fator compensatório. A Figura mostra o aumento do número de imigrantes na Europa entre 2000 e 2050. Em 2000, eram cerca de 35 milhões; em 2025, estima-se que esse número ultrapasse os 48 milhões, com projeções de 52 milhões em 2050. Esses fluxos são fundamentais para suprir a força de trabalho, renovar a base populacional e sustentar a economia, especialmente em países com alto envelhecimento. Contudo, também geram tensões culturais, sociais e políticas, exigindo políticas públicas de integração e acolhimento.

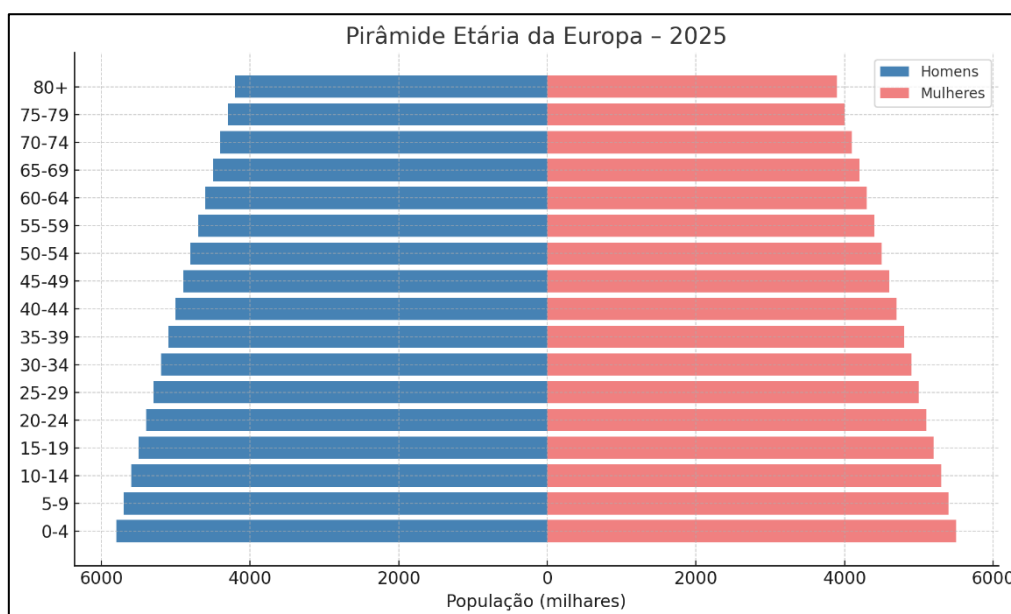
O envelhecimento populacional é outro aspecto crucial: com a redução da fecundidade e o aumento da expectativa de vida, cresce a proporção de idosos. Isso implica desafios para os sistemas de saúde, previdência e habitação. O modelo europeu de bem-estar social está em reavaliação constante para lidar com a nova realidade demográfica.

A Europa contemporânea caracteriza-se, portanto, por um estágio avançado da transição demográfica, marcado por baixa natalidade, crescimento vegetativo negativo e forte dependência da migração internacional. As tendências indicam estabilização ou leve declínio demográfico nas próximas décadas, com grande variação entre regiões. Enquanto países como Alemanha, Itália e Portugal enfrentam declínio acelerado, outros, como França e Suécia, mantêm equilíbrio relativo devido a políticas de apoio à família e maior acolhimento de imigrantes.

Conclui-se que a compreensão da evolução populacional europeia é essencial para o planejamento do futuro. O Atlas Populacional evidencia que o maior desafio da Europa

não é mais o crescimento desordenado, mas sim a gestão inteligente do declínio e da diversificação populacional. Políticas inclusivas, educacionais, habitacionais e de bem-estar serão decisivas para garantir a coesão social e o desenvolvimento sustentável no continente nos próximos anos.

A pirâmide etária da Europa em 2025 revela uma população marcadamente envelhecida. A base da pirâmide é estreita, reflexo das baixas taxas de natalidade registradas ao longo das últimas décadas, especialmente em países como Itália, Alemanha e Espanha. Em contraste, as faixas etárias acima dos 60 anos ganham destaque, evidenciando o envelhecimento populacional já consolidado em quase todo o continente.



O topo da pirâmide, relativamente largo, indica a elevada expectativa de vida, principalmente entre as mulheres. Esse perfil demográfico impõe desafios significativos para os países europeus, como o aumento dos gastos com saúde e previdência, a necessidade de políticas para manutenção da força de trabalho e o estímulo à imigração jovem.

A estrutura atual da pirâmide etária europeia é um exemplo claro da transição demográfica avançada, sendo uma das mais envelhecidas do mundo.

4. ÁFRICA



A África, berço da humanidade e o segundo maior continente do planeta em extensão e população, apresenta um cenário demográfico marcado por grande dinamismo e complexidade. Composta por 54 países independentes e vários territórios autônomos ou disputados, sua população ultrapassa 1,4 bilhão de habitantes em 2025 e tende a dobrar nas próximas décadas, segundo as projeções das Nações Unidas.

Historicamente impactado por colonizações, conflitos internos, exploração de recursos e migrações forçadas, o continente africano vive hoje uma fase de transição e de potencial transformador. A estrutura etária de sua população é extremamente jovem: cerca de 60% dos africanos têm menos de 25 anos. Essa juventude traz consigo oportunidades e desafios. Por um lado, representa uma força de trabalho vasta e potencialmente produtiva; por outro, exige investimentos intensivos em educação, saúde, habitação e infraestrutura.

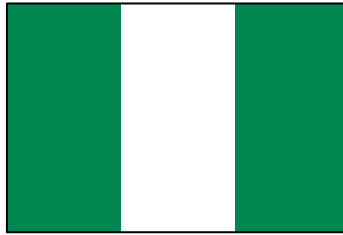
As taxas de fecundidade em muitos países africanos continuam elevadas, acima de 4 filhos por mulher, embora apresentem queda gradual. Já as taxas de mortalidade, que historicamente eram altas devido a doenças, desnutrição e baixa cobertura de serviços de saúde, têm diminuído significativamente nas últimas décadas, contribuindo para o crescimento vegetativo acelerado. Tal crescimento implica em uma pressão constante sobre os recursos naturais e os sistemas urbanos, especialmente nas grandes metrópoles em expansão como Lagos, Cairo, Nairobi e Joanesburgo.

A urbanização é outro fenômeno crescente: embora a maior parte da população ainda viva em zonas rurais, a ênfase nas cidades é notável e traz consigo questões relacionadas ao planejamento urbano, à segurança alimentar, à mobilidade e ao acesso a serviços essenciais. Além disso, as mudanças climáticas afetam diretamente as condições de vida de milhões de africanos, influenciando os padrões migratórios dentro do próprio continente.

Apesar dos desafios, muitos países africanos vêm adotando políticas de incentivo à educação, ao empoderamento feminino e à saúde reprodutiva, fatores fundamentais para a redução da fecundidade e para a entrada em uma fase de transição demográfica sustentável. Compreender a dinâmica populacional da África é essencial não apenas para a geografia e a demografia, mas para o planejamento político, econômico e ambiental global.

Este capítulo apresenta, por meio de tabelas, gráficos e análises, a evolução populacional dos principais países africanos, explorando suas características, tendências e perspectivas futuras.

4.1. NIGÉRIA



Área territorial: 923.768 km²

População estimada (2025): 229.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 248 hab./km²

Taxa de natalidade: 34,5‰

Taxa de mortalidade: 10,5‰

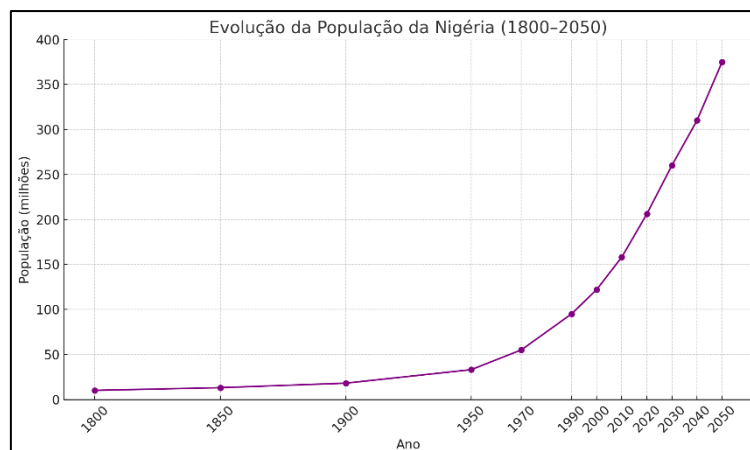
Expectativa de vida: 61,2 anos

Taxa de fertilidade: 5,3 filhos por mulher

A Nigéria é o país mais populoso da África e um dos mais populosos do mundo, seu crescimento populacional é um dos mais rápidos do planeta, impulsionado por altas taxas de natalidade e fertilidade. Com uma população extremamente jovem, mais da metade dos nigerianos têm menos de 20 anos, o que coloca o país diante de desafios.

A urbanização é acelerada, com cidades como Lagos e Abuja entre as que mais crescem globalmente, mas a infraestrutura inadequada resulta em problemas habitacionais, de saneamento e mobilidade. Apesar do potencial econômico, a Nigéria enfrenta desafios persistentes relacionados à pobreza, insegurança alimentar, acesso limitado à educação e conflitos internos, sobretudo nas regiões norte e central.

A sustentabilidade do crescimento populacional nigeriano dependerá de investimentos estruturais em educação, saúde pública, políticas de planejamento familiar e desenvolvimento rural. O país tem potencial para se tornar uma das principais economias globais, desde que consiga transformar seu bônus demográfico em capital humano qualificado.



4.2. ETIÓPIA



Área territorial: 1.104.300 km²

População estimada (2025): 129.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 117 hab./km²

Taxa de natalidade: 29,6‰

Taxa de mortalidade: 6,8‰

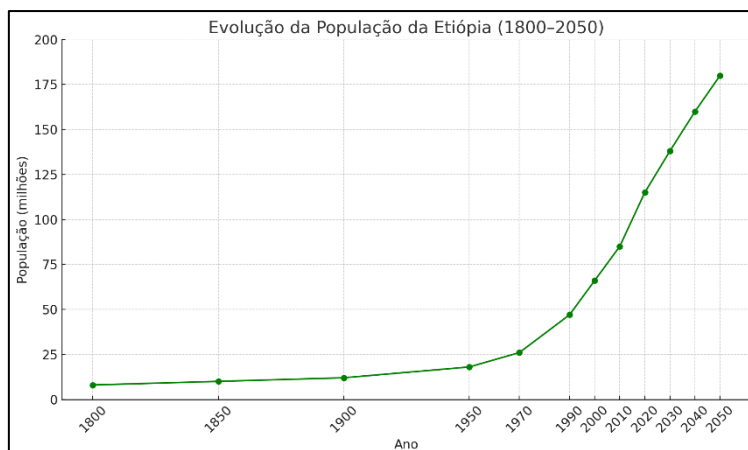
Expectativa de vida: 66,8 anos

Taxa de fertilidade: 3,9 filhos por mulher

A Etiópia, localizada no Chifre da África, é o segundo país mais populoso do continente, vivenciou um rápido crescimento populacional nas últimas décadas, reflexo da queda na mortalidade e de taxas de fecundidade ainda elevadas.

A maior parte da população etíope reside em áreas rurais, embora o processo de urbanização venha se intensificando, principalmente na capital Adis Abeba. Esse crescimento urbano enfrenta obstáculos como infraestrutura deficiente, desigualdade social e acesso limitado a serviços básicos. O país tem se destacado por avanços na educação e nos indicadores de saúde pública, mas enfrenta desafios significativos relacionados à pobreza, insegurança alimentar e tensões étnico-territoriais. A diversidade cultural e linguística, e um passado de conflitos e seca, impacta sua dinâmica demográfica.

O futuro da Etiópia dependerá da capacidade de consolidar políticas de planejamento familiar, melhorar o acesso à saúde e à educação e promover estabilidade social. O bônus demográfico pode ser uma oportunidade real de desenvolvimento, desde que acompanhado de investimentos sustentáveis em capital humano.



4.3. EGITO



Área territorial: 1.001.450 km²

População estimada (2025): 112.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 112 hab./km²

Taxa de natalidade: 21,6‰

Taxa de mortalidade: 5,7‰

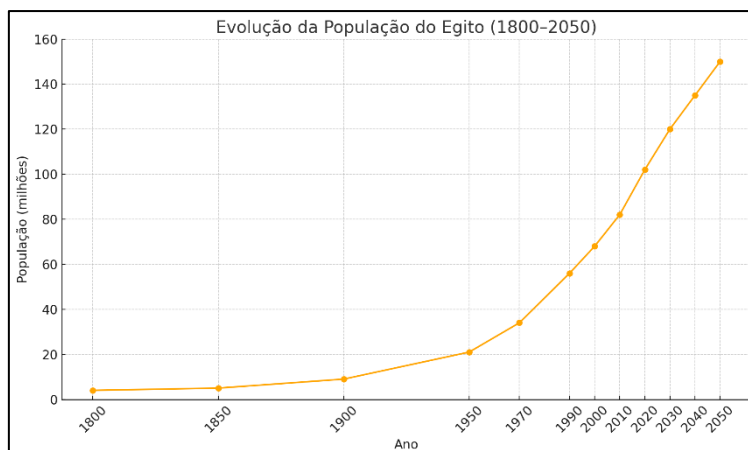
Expectativa de vida: 73,4 anos

Taxa de fertilidade: 2,9 filhos por mulher

O Egito é o país mais populoso do Norte da África, a população se concentra fortemente ao longo do rio Nilo, o que gera altíssima densidade em áreas específicas, ao mesmo tempo em que vastas regiões do território permanecem desabitadas. A urbanização avança em ritmo acelerado, com destaque para Cairo, Alexandria e a nova capital administrativa.

Apesar dos avanços em saúde e educação, o crescimento populacional continua pressionando os recursos naturais, especialmente a água, e desafiando a infraestrutura urbana. O governo egípcio tem adotado políticas de controle populacional e incentivo ao planejamento familiar. A taxa de natalidade vem caindo gradualmente, mas ainda sustenta um crescimento anual significativo.

A estrutura etária jovem e o bônus demográfico podem favorecer o desenvolvimento socioeconômico do país nas próximas décadas, desde que acompanhados por investimentos consistentes em educação, emprego e habitação. A sustentabilidade desse crescimento está no centro das estratégias políticas do país.



4.4. REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO



Área territorial: 2.344.858 km²

População estimada (2025): 102.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 44 hab./km²

Taxa de natalidade: 39,4‰

Taxa de mortalidade: 9,5‰

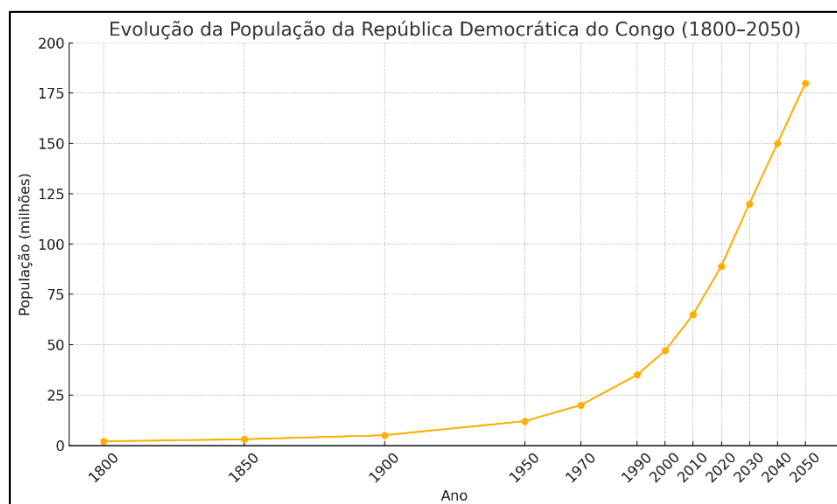
Expectativa de vida: 61,5 anos

Taxa de fertilidade: 5,8 filhos por mulher

A República Democrática do Congo é o segundo maior país da África em extensão territorial e um dos mais ricos em recursos naturais, é também um dos países com maior crescimento populacional do continente. O alto índice de fecundidade e o declínio progressivo da mortalidade impulsionam esse crescimento acelerado.

Grande parte da população ainda vive em áreas rurais, mas a urbanização cresce rapidamente em centros como Kinshasa, que já figura entre as maiores metrópoles africanas. A infraestrutura urbana, no entanto, é insuficiente para atender à demanda, o que gera problemas relacionados à habitação, saneamento e transporte.

Apesar do potencial econômico, a RD Congo enfrenta graves desafios sociais, como pobreza extrema, conflitos armados regionais, deslocamentos forçados e acesso limitado a serviços públicos básicos. A juventude abundante representa uma oportunidade estratégica, mas só poderá ser convertida em desenvolvimento com estabilidade política e investimentos maciços em educação, saúde e infraestrutura.



4.5. TANZÂNIA



Área territorial: 945.087 km²

População estimada (2025): 67.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 71 hab./km²

Taxa de natalidade: 33,7‰

Taxa de mortalidade: 6,2‰

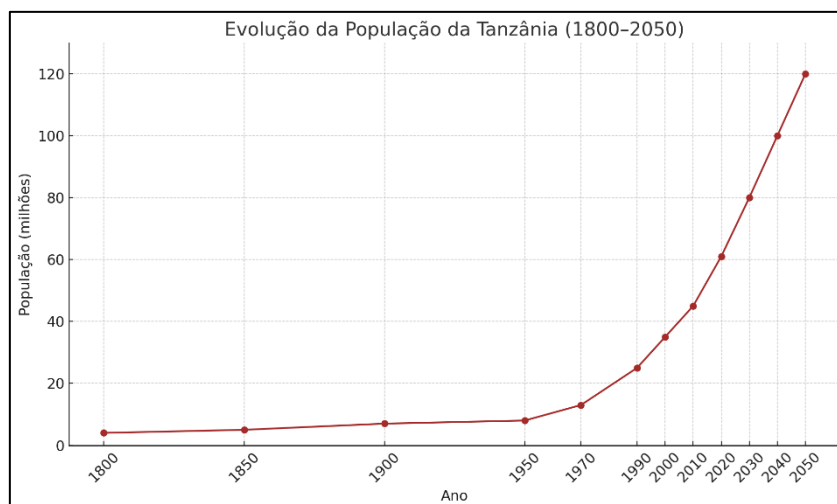
Expectativa de vida: 67,1 anos

Taxa de fertilidade: 4,8 filhos por mulher

A Tanzânia é um dos países mais populosos da África Oriental, com cerca de 67 milhões de habitantes em 2025. Apresenta alta taxa de crescimento demográfico, impulsionada por uma fecundidade elevada e queda constante da mortalidade. A maioria da população ainda reside em zonas rurais, mas cidades como Dar es Salaam experimentam rápido crescimento urbano.

O país vem expandindo o acesso à saúde e à educação, o que contribui para o aumento da expectativa de vida. No entanto, os desafios relacionados à pobreza, infraestrutura precária e desemprego juvenil ainda são significativos. A agricultura segue como principal atividade econômica e sustento da maior parte da população.

A gestão eficiente desse crescimento populacional é essencial para transformar o bônus demográfico em desenvolvimento. Políticas públicas voltadas à formação profissional, ao planejamento familiar e à expansão da infraestrutura urbana serão determinantes para a sustentabilidade futura da Tanzânia.



4.6. ÁFRICA DO SUL



Área territorial: 1.221.037 km²

População estimada (2025): 61.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 50 hab./km²

Taxa de natalidade: 19,7‰

Taxa de mortalidade: 8,6‰

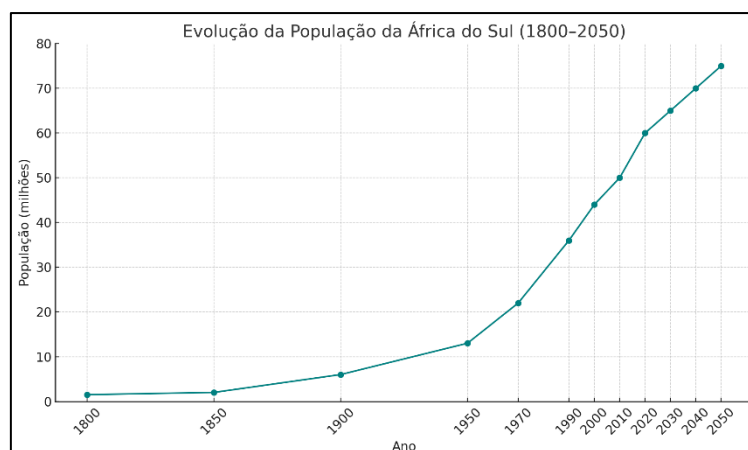
Expectativa de vida: 65,4 anos

Taxa de fertilidade: 2,3 filhos por mulher

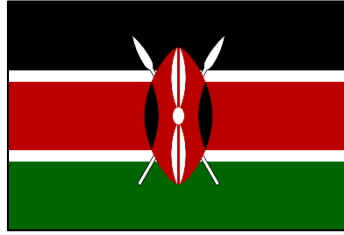
A África do Sul é uma das nações mais urbanizadas e economicamente desenvolvidas da África, suas taxas de natalidade e fertilidade são relativamente baixas para os padrões do continente, o que indica um estágio avançado da transição demográfica.

Historicamente, a dinâmica populacional sul-africana foi profundamente marcada pelo regime do apartheid (1948–1994), sistema de segregação racial que institucionalizou a desigualdade entre brancos e não brancos. Esse período impactou profundamente o acesso à saúde, educação e mobilidade urbana para a maioria negra da população, gerando desigualdades socioespaciais que ainda persistem.

Com o fim do apartheid, o país passou por profundas transformações sociais e demográficas. A urbanização acelerou-se, com o crescimento de centros como Joanesburgo e Cidade do Cabo. A expectativa de vida, que sofreu quedas nas décadas de 1990 e 2000 devido à epidemia de HIV/AIDS, tem se recuperado com políticas de saúde pública mais eficazes. Apesar dos avanços, a África do Sul ainda enfrenta grandes desafios ligados à desigualdade, desemprego e violência urbana.



4.7. QUÊNIA



Área territorial: 580.367 km²

População estimada (2025): 56.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 96 hab./km²

Taxa de natalidade: 27,4‰

Taxa de mortalidade: 5,6‰

Expectativa de vida: 67,8 anos

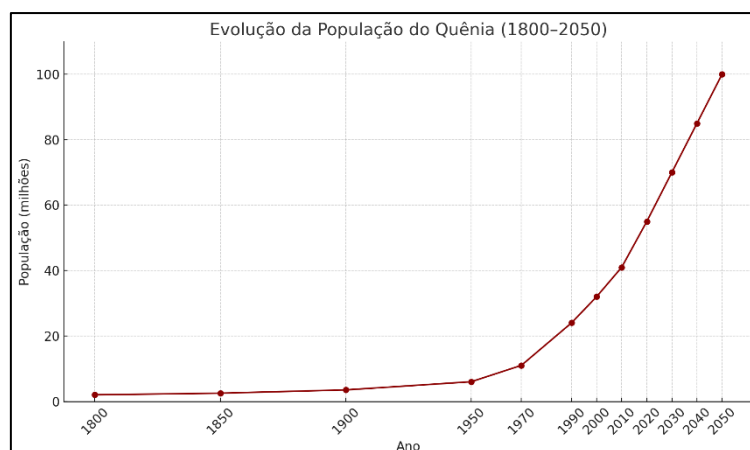
Taxa de fertilidade: 3,3 filhos por mulher

O Quênia é um dos países mais estratégicos do leste africano, apresenta uma estrutura etária jovem e taxas de crescimento populacional ainda elevadas, embora em processo de redução gradual.

A urbanização avança com rapidez, principalmente em Nairóbi, Mombaça e Kisumu, que concentram boa parte do dinamismo econômico nacional. Esse crescimento urbano desafia a infraestrutura e exige investimentos contínuos em habitação, mobilidade e saneamento básico.

A expectativa de vida tem aumentado, reflexo das melhorias no sistema de saúde, controle de doenças infecciosas e campanhas de vacinação. O país também tem investido em políticas de planejamento familiar, educação de meninas e saúde reprodutiva.

O bônus demográfico queniano representa uma oportunidade real para o desenvolvimento sustentável, desde que acompanhado por políticas públicas inclusivas que combatam a desigualdade, promovam qualificação profissional e incentivem a inovação econômica.



4.8. UGANDA



Área territorial: 241.038 km²

População estimada (2025): 49.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 203 hab./km²

Taxa de natalidade: 37,1‰

Taxa de mortalidade: 6,1‰

Expectativa de vida: 64,5 anos

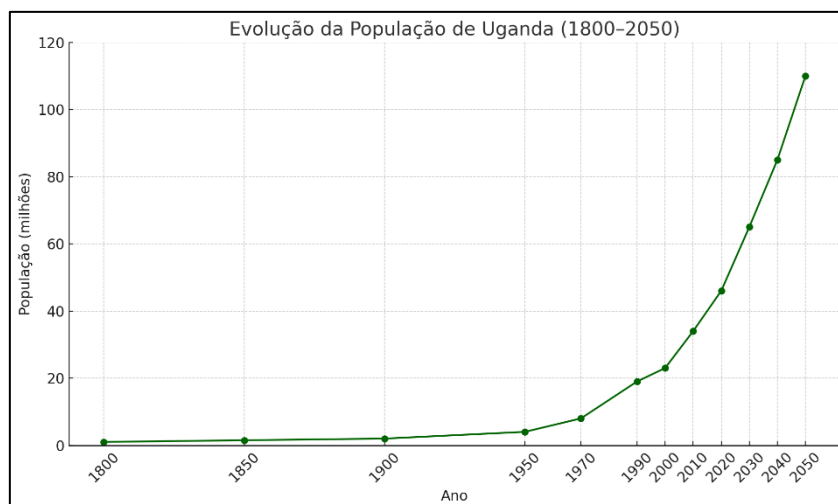
Taxa de fertilidade: 5,0 filhos por mulher

A Uganda possui uma das populações mais jovens do mundo, com mais de 75% de seus habitantes abaixo dos 30 anos. Com estimativas de 49 milhões em 2025, o país mantém taxas de fecundidade elevadas e rápido crescimento vegetativo, o que pressiona o sistema educacional, de saúde e de infraestrutura.

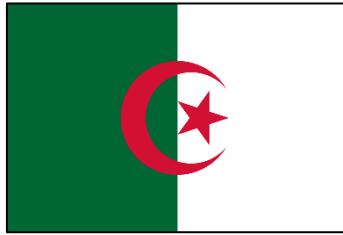
Embora a urbanização ainda seja modesta, cidades como Kampala e Gulu vêm se expandindo com intensidade. A taxa de natalidade elevada reflete fatores culturais e religiosos, além do acesso limitado ao planejamento familiar em algumas regiões.

A mortalidade tem caído graças a avanços na saúde pública e nas campanhas de imunização. Entretanto, desafios como o desemprego juvenil, a pobreza e a desigualdade de gênero ainda são significativas.

Transformar o crescimento populacional em vetor de desenvolvimento exigirá esforços coordenados em educação, capacitação profissional e diversificação da economia. A gestão adequada do bônus demográfico será crucial para o futuro ugandense.



4.9. ARGÉLIA



Área territorial: 2.381.741 km²

População estimada (2025): 46.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 19 hab./km²

Taxa de natalidade: 21,2‰

Taxa de mortalidade: 5,4‰

Expectativa de vida: 77,2 anos

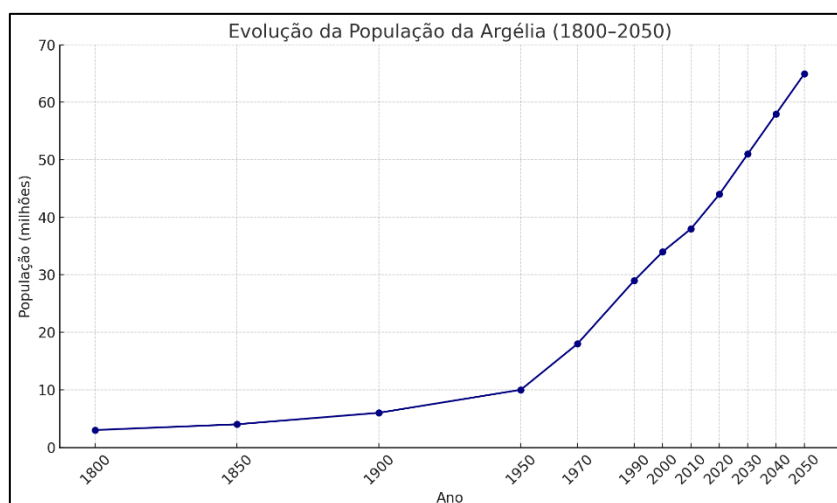
Taxa de fertilidade: 2,7 filhos por mulher

A Argélia é o maior país da África em extensão territorial, mas sua população está concentrada ao norte, ao longo da costa mediterrânea, devido à aridez do deserto do Saara. Com cerca de 46 milhões de habitantes em 2025, o país apresenta um crescimento populacional moderado e estrutura etária em processo de envelhecimento gradual.

As taxas de natalidade e fertilidade vêm caindo nas últimas décadas, acompanhando o padrão de transição demográfica observado em países do norte da África. A expectativa de vida é alta para os padrões regionais, refletindo avanços nos serviços de saúde e educação.

Apesar da melhora nos indicadores sociais, o país ainda enfrenta desafios como o desemprego juvenil, a dependência econômica do petróleo e gás, e tensões sociais em áreas periféricas. A urbanização é avançada, com destaque para Argel, Oran e Constantine.

A estabilidade demográfica da Argélia pode favorecer o planejamento a longo prazo, desde que acompanhada por políticas de diversificação econômica e inclusão social.



4.10. SUDÃO



Área territorial: 1.886.068 km²

População estimada (2025): 51.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 27 hab./km²

Taxa de natalidade: 31,5‰

Taxa de mortalidade: 6,3‰

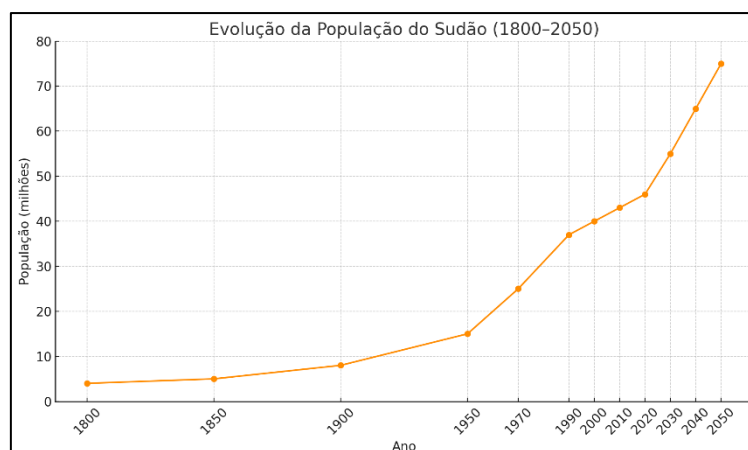
Expectativa de vida: 65,0 anos

Taxa de fertilidade: 4,4 filhos por mulher

O Sudão, situado no nordeste da África, apresenta uma das maiores extensões territoriais do continente, mas com distribuição populacional muito desigual, concentrada ao longo do Nilo e nas regiões mais férteis, o país mantém uma estrutura etária jovem e altas taxas de fecundidade.

Apesar de avanços em áreas urbanas como Cartum, o país enfrenta desafios complexos, como conflitos armados recorrentes, instabilidade política, migrações internas forçadas e insegurança alimentar, o que compromete o aproveitamento pleno do bônus demográfico.

As taxas de natalidade continuam elevadas, enquanto os índices de mortalidade diminuíram gradualmente com a expansão de programas básicos de saúde. A urbanização avança em ritmo desigual, gerando tensões nas cidades que recebem grandes contingentes de deslocados. Para alcançar estabilidade populacional e desenvolvimento sustentável, o Sudão depende fortemente de processos de pacificação, reconstrução institucional e expansão dos direitos sociais básicos.



4.11. ANGOLA



Área territorial: 1.246.700 km²

População estimada (2025): 38.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 30 hab./km²

Taxa de natalidade: 38,2‰

Taxa de mortalidade: 7,5‰

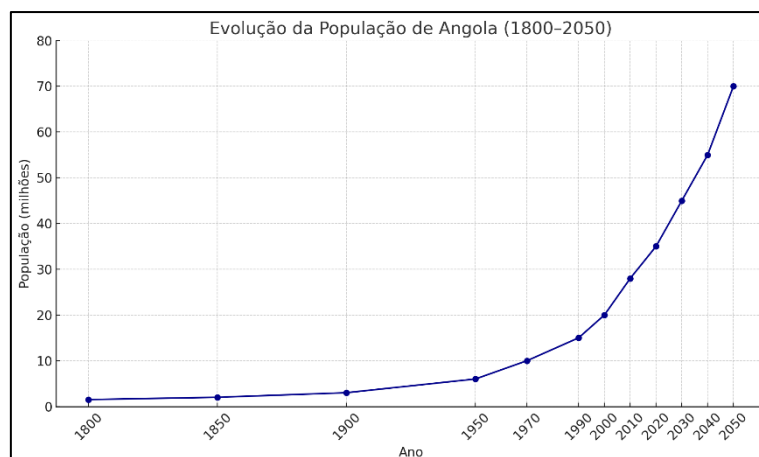
Expectativa de vida: 62,4 anos

Taxa de fertilidade: 5,5 filhos por mulher

Angola possui uma das populações que mais crescem na África, sua estrutura etária é predominantemente jovem, refletindo taxas de fecundidade muito altas e uma natalidade ainda robusta. Esse crescimento populacional acelerado pressiona fortemente os serviços de saúde, educação e habitação, especialmente nas grandes cidades.

Após décadas de guerra civil, Angola vem passando por um processo de reconstrução nacional e modernização urbana, ainda que marcado por desigualdades sociais. A expectativa de vida tem aumentado gradualmente, mas os desafios em infraestrutura e acesso a serviços básicos persistem em regiões interiores.

A urbanização tem se intensificado de forma rápida, porém desordenada, contribuindo para o surgimento de assentamentos informais. A transição demográfica em curso demanda investimentos consistentes em planejamento familiar, geração de empregos e redução da pobreza. Com seus abundantes recursos naturais, Angola tem potencial para transformar seu bônus demográfico em vantagem econômica, desde que consiga combinar estabilidade institucional com políticas sociais eficazes.



4.12. MARROCOS



Área territorial: 446.550 km²

População estimada (2025): 38.200.000 habitantes

Densidade demográfica: 86 hab/km²

Taxa de natalidade: 17,4‰

Taxa de mortalidade: 6,2‰

Expectativa de vida: 76,7 anos

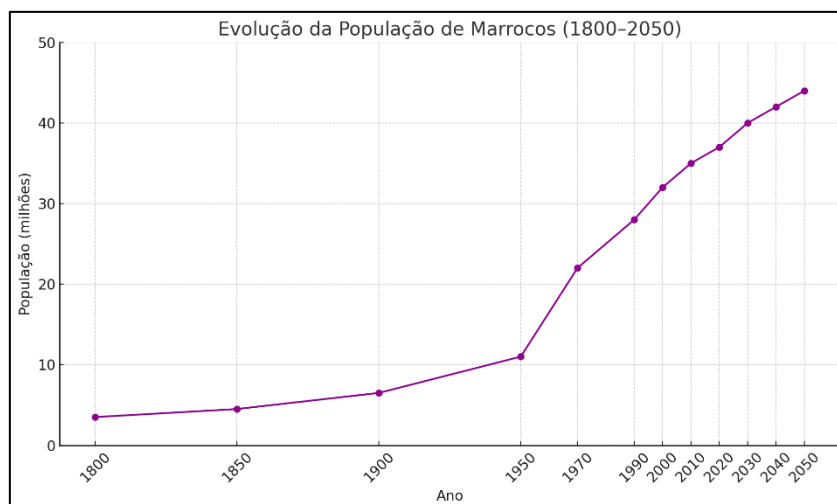
Taxa de fertilidade: 2,3 filhos por mulher

O Marrocos é um dos países mais estáveis do norte da África e apresenta avanços significativos nos indicadores demográficos nas últimas décadas. Com cerca de 38,2 milhões de habitantes em 2025, o país passou por uma forte transição demográfica, marcada pela queda acentuada das taxas de natalidade e fertilidade.

A urbanização é intensa, com centros como Casablanca, Rabat e Marrakesh concentrando grande parte da população. O crescimento populacional desacelera, o que permite maior capacidade de planejamento urbano e ampliação de políticas sociais.

A expectativa de vida é alta para os padrões africanos, resultado de melhorias no sistema de saúde, educação e políticas de proteção social. No entanto, o desemprego juvenil, a migração internacional e a desigualdade regional ainda são desafios importantes.

O país está próximo de uma estabilização populacional e, com base em seu perfil atual, pode alcançar um equilíbrio entre crescimento demográfico e desenvolvimento sustentável nas próximas décadas.



4.13. MOÇAMBIQUE



Área territorial: 801.590 km²

População estimada (2025): 36.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 45 hab./km²

Taxa de natalidade: 36,9‰

Taxa de mortalidade: 8,1‰

Expectativa de vida: 62,3 anos

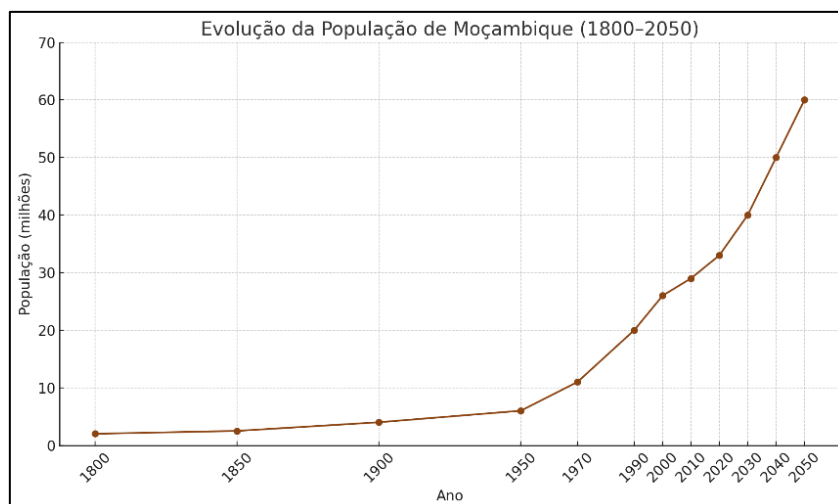
Taxa de fertilidade: 4,8 filhos por mulher

Moçambique apresenta um dos crescimentos populacionais mais rápidos da África Austral, possui uma estrutura etária jovem e elevadas taxas de fecundidade e natalidade, o que reforça a pressão sobre os serviços públicos e recursos naturais.

Embora a urbanização esteja em expansão, boa parte da população ainda reside em zonas rurais e depende da agricultura de subsistência. A infraestrutura básica é desigual entre as regiões, e os indicadores de saúde e educação exigem amplos investimentos.

A expectativa de vida tem melhorado com a ampliação dos serviços de saúde e combate a doenças endêmicas, embora a pobreza e os impactos das mudanças climáticas sigam afetando fortemente a população.

A transição demográfica avança de forma gradual. Para garantir um desenvolvimento sustentável, será necessário fortalecer as políticas de planejamento familiar, melhorar a qualificação da juventude e ampliar o acesso aos direitos sociais fundamentais.



4.14. GANA



Área territorial: 238.533 km²

População estimada (2025): 35.200.000 habitantes

Densidade demográfica: 148 hab./km²

Taxa de natalidade: 27,1‰

Taxa de mortalidade: 6,5‰

Expectativa de vida: 64,8 anos

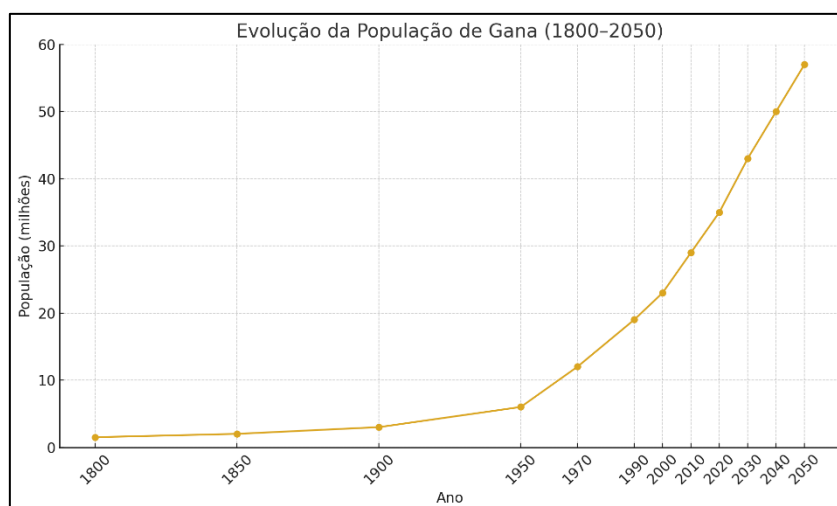
Taxa de fertilidade: 3,7 filhos por mulher

Gana é um dos países mais estáveis da África Ocidental, o crescimento populacional se mantém elevado, impulsionado por uma estrutura etária jovem e uma fecundidade ainda significativa, embora em queda.

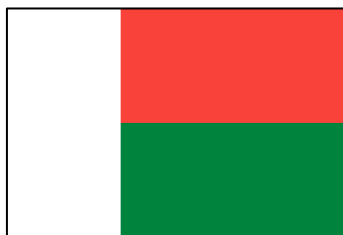
A urbanização avança com rapidez, com destaque para Acra e Kumasi, que concentram grande parte da população urbana. O país tem investido em educação básica e saúde pública, o que tem contribuído para o aumento da expectativa de vida e a redução das taxas de mortalidade infantil.

A economia ganesa, relativamente diversificada, tem potencial para absorver o crescimento populacional, desde que as políticas públicas se mantenham orientadas à redução da pobreza, à geração de empregos e à inclusão social.

Com uma gestão estratégica do bônus demográfico, Gana pode continuar a se consolidar como referência regional em desenvolvimento humano e estabilidade institucional.



4.15. MADAGASCAR



Área territorial: 587.041 km²

População estimada (2025): 32.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 54 hab./km²

Taxa de natalidade: 30,4‰

Taxa de mortalidade: 6,6‰

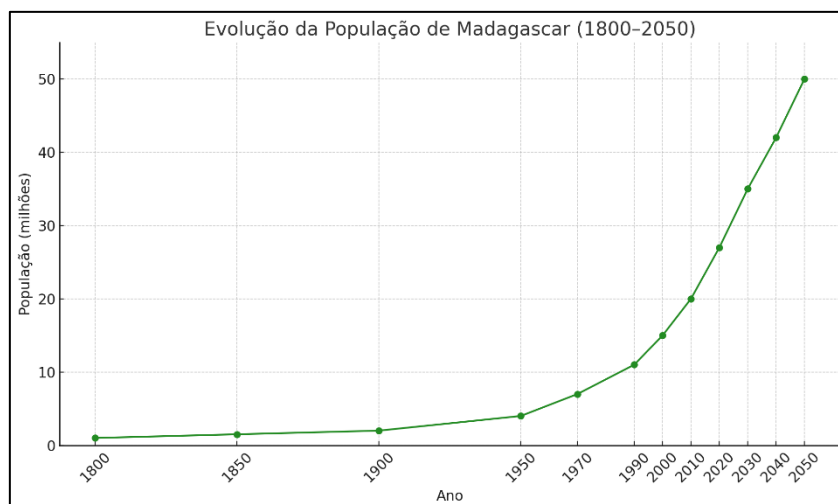
Expectativa de vida: 67,5 anos

Taxa de fertilidade: 3,9 filhos por mulher

Madagáscar, a maior ilha da África, apresenta um ritmo de crescimento populacional bastante acelerado de 2,2% ao ano, essa taxa é maior do que a mundial e é comparável a de outros países da África. O crescimento da população de Madagascar se deve à elevada taxa de natalidade, mais de quatro vezes maior do que a taxa de mortalidade. Sua população é bastante jovem, com idade mediana de 20 anos.

Grande parte da população vive em áreas rurais e depende da agricultura de subsistência. A urbanização cresce lentamente, com Antananarivo concentrando os principais fluxos migratórios internos. Os desafios sociais incluem pobreza persistente, infraestrutura limitada e vulnerabilidade a desastres naturais como ciclones e secas.

Apesar disso, a expectativa de vida tem aumentado, impulsionada por programas de vacinação e melhorias no acesso à saúde básica. A transição demográfica avança em ritmo próprio, e o país precisa ampliar o acesso à educação e ao planejamento familiar para alinhar o crescimento populacional às metas de desenvolvimento sustentável.



4.16. CAMARÕES



Área territorial: 475.442 km²

População estimada (2025): 30.400.000 habitantes

Densidade demográfica: 64 hab./km²

Taxa de natalidade: 34,6‰

Taxa de mortalidade: 7,2‰

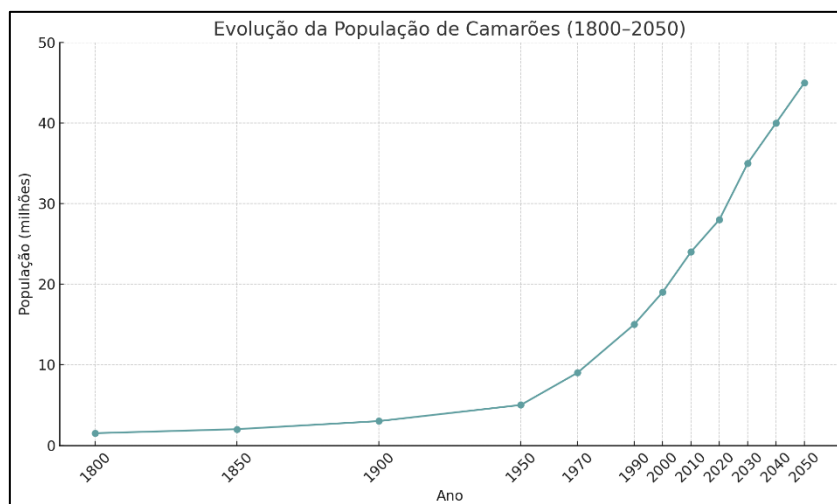
Expectativa de vida: 62,7 anos

Taxa de fertilidade: 4,6 filhos por mulher

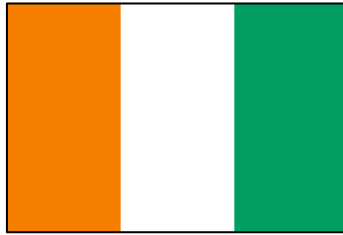
Camarões, localizado na África Central, apresenta uma estrutura etária jovem e crescimento populacional elevado, impulsionado por altas taxas de fecundidade e natalidade. O processo de urbanização é intenso, especialmente em cidades como laundé e Douala, mas ainda coexistem grandes áreas rurais com acesso limitado a serviços essenciais. A diversidade étnica e linguística é ampla, o que enriquece a cultura nacional, mas também exige atenção à coesão social e aos conflitos localizados.

A expectativa de vida tem aumentado nos últimos anos, refletindo avanços no combate a doenças infecciosas e melhorias parciais nos serviços de saúde. Contudo, a pobreza, o desemprego juvenil e os deslocamentos internos provocados por tensões políticas seguem como desafios importantes.

Para garantir uma transição demográfica sustentável, o país precisa fortalecer suas políticas sociais, investir na juventude e promover maior equidade no acesso a oportunidades econômicas.



4.17. COSTA DO MARFIM



Área territorial: 322.463 km²

População estimada (2025): 30.100.000 habitantes

Densidade demográfica: 93 hab./km²

Taxa de natalidade: 34,2‰

Taxa de mortalidade: 7,1‰

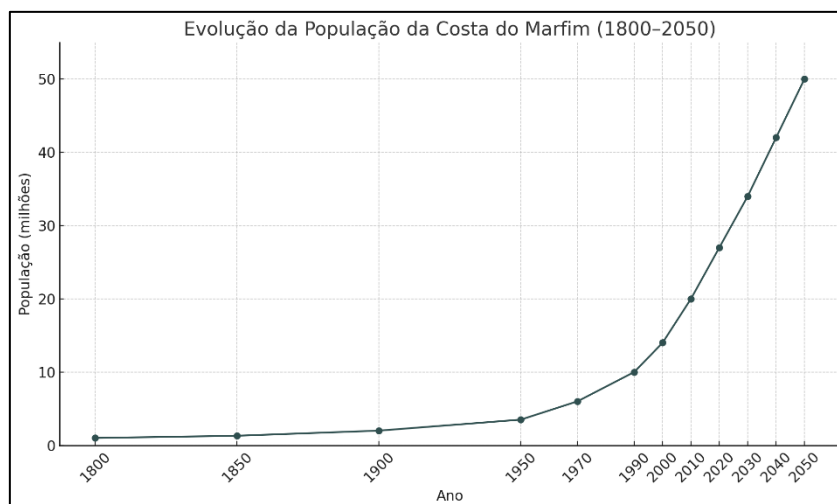
Expectativa de vida: 60,5 anos

Taxa de fertilidade: 4,7 filhos por mulher

A Costa do Marfim é uma das economias mais dinâmicas da África Ocidental, apresenta um crescimento populacional elevado, sustentado por uma fecundidade alta e taxas de natalidade que superam os 34‰.

A urbanização é intensa, especialmente na região metropolitana de Abidjan, que concentra fluxos migratórios internos e de países vizinhos. Ainda assim, boa parte da população vive em condições de vulnerabilidade, com desafios persistentes na oferta de moradia, saneamento e educação básica.

A expectativa de vida tem crescido lentamente, impactada por desigualdades regionais e pelo acesso limitado a serviços de saúde em zonas rurais. O país também carrega marcas de conflitos políticos que, nas últimas décadas, afetaram a estabilidade social e o desenvolvimento humano. A gestão do crescimento populacional exige políticas integradas que promovam inclusão, planejamento urbano e geração de empregos, de modo a alinhar o dinamismo demográfico ao progresso econômico e social do país.



4.18. NÍGER



Área territorial: 1.267.000 km²

População estimada (2025): 28.700.000 habitantes

Densidade demográfica: 23 hab./km²

Taxa de natalidade: 45,2‰

Taxa de mortalidade: 8,3‰

Expectativa de vida: 61,1 anos

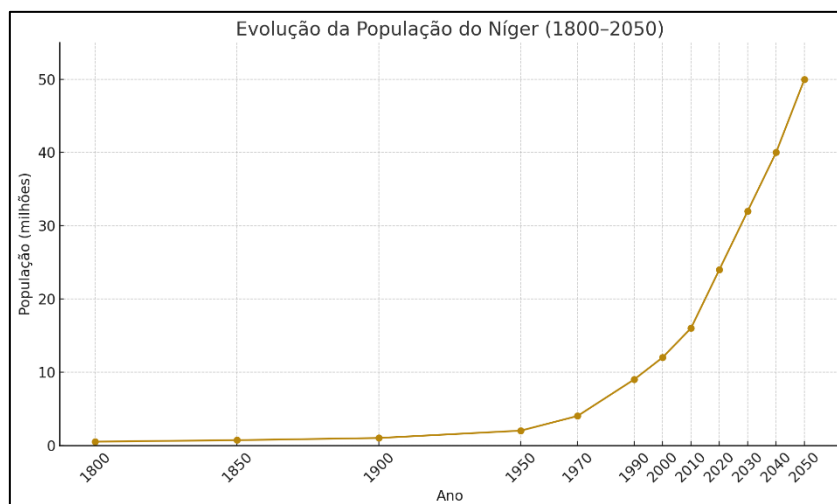
Taxa de fertilidade: 6,9 filhos por mulher (a mais alta do mundo)

O Níger é um dos países mais desafiadores do ponto de vista demográfico. Com uma população estimada em 28,7 milhões em 2025, apresenta a maior taxa de fertilidade do mundo, com quase sete filhos por mulher. O crescimento populacional é explosivo, pressionando os limitados recursos naturais e a frágil infraestrutura do país.

Grande parte do território é desértico, com a população concentrada em áreas ao sul, próximas ao rio Níger. O país possui uma das maiores proporções de jovens do mundo, o que representa um enorme desafio para os sistemas de saúde, educação e emprego.

A urbanização cresce de forma lenta, e a maioria da população permanece em áreas rurais, dependente da agricultura de subsistência e extremamente vulnerável às mudanças climáticas e à insegurança alimentar.

Para enfrentar esse cenário, o Níger necessita de políticas robustas de planejamento familiar, educação de meninas e fortalecimento institucional. A gestão adequada de seu crescimento demográfico será decisiva para sua estabilidade futura.



4.19. BURKINA FASO



Área territorial: 272.967 km²

População estimada (2025): 24.800.000 habitantes

Densidade demográfica: 91 hab./km²

Taxa de natalidade: 37,5‰

Taxa de mortalidade: 7,5‰

Expectativa de vida: 61,3 anos

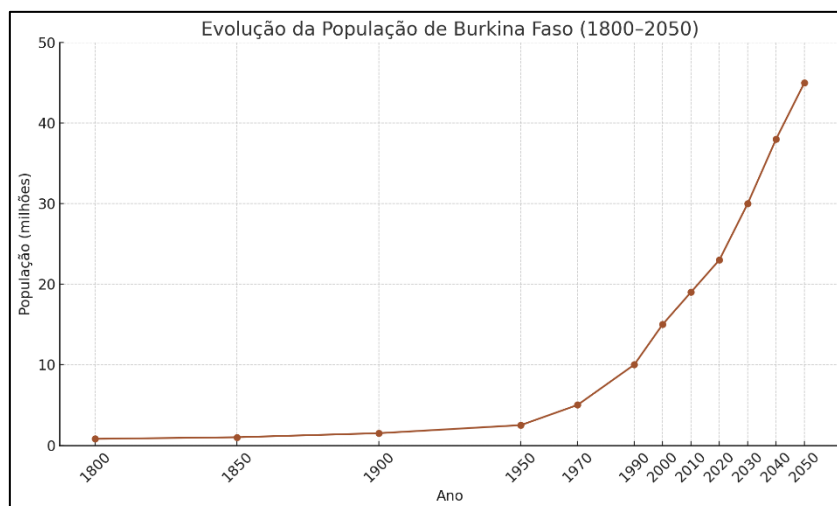
Taxa de fertilidade: 5,3 filhos por mulher

Burkina Faso, localizado na região do Sahel, apresenta uma população de cerca de 24,8 milhões de habitantes em 2025. O país mantém altas taxas de natalidade e fertilidade, o que contribui para um crescimento populacional contínuo e desafiador. A estrutura etária é muito jovem, com grande proporção da população abaixo dos 20 anos.

Grande parte da população vive em áreas rurais, onde a agricultura de subsistência é predominante. O país enfrenta limitações severas em infraestrutura, serviços de saúde e acesso à educação, especialmente em regiões mais remotas.

A urbanização é moderada, com cidades como Ouagadougou e Bobo-Dioulasso concentrando os principais polos de desenvolvimento. Contudo, instabilidades políticas e ameaças à segurança têm dificultado avanços mais consistentes nos indicadores sociais.

Para enfrentar seus desafios demográficos, Burkina Faso precisa investir em planejamento familiar, inclusão educacional e fortalecimento institucional, com foco na juventude e no desenvolvimento sustentável.



4.20. MALI



Área territorial: 1.240.192 km²

População estimada (2025): 23.200.000 habitantes

Densidade demográfica: 19 hab./km²

Taxa de natalidade: 41,3‰

Taxa de mortalidade: 8,0‰

Expectativa de vida: 60,8 anos

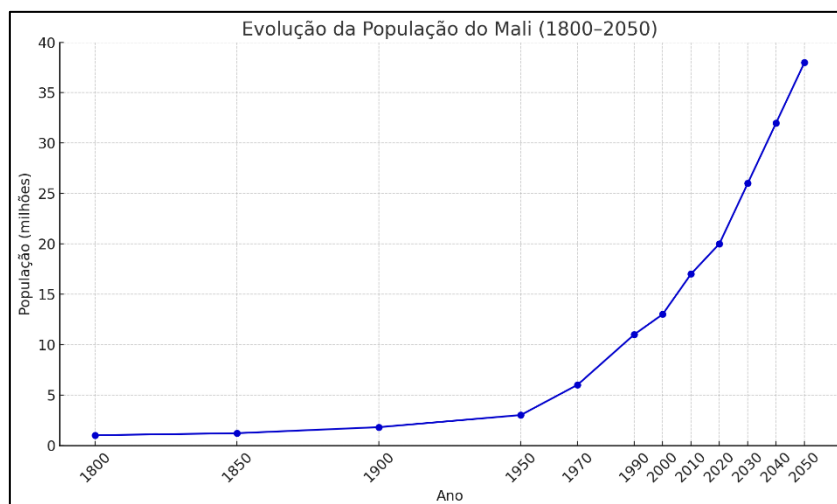
Taxa de fertilidade: 5,9 filhos por mulher

O Mali, país do interior da África Ocidental, possui uma das mais altas taxas de fecundidade do mundo, com quase 6 filhos por mulher. Sua população, cresce rapidamente, pressionando os serviços públicos e os recursos naturais.

A maior parte do território é árida ou semiárida, com concentrações populacionais nas regiões ao sul, especialmente ao longo do rio Níger. A urbanização avança lentamente, com Bamako sendo o principal centro urbano e econômico do país.

Apesar de melhorias graduais na saúde e na educação, o Mali enfrenta desafios severos: conflitos armados, instabilidade política, insegurança alimentar e pobreza generalizada. A expectativa de vida segue baixa, refletindo as dificuldades de acesso a serviços básicos em muitas regiões.

A transição demográfica será fundamental para o futuro do país. Isso exigirá investimentos em planejamento familiar, educação de meninas, fortalecimento institucional e políticas públicas que priorizem o bem-estar da população jovem.



4.21. MALAWI



Área territorial: 118.484 km²

População estimada (2025): 22.500.000 habitantes

Densidade demográfica: 190 hab./km²

Taxa de natalidade: 32,7‰

Taxa de mortalidade: 7,4‰

Expectativa de vida: 65,2 anos

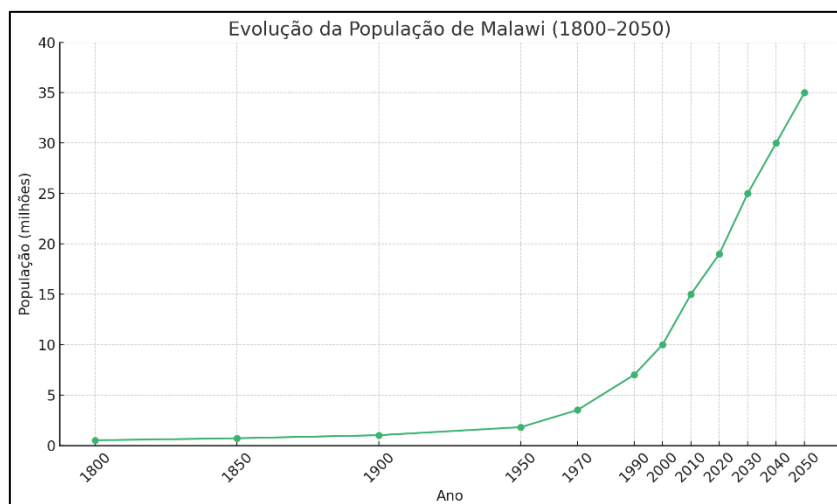
Taxa de fertilidade: 4,1 filhos por mulher

O Malawi é um dos países com maior densidade populacional da África, mesmo com território relativamente pequeno. Em 2025, sua população é estimada em 22,5 milhões de habitantes, com estrutura etária muito jovem e crescimento demográfico expressivo.

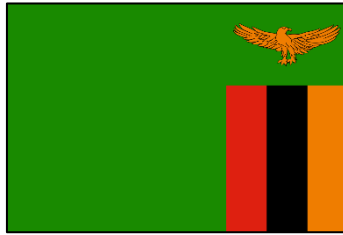
A maioria da população vive em áreas rurais e depende da agricultura de subsistência, em um contexto de acesso limitado à terra e vulnerabilidade climática. Apesar da elevada natalidade, a taxa de fecundidade vem apresentando leve queda, resultado de políticas de saúde reprodutiva e educação.

A urbanização é moderada, com Lilongwe e Blantyre como centros em expansão. O país enfrenta dificuldades no fornecimento de serviços públicos essenciais, como saúde, educação e saneamento, especialmente nas zonas mais afastadas.

A estabilidade demográfica e o desenvolvimento sustentável do Malawi dependerão de políticas que ampliem o acesso ao planejamento familiar, reduzam as desigualdades regionais e invistam na formação da juventude, principal ativo do país para o futuro.



4.22. ZÂMBIA



Área territorial: 752.618 km²

População estimada (2025): 21.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 28 hab./km²

Taxa de natalidade: 34,1‰

Taxa de mortalidade: 7,8‰

Expectativa de vida: 65,1 anos

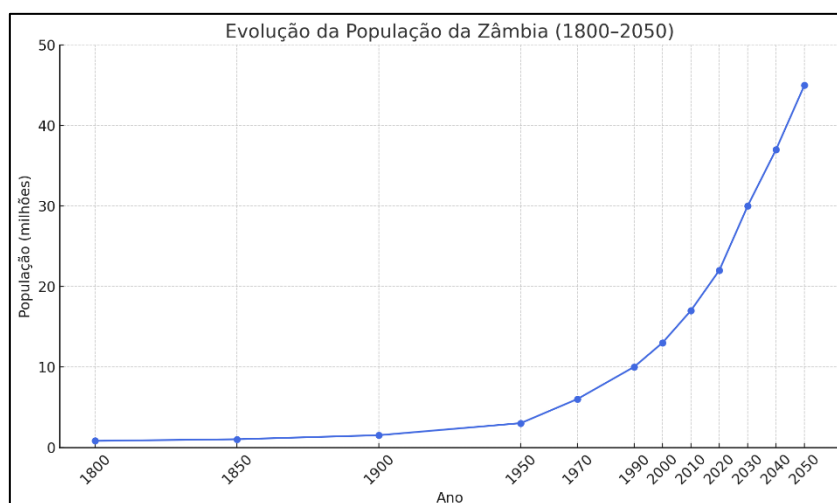
Taxa de fertilidade: 4,4 filhos por mulher

A Zâmbia possui com altas taxas de natalidade e uma estrutura etária extremamente jovem. O crescimento demográfico intenso impõe desafios à provisão de serviços básicos e à geração de empregos, especialmente nas zonas urbanas.

A urbanização tem se acelerado, com destaque para Lusaka e Ndola, embora boa parte da população ainda viva em áreas rurais, onde a agricultura de subsistência predomina. O país fez avanços nos indicadores de saúde e educação, embora o acesso ainda seja desigual.

A expectativa de vida aumentou significativamente nas últimas décadas, fruto de políticas de saúde pública e controle do HIV/AIDS. No entanto, a pobreza e a dependência econômica de commodities como o cobre ainda limitam o progresso social.

A Zâmbia tem um grande potencial demográfico, desde que consiga canalizar seus investimentos para políticas de juventude, capacitação profissional e diversificação econômica que sustentem o desenvolvimento a longo prazo.



4.23. SENEGAL



Área territorial: 196.722 km²

População estimada (2025): 18.600.000 habitantes

Densidade demográfica: 95 hab./km²

Taxa de natalidade: 32,3‰

Taxa de mortalidade: 6,5‰

Expectativa de vida: 67,4 anos

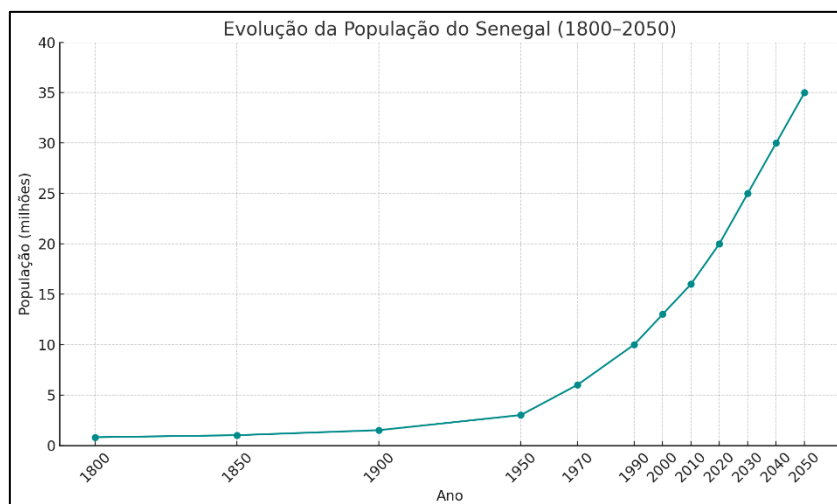
Taxa de fertilidade: 4,3 filhos por mulher

O Senegal apresenta uma população marcada por crescimento contínuo e estrutura etária jovem. O país tem feito avanços notáveis em saúde, educação e infraestrutura urbana, especialmente em Dakar, sua capital e principal centro econômico.

Embora a taxa de fecundidade ainda seja elevada, observa-se tendência de queda gradual nos últimos anos. A expectativa de vida vem crescendo, reflexo de políticas públicas voltadas à vacinação, saneamento e acesso à saúde básica.

O Senegal tem se destacado na África Ocidental por sua relativa estabilidade política, o que contribui para o fortalecimento de políticas de desenvolvimento sustentável. No entanto, desafios como desigualdade social, desemprego juvenil e vulnerabilidade climática ainda impactam parte significativa da população.

A urbanização segue acelerada e, para sustentar o crescimento demográfico, será fundamental promover inclusão social, fortalecer o sistema educacional e gerar oportunidades de trabalho qualificado para sua ampla população jovem.



4.24. CHADE



Área territorial: 1.284.000 km²

População estimada (2025): 18.100.000 habitantes

Densidade demográfica: 14 hab./km²

Taxa de natalidade: 41,7‰

Taxa de mortalidade: 9,0‰

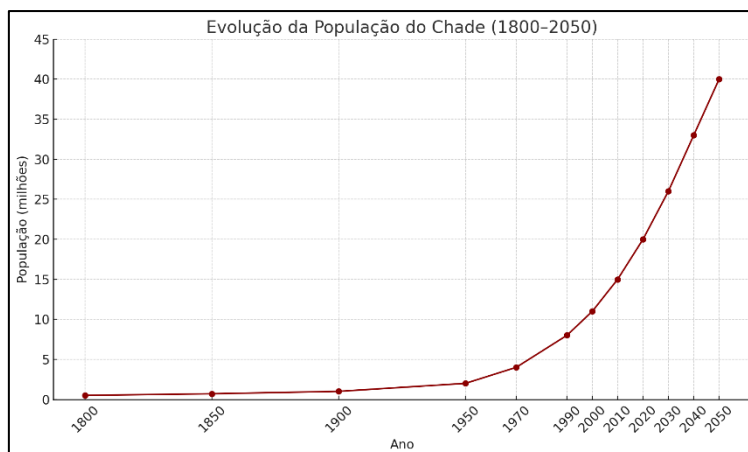
Expectativa de vida: 55,9 anos

Taxa de fertilidade: 6,2 filhos por mulher

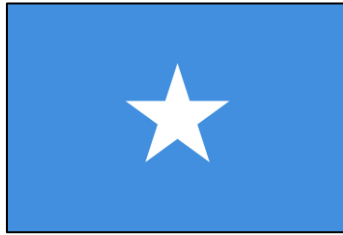
O Chade apresenta uma das mais baixas densidades populacionais da África, reflexo de sua vasta extensão territorial e das duras condições naturais, especialmente nas regiões desérticas ao norte. Sua população apresenta crescimento contínuo sustentado por altas taxas de natalidade e fecundidade.

A estrutura etária é extremamente jovem, com elevada proporção de crianças e adolescentes, o que pressiona o sistema educacional e de saúde. A expectativa de vida é uma das mais baixas do continente, resultado da pobreza generalizada, conflitos recorrentes, baixa cobertura de saneamento e desafios no combate a doenças infecciosas.

Grande parte da população vive em áreas rurais, com agricultura e pastoreio como principais atividades econômicas. A urbanização é limitada, sendo a capital N'Djamena o principal polo populacional e administrativo. O futuro demográfico do país dependerá do fortalecimento das instituições, do combate à pobreza e da ampliação do acesso à saúde e educação, além da promoção de políticas de planejamento familiar e redução das desigualdades regionais.



4.25. SOMÁLIA



Área territorial: 637.657 km²

População estimada (2025): 18.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 28 hab./km²

Taxa de natalidade: 39,5‰

Taxa de mortalidade: 10,1‰

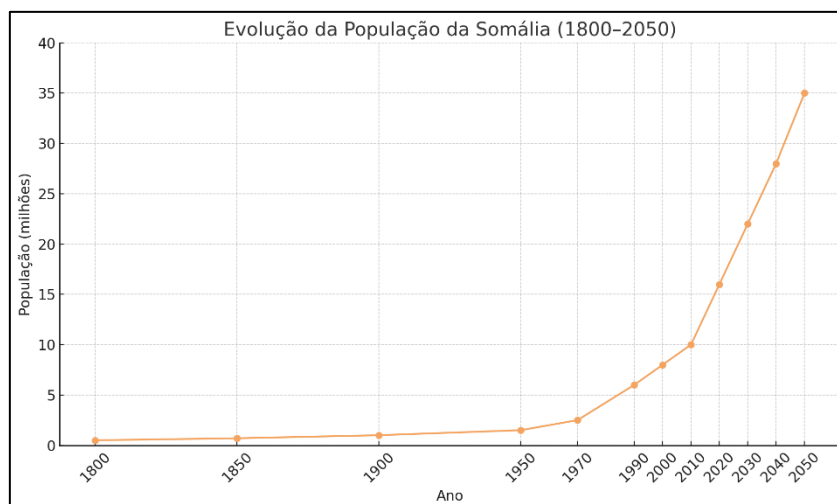
Expectativa de vida: 56,6 anos

Taxa de fertilidade: 6,1 filhos por mulher

A Somália apresenta uma dinâmica populacional marcada por crescimento rápido e intensas dificuldades sociais. O país mantém elevadas taxas de natalidade e fecundidade, apesar das décadas de instabilidade política e conflitos internos.

A estrutura populacional é majoritariamente jovem, o que poderia representar um potencial de crescimento econômico. No entanto, a falta de instituições estáveis, os deslocamentos forçados, a insegurança alimentar e a precariedade dos serviços básicos dificultam o aproveitamento desse bônus demográfico.

A maioria da população vive em áreas rurais ou em assentamentos precários, com grande mobilidade interna. A urbanização avança de maneira desigual, com Mogadíscio e outras cidades costeiras enfrentando crescimento desordenado. A transição demográfica no país está fortemente condicionada à recuperação institucional e à paz. Investimentos em saúde, educação e igualdade de gênero são essenciais para melhorar os indicadores sociais e tornar o crescimento populacional um motor de reconstrução nacional.



4.26. ZIMBÁBUE



Área territorial: 390.757 km²

População estimada (2025): 17.400.000 habitantes

Densidade demográfica: 45 hab./km²

Taxa de natalidade: 31,2‰

Taxa de mortalidade: 7,6‰

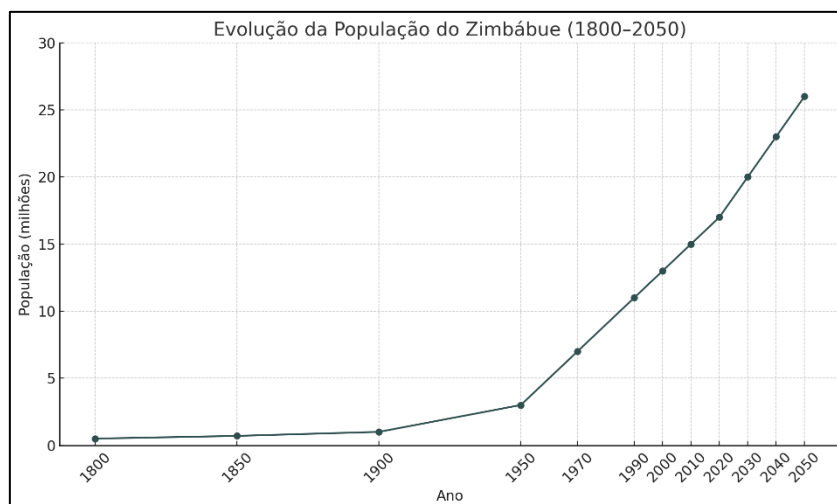
Expectativa de vida: 63,9 anos

Taxa de fertilidade: 3,9 filhos por mulher

O Zimbábue apresenta um perfil etário predominantemente jovem e crescimento populacional moderado. O país passou por profundas transformações econômicas e sociais nas últimas décadas, com crises que afetaram a estrutura demográfica e provocaram ondas de migração.

A urbanização é significativa, com Harare e Bulawayo concentrando grande parte da população urbana. O acesso a serviços de saúde e educação melhorou em algumas regiões, mas ainda é desigual e limitado em áreas rurais.

A expectativa de vida caiu drasticamente durante o auge da epidemia de HIV/AIDS, mas tem se recuperado com avanços em campanhas de prevenção e distribuição de medicamentos. A taxa de fertilidade vem caindo de forma gradual, acompanhando uma leve transição demográfica. Para garantir um desenvolvimento equilibrado, o país precisa de estabilidade política, recuperação econômica e investimentos em políticas sociais que favoreçam a juventude, ampliem o acesso à educação e fortaleçam o sistema de saúde.



4.27. GUINÉ



Área territorial: 245.857 km²

População estimada (2025): 14.500.000 habitantes

Densidade demográfica: 59 hab./km²

Taxa de natalidade: 35,6‰

Taxa de mortalidade: 7,9‰

Expectativa de vida: 62,5 anos

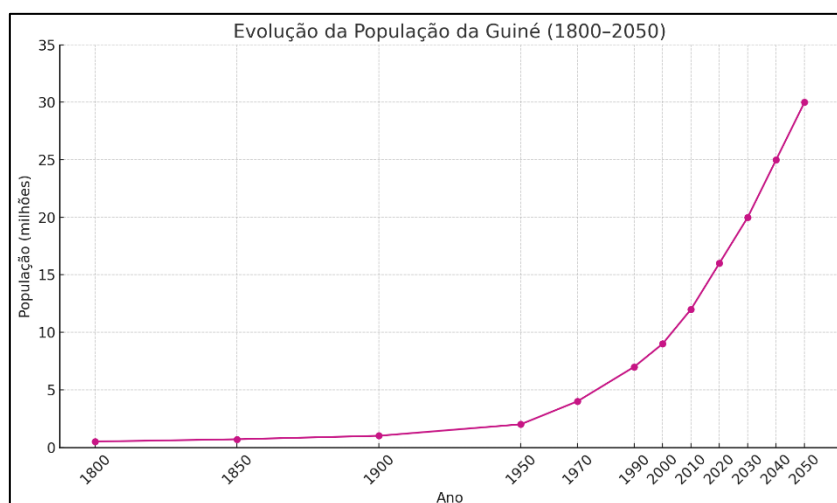
Taxa de fertilidade: 4,8 filhos por mulher

A Guiné possui crescimento populacional acentuado e estrutura etária jovem. A elevada taxa de fecundidade sustenta o ritmo de crescimento, enquanto a mortalidade tem diminuído gradualmente com melhorias nos serviços de saúde.

A urbanização é crescente, com a capital Conacri concentrando grande parte da população urbana e enfrentando desafios como moradia, saneamento e mobilidade. No interior, muitas comunidades ainda carecem de acesso regular a serviços públicos básicos.

Apesar da riqueza em recursos naturais, a Guiné enfrenta altos índices de pobreza e instabilidade política, o que limita o aproveitamento do potencial demográfico. A expectativa de vida, embora em elevação, ainda é impactada por doenças infecciosas e infraestrutura sanitária deficiente.

Para garantir um desenvolvimento sustentável, o país precisa de estabilidade institucional, expansão do sistema educacional e políticas públicas voltadas à inclusão social e ao planejamento familiar.



4.28. RUANDA



Área territorial: 26.338 km²

População estimada (2025): 14.100.000 habitantes

Densidade demográfica: 535 hab./km²

Taxa de natalidade: 28,8‰

Taxa de mortalidade: 6,1‰

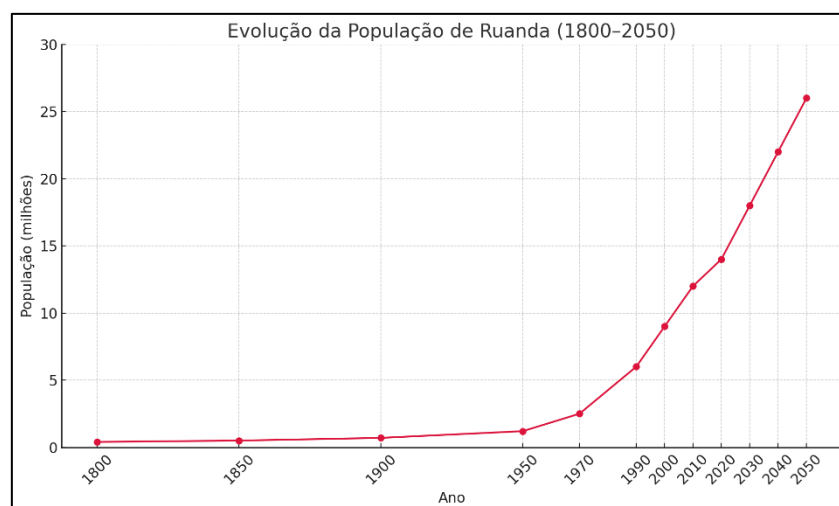
Expectativa de vida: 69,2 anos

Taxa de fertilidade: 3,6 filhos por mulher

Apesar de sua pequena extensão territorial, possui uma das maiores densidades populacionais da África, apresenta crescimento demográfico moderado e estrutura etária jovem, típica de países em transição demográfica. O país passou por um dos episódios mais traumáticos do continente, o genocídio de 1994 que impactou profundamente sua estrutura populacional. Desde então tem experimentado uma recuperação demográfica e econômica impressionante, com investimentos em saúde, educação e tecnologia.

A urbanização tem crescido rapidamente, principalmente em Kigali, cuja infraestrutura moderna contrasta com áreas rurais ainda marcadas pela pobreza. A expectativa de vida aumentou substancialmente nas últimas décadas, resultado do fortalecimento das políticas públicas e do acesso mais amplo aos serviços básicos.

Ruanda é apontada como exemplo de resiliência e planejamento estratégico em meio a adversidades, e sua trajetória recente demonstra como uma política pública eficaz pode transformar indicadores sociais e demográficos em curto espaço de tempo.



4.29. BENIN



Área territorial: 114.763 km²

População estimada (2025): 13.900.000 habitantes

Densidade demográfica: 121 hab./km²

Taxa de natalidade: 34,5‰

Taxa de mortalidade: 7,0‰

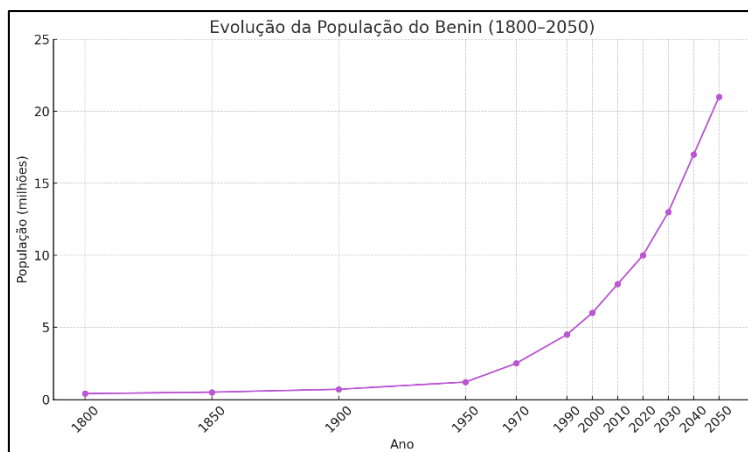
Expectativa de vida: 63,7 anos

Taxa de fertilidade: 4,7 filhos por mulher

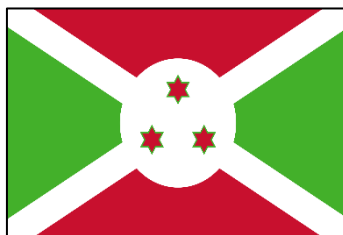
Localizado na África Ocidental, sua população apresenta crescimento contínuo sustentado por altas taxas de natalidade e uma fecundidade que supera quatro filhos por mulher. A estrutura populacional é majoritariamente jovem, o que representa tanto uma oportunidade quanto um desafio para o país.

A urbanização é crescente, com Cotonou e Porto Novo como principais centros urbanos, mas grande parte da população ainda vive em áreas rurais e depende da agricultura de subsistência. A expectativa de vida tem aumentado, embora o acesso à saúde e à educação ainda apresente desigualdades regionais.

O país tem buscado melhorar seus indicadores sociais por meio de programas de saúde materno-infantil, escolarização básica e campanhas de vacinação. Contudo, o rápido crescimento populacional exige mais investimentos em infraestrutura, empregos e planejamento urbano. A gestão eficiente do bônus demográfico será essencial para o desenvolvimento do Benin nas próximas décadas, especialmente se for combinada com políticas inclusivas e de fortalecimento institucional.



4.30. BURUNDI



Área territorial: 27.834 km²

População estimada (2025): 13.200.000 habitantes

Densidade demográfica: 474 hab./km²

Taxa de natalidade: 36,7‰

Taxa de mortalidade: 6,9‰

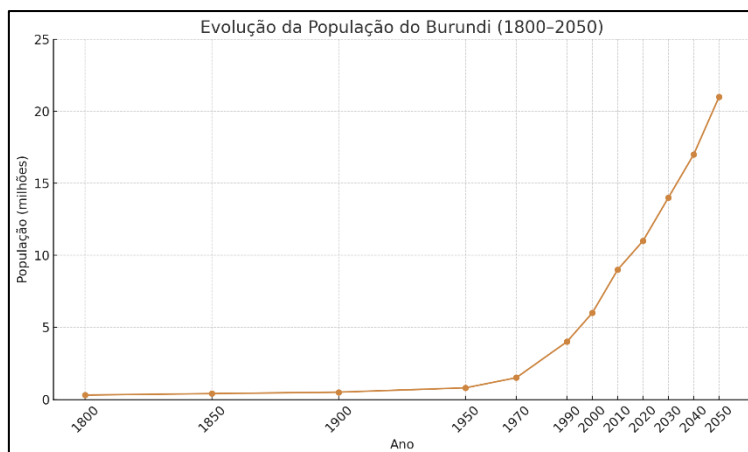
Expectativa de vida: 64,2 anos

Taxa de fertilidade: 5,0 filhos por mulher

O Burundi apresenta uma das mais altas densidades populacionais do continente africano, com mais de 13 milhões de habitantes distribuídos em um território muito pequeno. A população é marcadamente jovem, resultado de elevadas taxas de natalidade e fecundidade. A maioria dos habitantes vive em áreas rurais e depende da agricultura de subsistência. A urbanização é limitada, com Bujumbura sendo o principal centro urbano e econômico. O acesso a serviços básicos como saúde, educação e saneamento ainda é bastante desigual.

O país enfrentou conflitos civis intensos nas décadas passadas, o que afetou negativamente o desenvolvimento humano e a estabilidade institucional. Desde então, vem tentando reconstruir suas estruturas sociais e econômicas, com algum progresso nos indicadores de saúde e expectativa de vida.

A gestão do crescimento populacional requer atenção urgente, com políticas voltadas ao planejamento familiar, à capacitação da juventude e à redução da pobreza, para que a população em expansão não se transforme em um fator de vulnerabilidade.



4.31. TUNÍSIA



Área territorial: 163.610 km²

População estimada (2025): 12.500.000 habitantes

Densidade demográfica: 76 hab./km²

Taxa de natalidade: 14,6‰

Taxa de mortalidade: 6,9‰

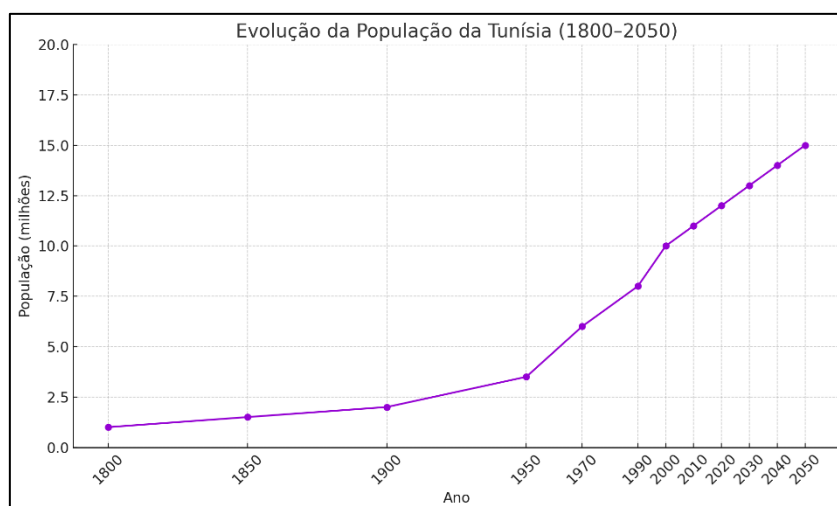
Expectativa de vida: 76,5 anos

Taxa de fertilidade: 2,1 filhos por mulher

A Tunísia, localizada no norte da África, apresenta indicadores demográficos típicos de países em estágio avançado de transição. Sua taxa de fecundidade está próxima do nível de reposição populacional, e a estrutura etária já mostra sinais de envelhecimento.

A urbanização é elevada, com cidades como Túnis, Sfax e Sousse concentrando boa parte da população. A expectativa de vida é alta para os padrões africanos, reflexo de investimentos consistentes em saúde pública, educação e planejamento familiar desde a segunda metade do século XX.

O crescimento populacional desacelera progressivamente, o que permite maior capacidade de planejamento urbano e distribuição de serviços. No entanto, o país ainda enfrenta desafios como desemprego juvenil, tensões políticas e desigualdades regionais. A Tunísia tem potencial para consolidar uma trajetória de desenvolvimento sustentável, aproveitando sua base educacional sólida e seu perfil demográfico estabilizado, desde que consiga implementar políticas que promovam inclusão econômica e inovação.



4.32. SUDÃO DO SUL



Área territorial: 619.745 km²

População estimada (2025): 12.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 19 hab./km²

Taxa de natalidade: 35,8‰

Taxa de mortalidade: 8,4‰

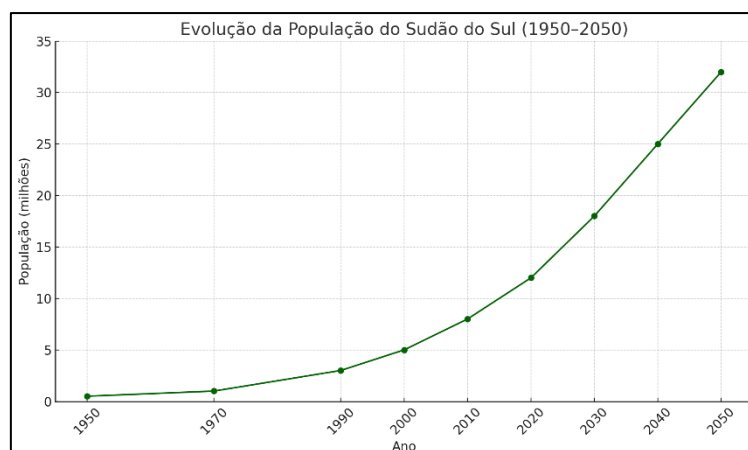
Expectativa de vida: 59,4 anos

Taxa de fertilidade: 4,8 filhos por mulher

O Sudão do Sul é o país mais jovem do mundo em termos de independência, conquistada em 2011, e um dos mais desafiadores no contexto demográfico, com altas taxas de natalidade e fecundidade e estrutura etária é extremamente jovem, mas o crescimento populacional convive com instabilidade política, conflitos étnicos e crises humanitárias que afetam fortemente a coesão social e o desenvolvimento humano. Muitas regiões enfrentam deslocamentos internos, insegurança alimentar e acesso limitado a serviços básicos.

A urbanização é baixa, com grande parte da população vivendo em áreas rurais e dispersas. Juba, a capital, concentra esforços de reconstrução e crescimento urbano, mas enfrenta limitações estruturais severas.

Apesar dos desafios, o país possui potencial agrícola e hídrico expressivo, e o controle do crescimento populacional pode ser chave para a estabilização futura. O investimento em paz, educação, saúde e integração social será essencial para transformar a juventude sul-sudanesa em vetor de reconstrução e desenvolvimento.



4.33. TOGO



Área territorial: 56.785 km²

População estimada (2025): 9.200.000 habitantes

Densidade demográfica: 162 hab./km²

Taxa de natalidade: 33,6‰

Taxa de mortalidade: 7,2‰

Expectativa de vida: 64,4 anos

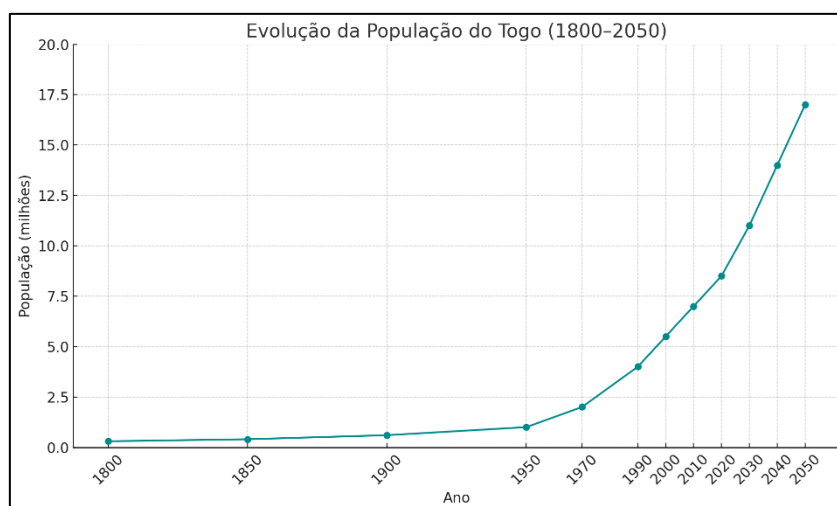
Taxa de fertilidade: 4,3 filhos por mulher

O Togo, localizado na costa da África Ocidental apresenta uma das maiores densidades populacionais da região. O país mantém elevadas taxas de natalidade e uma fecundidade que reforça sua estrutura etária jovem.

A urbanização cresce de forma constante, com Lomé, a capital, funcionando como o principal centro econômico, urbano e portuário do país. No entanto, a maior parte da população ainda reside em áreas rurais, onde a agricultura familiar representa a base da economia.

O Togo tem feito progressos em saúde pública e educação, o que tem refletido em uma expectativa de vida cada vez maior. Ainda assim, persistem desafios como o desemprego juvenil, acesso desigual a serviços públicos e instabilidade política esporádica.

A médio prazo, o país precisará fortalecer suas políticas sociais, promover inclusão econômica e controlar seu crescimento demográfico para garantir um desenvolvimento equilibrado e sustentável.



4.34. SERRA LEOA



Área territorial: 71.740 km²

População estimada (2025): 8.600.000 habitantes

Densidade demográfica: 120 hab./km²

Taxa de natalidade: 32,9‰

Taxa de mortalidade: 8,1‰

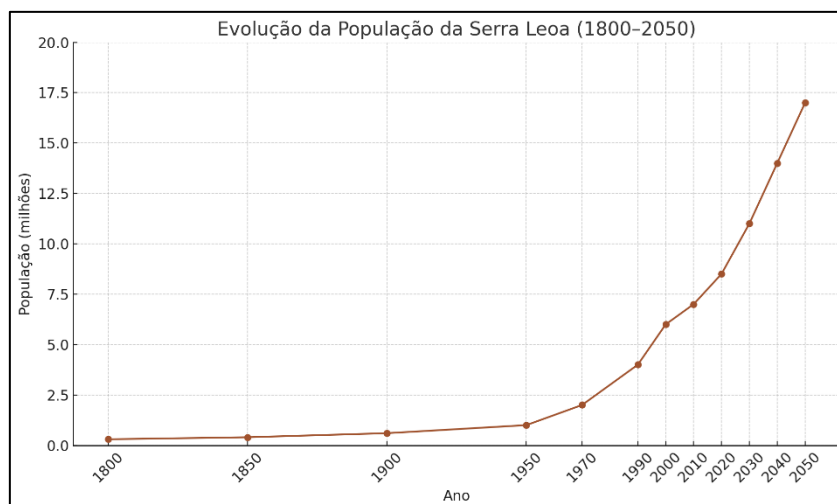
Expectativa de vida: 61,0 anos

Taxa de fertilidade: 4,2 filhos por mulher

Serra Leoa, situada na África Ocidental, tem uma população estimada em 8,6 milhões de habitantes em 2025, com crescimento demográfico contínuo e uma estrutura etária jovem. O país apresenta avanços graduais nos indicadores de saúde e educação, apesar dos efeitos ainda sentidos da guerra civil ocorrida entre 1991 e 2002.

A urbanização tem se acelerado, especialmente em Freetown, capital do país, embora muitas regiões ainda enfrentem pobreza extrema e dificuldade de acesso a serviços básicos. A expectativa de vida tem aumentado, impulsionada por políticas de saúde materno-infantil e campanhas de vacinação, apesar dos desafios ligados a doenças infecciosas como a malária e a recuperação após a epidemia de ebola.

A taxa de fecundidade, embora ainda alta, mostra tendência de queda. Para que Serra Leoa aproveite o potencial de seu bônus demográfico, será necessário investir em políticas de inclusão social, fortalecimento da juventude e ampliação da infraestrutura urbana e rural.



4.35. LÍBIA



Área territorial: 1.759.541 km²

População estimada (2025): 7.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 4 hab./km²

Taxa de natalidade: 20,1‰

Taxa de mortalidade: 4,9‰

Expectativa de vida: 73,1 anos

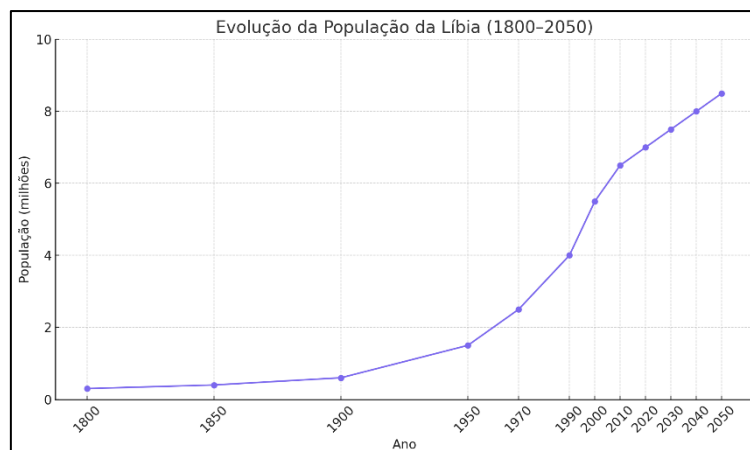
Taxa de fertilidade: 2,4 filhos por mulher

A Líbia possui uma das menores densidades populacionais do mundo, com vastas áreas desérticas e grande parte da população concentrada na faixa costeira do Mar Mediterrâneo. O país passou por rápido crescimento populacional no século XX, seguido por desaceleração nas últimas décadas.

A urbanização é elevada, com Trípoli, Bengasi e Misrata reunindo a maior parte da população. O país apresenta bons indicadores sociais no contexto africano, com elevada expectativa de vida e taxa de fecundidade em queda, reflexo do acesso relativamente amplo à saúde e à educação, mesmo diante de instabilidades recentes.

Desde a queda do regime de Muammar Kadafi em 2011, a Líbia vive um cenário político instável, com governos rivais, presença de milícias armadas e intervenções externas, o que impacta o planejamento demográfico e o funcionamento das instituições.

Apesar dos desafios, o país mantém potencial de crescimento com base em sua riqueza energética e localização estratégica, desde que consiga consolidar a paz e retomar o investimento em políticas públicas estruturantes.



4.36. CONGO



Área territorial: 342.000 km²

População estimada (2025): 6.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 17 hab./km²

Taxa de natalidade: 30,2‰

Taxa de mortalidade: 7,5‰

Expectativa de vida: 64,8 anos

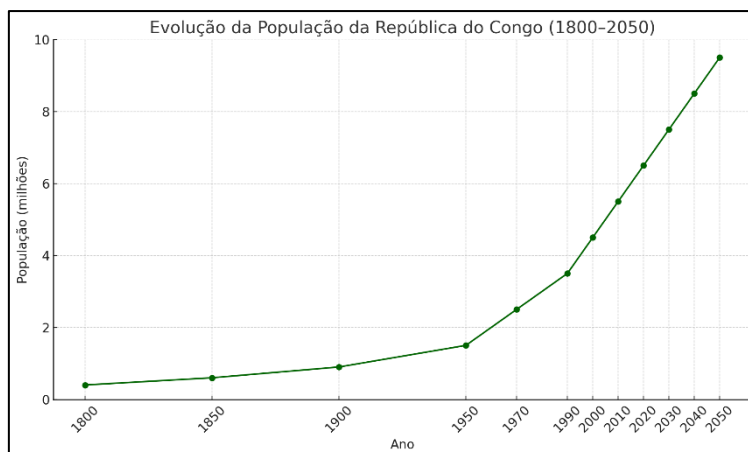
Taxa de fertilidade: 4,2 filhos por mulher

A República do Congo apresenta um crescimento demográfico moderado, sustentado por altas taxas de natalidade e uma estrutura etária bastante jovem. A urbanização é elevada, com Brazzaville, a capital, concentrando mais da metade da população urbana do país.

Apesar de sua riqueza em recursos naturais, principalmente petróleo, a distribuição de renda é desigual e muitos congolese vivem em situação de pobreza, especialmente nas zonas rurais. A expectativa de vida tem melhorado gradualmente, impulsionada por programas de saúde básica e vacinação.

O país viveu períodos de instabilidade política e conflitos armados no passado recente, o que afetou o desenvolvimento institucional. Hoje, a estabilidade relativa permite avanços graduais nos setores de educação, saúde e infraestrutura urbana.

Para assegurar um desenvolvimento sustentável, será fundamental diversificar a economia, fortalecer políticas de inclusão social e ampliar o acesso a serviços essenciais para acompanhar o ritmo de crescimento populacional e urbanização.



4.37. LIBÉRIA



Área territorial: 111.369 km²

População estimada (2025): 5.500.000 habitantes

Densidade demográfica: 49 hab./km²

Taxa de natalidade: 33,4‰

Taxa de mortalidade: 7,3‰

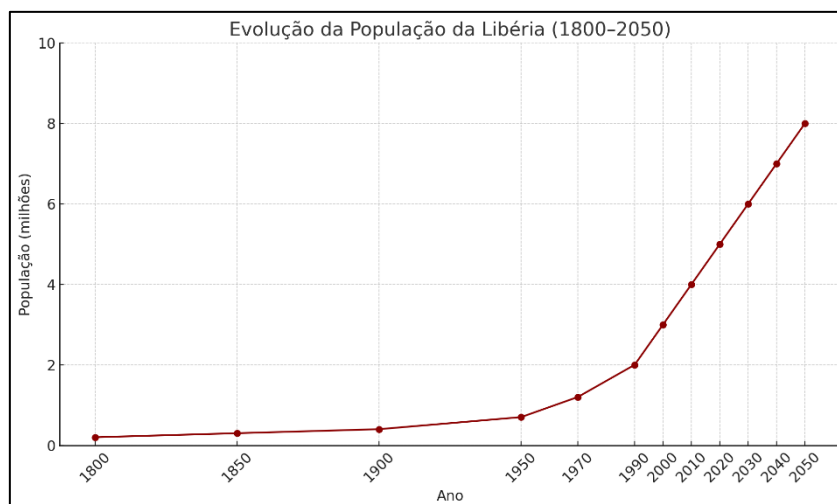
Expectativa de vida: 62,2 anos

Taxa de fertilidade: 4,4 filhos por mulher

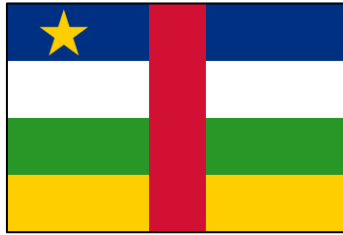
A Libéria, localizada na costa da África Ocidental, possui crescimento demográfico segue um ritmo constante, marcado por uma estrutura etária jovem e elevada taxa de fecundidade. O país enfrentou duas guerras civis devastadoras entre 1989 e 2003, que deixaram sérias marcas em sua infraestrutura e afetaram profundamente os serviços públicos. Desde então, a Libéria tem buscado se reconstruir, com avanços em saúde, educação e estabilidade institucional, embora ainda enfrente muitos desafios.

A urbanização é crescente, com Monróvia como centro econômico e populacional. No entanto, boa parte da população ainda vive em áreas rurais, em condições de vulnerabilidade social e econômica.

A expectativa de vida tem melhorado, embora ainda seja impactada por doenças infecciosas, saneamento precário e acesso desigual à saúde. Para promover um desenvolvimento sustentável, o país precisa ampliar investimentos em políticas de juventude, capacitação profissional e infraestrutura básica.



4.38. REPÚBLICA CENTRO AFRICANA



Área territorial: 622.984 km²

População estimada (2025): 5.900.000 habitantes

Densidade demográfica: 9 hab./km²

Taxa de natalidade: 34,9‰

Taxa de mortalidade: 11,1‰

Expectativa de vida: 54,3 anos

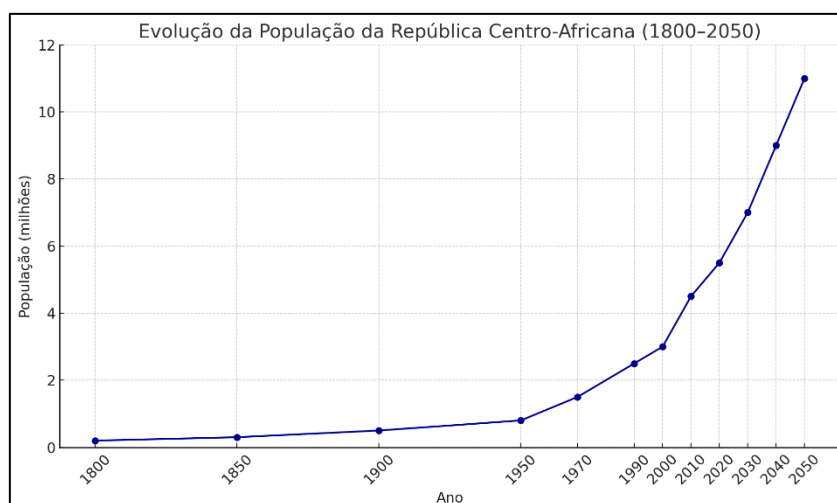
Taxa de fertilidade: 4,9 filhos por mulher

A República Centro-Africana (RCA) está entre os países com os piores indicadores sociais e demográficos do continente. A expectativa de vida é baixa, a taxa de mortalidade é uma das mais altas da África, e a estrutura populacional é extremamente jovem.

O crescimento populacional ocorre em meio a um cenário de instabilidade política prolongada, conflitos armados e fragilidade institucional. Esses fatores dificultam o acesso da população a serviços básicos como saúde, educação, segurança e infraestrutura.

A urbanização é limitada, com Bangui sendo o principal centro urbano e político do país. Grande parte da população vive no campo, em condições precárias e com dependência da agricultura de subsistência.

A superação dos desafios demográficos da RCA passa pela pacificação do território, reconstrução institucional e investimentos robustos em serviços públicos, com foco especial na juventude, que representa a maioria da população e a principal esperança de reconstrução do país.



4.39. MAURITÂNIA



Área territorial: 1.030.700 km²

População estimada (2025): 5.100.000 habitantes

Densidade demográfica: 5 hab./km²

Taxa de natalidade: 32,5‰

Taxa de mortalidade: 7,8‰

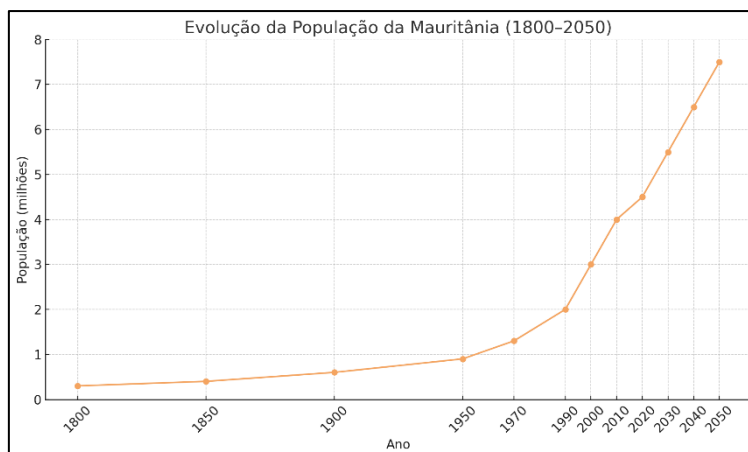
Expectativa de vida: 65,0 anos

Taxa de fertilidade: 4,2 filhos por mulher

A Mauritânia, localizada entre o Magrebe e a África Subsaariana, possui grande parte do território coberto pelo deserto do Saara, o país tem uma das mais baixas densidades demográficas da África.

A urbanização cresce em ritmo moderado, com a capital Nouakchott concentrando mais de um terço da população. O restante do território é ocupado por populações nômades ou seminômades, e a economia ainda depende fortemente da pesca, mineração e agricultura de subsistência.

A estrutura populacional é jovem, com taxa de fecundidade elevada, embora em queda. A expectativa de vida vem aumentando, impulsionada por melhorias graduais na saúde e na educação, mas ainda há desafios significativos no combate à pobreza e no acesso a serviços básicos nas regiões mais isoladas. Para avançar rumo a um desenvolvimento sustentável, o país precisa investir em inclusão social, diversificação econômica e políticas públicas que atendam tanto as áreas urbanas quanto as comunidades periféricas e do interior desértico.



4.40. ERITRÉIA



Área territorial: 117.600 km²

População estimada (2025): 3.900.000 habitantes

Densidade demográfica: 33 hab./km²

Taxa de natalidade: 28,9‰

Taxa de mortalidade: 7,4‰

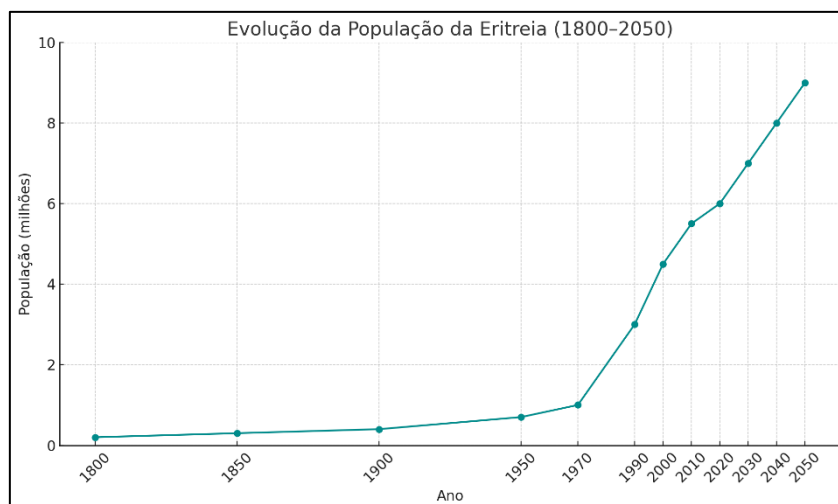
Expectativa de vida: 66,7 anos

Taxa de fertilidade: 3,8 filhos por mulher

A Eritreia, localizada no Chifre da África e banhada pelo Mar Vermelho seu crescimento demográfico é moderado, com estrutura etária ainda jovem, mas que caminha lentamente para uma transição demográfica. A urbanização é baixa, e grande parte da população vive da agricultura de subsistência, em zonas rurais espalhadas por um território montanhoso e semiárido. As cidades de Asmara e Massawa concentram os principais centros urbanos e econômicos do país.

Após décadas de conflito com a Etiópia e um regime altamente centralizador, a Eritreia apresenta avanços graduais em saúde e educação, embora enfrente críticas internacionais quanto à repressão política e à ausência de eleições.

A expectativa de vida tem melhorado, impulsionada por investimentos em infraestrutura sanitária e controle de doenças. Para que a população jovem do país se transforme em motor de desenvolvimento, é necessário garantir maior estabilidade institucional, liberdade econômica e acesso ampliado à educação e mercado de trabalho.



4.41. NAMÍBIA



Área territorial: 825.615 km²

População estimada (2025): 2.800.000 habitantes

Densidade demográfica: 3,4 hab./km²

Taxa de natalidade: 24,7‰

Taxa de mortalidade: 8,2‰

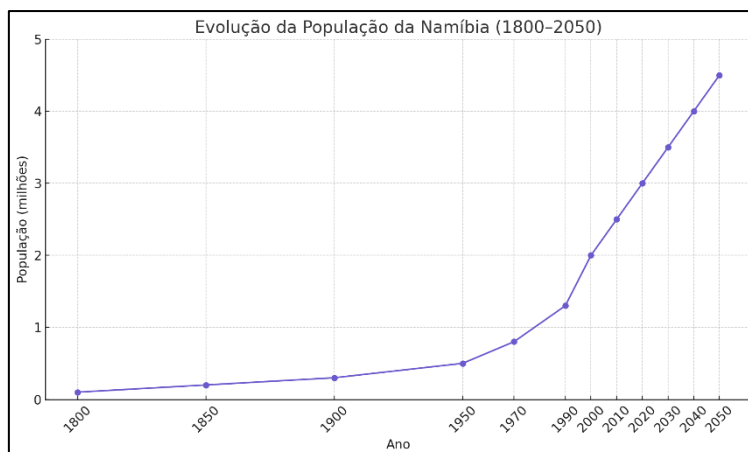
Expectativa de vida: 65,8 anos

Taxa de fertilidade: 3,3 filhos por mulher

A Namíbia, situada ao sul da África, é um dos países com menor densidade demográfica do mundo, devido à predominância de desertos como o Namibe e o Kalahari. A urbanização é significativa, com Windhoek, a capital, concentrando boa parte da população urbana e dos serviços. Embora apresente bons indicadores de infraestrutura e estabilidade política, a Namíbia enfrenta desafios relacionados à desigualdade social e ao acesso a oportunidades nas zonas rurais.

A expectativa de vida tem melhorado com o avanço do sistema público de saúde, especialmente no controle do HIV/AIDS, que já foi um dos maiores problemas de saúde pública no país. A taxa de fecundidade tem diminuído de forma gradual, acompanhando o aumento da escolarização feminina e o acesso ao planejamento familiar.

A Namíbia se destaca por políticas de conservação ambiental e uso sustentável de seus recursos naturais. Para consolidar seu crescimento populacional de forma equilibrada, o país precisa continuar investindo em inclusão social, diversificação econômica e integração regional.



4.42. GÂMBIA



Área territorial: 11.295 km²

População estimada (2025): 2.800.000 habitantes

Densidade demográfica: 248 hab./km²

Taxa de natalidade: 35,2‰

Taxa de mortalidade: 7,1‰

Expectativa de vida: 64,9 anos

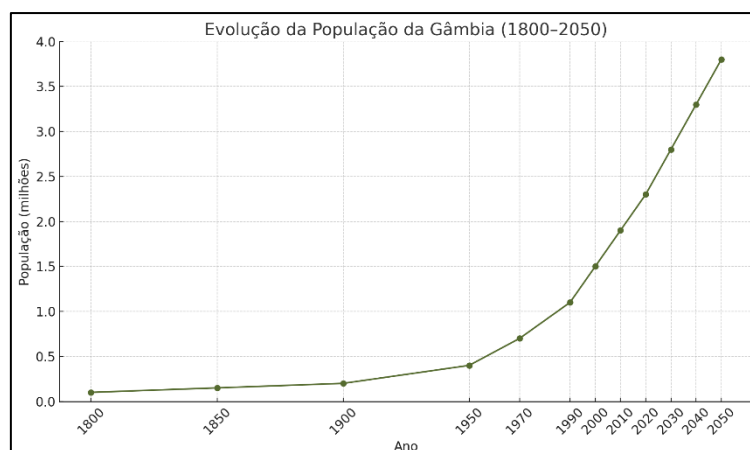
Taxa de fertilidade: 4,7 filhos por mulher

A Gâmbia é o menor país do continente africano em extensão territorial (exceto ilhas) e apresenta uma das maiores densidades demográficas da África. O país mantém uma estrutura populacional jovem e crescimento contínuo.

A urbanização é crescente, especialmente na região da capital, Banjul, e em cidades satélites como Serrekunda. A economia é baseada na agricultura, no turismo e em remessas do exterior, embora enfrente limitações estruturais e pressões populacionais sobre os recursos naturais.

A taxa de fecundidade, embora elevada, mostra tendência de redução. Os indicadores de saúde e educação têm melhorado, impulsionando o aumento da expectativa de vida. No entanto, o país ainda enfrenta desafios como pobreza, desemprego juvenil e migração em busca de melhores condições.

Para garantir um crescimento populacional sustentável, a Gâmbia precisa continuar expandindo o acesso à educação, à saúde e ao planejamento familiar, além de diversificar sua economia e fortalecer a governança democrática.



4.43. BOTSWANA



Área territorial: 581.730 km²

População estimada (2025): 2.700.000 habitantes

Densidade demográfica: 4,6 hab./km²

Taxa de natalidade: 22,4‰

Taxa de mortalidade: 7,5‰

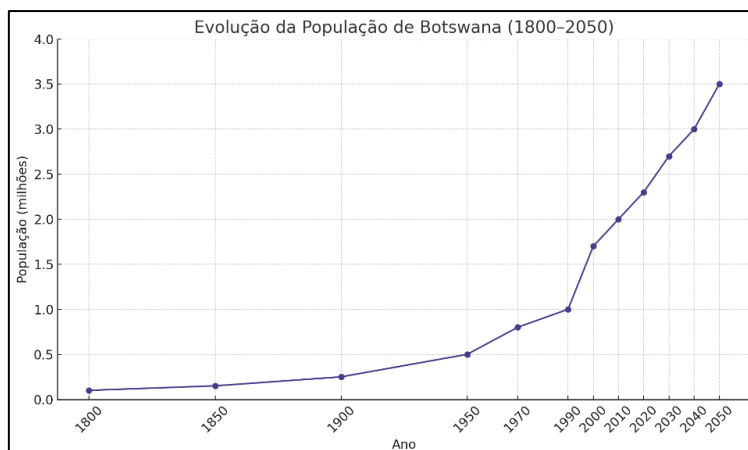
Expectativa de vida: 69,3 anos

Taxa de fertilidade: 2,8 filhos por mulher

Botswana apresenta uma das menores densidades populacionais do mundo, com vasta extensão territorial e poucos habitantes. O país é reconhecido por sua estabilidade política e boa governança, sendo exemplo de desenvolvimento sustentável no continente. A urbanização é crescente, com Gaborone, Francistown e Maun concentrando os principais núcleos populacionais. O país tem conseguido equilibrar crescimento econômico com políticas sociais, especialmente nas áreas de educação, saúde e infraestrutura.

Após enfrentar severos impactos da epidemia de HIV/AIDS, Botswana se destacou por sua resposta eficiente, o que permitiu a recuperação da expectativa de vida e o fortalecimento do sistema público de saúde. A taxa de fecundidade vem diminuindo gradualmente graças ao avanço do planejamento familiar e à escolarização feminina.

Botswana também é referência em conservação ambiental e manejo responsável de seus recursos naturais, em especial diamantes. Seu desafio é diversificar a economia e garantir oportunidades para sua juventude em expansão, consolidando assim um modelo de crescimento populacional equilibrado e sustentável.



4.44. GABÃO



Área territorial: 267.668 km²

População estimada (2025): 2.400.000 habitantes

Densidade demográfica: 9 hab./km²

Taxa de natalidade: 27,3‰

Taxa de mortalidade: 6,4‰

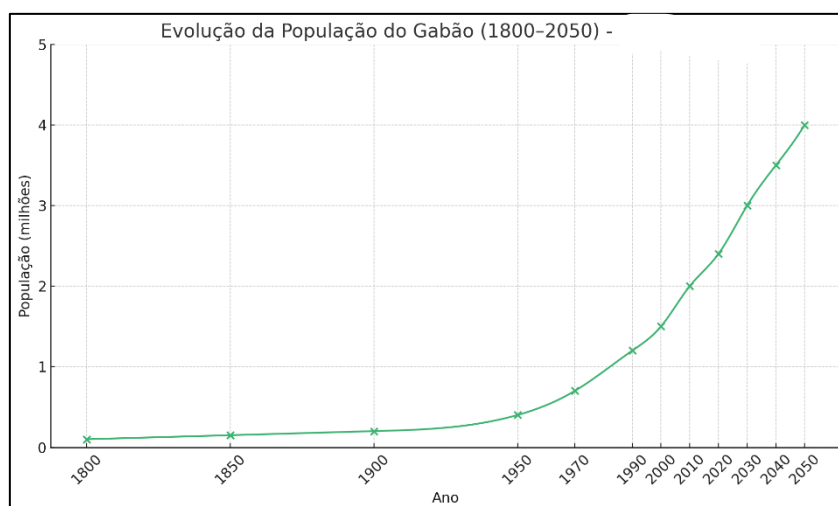
Expectativa de vida: 67,5 anos

Taxa de fertilidade: 3,7 filhos por mulher

O Gabão destaca-se por sua baixa densidade populacional e elevados índices de urbanização, especialmente em cidades como Libreville e Port-Gentil. O país possui bons indicadores sociais em comparação com muitos vizinhos da África Central, reflexo de sua estabilidade política e receitas advindas da exploração de petróleo.

A estrutura etária ainda é jovem, mas a taxa de fecundidade vem diminuindo lentamente, e a expectativa de vida está em ascensão, indicando avanços nos serviços de saúde e saneamento. A urbanização acelerada tem promovido crescimento econômico, mas também traz desafios em infraestrutura e habitação.

Embora o país apresente PIB per capita elevado, persistem desigualdades sociais e regionais, com parte da população rural ainda enfrentando dificuldades de acesso a serviços básicos. O Gabão aposta na diversificação econômica e no desenvolvimento sustentável como estratégias para reduzir a dependência dos recursos minerais e fortalecer o capital humano.



4.45. LESOTO



Área territorial: 30.355 km²

População estimada (2025): 2.300.000 habitantes

Densidade demográfica: 76 hab./km²

Taxa de natalidade: 25,9‰

Taxa de mortalidade: 9,3‰

Expectativa de vida: 61,4 anos

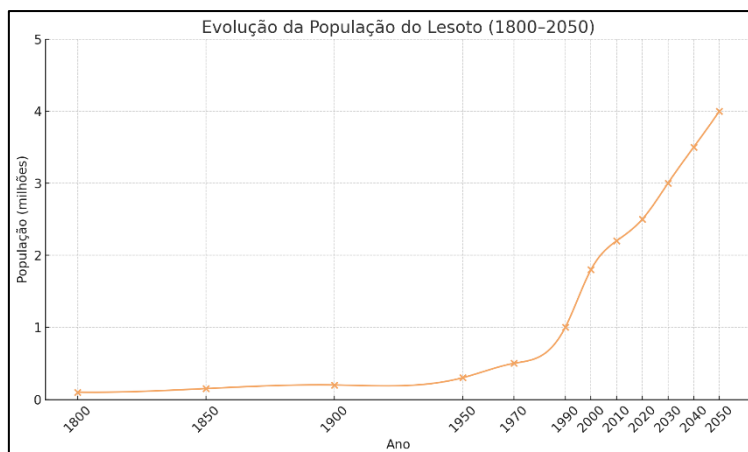
Taxa de fertilidade: 3,1 filhos por mulher

O Lesoto é um país montanhoso e totalmente encravado no território da África do Sul, apesar de seu território reduzido, apresenta densidade populacional moderada e estrutura etária predominantemente jovem.

A economia depende fortemente da agricultura de subsistência, da exportação de água e da mão de obra migrante que trabalha na África do Sul. A urbanização é limitada, concentrando-se na capital Maseru e em poucas outras cidades.

O país enfrenta desafios significativos em saúde pública, com histórico de alta prevalência de HIV/AIDS, o que impactou fortemente a expectativa de vida nas últimas décadas. Nos últimos anos, no entanto, houve avanços nos programas de saúde e controle da epidemia.

O Lesoto investe em educação e infraestrutura básica, mas ainda lida com altos índices de pobreza e dependência externa. A gestão do crescimento populacional requer políticas voltadas à inclusão social, fortalecimento dos serviços públicos e estímulo à diversificação econômica.



4.46. GUINÉ-BISSAU



Área territorial: 36.125 km²

População estimada (2025): 2.200.000 habitantes

Densidade demográfica: 61 hab./km²

Taxa de natalidade: 34,7‰

Taxa de mortalidade: 8,6‰

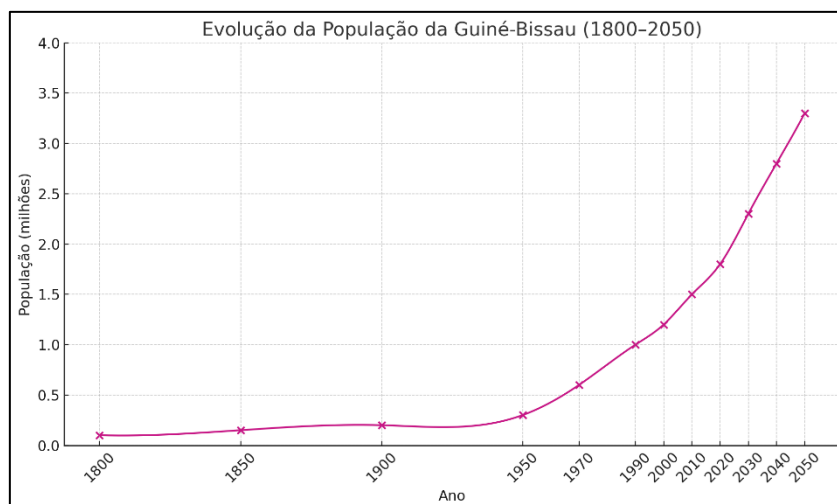
Expectativa de vida: 60,5 anos

Taxa de fertilidade: 4,5 filhos por mulher

A Guiné-Bissau, localizada na costa da África Ocidental, apresenta crescimento demográfico contínuo e estrutura etária jovem, o país enfrenta desafios típicos de nações em desenvolvimento, como acesso limitado a serviços públicos, infraestrutura precária e instabilidade política.

A urbanização ocorre de forma lenta, concentrando-se principalmente em Bissau, a capital. Grande parte da população vive em áreas rurais e depende da agricultura, pesca e extrativismo para subsistência. A expectativa de vida, ainda baixa, reflete as fragilidades nos sistemas de saúde e saneamento. No entanto, o país tem avançado em campanhas de vacinação e combate a doenças endêmicas. A taxa de fecundidade elevada sustenta o ritmo de crescimento populacional.

Para garantir um futuro mais equilibrado, a Guiné-Bissau precisa consolidar políticas públicas de longo prazo, com foco na juventude, na educação básica, na saúde preventiva e na estabilidade institucional que favoreça o desenvolvimento sustentável.



4.47. GUINÉ EQUATORIAL



Área territorial: 28.051 km²

População estimada (2025): 1.700.000 habitantes

Densidade demográfica: 61 hab./km²

Taxa de natalidade: 30,1‰

Taxa de mortalidade: 7,7‰

Expectativa de vida: 61,8 anos

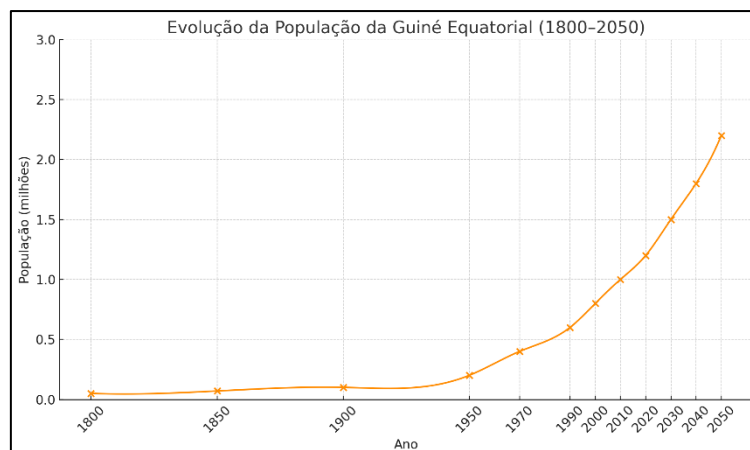
Taxa de fertilidade: 4,0 filhos por mulher

A Guiné Equatorial é um dos menores países da África, tanto em extensão quanto em população, mas apresenta crescimento demográfico rápido, sua população vem aumentando impulsionada por altas taxas de natalidade e migração interna.

A urbanização é elevada, com Malabo e Bata como principais centros urbanos. O país passou por rápida transformação econômica a partir dos anos 2000, com a descoberta e exploração de petróleo, o que elevou temporariamente seu PIB per capita, embora os benefícios não tenham sido amplamente distribuídos à população.

Apesar dos avanços em infraestrutura urbana e escolarização, persistem sérios desafios relacionados à desigualdade social, liberdade política e acesso a serviços básicos. A expectativa de vida tem melhorado, mas ainda é impactada por doenças infecciosas e limitações no sistema de saúde.

O crescimento populacional da Guiné Equatorial requer políticas de inclusão, desenvolvimento humano e maior distribuição dos recursos provenientes do petróleo, de forma a garantir qualidade de vida à sua população jovem e em expansão.



4.48. MAURÍCIO



Área territorial: 2.040 km²

População estimada (2025): 1.320.000 habitantes

Densidade demográfica: 647 hab./km²

Taxa de natalidade: 13,2‰

Taxa de mortalidade: 8,0‰

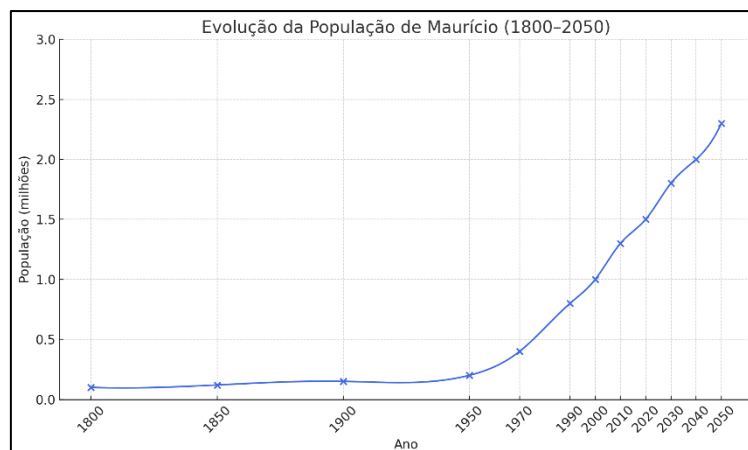
Expectativa de vida: 75,4 anos

Taxa de fertilidade: 1,4 filhos por mulher

As Ilhas Maurício, localizadas no Oceano Índico, ao leste de Madagascar, representam um caso bem-sucedido de transição demográfica e desenvolvimento sustentável. O país apresenta baixas taxas de natalidade e fecundidade, características de sociedades com alto grau de desenvolvimento humano.

Apesar da elevada densidade populacional, a urbanização é bem planejada e os serviços públicos como saúde, educação e transporte atendem boa parte da população com qualidade. A expectativa de vida elevada e a estrutura etária mais envelhecida indicam que o país já está na fase final da transição demográfica.

Maurício é uma economia diversificada, com destaque para o turismo, setor financeiro e exportações têxteis. As políticas públicas voltadas à educação e ao planejamento familiar foram fundamentais para a estabilização demográfica nas últimas décadas. O principal desafio atual está na gestão do envelhecimento populacional e na manutenção da sustentabilidade econômica e ambiental. Ainda assim, se destaca como referência no continente por seus bons indicadores sociais e estabilidade institucional.



4.49. ESWATINI



Área territorial: 17.364 km²

População estimada (2025): 1.200.000 habitantes

Densidade demográfica: 69 hab./km²

Taxa de natalidade: 25,1‰

Taxa de mortalidade: 9,1‰

Expectativa de vida: 62,3 anos

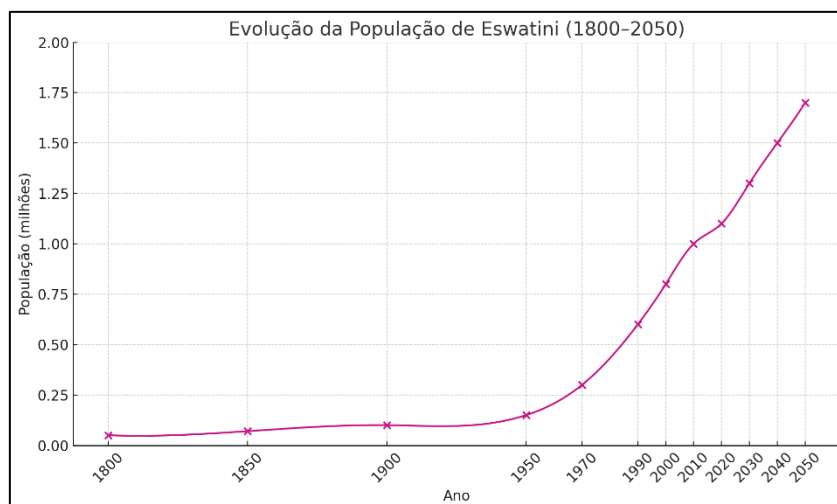
Taxa de fertilidade: 3,1 filhos por mulher

Eswatini, um dos menores países da África, localizado entre Moçambique e África do Sul. Seu crescimento populacional é moderado e sua estrutura etária ainda é jovem, apesar dos desafios enfrentados nas últimas décadas.

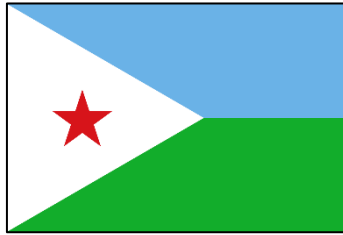
O país tem uma das maiores taxas de prevalência de HIV/AIDS do mundo, o que impactou duramente a expectativa de vida, sobretudo nos anos 1990 e 2000. Com avanços no tratamento e prevenção, a saúde pública vem se recuperando gradualmente.

A urbanização cresce em torno de cidades como Mbabane e Manzini, e a economia é baseada na agricultura, mineração e exportação para a África do Sul. O país mantém uma monarquia absoluta, o que influencia sua estrutura político-institucional.

Os esforços recentes estão concentrados em melhorar os indicadores sociais, ampliar o acesso à educação e fortalecer os serviços de saúde. O controle populacional e o apoio à juventude são pontos-chave para garantir o desenvolvimento sustentável em Eswatini.



4.50. DJIBOUTI



Área territorial: 23.200 km²

População estimada (2025): 1.200.000 habitantes

Densidade demográfica: 52 hab./km²

Taxa de natalidade: 25,8‰

Taxa de mortalidade: 7,1‰

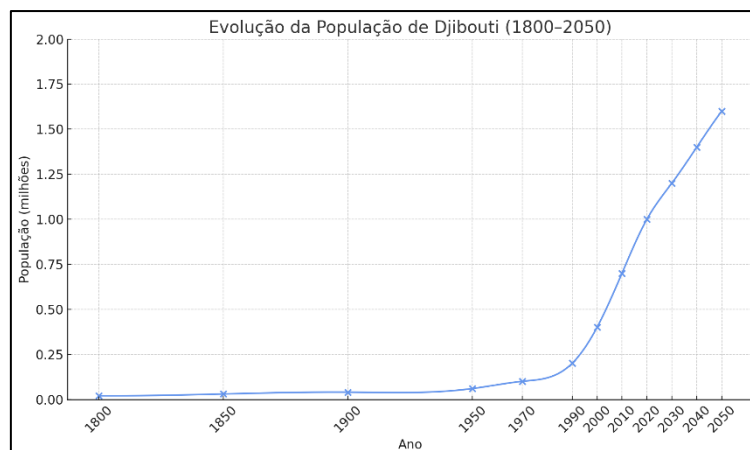
Expectativa de vida: 67,2 anos

Taxa de fertilidade: 2,8 filhos por mulher

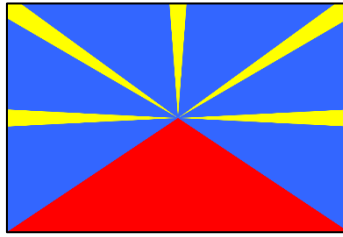
Djibouti, localizado no estratégico Chifre da África e banhado pelo Mar Vermelho, embora pequeno em extensão e população, o país ocupa uma posição geopolítica de grande importância, sendo sede de bases militares estrangeiras e um corredor logístico vital entre a África e a Ásia.

A urbanização é muito elevada mais de 75% da população vive na capital, Djibouti City e o restante do território é amplamente desértico. A estrutura populacional ainda é jovem, mas a taxa de fecundidade vem diminuindo nas últimas décadas, acompanhando melhorias nos serviços de saúde e educação.

A economia gira em torno de serviços portuários, militares, com crescimento moderado, mas constante. Os desafios incluem o alto desemprego juvenil, dependência de importações e a vulnerabilidade climática. Apesar disso, Djibouti tem avançado no acesso à água potável, à eletricidade e ao ensino primário, o que contribui para uma expectativa de vida em ascensão. O futuro demográfico dependerá da capacidade de consolidar esses avanços e expandir o acesso a oportunidades econômicas para sua juventude urbana.



4.51. REUNIÃO (FRANÇA)



Área territorial: 2.512 km²

População estimada (2025): 870.000 habitantes

Densidade demográfica: 346 hab./km²

Taxa de natalidade: 14,0‰

Taxa de mortalidade: 8,5‰

Expectativa de vida: 80,1 anos

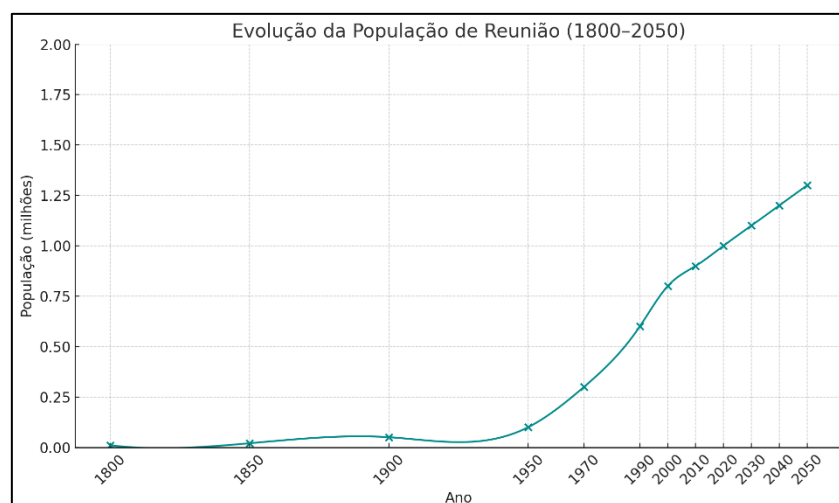
Taxa de fertilidade: 1,9 filhos por mulher

Reunião é uma ilha vulcânica localizada no Oceano Índico, a leste de Madagascar, e constitui uma região ultramarina da França. A ilha apresenta elevada densidade demográfica e um perfil populacional típico de países desenvolvidos.

A urbanização é alta, concentrando-se nas cidades de Saint-Denis (capital), Saint-Paul e Saint-Pierre. O acesso a serviços de saúde, educação e infraestrutura segue o padrão francês, refletido na alta expectativa de vida e na baixa taxa de fecundidade.

A economia é baseada no turismo, serviços públicos e agricultura tropical voltada à exportação (como cana-de-açúcar e baunilha). A dependência de subsídios do governo francês é significativa, mas garante padrões de vida superiores aos da maioria dos países africanos vizinhos.

A população tem se estabilizado nas últimas décadas, e os principais desafios são o desemprego juvenil, o custo de vida elevado e a gestão sustentável dos recursos naturais em uma ilha com ecossistemas sensíveis e espaço físico limitado.



4.52. COMORES



Área territorial: 2.235 km²

População estimada (2025): 940.000 habitantes

Densidade demográfica: 421 hab./km²

Taxa de natalidade: 26,7‰

Taxa de mortalidade: 7,3‰

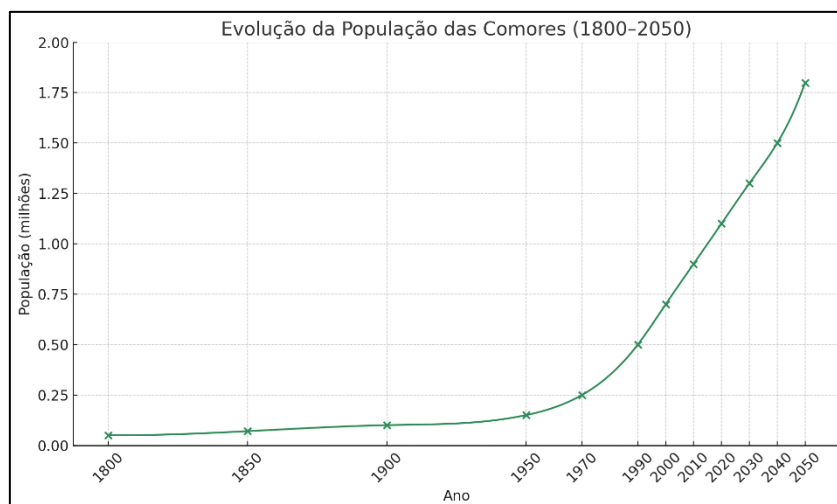
Expectativa de vida: 67,1 anos

Taxa de fertilidade: 3,6 filhos por mulher

As Comores são um arquipélago localizado entre o nordeste de Moçambique e o noroeste de Madagascar, no Oceano Índico. O país apresenta uma das maiores densidades populacionais da África. O crescimento populacional tem sido contínuo, sustentado por taxas de natalidade elevadas e migração rural-urbana. A capital, Moroni, concentra grande parte da população urbana, enquanto o restante do território ainda depende da agricultura de subsistência e da pesca artesanal.

Apesar de avanços em saúde e educação, o país enfrenta desafios como desemprego, pressão sobre os recursos naturais e vulnerabilidade ambiental. O sistema de saúde pública é frágil, embora a expectativa de vida venha aumentando nas últimas décadas.

O futuro demográfico das Comores dependerá da capacidade de melhorar a infraestrutura, diversificar a economia (especialmente o turismo sustentável) e fortalecer os serviços públicos, em especial nas áreas rurais mais vulneráveis.



4.53. SAARA OCIDENTAL (MARROCOS)



Área territorial: 266.000 km²

População estimada (2025): 650.000 habitantes

Densidade demográfica: 2,4 hab./km²

Taxa de natalidade: 28,4‰

Taxa de mortalidade: 6,8‰

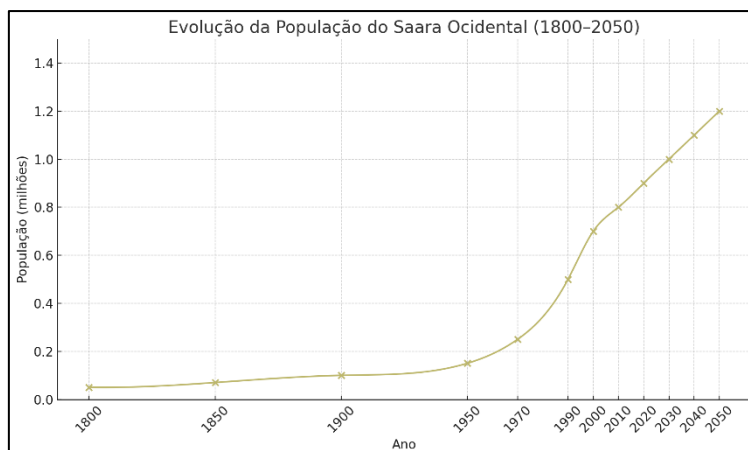
Expectativa de vida: 70,1 anos

Taxa de fertilidade: 3,5 filhos por mulher

O Saara Ocidental é um território localizado ao noroeste da África, disputado entre o Marrocos que controla a maior parte da área e o movimento independentista da Frente Polisário, que reivindica a criação da República Árabe Saaraui Democrática. Essa disputa afeta significativamente a coleta e a precisão dos dados demográficos.

O território apresenta baixíssima densidade populacional, sendo uma das regiões mais áridas do planeta. A maioria dos habitantes vive em áreas urbanas controladas por Marrocos, como El Aaiún, ou em campos de refugiados localizados na Argélia.

A estrutura populacional é jovem, com taxas de natalidade elevadas. Contudo, os indicadores de saúde e educação variam muito conforme a região controlada, com melhores condições nas áreas administradas pelo Marrocos. A expectativa de vida é comparável à média do Norte da África, apesar das limitações impostas pelo contexto político e humanitário. O futuro demográfico do Saara Ocidental permanece condicionado à resolução do impasse geopolítico e à ampliação do acesso aos direitos básicos para a população saharai, tanto nos territórios ocupados quanto nos campos de refugiados.



4.54. CABO VERDE



Área territorial: 4.033 km²

População estimada (2025): 570.000 habitantes

Densidade demográfica: 141 hab./km²

Taxa de natalidade: 20,3‰

Taxa de mortalidade: 6,7‰

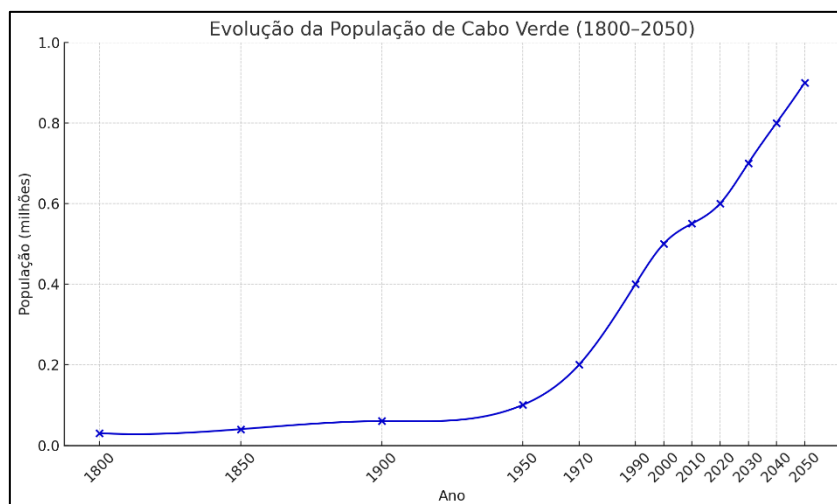
Expectativa de vida: 73,9 anos

Taxa de fertilidade: 2,3 filhos por mulher

Cabo Verde é um arquipélago localizado no Oceano Atlântico, a oeste do continente africano. O país é reconhecido por sua estabilidade democrática, bons indicadores sociais e políticas públicas voltadas ao desenvolvimento humano.

A urbanização é elevada, com destaque para as ilhas de Santiago (onde está a capital, Praia) e São Vicente. A economia é voltada ao turismo, serviços e remessas da diáspora cabo-verdiana, que representa parcela significativa da população originária do arquipélago.

A taxa de fecundidade tem diminuído gradualmente, refletindo avanços no planejamento familiar, na educação feminina e na saúde pública. A expectativa de vida está entre as mais altas da África Subsaariana. Cabo Verde apresenta um modelo populacional próximo à transição demográfica finalizada, com crescimento moderado e envelhecimento progressivo. O principal desafio será garantir sustentabilidade social e econômica, especialmente frente à escassez de recursos naturais e à vulnerabilidade ambiental.



4.55. MAYOTTE (FRANÇA)



Área territorial: 374 km²

População estimada (2025): 330.000 habitantes

Densidade demográfica: 882 hab./km²

Taxa de natalidade: 29,1‰

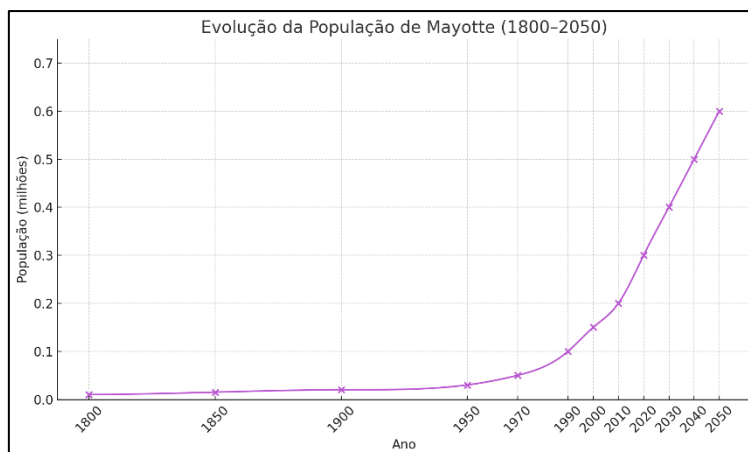
Taxa de mortalidade: 4,3‰

Expectativa de vida: 76,1 anos

Taxa de fertilidade: 3,5 filhos por mulher

Mayotte é uma ilha situada no Canal de Moçambique, entre Madagascar e o arquipélago das Comores. Embora geograficamente africana, é politicamente um departamento ultramarino da França desde 2011, o que garante aos seus habitantes direitos e acesso aos serviços públicos franceses. Mayotte apresenta uma das mais altas densidades demográficas da África e uma das maiores taxas de natalidade da União Europeia, reflexo de uma população jovem, com elevada taxa de imigração, principalmente proveniente das Ilhas Comores.

Apesar da melhoria dos serviços de saúde e educação nos últimos anos, o território enfrenta desafios relacionados à pressão demográfica, pobreza estrutural e urbanização desorganizada. Muitas áreas apresentam infraestrutura precária e dificuldade no acesso regular a saneamento e moradia digna. A expectativa de vida está em elevação, e a transição demográfica está em curso, embora em ritmo mais lento do que no restante da França. O equilíbrio entre crescimento populacional, migração e desenvolvimento sustentável será essencial para o futuro da ilha.



4.56. SÃO TOMÉ & PRÍNCIPE



Área territorial: 1.001 km²

População estimada (2025): 240.000 habitantes

Densidade demográfica: 240 hab./km²

Taxa de natalidade: 30,5‰

Taxa de mortalidade: 6,5‰

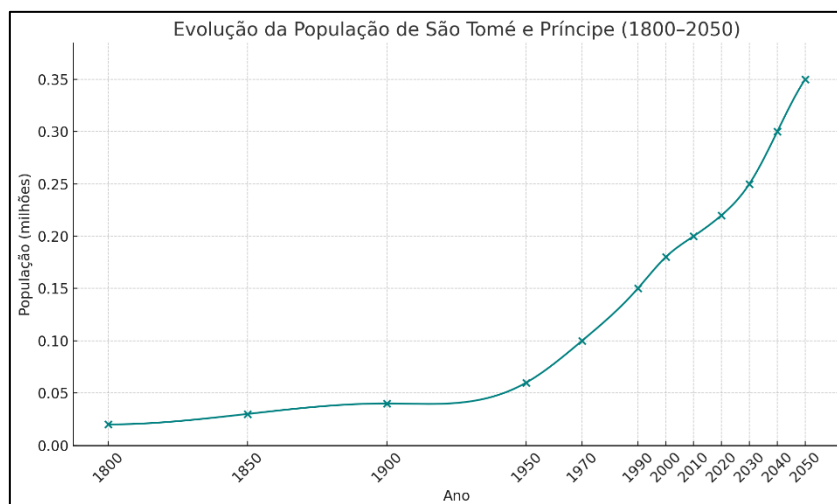
Expectativa de vida: 71,2 anos

Taxa de fertilidade: 4,1 filhos por mulher

São Tomé e Príncipe é o menor país lusófono e um dos menores da África tanto em área quanto em população. O arquipélago apresenta altas taxas de natalidade e crescimento populacional constante, sustentado por uma estrutura etária jovem.

A capital, São Tomé, concentra a maior parte da população urbana e dos serviços, enquanto áreas rurais ainda enfrentam limitações em infraestrutura, saúde e educação. Apesar disso, o país tem mostrado progressos contínuos em indicadores sociais, com melhora na expectativa de vida e redução da mortalidade infantil.

A economia é baseada na agricultura, especialmente na produção de cacau, e vem tentando se diversificar com foco em turismo sustentável e parcerias internacionais. O aumento populacional impõe desafios em relação à oferta de serviços públicos e à gestão ambiental. Com políticas consistentes de planejamento familiar, investimentos em educação e fortalecimento da governança, podendo avançar para um cenário de crescimento equilibrado e sustentável, valorizando seu patrimônio natural e cultural.



4.57. SEYCHELLES



Área territorial: 455 km²

População estimada (2025): 100.000 habitantes

Densidade demográfica: 220 hab./km²

Taxa de natalidade: 17,8‰

Taxa de mortalidade: 8,1‰

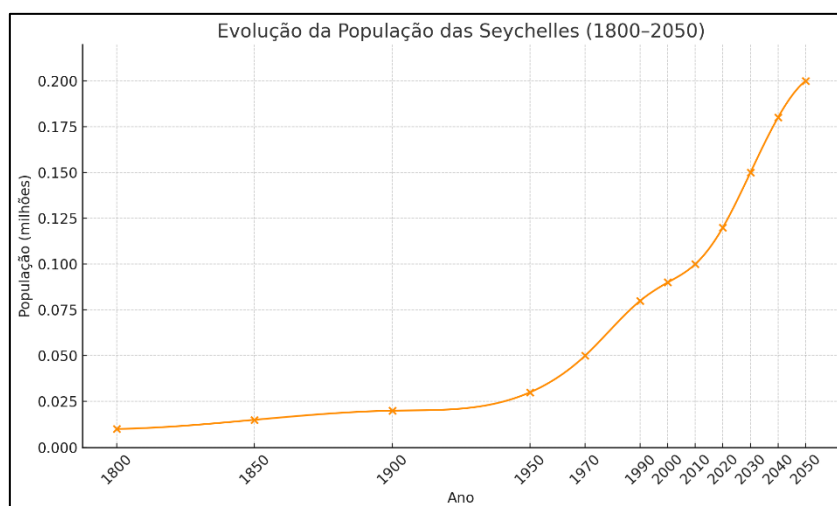
Expectativa de vida: 75,9 anos

Taxa de fertilidade: 2,2 filhos por mulher

As Seychelles são um arquipélago localizado no Oceano Índico, ao norte de Madagascar, e formam um dos países mais desenvolvidos da África em termos de IDH. O país possui uma densidade demográfica elevada em relação à sua pequena área territorial.

A urbanização é concentrada principalmente na ilha de Mahé, onde está situada a capital, Victoria. A economia depende fortemente do turismo, da pesca e do setor de serviços, apresentando relativa estabilidade política e altos níveis de alfabetização e escolaridade.

A estrutura populacional está em processo de envelhecimento, com queda contínua nas taxas de natalidade e fertilidade, o que reflete os avanços sociais e o bom desempenho dos serviços públicos. A expectativa de vida elevada é um dos principais destaques demográficos do país. O desafio futuro para as Seychelles será manter o equilíbrio entre desenvolvimento econômico, preservação ambiental e sustentabilidade populacional, diante da vulnerabilidade climática e da limitação de recursos naturais.



4.58. ZANZIBAR



Área territorial: 2.461 km²

População estimada (2025): 1.900.000 habitantes

Densidade demográfica: 772 hab./km²

Taxa de natalidade: 32,1‰

Taxa de mortalidade: 6,4‰

Expectativa de vida: 70,2 anos

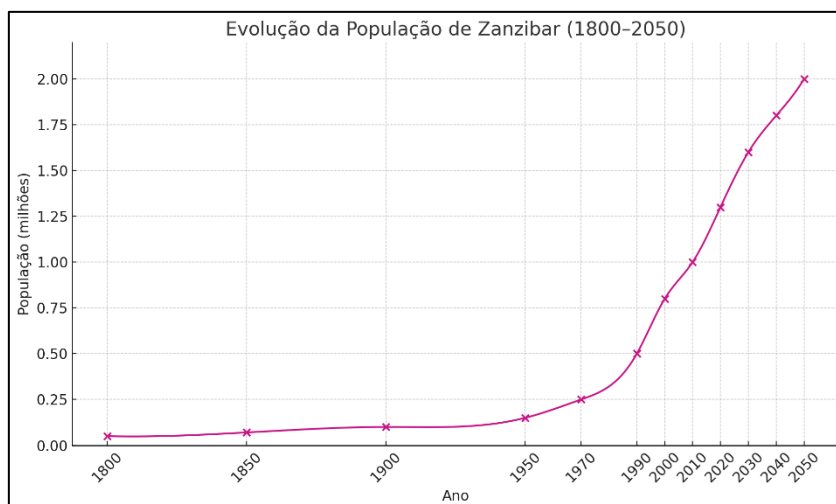
Taxa de fertilidade: 4,4 filhos por mulher

Zanzibar é um arquipélago localizado no Oceano Índico e constitui uma região semiautônoma da Tanzânia. O território apresenta elevada densidade populacional, impulsionada pelo crescimento demográfico acelerado e pela limitação espacial das ilhas.

A urbanização gira em torno de Zanzibar City, especialmente em Stone Town, área histórica e turística. A economia baseia-se no turismo, na produção de especiarias (especialmente cravo-da-índia) e na pesca. Apesar dos avanços em saúde e educação, a pressão sobre os serviços públicos é constante devido à expansão populacional.

A estrutura etária é jovem, com altas taxas de natalidade e fecundidade, embora em lenta queda. A expectativa de vida tem melhorado, refletindo a ampliação do acesso à saúde básica e à redução da mortalidade infantil.

Para garantir um crescimento sustentável, Zanzibar precisa investir na gestão do território, na infraestrutura urbana, no controle populacional e na proteção ambiental, com atenção especial ao impacto das mudanças climáticas sobre suas ilhas costeiras.



4.59. OUTRAS REGIÕES SEPARATISTAS E MOVIMENTOS DE AUTODETERMINAÇÃO NA ÁFRICA

O continente africano, após os processos de descolonização do século XX, herdou fronteiras artificiais traçadas por potências coloniais que, em muitos casos, ignoraram as realidades étnicas, culturais, linguísticas e históricas dos povos africanos. Esse legado geopolítico resultou em diversos focos de tensão e no surgimento de movimentos separatistas, regiões autodeclaradas independentes, territórios disputados e zonas não reconhecidas oficialmente.

Essas regiões se manifestam de distintas formas: desde movimentos armados até governos paralelos estáveis, ou ainda disputas silenciosas por reconhecimento diplomático. A seguir, listamos os principais casos relevantes para compreensão geodemográfica e política da África contemporânea:

- ◆ Somalilândia – Região no norte da Somália que se autodeclara independente desde 1991, com governo próprio, moeda, instituições e relativa estabilidade, embora sem reconhecimento internacional.

- ◆ Biafra – Região do sudeste da Nigéria que declarou independência em 1967, dando início a uma guerra civil sangrenta. Ainda hoje existem movimentos separatistas ativos, como o IPOB (Indigenous People of Biafra).

- ◆ Camarões do Sul (Ambazônia) – Área anglófona que denuncia marginalização dentro de um Estado majoritariamente francófono. O conflito separatista intensificou-se após 2016, com confrontos entre forças governamentais e milícias separatistas.

- ◆ Darfur – Região do oeste do Sudão que enfrentou conflitos étnico-políticos com consequências humanitárias devastadoras. Apesar de acordos de paz, a região ainda abriga grupos armados e instabilidade crônica.

- ◆ Cabinda – Enclave separado fisicamente do território continental de Angola, rico em petróleo. Possui um movimento separatista ativo desde a independência angolana, que argumenta pela não integração legítima ao país.

- ◆ Matabelelândia – Região do sudoeste do Zimbábue habitada majoritariamente pelo povo ndebele, que denuncia perseguição histórica por parte do governo central dominado pela etnia shona.

- ◆ Casamansa – Sul do Senegal, entre o país e a Guiné-Bissau. Desde os anos 1980, a região abriga o MFDC (Movimento das Forças Democráticas da Casamansa), que reivindica autonomia alegando negligência do governo central.

- ◆ Kabylie (Cabila) – Região montanhosa no norte da Argélia, habitada por berberes (amazigh). Possui forte identidade cultural e movimentos que pedem autonomia, alguns dos quais já propuseram independência total.

- ◆ Azawad – Norte do Mali, onde povos tuaregues proclamaram independência em 2012. Embora o movimento tenha sido militarmente contido, tensões separatistas persistem, sobretudo no contexto da instabilidade do Sahel.

- ◆ Bir Tawil – Um dos raros "territórios de ninguém" do mundo, localizado entre o Egito e o Sudão. Por questões técnicas de fronteira, nenhum dos dois países reivindica oficialmente o controle, tornando-o uma curiosidade geopolítica.

- ◆ Barotse – Região do oeste da Zâmbia, habitada pelo povo lozi, que alega ter assinado um acordo de autonomia (Barotseland Agreement, 1964) não cumprido pelo Estado zambiano.

- ◆ Somali Ocidental (Ogaden) – Região etnicamente somali localizada no leste da Etiópia, palco de tensões históricas com o governo central e disputas com a Somália durante o século XX.

- ◆ Aïr e Ténéré (Níger) – Região desértica com histórico de rebeliões tuaregues, associadas à marginalização política e ao desejo de autonomia cultural e territorial.

- ◆ Região de Caprivi (Namíbia) – No extremo nordeste do país, abriga um movimento separatista liderado pela Caprivi Liberation Army, ainda que enfraquecido nas últimas décadas.

- ◆ Região de Nubia (Egito e Sudão) – Os povos núbios, afetados por deslocamentos forçados devido à construção da represa de Assuã, reivindicam reconhecimento territorial e cultural.

- ◆ Ifni (Marrocos) – Antigo território espanhol reintegrado ao Marrocos, mas que possui grupos minoritários que questionam a legitimidade da anexação.

Essas regiões e territórios não apenas colocam em xeque o conceito de soberania estatal herdado da colonização, mas também revelam questões demográficas específicas, como densidade populacional, migração forçada, urbanização desigual e juventude marginalizada, mas fatores que contribuem para a perpetuação dos conflitos.

A análise dessas regiões exige sensibilidade para compreender tanto os dados quantitativos populacionais, quanto os aspectos qualitativos da identidade, pertencimento e resistência local. Este capítulo visa lançar luz sobre essas realidades geopolíticas pouco abordadas, mas essenciais para uma leitura crítica da África contemporânea.

4.60. SOMALILÂNDIA



Área territorial: 137.600 km²

População estimada (2025): 1.200.000 habitantes

Densidade demográfica: 30,5 hab./km²

Taxa de natalidade: 32,6‰ (estimada)

Taxa de mortalidade: 7,2‰ (estimada)

Expectativa de vida: 65,4 anos (estimativa média)

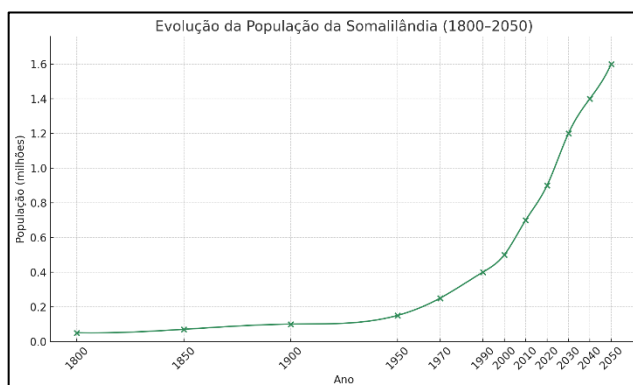
Taxa de fertilidade: 4,5 filhos por mulher (estimada)

Somalilândia é uma região localizada no noroeste da Somália, que se autodeclara independente desde 1991, após o colapso do regime central somali. Apesar da falta de reconhecimento internacional, a região construiu um sistema político relativamente estável, com eleições periódicas, moeda própria e instituições administrativas funcionais.

Sua capital Hargeisa concentra boa parte da população urbana e da atividade econômica. A economia baseia-se na pecuária, comércio informal e remessas de migrantes. A juventude representa a maioria da população, e a urbanização tem avançado de forma acelerada, embora enfrente limitações estruturais.

Os indicadores de saúde e educação melhoraram significativamente nas últimas décadas, apesar das restrições orçamentárias. A taxa de natalidade continua alta, mas com sinais de declínio gradual. A ausência de reconhecimento oficial impõe desafios à obtenção de ajuda internacional, ao comércio exterior e ao acesso a instituições multilaterais.

Somalilândia constitui um caso singular na África contemporânea: uma entidade estatal de fato, mas não de direito. Seu perfil demográfico jovem, a busca por estabilidade e os avanços em governança sugerem um futuro promissor desde que possa superar o isolamento diplomático e consolidar sua economia.



4.61. BIAFRA



Área territorial aproximada: 76.000 km²

População estimada (2025): 25.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 329 hab./km²

Taxa de natalidade: 33,5‰ (estimativa regional)

Taxa de mortalidade: 8,0‰ (estimativa regional)

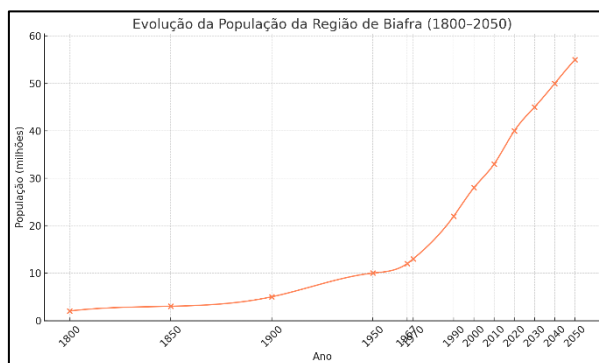
Expectativa de vida: 62,5 anos (estimativa média)

Taxa de fertilidade: 4,6 filhos por mulher (estimativa regional)

O Biafra foi uma região do sudeste da Nigéria que declarou independência em 1967, desencadeando a Guerra Civil Nigeriana, um dos mais trágicos conflitos africanos do século XX, que resultou em mais de um milhão de mortos, principalmente por fome e bloqueios. A secessão foi derrotada militarmente em 1970, mas o sentimento de marginalização política e étnica persiste até hoje entre o povo igbo, majoritário na região.

O crescimento populacional acelerado está associado a altas taxas de fecundidade, estrutura etária jovem e migração. A região é um polo educacional e econômico significativo, com destaque para a produção agrícola, o comércio e as atividades industriais urbanas sobretudo em cidades como Enugu, Onitsha,

Os movimentos de independência voltaram a ganhar força nos últimos anos, principalmente por meio do IPOB (Indigenous People of Biafra), que alega exclusão do povo igbo do poder central e injustiça na distribuição de recursos. As tensões políticas ainda são visíveis, e o separatismo atual é fortemente reprimido pelo governo nigeriano. Do ponto de vista demográfico, a região enfrenta desafios de infraestrutura urbana, desemprego e serviços públicos sobrecarregados. O futuro do Biafra, enquanto entidade separatista ou região autônoma, permanece incerto, mas a identidade cultural igbo segue viva e influente na construção social da Nigéria.



4.62. CAMARÕES DO SUL OU AMBAZÔNIA



Área territorial aproximada: 43.000 km²

População estimada (2025): 5.200.000 habitantes

Densidade demográfica: 121 hab./km²

Taxa de natalidade: 30,8‰ (estimativa regional)

Taxa de mortalidade: 7,5‰ (estimativa)

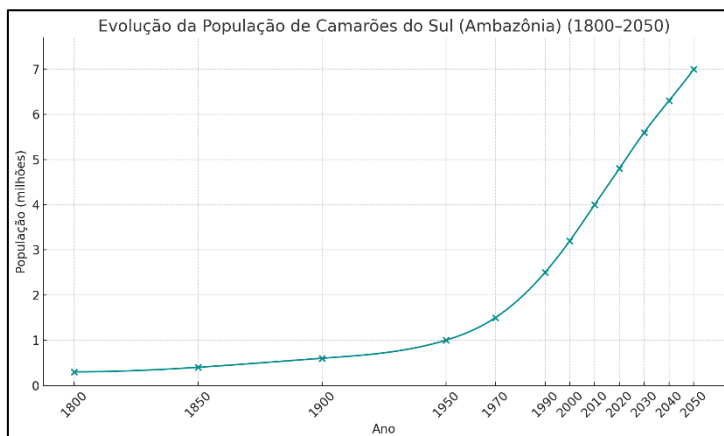
Expectativa de vida: 64,2 anos (estimativa média)

Taxa de fertilidade: 4,4 filhos por mulher (estimativa regional)

Ambazônia é o nome adotado por movimentos separatistas das regiões anglófonas do Noroeste e Sudoeste dos Camarões, que desde 2017 vivem um violento conflito com o governo central. A crise tem origem histórica: enquanto o restante do país era colônia francesa, essa região foi administrada pelo Reino Unido até a unificação em 1961 e até hoje, os habitantes alegam discriminação cultural, linguística e política. A população concentrada em centros urbanos como Buea, Bamenda e Limbe. A densidade demográfica é moderada, mas tende a aumentar com a urbanização e migração causada pelo conflito.

A maioria da população é jovem, com taxas de natalidade e fertilidade ainda elevadas. No entanto, o conflito tem gerado deslocamentos forçados, prejuízos à infraestrutura de saúde e educação, além de dificultar o acesso a serviços públicos básicos.

Apesar de a Ambazônia ter declarado unilateralmente sua independência em 2017, nenhum país reconheceu o novo Estado, e a repressão governamental resultou em milhares de mortos e deslocados. Ainda assim, o sentimento nacionalista permanece forte entre muitos anglófonos, que continuam reivindicando autodeterminação, seja por meio de independência total ou de um modelo federativo descentralizado.



4.63. DARFUR



Área territorial aproximada: 493.000 km²

População estimada (2025): 11.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 22,3 hab./km²

Taxa de natalidade: 33,4‰ (estimativa regional)

Taxa de mortalidade: 8,7‰ (estimativa média)

Expectativa de vida: 61,3 anos (estimativa média)

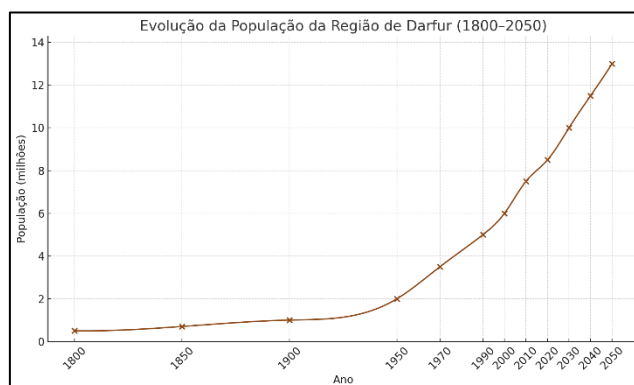
Taxa de fertilidade: 4,8 filhos por mulher (estimativa regional)

Darfur é uma vasta região localizada no oeste do Sudão, subdividida em cinco estados administrativos. Nos anos 2000, tornou-se mundialmente conhecida pelo violento conflito entre o governo sudanês, milícias árabes e grupos rebeldes, resultando em centenas de milhares de mortes e milhões de deslocados internos e refugiados, uma das maiores crises humanitárias do século XXI.

Darfur apresenta uma densidade populacional baixa, devido à extensão territorial, mas com fortes concentrações urbanas e áreas rurais densamente habitadas. A maioria da população vive da agropecuária e sofre com a escassez hídrica, a desertificação e o colapso da infraestrutura em zonas de conflito.

A demografia da região é marcada por altas taxas de natalidade e uma estrutura etária extremamente jovem, resultado da baixa expectativa de vida e das restrições ao acesso a serviços básicos. A situação foi agravada pelos deslocamentos em massa, que alteraram a distribuição populacional e pressionaram as cidades e campos de refugiados.

Apesar de diversos acordos de paz desde 2006, os conflitos continuam intermitentes, impulsionados por disputas étnicas, acesso à terra e marginalização histórica da região por parte do governo central de Cartum.



4.64. CABINDA



Área territorial: 7.823 km²

População estimada (2025): 900.000 habitantes

Densidade demográfica: 115 hab./km²

Taxa de natalidade: 32,1‰ (estimativa regional)

Taxa de mortalidade: 7,4‰ (estimativa)

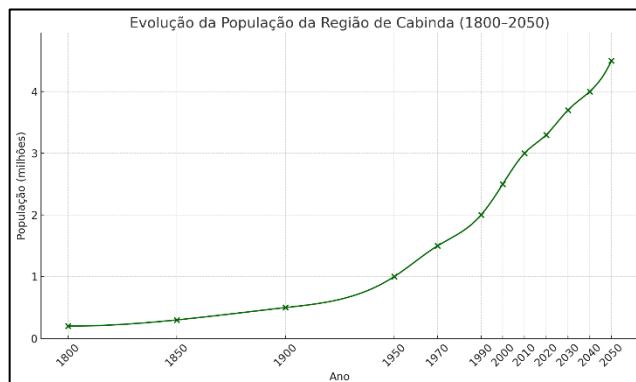
Expectativa de vida: 64,7 anos (estimativa média)

Taxa de fertilidade: 4,6 filhos por mulher (estimativa regional)

Cabinda é uma província angolana situada entre a República do Congo e a República Democrática do Congo, separada fisicamente do restante de Angola. Apesar de integrar oficialmente o país desde a independência, em 1975, movimentos separatistas locais sobretudo a FLEC (Frente de Libertação do Estado de Cabinda) contestam essa integração, alegando que o território deveria ser um Estado soberano, com base no histórico colonial distinto e em acordos internacionais não cumpridos.

É uma das regiões mais ricas de Angola em recursos naturais, sendo responsável por mais de 50% da produção nacional de petróleo. No entanto, grande parte da população local alega exclusão econômica e política, alimentando o sentimento separatista.

A demografia da província apresenta taxas de natalidade e fecundidade elevadas, com uma estrutura populacional jovem e crescente urbanização, especialmente na capital Cabinda e em outras localidades costeiras. Apesar da presença de infraestrutura ligada à indústria petrolífera, o acesso da população local aos serviços de saúde, educação e saneamento é limitado em muitas áreas rurais. Embora o movimento separatista tenha perdido força nos últimos anos, com divisões internas e repressão governamental, a identidade cabindense permanece forte.



4.65. MATABELELÂNDIA



Área territorial estimada: 131.000 km²

População estimada (2025): 3.200.000 habitantes

Densidade demográfica: 24,4 hab/km²

Taxa de natalidade: 29,7‰

Taxa de mortalidade: 7,9‰

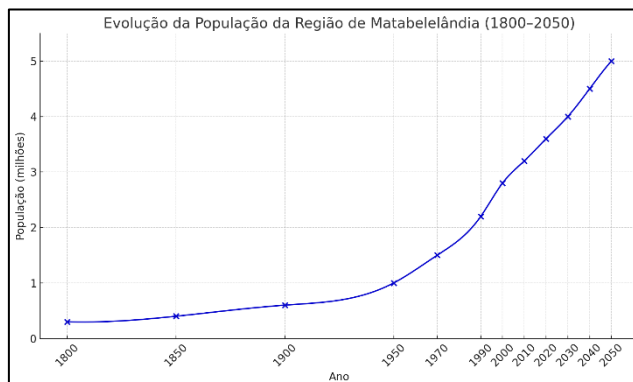
Expectativa de vida: 63,1 anos

Taxa de fertilidade: 3,9 filhos por mulher

Região situada no sudoeste do Zimbábue, habitada majoritariamente pelo povo ndebele, que mantém uma identidade cultural, linguística e política distinta da etnia shona, majoritária no país. A região inclui as províncias de Matabeleland North, Matabeleland South e a cidade de Bulawayo, considerada o centro cultural e político ndebele. A Matabelelândia apresenta densidade demográfica moderada e estrutura etária jovem. A urbanização gira em torno de Bulawayo, enquanto áreas rurais enfrentam desafios estruturais como escassez hídrica, pobreza e migração juvenil.

O histórico de marginalização remonta ao período pós-independência, especialmente com os eventos do massacre de Gukurahundi (1983–1987), quando milhares de civis ndebeles foram mortos pelo Exército do Zimbábue, sob ordens do governo de Robert Mugabe. Esses acontecimentos alimentam até hoje as reivindicações por autonomia regional, justiça histórica e representação política efetiva.

Embora não haja uma campanha separatista formal com apoio militar, a demanda por federalismo ou regionalismo reforçado é uma constante nas pautas locais, apontando para a necessidade de reconciliação nacional e de equidade territorial no desenvolvimento zimbabuano.



4.66. CASAMANSA



Área territorial aproximada: 28.300 km²

População estimada (2025): 1.800.000 habitantes

Densidade demográfica: 64 hab./km²

Taxa de natalidade: 30,5‰

Taxa de mortalidade: 6,5‰

Expectativa de vida: 67,8 anos

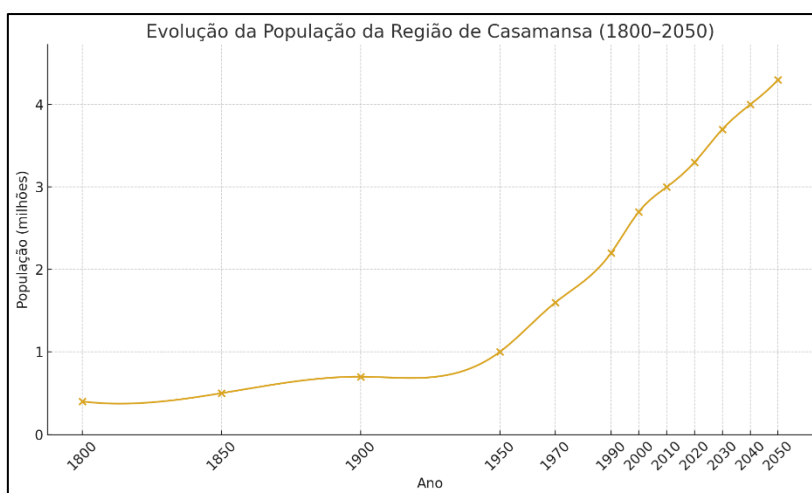
Taxa de fertilidade: 4,3 filhos por mulher

A Casamansa, situada ao sul do Senegal e separada geograficamente pelo território da Gâmbia, abriga uma população estimada em 1,8 milhão de pessoas. A região se diferencia cultural e etnicamente do restante do país, com predominância dos povos diola e presença significativa de católicos, contrastando com o norte islâmico e wolof.

Desde os anos 1980, a região é marcada por um movimento separatista liderado pelo MFDC, que denuncia negligência estatal e repressão. Embora a violência tenha diminuído nos últimos anos, o sentimento autonomista persiste.

A economia baseia-se na agricultura, com destaque para arroz e castanha de caju, mas enfrenta dificuldades estruturais. A urbanização é modesta, concentrada em Ziguinchor, capital regional. A população é jovem, com altas taxas de natalidade e progressos em saúde e escolarização, apesar das desigualdades regionais.

As atuais reivindicações vão desde maior autonomia até independência. A solução do impasse depende de diálogo, descentralização e inclusão da região nas políticas nacionais de desenvolvimento.



4.67. KABYLIE



Área territorial aproximada: 25.000 km²

População estimada (2025): 6.300.000 habitantes

Densidade demográfica: 252 hab./km²

Taxa de natalidade: 20,2‰

Taxa de mortalidade: 6,1‰

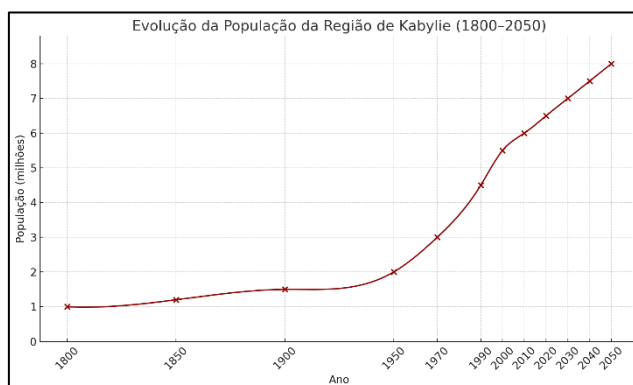
Expectativa de vida: 74,5 anos

Taxa de fertilidade: 2,4 filhos por mulher

A Kabylie, ou Cabília, é uma região montanhosa no norte da Argélia, situada entre o mar Mediterrâneo e as montanhas do Atlas Telliano. Habitada majoritariamente pelo povo berbere, a região é conhecida por sua forte identidade cultural e linguística distinta do restante do país. É uma das áreas mais densamente povoadas da .

Desde a independência argelina em 1962, a região mantém uma longa trajetória de resistência política e cultural, marcada por manifestações, greves e enfrentamentos com o governo central. Movimentos como o MAK defendem a autonomia e, em alguns casos, a independência da região, alegando marginalização política, repressão da língua tamazight.

Do ponto de vista demográfico, possui índices educacionais e de alfabetização elevados, além de baixas taxas de fecundidade em comparação ao restante do país, reflexo do maior acesso à escolarização feminina e do urbanismo. A região enfrenta desafios econômicos como o desemprego juvenil e a dependência de remessas da diáspora kabyle, muito presente na França e em outros países da Europa. O futuro dependerá do grau de abertura política do Estado argelino às reformas institucionais, do reconhecimento da pluralidade cultural amazigh e da possibilidade de um modelo de descentralização que atenda às aspirações regionais sem comprometer a unidade nacional.



4.68. AZAWAD



Área territorial estimada: 730.000 km²

População estimada (2025): 2.900.000 habitantes

Densidade demográfica: 4 hab./km²

Taxa de natalidade: 35,1‰

Taxa de mortalidade: 9,0‰

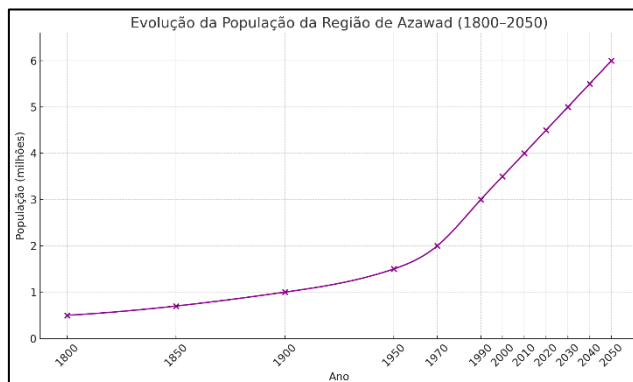
Expectativa de vida: 61,5 anos

Taxa de fertilidade: 5,1 filhos por mulher

Azawad é o nome atribuído ao território do norte do Mali reivindicado por movimentos tuaregues como pátria autônoma ou independente. Em abril de 2012, o grupo MNLA chegou a declarar unilateralmente a independência da região. A iniciativa, no entanto, não foi reconhecida internacionalmente e foi posteriormente enfraquecida por conflitos com grupos islamistas e intervenções militares.

A região é habitada majoritariamente por tuaregues, árabes, songhais e peuls, em um território de clima árido, com pouca densidade populacional e forte tradição nômade. A população está concentrada em áreas urbanas dispersas e comunidades agro-pastoris no deserto do Saara. Marcada por altos índices de pobreza, escassez de serviços públicos e infraestrutura precária. A instabilidade política e militar nas últimas décadas resultou em grandes deslocamentos populacionais, conflitos étnicos e a presença de grupos extremistas armados.

Apesar dos desafios, a região tem importância estratégica e simbólica: além de sua dimensão territorial, representa o epicentro das lutas tuaregues por reconhecimento cultural a identidade nômade e a exclusão histórica do Estado central maliano continuam alimentando as aspirações de autodeterminação.



4.69. BIR TAWIL



Área territorial: 2.060 km²

População estimada (2025): 0 habitantes

Status político: Nenhum país o reivindica oficialmente

Localização: Fronteira entre o Egito e o Sudão (a oeste do triângulo de Hala'ib)

📌 Características Gerais e Situação Geopolítica

Bir Tawil é um território único no mundo moderno, por se tratar de uma área efetivamente sem dono. Localiza-se entre o Egito e o Sudão, ao sul do triângulo de Hala'ib, e surgiu de uma sobreposição de fronteiras administrativas e políticas durante o período colonial britânico. O Egito reconhece a fronteira política de 1899, que colocaria Bir Tawil como parte do Sudão, ao passo que o Sudão reconhece a fronteira administrativa de 1902, que atribui Bir Tawil ao Egito. Nenhum dos dois países deseja o território porque, ao aceitá-lo, renunciaria à disputada e estratégica região de Hala'ib, rica em recursos e com acesso ao Mar Vermelho.

Dessa forma, Bir Tawil permanece sem governo, sem população permanente e sem reconhecimento oficial de soberania por parte de qualquer Estado. Diferente de outras regiões disputadas, ninguém o quer por razões estratégicas. É uma área desértica, inóspita e sem recursos naturais ou valor econômico imediato.

🌱 Aspectos Humanos e Curiosidades

Embora não possua população residente, Bir Tawil atrai aventureiros, micronacionalistas e exploradores, alguns dos quais já tentaram criar “reinos” simbólicos no local como o caso do americano que proclamou o "Reino do Norte do Sudão" em 2014. Essas iniciativas, no entanto, têm valor apenas folclórico.

O território é ocasionalmente atravessado por beduínos nômades e grupos de contrabandistas, mas não há assentamentos formais, nem infraestrutura. O clima é desértico extremo, com ausência de fontes permanentes de água, agricultura ou atividade econômica.

Bir Tawil é um caso singular de vazio geopolítico em plena África, contrapondo-se à maioria das disputas territoriais no continente. Seu estudo é relevante por ilustrar como a delimitação de fronteiras coloniais ainda afeta a geopolítica atual, e por representar um dos últimos exemplos contemporâneos de terra legalmente “sem dono”.

4.70. BAROTSE



Área territorial estimada: 126.000 km²

População estimada (2025): 1.800.000 habitantes

Densidade demográfica: 14,3 hab./km²

Taxa de natalidade: 33,6‰

Taxa de mortalidade: 7,8‰

Expectativa de vida: 64,0 anos

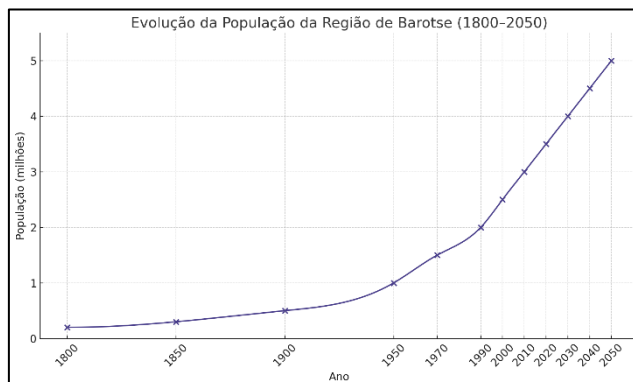
Taxa de fertilidade: 4,9 filhos por mulher

Barotse, é uma região localizada no oeste da Zâmbia, tradicionalmente habitada pelo povo lozi. Historicamente, foi um reino semi-autônomo, que estabeleceu acordos com o Império Britânico e, posteriormente, com o governo zambiano. O mais importante desses foi o Acordo de 1964, que previa autonomia local dentro da Zâmbia.

No entanto, o acordo foi anulado unilateralmente pelo governo central nos anos seguintes, o que provocou tensões políticas e o surgimento de movimentos que exigem a restauração da autonomia, e em alguns casos, até a independência formal da região.

A economia da região é baseada na agricultura de subsistência, pesca, e criação de gado, sendo fortemente dependente das cheias do rio Zambeze, que inunda sazonalmente a planície de Barotse.

A região é caracterizada por baixa densidade populacional, infraestrutura limitada e acesso desigual a serviços públicos em relação a outras partes da Zâmbia. Apesar de possuir relativa estabilidade social, há frustrações crescentes com a falta de investimentos e com a centralização política do Estado. A resolução das reivindicações lozi exige diálogo institucional, reconhecimento das tradições locais e consideração das bases históricas que sustentam os pedidos de autonomia.



4.71. REINO DE BUGANDA



Área territorial estimada: 61.400 km²

População estimada (2025): 10.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 162,9 hab./km²

Taxa de natalidade: 34,2‰

Taxa de mortalidade: 7,5‰

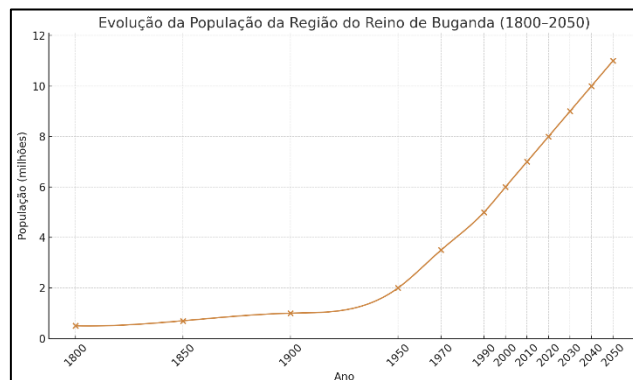
Expectativa de vida: 66,2 anos

Taxa de fertilidade: 4,4 filhos por mulher

O Reino de Buganda, situado na região centro-sul de Uganda, é a mais populosa e influente das monarquias tradicionais do país. Historicamente formado por volta do século XIV, foi uma como potência nos Grandes Lagos africanos e foi peça-chave nos arranjos coloniais britânicos. O povo Baganda, representa cerca de 20% da população ugandense.

Apesar de abolido politicamente em 1966, Buganda teve sua monarquia restaurada em 1993, com o título de Kabaka (rei) sendo novamente reconhecido, ainda que sem autoridade administrativa formal. A identidade Baganda permanece viva por meio da língua, dos clãs totêmicos e da estrutura cerimonial mantida até hoje.

Apesar dos avanços, o crescimento populacional impõe desafios como urbanização desordenada, pressão sobre serviços básicos e desequilíbrios regionais. A população é majoritariamente jovem, com elevada taxa de fecundidade e crescimento vegetativo acentuado. A expectativa de vida vem aumentando, embora as disparidades entre áreas urbanas e rurais ainda sejam evidentes. A manutenção da identidade bugandense dentro de um Estado moderno levanta questões sobre federalismo, descentralização e reconhecimento cultural. O equilíbrio entre tradição e desenvolvimento será decisivo para a estabilidade social e institucional da região nos próximos anos.



4.72. PUNTLÂNDIA



Área territorial estimada: 212.000 km²

População estimada (2025): 4.300.000 habitantes

Densidade demográfica: 20,3 hab./km²

Taxa de natalidade: 34,2‰

Taxa de mortalidade: 7,5‰

Expectativa de vida: 64,8 anos

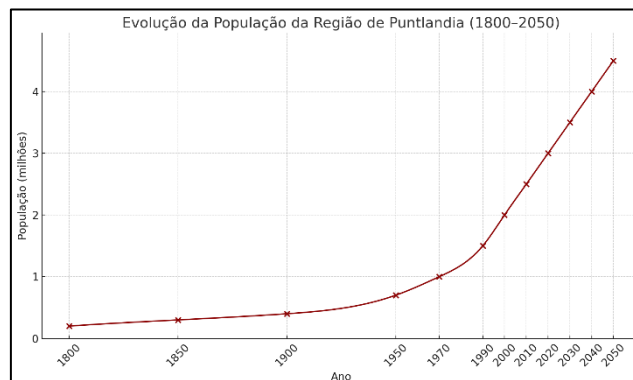
Taxa de fertilidade: 4,8 filhos por mulher

A Puntlândia é uma região localizada no nordeste da Somália, que se declarou região autônoma em 1998, em resposta ao colapso do governo central e à instabilidade generalizada no país. Diferente da vizinha Somalilândia, Puntlândia não busca independência total, mas defende um modelo de federação somali com autonomia local.

A região é uma das mais politicamente estáveis da Somália, mantendo um governo funcional, forças de segurança regionais, sistema judicial e administração própria. A capital política é Garowe, enquanto Bosaso é o principal centro econômico e porto comercial.

A demografia possui estrutura populacional jovem, altas taxas de natalidade e crescimento urbano acelerado. No entanto, grande parte da população ainda vive da pecuária nômade, do comércio informal e de remessas enviadas por somalis da diáspora.

A expectativa de vida e os índices sociais vêm melhorando, com crescimento de escolas, centros de saúde e investimentos externos. O território enfrenta desafios como escassez hídrica, deslocamentos internos, insegurança alimentar e conflitos esporádicos com regiões vizinhas. A Puntlândia representa um modelo de autonomia dentro do Estado falido da Somália, combinando estabilidade política relativa, identidade regional forte e compromisso com a integridade territorial somali.



4.73. MAAKHIR



Área territorial estimada: 30.000 km²

População estimada (2025): 1.100.000 habitantes

Densidade demográfica: 36,7 hab./km²

Taxa de natalidade: 36,5‰

Taxa de mortalidade: 8,2‰

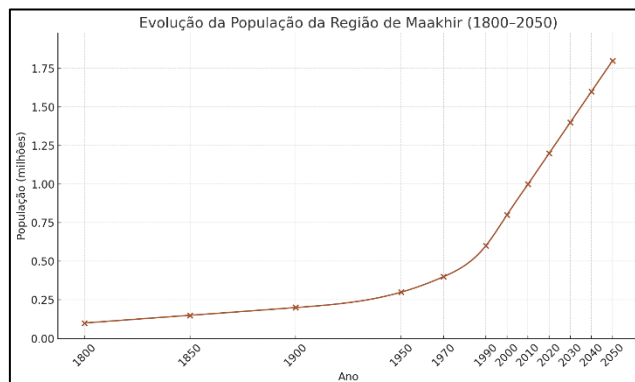
Expectativa de vida: 60,5 anos

Taxa de fertilidade: 5,8 filhos por mulher

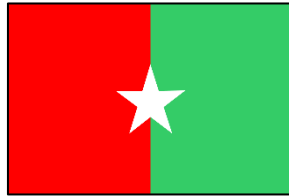
Maakhir foi uma entidade autônoma de curta duração proclamada em 2007 no nordeste da Somália, especificamente na região de Sanaag, uma área historicamente contestada entre Puntland e Somalilândia. A autodeclaração de autonomia visava dar voz aos clãs locais da região, em especial aos Warsangeli, marginalizados pelas estruturas políticas vizinhas.

Apesar de ter durado apenas até 2009, quando foi reincorporada a Puntland, o projeto de Maakhir deixou marcas importantes na identidade local, especialmente no campo educacional e na tentativa de criar uma governança mais inclusiva e descentralizada. A população atual é majoritariamente rural, nômade ou semi-nômade, com destaque para atividades como pastoreio, comércio informal e, nas zonas costeiras, pesca. A infraestrutura é extremamente precária, com acesso limitado à saúde, educação e água potável.

A taxa de fecundidade é alta, com ausência de políticas públicas consistentes de planejamento familiar. O crescimento populacional ocorre de forma desigual e, em muitos casos, é dificultado por conflitos e migrações sazonais. A reconstrução institucional da Somália passa por reconhecer identidades regionais como a de Maakhir, e sua experiência breve, porém marcante, evidencia o desejo de autonomia e melhor representação política.



4.74. JUBALÂNDIA



Área territorial estimada: 110.000 km²

População estimada (2025): 2.300.000 habitantes

Densidade demográfica: 20,9 hab./km²

Taxa de natalidade: 36,0‰

Taxa de mortalidade: 8,3‰

Expectativa de vida: 63,5 anos

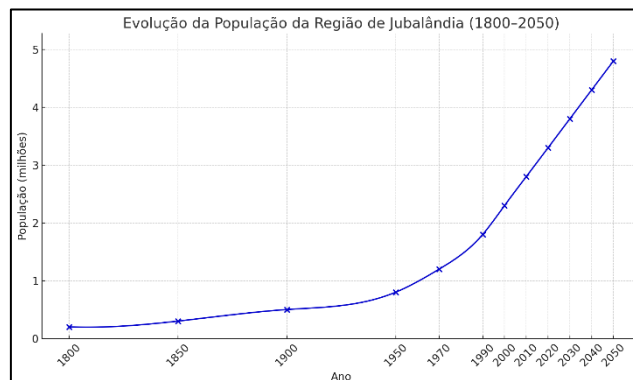
Taxa de fertilidade: 5,2 filhos por mulher

A Jubalândia é uma região localizada no extremo sul da Somália, fazendo fronteira com o Quênia e com o Oceano Índico. Tornou-se um Estado federado da Somália em 2013, com reconhecimento parcial do governo central de Mogadíscio, embora continue envolta em tensões políticas e disputas territoriais.

A região abriga uma composição étnica e clânica complexa, o que contribui para tensões internas e disputas sobre o controle do governo regional. Jubalândia é considerada estrategicamente vital para o combate ao extremismo, por ser uma das áreas de atuação do grupo Al-Shabaab e por fazer fronteira com o norte do Quênia, que também sofre com ataques e deslocamentos transfronteiriços.

A economia é baseada na pecuária, agricultura, comércio informal e na atividade portuária. A infraestrutura é precária fora de Kismayo, e os indicadores sociais são afetados pela presença de conflitos armados, deslocamentos internos e crises alimentares sazonais.

A demografia da região mostra uma população jovem, de alta fecundidade, com expectativa de vida crescente, mas ainda limitada pelo frágil sistema de saúde e a segurança permanece volátil. Embora reconhecida formalmente como parte da Federação Somali, a Jubalândia ainda vive entre o avanço da autonomia administrativa.



4.75. KATANGA



Área territorial estimada: 496.000 km²

População estimada (2025): 13.500.000 habitantes

Densidade demográfica: $\approx 27,2$ hab./km²

Taxa de natalidade: 37,1‰

Taxa de mortalidade: 9,4‰

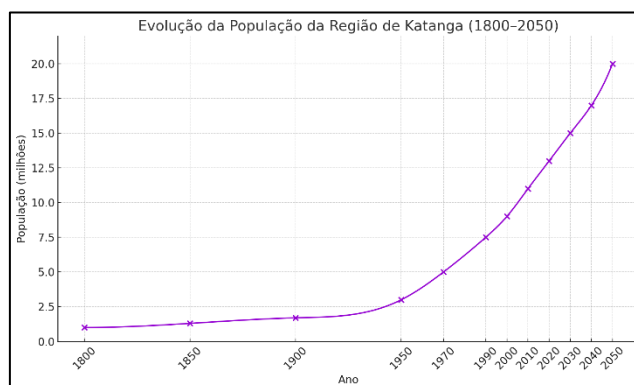
Expectativa de vida: 61,7 anos

Taxa de fertilidade: 6,1 filhos por mulher

Katanga, localizada no sudeste da República Democrática do Congo, é uma região rica em recursos naturais, especialmente cobre, cobalto e urânio. Foi cenário de uma das secessões mais emblemáticas da África pós-colonial: entre 1960 e 1963, declarou independência sob o comando de Moïse Tshombe logo após a independência da RDC, com apoio de interesses belgas e de corporações mineradoras.

A tentativa de independência foi reprimida pela ONU e pelo governo central congolês, mas o episódio deixou profundas marcas políticas e identitárias. Até 2015, Katanga era uma das províncias mais importantes do país antes de ser dividida administrativamente em quatro novas regiões como tentativa de diluir seu poder regional.

Katanga é caracterizada por crescimento populacional acelerado, urbanização crescente, e forte pressão migratória interna por causa da mineração. Apesar de seu potencial econômico, a desigualdade social é marcante. Enquanto os centros urbanos ligados à mineração prosperam, áreas rurais sofrem com pobreza extrema, falta de serviços públicos e impactos ambientais. A taxa de fecundidade permanece alta, contribuindo para o aumento populacional. A questão de Katanga ainda é sensível no contexto político congolês. Movimentos regionais continuam reivindicando maior autonomia.



4.76. Ogonis



Área territorial estimada: 1.050 km²

População estimada (2025): 1.200.000 habitantes

Densidade demográfica: 1.140 hab./km²

Taxa de natalidade: 32,4‰

Taxa de mortalidade: 7,6‰

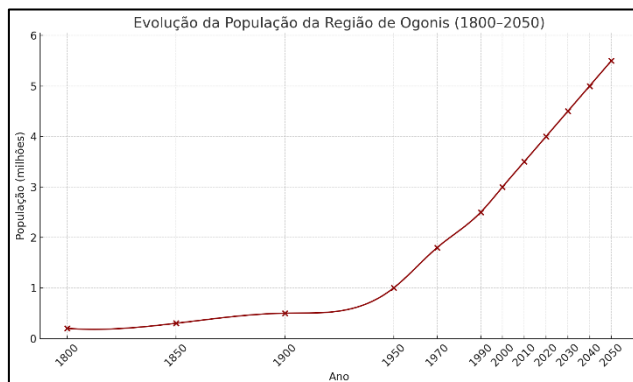
Expectativa de vida: 61,9 anos

Taxa de fertilidade: 4,7 filhos por mulher

Os Ogoni são um grupo étnico localizado no coração do Delta do Níger, no sudeste da Nigéria, conhecido internacionalmente por sua luta em defesa do meio ambiente, dos direitos humanos e da autonomia local frente ao Estado nigeriano e às grandes empresas petrolíferas. Vivem em uma das regiões mais densamente povoadas e ecologicamente degradadas do país, devido à exploração intensiva de petróleo desde os anos 1950. Os impactos ambientais: poluição de rios, contaminação de solo e ar comprometeram profundamente os meios de subsistência tradicionais, como a pesca e a agricultura.

A luta ogoni ganhou visibilidade internacional através do MOSOP (Movement for the Survival of the Ogoni People), fundado por Ken Saro-Wiwa, escritor e ativista executado pelo governo militar da Nigéria em 1995, o que gerou forte condenação internacional.

Demograficamente, a região apresenta alta densidade populacional, estrutura etária jovem e taxas elevadas de fecundidade, pressionando a infraestrutura urbana e sanitária, que é bastante limitada. A população é majoritariamente cristã, com forte identidade cultural e uso ativo da língua ogoni. As reivindicações atuais incluem maior autonomia regional, controle dos recursos naturais locais, compensações ambientais e reparação histórica.



4.77. FAIXA DE CAPRIVI



Área territorial estimada: 20.800 km²

População estimada (2025): 175.000 habitantes

Densidade demográfica: 8,4 hab./km²

Taxa de natalidade: 30,7‰

Taxa de mortalidade: 9,1‰

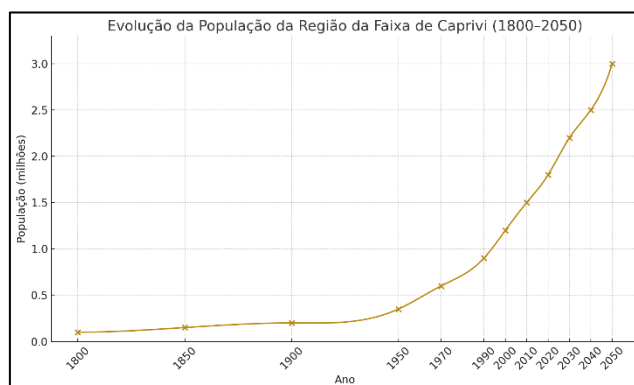
Expectativa de vida: 63,2 anos

Taxa de fertilidade: 4,7 filhos por mulher

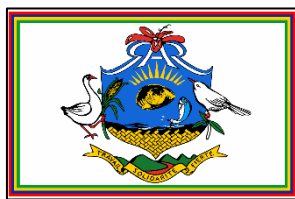
Caprivi oficialmente chamada de Região Zambezi é uma estreita extensão de território no extremo nordeste da Namíbia, caracterizada por sua localização estratégica entre Angola, Zâmbia, Botsuana e Zimbábue. Foi anexada ao protetorado da África Sudoeste Alemã em 1890, por meio do Acordo Heligolândia-Zanzibar, com o objetivo de dar à Alemanha acesso ao rio Zambeze e ao interior da África Central.

Culturalmente distinta do restante da Namíbia, a região é habitada por grupos étnicos como os Lozi, Masubia e Yeyi, que têm laços históricos e culturais com os povos da Barotselândia (Zâmbia). A diversidade linguística e étnica fortaleceu movimentos separatistas. Do ponto de vista demográfico, a Caprivi é uma região majoritariamente rural, com crescimento populacional moderado, baixa densidade e dependência de atividades como pescaria, agricultura de subsistência e coleta de produtos florestais. O acesso à educação e aos serviços de saúde ainda é limitado, o que impacta os indicadores sociais.

A taxa de fecundidade é relativamente alta, enquanto a expectativa de vida é comprometida por fatores como malária, HIV e saneamento precário. A Faixa de Caprivi representa um caso emblemático de tensões entre fronteiras coloniais artificiais e identidades étnicas regionais.



4.78. ILHA RODRIGUES



Área territorial: 108 km²

População estimada (2025): 43.000 habitantes

Densidade demográfica: 398 hab./km²

Taxa de natalidade: 17,5‰

Taxa de mortalidade: 7,1‰

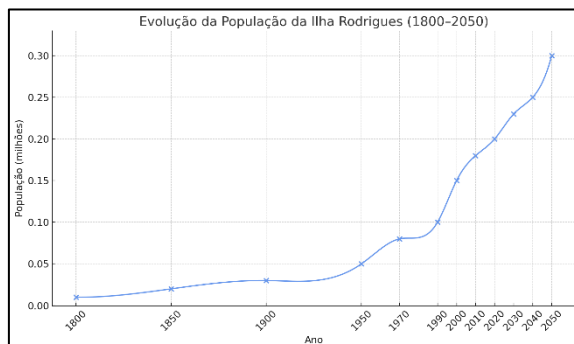
Expectativa de vida: 74,5 anos

Taxa de fertilidade: 2,1 filhos por mulher

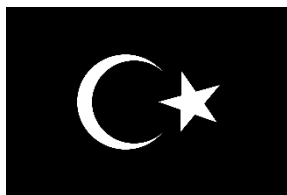
Rodrigues é uma ilha localizada no Oceano Índico, a cerca de 560 km a leste da ilha principal de Maurício. Desde 2002, Rodrigues possui status de região autônoma, com sua própria Assembleia Regional e competências administrativas locais, embora ainda sob autoridade do governo central de Port Louis. É marcada por uma identidade cultural distinta, baseada na mistura afro-crioula e na forte influência católica. A ilha possui estrutura econômica simples, baseada na agricultura, pesca, artesanato e turismo ecológico. Por sua distância e tamanho, apresenta menor desenvolvimento que o restante do país.

Demograficamente, a ilha apresenta nível de fecundidade em declínio, expectativa de vida elevada. A juventude local, por vezes, migra para a ilha principal em busca de emprego e educação superior.

Embora goze de certa autonomia, há movimentos locais que reivindicam maior descentralização, inclusive com controle sobre a política fiscal, uso do território e proteção ambiental. A demanda é voltada à autogestão plena dentro de Maurício, especialmente quanto ao desenvolvimento sustentável e às prioridades locais. É frequentemente citada como um exemplo de modelo insular autônomo funcional, mas que enfrenta os desafios de isolamento geográfico, escassez de recursos e dependência do governo central.



4.79. CIRENAICA



Área territorial estimada: 855.000 km²

População estimada (2025): 2.400.000 habitantes

Densidade demográfica: 2,8 hab./km²

Taxa de natalidade: 22,1‰

Taxa de mortalidade: 6,7‰

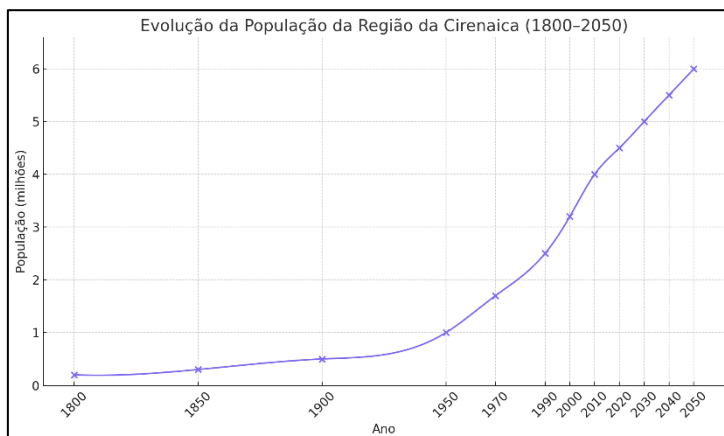
Expectativa de vida: 72,6 anos

Taxa de fertilidade: 2,5 filhos por mulher

Cirenaica é uma região localizada no leste da Líbia, com capital histórica em Benghazi. Trata-se de uma das três grandes regiões tradicionais do país e abriga uma identidade regional distinta, com traços históricos, tribais e administrativos que a diferenciam do restante do território líbio. Possui vastas áreas desérticas pouco povoadas, com concentração urbana ao norte. A região é rica em petróleo, o que lhe confere importância estratégica e alimenta tensões em relação à distribuição de recursos com o governo central em Trípoli.

Desde a queda de Muammar Kadafi em 2011, a Cirenaica se tornou epicentro de movimentos federalistas e, em certos momentos, autonomistas, propondo a restauração do modelo federal líbio do período pós-independência (1951–1963).

Do ponto de vista demográfico, a região tem estrutura etária jovem, taxas moderadas de natalidade, e expectativa de vida relativamente alta para os padrões regionais. A urbanização é densa nas zonas costeiras e escassa no interior desértico. As políticas públicas, no entanto, são marcadas por forte instabilidade institucional. A Cirenaica simboliza o conflito entre centralização e regionalismo na Líbia contemporânea.



4.80. BOKO



Área territorial estimada: 2.017 km²

População estimada (2025): 375.000 habitantes

Densidade demográfica: 185,9 hab./km²

Taxa de natalidade: 29,8‰

Taxa de mortalidade: 7,4‰

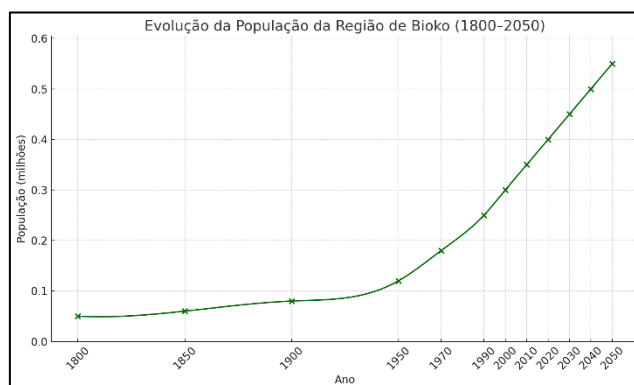
Expectativa de vida: 67,5 anos

Taxa de fertilidade: 4,1 filhos por mulher

A Ilha de Bioko, localizada no Golfo da Guiné, é a maior ilha da Guiné Equatorial e abriga a capital do país, Malabo. É um dos centros urbanos e políticos mais importantes da África Central, embora sua história e cultura a tornem uma entidade insular com identidade própria. Historicamente, foi habitada pelo povo bubí, que mantém até hoje uma cultura diferenciada, apesar da crescente presença dos fang e de estrangeiros atraídos pela indústria do petróleo e gás.

A demografia de Bioko reflete uma sociedade com forte urbanização, já que mais de 80% da população vive em áreas urbanas, principalmente em Malabo e arredores. A economia da ilha é impulsionada por serviços governamentais, petróleo offshore, turismo em expansão e comércio regional.

Apesar de indicadores sociais superiores à média continental, Bioko enfrenta desigualdades regionais internas: a população urbana tem acesso a melhores serviços de saúde e educação, enquanto áreas rurais da ilha ainda enfrentam precariedade. A população é relativamente jovem, com altas taxas de fecundidade. A Ilha de Bioko representa um microcosmo de contrastes: riqueza natural e exploração petrolífera; tradição cultural e urbanização acelerada; centralização política e demandas por identidade própria.



4.81. OROMIA



Área territorial estimada: 353.000 km²

População estimada (2025): 45.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 127 hab./km²

Taxa de natalidade: 34,9‰

Taxa de mortalidade: 7,1‰

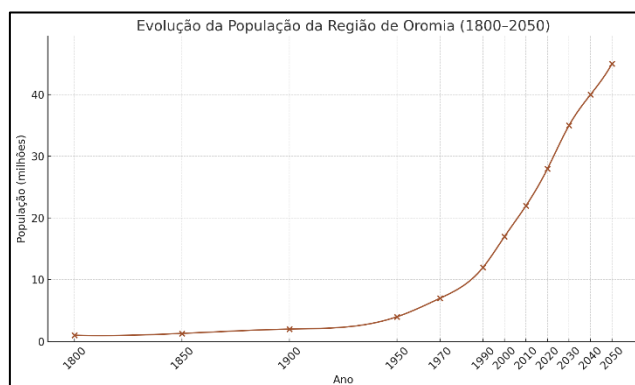
Expectativa de vida: 66,2 anos

Taxa de fertilidade: 4,7 filhos por mulher

Oromia é a maior e mais populosa das regiões administrativas da Etiópia, sendo o lar do povo oromo, que representa o maior grupo étnico do país, a região abrange parte do planalto central, do Vale do Rift e do sul etíope, cercando inclusive a capital nacional, Addis Abeba. Historicamente, marginalizados política, cultural e economicamente, o que motivou o surgimento do OLF (Oromo Liberation Front), movimento político e armado que luta por autonomia ampliada ou autodeterminação. A repressão contra líderes oromos e manifestações pacíficas gerou tensões étnicas graves e conflitos internos após 2015.

A estrutura populacional da região é jovem e em crescimento acelerado, com altas taxas de natalidade e densificação urbana. Apesar dos avanços em escolarização e saúde básica, há desigualdades marcantes em relação ao norte do país e aos centros políticos dominados por elites de outros grupos étnicos.

Oromia abriga uma parte considerável da economia agrícola da Etiópia, além de recursos naturais estratégicos, o que torna suas reivindicações ainda mais sensíveis no cenário político nacional. O uso da língua oromo os apelos por federalismo pleno e a mobilização da juventude tornaram a região um polo constante de efervescência política e resistência cultural.



4.82. OGADEN



Área territorial estimada: 279.000 km²

População estimada (2025): 7.600.000 habitantes

Densidade demográfica: 27,2 hab./km²

Taxa de natalidade: 35,9‰

Taxa de mortalidade: 8,6‰

Expectativa de vida: 59,3 anos

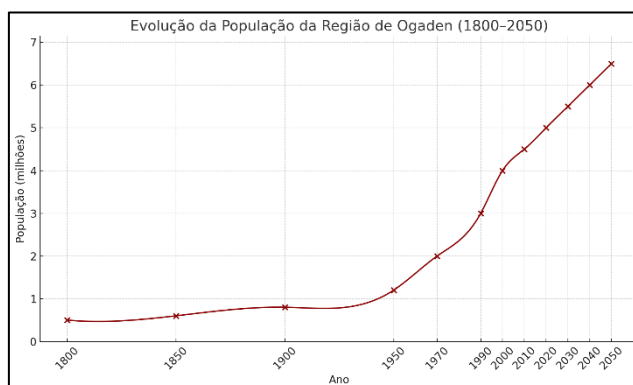
Taxa de fertilidade: 6,4 filhos por mulher

O Ogaden é uma região semidesértica localizada no leste da Etiópia, fazendo fronteira com a Somália e o Quênia. Historicamente, a área é habitada pelo povo somali etíope, com forte identidade étnico-linguística distinta da etíope tradicional. É uma das zonas mais tensas do Chifre da África, marcada por conflitos de longa duração.

O nome "Ogaden" é frequentemente usado para se referir a toda a Região Somali da Etiópia, embora oficialmente esse nome não seja reconhecido pelo governo etíope. O grupo separatista mais conhecido, o Frente de Libertação Nacional do Ogaden (ONLF), combateu o governo central etíope por décadas em busca da independência.

Demograficamente, a região é marcada por baixa densidade populacional, predominância de populações nômades e agro-pastoris, dificuldades no acesso a serviços essenciais e forte impacto das mudanças climáticas. A fertilidade é alta, e a população tem uma estrutura fortemente jovem. O crescimento populacional ocorre de forma desigual.

Apesar de a Etiópia ter adotado oficialmente um modelo federal baseado em etnias, o controle central sobre o Ogaden tem se mantido firme, o que gera tensão entre o discurso oficial e a realidade política. Operações militares, restrições ao acesso de jornalistas e organizações internacionais dificultam a situação humanitária da região.



4.83. GAMBELA



Área territorial estimada: 29.800 km²

População estimada (2025): 480.000 habitantes

Densidade demográfica: 16 hab./km²

Taxa de natalidade: 33,2‰

Taxa de mortalidade: 7,8‰

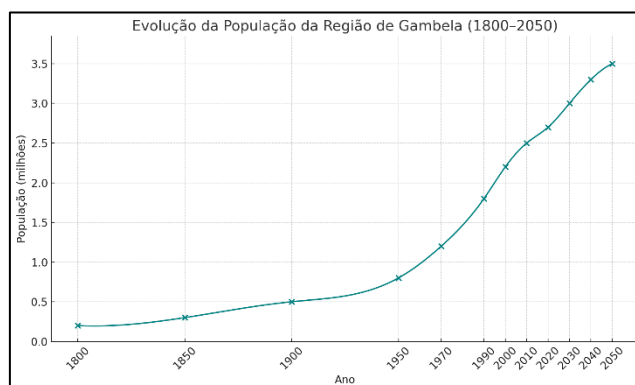
Expectativa de vida: 63,4 anos

Taxa de fertilidade: 4,5 filhos por mulher (

Gambela é uma das regiões federadas da Etiópia, localizada no extremo oeste do país, fazendo fronteira com o Sudão do Sul. É uma das regiões menos populosas do país, porém com significativa diversidade étnica, presença de refugiados sul-sudaneses e tensões intercomunitárias históricas. A região é o lar dos grupos étnicos anuak, nuer e majangir, que mantêm relações marcadas por rivalidade, especialmente agravadas com o crescimento da migração interna de outros grupos etíopes, como os oromos e amhara.

Nos anos 2000 e 2010, Gambela tornou-se foco de tensão devido à instalação de grandes projetos agrícolas e ao deslocamento forçado de populações locais, o que alimentou ressentimentos em relação ao governo federal e empresas estrangeiras. Grupos anuaks têm reivindicado maior autonomia e proteção cultural, em meio à percepção de marginalização e perda de território ancestral.

Demograficamente, Gambela possui alta taxa de fecundidade, estrutura etária jovem e crescimento populacional influenciado também pela migração e pela presença de campos de refugiados, especialmente na fronteira com o Sudão do Sul. A situação de Gambela destaca a complexidade da federalização étnica na Etiópia em construir um modelo de coesão nacional que respeite a diversidade e evite exclusões históricas.



4.84. COPTAS



Área de concentração histórica: Vale do Nilo, especialmente no Alto Egito

População estimada (2025): 10.500.000 a 15.000.000 de pessoas (estimativa não oficial)

Percentual da população egípcia: entre 10% e 15%

Densidade demográfica: Alta, principalmente em zonas urbanas e rurais do Nilo

Taxa de natalidade: 24,6‰ (estimativa regional)

Taxa de mortalidade: 6,5‰ (estimativa)

Expectativa de vida: 70,1 anos (estimativa média)

Taxa de fertilidade: 3,2 filhos por mulher (estimativa regional)

Os coptas constituem a maior comunidade cristã do Oriente Médio e uma das mais antigas tradições cristãs do mundo. Sua presença é histórica no Egito, remontando aos primeiros séculos do cristianismo, antes da islamização do Norte da África. A maioria dos coptas pertence à Igreja Ortodoxa Copta de Alexandria, com minorias nas igrejas Católica Copta e Evangélica Copta.

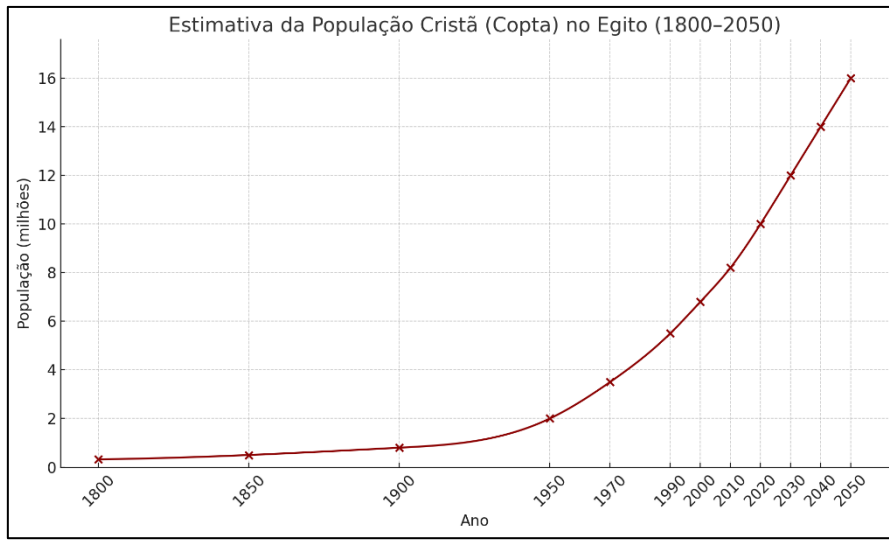
Demograficamente, os coptas estão espalhados por todo o Egito, mas com maior concentração no Alto Egito. Vivem tanto em áreas rurais quanto urbanas, com presença significativa também na diáspora, especialmente nos Estados Unidos, Canadá e Austrália.

O número exato de coptas é politicamente sensível no Egito. O governo evita realizar censos religiosos detalhados, o que leva a disputas sobre a real dimensão da comunidade. Os indicadores sociais dos coptas variam de acordo com a região: em centros urbanos como Cairo e Alexandria, possuem acesso a boas instituições educacionais e de saúde, muitas fundadas pela própria comunidade. No entanto, no Alto Egito, onde muitos vivem em zonas rurais, enfrentam pobreza, exclusão e episódios recorrentes de violência sectária.

A taxa de fecundidade entre os coptas tem diminuído ao longo das décadas, refletindo padrões de escolarização mais altos e maior urbanização. Ainda assim, mantém-se acima da média de populações cristãs em outras partes do mundo.

Apesar de sua contribuição histórica, cultural e social ao Egito, os coptas ainda enfrentam desafios de representação política, restrições religiosas e discriminação institucional. As tensões aumentam em momentos de instabilidade nacional, com ataques a igrejas, boicotes econômicos e exclusão simbólica.

A preservação da identidade copta exige não apenas o respeito à liberdade religiosa, mas também reconhecimento institucional, combate à intolerância e valorização do patrimônio cultural egípcio plural.



4.85. MOHÉLI



Área territorial: 211 km²

População estimada (2025): 54.000 habitantes

Densidade demográfica: 256 hab/km²

Taxa de natalidade: 29,6‰

Taxa de mortalidade: 6,5‰

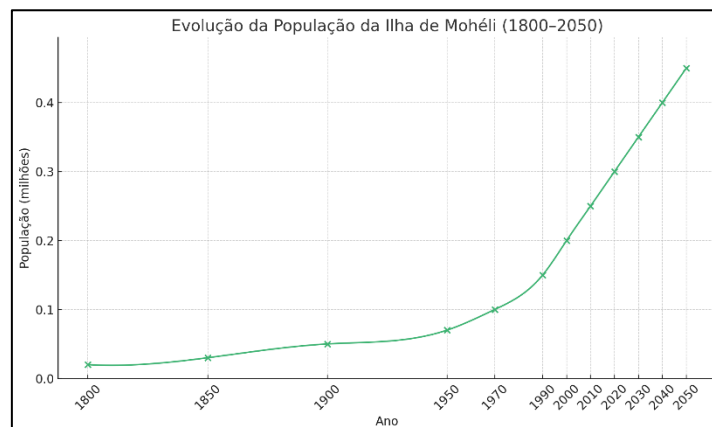
Expectativa de vida: 68,4 anos

Taxa de fertilidade: 3,8 filhos por mulher

Mohéli é a menor das três principais ilhas da União das Comores, localizada no Oceano Índico. Apesar de seu pequeno território a ilha tem expressiva identidade cultural e política, distinta das ilhas vizinhas, Grande Comore e Anjouan.

Em 1997, Mohéli participou do movimento de separatismo interno, ao lado de Anjouan, exigindo independência da então instável autoridade central comoriana. No entanto, após reformas constitucionais em 2001, foi estabelecido um modelo de federação, onde cada ilha passou a ter governo autônomo e presidente insular, embora sob a égide de um governo nacional.

A capital local é Fomboni, pequena cidade que centraliza a administração e os serviços. A economia é baseada na agricultura, pesca e artesanato, sendo uma das áreas mais preservadas ambientalmente do arquipélago, com potencial para ecoturismo sustentável. Demograficamente apresenta alta taxa de natalidade, estrutura etária jovem e crescimento moderado. A população está distribuída em pequenas vilas costeiras e zonas agrícolas. A autonomia administrativa permite preservar tradições locais e promover desenvolvimento proporcional à sua realidade geográfica.



4.86. ANJOUAN



Área territorial estimada: 424 km²

População estimada (2025): 375.000 habitantes

Densidade demográfica: 884,4 hab./km²

Taxa de natalidade: 30,9‰

Taxa de mortalidade: 7,2‰

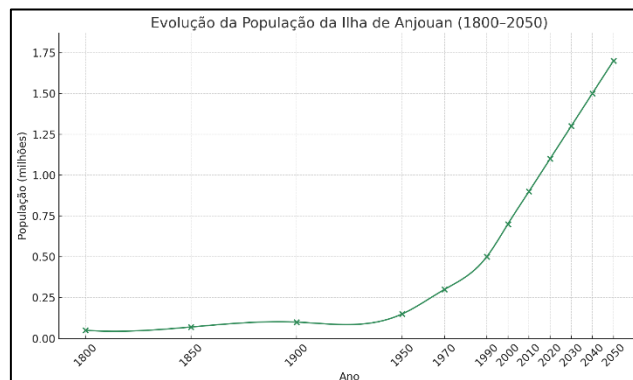
Expectativa de vida: 66,8 anos

Taxa de fertilidade: 4,5 filhos por mulher

Anjouan é uma das ilhas principais da União das Comores, localizada no Oceano Índico. Apesar de fazer parte do Estado comorense, Anjouan tem um histórico marcado por tentativas de secessão e conflitos políticos com o governo central sediado na ilha de Grande Comore (Ngazidja). A ilha declarou independência em 1997, buscando reintegração à França, mas a tentativa não foi reconhecida internacionalmente e resultou em crise política e militar.

Com apenas 424 km², Anjouan é extremamente densamente povoada, uma das maiores densidades do continente africano insular. A maioria da população vive da agricultura de subsistência, pesca e envio de remessas da diáspora. A infraestrutura é limitada, e a pressão demográfica dificulta o acesso a serviços essenciais.

A identidade anjouanesa é marcada por cultura islâmica sunita, suahili e malgaxes, e por um sentimento regionalista que reflete frustrações com a distribuição de recursos e representação política. Sua estabilidade depende de políticas de descentralização, investimentos em infraestrutura e educação, e do respeito às particularidades culturais. Sua história mostra que, mesmo dentro de pequenos arquipélagos, as tensões identitárias podem ser cruciais em disputas políticas e demográficas.



4.87. BOÉRE



Área de concentração histórica: Províncias do Estado Livre, Cabo Setentrional, Transvaal.

População estimada (2025): 2.200.000 habitantes (africânderes com identidade bôer)

Densidade demográfica: variável, com maior concentração em áreas rurais e cidades de maioria branca no interior da África do Sul

Taxa de natalidade: 16,2‰ (estimativa para populações brancas sul-africanas)

Taxa de mortalidade: 9,0‰

Expectativa de vida: 73,5 anos

Taxa de fertilidade: 2,1 filhos por mulher

Os bóeres são descendentes dos colonos europeus (principalmente holandeses, com influências alemãs e huguenotes franceses) que se estabeleceram na África do Sul entre os séculos XVII e XIX. A palavra "bôer" significa "fazendeiro" em africâner. Após os conflitos com os britânicos no século XIX, muitos migraram para o interior do país na chamada Grande Migração Bôer, fundando repúblicas independentes como o Transvaal e o Estado Livre de Orange.

Com a anexação britânica e, mais tarde, a formação da União Sul-Africana (1910), os bóeres perderam autonomia política formal, mas mantiveram poder econômico e institucional, sobretudo durante o regime do apartheid (1948–1994), do qual muitos eram defensores ativos. Após o fim do apartheid e o início da democracia multirracial, surgiram movimentos bóeres e africânderes exigindo autodeterminação, preservação cultural e, em casos mais radicais, a criação de um "Volkstaat" (Estado do Povo Bôer).

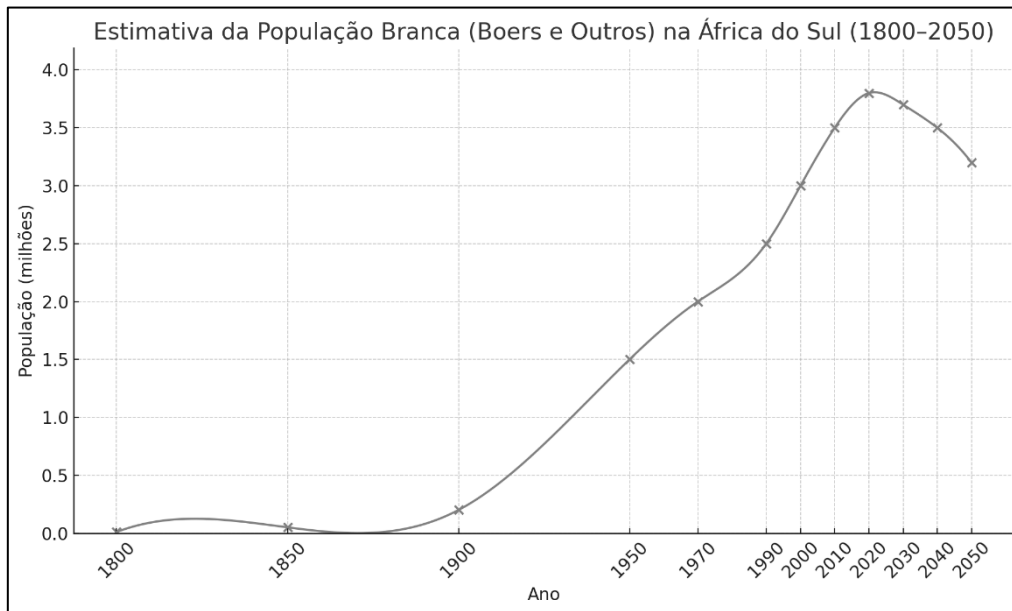
Demograficamente, os bóeres fazem parte do grupo africânder, população branca que fala africâner e mantém uma identidade cultural distinta. Muitos vivem em áreas urbanas, mas ainda há grupos organizados em assentamentos agrícolas, especialmente no Estado Livre e no Cabo Setentrional.

Um exemplo simbólico desse projeto é a cidade de Orania, fundada em 1991, onde vivem apenas africânderes e que funciona como experimento de autonomia cultural e econômica. A cidade tem sua própria moeda local (ora) e busca demonstrar a viabilidade de uma entidade bôer autônoma, embora sem reconhecimento oficial.

A população bôer vem apresentando crescimento lento ou estagnação, reflexo da baixa taxa de fertilidade, envelhecimento e emigração significativa para países como

Austrália, Reino Unido e Canadá. Apesar disso, movimentos identitários seguem ativos, utilizando discursos de preservação cultural, segurança e autonomia frente à marginalização política percebida.

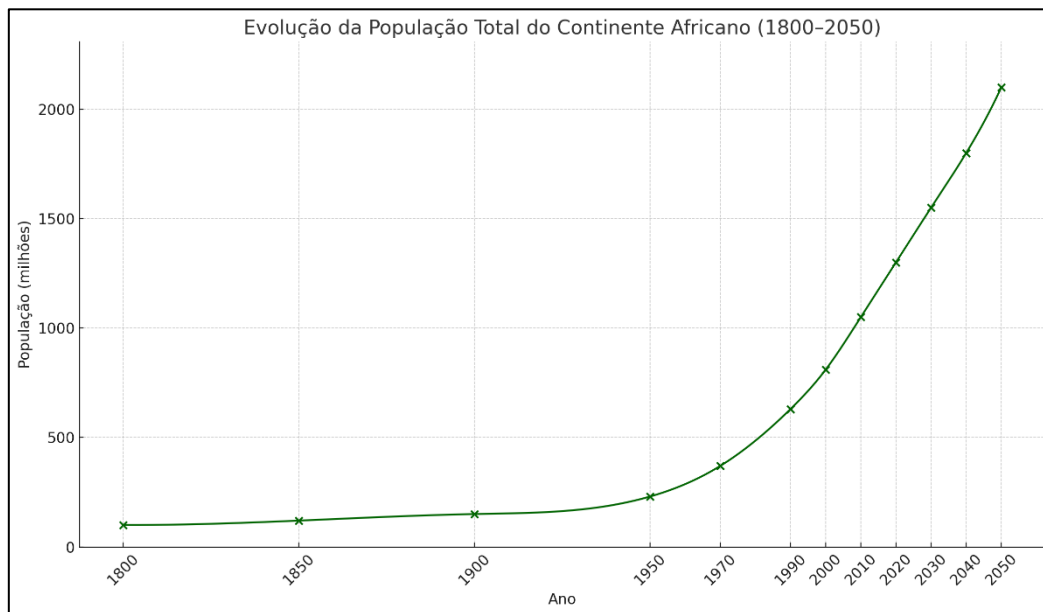
A questão bôer levanta debates sobre minorias étnicas com histórico de dominação, a quem se reconhece ou não o direito à autodeterminação em contextos democráticos pós-coloniais.



CONCLUSÃO - ÁFRICA

A análise demográfica da África evidencia um continente em pleno crescimento populacional, marcado por profundas disparidades regionais, heranças coloniais, fragilidades estruturais e, ao mesmo tempo, por uma juventude abundante que representa um potencial transformador para o século XXI. Com uma população estimada em mais de 1,4 bilhão de habitantes em 2025, a África ocupa o segundo lugar entre os continentes mais populosos do mundo e apresenta as taxas de crescimento mais elevadas do planeta.

Historicamente, o crescimento da população africana foi relativamente lento até meados do século XX. A combinação de alta mortalidade, doenças tropicais endêmicas, baixa expectativa de vida e conflitos intensos impedia aumentos significativos. Entretanto, a partir da década de 1950, com o avanço das campanhas de vacinação, do controle de epidemias e da redução de conflitos coloniais, iniciou-se uma aceleração populacional expressiva, como demonstrado no gráfico apresentado. Essa curva ascendente continua até os dias atuais e projeta, para 2050, uma população superior a 2,5 bilhões de pessoas.

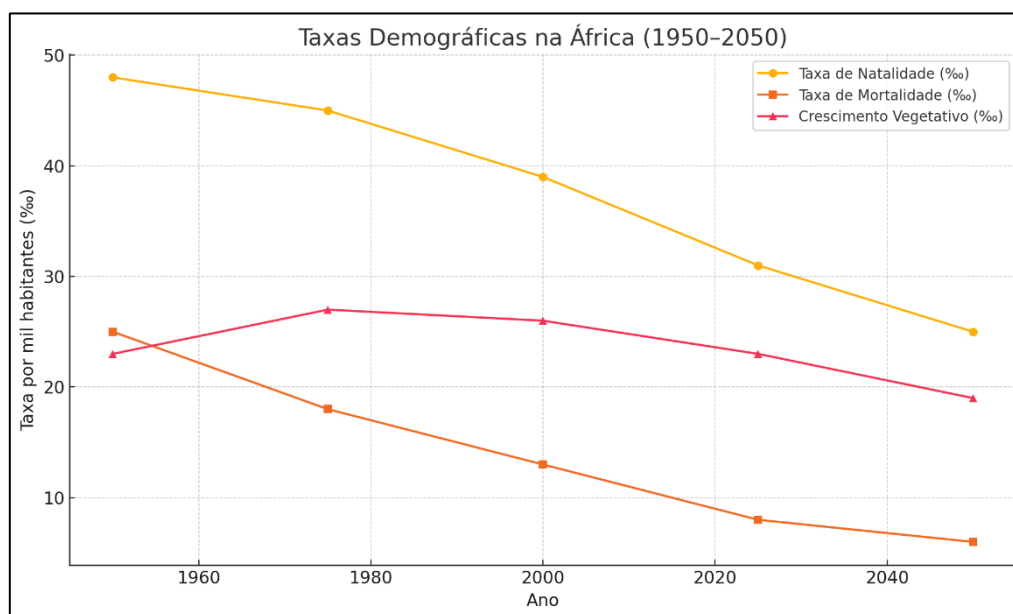


Esse aumento populacional, embora impressionante em termos absolutos, não é homogêneo em todo o continente. As regiões do norte e do sul apresentam processos de transição demográfica mais avançados, com taxas de fecundidade decrescentes e expectativa de vida em ascensão. Já o centro, oeste e partes do leste africano mantêm estruturas etárias extremamente jovens e taxas de fecundidade superior a cinco filhos por mulher, o que impulsiona o crescimento natural.

Outro aspecto importante a se considerar é a relação entre crescimento populacional e urbanização. As grandes metrópoles africanas, como Lagos (Nigéria), Cairo (Egito), Kinshasa (RDC), Nairóbi (Quênia) e Joanesburgo (África do Sul), vêm

experimentando rápidas expansões urbanas, muitas vezes desordenadas e carentes de infraestrutura básica. Essa urbanização sem planejamento agrava desigualdades, pressiona os serviços públicos e favorece a formação de grandes cinturões de pobreza.

Contudo, o continente africano não pode ser analisado apenas por meio de seus desafios. A África abriga riqueza cultural e linguística inigualável, além de uma juventude numerosa que representa cerca de 60% da população com menos de 25 anos. Trata-se, portanto, de um dos poucos continentes com potencial de "bônus demográfico" genuíno. Se houver investimento efetivo em educação, saúde, infraestrutura e políticas inclusivas, essa juventude poderá transformar-se no principal vetor de desenvolvimento sustentável e inovação social.



Ao analisar os dados demográficos dos países e regiões separatistas (como Buganda, Barotselândia, Ogaden, Caprivi, Maakhir, entre outros), observa-se ainda a complexa relação entre identidade, território e demografia. Em muitas dessas regiões, a resistência a políticas centralizadoras e o desejo de autonomia encontram respaldo na força populacional local, em estruturas tradicionais de organização social e em questões históricas não resolvidas. Esse fator acentua o papel da demografia como elemento de pressão política, reivindicação e afirmação identitária.

A demografia africana também se entrelaça diretamente com questões ambientais. A desertificação, a escassez de água, a degradação dos solos e os efeitos das mudanças climáticas impactam profundamente as populações rurais, promovendo migrações internas e transfronteiriças. Esses fluxos, por sua vez, reconfiguram o mapa populacional e desafiam os Estados nacionais a responderem com políticas de adaptação e mitigação.

Além disso, a crescente dependência externa de ajuda humanitária e a fragilidade institucional de muitos Estados comprometem a capacidade do continente de responder às suas urgências populacionais de maneira soberana e autônoma. A ampliação da participação democrática, o fortalecimento das instituições e o combate à corrupção tornam-se condições fundamentais para que a África transforme seu crescimento quantitativo em desenvolvimento humano real.

Assim, a leitura demográfica da África exige uma abordagem interdisciplinar, que articule saberes matemáticos, geográficos, históricos e sociais. O uso de modelos matemáticos para simular o crescimento populacional não apenas permite compreender as tendências, mas também estimar cenários futuros e propor políticas públicas eficazes.

Ao final deste capítulo, fica evidente que o desafio africano é simultaneamente quantitativo e qualitativo: não se trata apenas de lidar com grandes números, mas de garantir que cada indivíduo seja reconhecido, respeitado e inserido em um projeto coletivo de desenvolvimento. A África não é um continente condenado à escassez é, antes, uma região de potencial abundante, cuja chave para o futuro está em equilibrar crescimento, equidade e sustentabilidade.

No campo da Educação Matemática, a leitura da realidade africana através dos números possibilita o desenvolvimento de competências que vão muito além da álgebra ou da estatística. Ao aplicar funções exponenciais, modelos logísticos e sistemas de equações diferenciais ao crescimento populacional africano, o estudante é convidado a relacionar os conceitos abstratos da matemática à concretude das dinâmicas humanas e sociais. O Atlas, nesse sentido, não é apenas um repositório de dados, mas um instrumento pedagógico que promove pensamento crítico, interpretação de informações e resolução de problemas reais.

Tomemos como exemplo os modelos de crescimento aplicados à Nigéria, Etiópia ou República Democrática do Congo países com os maiores contingentes populacionais do continente. Suas curvas de crescimento se aproximam, nas últimas décadas, de padrões exponenciais. No entanto, ao projetarmos o futuro, percebemos que esse modelo não é sustentável indefinidamente. A transição para modelos logísticos, com limites de suporte ambiental e socioeconômico, torna-se essencial para compreender os desafios que virão.

Nesse cenário, a África não enfrenta apenas um “problema populacional” no sentido clássico. Ela lida com problemas de gestão de território, de urbanização sustentável, de inclusão das mulheres nas políticas de saúde e educação, de valorização de saberes tradicionais e de redistribuição de recursos. A matemática, portanto, aparece como aliada não apenas para estimar crescimentos, mas para modelar caminhos possíveis, embasando decisões de políticas públicas e estratégias educacionais.

A demografia africana também se mostra central no debate sobre migrações internacionais. O número de africanos que buscam oportunidades fora de seus países cresce a cada ano, especialmente entre os jovens. A pressão migratória sobre a Europa e o aumento das travessias perigosas pelo Mediterrâneo ilustram como os desafios internos dos países africanos podem ter impactos globais. Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer o papel das diásporas africanas como agentes de inovação, intercâmbio cultural e desenvolvimento econômico, por meio de remessas e investimentos.

No plano interno, observa-se um fenômeno que pode ser descrito como “migração circular”, no qual indivíduos saem das zonas rurais para as cidades em busca de oportunidades, mas mantêm vínculos familiares e produtivos com seus locais de origem. Esse tipo de mobilidade contribui para a formação de redes sociais complexas, que desafiam as análises estatísticas tradicionais, mas enriquecem a compreensão da dinâmica populacional real.

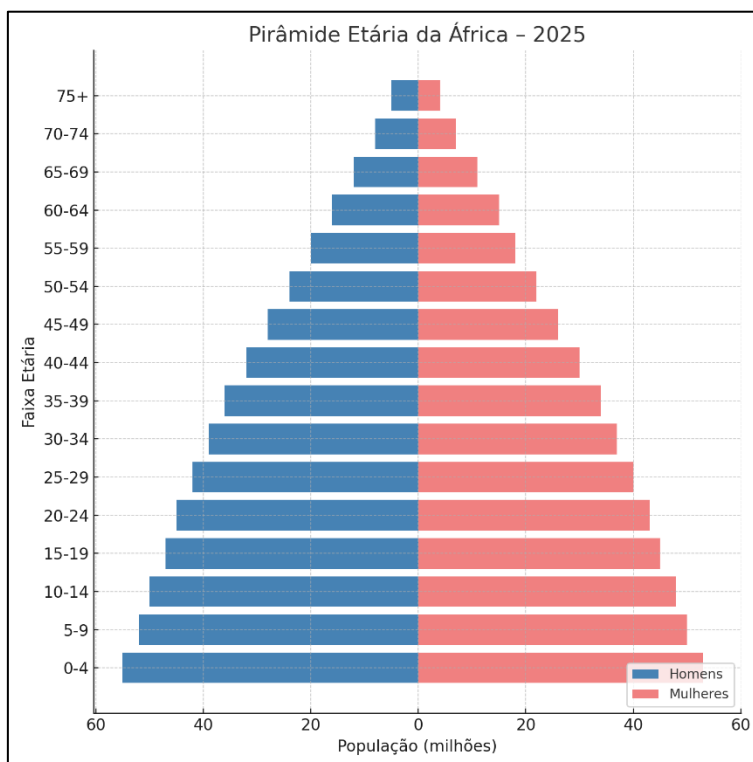
No campo das identidades regionais, a África também apresenta desafios únicos. Diversas regiões como Barotselândia, Ogaden, Buganda, Caprivi, Katanga e Bioko manifestam sentimentos de pertencimento distintos das configurações estatais que lhes foram impostas por fronteiras coloniais artificiais. A demografia nessas regiões não pode ser dissociada dos movimentos de autonomia ou separatismo. Esses contextos exigem soluções dialogadas, com respeito às culturas locais, fortalecimento da governança regional e, acima de tudo, equidade na distribuição dos recursos públicos.

Por fim, a África encontra-se diante de uma encruzilhada histórica. O continente pode transformar sua juventude abundante, diversidade cultural e riqueza natural em alicerces para um desenvolvimento autônomo, sustentável e centrado nas pessoas. Mas para isso será necessário o enfrentamento de desafios sistêmicos, entre os quais destacam-se:

- ❖ a superação das desigualdades de gênero;
- ❖ a ampliação da cobertura educacional de qualidade;
- ❖ a valorização dos povos tradicionais e indígenas;
- ❖ o acesso universal à saúde e ao planejamento familiar;
- ❖ a descentralização do poder político e econômico;
- ❖ a preparação para os impactos da crise climática global.

A pirâmide etária abaixo representa a estrutura populacional estimada da África em 2025. É possível observar um perfil marcadamente jovem, caracterizado por uma ampla base e um estreitamento progressivo nas faixas etárias superiores. Esse padrão indica

elevadas taxas de natalidade e fecundidade, além de uma expectativa de vida ainda inferior à média global.



A forma da pirâmide revela os desafios e as oportunidades demográficas do continente. A predominância de jovens representa tanto um risco, em contextos de escassez de recursos e infraestrutura precária, quanto uma oportunidade estratégica, caso sejam implementadas políticas públicas voltadas à educação, saúde e inserção produtiva dessa nova geração. O chamado “bônus demográfico” africano dependerá da capacidade de transformar esse potencial populacional em desenvolvimento sustentável.

A Matemática, a Geografia e a Demografia, quando articuladas de forma crítica e contextualizada, tornam-se ferramentas poderosas para que estudantes do Ensino Médio compreendam essas questões em profundidade. Ao final deste capítulo, espera-se que o leitor não apenas entenda como a população africana cresce, mas por que, com quais implicações e com quais possibilidades de futuro.

Este é o papel do Atlas Populacional: mais do que representar o mundo com números, transformar números em consciência e cidadania.

5. AMÉRICA

5.1. América do Norte: Contrastes Populacionais e Desafios de Envelhecimento



A América do Norte, composta principalmente por Canadá, Estados Unidos e México, abriga cerca de 600 milhões de habitantes, sendo uma das regiões mais urbanizadas e economicamente desenvolvidas do planeta. Apesar da proximidade geográfica, os países norte-americanos apresentam grandes contrastes demográficos, sociais e econômicos, revelando uma complexidade singular.

Nos Estados Unidos e no Canadá, o envelhecimento populacional é um dos principais desafios. A estrutura etária desses países evidencia a transição demográfica já consolidada, com taxas de fecundidade abaixo da reposição populacional e crescimento vegetativo próximo de zero. Isso tem implicações diretas sobre os sistemas de previdência, saúde pública e mercado de trabalho, estimulando políticas de imigração e incentivo à natalidade.

O México, por outro lado, encontra-se em uma fase intermediária da transição demográfica. Embora sua taxa de fecundidade tenha caído significativamente nas últimas décadas, sua população ainda é majoritariamente jovem. A urbanização acelerada, a migração para os Estados Unidos e as desigualdades regionais marcam o panorama populacional do país.

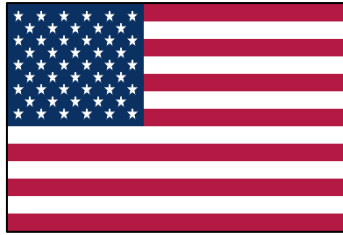
Outro fator importante na América do Norte é a diversidade étnica e cultural, resultado de séculos de migrações voluntárias e forçadas. Nos Estados Unidos, por

exemplo, as minorias raciais e étnicas já representam mais de 40% da população, fenômeno que altera o perfil demográfico, político e cultural da nação.

Além disso, questões relacionadas à mobilidade populacional, como o intenso fluxo migratório sul-norte, afetam diretamente a demografia da região. Milhares de pessoas atravessam fronteiras em busca de melhores condições de vida, influenciando políticas migratórias, tensões sociais e transformações urbanas.

Este capítulo apresenta, por meio de gráficos e análises comparativas, a estrutura etária, as taxas de crescimento e os desafios específicos da América do Norte, destacando a importância da compreensão regional para o planejamento e a tomada de decisões sustentáveis.

5.1.1. ESTADOS UNIDOS



Área territorial: 9.833.520 km²

População estimada (2025): 336.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 34 hab./km²

Taxa de natalidade: 11,0‰

Taxa de mortalidade: 8,8‰

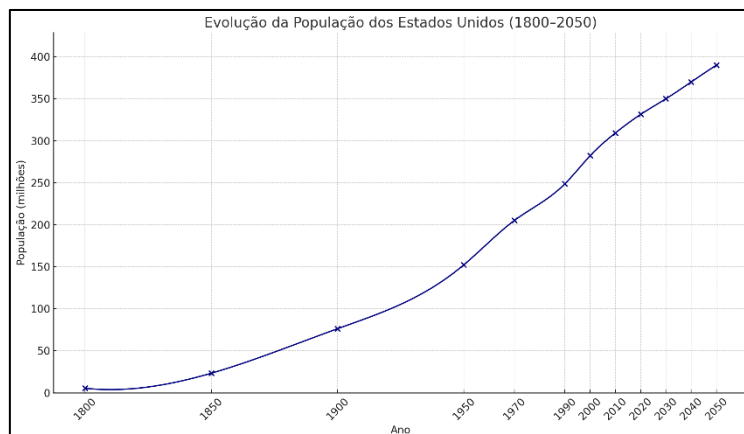
Expectativa de vida: 78,6 anos

Taxa de fertilidade: 1,7 filhos por mulher

Os Estados Unidos da América, principal potência econômica e tecnológica global, enfrentam um processo demográfico caracterizado pelo envelhecimento populacional e pelo crescimento moderado, sustentado principalmente pela imigração. A estrutura etária revela uma população com faixa intermediária e aumento da proporção de idosos, logo esse perfil gera pressões sobre o sistema previdenciário e de saúde.

A urbanização é altamente consolidada, com metrópoles como Nova York, Los Angeles, Chicago e Houston figurando entre as maiores do mundo em população e influência econômica. A infraestrutura urbana, embora robusta, enfrenta desafios relacionados à desigualdade social, moradia acessível e mudanças climáticas.

A diversidade étnica e cultural é uma das principais características da sociedade americana. A imigração contínua tem moldado não apenas o perfil demográfico, mas também a dinâmica social, cultural e política do país. Apesar da taxa de fertilidade estar abaixo do nível de reposição populacional, os Estados Unidos mantêm um bônus demográfico em transição, com potencial de crescimento sustentado por inovação, qualificação da força de trabalho.



5.1.2. MÉXICO



Área territorial: 1.964.375 km²

População estimada (2025): 132.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 67 hab./km²

Taxa de natalidade: 16,8‰

Taxa de mortalidade: 6,1‰

Expectativa de vida: 76,3 anos

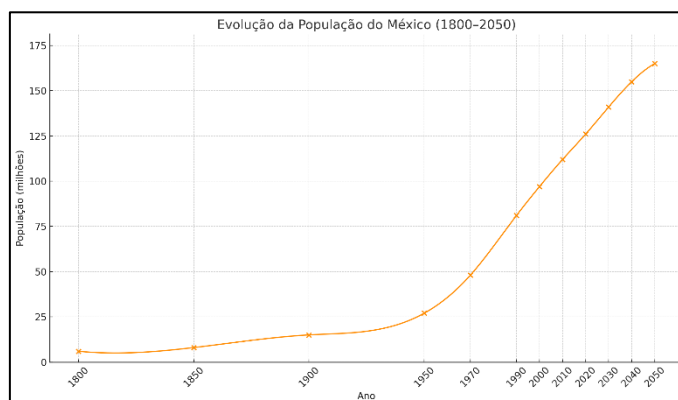
Taxa de fertilidade: 2,0 filhos por mulher

O México vive um momento demográfico de transição, com expressiva redução nas taxas de fecundidade nas últimas décadas e avanço na expectativa de vida. A estrutura etária ainda mostra uma população predominantemente jovem, embora se observe um crescimento constante das faixas etárias adultas e idosas.

As principais metrópoles, como Cidade do México, Guadalajara e Monterrey, concentram grande parte da população e da atividade econômica nacional. Essa urbanização intensa impõe desafios à mobilidade urbana, ao saneamento básico, à segurança e à qualidade de vida nas periferias.

A migração também é uma característica marcante da demografia mexicana. Milhões de mexicanos vivem no exterior, sobretudo nos Estados Unidos, o que influencia tanto a economia quanto a dinâmica populacional interna. Além disso, o México tem se tornado rota e destino de migrantes da América Central.

O país tem investido em políticas de educação, saúde básica e acesso a métodos contraceptivos, que contribuíram para a queda da natalidade. Ainda assim, desigualdades regionais persistem, especialmente nas áreas rurais e no sul do país.



5.1.3. CANADÁ



Área territorial: 9.984.670 km²

População estimada (2025): 40.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 4 hab./km²

Taxa de natalidade: 10,2‰

Taxa de mortalidade: 8,4‰

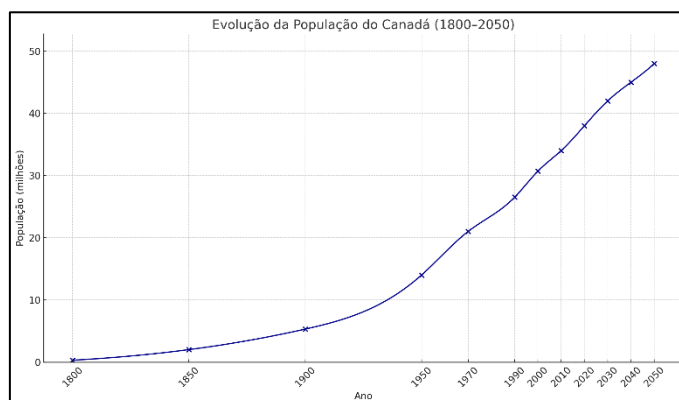
Expectativa de vida: 82,1 anos

Taxa de fertilidade: 1,5 filhos por mulher

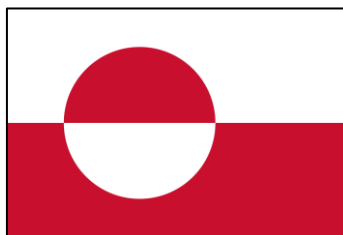
O Canadá, segundo maior país do mundo em extensão territorial, apresenta uma população relativamente pequena e altamente urbanizada. Sua estrutura etária revela um processo avançado de envelhecimento populacional, com taxas de fecundidade abaixo do nível de reposição e crescimento natural modesto, sustentado pela imigração.

As cidades de Toronto, Vancouver, Montreal e Ottawa concentram a maior parte da população e atividade econômica. A urbanização é acompanhada por elevados índices de qualidade de vida. A política imigratória do Canadá é uma das mais abertas e organizadas, sendo fundamental para a renovação da força de trabalho e a diversidade cultural. A imigração tem ajudado a manter o crescimento populacional e suprir a demanda por mão de obra qualificada, sobretudo em setores estratégicos como saúde, tecnologia e construção civil.

Com uma das maiores expectativas de vida do planeta, o Canadá também enfrenta os desafios típicos de sociedades envelhecidas: aumento dos custos com saúde, necessidade de adaptação dos sistemas de transporte e moradia, além da reestruturação de políticas previdenciárias.



5.1.4. GROENLÂNDIA



Área territorial: 2.166.086 km²

População estimada (2025): 57.000 habitantes

Densidade demográfica: 0,03 hab./km²

Taxa de natalidade: 13,7‰

Taxa de mortalidade: 8,2‰

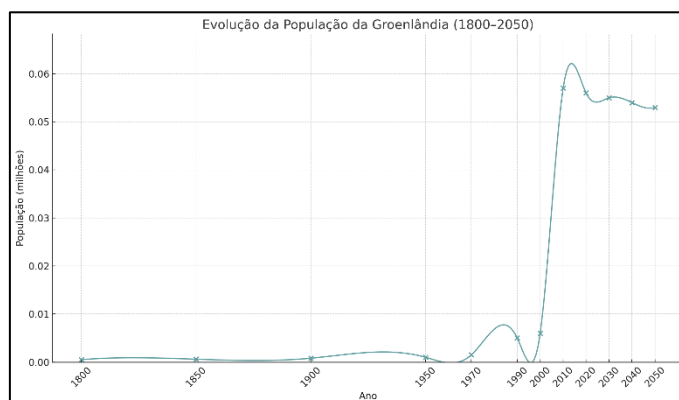
Expectativa de vida: 72,4 anos

Taxa de fertilidade: 2,1 filhos por mulher

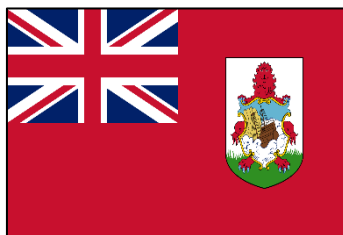
A Groenlândia, território autônomo pertencente ao Reino da Dinamarca, possui uma das menores densidades populacionais do planeta. Distribuídos em pequenas cidades costeiras, a população groenlandesa é majoritariamente indígena (inuíte) e concentra-se em localidades como Nuuk, Sisimiut e Ilulissat. A estrutura etária indica um equilíbrio entre jovens e adultos, com leve envelhecimento progressivo. As taxas de natalidade e fertilidade são moderadas, mas suficientes para garantir um crescimento vegetativo lento.

A economia groenlandesa baseia-se na pesca, no turismo e em atividades extrativistas. No entanto, as duras condições climáticas e a dependência econômica da Dinamarca limitam o desenvolvimento interno. Nos últimos anos, a Groenlândia tem buscado maior autonomia e incentivo à diversificação econômica, especialmente frente às oportunidades geradas pelo degelo do Ártico.

O isolamento geográfico e a baixa densidade populacional impõem desafios ao acesso a serviços públicos de qualidade, como saúde e educação, além de dificultar o planejamento de infraestrutura e mobilidade. Ainda assim, a população apresenta altos níveis de adaptação às condições extremas e forte identidade cultural.



5.1.5. BERMUDAS



Área territorial: 54 km²

População estimada (2025): 62.500 habitantes

Densidade demográfica: 1.157 hab./km²

Taxa de natalidade: 9,5‰

Taxa de mortalidade: 9,0‰

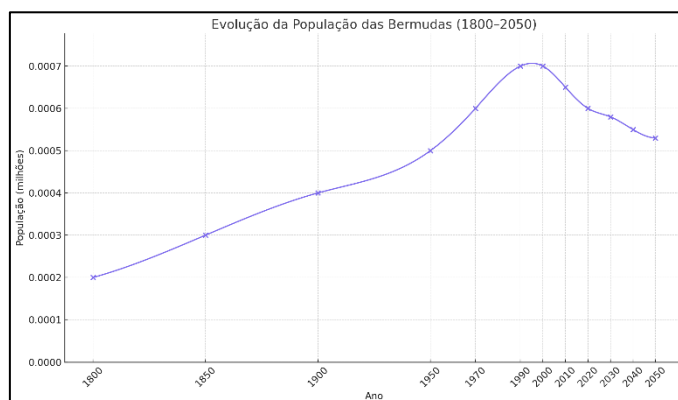
Expectativa de vida: 81,0 anos

Taxa de fertilidade: 1,5 filhos por mulher

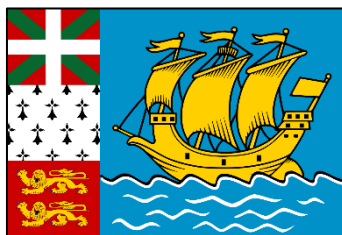
As Bermudas, arquipélago situado no Atlântico Norte, destacam-se por sua alta densidade demográfica, associada a um território extremamente reduzido. A população tem se mantido estável nas últimas décadas, com ligeira tendência de declínio em razão da baixa taxa de fecundidade e do envelhecimento progressivo. A estrutura etária reflete o padrão de países desenvolvidos, com proporção crescente de idosos e um número reduzido de nascimentos anuais. A longevidade elevada está associada à qualidade dos serviços de saúde, ao nível educacional e ao padrão de vida relativamente.

A economia local baseia-se principalmente no turismo de luxo e nos serviços financeiros internacionais. No entanto, os desafios habitacionais e os altos custos de vida dificultam a permanência de jovens e trabalhadores qualificados.

Como território ultramarino do Reino Unido, as Bermudas possuem elevado grau de autonomia interna. O arquipélago adota políticas de controle demográfico e incentivo à qualificação profissional para mitigar os impactos do envelhecimento populacional. O futuro dependerá de políticas públicas voltadas à atração de jovens talentos, diversificação econômica e adaptação à elevação do nível do mar.



5.1.6. SÃO PEDRO & MIQUELÃO



Área territorial: 242 km²

População estimada (2025): 5.600 habitantes

Densidade demográfica: 23,1 hab./km²

Taxa de natalidade: 9,1‰

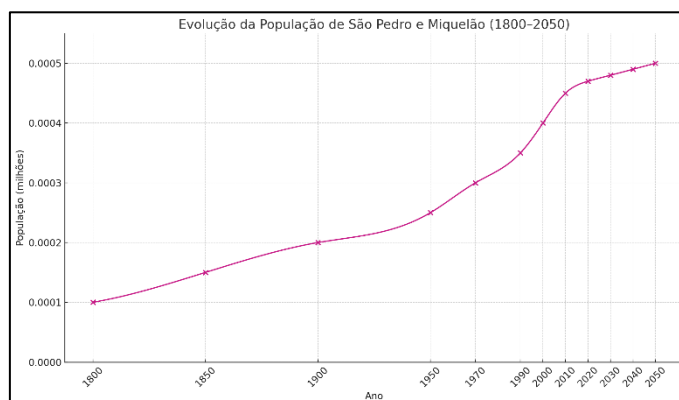
Taxa de mortalidade: 10,4‰

Expectativa de vida: 80,2 anos

Taxa de fertilidade: 1,4 filhos por mulher

São Pedro e Miquelon, coletividade territorial francesa localizada ao largo da costa atlântica do Canadá, possui uma das menores populações do continente americano. A trajetória demográfica do arquipélago revela um quadro de estabilidade com leve tendência de declínio, devido à baixa taxa de fecundidade e à emigração de jovens em busca de oportunidades fora da ilha.

A população local é majoritariamente de origem francesa e concentra-se nas comunidades costeiras. A economia é limitada, baseada na pesca, em serviços públicos e no auxílio financeiro vindo da França metropolitana. A estrutura etária mostra um predomínio de adultos e idosos, reflexo do envelhecimento populacional contínuo. O acesso aos serviços de saúde e educação é garantido pelo vínculo com o Estado francês, mas o isolamento geográfico impõe desafios à mobilidade, ao desenvolvimento econômico e à retenção de jovens. O futuro demográfico de São Pedro e Miquelão depende da implementação de políticas que incentivem a permanência e o retorno de sua população, com foco em sustentabilidade, estímulo à economia local e valorização do patrimônio natural e cultural do arquipélago.



5.2. América Central e Caribe: Encruzilhada Tropical e Diversidade Populacional



A América Central e o Caribe formam uma das regiões mais diversas do continente americano, tanto do ponto de vista físico quanto humano. Composta por sete países continentais (Belize, Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua, Costa Rica e Panamá) e dezenas de territórios insulares agrupados nas Grandes e Pequenas Antilhas, a região se estende do sul do México até o norte da América do Sul, abrangendo cerca de 80 países e territórios entre ilhas e nações continentais.

Essa faixa do continente ocupa uma posição geoestratégica vital: liga os oceanos Atlântico e Pacífico, abriga o Canal do Panamá uma das principais rotas comerciais do mundo e atua como zona de contato entre culturas mesoamericanas, africanas, europeias e indígenas. Tais características históricas e geográficas explicam, em parte, a complexidade social e demográfica da região.

Em 2025, a população conjunta da América Central e Caribe ultrapassa os 190 milhões de habitantes, distribuídos de maneira desigual tanto em densidade quanto em estrutura etária. Países como Guatemala, República Dominicana, Haiti e Cuba destacam-se em números absolutos, enquanto pequenas ilhas como Antígua e Barbuda, São Cristóvão e Nevis ou Dominica possuem populações inferiores a 100 mil pessoas.

A Matemática desempenha um papel fundamental na compreensão dessa dinâmica populacional. O crescimento vegetativo, diferença entre a taxa de natalidade e a de mortalidade, permanece positivo na maioria dos países, embora venha diminuindo. Em

termos médios, a taxa de fecundidade na região caiu de cerca de 5 filhos por mulher em 1970 para aproximadamente 2,2 em 2025, indicando o avanço da transição demográfica.

No entanto, essa transição não ocorre de forma homogênea: enquanto Costa Rica e Cuba já apresentam estruturas etárias semelhantes às de países desenvolvidos, Guatemala, Haiti e Honduras ainda mantêm pirâmides etárias jovens, com altas taxas de natalidade. A variação no ritmo dessa transição pode ser modelada matematicamente por meio de funções exponenciais e logísticas, que ajudam a projetar cenários futuros, prever necessidades de infraestrutura e planejar políticas públicas.

Outro fator determinante é o fluxo migratório. Milhões de centro-americanos e caribenhos migram todos os anos em busca de melhores condições de vida, sobretudo em direção aos Estados Unidos. O saldo migratório negativo em diversos países interfere diretamente no crescimento populacional, o que pode ser modelado com o uso de equações diferenciais simples para estimar a variação da população ao longo do tempo.

A urbanização, por sua vez, é crescente. Capitais como Manágua, San José, Cidade da Guatemala, San Salvador e Santo Domingo concentram grande parte da população e dos serviços, gerando desafios ligados à mobilidade urbana, saneamento e habitação. Esses problemas podem ser analisados à luz da densidade demográfica média, calculada pela razão entre população e área territorial, e comparada com dados históricos e projeções futuras.

A região também enfrenta riscos naturais significativos, como furacões, terremotos e erupções vulcânicas, o que interfere diretamente na distribuição e redistribuição populacional. Em contrapartida, a abundância de recursos naturais, a biodiversidade e a juventude da população representam uma grande oportunidade para o desenvolvimento sustentável, desde que acompanhado de investimentos em educação, planejamento familiar e infraestrutura resiliente.

A América Central e o Caribe constituem uma região vibrante, plural e estratégica, cuja demografia reflete sua história, geografia e condições socioeconômicas. A análise matemática aplicada à demografia por meio de tabelas de crescimento populacional, taxas de natalidade, mortalidade e fecundidade oferece ferramentas valiosas para interpretar tendências e apoiar decisões políticas fundamentadas. Este capítulo explora tais dados com base em fontes oficiais, apresentando gráficos, projeções e análises integradas para compreender melhor o presente e o futuro dessa região em constante transformação.

5.2.1. GUATEMALA



Área territorial: 108.889 km²

População estimada (2025): 19.600.000 habitantes

Densidade demográfica: 180 hab./km²

Taxa de natalidade: 22,8‰

Taxa de mortalidade: 5,0‰

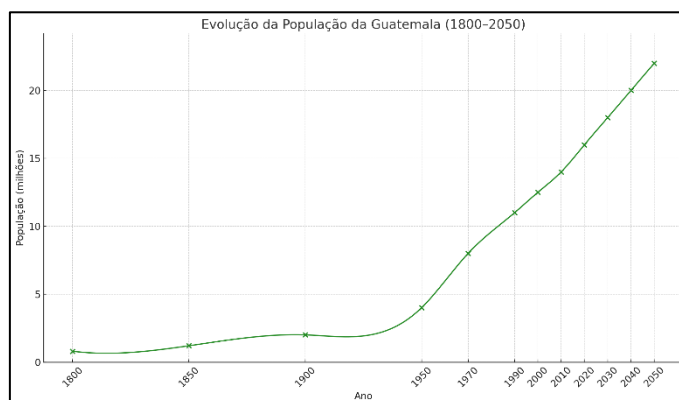
Expectativa de vida: 74,1 anos

Taxa de fertilidade: 2,6 filhos por mulher

A Guatemala, país mais populoso da América Central, apresenta uma estrutura demográfica tipicamente jovem. O país mantém taxas de natalidade elevadas, embora em declínio gradual, indicando o início de uma transição demográfica mais lenta do que em seus vizinhos. A população se concentra principalmente no altiplano central e em áreas urbanas como a Cidade da Guatemala, onde os desafios de urbanização, mobilidade e acesso à moradia se tornam mais evidentes. Ao mesmo tempo, vastas áreas rurais abrigam populações indígenas e camponesas.

A taxa de crescimento populacional é significativa, e os modelos matemáticos de crescimento exponencial ilustram como a população guatemalteca quase quadruplicou entre 1960 e 2020. Essa expansão pressiona os recursos naturais, a infraestrutura e os sistemas de saúde e educação, sobretudo nas áreas mais vulneráveis.

Com uma expectativa de vida em ascensão e uma base populacional larga, a Guatemala desfruta de um bônus demográfico uma fase em que a proporção da população economicamente ativa é maior que a dependente. Essa janela de oportunidade pode ser aproveitada para alavancar o desenvolvimento econômico sustentável.



5.2.2. HAITI



Área territorial: 27.750 km²

População estimada (2025): 11.800.000 habitantes

Densidade demográfica: 425 hab./km²

Taxa de natalidade: 22,1‰

Taxa de mortalidade: 7,5‰

Expectativa de vida: 64,5 anos

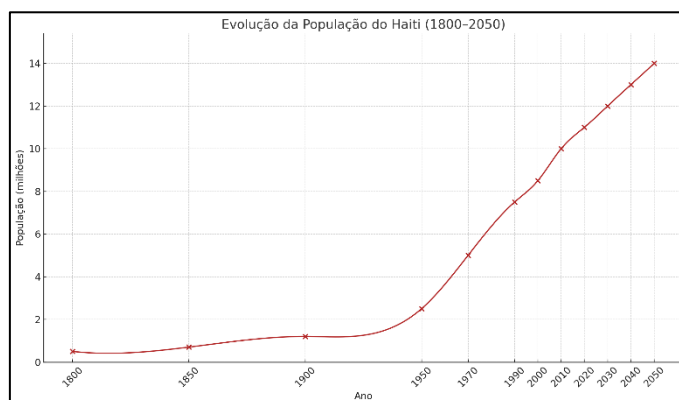
Taxa de fertilidade: 2,8 filhos por mulher

O Haiti, localizado na porção ocidental da ilha Hispaniola, compartilha fronteira com a República Dominicana e representa um dos casos mais desafiadores da demografia no Caribe. O país possui uma das maiores densidades demográficas da região, concentrada principalmente na capital, Porto Príncipe, e em áreas costeiras.

A estrutura etária do Haiti é marcadamente jovem, a alta taxa de natalidade, aliada à redução gradual da mortalidade, sustenta um crescimento vegetativo significativo. No entanto, crises humanitárias, instabilidade política, desastres naturais e dificuldades econômicas agravam a vulnerabilidade da população.

Modelos matemáticos de crescimento populacional com fatores migratórios negativos ajudam a explicar a estagnação relativa nos últimos anos. Muitos haitianos emigraram para países vizinhos, como República Dominicana, Estados Unidos e Chile, em busca de melhores condições de vida.

O sistema de saúde enfrenta sérios obstáculos, refletidos na expectativa de vida, ainda assim, há avanços graduais em vacinação, acesso à água potável e educação básica, especialmente com o apoio de organizações internacionais.



5.2.3. CUBA



Área territorial: 109.884 km²

População estimada (2025): 11.050.000 habitantes

Densidade demográfica: 100,6 hab./km²

Taxa de natalidade: 9,7‰

Taxa de mortalidade: 9,5‰

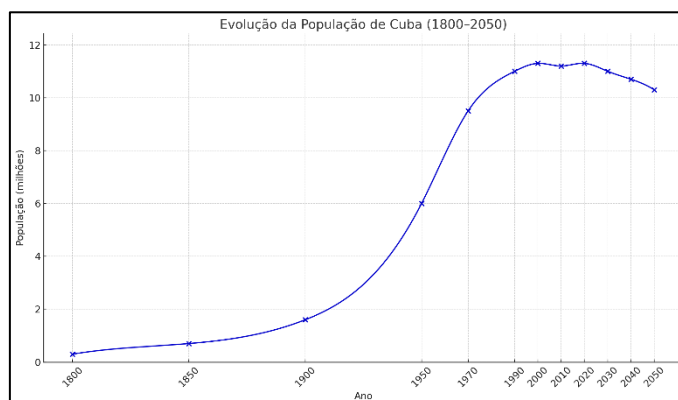
Expectativa de vida: 78,9 anos

Taxa de fertilidade: 1,5 filhos por mulher

Cuba apresenta uma das estruturas demográficas mais envelhecidas da América Latina e do Caribe. Com uma população que atingiu seu pico no início dos anos 2000 e declínio a partir de 2020, o país enfrenta uma situação típica de países desenvolvidos: baixa taxa de natalidade, alta expectativa de vida e crescimento populacional nulo ou negativo.

Esse cenário é resultado de décadas de políticas públicas eficazes em saúde, educação e planejamento familiar, o que colocou Cuba em patamares avançados de desenvolvimento humano. No entanto, a emigração contínua de jovens principalmente para os Estados Unidos tem intensificado o processo de envelhecimento e reduzido o contingente de força de trabalho ativa.

A pirâmide etária cubana se assemelha à de países europeus, com grande concentração nas faixas adultas e idosas. A Matemática demográfica ajuda a projetar os efeitos desse processo sobre a previdência, a produtividade e os investimentos em cuidados de longa duração. Geograficamente, a população está concentrada em áreas urbanas como Havana, Santiago de Cuba e Camagüey, onde há maior acesso a serviços e infraestrutura.



5.2.4. REPÚBLICA DOMINICANA



Área territorial: 48.671 km²

População estimada (2025): 11.200.000 habitantes

Densidade demográfica: 230,1 hab./km²

Taxa de natalidade: 18,4‰

Taxa de mortalidade: 6,1‰

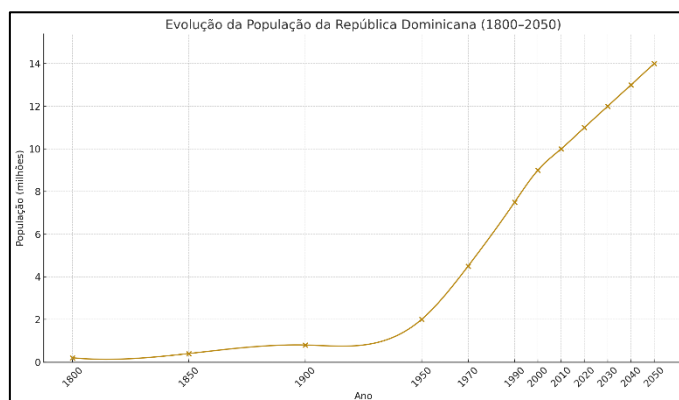
Expectativa de vida: 74,9 anos

Taxa de fertilidade: 2,1 filhos por mulher

A República Dominicana é uma das economias mais dinâmicas do Caribe e apresenta uma estrutura demográfica em transição. O país já não cresce no ritmo acelerado das décadas anteriores, mas ainda mantém taxas de natalidade moderadas e uma base populacional relativamente jovem.

A pirâmide etária indica uma redução gradual da fecundidade e um envelhecimento progressivo da população, embora a maioria ainda se concentre nas faixas economicamente ativas. A capital, Santo Domingo, e as cidades de Santiago e La Romana concentram boa parte da população. A densidade demográfica elevada em algumas regiões impõe desafios quanto ao uso do solo, saneamento, mobilidade e acesso à moradia digna.

Do ponto de vista social, a República Dominicana enfrenta desigualdades internas e desafios quanto à inclusão de comunidades rurais e afrodescendentes. No entanto, os avanços em educação e saúde pública têm refletido em indicadores positivos, como a expectativa de vida crescente e o acesso mais amplo ao planejamento familiar. Com um bônus demográfico ainda ativo, o país possui uma janela de oportunidade para fortalecer seu crescimento econômico sustentável.



5.2.5. HONDURAS



Área territorial: 112.492 km²

População estimada (2025): 11.500.000 habitantes

Densidade demográfica: 102,3 hab./km²

Taxa de natalidade: 21,2‰

Taxa de mortalidade: 5,2‰

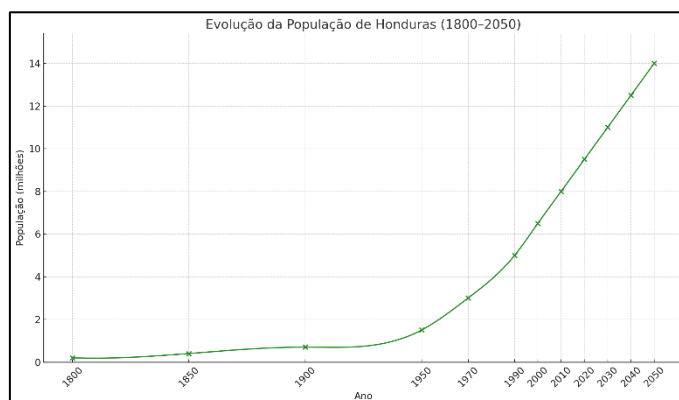
Expectativa de vida: 73,2 anos

Taxa de fertilidade: 2,5 filhos por mulher

Honduras apresenta um perfil demográfico característico de países em fase intermediária da transição demográfica, com uma base populacional jovem e um crescimento vegetativo relativamente alto, embora em queda. A urbanização tem crescido rapidamente, com destaque para cidades como Tegucigalpa e San Pedro Sula, que concentram parte expressiva da população e da atividade econômica. No entanto, esse crescimento urbano tem sido marcado por desafios estruturais: habitação precária, violência urbana e acesso desigual aos serviços públicos.

A emigração é outro fator demográfico relevante. Milhares de hondurenhos deixam o país anualmente, principalmente em direção aos Estados Unidos e México, o que impacta o saldo populacional e gera efeitos indiretos sobre o mercado de trabalho, a demografia das regiões de origem e a economia, por meio das remessas.

Apesar das dificuldades econômicas e sociais, Honduras ainda desfruta de um bônus demográfico, com ampla população em idade ativa. Esse potencial pode ser mais bem aproveitado com políticas públicas voltadas à educação, geração de emprego, inovação tecnológica e redução das desigualdades territoriais.



5.2.6. NICARÁGUA



Área territorial: 130.375 km²

População estimada (2025): 7.300.000 habitantes

Densidade demográfica: 56 hab./km²

Taxa de natalidade: 19,3‰

Taxa de mortalidade: 5,3‰

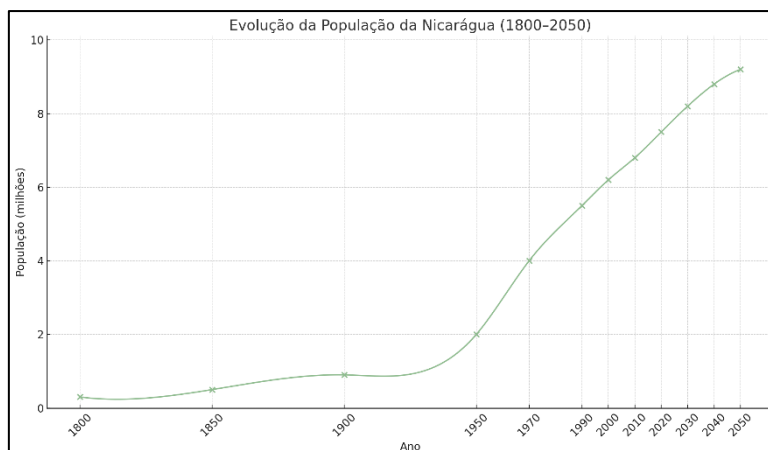
Expectativa de vida: 75,5 anos

Taxa de fertilidade: 2,2 filhos por mulher

A Nicarágua, segundo maior país em área da América Central, apresenta uma estrutura demográfica que reflete uma transição populacional em andamento. A taxa de fecundidade, que era superior a 6 filhos por mulher até os anos 1970, vem caindo de forma contínua nas últimas décadas, situando-se próxima ao nível de reposição atualmente.

Possui uma base populacional jovem, mas com crescimento moderado. As cidades de Manágua, León e Masaya concentram a maior parte da população urbana, enquanto as zonas rurais, principalmente na costa atlântica, enfrentam carência de infraestrutura e serviços básicos. Além do crescimento natural, a migração também influencia a demografia do país. Muitos nicaraguenses vivem nos Estados Unidos e na Costa Rica, o que contribui com remessas financeiras, mas também altera o perfil populacional interno.

A expectativa de vida elevada em relação a países com PIB semelhante reflete investimentos públicos em vacinação, atenção primária à saúde e campanhas de planejamento familiar. Contudo, desafios ligados à pobreza, instabilidade política e desastres naturais ainda limitam o aproveitamento pleno do bônus demográfico.



5.2.7. EL SALVADOR



Área territorial: 21.041 km²

População estimada (2025): 6.400.000 habitantes

Densidade demográfica: 304,1 hab./km²

Taxa de natalidade: 17,1‰

Taxa de mortalidade: 7,2‰

Expectativa de vida: 74,7 anos

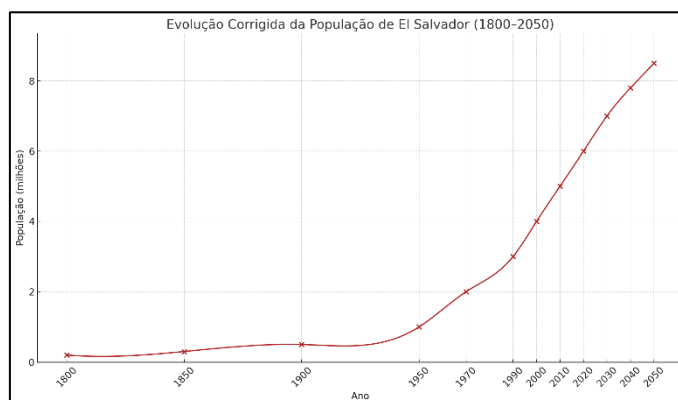
Taxa de fertilidade: 2,0 filhos por mulher

El Salvador é o país com a maior densidade demográfica da América Central, e sua estrutura populacional reflete uma fase avançada da transição demográfica. Após décadas de crescimento acelerado, a perspectiva é de leve declínio nas próximas décadas.

Essa estagnação se deve à expressiva queda da taxa de fecundidade e ao alto índice de emigração. Milhões de salvadorenhos vivem nos Estados Unidos, e as remessas enviadas ao país representam uma importante fonte de receita nacional. Esse êxodo populacional afeta diretamente a força de trabalho interna e a composição etária.

A urbanização é consolidada, com a capital, San Salvador, concentrando infraestrutura, empregos e população. No entanto, o crescimento desordenado das cidades tem gerado pressões sobre habitação, saneamento e segurança. As desigualdades entre áreas urbanas e rurais ainda persistem, especialmente no acesso à educação e à saúde.

Apesar dos desafios econômicos e sociais, El Salvador dispõe de um capital humano relativamente qualificado, com avanços nos índices de alfabetização e expectativa de vida. A valorização da juventude, o fomento à inovação e o combate à violência são fundamentais para aproveitar o potencial do país e reverter as tendências migratórias.



5.2.8. COSTA RICA



Área territorial: 51.100 km²

População estimada (2025): 5.200.000 habitantes

Densidade demográfica: 101,8 hab./km²

Taxa de natalidade: 14,1‰

Taxa de mortalidade: 6,7‰

Expectativa de vida: 80,0 anos

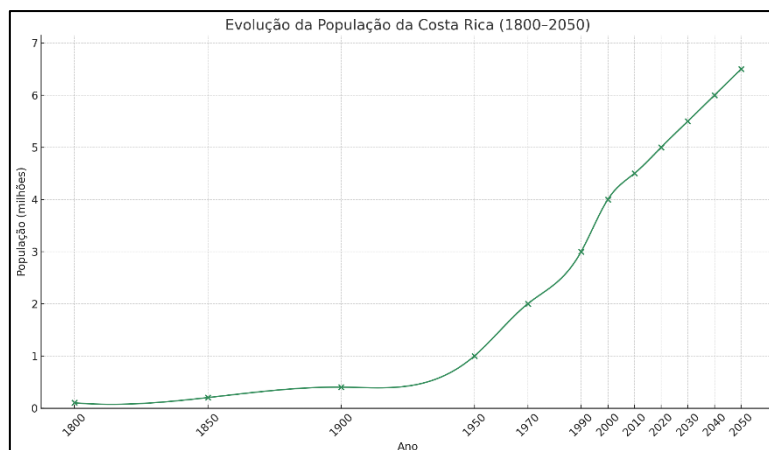
Taxa de fertilidade: 1,8 filhos por mulher

A Costa Rica é um dos países latino-americanos que mais rapidamente concluiu sua transição demográfica. Sua população se estabilizou após 2020 com baixas taxas de fecundidade e uma expectativa de vida elevada, comparável à de países desenvolvidos.

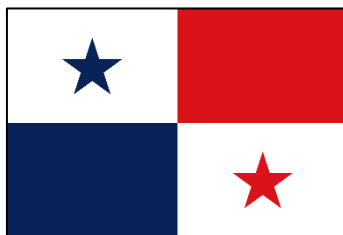
A estrutura etária mostra um perfil envelhecido, com crescente proporção de idosos. O crescimento natural desacelera e se aproxima de um ponto de equilíbrio. Do ponto de vista geográfico, a população se concentra no Vale Central, onde estão localizadas as principais cidades: San José, Alajuela, Heredia e Cartago. A urbanização é alta, mas controlada, graças a políticas públicas que priorizaram o planejamento.

A Costa Rica é reconhecida por seus investimentos em educação e saúde, pela ausência de forças armadas e por sua estabilidade democrática. Esses fatores contribuíram para o aumento da longevidade e para a queda da natalidade.

A maior longevidade e a redução da base jovem indicam a chegada do país à chamada “fase pós-bônus demográfico”, exigindo políticas voltadas ao envelhecimento ativo, à previdência e à requalificação da força de trabalho.



5.2.9. PANAMÁ



Área territorial: 75.417 km²

População estimada (2025): 4.900.000 habitantes

Densidade demográfica: 65 hab./km²

Taxa de natalidade: 17,6‰

Taxa de mortalidade: 5,8‰

Expectativa de vida: 78,4 anos

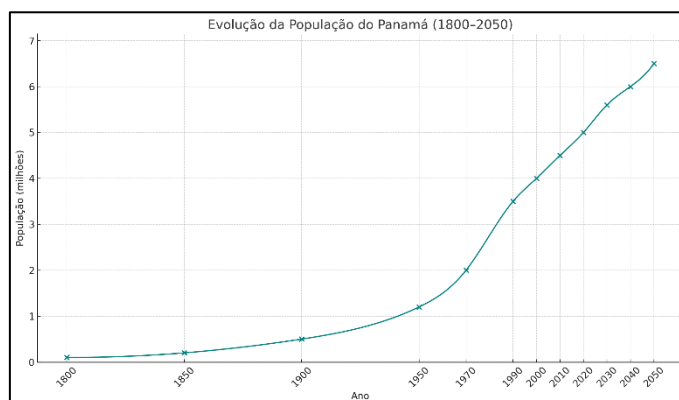
Taxa de fertilidade: 2,1 filhos por mulher

O Panamá é um dos países com maior dinamismo econômico da América Central, impulsionado pela atividade portuária e logística em torno do Canal do Panamá. Sua população cresce de forma moderada, sustentada por uma fecundidade próxima ao nível de reposição e por uma imigração significativa.

A estrutura etária revela um equilíbrio entre faixas jovens e adultas, com tendência à maturação nos próximos anos. O país possui uma elevada taxa de urbanização, com a Cidade do Panamá concentrando cerca de 40% da população total, gerando oportunidades econômicas e atenção à infraestrutura urbana, ao saneamento e à desigualdades sociais.

O sistema de saúde tem avançado em cobertura e expectativa de vida, e o país apresenta bons indicadores de escolaridade. No entanto, ainda persistem desigualdades regionais, especialmente nas zonas indígenas e rurais.

A posição geoestratégica do Panamá, aliada ao seu perfil demográfico representa uma vantagem para seu desenvolvimento sustentável. A gestão inteligente dos recursos do Canal, aliada ao investimento em qualificação profissional e inclusão social, poderá garantir ao país um futuro demográfico estável e economicamente promissor.



5.2.10. JAMAICA



Área territorial: 10.991 km²

População estimada (2025): 2.800.000 habitantes

Densidade demográfica: 254,7 hab./km²

Taxa de natalidade: 13,2‰

Taxa de mortalidade: 8,1‰

Expectativa de vida: 75,2 anos

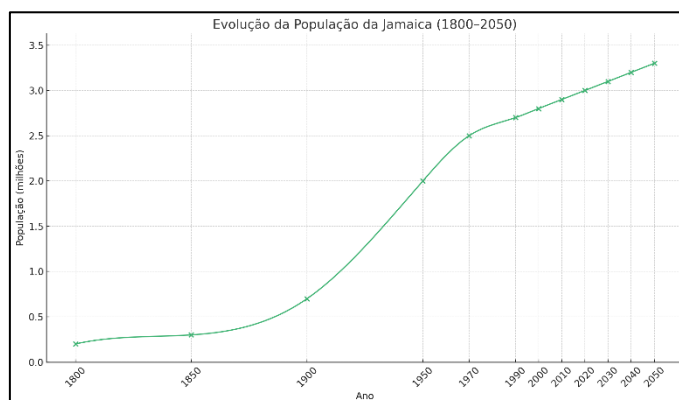
Taxa de fertilidade: 1,9 filhos por mulher

A Jamaica, uma das maiores ilhas do Caribe, apresenta uma população que se estabilizou, o país se encontra em uma fase avançada da transição demográfica, com baixas taxas de fecundidade e um crescimento populacional próximo de zero.

A estrutura etária revela uma proporção crescente de adultos e idosos, com redução significativa da população jovem. Esse fenômeno pode ser representado por curvas logísticas de crescimento e, futuramente, até de decréscimo populacional, especialmente se as tendências de baixa natalidade e emigração se mantiverem.

A emigração é um fator demográfico crucial: milhões de jamaicanos vivem fora do país, sobretudo nos Estados Unidos, Canadá e Reino Unido. Esse fluxo migratório tem impacto direto sobre a força de trabalho, a estrutura familiar e a economia.

A urbanização é alta, com a região metropolitana de Kingston concentrando parte significativa da população. No entanto, desafios sociais persistem, como desigualdade de renda, acesso desigual à educação e altos índices de violência em algumas áreas urbanas. Do ponto de vista da saúde e educação, a Jamaica apresenta bons indicadores em comparação a outros países caribenhos.



5.2.11. PORTO RICO



Área territorial: 9.104 km²

População estimada (2025): 3.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 329,5 hab./km²

Taxa de natalidade: 7,8‰

Taxa de mortalidade: 10,2‰

Expectativa de vida: 79,3 anos

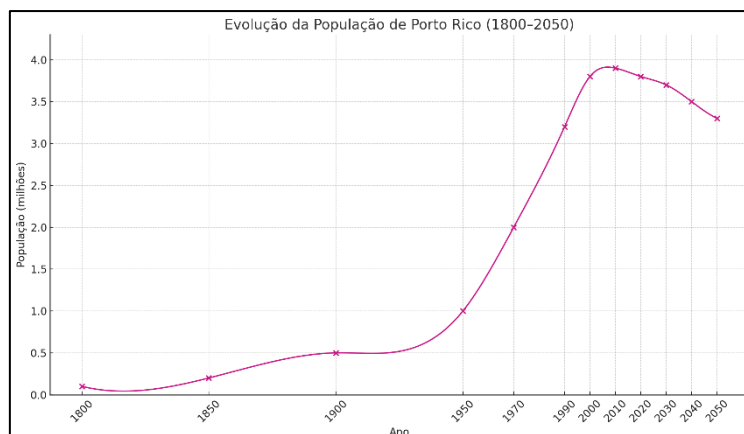
Taxa de fertilidade: 1,2 filhos por mulher

Porto Rico, território não incorporado dos Estados Unidos, apresenta uma das mais notáveis transições demográficas do continente americano. Após décadas de crescimento populacional, o arquipélago enfrenta uma tendência clara de declínio demográfico, causada por baixíssimas taxas de natalidade e um intenso processo migratório.

Porto Rico experimenta uma inversão do crescimento vegetativo, agravada pela migração em massa para os Estados Unidos continentais.

A estrutura etária é de redução da população jovem e crescimento expressivo dos grupos com mais de 60 anos, exigindo ajustes nos sistemas de previdência, saúde e mercado de trabalho, especialmente nas áreas urbanas como San Juan, Bayamón e Ponce.

Apesar de indicadores sociais relativamente elevados como alta expectativa de vida e bons níveis de alfabetização, Porto Rico enfrenta dificuldades econômicas crônicas, exacerbadas por dívidas públicas, desastres naturais e a limitação de sua autonomia política. A queda populacional tem impacto direto na economia local e nas receitas públicas, exigindo novas estratégias de desenvolvimento sustentável e retenção de talentos.



5.2.12. TRINIDAD & TOBAGO



Área territorial: 5.131 km²

População estimada (2025): 1.380.000 habitantes

Densidade demográfica: 269,0 hab./km²

Taxa de natalidade: 10,4‰

Taxa de mortalidade: 8,9‰

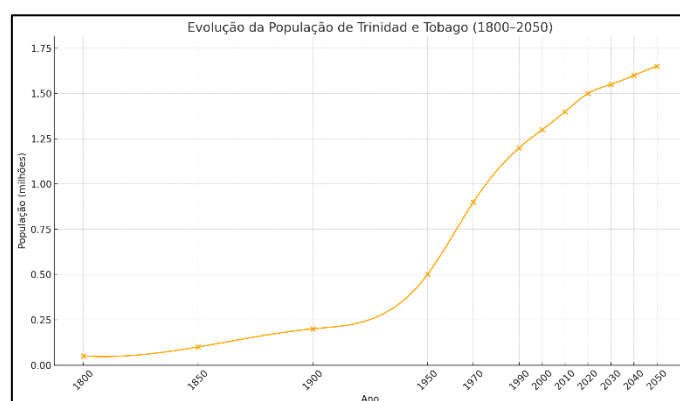
Expectativa de vida: 76,7 anos

Taxa de fertilidade: 1,6 filhos por mulher

Trinidad e Tobago, arquipélago localizado na extremidade sul do Caribe, destaca-se por sua economia baseada em petróleo e gás natural. No entanto, sua trajetória demográfica revela um processo de estabilização populacional. O país mostra sinais de estagnação demográfica. A taxa de fertilidade já está bem abaixo do nível de reposição, e o saldo migratório é negativo, com muitos cidadãos buscando oportunidades no exterior, especialmente nos Estados Unidos, Reino Unido e Canadá.

O padrão etário vem se alterando rapidamente, com aumento da proporção de adultos e idosos. Isso demanda políticas públicas voltadas à previdência, ao envelhecimento ativo e à sustentabilidade dos serviços de saúde. A maior parte da população está concentrada nas ilhas de Trinidad, em áreas urbanas como Porto de Espanha (Port of Spain), San Fernando e Chaguanas.

A estabilidade política, aliada a bons índices educacionais e expectativa de vida relativamente alta, cria um ambiente favorável à adaptação às novas condições demográficas. Para isso, será fundamental diversificar a economia, fortalecer o sistema de proteção social e desenvolver estratégias de retenção de população jovem e qualificada.



5.2.13. GUADALUPE



Área territorial: 1.628 km²

População estimada (2025): 390.000 habitantes

Densidade demográfica: 239,5 hab./km²

Taxa de natalidade: 11,1‰

Taxa de mortalidade: 9,4‰

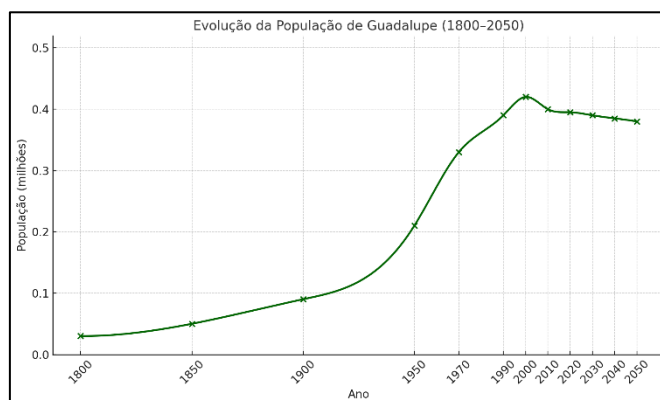
Expectativa de vida: 81,6 anos

Taxa de fertilidade: 1,6 filhos por mulher

Guadelupe, departamento ultramarino francês localizado no Caribe, apresenta uma estrutura demográfica semelhante à de países europeus. A população do arquipélago entrou em fase de declínio, resultado da combinação entre baixa fecundidade, emigração e envelhecimento populacional. A estrutura etária está fortemente inclinada para os grupos adultos e idosos, com a base da pirâmide cada vez mais estreita. Esse fenômeno pode ser descrito por modelos de estabilização e retração populacional.

Boa parte da população vive nas ilhas de Grande-Terre e Basse-Terre, com urbanização moderada e padrão de vida relativamente elevado em comparação a outros países caribenhos. Isso se deve ao vínculo com a França.

Apesar dos avanços em saúde e educação, a economia local enfrenta limitações estruturais, com forte dependência do funcionalismo público, do turismo e das transferências da metrópole. Os jovens frequentemente migram para a França em busca de estudo e trabalho, o que agrava o envelhecimento e dinamismo demográfico. Diante desse cenário, os desafios de Guadelupe concentram-se em criar estratégias para retenção da população jovem e sustentabilidade do sistema de saúde e previdência.



5.2.14. BELIZE



Área territorial: 22.966 km²

População estimada (2025): 500.000 habitantes

Densidade demográfica: 21,8 hab./km²

Taxa de natalidade: 21,7‰

Taxa de mortalidade: 4,8‰

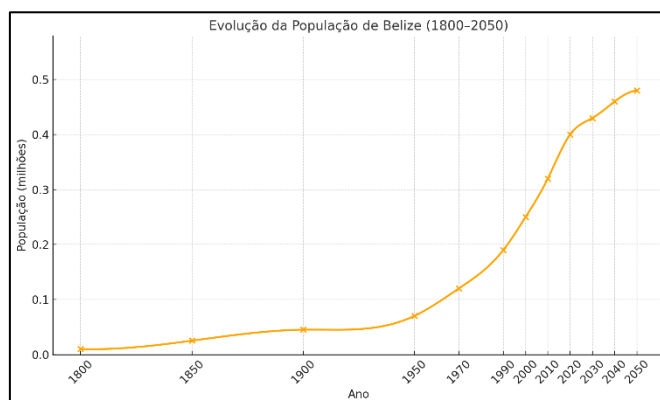
Expectativa de vida: 75,1 anos

Taxa de fertilidade: 2,4 filhos por mulher

Belize, o menor país da América Central em população, apresenta uma das mais baixas densidades demográficas do continente. Sua população possui uma taxa de crescimento moderada sustentada pela fecundidade ainda acima do nível de reposição e por fluxos migratórios internos e externos.

Com uma estrutura etária ainda predominantemente jovem, Belize encontra-se em fase intermediária da transição demográfica. A população está distribuída de forma desigual, concentrando-se nas cidades de Belize City, Belmopan e nas regiões costeiras e fronteiriças. A urbanização, embora crescente, ainda convive com extensas áreas rurais e florestadas.

Belize é marcada por sua diversidade étnica e cultural, incluindo grupos mestiços, indígenas, afrodescendentes e descendentes de europeus. Essa diversidade se reflete na composição linguística e nas políticas públicas, que buscam equilibrar inclusão e desenvolvimento sustentável. A economia é baseada principalmente em turismo, agricultura e serviços. O país tem buscado estratégias para fortalecer sua resiliência econômica e ambiental, dada sua vulnerabilidade a eventos climáticos como furacões e enchentes.



5.2.15. BAHAMAS



Área territorial: 22.966 km²

População estimada (2025): 500.000 habitantes

Densidade demográfica: 21,8 hab./km²

Taxa de natalidade: 21,7‰

Taxa de mortalidade: 4,8‰

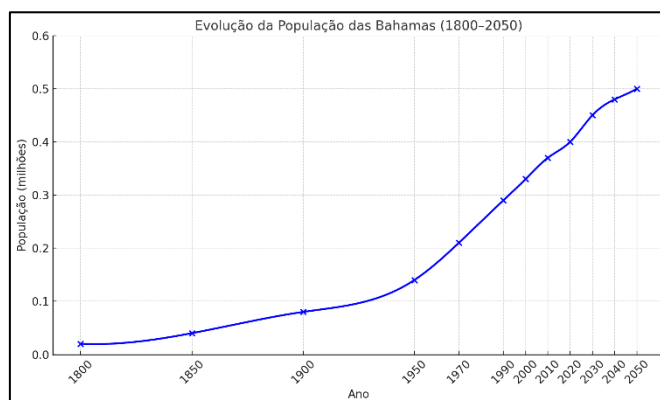
Expectativa de vida: 75,1 anos

Taxa de fertilidade: 2,4 filhos por mulher

As Bahamas, um arquipélago localizado no Oceano Atlântico, apresentam baixa densidade demográfica e uma população concentrada principalmente nas ilhas de New Providence e Grand Bahamas. Sua taxa de crescimento populacional moderada é sustentada por uma fertilidade levemente acima do nível de reposição.

A estrutura etária ainda revela uma proporção significativa de jovens, a expectativa de vida elevada indica melhorias nas condições de saúde. A urbanização é alta, com forte presença de infraestrutura urbana nas principais ilhas, contrastando com áreas menos povoadas nas ilhas menores do arquipélago. Destacam-se por sua diversidade cultural, com uma população majoritariamente afrodescendente, além de influências europeias e indígenas. Essa diversidade molda a identidade nacional e está presente nas expressões culturais, linguísticas e nas políticas públicas voltadas à inclusão social.

A economia é fortemente dependente do turismo, além de setores como finanças e serviços. No entanto, o país enfrenta desafios ligados à vulnerabilidade climática, especialmente furacões e a elevação do nível do mar, o que tem levado ao desenvolvimento de estratégias voltadas à resiliência ambiental e econômica.



5.2.16. MARTINICA



Área territorial: 1.128 km²

População estimada (2025): 360.000 habitantes

Densidade demográfica: 319 hab./km²

Taxa de natalidade: 11,1‰

Taxa de mortalidade: 9,5‰

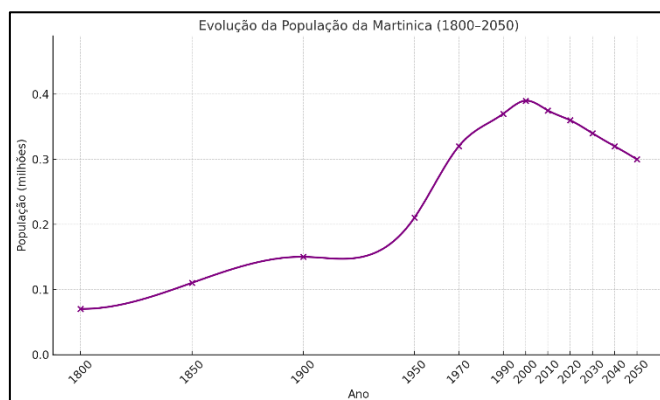
Expectativa de vida: 81,5 anos

Taxa de fertilidade: 1,8 filhos por mulher

Martinica, um departamento ultramarino francês localizado no Caribe, possui uma das maiores densidades demográficas da região. Com uma população envelhecida, a ilha apresenta uma taxa de crescimento próxima à estagnação, resultado da baixa fecundidade, da emigração de jovens e do aumento da longevidade.

A estrutura etária é marcada pelo envelhecimento populacional, reflexo da transição demográfica avançada. A urbanização é predominante, com destaque para a capital Fort-de-France onde se concentram os serviços, o comércio e a infraestrutura.

A sociedade martinicana é composta majoritariamente por afrodescendentes, além de mestiços e minorias de origem europeia e indiana. A cultura é fortemente influenciada pela herança africana e francesa, manifestando-se na música, culinária, língua e tradições religiosas. A economia local depende fortemente de repasses do governo francês, além dos setores de serviços, turismo e agricultura, com destaque para a produção de banana e rum. A ilha enfrenta desafios relacionados ao desemprego, à dependência econômica e à vulnerabilidade a desastres naturais, como furacões e atividade vulcânica, exigindo políticas públicas focadas em sustentabilidade e desenvolvimento regional equilibrado.



5.2.17. BARBADOS



Área territorial: 430 km²

População estimada (2025): 280.000 habitantes

Densidade demográfica: 651 hab./km²

Taxa de natalidade: 12,0‰

Taxa de mortalidade: 8,6‰

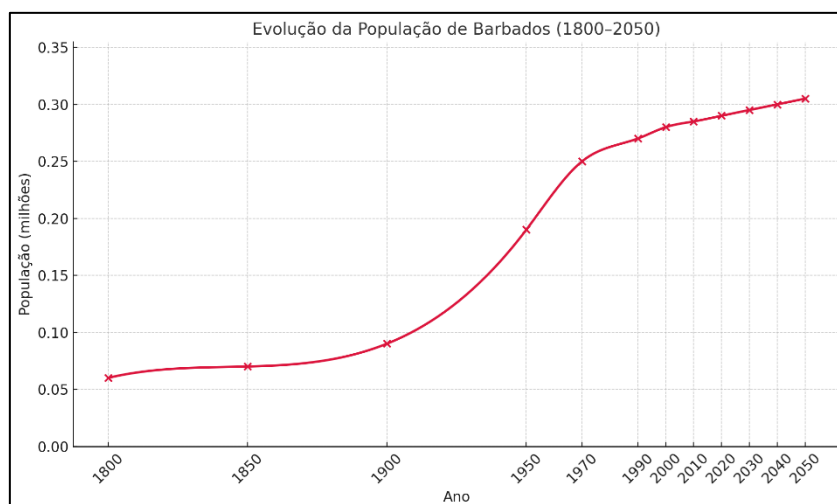
Expectativa de vida: 79,4 anos

Taxa de fertilidade: 1,7 filhos por mulher

Barbados, uma das nações insulares mais densamente povoadas do Caribe, apresenta população estável com baixo crescimento, reflexo da baixa fecundidade e de significativa emigração, especialmente de jovens.

A estrutura etária revela envelhecimento progressivo, típico de países em fase avançada da transição demográfica, com elevada expectativa de vida e boa cobertura de saúde. A população é altamente urbanizada, com destaque para Bridgetown e sua região metropolitana.

A composição étnica é majoritariamente afrodescendente, com presença cultural marcante de tradições africanas e britânicas, refletidas na língua, religião e costumes. A economia baseia-se nos serviços, especialmente turismo, finanças e ensino superior. Barbados tem buscado diversificar sua economia e investir em sustentabilidade, diante dos desafios climáticos e da limitação territorial, priorizando políticas públicas voltadas à inovação e à resiliência socioeconômica.



5.2.18. SANTA LÚCIA



Área territorial: 616 km²

População estimada (2025): 180.000 habitantes

Densidade demográfica: 292 hab./km²

Taxa de natalidade: 13,5‰

Taxa de mortalidade: 7,4‰

Expectativa de vida: 77,2 anos

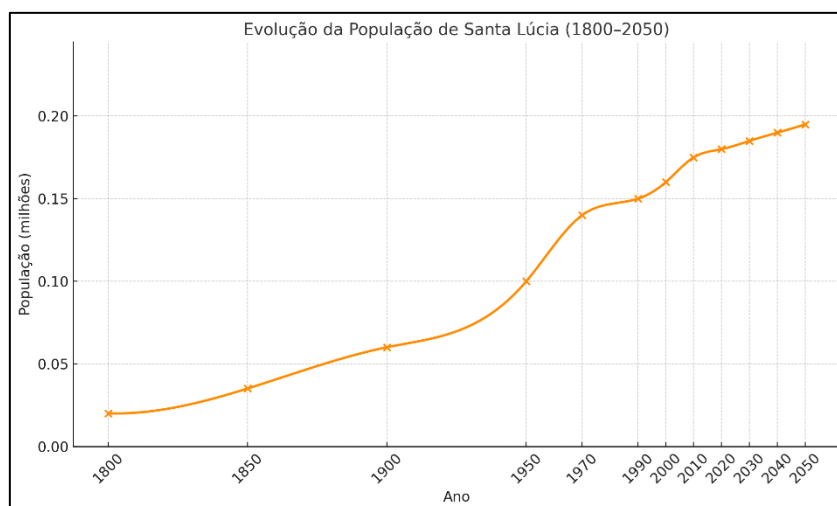
Taxa de fertilidade: 1,9 filhos por mulher

Santa Lúcia, pequena ilha montanhosa do Caribe Oriental, possui densidade demográfica elevada e população majoritariamente urbana, concentrada nas regiões costeiras e na capital, Castries.

Com crescimento populacional reduzido, o país está em fase avançada da transição demográfica, caracterizada pela queda na fecundidade e aumento da longevidade, o que resulta em progressivo envelhecimento da população.

A sociedade santa-lucense é predominantemente afrodescendente, com fortes influências culturais britânicas e africanas presentes na língua, religião e festividades. O inglês é o idioma oficial, mas o crioulo (patois) é amplamente falado.

A economia é voltada para o turismo, serviços e agricultura, especialmente a produção de bananas, enfrentando desafios de diversificação e sustentabilidade. Santa Lúcia também está vulnerável a eventos climáticos extremos, o que reforça a importância de estratégias voltadas à adaptação e resiliência ambiental.



5.2.19. CURAÇÃO



Área territorial: 444 km²

População estimada (2025): 150.000 habitantes

Densidade demográfica: 338 hab./km²

Taxa de natalidade: 11,4‰

Taxa de mortalidade: 8,9‰

Expectativa de vida: 78,0 anos

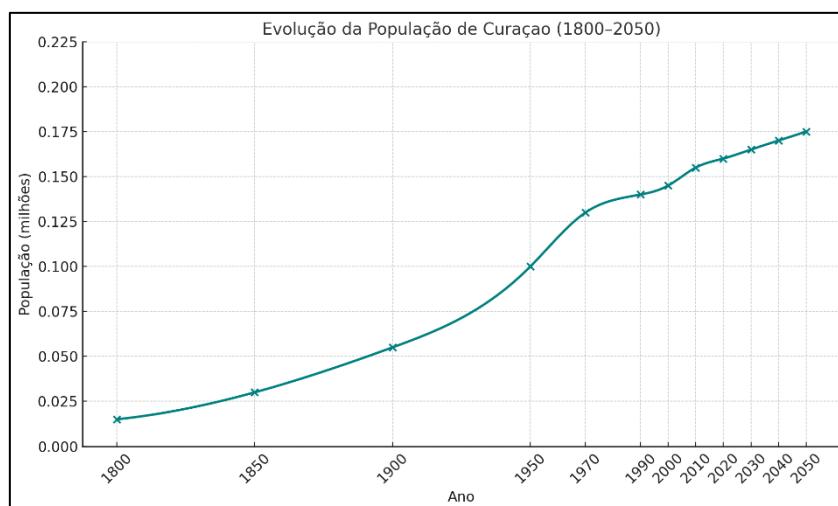
Taxa de fertilidade: 1,8 filhos por mulher

Curaçao, território autônomo do Reino dos Países Baixos no sul do Caribe, possui elevada densidade demográfica e população fortemente urbanizada, com destaque para a capital Willemstad.

A ilha apresenta crescimento populacional baixo e estrutura etária em processo de envelhecimento, típica de sociedades com transição demográfica avançada e boas condições de saúde pública.

A população é diversa, com predominância afrodescendente e influências europeias, latino-americanas e caribenhas, refletidas na cultura multilíngue com o papiamento, o neerlandês, o inglês e o espanhol como idiomas comuns.

A economia baseia-se em serviços, especialmente turismo, logística portuária e finanças, mas enfrenta desafios como desemprego e dependência externa. A vulnerabilidade climática impulsiona ações voltadas à sustentabilidade e à resiliência territorial.



5.2.20. GRANADA



Área territorial: 344 km²

População estimada (2025): 125.000 habitantes

Densidade demográfica: 363 hab./km²

Taxa de natalidade: 13,2‰

Taxa de mortalidade: 7,5‰

Expectativa de vida: 75,8 anos

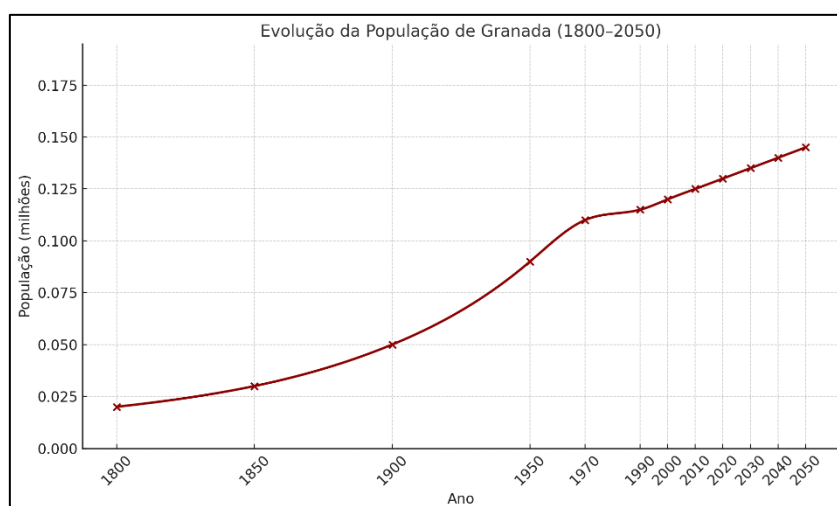
Taxa de fertilidade: 1,9 filhos por mulher

Granada, conhecida como a “Ilha das Especiarias”, é uma pequena nação caribenha com alta densidade demográfica e população concentrada nas áreas costeiras e urbanas, especialmente na capital St. George’s.

O país está em fase avançada da transição demográfica, com crescimento populacional moderado e tendência ao envelhecimento, impulsionado pela queda da fecundidade e melhora nos indicadores de saúde.

A população é majoritariamente afrodescendente, com forte herança cultural africana e britânica, visível na religião, na música e na língua oficial, o inglês, além do crioulo local falado informalmente.

A economia de Granada é baseada no turismo, agricultura e serviços, com destaque para a produção de noz-moscada. Contudo, o país busca reduzir sua vulnerabilidade econômica e climática, investindo em resiliência e desenvolvimento sustentável.



5.2.21. ARUBA



Área territorial: 180 km²

População estimada (2025): 110.000 habitantes

Densidade demográfica: 611 hab./km²

Taxa de natalidade: 10,9‰

Taxa de mortalidade: 8,2‰

Expectativa de vida: 78,6 anos

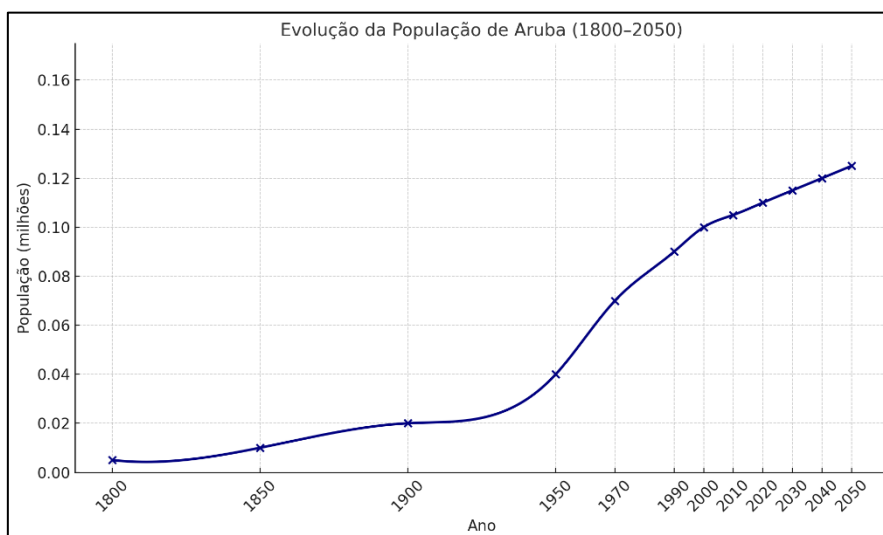
Taxa de fertilidade: 1,7 filhos por mulher

Aruba, território autônomo do Reino dos Países Baixos localizado no sul do Caribe, apresenta uma das maiores densidades demográficas da região, com população altamente urbanizada, concentrada em Oranjestad e suas proximidades.

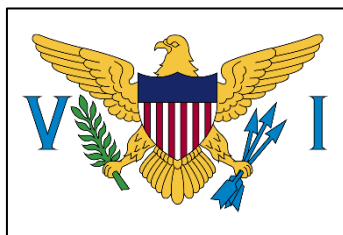
A ilha está em estágio avançado da transição demográfica, com baixo crescimento populacional, baixa taxa de fecundidade e expectativa de vida elevada, o que revela uma estrutura etária em envelhecimento.

Sua população é etnicamente diversa, com influências indígenas, africanas, europeias e latino-americanas. O papiamento, o neerlandês, o espanhol e o inglês são amplamente utilizados no cotidiano e nas instituições.

A economia é fortemente dependente do turismo e dos serviços, com estabilidade relativa, mas também enfrenta desafios relacionados à limitação territorial e à vulnerabilidade ambiental, especialmente a secas e furacões.



5.2.22. ILHAS VIRGENS AMERICANAS



Área territorial: 347 km²

População estimada (2025): 85.000 habitantes

Densidade demográfica: 245 hab./km²

Taxa de natalidade: 10,5‰

Taxa de mortalidade: 9,0‰

Expectativa de vida: 78,1 anos

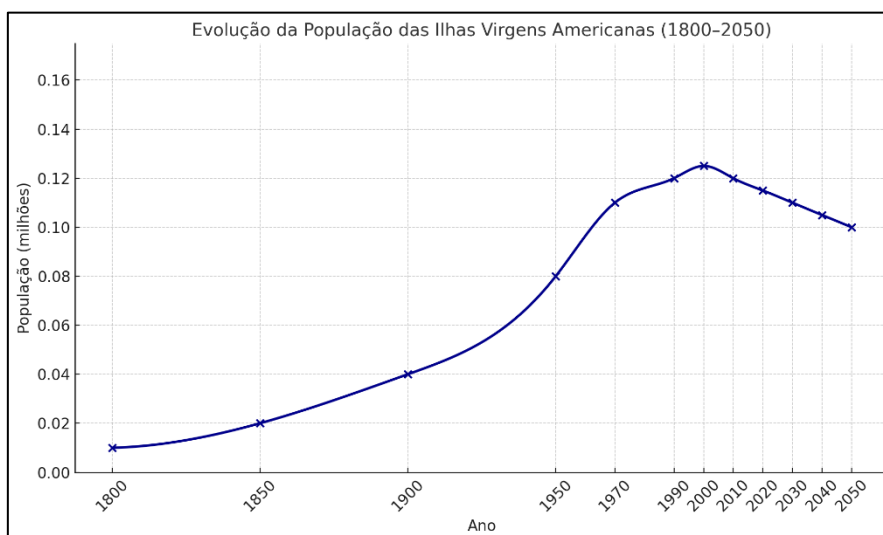
Taxa de fertilidade: 1,6 filhos por mulher

As Ilhas Virgens Americanas, território não incorporado dos Estados Unidos no Caribe, possuem população urbana concentrada nas principais ilhas: Saint Thomas, Saint Croix e Saint John, com destaque para Charlotte Amalie como centro administrativo.

Com crescimento populacional próximo à estagnação, o território apresenta estrutura etária em envelhecimento, reflexo da baixa fecundidade, da migração de jovens e da boa cobertura dos serviços de saúde.

A população é majoritariamente afrodescendente, com presença também de latino-americanos e europeus. A influência cultural estadunidense é marcante, mas coexistem elementos afro-caribenhos e tradições locais.

A economia é baseada no turismo, no comércio e em serviços governamentais, mas enfrenta desafios como vulnerabilidade a furacões, alta dependência externa e desigualdades sociais, exigindo políticas de resiliência e desenvolvimento inclusivo.



5.2.23. SÃO VICENTE E GRANADINAS



Área territorial: 389 km²

População estimada (2025): 105.000 habitantes

Densidade demográfica: 270 hab./km²

Taxa de natalidade: 14,0‰

Taxa de mortalidade: 7,3‰

Expectativa de vida: 75,6 anos

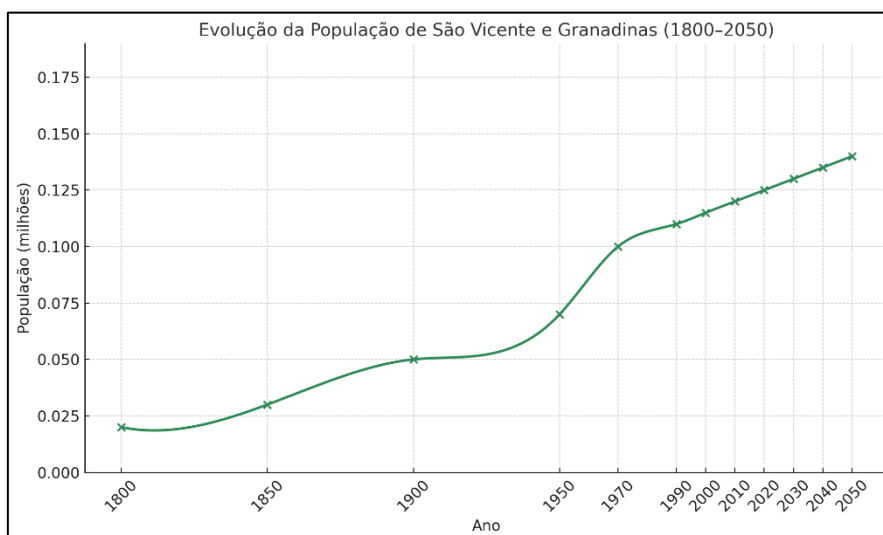
Taxa de fertilidade: 1,9 filhos por mulher

São Vicente e Granadinas, pequeno arquipélago do Caribe Oriental, apresenta densidade populacional elevada e população distribuída entre a ilha principal (São Vicente) e pequenas ilhas ao sul, com destaque para Kingstown, a capital.

O país vive uma fase avançada da transição demográfica, com crescimento populacional lento, fertilidade abaixo do nível de reposição e melhoria nos indicadores de saúde, o que conduz ao envelhecimento progressivo da população.

A sociedade é predominantemente afrodescendente, com influências indígenas e coloniais britânicas, refletidas na língua oficial (inglês), na religião e nas práticas culturais locais.

A economia depende do turismo, da agricultura (especialmente banana) e de remessas externas, mas enfrenta desafios como vulnerabilidade a desastres naturais e necessidade de diversificação econômica para garantir sustentabilidade a longo prazo.



5.2.24. ANTÍGUA & BARBUDA



Área territorial: 442 km²

População estimada (2025): 100.000 habitantes

Densidade demográfica: 227 hab./km²

Taxa de natalidade: 15,2‰

Taxa de mortalidade: 6,7‰

Expectativa de vida: 78 anos

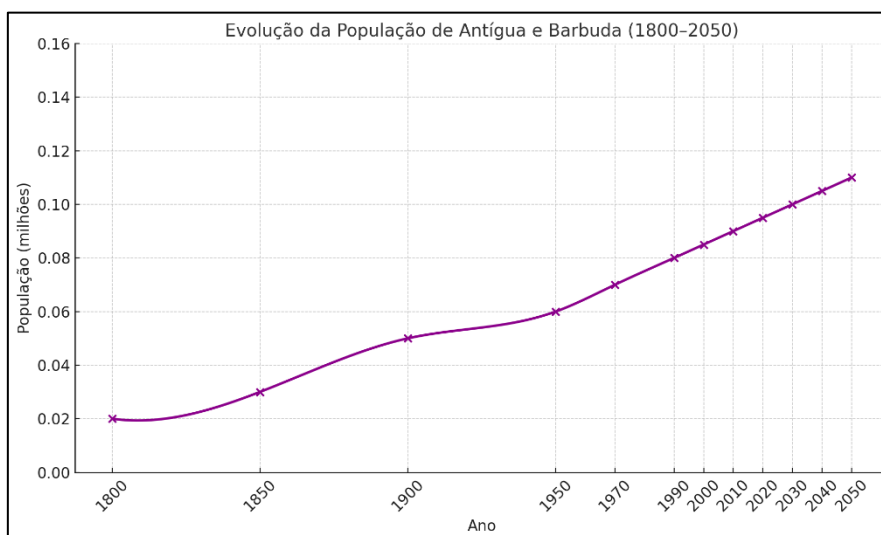
Taxa de fertilidade: 2,0 filhos por mulher

Antígua e Barbuda, pequeno Estado insular do Caribe, possui população concentrada na ilha de Antígua, onde se localiza a capital St. John's, enquanto Barbuda é menos habitada e marcada por áreas naturais preservadas.

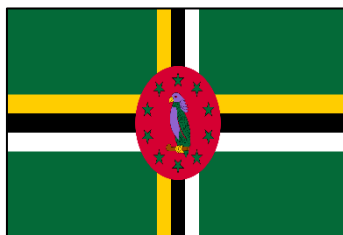
Com crescimento populacional moderado e expectativa de vida elevada, o país se encontra em transição demográfica avançada, combinando queda na fecundidade com melhora nos indicadores de saúde e urbanização.

A população é majoritariamente afrodescendente, com forte herança cultural africana e britânica, presente na língua inglesa, na religião e nas manifestações populares, como a música e os festivais.

A economia é voltada principalmente para o turismo, que representa grande parte do PIB, além de serviços e pequenas atividades agrícolas. A vulnerabilidade climática, especialmente a furacões, exige estratégias de adaptação e desenvolvimento sustentável.



5.2.25. DOMINICA



Área territorial: 751 km²

População estimada (2025): 70.000 habitantes

Densidade demográfica: 93,2 hab./km²

Taxa de natalidade: 13,7‰

Taxa de mortalidade: 7,6‰

Expectativa de vida: 76,4 anos

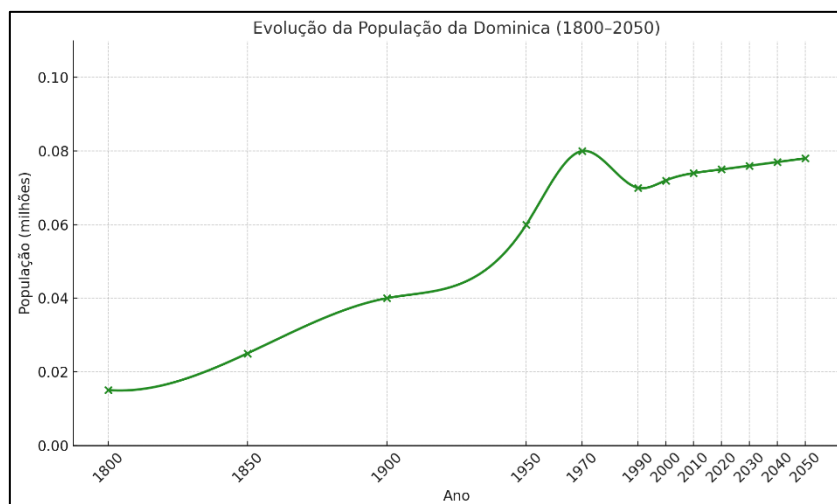
Taxa de fertilidade: 2,0 filhos por mulher

Dominica, conhecida como a “Ilha Natureza do Caribe”, possui relevo montanhoso e florestas tropicais preservadas, o que limita a ocupação humana e resulta em densidade demográfica moderada, com população concentrada na capital Roseau e áreas costeiras.

A ilha atravessa fase intermediária da transição demográfica, com taxa de fecundidade próxima ao nível de reposição e expectativa de vida relativamente elevada, refletindo melhorias nas condições de saúde e educação.

A população é predominantemente afrodescendente, com presença de uma pequena comunidade indígena caribe (os Kalinago), cuja cultura e território são reconhecidos oficialmente no país.

A economia depende de agricultura, turismo ecológico e serviços, com foco crescente em sustentabilidade e energia limpa. Dominica é particularmente vulnerável a desastres naturais, como furacões, o que impulsiona políticas de resiliência ambiental e reconstrução verde.



5.2.26. ILHAS CAYMAN



Área territorial: 264 km²

População estimada (2025): 70.000 habitantes

Densidade demográfica: 265 hab./km²

Taxa de natalidade: 12,1‰

Taxa de mortalidade: 5,2‰

Expectativa de vida: 80 anos

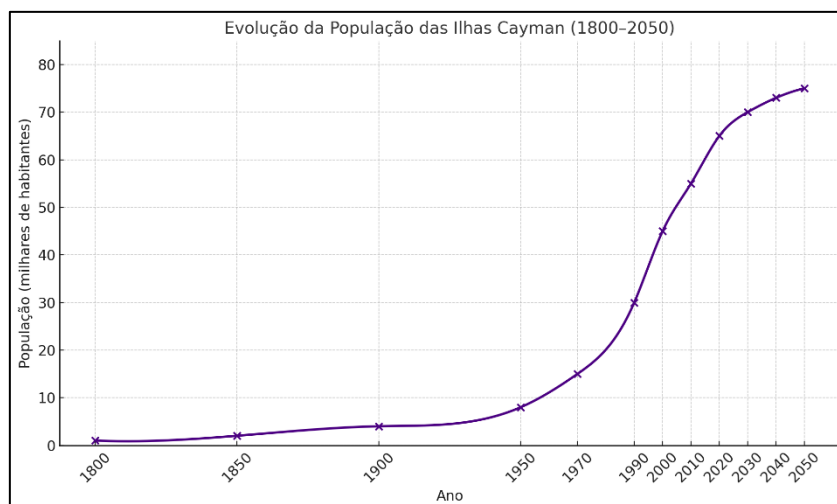
Taxa de fertilidade: 1,8 filhos por mulher

As Ilhas Cayman, território britânico ultramarino localizado no Caribe ocidental, apresentam alta densidade demográfica e população concentrada principalmente na ilha de Grand Cayman, onde está a capital George Town.

Com uma economia desenvolvida e bons indicadores sociais, o arquipélago está em fase avançada da transição demográfica, marcada por baixa fecundidade, alta expectativa de vida e imigração significativa, que sustenta parte do crescimento populacional.

A população é etnicamente diversa, com maioria afrodescendente e presença de europeus, latino-americanos e asiáticos, o que contribui para um ambiente culturalmente plural e multilíngue, ainda que o inglês seja a língua oficial.

A economia é fortemente voltada para os setores financeiro e turístico, sendo um dos principais centros offshore do mundo. Apesar da estabilidade, enfrenta desafios ligados à dependência externa e à proteção ambiental frente à urbanização crescente.



5.2.27. SÃO CRISTÓVÃO & NÉVIS



Área territorial: 261 km²

População estimada (2025): 55.000 habitantes

Densidade demográfica: 211 hab./km²

Taxa de natalidade: 13,1‰

Taxa de mortalidade: 8,4‰

Expectativa de vida: 76,9 anos

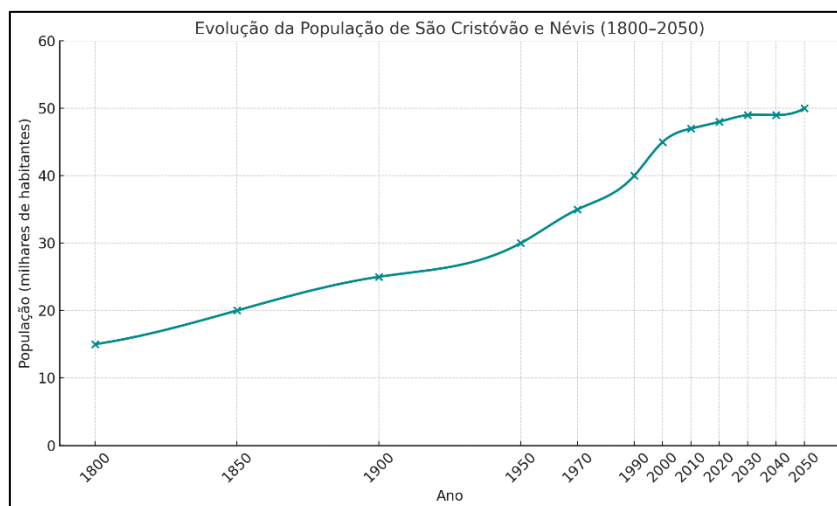
Taxa de fertilidade: 1,9 filhos por mulher

São Cristóvão e Névis, o menor país independente das Américas em área e população, é formado por duas ilhas vulcânicas com relevo montanhoso e densidade populacional elevada, especialmente em Basseterre e seus arredores.

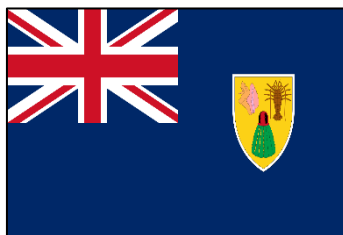
A nação encontra-se em estágio avançado da transição demográfica, com baixa taxa de fecundidade, melhoria nos indicadores de saúde e expectativa de vida elevada, fatores que contribuem para o envelhecimento populacional gradual.

A população é majoritariamente afrodescendente, com influências culturais britânicas visíveis na língua oficial, no sistema jurídico e nas instituições políticas, além de tradições populares locais marcantes.

A economia é baseada em turismo, serviços financeiros e programas de cidadania por investimento, buscando reduzir a dependência do setor açucareiro, historicamente predominante. Como outras ilhas caribenhas, enfrenta riscos ambientais que exigem políticas de adaptação e sustentabilidade.



5.2.28. ILHAS TURKS & CAICOS



Área territorial: 948 km²

População estimada (2025): 45.000 habitantes

Densidade demográfica: 47,5 hab./km²

Taxa de natalidade: 16,0‰

Taxa de mortalidade: 5,9‰

Expectativa de vida: 80,1 anos

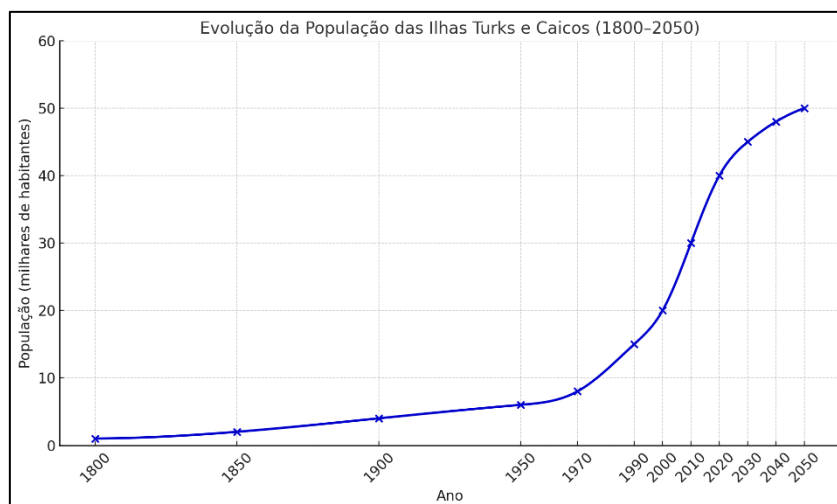
Taxa de fertilidade: 2,1 filhos por mulher

As Ilhas Turks e Caicos, território britânico ultramarino localizado no Atlântico norte, apresentam baixa densidade populacional e população concentrada nas ilhas de Providenciales e Grand Turk, onde está a capital Cockburn Town.

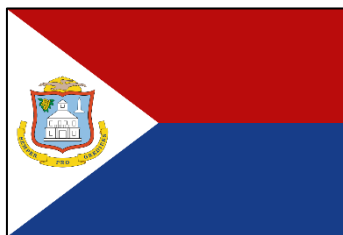
Com crescimento populacional moderado, impulsionado por migração e fecundidade próxima ao nível de reposição, o arquipélago está em estágio intermediário da transição demográfica, com bons indicadores de saúde e qualidade de vida.

A sociedade é multiétnica, com predominância afrodescendente e presença de expatriados europeus e norte-americanos. O inglês é o idioma oficial, e o território mantém forte vínculo cultural com o Caribe anglófono.

A economia é baseada principalmente no turismo de luxo e nos serviços financeiros offshore, com infraestrutura moderna em expansão. Apesar da estabilidade econômica, a vulnerabilidade ambiental, especialmente a furacões, exige investimentos contínuos em resiliência e planejamento territorial.



5.2.29. SINT MAARTEN (PAÍSES BAIXOS)



Área territorial: 34 km²

População estimada (2025): 43.000 habitantes

Densidade demográfica: 1.265 hab./km²

Taxa de natalidade: 12,4‰

Taxa de mortalidade: 5,5‰

Expectativa de vida: 79,3 anos

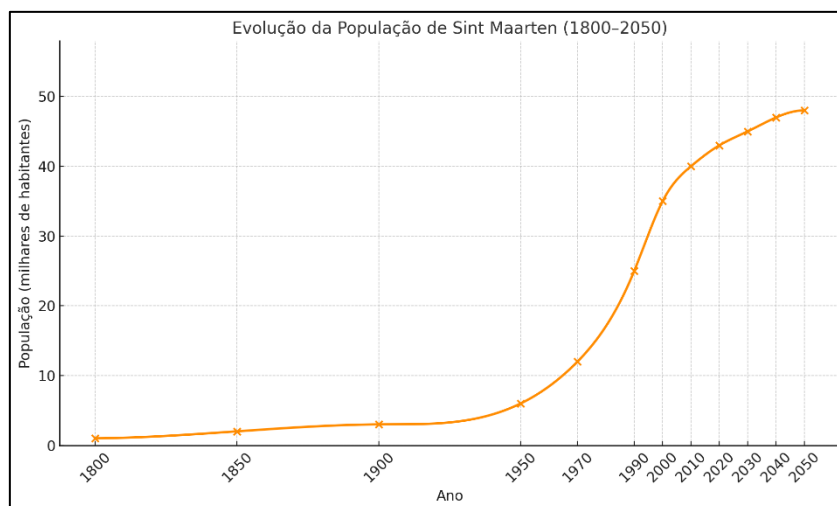
Taxa de fertilidade: 1,8 filhos por mulher

Sint Maarten, território autônomo do Reino dos Países Baixos, ocupa a parte sul da ilha de São Martinho, no Caribe, e apresenta uma das mais altas densidades demográficas da região, com população fortemente urbanizada em Philipsburg e áreas costeiras.

A ilha está em fase avançada da transição demográfica, com crescimento populacional contido, baixa fecundidade e expectativa de vida elevada, sendo também marcada por fluxos migratórios constantes vindos de outras ilhas caribenhas.

A população é multicultural, com predomínio afrodescendente e presença significativa de imigrantes latinos e asiáticos. O inglês é amplamente falado, apesar do neerlandês ser o idioma oficial, e o ambiente linguístico é fortemente internacionalizado.

A economia é fortemente baseada no turismo, no comércio e em serviços, com destaque para o porto e o aeroporto internacional. A infraestrutura, porém, é constantemente desafiada por eventos climáticos severos, como furacões, exigindo estratégias de reconstrução resiliente.



5.2.30. SAINT MARTIN (FRANÇA)



Área territorial: 54 km²

População estimada (2025): 33.000 habitantes

Densidade demográfica: 611 hab./km²

Taxa de natalidade: 13,3‰

Taxa de mortalidade: 6,0‰

Expectativa de vida: 80,0 anos

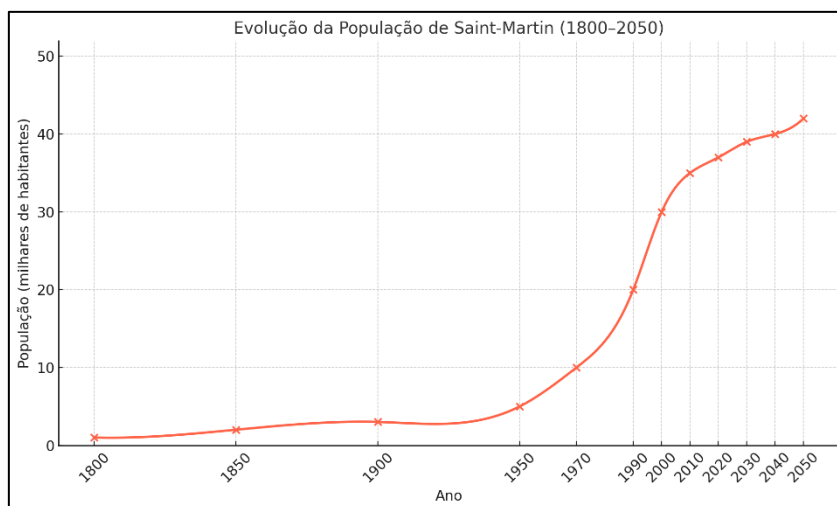
Taxa de fertilidade: 1,9 filhos por mulher

Saint Martin, coletividade ultramarina da França situada no norte da ilha de São Martinho, é marcada por alta densidade populacional e forte urbanização, com concentração em Marigot e nas zonas costeiras voltadas ao turismo.

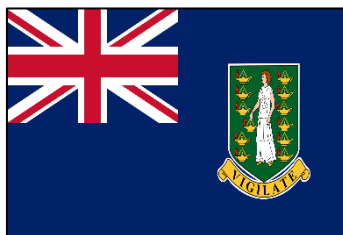
A população apresenta crescimento moderado, impulsionado por migração regional e fecundidade próxima ao nível de reposição. O território encontra-se em fase avançada da transição demográfica, com expectativa de vida elevada e bons indicadores sociais.

A sociedade é multiétnica e multilíngue, com predominância afrodescendente e presença de europeus, caribenhos e latino-americanos. O francês é a língua oficial, mas o inglês e o crioulo também são amplamente falados.

A economia gira em torno do turismo, comércio e serviços, sendo fortemente integrada à parte holandesa da ilha (Sint Maarten). A dependência do setor turístico torna o território vulnerável a eventos climáticos extremos, exigindo políticas voltadas à reconstrução resiliente e à diversificação econômica.



5.2.31. ILHAS VIRGENS BRITÂNICAS



Área territorial: 151 km²

População estimada (2025): 32.000 habitantes

Densidade demográfica: 212 hab./km²

Taxa de natalidade: 11,6‰

Taxa de mortalidade: 6,1‰

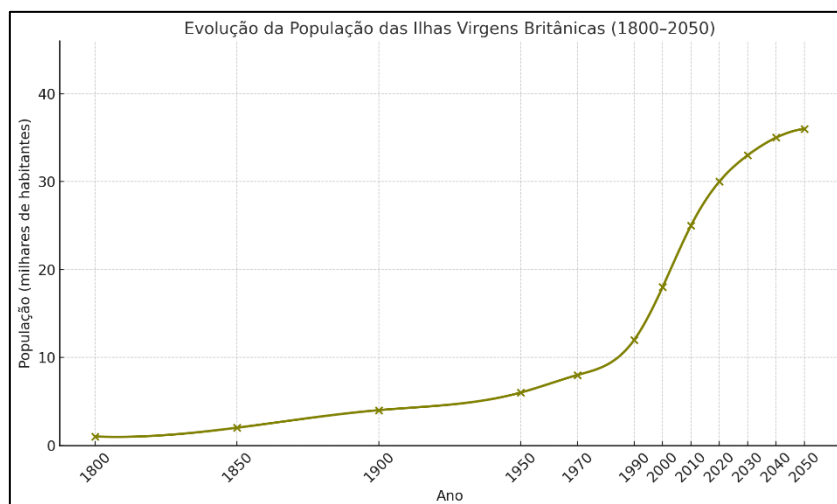
Expectativa de vida: 79,6 anos

Taxa de fertilidade: 1,8 filhos por mulher

As Ilhas Virgens Britânicas, território britânico ultramarino localizado no nordeste do Caribe, possuem população concentrada em Tortola, onde se encontra a capital Road Town, além de presença humana menor nas ilhas de Virgin Gorda, Anegada e Jost Van Dyke.

Com fecundidade abaixo do nível de reposição e alta expectativa de vida, o território encontra-se em transição demográfica avançada, mantendo crescimento populacional moderado graças à migração externa e à boa infraestrutura de saúde. A população é majoritariamente afrodescendente, com influências britânicas evidentes nas instituições, no idioma oficial (inglês) e na organização jurídica e administrativa do território.

A economia é baseada principalmente em finanças offshore e turismo náutico, sendo um dos principais centros mundiais de registro de empresas. Apesar da prosperidade relativa, o arquipélago enfrenta riscos relacionados à vulnerabilidade climática e à pressão sobre os ecossistemas locais.



5.2.32. BONAIRE



Área territorial: 294 km²

População estimada (2025): 25.000 habitantes

Densidade demográfica: 85 hab./km²

Taxa de natalidade: 11,8‰

Taxa de mortalidade: 7,2‰

Expectativa de vida: 80,3 anos

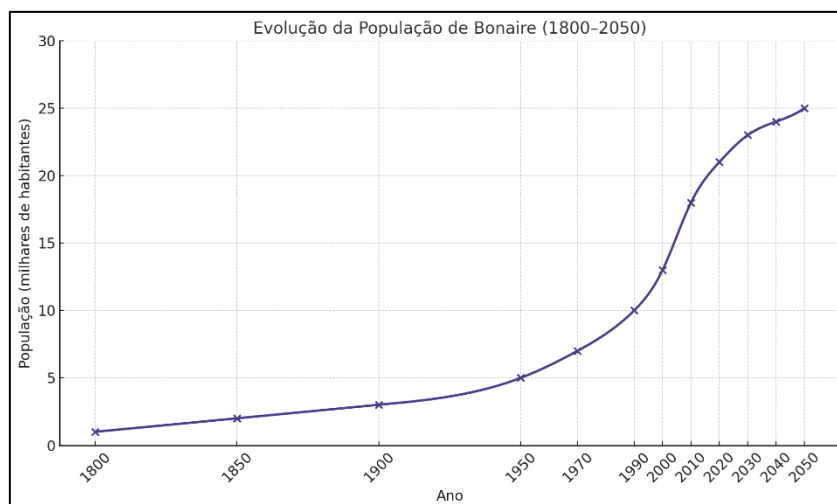
Taxa de fertilidade: 1,7 filhos por mulher

Bonaire, município especial dos Países Baixos localizado no sul do Caribe, apresenta baixa densidade populacional e população distribuída principalmente na cidade de Kralendijk e na costa ocidental da ilha.

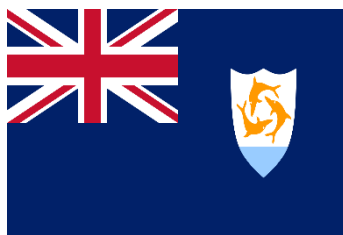
Com indicadores de saúde favoráveis e baixa taxa de fecundidade, Bonaire está em fase avançada da transição demográfica, com crescimento populacional lento e expectativa de vida elevada, marcada também por imigração regional moderada.

A população é multiétnica e multilíngue, com predomínio afrodescendente e forte presença de latino-americanos e europeus. O papiamento é amplamente falado, ao lado do neerlandês, inglês e espanhol, refletindo a diversidade cultural local.

A economia baseia-se no turismo ecológico e de mergulho, além de serviços e apoio logístico, com atenção crescente à preservação ambiental. A ilha enfrenta desafios relacionados à sustentabilidade hídrica, urbanização e adaptação a eventos climáticos extremos.



5.2.33. ANGUILLA



Área territorial: 91 km²

População estimada (2025): 16.000 habitantes

Densidade demográfica: 176 hab./km²

Taxa de natalidade: 12,6‰

Taxa de mortalidade: 6,3‰

Expectativa de vida: 81,1 anos

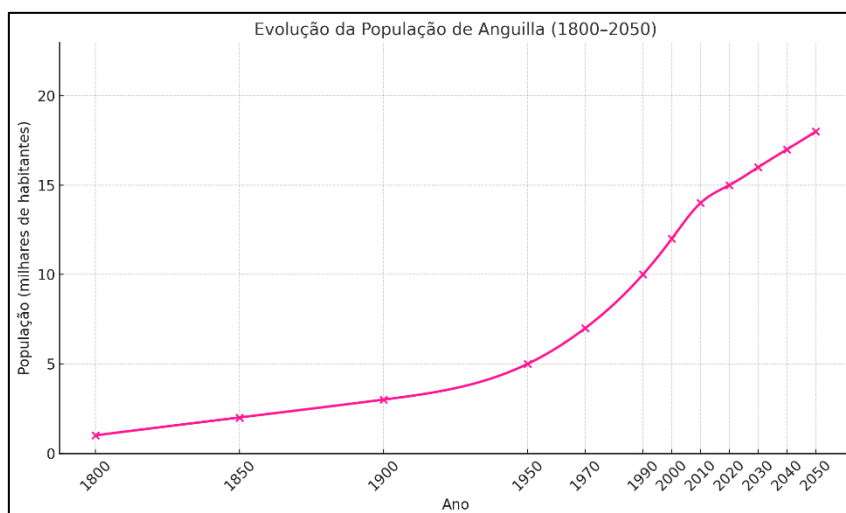
Taxa de fertilidade: 1,8 filhos por mulher

Anguilla, território britânico ultramarino localizado ao norte do Caribe, é uma ilha coralina de pequeno porte, com população concentrada em The Valley e em vilarejos ao longo da costa, caracterizando-se por forte urbanização costeira.

Com expectativa de vida elevada e taxa de fecundidade abaixo do nível de reposição, o território está em estágio avançado da transição demográfica, apresentando crescimento populacional reduzido e envelhecimento gradual da população.

A sociedade anguillana é majoritariamente afrodescendente, com forte influência britânica nas instituições, na língua oficial (inglês) e nos sistemas jurídico e educacional, além de manifestações culturais locais vibrantes.

A economia depende principalmente do turismo de alto padrão, serviços e construção civil, com esforços voltados à diversificação e resiliência ambiental. Anguilla é vulnerável a eventos climáticos severos, o que exige políticas de proteção territorial e desenvolvimento sustentável.



5.2.34. SÃO BARTOLOMEU



Área territorial: 25 km²

População estimada (2025): 10.000 habitantes

Densidade demográfica: 400 hab./km²

Taxa de natalidade: 11,3‰

Taxa de mortalidade: 5,7‰

Expectativa de vida: 82,0 anos

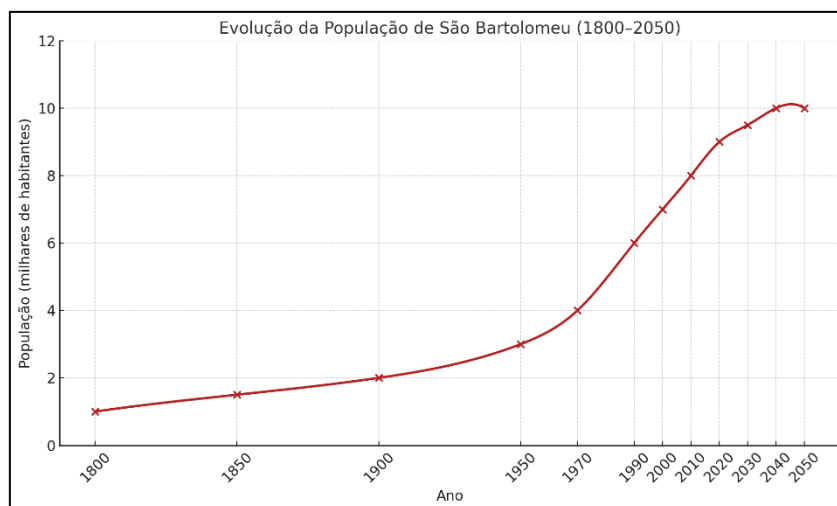
Taxa de fertilidade: 1,7 filhos por mulher

São Bartolomeu, coletividade ultramarina francesa no norte do Caribe, é uma pequena ilha montanhosa e altamente urbanizada, com população concentrada em Gustavia e nas enseadas costeiras voltadas ao turismo.

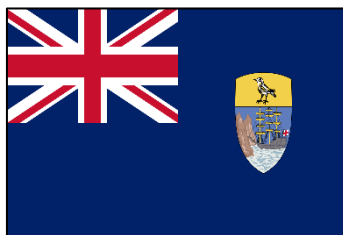
O território encontra-se em fase avançada da transição demográfica, com fecundidade baixa, longevidade elevada e crescimento populacional lento, sustentado parcialmente por fluxos migratórios qualificados.

A sociedade é marcada por forte presença europeia e influência francesa dominante, refletida na língua oficial, nas instituições administrativas e no padrão de vida, com destaque para a qualidade dos serviços de saúde e infraestrutura.

A economia é altamente dependente do turismo de luxo e do setor imobiliário, com elevado nível de renda per capita. Apesar de sua estabilidade, São Bartolomeu é vulnerável a furacões e à pressão sobre seus recursos naturais, exigindo políticas de proteção ambiental e planejamento urbano cuidadoso.



5.2.35. SANTA HELENA



Área territorial: 122 km²

População estimada (2025): 4.500 habitantes

Densidade demográfica: 37 hab./km²

Taxa de natalidade: 9,8‰

Taxa de mortalidade: 7,9‰

Expectativa de vida: 78,5 anos

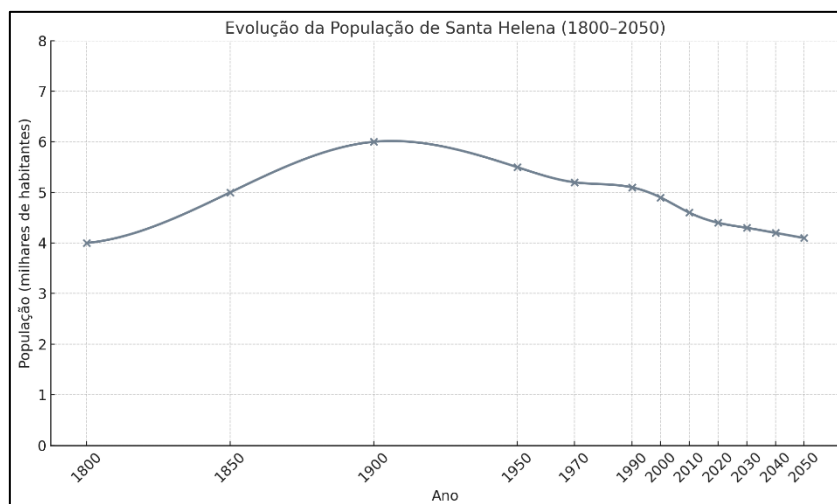
Taxa de fertilidade: 1,6 filhos por mulher

Santa Helena, território britânico ultramarino localizado no meio do Atlântico Sul, é uma das regiões mais remotas do mundo, com população reduzida concentrada em Jamestown e em pequenas comunidades do interior montanhoso.

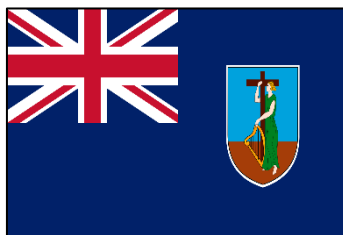
O território apresenta crescimento populacional muito baixo, resultado da baixa fecundidade, migração de jovens e expectativa de vida elevada, características de uma transição demográfica concluída.

A população é multiétnica, composta principalmente por descendentes de africanos, europeus e asiáticos, com o inglês como idioma oficial e forte identidade cultural local moldada pelo isolamento geográfico.

A economia depende do setor público, turismo ecológico, pesca e apoio logístico. Apesar da abertura de um aeroporto recente, a insularidade e o pequeno mercado interno impõem desafios ao desenvolvimento sustentável, exigindo estratégias focadas em autosuficiência e preservação ambiental.



5.2.36. MONTSERRAT



Área territorial: 102 km²

População estimada (2025): 5.000 habitantes

Densidade demográfica: 49 hab./km²

Taxa de natalidade: 12,2‰

Taxa de mortalidade: 7,1‰

Expectativa de vida: 77,0 anos

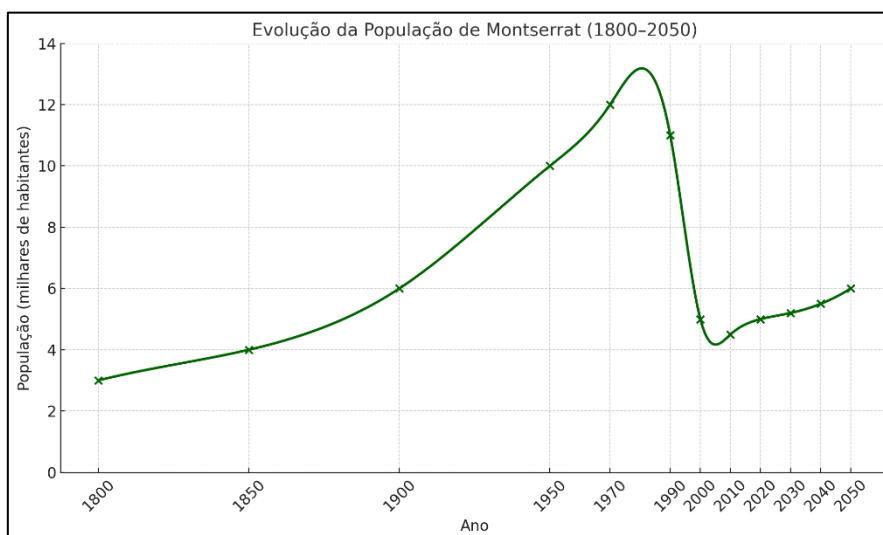
Taxa de fertilidade: 1,9 filhos por mulher

Montserrat, território britânico ultramarino no Caribe, teve grande parte de seu território e população afetados pelas erupções do vulcão Soufrière Hills na década de 1990, que destruíram a capital Plymouth e causaram expressiva emigração.

Desde então, a população se concentra no norte da ilha, em áreas como Brades e Little Bay, e vive uma lenta recuperação demográfica, marcada por baixa fecundidade, envelhecimento e retorno gradual de antigos residentes.

A sociedade é majoritariamente afrodescendente, com fortes vínculos culturais britânicos, visíveis na língua, no sistema jurídico e nas instituições locais, além de uma identidade resiliente moldada por eventos naturais extremos.

A economia depende de ajuda externa, construção civil, turismo e serviços públicos. O território ainda enfrenta os desafios da reconstrução e da limitação territorial, exigindo políticas sustentáveis voltadas à segurança habitacional e diversificação econômica.



5.2.37. MALVINAS (ILHAS FALKLAND)



Área territorial: 12.173 km²

População estimada (2025): 3.800 habitantes

Densidade demográfica: 0,3 hab./km²

Taxa de natalidade: 11,7‰

Taxa de mortalidade: 7,0‰

Expectativa de vida: 80,6 anos

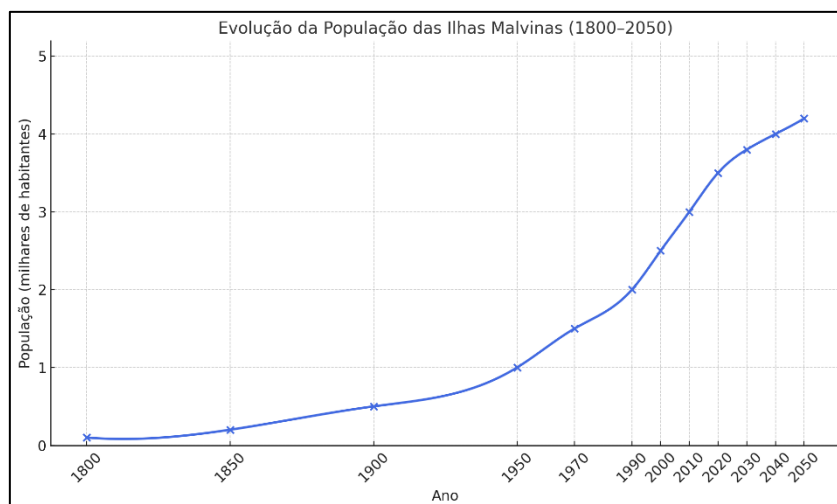
Taxa de fertilidade: 2,0 filhos por mulher

As Ilhas Malvinas, território britânico ultramarino localizado no Atlântico Sul, possui uma das mais baixas densidades demográficas do mundo, com população concentrada principalmente na capital Stanley e em assentamentos rurais chamados “camps”.

Apesar da baixa população, o território possui bons indicadores sociais e de saúde, estando em fase avançada da transição demográfica, com fecundidade no nível de reposição, expectativa de vida elevada e crescimento moderado.

A população é majoritariamente de origem britânica, com forte identidade cultural local baseada no idioma inglês, no sistema político britânico e no modo de vida rural adaptado ao isolamento geográfico.

A economia depende da pesca, da criação de ovelhas para lã, do turismo e, mais recentemente, da exploração de petróleo. A situação geopolítica é sensível, marcada pela disputa de soberania com a Argentina, e o arquipélago mantém forte presença militar e autonomia administrativa sob proteção do Reino Unido.



5.2.38. SANTO EUSTÁQUIO



Área territorial: 21 km²

População estimada (2025): 3.600 habitantes

Densidade demográfica: 171 hab./km²

Taxa de natalidade: 11,9‰

Taxa de mortalidade: 6,4‰

Expectativa de vida: 78,8 anos

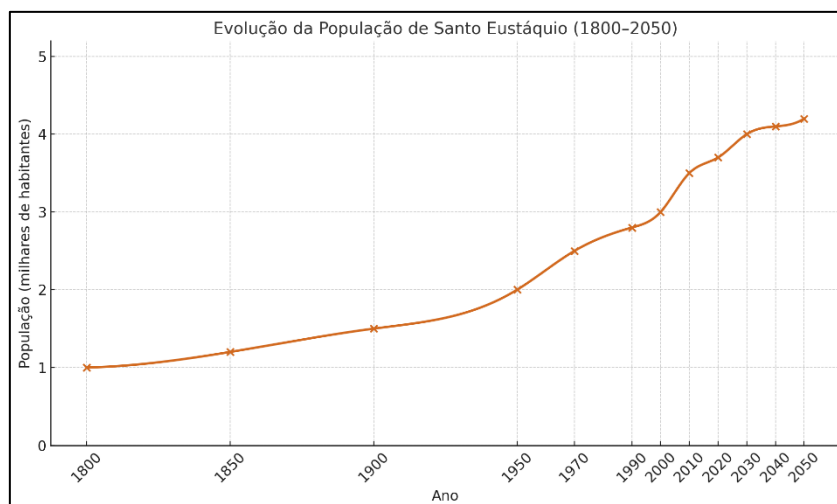
Taxa de fertilidade: 1,8 filhos por mulher

Santo Eustáquio, município especial dos Países Baixos no Caribe, é uma pequena ilha vulcânica com população concentrada em Oranjestad e nas áreas próximas ao porto, mantendo características urbanas simples e infraestrutura em crescimento.

Com uma população estável e expectativa de vida elevada, o território se encontra em estágio avançado da transição demográfica, apresentando baixa fecundidade, envelhecimento progressivo e migração significativa de jovens para outras ilhas ou para a Europa.

A sociedade é majoritariamente afrodescendente, com forte influência cultural neerlandesa e caribenha. O papiamento, o inglês e o neerlandês são usados cotidianamente, refletindo a diversidade linguística da ilha.

A economia local é baseada em serviços públicos, educação, pequenas atividades portuárias e turismo ecológico, com desafios relacionados à limitação territorial, dependência externa e preservação ambiental frente à urbanização moderada.



5.2.39. SABA



Área territorial: 13 km²

População estimada (2025): 2.000 habitantes

Densidade demográfica: 154 hab./km²

Taxa de natalidade: 10,4‰

Taxa de mortalidade: 6,6‰

Expectativa de vida: 79,2 anos

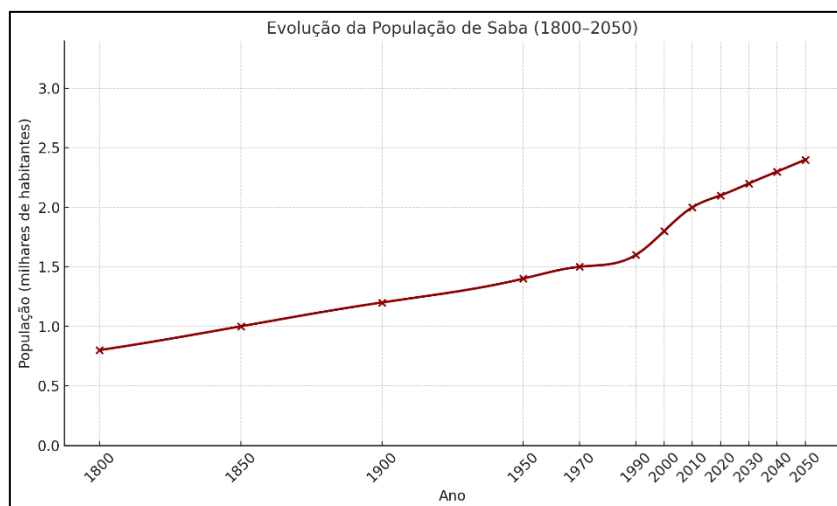
Taxa de fertilidade: 1,7 filhos por mulher

Saba, município especial dos Países Baixos no Caribe, é a menor ilha habitada do arquipélago e apresenta relevo montanhoso, com população concentrada na capital The Bottom e nas vilas de Windwardside e St. John's.

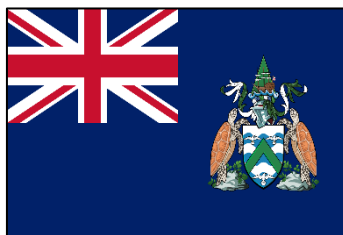
Com estrutura etária envelhecida e baixa taxa de fecundidade, a ilha está em fase avançada da transição demográfica, combinando indicadores de saúde positivos com leve declínio populacional e migração externa de jovens.

A população é predominantemente afrodescendente, com influências europeias e caribenhas. O inglês é a língua mais falada, apesar do neerlandês ser o idioma oficial, refletindo a prática multilíngue da sociedade local.

A economia gira em torno do turismo de natureza, educação (com uma escola de medicina internacional) e serviços públicos. Saba mantém forte compromisso com a sustentabilidade ambiental, dado seu ecossistema montanhoso sensível e sua vulnerabilidade a furacões.



5.2.40. ILHA DE ASCENSÃO



Área territorial: 88 km²

População estimada (2025): 800 habitantes (temporária)

Densidade demográfica: 9 hab./km²

Taxa de natalidade: 0,0‰ (sem nascimentos locais)

Taxa de mortalidade: muito baixa (sem óbitos recorrentes reportados)

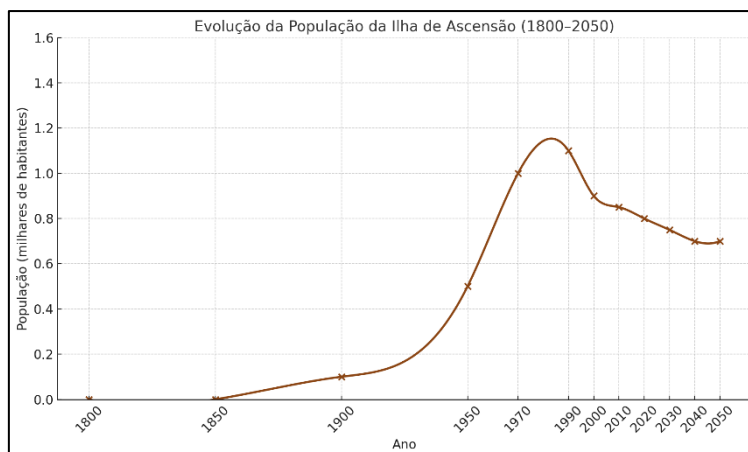
Expectativa de vida: — (não aplicável por falta de residência permanente)

Taxa de fertilidade: 0,0 filhos por mulher (não há famílias vivendo permanentemente)

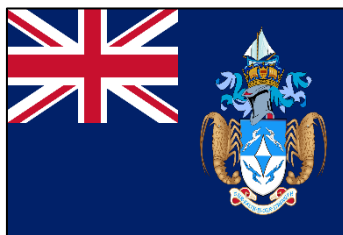
A Ilha de Ascensão, território britânico ultramarino no Atlântico Sul, faz parte do território de Santa Helena, Ascensão e Tristão da Cunha. Possui população reduzida, composta majoritariamente por trabalhadores temporários ligados à base aérea, comunicações e serviços.

Não há população residente permanente com direito à propriedade ou cidadania local, o que inviabiliza estatísticas demográficas usuais, como taxas de natalidade ou fertilidade, tornando a composição etária e o crescimento populacional instáveis e fortemente dependentes da administração britânica.

A população é multicultural, com presença de britânicos, santa-helenenses e trabalhadores contratados de diversas nacionalidades, convivendo em uma estrutura social fortemente institucionalizada. A economia gira em torno de operações militares e técnicas, com presença de instalações do Reino Unido e dos Estados Unidos. A infraestrutura é restrita, e a ilha mantém rigoroso controle ambiental, sendo reconhecida por sua importância ecológica e como santuário de tartarugas marinhas.



5.2.41. TRISTÃO DA CUNHA



Área territorial: 207 km²

População estimada (2025): 250 habitantes

Densidade demográfica: 1,2 hab./km²

Taxa de natalidade: 14,0‰

Taxa de mortalidade: 8,0‰

Expectativa de vida: 78,0 anos

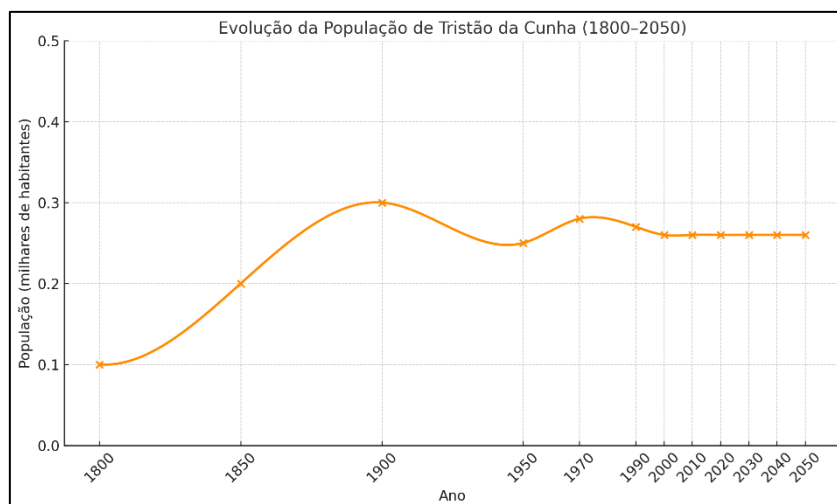
Taxa de fertilidade: 2,2 filhos por mulher

Tristão da Cunha, o arquipélago habitado mais remoto do mundo, é parte do território britânico de Santa Helena, Ascensão e Tristão da Cunha, com população residente concentrada na vila de Edinburgh of the Seven Seas, na ilha principal.

A população é estável, com crescimento natural limitado e baixa imigração, o que mantém um ritmo lento de renovação geracional. Por conta do isolamento extremo, há forte coesão social, e a comunidade opera em regime de autossuficiência parcial.

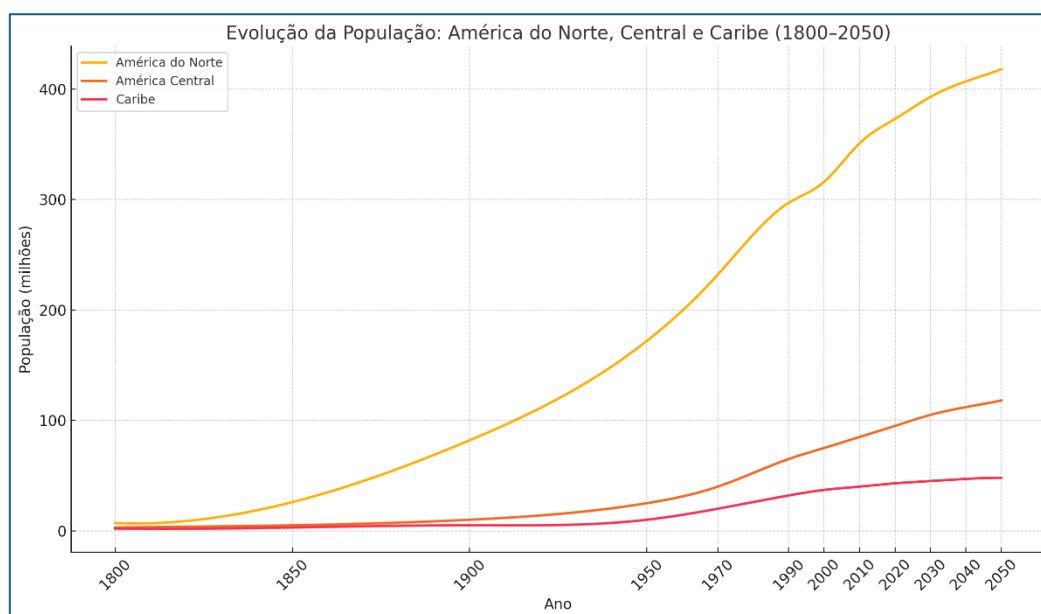
A sociedade é composta por descendentes de colonos britânicos, italianos e holandeses, vivendo sob forte influência cultural britânica, com o inglês como idioma e práticas coletivas baseadas na pesca, na agricultura e na economia de subsistência.

A economia é restrita, baseada em pesca da lagosta, agricultura familiar e auxílio do governo britânico. A logística difícil e a vulnerabilidade a fenômenos naturais exigem planejamento cuidadoso e esforços constantes para manter a segurança alimentar e a infraestrutura local.



CONCLUSÃO – AMÉRICAS DO NORTE, CENTRAL E CARIBE

O panorama demográfico da América do Norte, América Central e Caribe revela um mosaico de realidades que, embora interligadas pela história continental, apresentam trajetórias populacionais singulares. Os países da América do Norte, com destaque para Estados Unidos, Canadá e México, mostram padrões associados à transição demográfica avançada, com baixas taxas de natalidade e desafios relacionados ao envelhecimento populacional e à migração. Na América Central, observa-se uma fase intermediária da transição, marcada pela diminuição gradual das taxas de fecundidade e por crescimentos vegetativos ainda significativos, especialmente em contextos urbanos em expansão.



O gráfico representa a evolução da população da América do Norte, América Central e Caribe entre os anos de 1800 e 2050, com base em dados históricos e projeções. Observa-se que a América do Norte apresenta o crescimento mais expressivo, especialmente a partir do século XX, impulsionado pelo desenvolvimento econômico e urbano, atingindo cerca de 418 milhões de habitantes em 2050. A América Central mostra uma tendência de crescimento contínuo, passando de cerca de 3 milhões em 1800 para mais de 110 milhões nas próximas décadas, reflexo da elevação das taxas de natalidade e da transição demográfica em países como Guatemala, Honduras e Nicarágua. Já o Caribe, embora também apresente crescimento, mantém um ritmo mais moderado e tende à estabilização populacional em torno de 48 milhões de habitantes, resultado de fatores como a emigração e o envelhecimento populacional. O gráfico evidencia, portanto, as diferentes dinâmicas demográficas dessas três regiões ao longo do tempo.

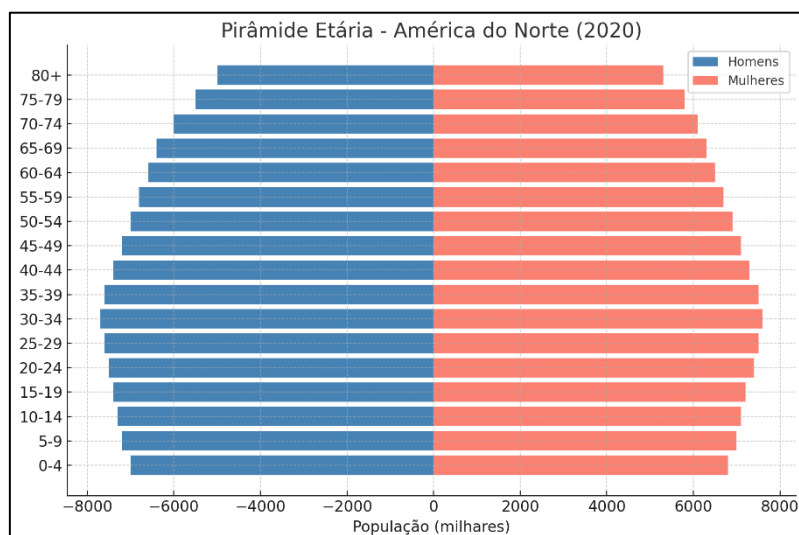
O Caribe, por sua vez, apresenta uma diversidade interna complexa: composto por países independentes e uma série de territórios ultramarinos, essa região se caracteriza

por pequenas populações, elevada densidade demográfica, forte influência migratória e vínculos coloniais ainda ativos. É nesse contexto que se justifica a inclusão, neste capítulo, de ilhas localizadas no litoral norte da América do Sul, como Aruba, Curaçao, Bonaire e Trinidad e Tobago, além de diversos territórios britânicos ultramarinos que, embora geograficamente próximos ao continente sul-americano, compartilham traços históricos, linguísticos, culturais e demográficos mais afinados com o Caribe.

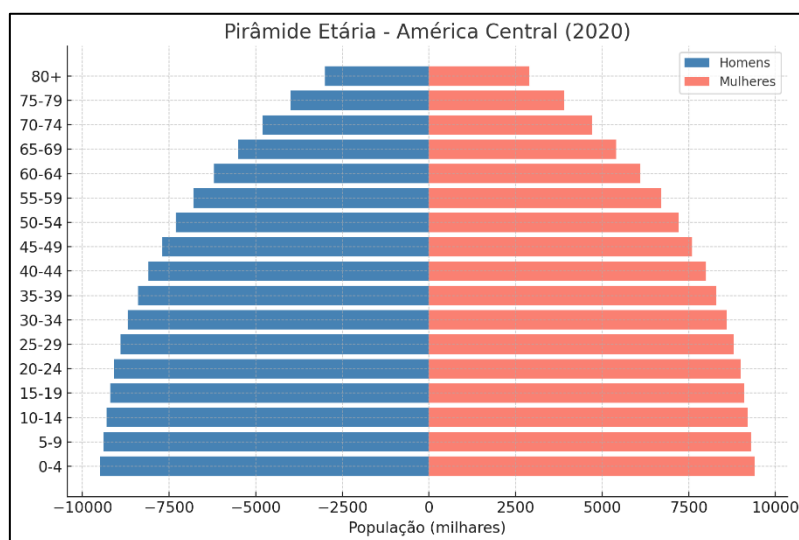
Esses microterritórios, embora com populações frequentemente inferiores a 100 mil habitantes, desempenham papel relevante na estruturação geopolítica e cultural da região. Muitos ainda mantêm status de posse britânica, com governos locais parcialmente autônomos, forte dependência econômica de serviços (turismo, finanças) e laços institucionais com o Reino Unido.

Sua inclusão neste capítulo, em vez de na seção sul-americana, deve-se à compreensão de que, mais do que a localização geográfica exata, as afinidades culturais, históricas e demográficas com o universo caribenho justificam esse agrupamento analítico. Dessa forma, a abordagem proposta neste atlas valoriza as inter-relações regionais para além das fronteiras físicas, permitindo uma leitura mais coerente e integrada das dinâmicas populacionais do continente americano.

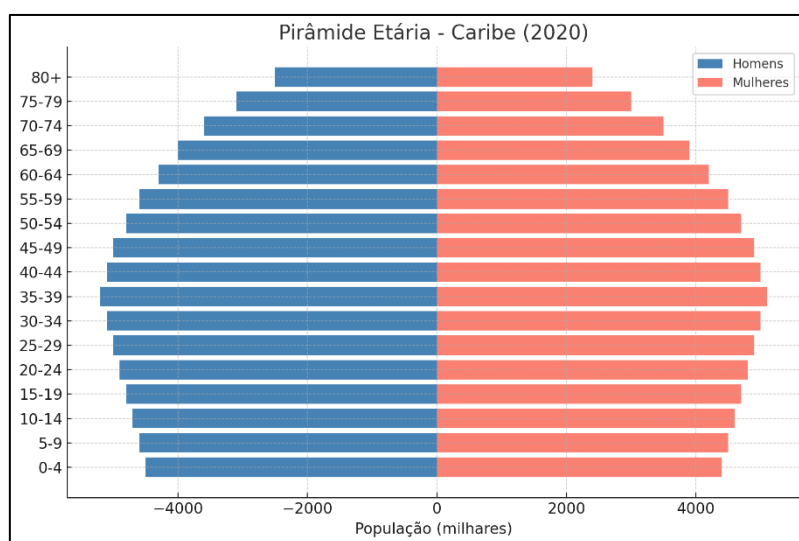
A pirâmide etária é uma ferramenta gráfica que permite analisar a composição da população por idade e sexo, oferecendo uma visão clara sobre o estágio demográfico de uma sociedade. A forma da pirâmide revela dinâmicas importantes como taxas de natalidade, mortalidade, envelhecimento e crescimento populacional. A seguir, são apresentadas as pirâmides etárias simuladas para o ano de 2020 das três principais sub-regiões da América: **América do Norte**, **América Central** e **Caribe**. Essas representações ilustram diferentes estágios do processo de transição demográfica e ajudam a compreender as características populacionais específicas de cada região.



A pirâmide etária da América do Norte apresenta um formato típico de países desenvolvidos e envelhecidos. A base é estreita, refletindo baixas taxas de natalidade, enquanto o topo é mais largo, indicando uma proporção crescente de idosos na população. As faixas etárias entre 30 e 60 anos concentram a maior parte dos habitantes, demonstrando o predomínio da população adulta. Esse perfil está associado a altos níveis de urbanização, avanços na saúde e planejamento familiar, o que resulta em expectativa de vida elevada e redução contínua da população jovem.

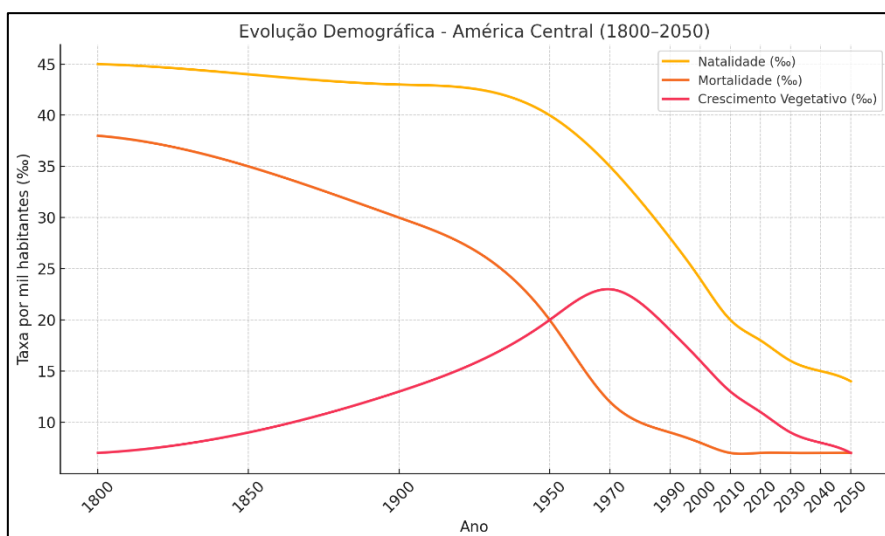
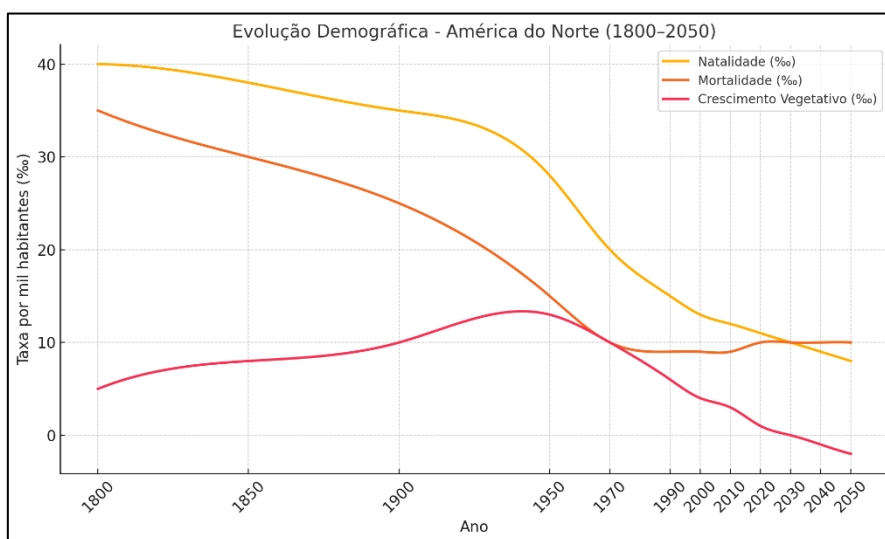


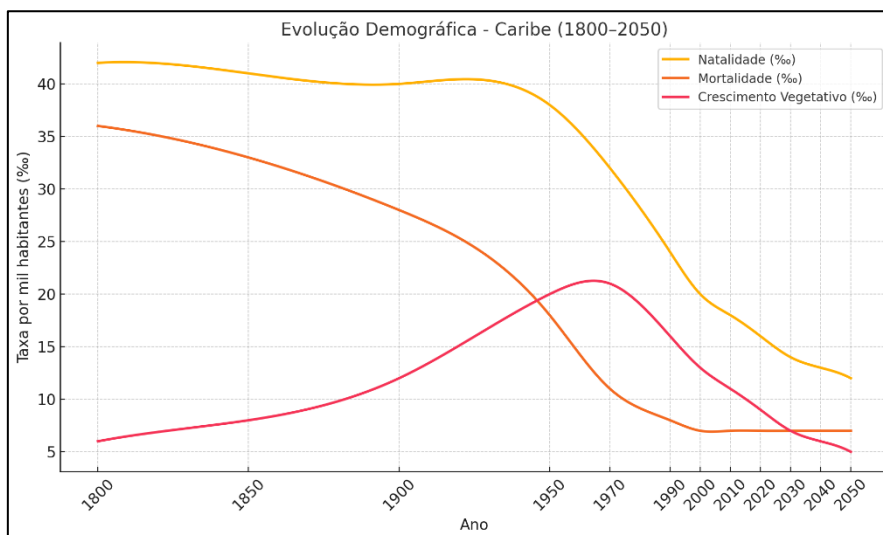
A pirâmide etária da América Central mantém o formato clássico de pirâmide jovem, com base larga e topo afunilado. Isso revela uma população ainda em crescimento, com altas taxas de natalidade e maior proporção de crianças e adolescentes. As faixas etárias mais baixas concentram o maior número de indivíduos, enquanto a população idosa representa um percentual pequeno. Essa configuração é comum em países em processo de desenvolvimento que ainda enfrentam desafios relacionados à educação, saúde e controle demográfico.



A pirâmide etária do Caribe apresenta uma estrutura intermediária, caracterizando uma região em transição demográfica. A base, embora ainda relativamente larga, já mostra sinais de redução na natalidade, enquanto as faixas adultas e idosas ganham maior representatividade. Esse perfil reflete melhorias nos indicadores de saúde e uma queda gradual nas taxas de fecundidade, comuns em sociedades que estão deixando o padrão populacional jovem e se encaminhando para o envelhecimento progressivo da população.

O acompanhamento das taxas de natalidade, mortalidade e crescimento vegetativo é essencial para analisar a evolução demográfica das regiões da América do Norte, América Central e Caribe ao longo da história. Essas três regiões apresentam dinâmicas distintas, influenciadas por fatores como desenvolvimento econômico, políticas de saúde pública, migrações e estrutura etária. A taxa de natalidade reflete os padrões reprodutivos das populações, enquanto a taxa de mortalidade está associada às condições de vida e avanços médicos. O crescimento vegetativo obtido pela diferença entre natalidade e mortalidade indica o ritmo de crescimento natural da população. O gráfico a seguir mostra a trajetória dessas três variáveis de 1800 a 2050.





A análise revela que, no início do período (século XIX), as três regiões compartilhavam altos níveis de natalidade e mortalidade, resultando em um crescimento vegetativo modesto. Com a modernização, especialmente a partir do século XX, as taxas de mortalidade começaram a cair rapidamente, enquanto a natalidade permaneceu elevada por mais tempo, especialmente na América Central e no Caribe, promovendo um crescimento populacional acentuado. A partir da década de 1970, observa-se uma redução significativa da natalidade, especialmente na América do Norte, sinalizando o avanço da transição demográfica. As projeções para 2050 indicam que todas as regiões caminham para uma fase de estabilização populacional, com baixas taxas de natalidade e mortalidade, e crescimento vegetativo reduzido embora ainda mais lento na América do Norte do que nas demais regiões.

5.3. América do Sul: Crescimento rápido, desigualdade persistente: o retrato demográfico de um continente em transição.



A América do Sul abriga uma população de mais de 430 milhões de habitantes distribuídos de forma desigual por extensos territórios, que incluem desde densos centros urbanos costeiros até vastas áreas de baixa ocupação na região amazônica e nos Andes. O processo de crescimento populacional na região intensificou-se sobretudo no século XX, impulsionado pela urbanização acelerada, pela queda nas taxas de mortalidade e pela manutenção de altos níveis de fecundidade por um período prolongado.

A transição demográfica na América do Sul ocorreu de maneira heterogênea entre os países: enquanto Argentina, Uruguai e Chile apresentaram indicadores de envelhecimento populacional mais cedo, países como Bolívia, Paraguai e Guiana ainda atravessam estágios intermediários do processo. A partir da década de 1990, observa-se uma tendência de queda generalizada nas taxas de natalidade, o que, aliado ao aumento da expectativa de vida, tem levado a uma reconfiguração gradual da pirâmide etária da região.

A dinâmica demográfica sul-americana está diretamente conectada a fatores socioeconômicos, como desigualdade de renda, mobilidade urbana, acesso à educação e políticas públicas de saúde. Além disso, fluxos migratórios internos e externos incluindo a recente migração de venezuelanos têm contribuído para alterações no perfil populacional de diversos países.

5.3.1. GUIANA FRANCESA



Área territorial: 83.846 km²

População estimada (2025): 320.000 habitantes

Densidade demográfica: 3,8 hab./km²

Taxa de natalidade: 25,4‰

Taxa de mortalidade: 5,7‰

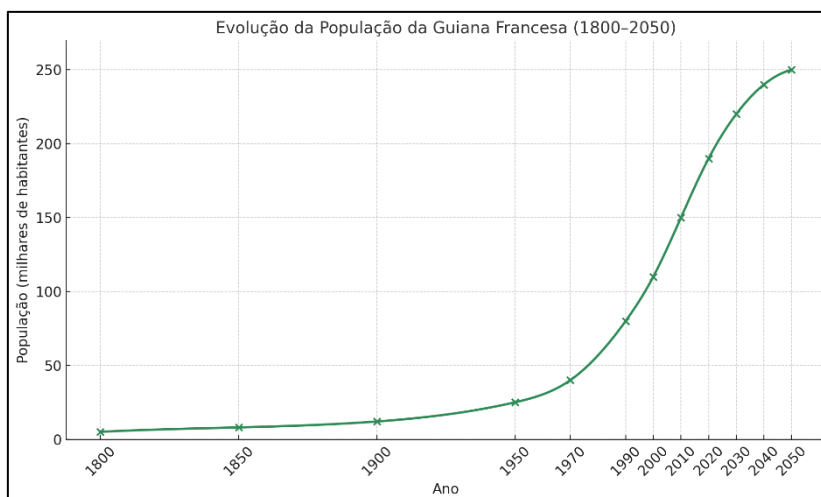
Expectativa de vida: 78,2 anos

Taxa de fertilidade: 2,9 filhos por mulher

A Guiana Francesa, coletividade ultramarina da França localizada no norte da América do Sul, apresenta uma das menores densidades demográficas do continente, com a população concentrada nas zonas costeiras e urbanas, especialmente na capital Caiena.

O território está em fase intermediária da transição demográfica, com alta taxa de natalidade e fertilidade acima do nível de reposição, refletindo a juventude da população e os fluxos migratórios, principalmente de países vizinhos como Brasil, Haiti e Suriname.

A sociedade é altamente diversa, composta por afrodescendentes, indígenas, europeus, crioulos, asiáticos e migrantes recentes. Essa pluralidade se reflete na multiplicidade de línguas e religiões, em um contexto social que busca conciliar inclusão e estabilidade. A economia gira em torno do setor público, do centro espacial europeu de Kourou, da mineração de ouro e da pesca. Apesar do apoio financeiro da França, o território enfrenta desafios relacionados à desigualdade social, infraestrutura e controle ambiental da floresta amazônica.



5.3.2. SURINAME



Área territorial: 163.820 km²

População estimada (2025): 630.000 habitantes

Densidade demográfica: 3,8 hab./km²

Taxa de natalidade: 18,7‰

Taxa de mortalidade: 7,1‰

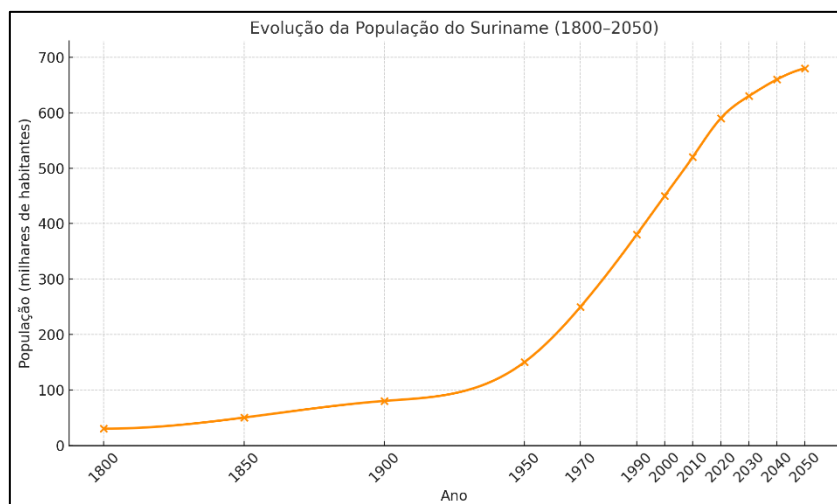
Expectativa de vida: 72,9 anos

Taxa de fertilidade: 2,3 filhos por mulher

O Suriname, país mais densamente florestado da América do Sul, possui população majoritariamente concentrada na faixa costeira, especialmente na capital Paramaribo, enquanto o interior é dominado pela Floresta Amazônica e áreas de difícil acesso.

A nação encontra-se em fase intermediária da transição demográfica, com taxa de fecundidade levemente acima do nível de reposição e indicadores de saúde e educação em progresso, apesar de desigualdades regionais.

A população é uma das mais etnicamente diversas do continente, composta por descendentes de africanos, hindustânicos, javaneses, indígenas, europeus e chineses. Essa pluralidade se manifesta na cultura, nas religiões e no multilinguismo, com o neerlandês como idioma oficial. A economia depende de mineração (bauxita, ouro), agricultura e energia, enfrentando desafios relacionados à instabilidade política, à dívida pública e à necessidade de diversificação econômica sustentável frente às pressões ambientais.



5.3.3. GUIANA



Área territorial: 214.969 km²

População estimada (2025): 820.000 habitantes

Densidade demográfica: 3,8 hab./km²

Taxa de natalidade: 19,4‰

Taxa de mortalidade: 6,9‰

Expectativa de vida: 70,8 anos

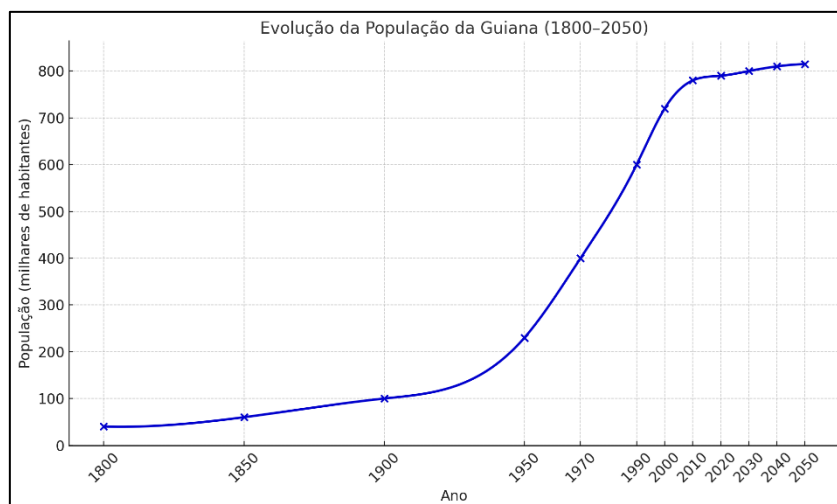
Taxa de fertilidade: 2,4 filhos por mulher

A Guiana, situada no norte da América do Sul, possui baixa densidade populacional, com grande parte da população vivendo na região costeira atlântica, especialmente na capital Georgetown, enquanto o interior permanece coberto por florestas tropicais.

O país está em fase intermediária da transição demográfica, com taxa de fecundidade moderada, expectativa de vida em crescimento e migração significativa para países como Estados Unidos e Canadá, o que influencia sua estrutura etária.

A sociedade guianense é marcada por forte diversidade étnica, composta por hindustânicos, afrodescendentes, indígenas, mestiços e minorias chinesas e europeias, refletindo uma cultura multilíngue e multirreligiosa com o inglês como língua oficial.

A economia, historicamente baseada na agricultura e mineração (especialmente bauxita e ouro), passa por mudanças rápidas com a recente descoberta de petróleo offshore, o que projeta novos desafios em termos de gestão dos recursos e distribuição da renda.



5.3.4. VENEZUELA



Área territorial: 916.445 km²

População estimada (2025): 28.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 30,6 hab./km²

Taxa de natalidade: 17,8‰

Taxa de mortalidade: 7,5‰

Expectativa de vida: 72,1 anos

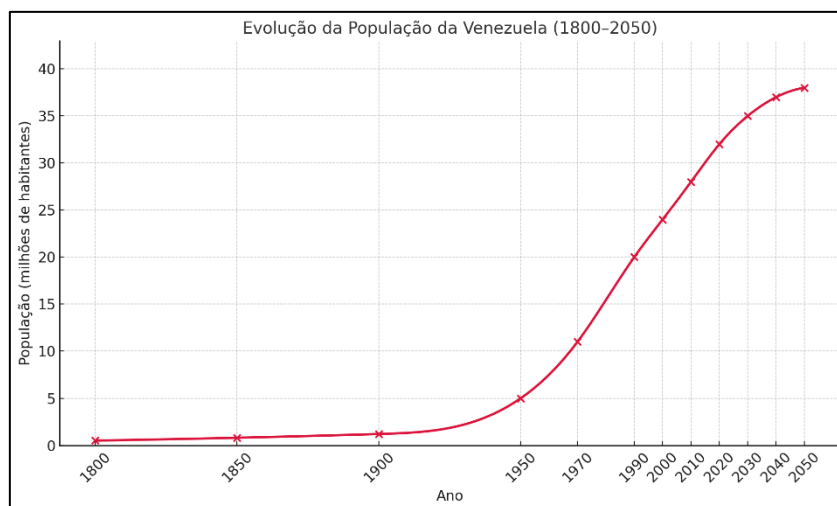
Taxa de fertilidade: 2,2 filhos por mulher

Localizada no norte da América do Sul, possui população majoritariamente urbana, com grandes centros como Caracas, Maracaibo e Valencia, enquanto vastas áreas do interior permanecem pouco povoadas, especialmente na Amazônia venezuelana.

O país atravessa uma complexa transição demográfica, com queda na fecundidade e expectativa de vida comprometida por fatores socioeconômicos, além de forte movimento migratório que levou milhões de venezuelanos a deixarem o país na última década.

A sociedade é predominantemente mestiça, com influências indígenas, europeias e africanas. O espanhol é a língua oficial, e a identidade cultural se expressa por meio da música, da religião e da culinária marcadamente caribenha.

A economia, altamente dependente do petróleo, sofreu forte retração nas últimas décadas devido a crises políticas, sanções internacionais e hiperinflação, resultando em instabilidade social e deterioração de serviços públicos básicos, apesar das grandes reservas energéticas ainda disponíveis.



5.3.5. COLÔMBIA



Área territorial: 1.141.748 km²

População estimada (2025): 52.000.000 habitantes

Densidade demográfica: 45,5 hab./km²

Taxa de natalidade: 14,6‰

Taxa de mortalidade: 6,2‰

Expectativa de vida: 76,4 anos

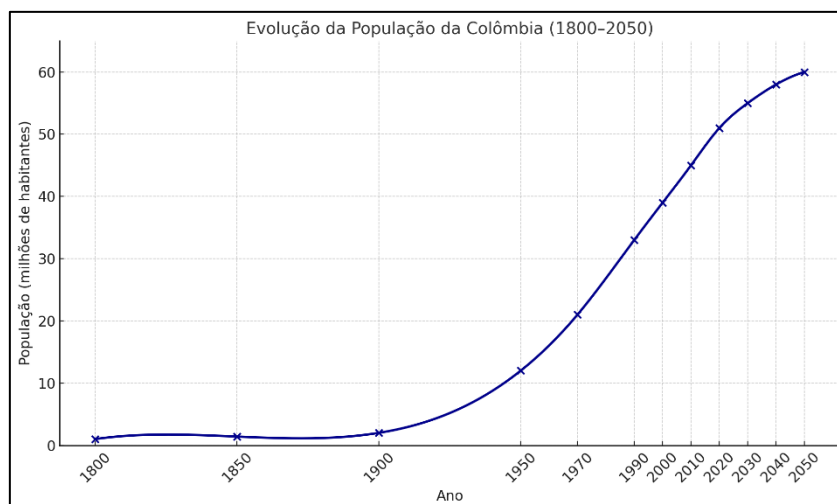
Taxa de fertilidade: 1,8 filhos por mulher

A Colômbia, localizada na região noroeste da América do Sul, possui população altamente urbanizada, com destaque para Bogotá, Medellín, Cali e Barranquilla, enquanto regiões como a Amazônia e os Llanos permanecem menos densamente povoadas.

O país se encontra em fase avançada da transição demográfica, com queda acentuada da fecundidade, aumento da expectativa de vida e crescimento populacional desacelerado, embora ainda significativo em áreas periféricas e rurais.

A sociedade colombiana é diversa, com forte presença de mestiços, afrodescendentes, indígenas e brancos, refletindo uma rica variedade cultural e linguística, apesar do espanhol ser a língua oficial predominante.

A economia é diversificada, com destaque para os setores de petróleo, mineração, agricultura e serviços. A Colômbia enfrenta desafios relacionados à desigualdade regional, à segurança e à preservação ambiental, especialmente na floresta amazônica e nas áreas de conflito agrário.



5.3.6. EQUADOR



Área territorial: 283.561 km²

População estimada (2025): 18.300.000 habitantes

Densidade demográfica: 65 hab./km²

Taxa de natalidade: 17,0‰

Taxa de mortalidade: 5,7‰

Expectativa de vida: 77,1 anos

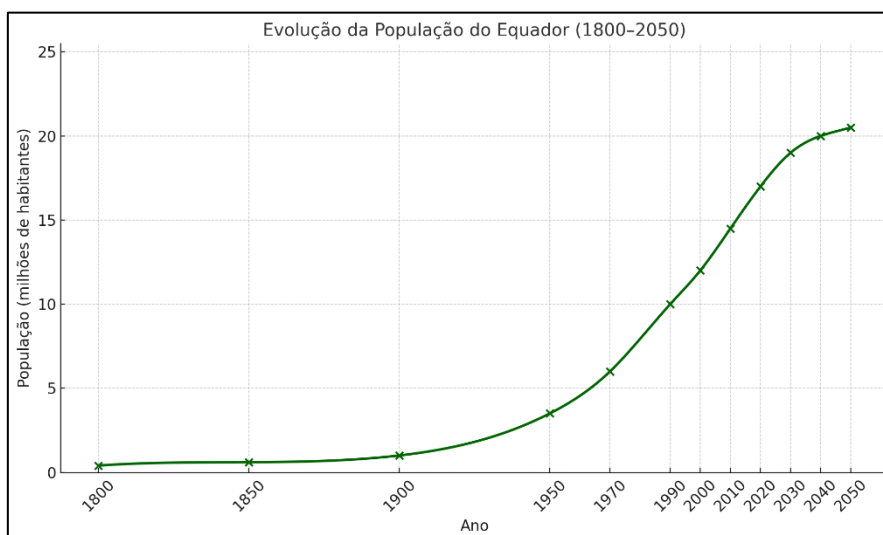
Taxa de fertilidade: 2,1 filhos por mulher

O Equador, localizado na zona equatorial da América do Sul, possui população concentrada nas regiões da serra andina e da costa pacífica, com destaque para as cidades de Quito e Guayaquil, além da presença estratégica nas Ilhas Galápagos.

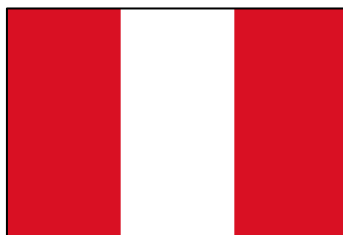
O país encontra-se em fase intermediária da transição demográfica, com fecundidade no nível de reposição e expectativa de vida elevada, mantendo crescimento populacional moderado e uma estrutura etária ainda relativamente jovem.

A população é composta por mestiços, indígenas, afrodescendentes e europeus, o que se reflete na diversidade cultural, linguística e regional, com o espanhol como idioma oficial e o quéchua e outras línguas indígenas reconhecidas.

A economia é baseada na exportação de petróleo, bananas, camarão, flores e no turismo, mas enfrenta desafios como desigualdade social, desmatamento e vulnerabilidade a terremotos e eventos climáticos extremos associados ao El Niño.



5.3.7. PERU



Área territorial: 1.285.216 km²

População estimada (2025): 35.400.000 habitantes

Densidade demográfica: 27,5 hab./km²

Taxa de natalidade: 16,4‰

Taxa de mortalidade: 6,1‰

Expectativa de vida: 76,2 anos

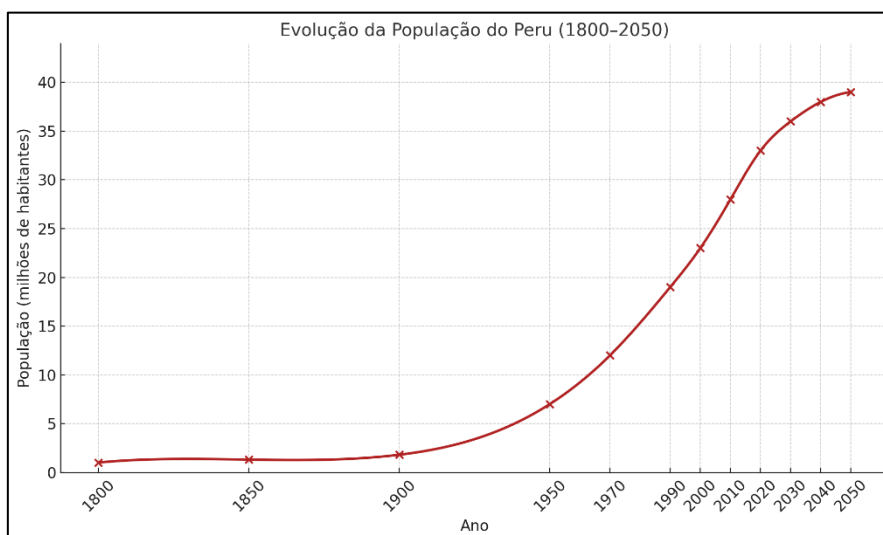
Taxa de fertilidade: 2,0 filhos por mulher

O Peru, situado na costa oeste da América do Sul, possui população concentrada nas regiões costeiras e andinas, especialmente em Lima, enquanto vastas áreas amazônicas permanecem com baixa densidade e difícil acesso.

O país se encontra em fase intermediária a avançada da transição demográfica, com crescimento populacional moderado, queda da fecundidade e expectativa de vida em ascensão, embora persistam desigualdades regionais.

A população é majoritariamente mestiça, com presença significativa de indígenas e descendentes de europeus, o que contribui para uma rica herança cultural e linguística com o espanhol como língua oficial e o quéchua e aimará reconhecidos como cooficiais.

A economia é baseada na mineração, agricultura, pesca, turismo e exportações, mas enfrenta desafios como informalidade, desigualdade social e pressão ambiental sobre as regiões andina e amazônica.



5.3.8. BOLÍVIA



Área territorial: 1.098.581 km²

População estimada (2025): 12.400.000 habitantes

Densidade demográfica: 11,3 hab./km²

Taxa de natalidade: 20,1‰

Taxa de mortalidade: 6,8‰

Expectativa de vida: 72,5 anos

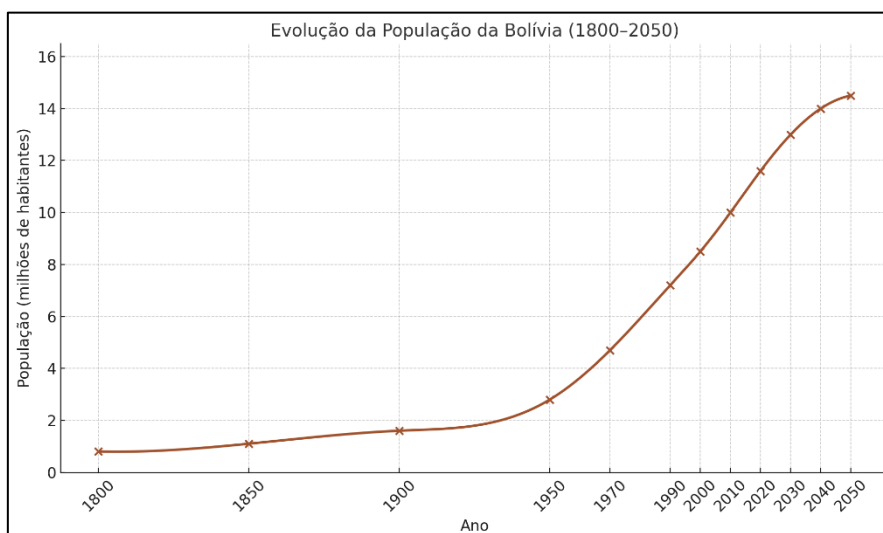
Taxa de fertilidade: 2,5 filhos por mulher

A Bolívia, país interiorano da América do Sul, possui população concentrada nas regiões do altiplano e dos vales andinos, com destaque para cidades como La Paz, El Alto, Santa Cruz de la Sierra e Cochabamba.

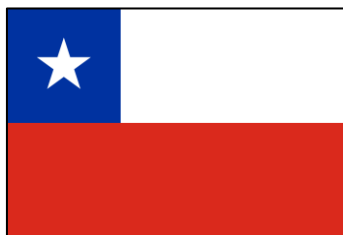
O país está em fase intermediária da transição demográfica, com fecundidade ainda acima do nível de reposição e expectativa de vida em crescimento, mas com disparidades significativas entre zonas urbanas e áreas rurais e indígenas.

A sociedade boliviana é fortemente marcada pela presença indígena, com destaque para os povos quéchua e aimará, além de mestiços e europeus. O Estado é plurinacional, e as línguas indígenas possuem status oficial ao lado do espanhol.

A economia baseia-se na extração de gás natural, mineração, agricultura e crescente setor de serviços, enfrentando desafios como desigualdade social, infraestrutura deficiente e tensões político-sociais ligadas à distribuição de recursos e direitos territoriais.



5.3.9. CHILE



Área territorial: 756.102 km²

População estimada (2025): 20.400.000 habitantes

Densidade demográfica: 27,0 hab./km²

Taxa de natalidade: 13,2‰

Taxa de mortalidade: 6,1‰

Expectativa de vida: 80,1 anos

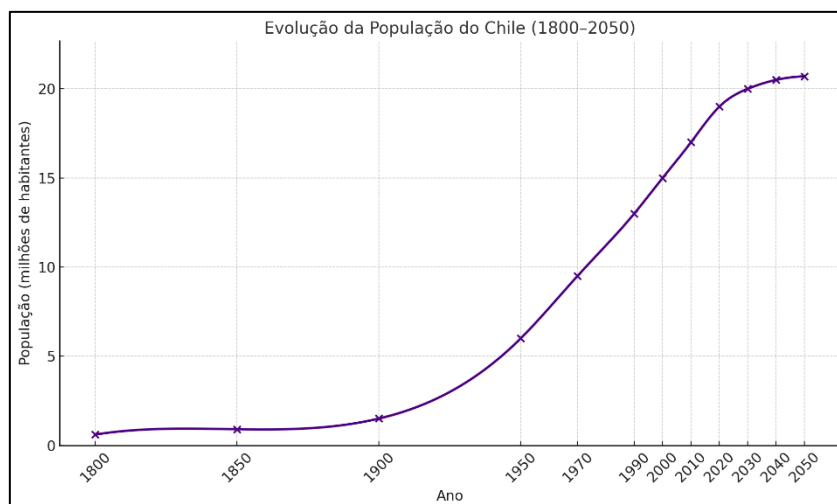
Taxa de fertilidade: 1,7 filhos por mulher

O Chile, com sua geografia extensa e estreita ao longo da costa do Pacífico, concentra sua população nas regiões centrais, especialmente na capital Santiago, enquanto o norte árido e o sul frio e montanhoso são menos habitados.

O país está em fase avançada da transição demográfica, com fecundidade abaixo do nível de reposição, expectativa de vida elevada e uma estrutura etária em processo de envelhecimento, exigindo adaptação de políticas públicas.

A população é majoritariamente mestiça, com influências indígenas, europeias e, em menor escala, afrodescendentes. O espanhol é a língua oficial, e a cultura chilena reflete forte identidade nacional marcada por diversidade regional.

A economia chilena é uma das mais estáveis da América Latina, com base em mineração (especialmente cobre), agricultura, exportações e serviços. O país enfrenta desafios sociais ligados à desigualdade, aposentadoria e acesso a serviços públicos, apesar de seus avanços econômicos.



5.3.10. PARAGUAI



Área territorial: 406.752 km²

População estimada (2025): 7.500.000 habitantes

Densidade demográfica: 18,4 hab./km²

Taxa de natalidade: 21,3‰

Taxa de mortalidade: 5,8‰

Expectativa de vida: 74,3 anos

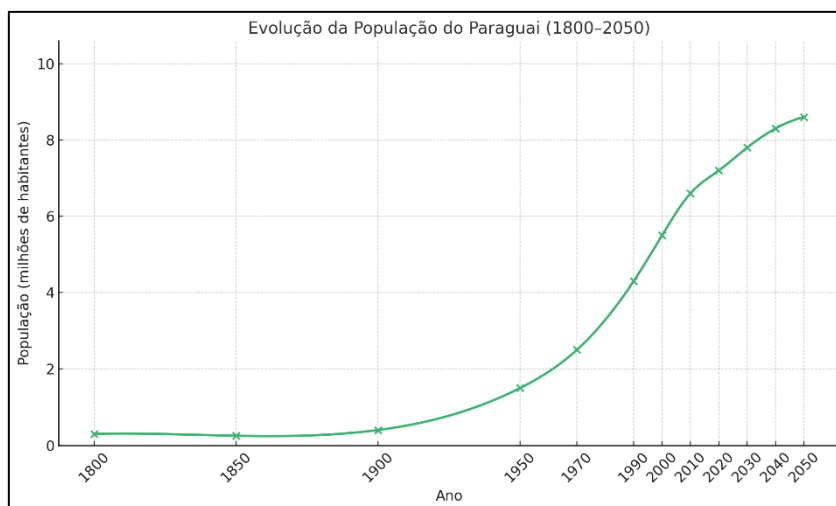
Taxa de fertilidade: 2,4 filhos por mulher

O Paraguai, país interiorano da América do Sul, possui população concentrada na região oriental, com destaque para a capital Assunção e o entorno do rio Paraguai, enquanto a região do Chaco permanece com baixa densidade demográfica.

O país encontra-se em fase intermediária da transição demográfica, com crescimento populacional ainda significativo, fertilidade acima do nível de reposição e indicadores sociais em melhoria gradual.

A população paraguaia é majoritariamente mestiça, com forte presença da cultura guarani. O país é oficialmente bilíngue, com o espanhol e o guarani como línguas oficiais, o que reforça sua identidade cultural única no continente.

A economia baseia-se na agropecuária, geração de energia hidrelétrica (especialmente pela Usina de Itaipu), exportações agrícolas e pecuárias. Apesar de certa estabilidade macroeconômica, o país enfrenta desafios como desigualdade social, informalidade e infraestrutura deficiente.



5.3.11. URUGUAI



Área territorial: 176.215 km²

População estimada (2025): 3.600.000 habitantes

Densidade demográfica: 20,4 hab./km²

Taxa de natalidade: 12,8‰

Taxa de mortalidade: 9,4‰

Expectativa de vida: 78,9 anos

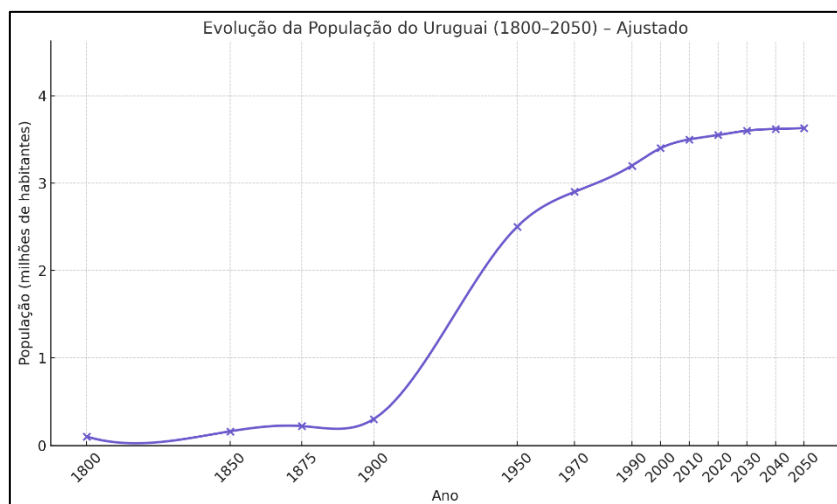
Taxa de fertilidade: 1,6 filhos por mulher

O Uruguai, localizado entre o Brasil e a Argentina, apresenta elevada urbanização, com a maior parte da população vivendo em Montevideu e em cidades do litoral sul, enquanto o interior tem baixa densidade demográfica e economia agropecuária.

O país está em fase avançada da transição demográfica, com estrutura etária envelhecida, baixa fecundidade e crescimento populacional próximo da estagnação, características que impactam diretamente as políticas de saúde e previdência.

A população é majoritariamente de origem europeia, com alta taxa de alfabetização e indicadores sociais. O espanhol é a língua oficial, e o país mantém uma identidade cultural marcada pela laicidade, direitos civis avançados e forte tradição democrática.

A economia é baseada na agroindústria, na pecuária, nos serviços e em exportações de carne, soja, arroz e celulose, destacando-se também por sua estabilidade institucional e políticas de bem-estar social, ainda que enfrente desafios como o envelhecimento populacional e a informalidade laboral.



5.3.12. ARGENTINA



Área territorial: 2.780.400 km²

População estimada (2025): 47.600.000 habitantes

Densidade demográfica: 17,1 hab./km²

Taxa de natalidade: 15,9‰

Taxa de mortalidade: 8,2‰

Expectativa de vida: 76,7 anos

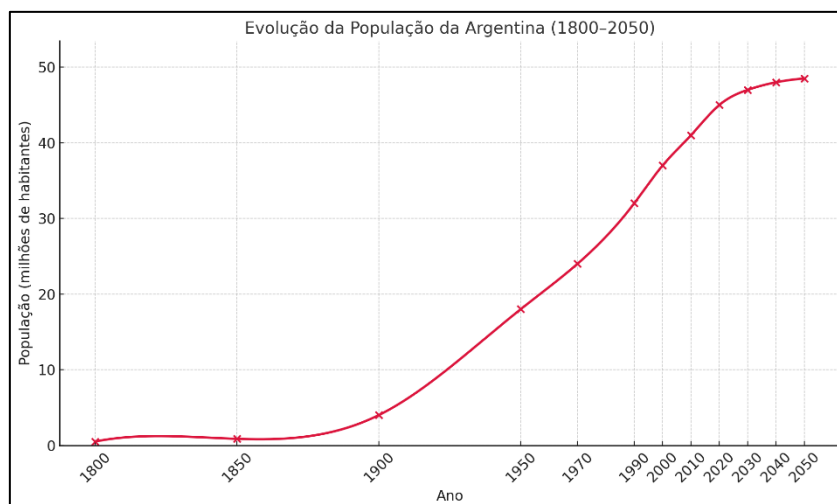
Taxa de fertilidade: 2,0 filhos por mulher

A Argentina, segunda maior nação da América do Sul em território, possui população altamente urbanizada, com concentração nas regiões centrais, especialmente na Grande Buenos Aires, enquanto a Patagônia e o norte andino têm menor densidade.

O país encontra-se em fase avançada da transição demográfica, com fecundidade no nível de reposição e expectativa de vida elevada, o que tem levado a um processo gradual de envelhecimento da população.

A sociedade argentina é majoritariamente de origem europeia, com forte presença de italianos e espanhóis, além de comunidades indígenas e imigrantes recentes. O espanhol é a língua oficial, e o país possui intensa vida cultural e política.

A economia argentina é diversificada, com destaque para agropecuária, indústria, mineração e serviços. No entanto, o país enfrenta recorrentes crises econômicas, inflação elevada e desafios de governabilidade que afetam sua estabilidade e desenvolvimento a longo prazo.



5.3.13. BRASIL



Área territorial: 8.514.876 km²

População estimada (2025): 213.000.000

Densidade demográfica: 25,0 hab./km²

Taxa de natalidade: 13,4‰

Taxa de mortalidade: 6,8‰

Expectativa de vida: 76,0 anos

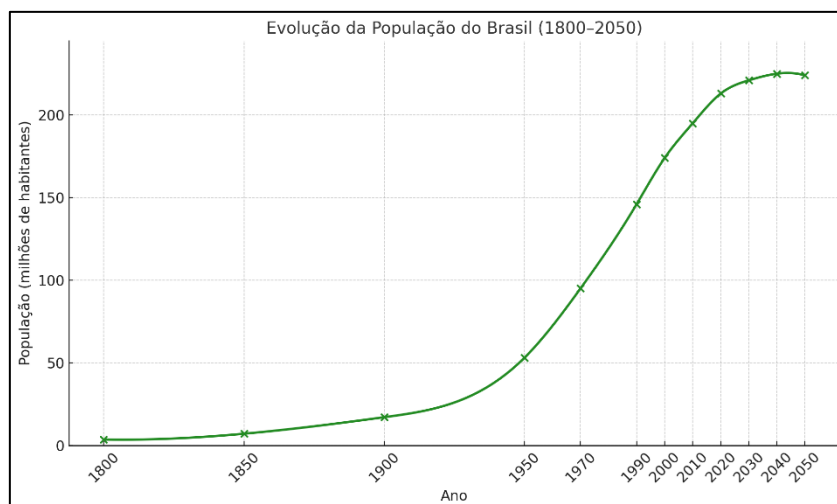
Taxa de fertilidade: 1,7 filhos por mulher

O Brasil, maior país da América do Sul e da América Latina, possui população amplamente distribuída no litoral atlântico e nas grandes regiões metropolitanas, enquanto o interior amazônico e o centro-oeste apresentam menor densidade populacional.

O país está em fase avançada da transição demográfica, com fecundidade abaixo do nível de reposição, expectativa de vida elevada e estrutura etária em progressivo envelhecimento, o que já impacta políticas públicas em saúde, educação e previdência.

A sociedade brasileira é altamente miscigenada, com influências indígenas, africanas, europeias e asiáticas, refletidas na diversidade cultural, religiosa e linguística tendo o português como língua oficial.

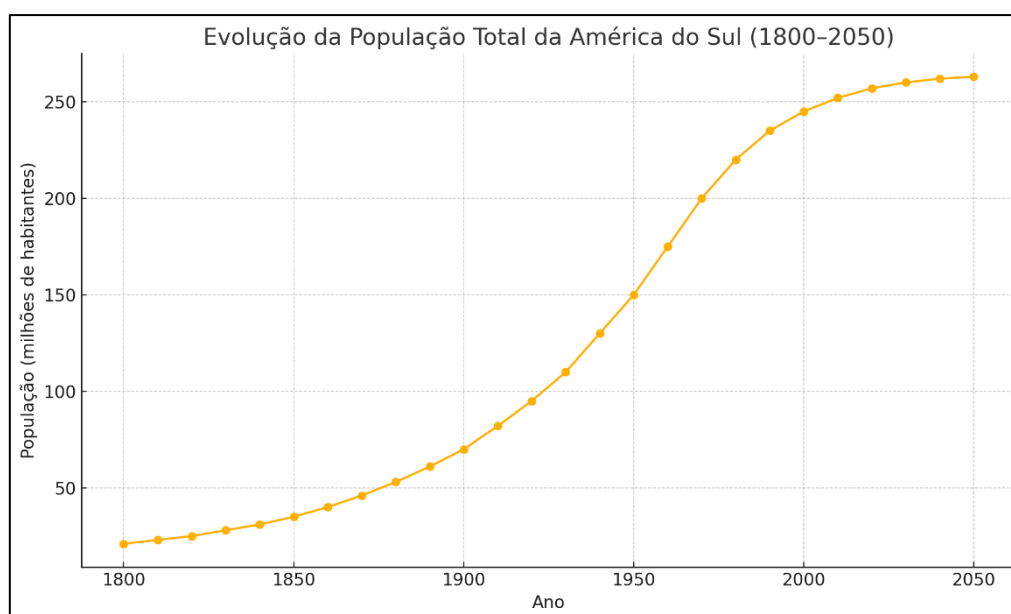
A economia brasileira é uma das maiores do mundo em volume, com base na agroindústria, exportações, mineração, energia, tecnologia e serviços, embora enfrente desafios como desigualdade social, instabilidade política, urbanização desordenada e pressão ambiental sobre a Amazônia.



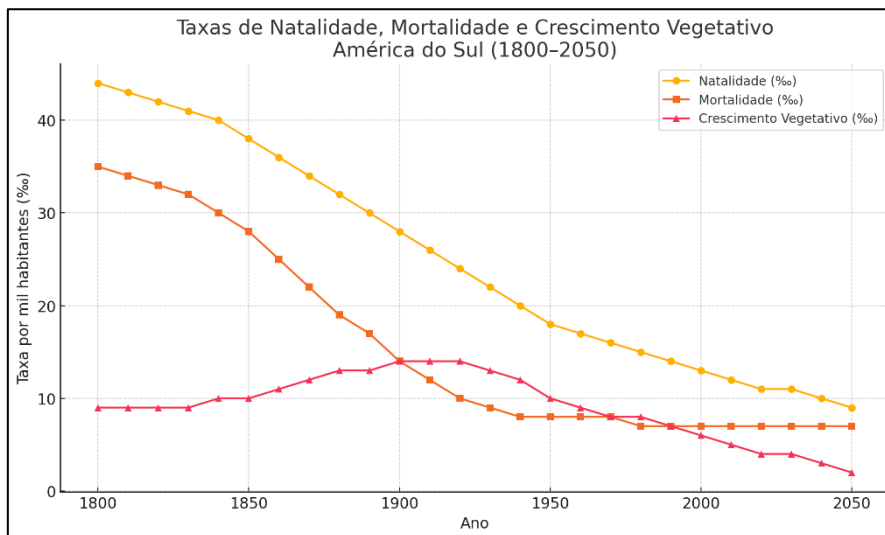
CONCLUSÃO – AMÉRICA DO SUL

A América do Sul apresenta uma trajetória demográfica marcada por intensas transformações nos últimos dois séculos. De uma população majoritariamente rural no século XIX, o continente passou a vivenciar, a partir do século XX, um processo acelerado de urbanização, crescimento populacional e mudanças nos padrões de natalidade e mortalidade. Esses processos variam entre os países, refletindo diferentes contextos econômicos, históricos e sociais.

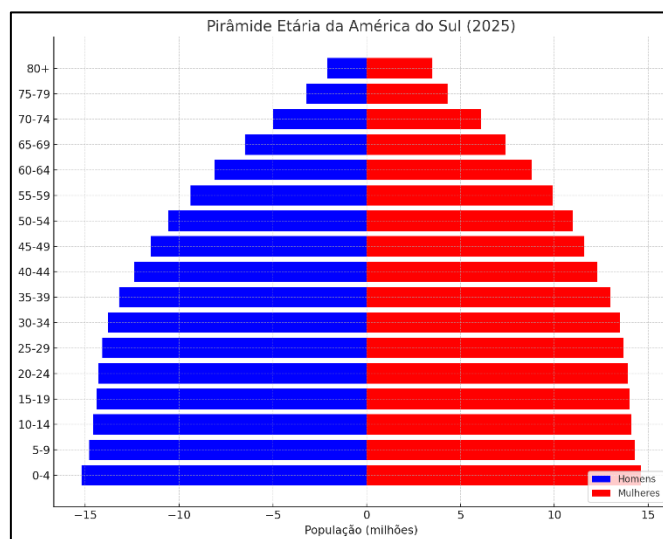
O gráfico a seguir ilustra a evolução da população total da América do Sul entre 1800 e 2050. Observa-se um crescimento quase exponencial a partir de 1950, impulsionado por melhorias na saúde pública, controle de epidemias, ampliação da expectativa de vida e processos migratórios internos. A projeção para 2050 indica um possível início de estabilização demográfica em alguns países, o que está associado à queda das taxas de fecundidade e ao envelhecimento populacional.



Além do volume populacional, é fundamental analisar a evolução das taxas demográficas. O próximo gráfico mostra a trajetória das taxas de natalidade, mortalidade e crescimento vegetativo da região. A queda simultânea da natalidade e mortalidade confirma a transição demográfica sul-americana, embora com ritmos distintos entre países. Enquanto nações como Brasil, Chile e Uruguai já se encontram em estágios avançados da transição, outras como Bolívia e Guiana ainda mantêm estruturas etárias mais jovens.



Por fim, a pirâmide etária da América do Sul em 2025 revela uma população predominantemente jovem, mas com alargamento visível nas faixas adultas e envelhecimento progressivo. Isso evidencia desafios futuros relacionados à previdência, ao sistema de saúde e à inserção produtiva da população economicamente ativa. A diversidade demográfica dos países sul-americanos aponta para a necessidade de políticas públicas específicas, que considerem as realidades locais, suas dinâmicas regionais e seus estágios distintos de desenvolvimento.



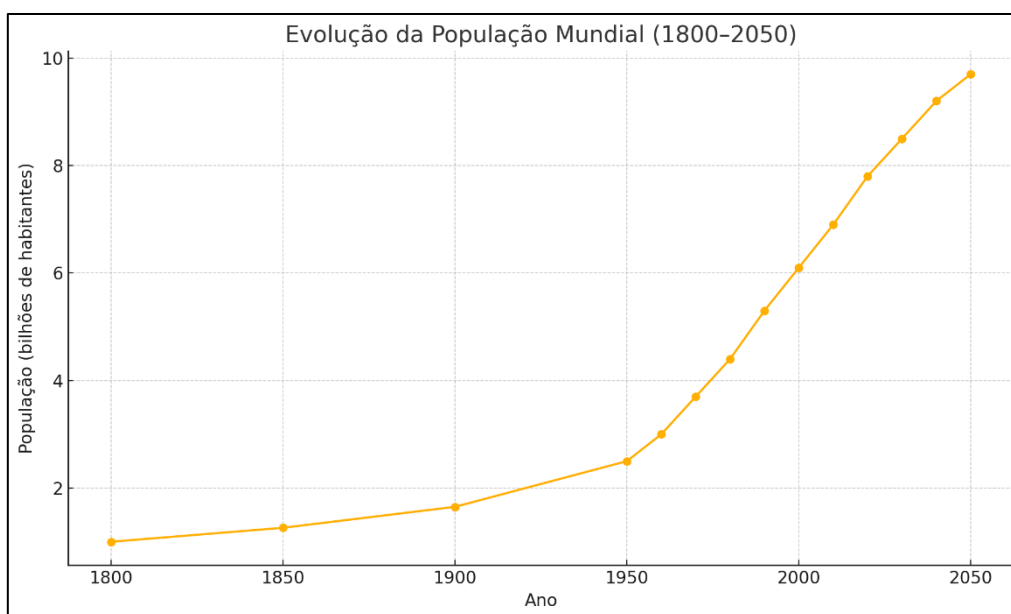
Em síntese, a América do Sul é um continente em plena transição demográfica, onde o estudo integrado entre Matemática, Geografia e Demografia pode proporcionar aos estudantes uma compreensão crítica das tendências populacionais e seus impactos no presente e no futuro da sociedade.

6. A POPULAÇÃO MUNDIAL: CRESCIMENTO, TRANSIÇÃO E FUTURO

Ao longo dos últimos dois séculos, a população mundial passou por um crescimento sem precedentes. De cerca de 1 bilhão de habitantes em 1800, o planeta ultrapassou a marca de 8 bilhões no início da década de 2020. Esse crescimento acelerado está diretamente associado aos avanços na medicina, na agricultura, no saneamento e na redução das taxas de mortalidade.

No entanto, o aumento populacional não foi homogêneo entre os continentes. Enquanto Europa e América do Norte passaram precocemente pela transição demográfica, outras regiões como África e partes da Ásia ainda vivenciam altas taxas de natalidade. Essa transição o processo de passagem de uma população jovem e crescente para uma população mais envelhecida e estabilizada define muitos dos desafios contemporâneos.

O gráfico a seguir ilustra esse crescimento global, revelando três fases marcantes: crescimento lento até 1950, explosão demográfica entre 1950 e 2000, e início de desaceleração prevista para o século XXI. A compreensão dessa curva permite refletir sobre temas urgentes como sustentabilidade, urbanização, envelhecimento populacional e distribuição de recursos. Analisar o futuro da população mundial é, portanto, essencial para pensar o equilíbrio entre crescimento, equidade e qualidade de vida no planeta.



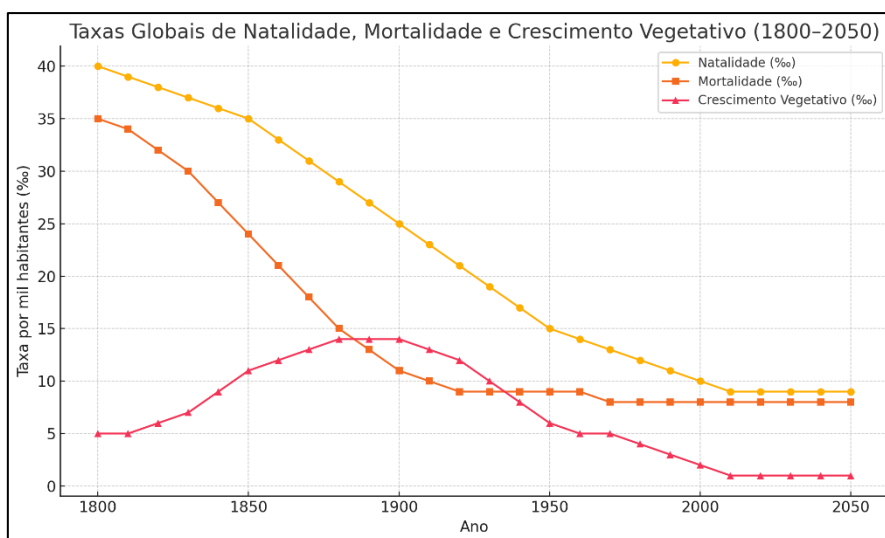
6.1. Transição Demográfica Global: Uma Análise das Taxas

A história demográfica da humanidade é marcada por uma profunda transição nas taxas de natalidade e mortalidade. No início do século XIX, o mundo registrava taxas elevadas de ambos os indicadores natalidade acima de 40‰ e mortalidade próxima de 35‰ o que resultava em um crescimento populacional modesto, mas constante.

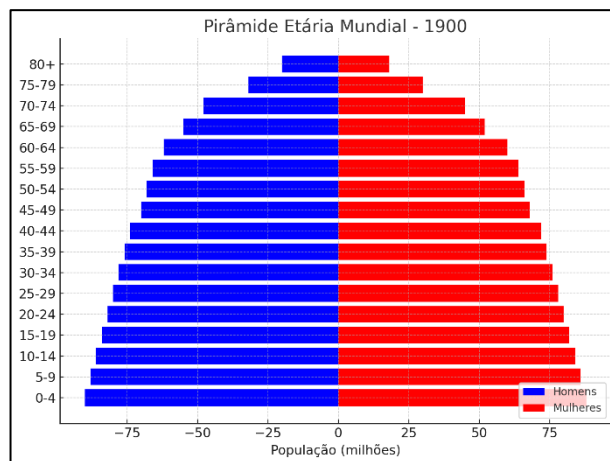
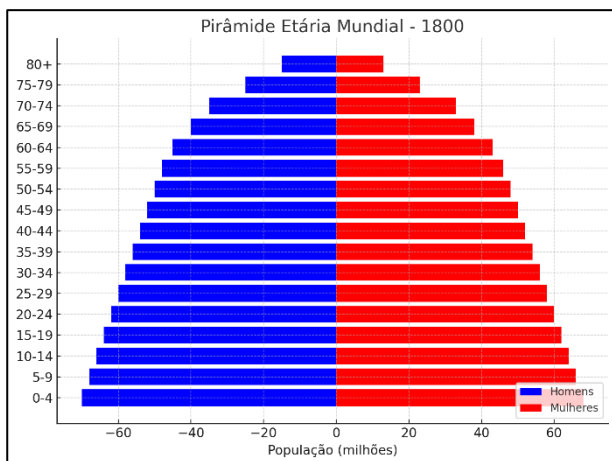
Com os avanços em saúde pública, higiene, medicina e alimentação, a mortalidade global começou a cair drasticamente a partir de 1900. Esse fenômeno, porém, não foi acompanhado de uma redução imediata na natalidade, gerando um expressivo aumento do crescimento vegetativo (diferença entre natalidade e mortalidade), sobretudo após a Segunda Guerra Mundial.

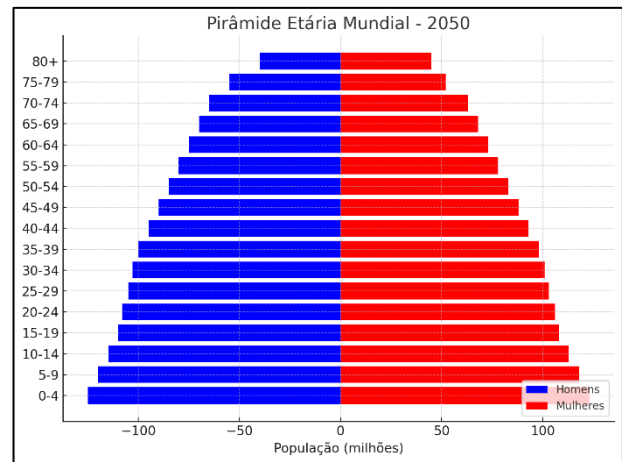
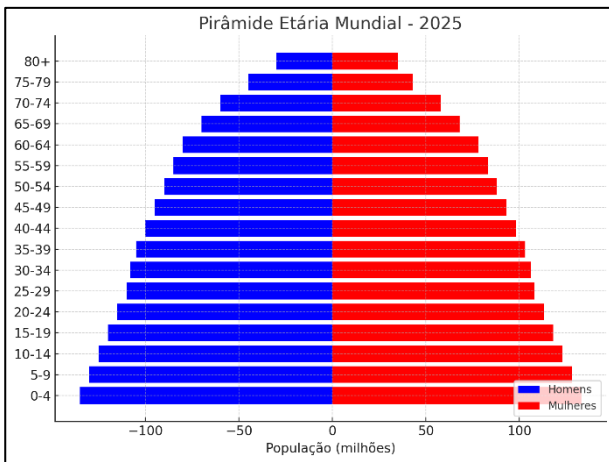
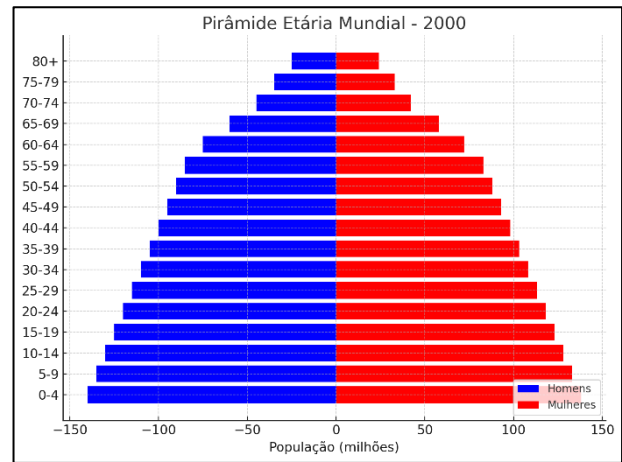
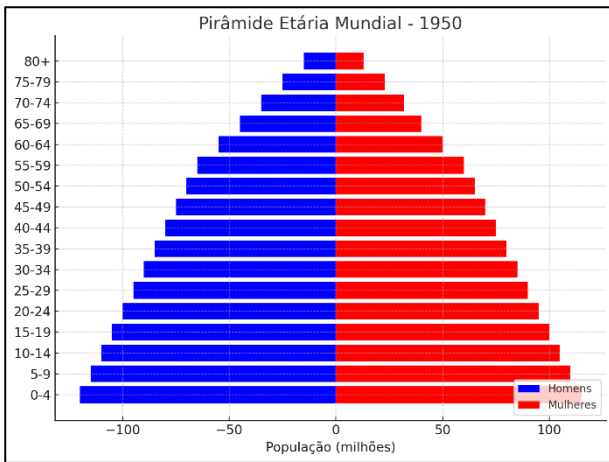
Nas décadas mais recentes, observa-se uma queda contínua também nas taxas de natalidade, em decorrência de fatores como urbanização, acesso à educação, planejamento familiar e mudanças nos padrões sociais. A tendência global aponta para uma estabilização das taxas de crescimento vegetativo em torno de 1‰ a 2‰, com expectativa de crescimento populacional mais lento nas próximas décadas.

O gráfico evidencia claramente essas três fases: alta natural, explosão demográfica e transição. Compreender essas curvas é essencial para planejar o futuro das sociedades humanas, equilibrando desenvolvimento, sustentabilidade e bem-estar.



6.2. Pirâmides Etárias: A Transformação da Estrutura Populacional Mundial





A estrutura etária da população mundial mudou drasticamente nos últimos dois séculos. Em 1800 e 1900, predominava uma base larga, reflexo de altas taxas de natalidade e baixa expectativa de vida características típicas de populações jovens e em crescimento lento.

A partir de 1950, observa-se o início da transição demográfica global. As faixas infantis continuam predominantes, mas há aumento visível na proporção de adultos e idosos, resultado da queda nas taxas de mortalidade e avanços na medicina.

No ano 2000, a pirâmide se torna mais "retangular", com crescimento nas faixas intermediárias e maior equilíbrio entre os grupos etários. Já em 2025, a base da pirâmide se estreita enquanto as faixas superiores se alargam, indicando o envelhecimento da população mundial e a aproximação de um crescimento mais estável. Essas transformações exigem novas políticas públicas, voltadas à educação, previdência, saúde e mercado de trabalho, adequadas à nova realidade etária do planeta.

Em 2050, a pirâmide etária mundial deve apresentar uma configuração ainda mais marcada pelo envelhecimento populacional. A base composta pelas crianças e jovens até 19 anos tende a se estreitar ainda mais, reflexo da persistente queda nas taxas de natalidade em diversas partes do mundo, inclusive em países em desenvolvimento.

Ao mesmo tempo, o alargamento das faixas superiores da pirâmide, especialmente acima dos 60 anos, evidencia o avanço da longevidade global. A medicina, a melhoria das condições de vida e o acesso ampliado à saúde contribuem para que a proporção de idosos aumente significativamente.

Essa configuração anuncia um mundo em que a população economicamente ativa sustentará uma parcela crescente de idosos, impondo desafios importantes aos sistemas de previdência, saúde e planejamento urbano. A pirâmide de 2050 sinaliza, assim, a necessidade de repensar políticas públicas, relações intergeracionais e estratégias de desenvolvimento sustentável diante de uma nova estrutura populacional global.

 Evolução da População Mundial – 10.000 a.C. até 2025

Ano aproximado	População estimada	Marco histórico relevante
10.000 a.C.	4 milhões	Revolução agrícola no Crescente Fértil (neolítico)
5.000 a.C.	5 milhões	Expansão da agricultura e domesticação de animais
3.000 a.C.	14 milhões	Civilizações urbanas surgem: Egito, Mesopotâmia, Vale do Indo
1.000 a.C.	50 milhões	Primeiros impérios regionais e maior sedentarização
1 d.C.	170 milhões	Império Romano, Han (China) e Maurya (Índia) em pleno vigor
500 d.C.	190 milhões	Queda de Roma; epidemias e guerras reduzem ritmo de crescimento
1000 d.C.	265 milhões	Recuperação lenta após séculos de instabilidade
1300 d.C.	400 milhões	Auge de civilizações medievais; comércio afro-eurasiático
1350 d.C.	350 milhões	Peste Negra dizima 1/3 da Europa e parte da Ásia
1500 d.C.	460 milhões	Expansão marítima europeia e colonizações
1750 d.C.	790 milhões	Início da Revolução Industrial
1800 d.C.	1 bilhão	Industrialização acelera urbanização e crescimento populacional
1900 d.C.	1,65 bilhão	Avanços na medicina, transporte e produção agrícola
1950 d.C.	2,5 bilhões	Pós-guerra, início da explosão populacional
1975 d.C.	4 bilhões	Ampliação da urbanização e globalização
2000 d.C.	6 bilhões	Redução da fecundidade em vários continentes
2010 d.C.	6,9 bilhões	Continuidade do crescimento, apesar da queda nas taxas de natalidade
2020 d.C.	7,8 bilhões	Pandemia de COVID-19 e impactos regionais
2025 d.C.	8,1 bilhões	Crescimento concentrado na África e Sul da Ásia

A trajetória demográfica da humanidade ao longo dos últimos 12 mil anos revela um crescimento lento, seguido de explosão súbita nos últimos dois séculos resultado direto de transformações sociais, econômicas e tecnológicas.

- ◆ De 10.000 a.C. até 1 d.C.: Crescimento Lento e Civilizacional

Nos primeiros milênios, o crescimento populacional foi extremamente limitado. No início do Neolítico (~10.000 a.C.), com cerca de 4 milhões de pessoas, a transição da caça-coleta para a agricultura permitiu a sedentarização e o surgimento de vilas. A partir de 3.000 a.C., civilizações urbanas como Egito e Mesopotâmia consolidaram estruturas políticas e produtivas que elevaram a população a cerca de 50 milhões até 1.000 a.C., chegando a 170 milhões no início da Era Cristã.

- ◆ De 1 a 1500 d.C.: Estagnação, Epidemias e Guerras

Entre os séculos I e XV, o crescimento foi modesto. Eventos como a queda do Império Romano, as grandes migrações, e principalmente a Peste Negra (1350), que matou um terço da população europeia, limitaram significativamente o avanço demográfico. Em 1350, a população global caiu para 350 milhões. Só após 1500, com a expansão marítima europeia e a integração comercial entre continentes, os números voltaram a subir.

- ◆ De 1750 a 1950: Aceleração com a Revolução Industrial

A Revolução Industrial marca o ponto de virada mais evidente: de 790 milhões em 1750 para 2,5 bilhões em 1950. Esse crescimento foi impulsionado por avanços na medicina, infraestrutura urbana, produção agrícola mecanizada, e pela diminuição das taxas de mortalidade infantil.

- ◆ De 1950 a 2025: Explosão Populacional e Transição Demográfica

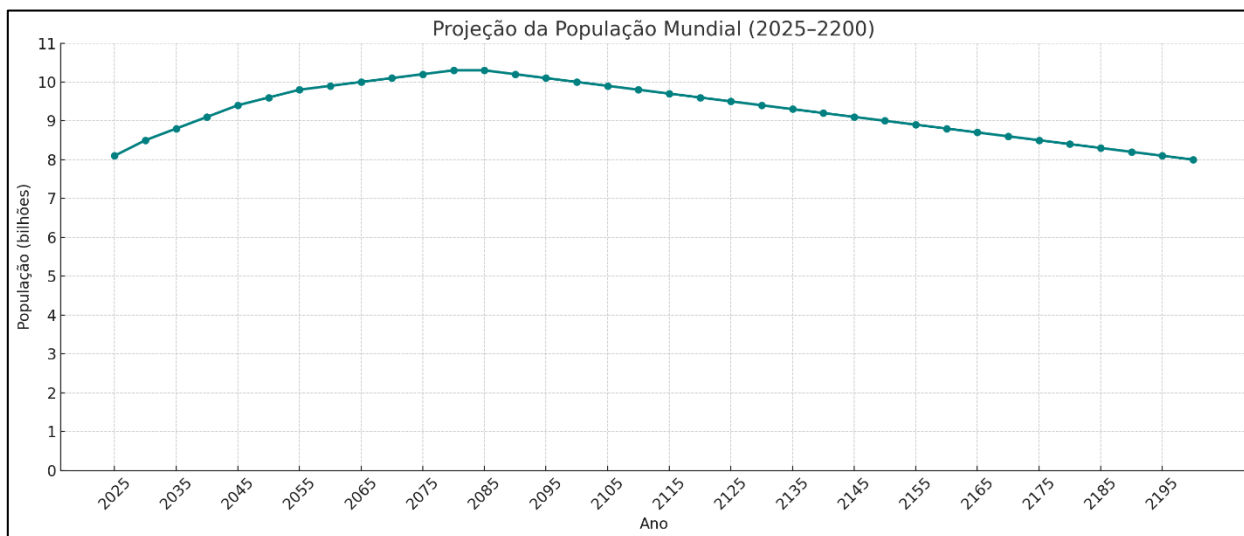
No século XX, o mundo vivenciou uma explosão populacional sem precedentes: em apenas 50 anos, de 1950 a 2000, a população saltou de 2,5 bilhões para 6 bilhões. Essa fase, conhecida como "boom demográfico", ocorreu principalmente em países da Ásia, África e América Latina.

A partir de 2000, observamos a redução das taxas de fecundidade em muitas regiões especialmente na Europa, Ásia Oriental e América do Sul sinalizando uma transição para o envelhecimento populacional global. Ainda assim, o crescimento prossegue em ritmo mais lento, estimando-se 8,1 bilhões de pessoas em 2025, com destaque para o crescimento demográfico na África Subsaariana e no Sul da Ásia.

- ◆ Principais Destaques

- ✓ O primeiro bilhão foi alcançado apenas em 1800.

- ✓ O tempo entre bilhões foi se encurtando: levou 130 anos para chegar ao segundo (1930), mas apenas 12 anos para ir de 6 para 7 bilhões (2000–2012).
- ✓ As grandes pandemias (Peste Negra e COVID-19) deixaram marcas temporárias, mas não frearam o crescimento a longo prazo.
- ✓ O século XXI deverá testemunhar a estabilização e declínio populacional em muitos países, enquanto outros ainda vivem o auge do crescimento.



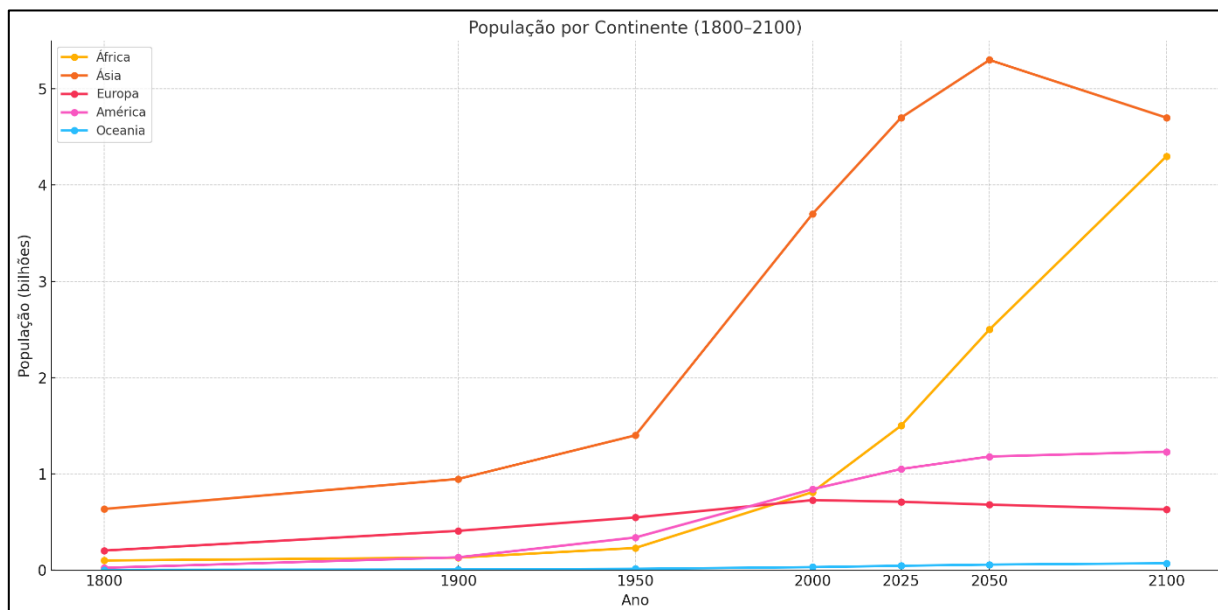
A curva demográfica mundial tem sido marcada, nos últimos dois séculos, por uma aceleração sem precedentes no crescimento populacional. No entanto, as projeções para os séculos XXI e XXII indicam uma mudança significativa de tendência: após atingir um pico por volta de 2080–2100, a população global tende à estabilização e, posteriormente, a um declínio gradual.

O gráfico acima ilustra uma projeção baseada em estimativas médias de instituições internacionais como a ONU. Espera-se que a população mundial alcance aproximadamente 10,3 bilhões de habitantes entre 2080 e 2100, resultado do crescimento concentrado principalmente na África Subsaariana e no Sul da Ásia, enquanto diversas regiões da Europa, América e Ásia Oriental já enfrentam baixas taxas de fecundidade e envelhecimento populacional.

A partir de 2100, a tendência geral passa a ser de declínio demográfico, com a população caindo para cerca de 8 bilhões até 2200. Esse movimento reflete o avanço da transição demográfica global, com redução da natalidade, urbanização intensa, elevação da expectativa de vida e novas dinâmicas migratórias e sociais.

Essas projeções colocam importantes desafios para o planejamento global em áreas como saúde, previdência, infraestrutura urbana, mercado de trabalho e sustentabilidade ambiental, além de reposicionar geograficamente o centro de gravidade demográfico do planeta.

Evolução da População por Continente (1800–2100)



O gráfico mostra como a distribuição da população mundial entre os continentes mudou radicalmente desde o início da era industrial até as projeções para o final do século XXI. Com base em estimativas históricas e projeções das Nações Unidas, observam-se grandes assimetrias no ritmo e na intensidade do crescimento demográfico entre as regiões do mundo.

◆ **Ásia**

Historicamente o continente mais populoso, a Ásia concentrou mais da metade da população mundial por séculos. Seu crescimento foi rápido até o fim do século XX, alcançando o pico populacional por volta de 2050, com cerca de 5,3 bilhões de habitantes. A partir daí, as projeções indicam um declínio gradual, reflexo da queda nas taxas de fecundidade em países como China, Japão e Coreia do Sul, além do envelhecimento populacional.

◆ **África**

O continente africano apresenta o maior ritmo de crescimento populacional do mundo, especialmente após 1950. De apenas 100 milhões de habitantes em 1800, a África deverá ultrapassar os 4 bilhões até 2100, superando a Ásia em população. Isso se deve à combinação de alta fecundidade, queda da mortalidade infantil e aumento da expectativa de vida, embora ainda enfrente desafios como pobreza, urbanização acelerada e infraestrutura deficiente.

◆ **Europa**

A população europeia cresceu de forma significativa até o século XX, mas desde então apresenta estagnação e tendência de declínio. Com taxas de natalidade muito baixas

e envelhecimento da população, a Europa deve diminuir de cerca de 700 milhões em 2000 para 630 milhões em 2100, tornando-se o único continente com retração populacional contínua ao longo do século.

◆ **América**

Composta por América do Norte, Central e do Sul, a população das Américas cresceu consideravelmente após 1900. O continente deve alcançar cerca de 1,23 bilhão de habitantes até 2100, mas com crescimento desacelerado, principalmente nas regiões mais desenvolvidas. A América Latina, em particular, passa por forte transição demográfica com queda acentuada da fecundidade.

◆ **Oceania**

A Oceania tem o menor contingente populacional entre os continentes. Ainda assim, mantém um crescimento estável e constante, passando de apenas 2 milhões em 1800 para cerca de 70 milhões previstos em 2100, puxado principalmente pela Austrália e a imigração internacional.

Este panorama mostra como a dinâmica populacional global está mudando de eixo, com a África assumindo protagonismo demográfico nas próximas décadas, enquanto continentes como Europa e partes da Ásia enfrentam desafios relacionados à estagnação e ao envelhecimento populacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ❖ BANCO MUNDIAL (World Bank). *World Development Indicators*. Disponível em: <https://data.worldbank.org/>. Acesso em: 24 abr. 2026.
- ❖ NAÇÕES UNIDAS. *World Population Prospects 2022*. New York: United Nations, 2022. Disponível em: <https://population.un.org/wpp/>. Acesso em: 24 abr. 2026.
- ❖ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Indicadores demográficos*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 24 abr. 2026.
- ❖ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Relatórios de desenvolvimento humano*. Disponível em: <https://hdr.undp.org/>. Acesso em: 24 abr. 2026.
- ❖ UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME (UNDP). *Human Development Report*. New York, 2023.
- ❖ MALTHUS, Thomas Robert. *An Essay on the Principle of Population*. London: J. Johnson, 1798.
- ❖ VERHULST, Pierre François. *Notice sur la loi que la population suit dans son accroissement*. Correspondance Mathématique et Physique, 1838.
- ❖ STEWART, James. *Cálculo*. 8. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013.
- ❖ BOYER, Carl B. *História da Matemática*. São Paulo: Edgard Blücher, 1996.
- ❖ DANTE, Luiz Roberto. *Matemática: contexto e aplicações*. São Paulo: Ática, 2016.
- ❖ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: MEC, 2018.
- ❖ OPENAI. *ChatGPT (modelo GPT-5.3)*. Disponível em: <https://chat.openai.com>. Acesso em: 24 jun. 2025.